

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

VERÔNICA CALSONI LIMA

**“IMPRESSO PARA SER VENDIDO NA CROWN EM POPE’S HEAD ALLEY”:
HANNAH ALLEN, LIVEWELL CHAPMAN E A DISSEMINAÇÃO DE PANFLETOS
RADICAIS RELIGIOSOS DURANTE A REVOLUÇÃO INGLESA (1646-1665)**

**GUARULHOS
2016**

VERÔNICA CALSONI LIMA

**“IMPRESSO PARA SER VENDIDO NA CROWN EM POPE’S HEAD ALLEY”:
HANNAH ALLEN, LIVEWELL CHAPMAN E A DISSEMINAÇÃO DE PANFLETOS
RADICAIS RELIGIOSOS DURANTE A REVOLUÇÃO INGLESA (1646-1665)**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em História
Universidade Federal de São Paulo
Área de concentração: História Moderna
Orientação: Prof. Dr. Luís Filipe Silvério Lima

**GUARULHOS
2016**

Calsoni Lima, Verônica.

"Impresso para ser vendido na Crown em Pope's Head Alley": Hannah Allen, Livewell Chapman e a disseminação de panfletos radicais religiosos durante a Revolução Inglesa (1646-1665)/ Verônica Calsoni Lima. Guarulhos, 2016.
378f.

Dissertação de Mestrado em História - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2016.

Orientação: Prof. Dr. Luís Filipe Silvério Lima.

Título em inglês: "Printed to be sold at the Crown in Pope's Head Alley": Hannah Allen, Livewell Chapman and the dissemination of radical religious pamphlets during the English Revolution (1646-1665).

1. Revolução Inglesa. 2. Imprensa. 3. Milenarismo.
I. Título.

Verônica Calsoni Lima
"Impresso para ser vendido na Crown em Pope's Head Alley":
Hannah Allen, Livewell Chapman e a disseminação de panfletos radicais religiosos
durante a Revolução Inglesa (1646-1665)

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em História
Universidade Federal de São Paulo
Área de concentração: História Moderna

Aprovação: 08 / 03 / 2016

Prof. Dr. Luís Filipe Silvério Lima
Universidade Federal de São Paulo

Prof.^a Dr.^a Maria Rita de Almeida Toledo
Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dr. Rui Luis Rodrigues
Universidade Estadual de Campinas

Aos meus pais, Diógenes e Lourdes Elisabete

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas e as instituições a que sou grata pela ajuda e colaboração ao longo de todo o meu mestrado. Em primeiro lugar devo agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sem a qual este estudo não teria se desenvolvido tão profundamente. Por meio da bolsa de mestrado, pude dedicar-me exclusivamente às minhas análises e leituras, e devido ao programa de estágio de pesquisa no exterior (BEPE), também foi possível passar seis meses na Inglaterra, onde tive a oportunidade de consultar fontes, documentos e livros em diversos arquivos, bibliotecas e universidades ingleses.

Sem dúvidas, também é essencial reconhecer aqui todo o apoio que recebi de diversos docentes. Meu orientador, o Prof. Dr. Luís Filipe Silvério Lima, com certeza foi e é uma das pessoas mais importantes na minha formação acadêmica, cujos conselhos, críticas e atenção me acompanham desde 2009. Este trabalho é resultado de todos esses anos de trabalho em conjunto, nos quais aprendi (e continuo o aprender) muito. Obrigada por tudo, professor! Agradeço à Prof.^a Dr.^a Maria Rita de Almeida Toledo, à Prof.^a Dr.^a Eunice Ostrensky e ao Prof. Dr. Rui Luis Rodrigues pela leitura do meu trabalho e por todas as sugestões que me auxiliaram a escrever essa dissertação. Sou grata, ainda, aos professores da graduação e do mestrado, que tanto me ensinaram e ajudaram no decorrer dos meus estudos, como o Prof. Dr. Odair Paiva, a Prof.^a Dr.^a Marta Carvalho e a Prof.^a Dr.^a Marisa Midori. Na Inglaterra, agradeço profundamente ao Prof. Dr. Ariel Hessayon do Goldsmiths College, meu supervisor durante o estágio de pesquisa no exterior, cuja orientação me permitiu pensar em novas questões e em novos caminhos de análise. Também sou grata aos Profs. Drs. Jason Peacey e Bernard Capp por todos os comentários e sugestões feitos às minhas pesquisas. Nos Estados Unidos, preciso agradecer ao pesquisador Craig Dalley por ter compartilhado comigo fontes importantíssimas para esse estudo.

Não posso me esquecer de todos os funcionários da Universidade Federal de São Paulo, do Goldsmiths College, da British Library, do National Archives, da Guildhall Library, dos Parliamentary Archives, da Senate House Library, do Institute of Historical Research e dos London Metropolitan Archives que tão gentilmente me auxiliaram a solucionar diversas questões e a encontrar os livros e as fontes essenciais para esse mestrado. Muito obrigada pela colaboração.

Dentro e fora do meio acadêmico, também recebi o auxílio de muitas pessoas importantes. Agradeço a todos os companheiros de mestrado pelas conversas, cervejas e pelo contínuo apoio moral. Caros Aline, Bruno, Isadora, Elaine, Gabriel, Roger, Frederico, Victor,

Rafael, Moisés, Felipe, Mariana, Jéssika, Natália, Clara, César, Luis Gustavo, Ewerton, Erick, Alex e Camila (eterna aluna especial da Unifesp), sem vocês nada disso teria sido tão divertido. Aos colegas do grupo de pesquisa (que também são amigos de graduação, de mestrado e da vida), Talita, Jaime (Jota), Rafaela, Patrícia, Mayumi e Livia, agradeço imensamente pelas risadas, discussões e sugestões. Às queridos Michelle, Vanessa, Larissa e Carolina meu muito obrigada por me acompanharem desde a graduação, cada um a sua maneira, e pela amizade que temos desde então. Não posso deixar de agradecer ao Danilo (e à toda a sua família), por ter me acompanhado ao longo de toda essa trajetória, me apoiando e me ajudando com tudo o que podia, fosse com as tabelas e gráficos do Excel, ou com as palavras que me incentivavam a continuar estudando, lendo e escrevendo. Sou grata, ainda à Amanda, ao Guilherme, à Celiane, à Keyla, ao Rafael, ao Marcos Thiago, à Jaqueline, ao Thiago Ferracini e ao Thiago Duque por nunca me esquecerem, mesmo com a nossa (ou minha) falta de tempo para nos vermos. Devo agradecimentos mais do que especiais ao Jonathan e à Giuliana por me acompanharem de perto em tantos e tantos momentos da minha vida, por me alegrarem, por me ampararem, por escolherem péssimos filmes e lugares de cinema, por serem meus companheiros diários (mesmo que virtualmente) e, sobretudo, por serem as melhores pessoas que eu conheço. Amo vocês! De outras partes do mundo, apesar da distância entre nós, preciso agradecer à Emi, ao Rob, ao Alex, à Brana e ao Luis pelo apoio de sempre. No Velho Mundo, ainda que seja brasileiro, me sinto na necessidade de agradecer à recente, mas importante contribuição do Carlos, por me deixar de tão bom humor, fazendo-se presente mesmo na ausência.

Por fim, mas não menos importante, tenho infinita gratidão à toda a minha família não só pelo apoio às minhas escolhas ou pela ajuda constante com grandes ou pequenos detalhes da minha vida, mas por terem me proporcionado todas as condições e oportunidades de estudar e me dedicar ao que eu mais amo. Sem vocês, nenhuma linha dessa dissertação teria sido escrita. Pai (Diógenes), mãe (Lourdes Elisabete), Anderson, Cláudia, Beatriz e até o Garfield e a Larinha, obrigada pelo amor, pelo carinho, pelas broncas, pelas risadas, pelos sorrisos e pela paciência de todos os dias. Amo vocês!

“(...) aquele que mata um Homem mata uma criatura racional, a Imagem de Deus, mas aquele que destrói um bom Livro, mata a razão em si mesma, mata a Imagem de Deus, como estava no olho. Muitos homens são um fardo para a Terra; mas um bom Livro é a preciosa força-vital de um espírito mestre, embalsamado e entesourado em um propósito para uma vida além da vida”. John Milton, *Aeropagitica* (1644)

[“(...) who kills a Man kills a reasonable creature, Gods Image; but hee who distroyes a good Booke, kills reason it selfe, kills the Image of God, as it were in the eye. Many a man lives a burden to the Earth; but a good Booke is the pretious life-blood of a master spirit, imbalm’d and treasur’d up on a purpose to a life beyond life”.]

RESUMO

A presente dissertação de mestrado tem como tema central a análise das atividades editoriais dos livreiros londrinos Hannah Allen (1619-1665) e Livewell Chapman (1625-c.1665) que, durante a Revolução Inglesa (1640-1660), difundiram diversos títulos político-religiosos radicais, cujas reflexões buscavam compreender o momento de intensa agitação política e social, ao mesmo tempo em que sugeriam propostas para o fim das crises enfrentadas pela Inglaterra. Ao examinarmos suas publicações e suas práticas livreiras, consideramos que suas ações não se voltavam exclusivamente para o aspecto comercial, como também funcionavam como ferramentas para expressar suas perspectivas políticas e suas crenças religiosas.

Palavras-chave: Revolução Inglesa, Impressão e Publicação, Radicalismo, Milenarismo.

ABSTRACT

The main subject of the present master's thesis is the analysis of the editorial activities developed by two London booksellers, Hannah Allen (1619-1665) and Livewell Chapman (1625-c.1665), who, during the English Revolution (1640-1660), spreaded several political-religious titles. Their texts aimed to understand the moment of intense political and social agitation, at the same time they suggested proposals for the end of the crisis faced by England. By examining their publications and bookselling practices, it is possible to consider their actions not only in their economic features, but also to comprehend them as political tools applied to express their political perspectives and religious beliefs.

Keywords: English Revolution, Printing and Publishing, Radicalism, Millenarianism.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIACÕES	11
LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS	12
LISTA DE IMAGENS E MAPAS	13
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: Os anos iniciais da Crown: Benjamin Allen e o mercado livreiro londrino durante a eclosão da Revolução Inglesa (1632-1646)	30
1.1. Como ser um livreiro em Londres no século XVII	31
1.2. O mercado livreiro no início da Revolução Inglesa	41
1.3. Vendendo impressos religiosos em uma época de incertezas	51
1.4. Uma livraria herdada	64
CAPÍTULO 2: Sermões e profecias entre o púlpito e a prensa: Hannah Allen e os independentistas de Allhallows the Great (1646-1651)	66
2.1. Relações familiares, redes livresas e publicações radicais religiosas	70
2.2. A Crown e o independentismo de Allhallows the Great	78
2.3. Hannah Allen e a literatura milenarista	97
2.4. Viúva, livreira e radical: as mulheres e o mercado do livro na Revolução Inglesa	108
CAPÍTULO 3: Um projeto pentamonarquista em uma livraria londrina	117
3.1. A Quinta Monarquia e os impressos	122
3.2. Livewell Chapman e os Homens da Quinta Monarquia	129
3.2.1. <i>A luta contra o Anticristo (1651 a 1653)</i>	132
3.2.2. <i>O novo chifre da Besta (1654 a 1657)</i>	147
3.2.3. <i>Livewell Chapman e Thomas Venner: violência e Quinta Monarquia (1657)</i>	172
CAPÍTULO 4: Publicando pela "good old cause"	176
4.1. A Causa de Deus	176
4.2. 1659	183
4.2.1. <i>Chapman e o panfletismo radical em 1659</i>	183
4.2.2. <i>Controvérsias, polêmicas e discussões impressas na disputa pela "good old cause"</i>	200

CAPÍTULO 5: Edição e sedição na Crown: panfletismo radical durante a Restauração da monarquia	215
5.1. Publicando contra a ameaça Stuart (1660)	215
5.2. Os “Confederate Stationers” (1661-1664)	220
5.3. A vitória de L'Estrange	237
5.4. O livreiro no Inferno	246
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 261
 REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS E BIBLIOGRÁFICAS	 271
Fontes	271
<i>Manuscritos</i>	271
<i>Impressos</i>	273
Sites e Bases de Dados	304
Bibliografia	304
 ANEXOS	 320

LISTA DE ABREVIACÕES

BL	<i>British Library</i>
EEBO	<i>Early English Books Online</i>
ESTC	<i>English Short Title Catalogue</i>
MP	Membro do Parlamento
PROB	<i>Record of the Prerogative Court of Canterbury</i>
PRO	<i>Public Record Office</i>
SP	<i>State Papers</i>
LMA	<i>London Metropolitan Archives</i>

LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1: Comparação entre os títulos vendidos por Benjamin Allen, Hannah Allen e Livewell Chapman	21
Gráfico 2: Publicações realizadas por Benjamin Allen entre 1632 e 1646	40
Gráfico 3: Gráfico da produção livreira entre 1475 e 1700, elaborado por Bell e Barnard ...	41
Gráfico 4: Gêneros publicados por Benjamin Allen na Crown entre 1632-1646	44
Gráfico 5: Gráfico demonstrando a quantidade de títulos anônimos em meio a todas as obras publicadas por Benjamin Allen entre 1632 e 1646	45
Gráfico 6: Gráfico sobre a frequência das publicações femininas (primeiras edições e reedições) ao longo do século XVII, elaborado por Patricia Crawford	67
Tabela 1: “Publicações pentamonarquistas” realizadas por diferentes livreiros ingleses	125
Gráfico 7: Comparativo de publicações pentamonarquistas que circularam em Londres entre 1651 e 1661, dando ênfase aos textos comercializados por Livewell Chapman	129
Gráfico 8: Número de textos pentamonarquistas publicados pela Crown, em relação ao montante total de obras vendidas pela livraria entre 1651 e 1661	130
Gráfico 9: Comparação do número de textos publicados por Livewell Chapman entre 1651 e 1665	183
Gráfico 10: Gêneros publicados por Livewell Chapman entre 1651 e 1665	183
Gráfico 11: Publicações anuais realizadas em Londres, durante o período do Protetorado (1653-1659)	187
Gráfico 12: Dados aproximados acerca das publicações realizadas por Livewell Chapman ao longo de 1659	188

LISTA DE IMAGENS E MAPAS

Mapa 1: <i>Plan of London before the Fire</i> de Wenceslas Hollar, com destaque para a área de Cornhill	32
Mapa 2: Secção do mapa de Hollar na região de Cornhill, indicando a rua em que se situava a livraria de Allen, a Stationers' Hall Court – sede da corporação – e a St. Paul's Cathedral ...	33
Figura 1: Exemplos de tamanhos de livros	37
Figura 2: Página inicial do tratado <i>Comfort for beleivers about their sinnes & troubles</i> de John Archer (1645)	55
Figura 3: Comparação dos frontispícios das quatro edições do título de Jessey	75
Figura 4: Detalhe no panorama de Claes Visscher, feito em 1616, mostrando a região em que se localizava a congregação de Allhallows the Great (nosso destaque)	78
Figura 5: Frontispícios das três edições de <i>Hope of Israel</i> , publicadas pela Crown	103
Figura 6: Anúncio de <i>Christ and Moses Excellency</i> no início de <i>Saving Faith</i> (1651)	135
Figura 7: Propaganda de livros na 114ª edição do periódico <i>Severall Proceedings in Parliament</i> (1651)	136
Figura 8: Frontispício da segunda edição de <i>The resurrection of the witnesses</i> (1653)	144
Figura 9: Propaganda em <i>The resurrection of the witnesses</i> (1653)	146
Figura 10: Frontispício de <i>A Sermon of the Fifth Monarchy</i> (1654)	151
Figura 11: Trecho de <i>An answer to one part of the Lord Protector's speech</i> (1654)	154
Figura 12: Anúncio de títulos produzidos por Livewell Chapman (1654)	160
Figura 13: Frontispícios de <i>A premonition of the sundry sad calamities yet to come</i> (1654) e <i>Thunder from Heaven against the back-sliders and apostates of the times</i> (1655)	163
Figura 14: Diferentes tipos usados na edição de <i>Oceana</i> (1656)	169
Figura 15: Anúncio de <i>Oceana</i> no <i>Mercurius Politicus</i> (1656)	172
Figura 16: Frontispício de <i>A beam of light</i> de Christopher Feake (1659)	180
Figura 17: Reprodução da página de anúncios do <i>Mercurius Politicus</i> , nº. 585, de setembro de 1659.....	199
Figura 18: Trecho de <i>Mr. Pryn's good old cause</i> , no qual John Rogers cita literalmente um trecho das ideias de William Prynne	203
Figura 19: Frontispícios de <i>One Sheet</i> e <i>Mola Asinaria</i>	205
Figura 20: Comparação de dois frontispícios de William Prynne, publicados por Edward Thomas	207
Figura 21: Comparação de capas produzidas por John Clowes e Livewell Chapman	208

Figura 22: Primeira página de <i>One Sheet</i> e <i>Mola Asinaria</i>	209
Figura 23: Primeira página de <i>A beam of light</i> e <i>Mr. Pryn's Good Old Cause</i>	210
Figura 24: Primeira página de <i>Beheaded Dr. John Hewytts ghost pleading</i> e de <i>A Gospel plea</i> , de Prynne	210
Figura 25: Frontispício de <i>A phenix</i>	228
Figura 26: Frontispício da transcrição dos julgamentos de fevereiro de 1664, <i>An exact narrative of the tryal and condemnation of John Twyn</i>	241
Figura 27: Frontispício anotado da segunda edição de <i>The Visions of Dom Francisco de Quevedo Villegas</i> (1667)	251

INTRODUÇÃO

“Pois Livros absolutamente não são coisas mortas, mas contém uma potência vital neles para serem tão ativos quanto a alma de quem são prole (...)”¹. John Milton, *Aeropagítica* (1644).

Como o poeta John Milton escreveu em 1644, os livros não são objetos sem vida, tampouco são inertes. Eles circulam e se movem pela sociedade. Eles são lidos, relidos, interpretados e debatidos. Eles carregam ideias, projetos, perspectivas e críticas. Eles levam consigo a inventividade e a criatividade daqueles que os fabricaram. O autor, cujas palavras e reflexões preenchem as páginas, sem dúvidas é um de seus produtores, mas outros personagens são igualmente imprescindíveis na composição desses objetos multifacetados. Como dito pelo bibliógrafo norte-americano Roger Stoddard, “façam o que fizerem, os autores *não* escrevem livros. Os livros não são de modo nenhum escritos. São manufacturados por escribas e outros artesãos, por mecânicos e outros engenheiros, e por impressoras e outras máquinas”². Revisores, compositores, tipógrafos, editores, encadernadores e livreiros, neste sentido, dão forma aos textos. E, vale lembrar, como Roger Chartier, que nenhuma obra existe fora de seu suporte material, o qual depende de decisões, atividades e estratégias desses agentes. Suas ações, por consequência, fazem deles autores dos textos que fabricam.

É desta consideração que parte a presente dissertação de mestrado. Debruçamo-nos sobre as atividades editoriais e comerciais de dois livreiros londrinos, Hannah Allen e Livewell Chapman, não apenas para entender como eles produziam e vendiam ideias e reflexões propostas por outros personagens; mas, sobretudo, para compreender como seus próprios anseios também se encontravam impressos nas páginas que difundiram, respectivamente, entre 1646 e 1651, e entre 1651 e 1665.

Allen e Chapman viveram e trabalharam em um período de profunda agitação política, religiosa e social na Inglaterra: a Revolução Inglesa. Entre as décadas de 1640 e 1660, o país foi palco de conflitos civis e de intensas disputas políticas. Em 1642, as querelas entre o rei

¹ “For Books are not absolutely dead thing, but doe contain a potencie of life in them to be as active as that soule was whose progeny they are (...)”. Tradução livre. MILTON, John. *Areopagítica; a speech of Mr. John Milton for the liberty of vnlicens'd printing, to the Parlament of England*. London: Printed in the yeare, 1644. p.4.

² STODDARD, Roger E. “Morphology and the Book from an American Perspective” *apud* CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002. p.126.

Carlos I e o Parlamento culminaram em duas guerras civis nas quais os parlamentares saíram vitoriosos. O monarca foi executado como traidor do povo inglês em 1649 e um regime republicano foi instaurado. Isso, contudo, não acabou com a instabilidade, os embates políticos continuaram e a Inglaterra passou por outros tipos de governo. Em 1653, tornou-se um Protetorado sob o domínio de Oliver Cromwell, em 1659 voltou a ser uma república por um breve instante e, em 1660, a monarquia foi restaurada³. Grande parte dos conflitos, das tensões, dos eventos e das transições de governo foi abordada por diversos textos que circularam pela Inglaterra. A imprensa, que se desenvolvia amplamente no século XVII, foi central na produção e difusão de notícias sobre os acontecimentos, bem como na propagação das interpretações e explicações acerca do momento conturbado. Mais do que isso, muitos dos embates políticos e religiosos do período não ocorreram exclusivamente nos campos de batalha, mas também em meio à tinta, ao papel e à prensa⁴.

Mais de 35.457 impressos foram publicados entre 1640 e 1660, a maioria tratando sobre o contexto vivido⁵. Nesse momento, Hannah Allen e Livewell Chapman publicaram, respectivamente, 67 e 200 títulos político-religiosos, que buscavam explicar aquela época e propor soluções para as crises vividas. No entanto, por si só esses números não esclarecem o problema que abordamos nesse trabalho, isto é, eles não evidenciam a atuação de Allen e Chapman nem no mercado livreiro, nem no campo das disputas políticas. Como notou D. F. McKenzie, as estimativas da produção livreira entre 1640 e 1660 são bastante imprecisas, pois muitos dos impressos da época se perderam. Neste sentido, é impossível identificar o número real do volume de textos que circulou na Inglaterra, bem como não podemos ter em conta o valor total de páginas, edições e tiragens lançadas e vendidas naquele momento⁶. Ainda assim, esses dados são importantes porque sugerem um sensível crescimento da imprensa no período revolucionário. Por esta razão, mais do que simplesmente notar o montante de textos produzidos e vendidos por quaisquer impressores e livreiros ingleses, é preciso aprofundar as análises para entender o mercado livreiro e seu papel durante a Revolução Inglesa.

Para iniciarmos nossa incursão nesse tema, é importante compreender, primeiramente, o que significava publicar na Inglaterra da Época Moderna. Como lembra Bashkan, “a palavra

³ HILL, Christopher. *O Século das Revoluções, 1603-1714*. São Paulo: Unesp, 2012.

⁴ ACHINSTEIN, Sharon. “Texts in conflict: the press and the Civil War”. In: KEEBLE, N. H. (ed.). *The Cambridge Companion to Writing of the English Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

⁵ As estimativas da produção impressa anual podem ser vistas em <<http://estc.ucr.edu/stcdates.html>>, acessado em 11/11/2015.

⁶ MCKENZIE, D. F. “Printing and publishing 1557-1700: constraints on the London book trades”. BARNARD, John; MCKENZIE, D.F.; BELL, Maureen (eds.). *The Cambridge History of the Book in Britain*, vol.4. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p.560.

‘to publish’ vem do Anglo-Normando *publier* e do Francês Medieval *publier*, vagamente significando tornar público ou conhecido, anunciar ou proclamar; ambas as palavras remontam o Latim *publicare*, significando tornar propriedade pública ou colocar [algo] à disposição da comunidade⁷. Essa noção também estava presente nos dicionários do século XVII. Por exemplo, no *English Dictionary* de Henry Cockeram (1623), “to publish” tinha quatro acepções: “Divulgar, Promulgar, Espalhar, Proclamar”⁸. Essas definições também constavam em diversos outros dicionários, discursos, textos e leis do período. Como pode ser consultado no *Oxford English Dictionary*, “publicar” já era, desde o século XIV, uma palavra usada para expressar a ideia de anunciar, promulgar e tornar algo público⁹.

Ao mesmo tempo, a partir do século XIV, o termo também foi empregado para indicar o processo de preparação das cópias de um livro ou de um texto¹⁰. Assim, “publicação” era comumente utilizado para designar os manuscritos e, posteriormente, os impressos. Com a invenção da prensa tipográfica e o desenvolvimento da impressão, a palavra se referia a todas as etapas da fabricação do livro. Diferentemente dos dias atuais, nos quais “publicar”, “publicação” e “*publisher*” são expressões adotadas para falar da edição e dos editores; “publicar” no século XVII poderia significar o mesmo que escrever, copiar, imprimir, encadernar, editar e vender um livro. O uso de da palavra “publication” também passou a estar frequentemente associado à ideia de tornar um livro público¹¹. Exemplos disso encontram-se nos diversos periódicos seiscentistas, nos quais havia seções para divulgação dos “livros recentemente publicados”¹².

⁷ “The word ‘to publish’ stems from the Anglo-Norman *publier* and the Middle French *publier*, loosely meaning to make public or known, to announce or to proclaim; both words trace back to the Latin *publicare*, meaning to make public property or place at the community’s disposal”. Tradução livre. BASHKAR, Michael. *The Content Machine: towards a theory of publishing from the printing press to the digital network*. London: Anthem Press, 2013. p.16.

⁸ “Diuulge, Promulge, Rumour, Proclaime”. Tradução livre. COCKERAM, Henry. *The English Dictionarie: Or, An Interpreter of hard English Words. Enabling as well Ladies and Gentlewomen, young Schollers, Clarkes, Merchants, as also Strangers of any Nation, to the vnderstanding of the more difficult Authors already printed in our Language, and the more speedy attaining of an elegant perfection of the English tongue, both in reading, speaking and writing. Being a Collection of the choisest words contained in the Table Alphabeticall and English Expositor, and of some thousands of words neuer published by any heretofore*. London: Eliot’s Court Press, 1623. s.n.p. Disponível on-line em Lexicons of Early Modern English (LEME): <<http://leme.library.utoronto.ca/lexicon/entry.cfm?ent=343-8623>>, acessado em 09/12/2015.

⁹ Ver acepções da palavra “publish” no *Oxford English Dictionary*: <<http://www.oed.com/view/Entry/154072?redirectedFrom=publish#eid>>, acessado em 09/12/2015.

¹⁰ *Idem*.

¹¹ RAVEN, James. *The Business of Books: bookseller and the English book trade*. London: Yale University Press, 2007. p.96.

¹² Ver, por exemplo, os anúncios de livros e panfletos veiculados no jornal republicano *Mercurius Politicus* de Marchamont Nedham, editado entre as décadas de 1650 e 1660.

Um dos decretos régios de 1640, por exemplo, congregava ambas essas definições. Na proclamação de Carlos I contra alguns textos escoceses escandalosos, o monarca dizia que diversos “(...) **Panfletos e Discursos** falsos, sediciosos e libeliosos, **tanto Manuscritos, quando Impressos, tem sido enviados da Escócia, e de outras partes dos Domínios da sua Majestade, e espalhados e publicados em diversos lugares do seu Reino da Inglaterra** (...)”¹³. Nessa passagem, o termo “publicados” se referia ao fato de essas obras controversas, impressas na Escócia, terem sido divulgadas entre os ingleses. Buscando refrear a circulação desses títulos, que criticavam a dominação da Inglaterra sobre os escoceses, o rei argumentava que quaisquer pessoas que tivessem livros acerca das relações do monarca com a Escócia, deveriam entregá-los às autoridades, a menos que estes tivessem sido “(...) *publicados* e impressos por sua [de Carlos I] Licença e Autoridade especiais (...)”¹⁴. Nesse segundo trecho, o termo “publicados” estava relacionado ao processo e produção dos textos. O decreto, assim, reforçava tanto a proibição da fabricação, quanto da difusão dos panfletos escoceses controversos.

Essa dupla conotação da palavra “publicar” – percebida nos documentos, textos e dicionários ingleses dos seiscentos – nos possibilita entender que a publicação de um livro não significava exclusivamente os seus processos de composição e venda, mas, paralelamente, o termo expressava a ação de *tornar públicas* as ideias destes textos. Neste sentido, as reflexões impressas ou manuscritas circulavam porque eram publicizadas por aqueles que as produziam (ou melhor, publicavam).

Considerar essa duplicidade nos leva a pensar também no papel dos impressos como articuladores de uma opinião pública nos debates ingleses do século XVII. Quando falamos em “opinião pública” não estamos nos referindo essencialmente à ideia de uma “esfera pública”, tal como sugerida por Jürgen Habermas. De acordo com o autor, só é possível encontrar a “esfera pública”, no momento em que ocorre uma separação, no mundo burguês, entre o público e o privado. Somente nessas condições se conforma uma esfera pública

¹³ “(...) false, seditious and libellous **Pamphlets and Discourses, as well Manuscripts, as in Print, have been sent from Scotland, and other parts of his Majesties Dominions, and spread and published in divers places of his Kingdom of England** (...)”. Tradução livre. Itálico nosso. Charles I. “By the King. A Proclamation against Libellous and Seditious Pamphlets, and Discourses sent from Scotland (London: Robert Barker, 1640”. In: KEMP, Geoff; MCELLIGOTT, Jason (eds.). *Censorship and the Press, 1580-1720*. Vol. 2: 1640-1660. London: Pickering & Chatto, 2009. p.5.

¹⁴ “(...) *published* and printed by his speciall License and Authority (...)”. Tradução livre. Itálico nosso. *Idem*, p.5.

democrática, cujo acesso é garantido a todos os cidadãos¹⁵. Mesmo assim, Habermas reconhece traços de formação da opinião pública na segunda metade do século XVII. Ele explica que, nesse contexto, a palavra “público”, em língua inglesa, passou a significar um “(...) ‘público que julga’. O que é submetido ao julgamento do público ganha ‘publicidade’”¹⁶.

Mais tarde, Alexandra Halasz revisitou a consideração de Habermas e sugeriu que a noção de esfera pública fosse utilizada para tratar de períodos mais recuados no tempo, justificando sua aplicação para descrever a ambiência do mercado de panfletos nos séculos XVI e XVII. A autora argumenta que a profusão e a circulação desses textos demonstravam a conformação de “(...) um interesse geral e um consenso racional”¹⁷. Já na interpretação de Nigel Smith, essa “opinião pública” ou “esfera pública” é, sobretudo, evidenciada durante o contexto revolucionário. Ao observar a intensa produção e circulação de textos, ele considera que, sem dúvidas, havia um espaço público de discussão, no qual diversas linguagens e abordagens estavam em disputa, oferecendo inúmeras narrativas simultâneas para explicar os mesmos eventos que acometiam a Inglaterra¹⁸.

Se admitirmos esse crescente mercado livreiro londrino do século XVII como um ambiente de circulação e de debate de ideias, podemos compreender o aspecto político que o permeava. Os personagens que nele se moviam – como os escritores, impressores, editores, encadernadores, revisores, copistas, compositores, livreiros e vendedores ambulantes – devem, então, ser percebidos de forma mais complexa, isto é, como atores políticos. Como notado por Nigel Smith, é preciso frisar que “escrever e publicar um texto (...) é uma forma de *ação* que deveria ser considerada ao lado de qualquer ação humana individual ou coletiva (...)”¹⁹, sobretudo, em períodos de convulsão política e social, como durante a Revolução Inglesa.

Os livreiros estudados no presente trabalho, neste sentido, não podem ser resumidos exclusivamente a fornecedores de suportes materiais dos textos escritos e pensados por outros personagens. Suas escolhas editoriais e comerciais no circuito dos livros eram, em muitos

¹⁵ HABERMAS, Jürgen. “The public sphere: an encyclopedia article (1964)”. *New German Critique*, No. 3 (Autumn, 1974), pp. 49-55.

¹⁶ HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. p.40.

¹⁷ “(...) a general interest and a rational consensus”. Tradução livre. HALASZ, Alexandra. *The Marketplace of Print Pamphlet: pamphlets and the public sphere in early modern England*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p.163.

¹⁸ SMITH, Nigel. *Literature & Revolution in England, 1640-1660*. New Haven/ London: Yale University Press, 1997. p.25.

¹⁹ “Writing and publishing a text is (...) a form of *acting* which should be considered alongside any other individual and collective human act (...)”. Tradução livre. *Idem*, p.5.

momentos, pautadas também por seus anseios políticos e religiosos. O que publicar e como o fazer eram decisões que levavam em conta diferentes questões. Em primeiro lugar, não é possível esquecer o aspecto econômico. Qualquer livreiro preocupar-se-ia em vender títulos que poderiam render lucros. No entanto, como sugerido por Ian Green, é preciso considerar que os agentes do livro tinham outros comprometimentos, como crenças religiosas e perspectivas políticas²⁰.

A história da livraria de Hannah Allen e Livewell Chapman chama atenção para esses aspectos, especialmente pelas mudanças pelas quais a loja passou ao longo de seus 33 anos de existência. Fundada em 1632 por Benjamin Allen, a casa livreira carregava como símbolo a Coroa, isto é, Crown. Até haver numeração nos estabelecimentos, as tavernas, lojas, livrarias, casas, etc eram identificadas por meio de sinais pictóricos. No caso das casas livreiras, esses emblemas poderiam ser adotados como uma marca pessoal do dono, a qual o acompanhava se ele mudasse de endereço. Eles também poderiam ser herdados após a morte do responsável pelo negócio. Os símbolos não eram únicos, e, muitas vezes, eram usados por mais de um comerciante ao mesmo tempo. No entanto, sujeitos de uma mesma rede comercial ou que atuavam em uma mesma rua, normalmente, evitavam repetir um sinal²¹. Os signos também poderiam representar filiações políticas e/ou religiosas, sendo assim, quando Benjamin Allen usou uma coroa como representação de seu negócio, ele provavelmente sugeria que era leal ao governo²².

A situação da livraria começou a se modificar na década de 1640, com a eclosão dos conflitos entre o rei e o Parlamento, e a subsequente “guerra panfletária” que também se desenvolveu. A Crown, neste momento, não manifestou apoio direto a nenhuma das correntes que disputavam, mas não deixou de lucrar com os acontecimentos da Revolução Inglesa. Como pode ser notado no gráfico 1, Benjamin Allen dedicou-se a vender diversos textos que narravam os eventos, como cartas e panfletos noticiosos; petições endereçadas ao rei e ao Parlamento, que visavam solucionar o momento de crise; e, sobretudo, obras religiosas, que também interpretavam os eventos por meio da escatologia.

²⁰ GREEN, Ian. *Print and Protestantism in Early Modern England*. Oxford: Oxford University Press, 2000. p.19.

²¹ BLAYNEY, Peter W. M. *The Bookshops in Paul's Cross Churchyard*. London: The Bibliographical Society, 1990. p.10.

²² RAVEN, James. *Op. cit.*, p.56-57.

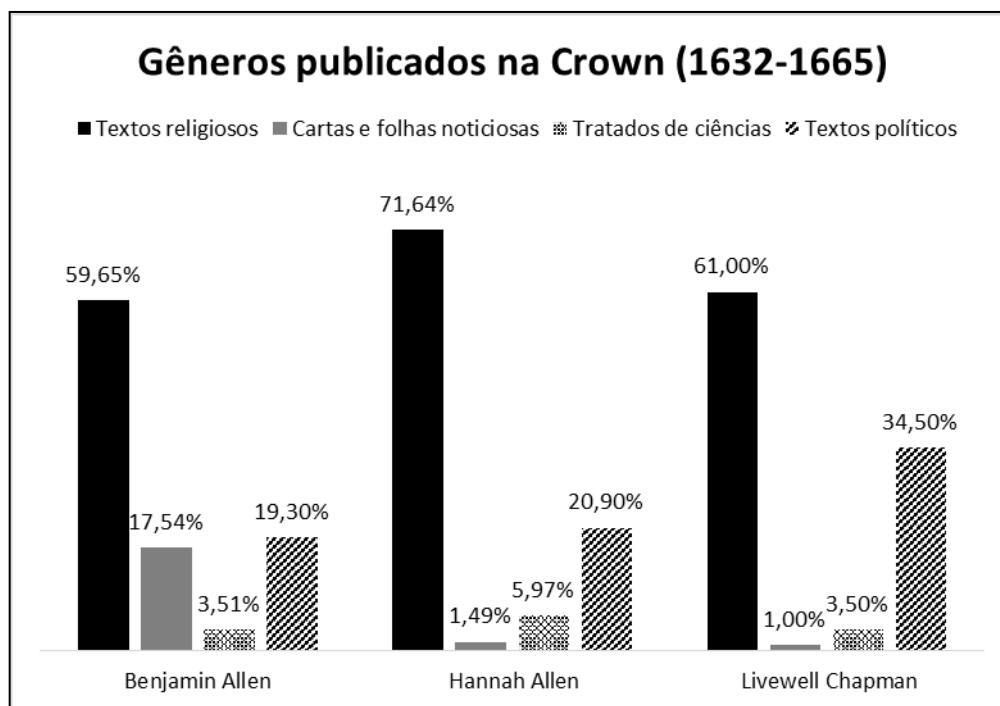


Gráfico 1: Comparação entre os títulos vendidos por Benjamin Allen, Hannah Allen e Livewell Chapman²³.

A partir de 1646, quando o livreiro faleceu, a livraria efetivamente se posicionou no debate político, apoiando os MPs. Hannah Allen, sua esposa, assumiu os negócios e os liderou com autonomia e originalidade, aproximando a Crown dos anseios de grupos religiosos independentistas, bastante críticos à monarquia de Carlos Stuart, a quem percebiam como um tirano que oprimia a Inglaterra. Enquanto liderou a livraria, Hannah Allen manteve estreitos laços com os pregadores radicais da paróquia de Allhallows the Great, publicando muitos de seus sermões e tratados que justificavam as sublevações contra Carlos I como parte dos desígnios de Deus, ao mesmo tempo em que elogiavam as atitudes dos parlamentares como esforços cristãos contra a opressão do monarca²⁴. Os autores publicados por Hannah Allen

²³ Procuramos classificar os textos da Crown, a fim de melhor compreender a sua produção editorial. As cartas e folhas noticiosas são os pequenos panfletos dedicados a narrativa dos últimos eventos ocorridos. Os tratados de ciências constituem o conjunto de obras voltadas para o estudo da matemática, da astronomia e da medicina. Chamamos de “textos religiosos” os sermões impressos, tratados teológicos, exegeses e profecias. No entanto, cabe ressaltar que essas obras religiosas podiam retratar, explicar e discutir questões políticas. Quanto à última categoria, a de textos políticos, elencou petições, algumas cartas, alguns panfletos e tratados que privilegiassem o debate político. Mesmo, assim, cabe ressaltar que muitos desses tratados e panfletos políticos também poderiam ter um tom religioso. Assim, esses gêneros não podem ser compreendidos como categorias fixas.

²⁴ BELL, Maureen. “Hannah Allen and the Development of a Puritan Publishing Business, 1646-51”. *Publishing History*, 26, 1989. pp.5-66. BELL, Maureen. *Women publishers of puritan literature in the mid-seventeenth century: three case studies*. Tese (Doutorado) - Loughborough University of Technology, 1987.

aproximavam as palavras de Deus dos eventos que acometiam o país. As Escrituras lhes serviam como orientação para entender o período revolucionário²⁵. Por meio dessas perspectivas milenaristas, muitos desses personagens, inclusive, justificaram e apoiaram a execução do rei em 1649. Um dos ministros de Allhallows, William Greenhill, por exemplo, comparava a queda e execução de Carlos I à deposição do rei Zedequias, de Judá, associando a subsequente libertação dos judeus à liberdade dos ingleses²⁶. Hannah Allen, assim, forneceu diversos textos profético-políticos que propagandeavam a favor do Parlamento e que visavam legitimar sua autoridade.

As relações da viúva com o governo parlamentar foram profícuas e renderam algumas publicações oficialmente ordenadas pelas autoridades. Esse apoio ao regime se manteve mesmo depois de a livraria ter passado para outras mãos em 1651, quando Hannah Allen se casou com um dos aprendizes da Crown, Livewell Chapman. No entanto, no final de 1653, Oliver Cromwell – que liderava as forças parlamentares até então – concentrou o poder em suas mãos, tornando-se um novo soberano, intitulado Lorde Protetor. Muitos grupos político-religiosos perceberam a manobra de Cromwell como um retrocesso e passaram a tecer inúmeras críticas à sua postura. Um desses movimentos foi o dos Homens da Quinta Monarquia, seita profética que acreditava que quando Cristo retornasse, ele teria um governo universal sobre a Terra. A sua espera pela chegada dos desejados mil anos de felicidade, contudo, não era passiva. Esses personagens argumentavam sobre a necessidade de realizar profundas reformas políticas, administrativas, religiosas, econômicas e sociais para acelerar a Segunda Vinda. Alguns pentamonarquistas mais radicais chegaram, inclusive, a sugerir revoltas armadas contra o governo²⁷. Chapman fez parte do grupo e suas publicações, a partir do final de 1653, criticavam o Protetorado violentamente. Suas obras polêmicas e controversas provocaram o descontentamento das autoridades inglesas e o livreiro acabou na prisão diversas vezes²⁸.

Com o passar da década de 1650, Chapman não apenas esteve alinhado às perspectivas dos grupos milenaristas como o dos Homens da Quinta Monarquia, como também se

²⁵ HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

²⁶ GREENHILL, William. *An exposition continued upon the fourteenth, fifteenth, sixteenth, seventeenth, eighteenth, and nineteenth chapters of the prophet Ezekiel...* London: printed by M[atthew]. S[immons] for Livewell Chapman at the Crown in Popes-head-Alley, 1651.

²⁷ CAPP, Bernard. *Fifth Monarchy Men: a study in seventeenth century English millenarianism*. London: Faber Finds, 2008.

²⁸ BELL, Maureen ‘Chapman, Livewell (fl. 1643–1665)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [http://www.oxforddnb.com/view/article/67700, accessed 17 July 2015].

aproximou do republicanismo, passando a comercializar alguns de seus tratados e panfletos políticos (ver gráfico 1), sobretudo, entre 1659 e 1661. Mais uma vez, suas atividades editoriais causaram-lhe problemas, porque atentavam contra o novo regime que se instalara em 1660, a monarquia de Carlos II. Chapman agiu clandestinamente com outros livreiros e impressores, entre 1660 e 1662, e apesar de seus esforços contra a Restauração, ele foi fortemente reprimido. A Crown, por sua vez, sofreu difíceis consequências com os prejuízos ocasionados pelas multas, apreensões de materiais e cópias de títulos, e prisões sofridas por Chapman. A casa livreira foi à falência em 1665²⁹.

As mudanças que acometeram a livraria demonstram-nos como os personagens que a conduziram ressignificaram-na, atribuindo-lhe contornos diferentes, desde os gêneros publicados (ver gráfico 1) até as práticas editoriais e os posicionamentos político-religiosos adotados. A Crown respondeu às intensas disputas políticas ocorridas entre 1640 e 1660 de maneiras diversas, que correspondiam às crenças de cada um de seus livreiros. Examiná-los, por conseguinte, nos faz perceber como as suas atividades estavam imbricadas não apenas às perspectivas de lucro no comércio de impressos, mas também aos seus comprometimentos políticos e religiosos.

Para analisar o imbricamento desses aspectos editoriais, comerciais, políticos e religiosos, foi preciso trabalhar com diferentes fontes. Em primeiro lugar, os impressos produzidos e vendidos pelos livreiros da Crown foram as principais bases para nossas reflexões. Buscamos, inicialmente, levantar o número de títulos e edições para construir um catálogo da livraria, o qual encontra-se disposto nos Anexos de nossa dissertação. Os dados foram coletados por meio da consulta da base de dados *Early English Books Online* e do catálogo on-line *English Short Title Catalogue*. Para além da listagem, dedicamo-nos a descrever os títulos, apontando os números de página, os formatos, os autores, impressores e livreiros responsáveis pelas obras, os gêneros privilegiados, a recorrência de anonimatos, entre outros aspectos. Com isso, foi possível compor os gráficos e tabelas apresentados em nosso trabalho.

²⁹ ROSTENBERG, Leona. *Literary, Political, Scientific, Religious and Legal Publishing, Printing and Bookselling in England, 1551-1700: Twelve Studies*, vol. I. New York: Burt Franklin, 1965. Chap: "Sectarianism & Revolt: Livewell Chapman, Publisher of the Fifth Monarchy".

Pudemos, ainda, inferir as datas em que alguns dos títulos publicados pela Crown circularam, por meio da consulta aos chamados *Thomason Tracts*, uma coleção de mais de 22 mil impressos coletados pelo livreiro presbiteriano George Thomason entre 1640 e 1660. A biblioteca particular de Thomason sobreviveu quase que inteiramente até os dias de hoje, conformando um dos principais acervos sobre a Revolução Inglesa disponíveis na *British Library*. A coleção foi digitalizada e pode ser consultada on-line na base de dados EEBO. O mais intrigante dos *Thomason Tracts* é o fato de que o livreiro datou quase todas as obras que adquiriu, o que nos sugere que Thomason associava os textos que comprava ao contexto turbulento em que vivia. Sua prática proporcionou aos estudiosos do mercado do livro uma ferramenta imprescindível para periodizar os textos. Utilizamos algumas das datações e anotações do livreiro para analisar os títulos vendidos pela Crown³⁰.

Em segundo lugar, foi necessário examinar os títulos publicados pela Crown tanto em sua materialidade, como em sua textualidade, pois como dito por D. F. McKenzie, e mais tarde reforçado por Roger Chartier, as formas determinam os sentidos. Sendo assim, atentar para os aspectos materiais dos impressos em questão, nos ajudou a problematizá-los e a complexificar as nossas análises³¹. Além disso, foi preciso levar em consideração o que Gérard Genette chamou de “paratextos editoriais”, isto é, os elementos “(...) verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações (...)” que apresentam o texto e o tornam presente, garantindo “(...) sua presença no mundo, sua ‘recepção’ e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro”³².

Em terceiro lugar, foi preciso trabalhar com documentos da *Stationers’ Company* – corporação de ofício que regulamentava a produção e o comércio de impressos em Londres desde o século XVI –, cujos arquivos disponibilizam dados sobre períodos de aprendizagem de impressores e livreiros, os registros de cópias, e informações sobre o funcionamento do mercado de livros na Época Moderna. Esses dados também foram complementados com

³⁰ Sobre a coleção, ver SPENCER, Lois. “The Politics of George Thomason”. *The Library*, s.5, vol.XIV, 1959. pp.11-27. SHAWCROSS, John T. “Using the Thomason Tracts and Their Significance for Milton Studies”. *SEL Studies in English Literature 1500-1900*, vol.49, n.1, 2009. pp.145-172. SPENCER, Lois. “The Professional and Literary Connections of George Thomason”. *The Library*, s.5, vol.XIII, 1958. pp.102-118. LIMA, Verônica Calsoni. “Uma narrativa da Revolução Inglesa por meio de seus impressos: George Thomason e sua coleção (1640-1660)”. In: *XIX Semana de História da Unesp: História, Leitura e Cultura Midiática*, 2014, Franca. ANAIS: XIX SEMANA DE HISTÓRIA DA UNESP História, Leitura e Cultura Midiática. Franca: Unesp, 2014. p. 110-124.

³¹ Cf. MCKENZIE, D. F. *Bibliography and The Sociology of Texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p.8 CHARTIER, Roger. *A História Cultural*, 2002. Cap. IV: “Textos, Impressos e Leituras”. p.126-129. CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Cap. XI: “Bibliografia e história cultural”. p.244.

³² GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009. p.9.

ordenações oficiais do Estado acerca da imprensa, que nos permitiram entender as estruturas do comércio no qual Hannah Allen e Livewell Chapman estiveram envolvidos.

Para compreender as trajetórias dos personagens que lideraram a Crown, também foi necessário utilizar outros tipos de fontes, como registros de batismo e casamento, testamentos, mandatos de prisão, investigações, depoimentos, cartas e transcrições de julgamentos, encontrados, sobretudo, em instituições como a *Guildhall Library*, os *London Metropolitan Archives*, os *National Archives*, os *Parliamentary Archives* e a *British Library*.

Do ponto de vista teórico, procuramos imbricar conceitos e perspectivas tanto da História dos Livros, como das reflexões sobre o radicalismo religioso, em especial sobre o milenarismo e o profetismo da Europa da Época Moderna. Com a História dos Livros, buscamos combinar, por um lado, as reflexões de Robert Darnton, sobretudo, no que diz respeito ao seu circuito de comunicação, que estabelece relações diversas entre a produção e a difusão dos impressos, apresentando um ciclo de vida dos livros, do qual agentes diversos participam. Por outro, voltamo-nos também para as concepções de Roger Chartier e D. F. McKenzie, em suas apreciações da textualidade e da materialidade das obras, concebendo-as como aspectos imprescindíveis para a problematização e a complexificação das análises acerca da produção impressa³³.

No que diz respeito aos estudos sobre o milenarismo, são diversas as interpretações sobre essa perspectiva religiosa. Uma das principais reflexões sobre o termo foi elaborada por Nornan Cohn em 1957, na obra *The Pursuit of the Millennium*, na qual o autor definiu “milenarismo” como um termo que se refere a movimentos religiosos que esperam pelos mil anos de felicidade descritos na Bíblia, que antecederiam o Juízo Final. Segundo Cohn, os milenaristas identificam a Salvação de forma coletiva, visto que ela atingirá a todos os fiéis; terrestre, pois não se realizará no Paraíso; iminente; total, uma vez que representará uma transformação completa da realidade; e, por fim, miraculosa, porque ocorrerá devido ao auxílio de forças sobrenaturais³⁴.

Ainda na perspectiva de Cohn, os grupos milenaristas são variados e dependem, fundamentalmente, de sua composição social, bem como de sua função dentro de um determinado contexto, sobretudo no que diz respeito a épocas de intensa agitação política e

³³ Ver DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia. de Bolso, 2010. DARNTON, Robert. “O que é a história do livro? – Revisitado”. *ArtCultura*, Uberlândia, v.10, n.16, 2008, pp.155-159. CHARTIER, Roger. *A História Cultural*, 2002. MCKENZIE, D. F. *Op cit.*, 2004.

³⁴ COHN, Norman. *The Pursuit of the Millennium*. Nova York: Oxford University Press, 1970 [1957].

social. Deste modo, o autor sinalizava para uma profícua relação entre os momentos de instabilidade e o milenarismo³⁵. Entre as décadas de 1960 e 1970, diversos outros estudos também perceberam nas leituras milenaristas das profecias bíblicas, fenômenos atrelados a períodos turbulentos, nos quais as pessoas expressavam expectativas de uma felicidade futura.

Não é à toa que, quando examinou a Revolução Inglesa em seu célebre *O Mundo de Ponta-Cabeça* nos anos 1970, Christopher Hill identificou nos movimentos milenaristas um fenômeno racional, de pessoas que tentavam dar sentido à época em que viviam e solucionar as crises pelas quais a Inglaterra passava. Com esse tipo de interpretação, o historiador marxista inseria-se num amplo debate da História Social, opondo-se às interpretações que caracterizavam o milenarismo enquanto uma expressão de insanidade. Mais do que isso, para Hill, essa aparente “loucura” era, na verdade, também um meio de protesto, dotado de uma função social³⁶.

Estudos mais recentes, contudo, tentam desvencilhar o milenarismo desses contextos de crise, revolução e agitação. Jeffrey K. Jue, por exemplo, frisa que o milenarismo não pode ser resumido a uma prática exclusiva de momentos de convulsão social, como a Revolução Inglesa, pois trata-se de um fenômeno independente, encontrado em diferentes sociedades e épocas³⁷. Em nossa perspectiva, é preciso evidenciar que o milenarismo não é exclusivo desses períodos turbulentos, no entanto também faz-se necessário considerar as especificidades de sua manifestação nesses contextos. Neste sentido, acreditamos que os eventos de épocas conturbadas como os anos de 1640 e 1660 certamente foram importantes para a composição de muitas das reflexões e propostas de grupos profético-políticos, como os Homens da Quinta Monarquia, os Batistas, os Quakers, entre outros milenaristas.

Tendo em vista essas concepções, buscamos analisar as obras profético-políticas publicadas por Hannah Allen e Livewell Chapman com complexidade, examinando tanto os elementos textuais que traziam discussões e projetos milenaristas de grupos diversos em uma época permeada por incertezas, mudanças e instabilidade; quanto os aspectos materiais e paratextuais que nos possibilitaram abordar outras questões e interpretações a respeito dos mesmos textos, ao mesmo tempo em que tentamos compreender como essas obras foram produzidas e lidas naquele contexto.

³⁵ COHN, Norman. *Op. cit.*

³⁶ Ver HILL, Christopher. *O Mundo de Ponta-Cabeça*: idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

³⁷ Sobre isso, ver a perspectiva de Jeffrey Jue sobre o milenarismo. JUE, Jeffrey K. *Heaven Upon Earth: Joseph Mede (1586-1638) and the Legacy of the Millenarianism*. Netherlands: Springer, 2006.

O cruzamento de todos esses documentos e perspectivas teórico-metodológicas nos possibilitou, assim, problematizar o papel de Hannah Allen e Livewell Chapman não apenas enquanto vendedores de literatura radical religiosa, mas como alguns dos produtores dessas reflexões. Nossas análises e nossos argumentos foram organizados ao longo dos cinco capítulos que compõe essa dissertação. Todos eles têm como protagonista o livreiro que coordenava a Crown em cada um de seus momentos. Obviamente, outros agentes tinham relevância na produção da livraria, como os aprendizes, por exemplo, mas a escassez de fontes sobre esses outros personagens não nos permitiu dar conta desses personagens. O protagonismo de livreiros e impressores é também reflexo das fontes, nas quais apenas os seus nomes são indicados (quando o são).

No primeiro capítulo da dissertação, apresentamos o surgimento da Crown, com seu livreiro fundador, Benjamin Allen, assim como buscamos discutir o momento no qual a loja se estabeleceu: os anos iniciais das Guerras Civas. O contexto foi marcante por diversas razões. A instabilidade política e social gerava nas pessoas a ideia de que o mundo virava de ponta-cabeça³⁸. O mercado livreiro se expandia na medida em que as autoridades e seus sistemas de censura estavam abalados, e os diversos panfletos emitidos tornavam-se um meio de discussão pública³⁹. Foi nessa época de conflitos, mudanças e incertezas que Benjamin Allen consolidou sua livraria. Em todos os anos que trabalhou na Crown, ele pareceu admitir uma postura bastante cautelosa, evitando publicar textos que pudessem lhe oferecer riscos econômicos e políticos.

A livraria mudou de enfoque quando Allen faleceu e sua esposa passou a coordenar as atividades da loja. Assim, no segundo capítulo, dedicamo-nos a tratar sobre sua experiência na Crown, a qual concentrou-se intensamente nos debates encabeçados por pregadores e autores milenaristas, provenientes de comunidades independentistas, tais como a supracitada Allhallows the Great. Também procuramos mostrar como as mulheres desempenharam papéis fundamentais no mercado livreiro, como autoras, impressoras, encadernadoras, livreiras e vendedoras ambulantes. Mesmo que suas ações muitas vezes sejam pouco evidentes, pois não restaram muitos registros sobre isso, é possível encontrar rastros de seu trabalho e perceber neles a ativa participação feminina.

³⁸ HILL, Christopher. *Op. cit.*, 1987.

³⁹ RAYMOND, Joad. *Pamphlets and Pamphleteering in Early Modern Britain*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p.26.

Ainda que o nome de Hannah Allen tenha desaparecido dos frontispícios dos panfletos vendidos pela Crown, e dos registros de cópia feitos na Stationers' Company, sua presença entre os negócios da livraria manteve-se frequente durante toda a sua existência. Quem passou a figurar nos *imprints*⁴⁰ dos títulos comercializados desde 1651 foi Livewell Chapman, sobre quem os três capítulos seguintes tratam. O capítulo 3 se refere à sua intensa articulação junto ao grupo dos Homens da Quinta Monarquia entre 1653 e 1657, que discutiam os rumos da Inglaterra por meio das profecias milenaristas do Livro de Daniel. Enquanto o quarto e o quinto capítulos se voltam para a aproximação do livreiro dos autores republicanos, sobretudo daqueles ligados a uma perspectiva devota⁴¹, e das discussões anti-regalistas entre o final da década de 1650 e o início dos anos 1660. Esse momento contou também com a ampla atuação de Chapman no mercado clandestino de livros sediciosos, no qual ele contou com o auxílio de outros agentes do livro, com os quais esteve unido para atacar a monarquia recém estabelecida.

Por fim, em nossas considerações finais, analisamos mais detidamente as escolhas políticas, editoriais e religiosas dos livreiros da Crown. Por meio das reflexões propostas nesse momento, buscamos concluir nosso trabalho, indicando como Hannah Allen e Livewell Chapman eram atores políticos e como suas atividades no mercado livreiro desempenhavam não apenas funções econômicas, mas também ações políticas e religiosas, pautadas nos anseios, expectativas e projetos nos quais esses personagens acreditavam.

Descrita e examinada nesses cinco capítulos, a trajetória da Crown, especialmente durante o período da Revolução Inglesa, nos permite observar, como Nigel Smith, que a

⁴⁰ Os *imprints* eram as inscrições dispostas no frontispícios dos impressos, normalmente na parte inferior da página, que indicavam informações sobre sua produção. Seguindo a fórmula “printed by (nome do impressor), for (nome do *publisher*), to be sold by (nome do livreiro) at his/her shop at (signo e endereço da livraria)”, o *imprint* identificava os responsáveis materiais pela confecção do texto. SHAABER, M. A. “The meaning of the imprint in the early printed books”. *The Library*, 4th series, 24, 1944. pp.120-141.

⁴¹ Ruth Mayers chama de “republicanos devotos” (em inglês, *godly republicans*) os autores que combinavam o republicanismo às crenças religiosas, produzindo uma teoria que relacionava as Escrituras às “(...) fontes autorizadas de ideias e retórica. O que distinguia suas visões sobre o governo futuro não era fé nos mecanismos constitucionais precisos mas a preocupação com a retidão tanto no sistema como nos seus operadores”. Além disso, “esperanças milenaristas do iminente reino de Cristo caracterizavam todos os republicanos teocráticos, cujo otimismo era alimentado por uma aplicação poderosa da profecia bíblica à história recente”. “(...) authoritative source of ideas and rhetoric. What distinguished their visions of the future government was not Faith in precise constitutional mechanisms but a preoccupation with righteousness in both the system and its operators”. “Millenarian hopes of Christ’s immediate reign characterized all theocratic republicans, whose optimism was fed by a powerful application of biblical prophecy to recent history”. Tradução livre. MAYERS, Ruth E. MAYERS, Ruth E. *1659: the Crisis of the Commonwealth*. Suffolk: The Boydell Press, 2004. p.220-221.

imprensa era parte daquele momento turbulento, ao mesmo tempo em que estava em seu epicentro⁴². Ela não apenas retratava os acontecimentos do período, como também era um dos campos nos quais os embates se davam. Parece sensato afirmar, portanto, que os personagens que nela atuaram – fossem eles autores ou agentes produtores e difusores dos livros e panfletos – participaram, à sua maneira, dos intensos debates políticos e religiosos, imprimindo seus posicionamentos nos papéis que produziam e faziam circular pela Inglaterra revolucionária.

⁴² SMITH, Nigel. *Op. cit.*, p.1.

CAPÍTULO 1: OS ANOS INICIAIS DA CROWN: BENJAMIN ALLEN E O MERCADO LIVREIRO LONDRINO DURANTE A ECLOSÃO DA REVOLUÇÃO INGLESA (1632-1646)

“Faça uma Loja [de livros] conveniente em um Lugar Conveniente”. John Dunton, *The life and errors of John Dunton* (1705)¹.

A primeira recomendação que John Dunton (1659-1732)² dava àqueles que estavam interessados no ofício de livreiro era a necessidade de fundar uma livraria em um local oportuno. De fato, um estabelecimento em uma região reconhecidamente importante no comércio de livro e panfletos impressos era fundamental para garantir as vendas³. Um bom lugar para a loja era importante para atrair clientes que passavam pelas ruas. Regiões centrais como os arredores da St. Paul’s Cathedral, Cornhill, ou a chamada Little Britain, tornaram-se importantes centros de produção e distribuição de textos, onde cada vez mais livreiros se fixavam⁴.

Benjamin Allen, assim como outros livreiros, escolheu um desses espaços fundamentais para o mercado dos impressos, fundando sua loja sob o signo da Coroa numa viela de Cornhill, chamada Pope’s Head. Além do local conveniente, Allen trabalhou em sua livraria num momento oportuno para a comercialização de impressos: os anos iniciais da Revolução Inglesa, quando inúmeros títulos que tratavam sobre os conflitos civis e os debates político-religiosos foram emitidos e circulavam por toda a cidade⁵. Examinar a Crown em suas

¹ “Take a convenient Shop in a Convenient Place”. Tradução livre. DUNTON, John. *The life and errors of John Dunton late citizen of London; written by himself in solitude. With an idea of a new life; wherein is shewn how he’d think, speak, and act, might he live over his days again...* London: printed for S. Malthus, 1705. p.70.

² Dunton foi aprendiz do livreiro presbiteriano Thomas Parkhurst entre 1674 e 1681. Pouco depois, fundou uma livraria próxima à Royal Exchange em Cornhill. No início do século seguinte, ele escreveu um texto biográfico, narrando suas experiências no mercado livreiro. BERRY, Helen. ‘Dunton, John (1659–1732)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/8299>, accessed 24 Dec 2015].

³ JOHNS, Adrian. *The Nature of the Book: Print and Knowledge in the Making*. Chicago: University of Chicago Press, 1998. p.108.

⁴ MANDELBROTE, Giles. “From the warehouses to the counting-houses: bookshops in late 17th century London”. In: MYERS, Robin; HARRIS, Michael. *A Genius for Letters: booksellers and bookselling from the 16th to the 20th century*. Winchester: St. Paul’s Bibliographies, 1995.

⁵ ACHINSTEIN, Sharon. “Texts in conflict: the press and the Civil War”. In: KEEBLE, N. H. (ed.). *Op. cit.*

origens, bem como as atividades editoriais desempenhadas por Benjamin Allen ajuda-nos a pensar e compreender o próprio mundo do livro na Inglaterra seiscentista. Neste capítulo, nos dedicamos, então, a entender a fundação da Crown dentro da produção editorial londrina das décadas de 1630 e 1640.

1.1. Como ser um livreiro em Londres no século XVII

A Crown foi criada em 1632 por Benjamin Allen, pouco depois de ele ter deixado de ser um aprendiz⁶. Ele viera de Northampton para Londres, em 1623, a fim de se tornar um livreiro e começou a aprender o ofício na livraria de John Bellamy em Cornhill⁷. Para adquirir o privilégio de exercer alguma função ligada ao mercado dos textos impressos, era preciso cumprir, no mínimo, sete anos de aprendizado como impressor, livreiro ou encadernador. Depois disso, era possível ser registrado como um estacionário na corporação que regulamentava todo o comércio livreiro londrino no Antigo Regime, a Stationers' Company⁸. Personagens que não estivessem ligados à Companhia eram considerados clandestinos e, por essa razão, não usufruíam dos monopólios de produção impressa ou dos outros benefícios ligados à Corporação. Benjamin Allen conseguiu o privilégio de estacionário em 1631⁹.

Em 2 de abril do ano seguinte, Allen se casou com Hannah Howes (ou Howse), filha do também estacionário Robert Howes¹⁰. Matrimônios como este, isto é, que ocorriam entre famílias que faziam parte do negócio do livro, eram bastante comuns e vantajosos no Antigo Regime, pois asseguravam a formação e a manutenção de redes comerciais, facilitavam parcerias e possibilitavam o compartilhamento de registros de títulos¹¹. O casamento de Allen, neste sentido, pode ter sido uma importante forma de firmar associações com outros livreiros e impressores no início de seus negócios.

⁶ MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1605-1640*. Charlottesville: Bibliographical Society of the University of Virginia, 1961. p.41.

⁷ Bellamy trabalhou, inicialmente, na Royal Exchange, uma viela vizinha à Pope's Head Alley, e depois mudou seu negócio para outros endereços, mas ainda assim, se manteve dentro de Cornhill. PLOMER, Henry Robert. *A Dictionary of the Booksellers and Printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Printed for the Bibliographical Society, by Blades, East & Blades, 1907. p.20.

⁸ PLANT, Marjorie. *The English Book Trade: an economic history of the making and sale of books*. London: George Allen & Unwin Ltd., 1974. p.131.

⁹ MCKENZIE, D. F. *Op. cit.*, 1961. p.41.

¹⁰ LMA, *St. Katherine by the Tower*, baptisms 1619-1653, marriages 1618/9-1653, burials 1640-1653. Guildhall, SKT/C/01/Ms 9659/2.

¹¹ JOHNS, Adrian. *Op. cit.*, 1998. p.75-79.

Allen, então, abriu sua livraria em Pope's Head Alley, fixando-se na mesma região em que seu antigo mestre atuava (ver mapas 1 e 2). Essa proximidade era algo importante para o bom desenvolvimento de sua loja, em especial, porque possibilitava a continuidade de suas parcerias com Bellamy, um personagem importante dentro do mercado livreiro e da Stationers' Company. John Bellamy foi um influente *stationer*, que participava ativamente de comitês da Companhia. No comércio de impressos, ele publicava, majoritariamente, trabalhos de colonos da Nova Inglaterra, que na década de 1630 circulavam amplamente pela metrópole, trazendo novidades sobre a América Inglesa. No campo político, Bellamy era um parlamentarista presbiteriano. Com o início do período revolucionário, ele chegou a pegar em armas para defender o Parlamento, e recebeu o título de coronel¹². Allen parece ter se mantido próximo de seu antigo mestre durante todos os anos em que comercializou impressos na sua livraria. Ele o fez de duas maneiras: por meio das suas atividades editoriais, como a produção conjunta de textos, ou a participação em reuniões e comissões internas da Stationers' Company; e também pela proximidade geográfica entre as duas livrarias.

Bellamy certamente foi um parceiro essencial nos primeiros momentos de atuação de Allen, sinal disso é o fato de que os dois únicos títulos publicados pelo livreiro no primeiro ano de funcionamento da Crown foram obras compartilhadas com seu antigo mestre: duas edições do tratado teológico *An exposition vpon the second Epistle generall of Saint Peter*¹³ do ministro religioso Andrew Symson¹⁴. Como Bellamy, Allen, dedicou-se, especialmente, à venda de textos religiosos, que sempre foram a maioria das obras publicadas e vendidas pela livraria durante toda a sua existência.

¹² COMO, David R. "Print, Censorship, and Ideological Escalation in the English Civil War". *The Journal of British Studies*, vol.51, 4, 2012, pp.820-857. p.826. BLAGDEN, Cyprian. "The Stationers' Company in the Civil War Period". *The Library*, 5th series, vol. XIII, n.1, 1958, pp.1-17. p.10. PLOMER, Henry Robert. *Op.cit.*, p.20-21.

¹³ SYMSON, Andrew. *An exposition vpon the second Epistle generall of Saint Peter. Plainely and pithily handled, by A. Symson minister of Gods Word. With two necessarie tables, the one prefixed, shewing the resolution or analysies of the text, with the doctrines arising out of every verse...* London: printed by T. Cotes for I. B[ellamy]. and are to be sold by Benjamin Allen dwelling in Popes-head Alley, 1632. SYMSON, Andrew. *An exposition vpon the second Epistle generall of Saint Peter. Plainely and pithily handled, by A. Symson minister of Gods Word. With two necessarie tables, the one prefixed, shewing the resolution or analysies of the text, with the doctrines arising out of every verse. The other annexed, containing the principall matters, alphabetically set downe.* London: printed by T. Cotes for I. B[ellamy]. and are to be sold by Benjamin Allen dwelling in Popes-head Alley, 1632.

¹⁴ Symson (c. 1638-1712) foi um ministro religioso que atuou, sobretudo em igrejas escocesas, e também trabalhou como impressor. JACKSON, Clare. 'Symson, Andrew (c.1638-1712)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/25602>, accessed 24 Dec 2015].

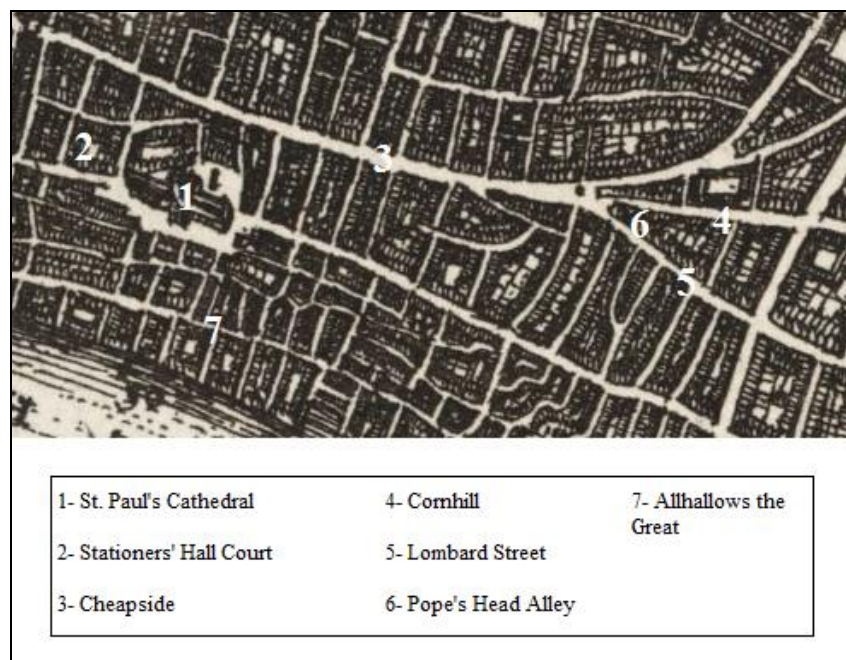
Associações com seu antigo mestre, como no caso da publicação do título de Symson, podiam ser facilitadas pela proximidade geográfica entre ambas as livrarias, situadas na região de Cornhill. Mais do que isso, a localização da Crown também foi central para a sua consolidação no mercado de livros. A loja ficava bem no centro da *City*, como visto nos mapas 1 e 2, que coincidia com a área de maior concentração de livrarias, oficinas de impressão e outros estabelecimentos ligados ao comércio de textos, inclusive da própria Stationers' Company. Cornhill também era um bairro vizinho à St. Paul's Cathedral, cujos arredores eram ocupados por tipografias, casas livreiras, oficinas de encadernação e vendedores ambulantes, constituindo uma das regiões mais importantes para a produção e a disseminação de obras impressas em Londres¹⁵.



Mapa 1: *Plan of London before the Fire* de Wenceslas Hollar, com destaque para a área de Cornhill¹⁶.

¹⁵ Sobre o mercado livreiro próximo à St. Paul's Cathedral, ver BLAYNEY, Peter W. M. *Op. cit.* PORTELA, Manuel. *O Comércio da Literatura*. Lisboa: Antígona, 2003. RAYMOND, (ed.). *The Oxford History of Popular Print Culture*. Vol 1: Cheap Print in Britain and Ireland to 1660. Oxford: Oxford University Press, 2011.

¹⁶ HOLLAR, Wenceslaus. *Plan of London before the Fire*. 1673, mapa, gravura, 178mm x 292mm.



Mapa 2: Secção do mapa de Hollar na região de Cornhill, indicando a rua em que se situava a livraria de Allen, a Stationers' Hall Court – sede da corporação – e a St. Paul's Cathedral.

Nesses centros do comércio livreiro, era possível encontrar toda sorte de livros, panfletos e folhas volantes sobre assuntos diversos. Os textos teológicos conformavam a imensa maioria das obras impressas disponíveis no mercado. Bíblias, livros de orações (*common prayer books*), salmos, sermões impressos, tratados teológicos e catecismos eram alguns dos exemplos desses títulos religiosos. Livros educacionais, como abecedários e almanaques também eram proficuamente produzidos por lá. Além desses, entre os séculos XVI e XVII, algumas outras obras se tornaram populares em Londres, como relatos de viagens (em especial de colonos ingleses), notícias, transcrições de peças de teatro, poemas, contos, e histórias satíricas, moralistas e divertidas.

Enquanto panfletos e *chapbooks*¹⁷, muitos desses textos não eram custosos para o público¹⁸. Vale lembrar também que, com o correr dos séculos XVI e XVII, os livros e

¹⁷ Em suas origens, “*chapbook*” designava qualquer texto vendido por um *chapman*, isto é, um vendedor ambulante de obras baratas. O termo também costumava ser aplicado para tratar sobre pequenos livretos, de cerca de 24 páginas, vendidos à preços módicos, que rapidamente se espalhavam pela sociedade pela facilidade em adquiri-los. No final do século XVII, os *chapbooks* eram uns dos formatos impressos mais recorrentes na Inglaterra. WATT, Tessa. *Cheap Print and Popular Piety, 1550-1640*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, especialmente o Chap. 7: “The development of the chapbook trade”.

¹⁸ Ver GREEN, Ian. *Op. cit.*, Chap. I: “The rise of print and its public”. GREEN, Ian; PETERS, Kate. “Religious publishing in England 1640-1695”. In: BARNARD, John; MCKENZIE, D.F.; BELL, Maureen (eds.). *Op. cit.* SIMMONS, R. C. “ABCs, almanacs, ballads, chapbooks, popular piety and textbooks”. In: BARNARD, John; MCKENZIE, D.F.; BELL, Maureen (eds.). *Op. cit.*

panfletos impressos tornaram-se cada vez mais acessíveis, pois os preços não eram altos demais. Pessoas de diferentes estratos sociais, neste sentido, podiam adquirir alguns desses textos¹⁹. Mas antes que qualquer obra atingisse os leitores, muitos processos precisavam ocorrer.

Em primeiro lugar, o manuscrito do autor deveria passar para as mãos do *publisher* ou editor, que poderia ser um livreiro ou impressor²⁰. Por sua vez, esse personagem preferencialmente, deveria registrar a obra no *Entry Book* da Stationers' Company. Desde 1557, o rei dera autonomia à Companhia para cuidar do setor dos livros, isto é, estabelecer o número máximo de impressores e controlar a emissão de textos. Antes disso, era preciso ter uma licença régia para lançar um título, no entanto, com as funções desempenhadas pela Corporação, qualquer de seus membros estava autorizado a imprimir e publicar, desde que seguisse as suas normas. O registro era uma dessas regras e servia tanto para monitorar as obras, funcionando como um mecanismo de censura anterior à própria publicação, quanto para assegurar que o editor do título detivesse os direitos sobre ele, tornando-se o único a poder lançá-lo e reeditá-lo. Assim, os registros também eram uma forma de proteger o investimento do *publisher*²¹. Investimento este que poderia ser alto, considerando os diversos fatores envolvidos na produção de um texto. O preço do papel, por exemplo, era bastante elevado e representava o principal gasto dos livreiros e impressores, pois o material costumava ser importado, visto que a Inglaterra apenas passou a produzir quantidades grandes de papel a partir do final do século XVII²². Além disso, os *publishers* precisavam pagar pelos serviços de distribuição, que poderiam ser altos, caso os livros fossem enviados para cidades distantes; e de impressão, que variavam conforme o formato e o tamanho dos textos.

¹⁹ WATT, Tessa. *Op. cit.*, p.261.

²⁰ Ver DARNTON, Robert. "O que é a história do livro? – Revisitado". *ArtCultura*, Uberlândia, v.10, n.16, 2008, pp.155-159. MOLLIER, Jean-Yves. "A história do livro e da edição: um observatório privilegiado do mundo mental dos homens do século XVIII ao século XX". *Varia História*, Belo Horizonte, Vol.25, n.42, 2009, pp.521-537. CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Unesp, 2002.

²¹ PORTELA, Manuel. *Op. cit.*, p.26-32.

²² Foi apenas no final dos seiscentos que o governo incentivou amplamente a manufatura do papel, criando e garantindo monopólios internos. Até esse momento, no entanto, os impressores dependiam de papéis vindos da Itália, da Holanda e, principalmente da França. No período Tudor, estima-se que papéis de impressão pequenos custassem pouco menos de 3s. por resma, enquanto papéis maiores poderiam ser comprados por 6s. a 7s. a resma. Na produção de um texto, o valor do papel costumava representar dois terços do custo total da impressão. Nesse sentido, era preciso saber quais gêneros e temas eram mais consumidos para pensar os números de tiragens, de edições, etc. BIDWELL, John. "French paper in English books". In: BARNARD, John; MCKENZIE, D.F.; BELL, Maureen (eds.). *Op. cit.* RAVEN, James. *Op. cit.*, 2007. p.48-49. FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O Aparecimento do Livro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. Cap. 1: "A questão prévia: o aparecimento do papel na Europa".

Se o investimento com a produção de uma obra fosse alto, provavelmente, o *publisher* a registraria para proteger seus interesses comerciais, tornando-se o dono da cópia que produzia e vendia. Apenas ele poderia publicar o texto legalmente. Foi desta noção que se constituiu o *right of copy*, isto é, o direito de copiar e transmitir um impresso, que cabia apenas ao responsável que o licenciou²³. Contudo, McKenzie observou que poucos dos títulos publicados no século XVII foram, com efeito, listados no *Entry Book* da Stationers' Company. Isso decorre do fato de que não valia a pena gastar com o registro de obras efêmeras, cujo investimento para produção não era tão elevado, tais como pequenos panfletos, folhas noticiosas e baladas. Normalmente, esse tipo de escrito transitório não era reeditado, de modo que o seu valor se limitava ao dinheiro obtido com sua primeira impressão. “Gastar 6d.²⁴ para estabelecer o *copyright* por meio do registro não comprava nenhuma proteção que valesse à pena pagar”²⁵. A ocorrência de textos que circularam sem licença, sem que eles fossem reprovados por essa razão, não era incomum²⁶. O próprio Allen, registrou poucas obras na Companhia, pois durante os anos iniciais da Revolução Inglesa, dedicou-se à produção de textos efêmeros como cartas noticiosas, petições e panfletos político-religiosos. Assim, dos 57 títulos que publicou entre 1632 e 1646, apenas 14 foram licenciados em seu nome²⁷.

Com a licença ou não do título a ser publicado, a próxima fase era a da produção. Um editor-livreiro não costumava ser o mesmo profissional que imprimia a obra. Um tipógrafo era selecionado para a tarefa. Allen, por exemplo, publicou muitos textos religiosos com os

²³ PORTELA, Manuel. *Op. cit.* HADFIELD, Andrew (ed.). *Literature and Censorship in Renaissance England*. Hampshire: Palgrave, 2001. FEATHER, John. “From rights in copies to copyright: the recognition of authors’ rights in English law and practice in the sixteenth and seventeenth centuries”. *Cardozo Arts and Entertainment*, Vol.10., 1991-1992. pp.455-473.

²⁴ 6d., ou 6 denários, corresponderiam a 6 pennies, que, na época, equivaleriam a meio dia de trabalho de um carpinteiro. Atualmente, o valor corresponde à £2,15. Informações obtidas por meio do website do *National Archives*: <<http://www.nationalarchives.gov.uk>>, acessado em 03/04/2015.

²⁵ “Spending 6d. to establish copyright by entry would not therefore have bought any protection worth paying for”. Tradução livre. MCKENZIE, D. F. *Making Meaning: “Printers of the Mind” and Other Essays*. Edited by Peter D. McDonald and Michael F. Suarez, S. J. Boston: University of Massachusetts Press, 2002. p.131.

²⁶ MCKENZIE, D. F. “Printing and publishing 1557-1700: constraints on the London book trades”. In: BARNARD, John; MCKENZIE, D.F.; BELL, Maureen (eds.). *Op. cit.*, p.564-565. MCELLIGOTT, Jason. “Introduction”. In: KEMP, Geoff; MCELLIGOTT, Jason (eds.). *Censorship and the Press, 1580-1720*. Vol. 2: 1640-1660. London: Pickering & Chatto, 2009.

²⁷ STATIONERS’ COMPANY. *A Transcript of the Registers of the Worshipful Company of Stationers; from 1640-1708 A.D.* Vol. 1. London: Stationers’ Company, 1913. p.61, 77, 144, 146, 156, 165, 176, 186, 204, 207, 209, 226.

impressores Richard Olton²⁸, Gregory Dexter²⁹ e Matthew Simmons³⁰. Por vezes, o impressor era também um dos detentores dos direitos sobre o título, isto é, do registro. Com efeito, a existência de textos compartilhados era bastante usual. Tratava-se de uma estratégia muito utilizada para limitar os gastos com uma publicação, e para diminuir os riscos de um prejuízo muito grande, caso a obra não fizesse o sucesso esperado no mercado literário³¹.

Na oficina de impressão, compositores, revisores e tipógrafos organizavam-se para imprimir o texto. Um formato seria selecionado para isso, levando-se em conta, provavelmente, o conteúdo da obra e o seu público alvo. Livros grandes, impressos em *fólio* – isto é, aqueles feitos com folhas dobradas apenas uma vez –, usavam mais papel e, por isso, eram mais caros de produzir e de adquirir. Já formatos menores eram direcionados a um público mais amplo, pois eram menos custosos. As folhas poderiam ser dobradas em quatro, compondo um *quarto*; em oito, criando um *oitavo*; em 12, estruturando um *duodécimo*; e em 16, gerando um *sextodécimo* (ver figura 1). Quanto mais as folhas de papel eram dobradas, menor era o tamanho do livro e, consequentemente, mais barato ele era³².

A Crown raramente comercializava exemplares impressos em fólio, a imensa maioria de seus textos era produzida em quartos. Dos 57 títulos de Benjamin Allen, 50 foram publicados em quartos, 4 em oitavos, 2 em duodécimos e apenas um em fólio³³. Isso é indício do tipo de comércio desenvolvido pelo livreiro, que se concentrava na venda de pequenos livros e panfletos, impressos em formatos menos custosos, que poderiam ser adquiridos facilmente pelo seu baixo preço.

²⁸ Olton teve uma casa tipográfica em Newgate Street, em Londres, entre 1633-1643. A partir de 1641, ele começou uma parceria com Gregory Dexter, imprimindo vários títulos juntos. PLOMER, Henry Robert. *Op. cit.*, p.142.

²⁹ Como Olton, Dexter também tinha um negócio situado em Newgate Street, onde trabalhou entre 1641 e 1643. PLOMER, Henry Robert. *Op. cit.*, p.64.

³⁰ Matthew Simmons era tipógrafo e também livreiro. Ele atuava em uma oficina na região de Aldersgate, também na *City*. Ao longo da década de 1640, ele se tornou um dos principais impressores dos sectários religiosos, especialmente dos independentistas, assim como produziu muitos dos trabalhos do poeta John Milton. GADD, I. ‘Simmons, Matthew (b. in or before 1608, d. 1654)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [http://www.oxforddnb.com/view/article/69230, accessed 25 Nov 2015]. PLOMER, Henry Robert. *Op. cit.*, p.164.

³¹ RAVEN, James. *Op. cit.* p.41-42.

³² RAYMOND, Joad. *Op. cit.*, 2004.

³³ A consideração sobre os formatos foi feita a partir das descrições físicas dos títulos disponíveis nos catálogos da EEBO e do ESTC.

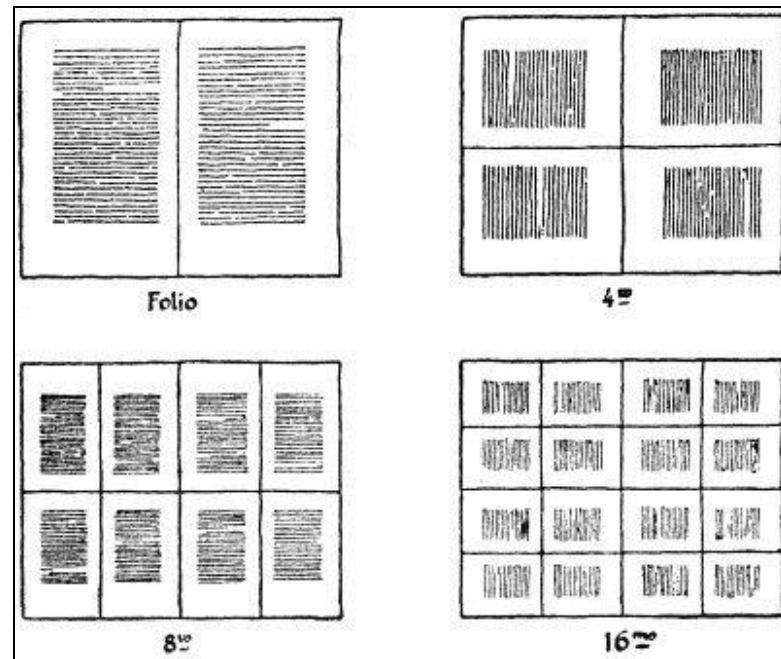


Figura 1: Exemplos de tamanhos de livros³⁴.

Depois de impresso em qualquer desses formatos, o livro ainda era costurado por um encadernador. Poucas obras recebiam capas ou encadernações que elevariam o seu preço, comumente, elas eram apenas costuradas para que as páginas ficassem unidas. Consumidores mais abastados poderiam, entretanto, encomendar uma encadernação mais luxuosa³⁵. Posteriormente, o livro ou panfleto poderia ser distribuído e vendido, primordialmente, pelo livreiro que detinha seu registro, mas também por seus parceiros comerciais e vendedores ambulantes. Allen, por exemplo, compartilhara alguns títulos com os livreiros John Bellamy, Henry Overton³⁶, John Rothwell³⁷ e Thomas Underhill³⁸. Com Bellamy, Allen vendeu duas edições de *An exposition vpon the second Epistle general of Saint Peter* de Andrew Symson (1632); com Overton, Allen registrou dois impressos, *A true relation of the Examinations &*

³⁴ Imagem retirada do manual de Douglas Cockerell. COCKERELL, Douglas. *Bookbinding, and the Care of Books*. Adelaide: The University of Adelaide, 1910.

³⁵ RAYMOND, Joad. *Op. cit.*, 2004. p.55-56.

³⁶ Henry Overton tinha uma livraria também em Pope's Head Alley, onde empregou o cunhado de Benjamin Allen, Samuel Howes em 1643. CLAYTON, Timothy Clayton. 'Overton family (per. c.1665–c.1765)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [http://www.oxforddnb.com/view/article/64998, accessed 25 Nov 2015]. PLOMER, Henry Robert. *Op. cit.*, p.142. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Op. cit.*, 1974. p.125.

³⁷ John Rothwell tinha uma livraria nos arredores da St. Paul's Cathedral, onde vendia, sobretudo, títulos teológicos. PLOMER, Henry Robert. *Op. cit.*, p.157.

³⁸ O livreiro Thomas Underhill primeiro se fixou em Wood Street, com a livraria Bible, e depois nos arredores da St. Paul's Cathedral com a loja chamada Anchor and Bible. Ele esteve associado a outros livreiros como Francis Tyton e Giles Calvert. PLOMER, Henry Robert. *Op. cit.*, p.185.

trial of the severall witches lately arraigned & executed in Essez (1645) e *The spirit convincing of sinne* (1645 e 1646), embora apenas cópias do segundo tenham sido encontradas; com Rothwell, ele vendeu *England faithfully watcht with, in her vvounds* de Nicholas Lockyer (1645); e com Underhill, ele publicou sem licença o panfleto anônimo *Exploits discovered, in a declaration of some more proceedings of Serjeant Major Chudley* (1643) e registrou *Solidalis discipulis* de Alexander Rowley (1646), cujas cópias também não encontramos³⁹. Esses títulos provavelmente foram comercializados ao mesmo tempo nas livrarias de Benjamin Allen e de seus associados, ampliando as vendas dos títulos.

Se as obras fizessem considerável sucesso entre os leitores, os livreiros-editores, como Allen, avaliariam a possibilidade de reeditar o título uma ou mais vezes para aumentar suas vendas. Por fazerem essa apreciação do mercado livreiro, Chartier e Darnton consideram esses livreiros-editores como importantes mediadores culturais no comércio de textos impressos. Eram eles os responsáveis por ter em conta as demandas do público, as capacidades produtivas das casas tipográficas com as quais trabalhavam e o repertório textual das obras que viriam a ser produzidas ou relançadas⁴⁰.

Benjamin Allen era um desses livreiros-editores atuantes nas áreas centrais de Londres. Nos seus dez primeiros anos de trabalho, no entanto, ele não parece ter publicado quase nada

³⁹ SYMSON, Andrew. *An exposition vpon the second Epistle generall of Saint Peter. Plainely and pithily handled*, by A. Symson minister of Gods Word, 1632. STERRY, Peter. *The spirit convincing of sinne. Opened in a sermon before the Honorable House of Commons, assembled in Parliament upon the solemne day of their monethly fast, Novemb. 26. 1645. By Peter Sterry, sometimes Fellow of Emanuel Colledge in Cambridge. And now preacher of the Gospel in London. Published by order of the House of Commons.* London: printed by Matth. Simmons, for Henry Overton, and Benjamin Allen, and are to be sold at their shops in Popes-head Alley, 1645. STERRY, Peter. *The spirit convincing of sinne. Opened in a sermon before the Honorable House of Commons, assembled in Parliament upon the solemne day of their monethly fast, Novemb. 26. 1645. By Peter Sterry, sometimes Fellow of Emanuel Colledge in Cambridge. And now preacher of the Gospel in London. Published by order of the House of Commons.* London: printed by Matth. Simmons, for Henry Overton, and Benjamin Allen, and are to be sold at their shops in Popes-head Alley, 1646. LOCKYER, Nicholas. *England faithfully watcht with, in her vvounds: or, Christ as a father sitting up with his children in their swooning state: which is the summe of severall lectures, painfully preached upon Colossians 1.* By Nicho. Lockyer, M.A. Published according to order. London: printed by M[atthew]. S[immons]. for John Rothwell, at the Sun and Fountain in Pauls Church-yard, and Ben. Allen, at the Crown in Popes-head Alley, 1646. *Exploits discovered, in a declaration of some more proceedings of Serjeant Major Chudley, generall of the forces under the Earle of Stamford: against Sir Ralph Hopton. Fully relating the great overthrow given to him. As it was sent in a letter from Exon, (Aprill 29.) to a man of note in London. Also a briefe rehearsall of the severall victories, which the enemy, (to all their great discouragement), hath of late received by the Parliament forces.* London: printed for B. Allen, and T. Underhill, May. 2. 1643. ARBER, Edward (ed.). *A Transcript of the Registers of the Stationers of London, 1554-1640 A.D., Vol. IV.* London: Privately Printed, 1877. p.232, 246. STATIONERS' COMPANY. *Op. cit.*, Vol. 1. p.186, 207, 209, 226.

⁴⁰ DARNTON, Robert. *Op. cit.*, 2010. p.143. CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*, 2002.p.75.

em seu nome, nem adquirido muitos registros sobre títulos a serem impressos. Apesar de Allen ter iniciado suas atividades em 1632, e de ter seu negócio situado em um dos principais polos do comércio livreiro, sua livraria quase não lançou qualquer título até a década de 1640. Isso não quer dizer, entretanto, que ele não estivesse ativo no mercado de livros. Allen nunca recebeu qualquer pensão ou empréstimo da Companhia – que propiciava certos auxílios aos seus membros em estado de pobreza –, o que sugere que a Crown lhe proporcionava algum lucro mesmo sem vender muitas publicações próprias⁴¹. Ele pode ter prosperado por conta das parcerias estabelecidas com outros livreiros e impressores, como Bellamy, Overton, Rothwell e Underhill, que lhe rendiam livros e panfletos para vender. Também é possível inferir que Benjamin Allen comercializasse outros objetos em sua livraria, além de textos impressos, pois era comum que esses estabelecimentos oferecessem aos seus clientes produtos como tintas, papéis e mapas. Em seu diário, Samuel Pepys⁴², por exemplo, relata ter adquirido itens diversos em livrarias londrinas, como livros, mapas e artigos de papelaria⁴³.

Embora tenha passado aproximadamente dez anos sem publicar quase nenhum título, a produção de Allen aumentou repentinamente na década de 1640 (ver gráfico 2). Desde 1638, o livreiro não lançava nenhuma obra, mas em 1642, esse número subiu para 16 e, no ano seguinte, para 19. Pouco depois, seus negócios caíram novamente. No entanto, em 1645 e em 1646, ele voltou publicar mais alguns títulos. Como compreender essas oscilações? O período no qual Benjamin Allen mais publicou coincide com os anos iniciais das Guerras Civis, nos quais houve grande proliferação de impressos que narravam e discutiam os eventos que ocorriam na Inglaterra⁴⁴. Para entender como a Crown respondeu ao contexto turbulento da década de 1640, cabe examinar o mercado livreiro londrino nesse momento e as atividades da livraria.

⁴¹ Ver “The Loan Book (1671-1688)”, “The Poor Book (1608-1676)” e “Pension Lists (1677-1811)”. In: BL, *Record of the Stationers’ Company*, 1554-1920, M985/1-96, n. 72. Microfilme.

⁴² Samuel Pepys (1633-1703) foi um oficial naval inglês que, entre 1660 e 1669, escreveu diversos diários, narrando as mudanças ocorridas em seu tempo. KNIGHTON, C. S. ‘Pepys, Samuel (1633–1703)’. *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Sept 2015 [http://0-www.oxforddnb.com/view/article/21906, accessed 22 April 2016].

⁴³ Ver os diários de Pepys, escritos entre 1660 e 1669, disponíveis on-line em *The Diary of Samuel Pepys*: <http://www.pepysdiary.com>, acessado em 26/12/2015. FURDELL, Elizabeth Lane. *Publishing and Medicine in Early Modern England*. New York: University of Rochester Press, 2002. p.126.

⁴⁴ BELL, Maureen; BARNARD, John. “Provisional count of STC titles 1475-1640”. *Publishing History*, 31, Jan 1, 1992. pp.47-64.

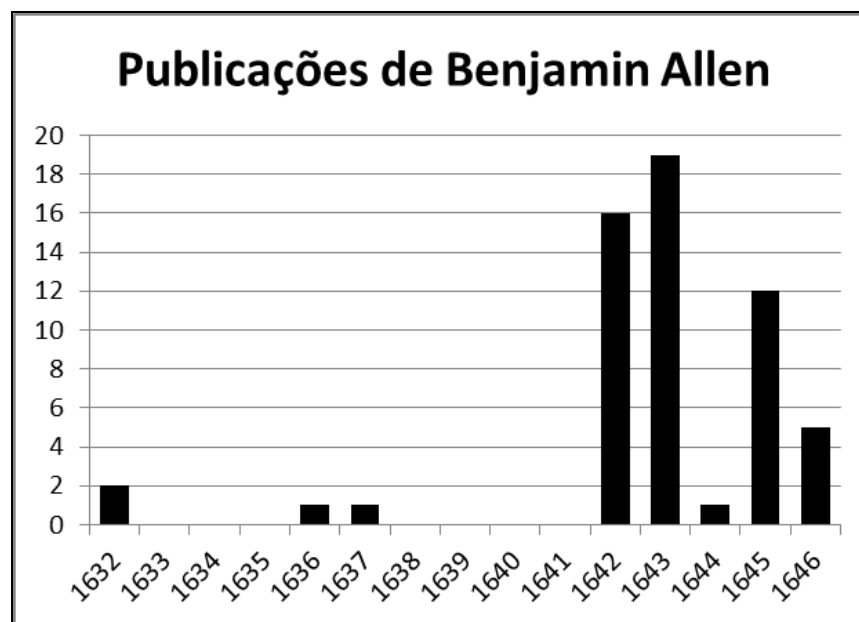


Gráfico 2: Publicações realizadas por Benjamin Allen entre 1632 e 1646.

1.2. O mercado livreiro no início da Revolução Inglesa

A partir de 1642, toda a produção livreira inglesa aumentou vertiginosamente. Como pode ser visto no gráfico 3, de John Barnard e Maureen Bell, os textos se multiplicaram de uma maneira nunca antes vista na Inglaterra do Antigo Regime. Milhares de panfletos, jornais, cartas noticiosas, petições impressas, sermões, tratados político-religiosos, exegeses bíblicas, profecias e outros textos foram produzidos e circularam amplamente, gerando um intenso debate acerca dos rumos da Inglaterra. A imprensa se tornou um campo de batalha no qual parlamentaristas e regalistas disputavam pelo poder. Ao mesmo tempo, ela colaborava com o desenvolvimento de um espaço de discussão político no qual diversos grupos e pessoas expuseram suas interpretações sobre aquele momento turbulento, assim como forneceram propostas que visavam solucionar as crises inglesas. Grupos político-religiosos como os Quakers, os Diggers, os Levellers, os Homens da Quinta Monarquia, os Batistas, entre outros, utilizaram os impressos ativamente para difundir suas ideias, explicando os acontecimentos da Revolução Inglesa como parte dos planos de Deus⁴⁵.

⁴⁵ HILL, Christopher. *Op. cit.*, 1987. HILL, Christopher. *Op. cit.*, 2003. HILL, Christopher. *Writing and Revolution in 17th Century England*. Sussex: The Harvester Press, 1985.

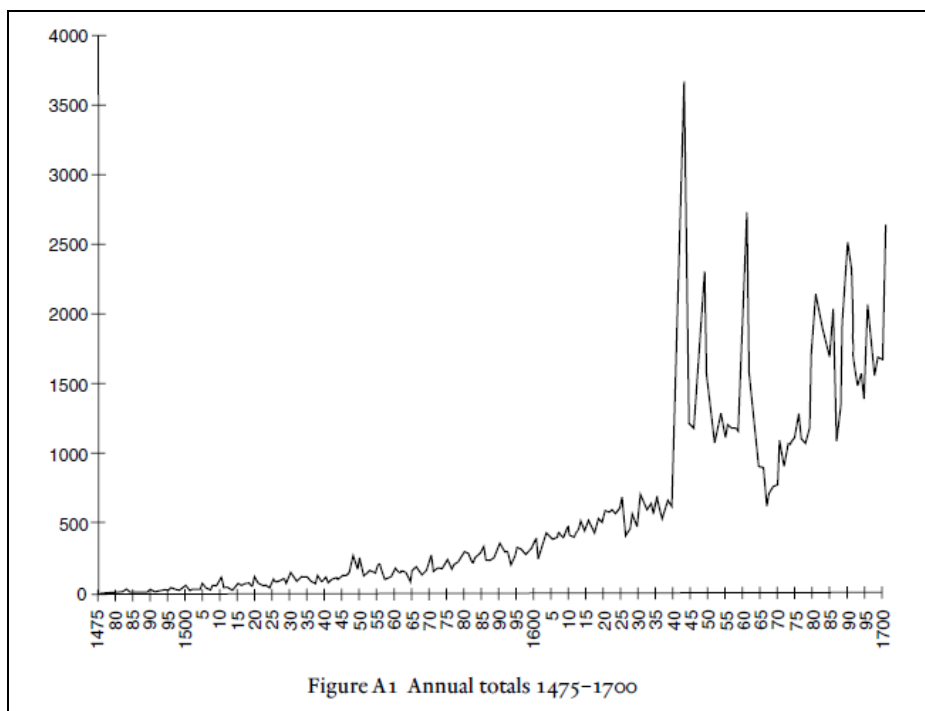


Gráfico 3: Gráfico da produção livreira entre 1475 e 1700, elaborado por Bell e Barnard⁴⁶.

Esse intenso debate ocorrido por meio dos textos impressos chamou a atenção de diversos estudiosos. Muitos autores compreenderam a profusão de títulos como um fenômeno sem precedentes, que apenas pôde ocorrer devido ao colapso dos sistemas de censura. Christopher Hill atribuiu o vertiginoso crescimento do mercado livreiro a um estado de “liberdade de imprensa” derivado dos conflitos políticos entre o rei e o Parlamento⁴⁷. De fato, o contexto de instabilidade contribuiu para o afrouxamento do controle sobre os textos emitidos na Inglaterra. Por um lado, isso ocorreu graças a abolição de dois órgãos ligados às práticas censoras eclesiásticas, a Star Chamber e a High Comission⁴⁸. Em 1641, ambas as instituições perderam a força e foram dissolvidas pelo Parlamento⁴⁹. Comumente, a historiografia atribuiu a explosão de textos à suposta liberdade que se seguiu a esse evento, todavia, as análises de Cyndia Clegg mostram que a extinção da Star Chamber e da High Comission estava, na verdade, ligada aos frequentes abusos cometidos pelas instituições sob o

⁴⁶ BARNARD, John; MCKENZIE, D.F.; BELL, Maureen (eds.). *Op. cit.* p.786.

⁴⁷ Ver, por exemplo, HILL, Christopher. *Op. cit.*, 1987.

⁴⁸ Durante seu governo, Carlos I passara a usar uma das câmaras legislativas, a Star Chamber, para impor medidas políticas e eclesiásticas impopulares. Por conta disso, durante o contexto revolucionário, a instituição foi vista como um símbolo de opressão e, conseqüentemente, foi dissolvida pelos opositores do monarca. Já a Court of High Comission era a principal corte eclesiástica da Inglaterra. Ela foi dissolvida pelo Parlamento, ao mesmo tempo em que o arcebispo William Laud, acusado de papismo, foi deposto. HILL, Christopher. *Op. cit.*, 2012.

⁴⁹ *Idem*, p.136.

governo de Carlos I. Ambas costumavam aprisionar suspeitos de crimes sem que houvesse uma investigação ou julgamento prévio, o que violava a Magna Carta. Sua dissolução, neste sentido, impactou sobretudo sobre a jurisdição da coroa, mas nem tanto sobre o controle da imprensa⁵⁰.

Ainda que a extinção da Star Chamber e da High Comission não tenha significado o fim completo e definitivo da censura na Inglaterra, cabe lembrar que algumas leis perderam a força quando as duas instituições deixaram de funcionar, em especial as determinações acerca do licenciamento prévio dos textos. Mesmo assim, outras práticas censoras pós-publicação não deixaram de ser aplicadas nos casos de textos controversos que atentavam contra a religião e/ou o Estado. Como Jason McElligott lembra, queimas públicas de livros e panfletos proibidos, apreensão de textos sediciosos, prisões de autores, impressores e livreiros ligados à produção e à difusão e obras perigosas continuaram ocorrendo⁵¹.

Talvez de igual ou maior importância, a multiplicação dos textos impressos foi bastante motivada pelos eventos que se davam na Inglaterra entre 1640 e 1660. Os conflitos levaram à propagação de obras que os explicassem. Foi justamente neste momento, argumenta Joad Raymond, que a imprensa noticiosa e periódica se desenvolveu⁵². Para o autor, o contexto revolucionário “(...) gerou, e foi inflamado por, o crescente consumo de notícias e o debate político e teológico” da época⁵³. Diversos panfletos e folhas avulsas tratavam sobre os últimos eventos que acometiam o país, narrando as querelas que se desenvolviam entre o rei Carlos I e o Parlamento, que logo desembocaram em um conflito civil.

Várias razões provocaram os desentendimentos entre o monarca e os MPs, mas talvez uma das principais tensões fora gerada pelo fato de Carlos Stuart ter reinado por onze anos sem chamar o Parlamento para tomar quaisquer decisões. Quando finalmente o rei optou por consultar os parlamentares – para arrecadar impostos que financiassem suas investidas armadas contra os irlandeses, que se rebelaram em 1641, bem como para aprovar que o exército fosse comandado por seu candidato, George Villiers, o primeiro duque de Buckingham –, os MPs negaram as suas demandas. Consequentemente, Carlos I dissolveu a

⁵⁰ CLEGG, Cyndia Susan. *Press Censorship in Caroline England*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p.216-217.

⁵¹ MCELLIGOTT, Jason. “Introduction”. In: KEMP, Geoff; MCELLIGOTT, Jason (eds.). *Op. cit.*, Vol.2. MCELLIGOTT, Jason. “The Book Trade, Licensing, and Censorship”. In: KNOPPERS, Laura (ed.). *The Oxford Handbook of Literature and the English Revolution*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

⁵² RAYMOND, Joad. “Introduction: The Origins of Popular Print Culture”. In: RAYMOND, Joad (ed.). *Op. cit.*, 2011. p.7.

⁵³ “(...) generated, and was inflamed by, increasing consumption of news and political and theological argument”. Tradução livre. *Idem*, p.7.

assembleia e perseguiu cinco de seus membros, os líderes da oposição. Os embates levaram a um intenso conflito político que se estendeu de Westminster para toda a Inglaterra, iniciando a Primeira Guerra Civil em outubro de 1642⁵⁴.

As notícias acerca de todos esses acontecimentos chegavam rápido e, por isso, mais e mais panfletos eram emitidos para retratá-los. Inclusive, tanto a coroa quanto o Parlamento fizeram frequente uso da imprensa para propagandear seus posicionamentos e conquistar apoiadores. Atos parlamentares, discursos, atas de reuniões dos MPs, cartas e determinações do rei eram repetidamente produzidos e difundidos pelo país⁵⁵. Isso impulsionou a produção de obras efêmeras e fez com que houvesse uma transformação nos gêneros textuais que circulavam entre os leitores. De acordo com Cyndia Clegg, a partir da década de 1640, o montante de impressos noticiosos, petições, panfletos e tratados políticos cresceu⁵⁶. Ainda assim, os textos religiosos (como sermões, exegeses e profecias) continuaram representando a imensa maioria dos títulos escritos, impressos e vendidos na Inglaterra. Há de se lembrar que esses textos religiosos também articulavam reflexões políticas, visto que a política e a religião eram extremamente imbricadas no Antigo Regime. Como lembrado por Christopher Hill a “religião era o idioma pelo qual os homens do século dezessete pensavam”⁵⁷, escreviam e discutiam.

A crescente profusão de textos efêmeros, religiosos e/ou políticos, é perceptível quando nos voltamos para o caso da livraria de Benjamin Allen (ver gráfico 4). Até 1642, Allen não tinha lançado quase nenhum título, com exceção de duas edições de um comentário bíblico, um tratado de matemática e astronomia, e outro de medicina⁵⁸. A partir do início da Revolução,

⁵⁴ Sobre isso, ver STONE, Lawrence. *Causas da Revolução Inglesa, 1529-1642*. Bauru: EDUSC, 2000. HILL, Christopher. *Op. cit.*, 2012.

⁵⁵ CLEEG, Cyndia Susan. *Op. cit.*, p.222. PEACEY, Jason. *Print and public politics in the English Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

⁵⁶ CLEEG, Cyndia Susan. *Op. cit.*, p.225.

⁵⁷ “Religion was the idiom in which the men of the seventeenth century thought”. Traução livre. HILL, Christopher. *Puritanism and Revolution: studies in interpretation of the English Revolution of the 17th century*. New York: St. Martin’s Press, 2008. p.26.

⁵⁸ Duas edições de SYMSON, Andrew. *An exposition vpon the second Epistle generall of Saint Peter. Plainely and pithily handled, by A. Symson minister of Gods Word*, 1632. BLUNDEVIL, Thomas. *Mr. Blundevil his exercises, contayning eight treatises, the titles whereof are set down in the next printed page. Which treatises are very necessary to be read and learned of all young gentlemen, that have not been exercised in such disciplines, and yet are desirous to have knowledge as well in cosmographie, astronomie, and geographie, as also in the art of navigation, in which art it is impossible to profit without the help of these or such like instructions*. London: Printed by Richard Bishop, and are to be sold by Benjamin Allen at the signe of the Flowerdeluce in Popes-head Alley, 1636. CLOWES, William. *A profitable and necessarie booke of observations, for all those that are burned with the flame of gun-powder, &c. and also for curing of wounds made with musket and caliver shot, and other weapons of warre, commonly used at this day both by sea and*

contudo, a Crown passou a, de fato, publicar. Nesse momento, Allen começou a vender cartas e folhas noticiosas, petições e pequenos panfletos políticos. Ainda que, de modo geral, o montante de impressos religiosos continuasse muito superior a estes outros gêneros, é importante notar o crescimento dos panfletos políticos da livraria⁵⁹, os quais se ocupavam de tratar sobre o contexto revolucionário, fosse por meio das notícias acerca dos conflitos, ou pela publicização de petições endereçadas ao Parlamento.

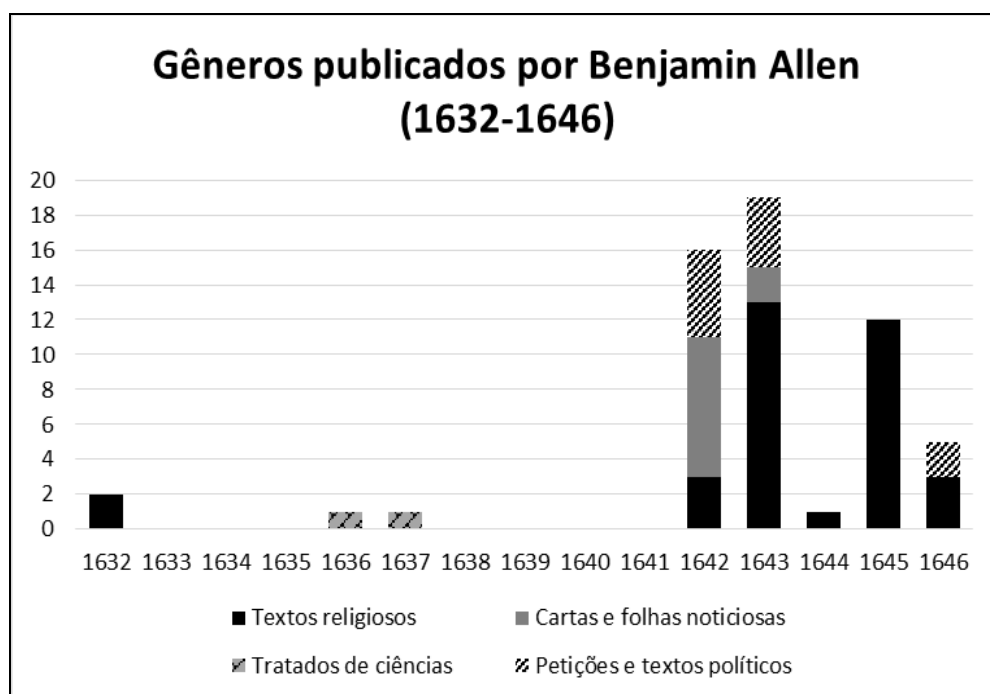


Gráfico 4: Gêneros publicados por Benjamin Allen na Crown entre 1632-1646.

Entre os 16 títulos publicados por Allen em 1642, metade era composta por notícias dos conflitos nos condados ingleses, ou na Irlanda; cinco eram obras políticas, em sua maioria petições; e três eram reflexões religiosas. No ano seguinte, os gêneros vendidos pela Crown sofreram uma nova mudança, e os textos teológicos voltaram a ser os mais representativos, somando 13 títulos, houve apenas duas notícias e quatro textos políticos. Posteriormente, os panfletos políticos e noticiosos deixaram de ser publicados pela livraria e houve preponderância das obras religiosas. Cabe ressaltar que muitos desses textos religiosos

land, as hereafter shall be declared... London: Printed by M. Dawson, and are to be sold by Benjamin Allen and Peter Cole, 1637.

⁵⁹ Como dissemos anteriormente, mesmo os títulos religiosos traziam reflexões sobre os anos revolucionários. O que estamos chamando aqui de “panfletos políticos” são, sobretudo, as petições e alguns textos que não perpassam, necessariamente, pelos argumentos teológicos. Também, ao falarmos em “impressos religiosos”, não excluimos o aspecto político dessas reflexões.

também traziam importantes questões acerca o momento conturbado pelo qual a Inglaterra passava. Por meio de perspectivas escatológicas, obras como o sermão de William Bridge, publicado por Allen em 1643, tratavam, como expresse em seu título, sobre os infortúnios que acometiam a Inglaterra, interrompendo as graças de Deus sobre o país⁶⁰.

Apenas em 1646, duas novas petições surgiram entre os impressos vendidos pela livraria. Mesmo que as petições, notícias e outros títulos políticos tenham diminuído, é importante considerar e problematizar sua existência entre as obras vendidas pela Crown⁶¹. Em primeiro lugar, é necessário caracterizá-las. A maioria desses panfletos era efêmera e anônima. Como pode ser visto no gráfico 5, a partir da década de 1640, alguns textos sem autoria começaram a ser vendidos por Benjamin Allen. Em 1642, dez dos 16 títulos publicados eram anônimos, esse número caiu para cinco no ano seguinte e, com a diminuição da produção e da venda das petições e notícias na Crown, as obras sem autoria também tornaram-se bastante escassas a partir de 1644.

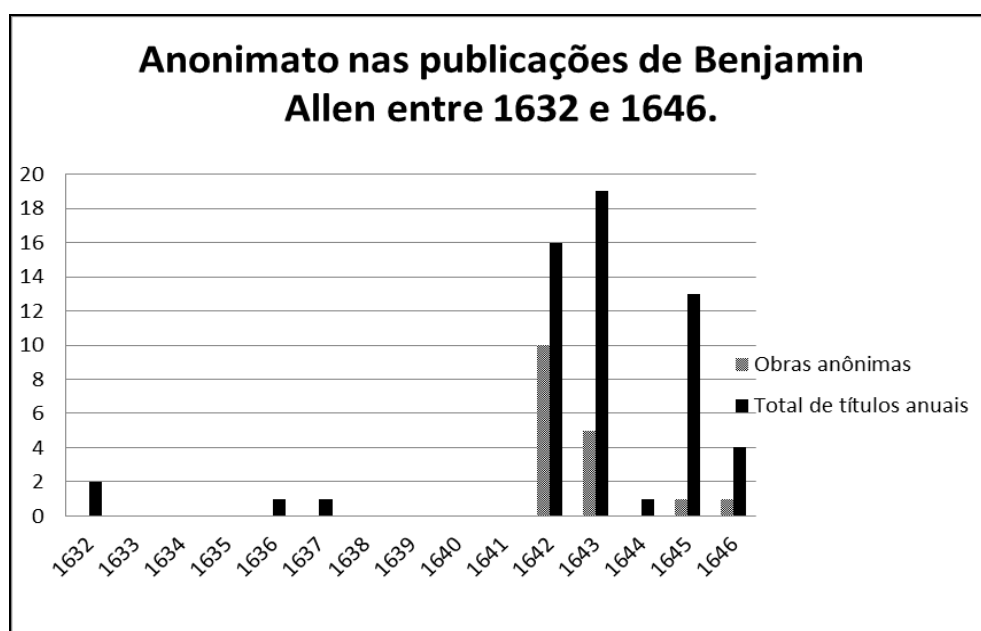


Gráfico 5: Gráfico demonstrando a quantidade de títulos anônimos em meio a todas as obras publicadas por Benjamin Allen entre 1632 e 1646.

⁶⁰ BRIDGE, William. *Two sermons: viz. I. The diseases that make a stoppage to Englands mercies discovered, and attended with their remedies. In a sermon delivered at Margarets on Fish-street-hill, London: bBy William Bridge, preacher of Gods Word. II. A preparation for suffering in these plundering times. It is ordered by the committee of the House of Commons in Parliament, concerning printing, that this book be printed. John White.* London: printed for Benjamin Allen, and are to be sold at his shop in Popes-head Alley, 1642. [i.e. 1643]

⁶¹ Ver títulos publicados pelo livreiro nos Anexos.

Ao contrário do que a ideia de publicar muitos textos anônimos possa sugerir, essa profusão de títulos sem autoria não representava necessariamente um caráter sedicioso das atividades da livraria de Allen. Apesar de o Parlamento ter reforçado um decreto de 1637 da antiga Star Chamber – que tornava obrigatório a presença dos nomes dos autores, impressores, livreiros e licenciadores no frontispício dos impressos⁶² –, o descumprimento dessa regra nem sempre estava associado à clandestinidade. Como D. F. McKenzie enfatizou, em seu estudo sobre o mercado livreiro de 1644, o anonimato era uma prática bastante frequente. “Em 1644, a autoria é conhecida em apenas quatrocentos e trinta e seis – ou quarenta por cento – dentre mil, cento e treze itens (...)”⁶³. Em todos esses casos, não era um caráter exclusivamente sedicioso que impulsionava a publicação dessas obras anônimas. Na verdade, o anonimato poderia ser adotado por diversas razões, de acordo com fatores como: a época em que foi produzido, o seu conteúdo, o seu objetivo, etc⁶⁴. Ademais, a própria noção de autoria não era tão clara quanto a que temos atualmente. Muitos textos circularam anonimamente em diversos períodos históricos sem que isso representasse um problema.

Se considerarmos – como Foucault em sua célebre conferência *O que é o autor?* (1969) – o “autor” enquanto uma *função* do discurso, só podemos encontrá-lo no mundo burguês, a partir do século XVIII, quando a ideia de propriedade sobre a obra se estabeleceu⁶⁵. Roger Chartier, mais tarde, ao se apropriar das reflexões foucaultianas, expandiu a periodicidade na qual a função autor pode ser observada, percebendo-a no Antigo Regime. Trabalhando com as noções de *propriety* e *property* de Mark Rose⁶⁶, Chartier indica que há dois conceitos de propriedade intelectual. O primeiro (*propriety*) era “(...) o direito de propriedade do autor no sentido de controlar a publicação de seus textos a fim de preservar sua privacidade, honra e reputação (...)”⁶⁷. O segundo (*property*) pode ser “(...) entendido como um interesse econômico em um bem alienável”⁶⁸. Embora o *propriety* fosse preponderante nas sociedades europeias da Época Moderna, ambos os casos podem ser evidenciados no Antigo Regime, por

⁶² RAYMOND, Joad. *Op. cit.*, 2004. p.65. MULLAN, John. *Anonymity: a secret history of English Literature*. London: Faber and Faber, 2007. p.151-152.

⁶³ “In 1644, authorship is acknowledge in only four hundred and thirty-six – or forty percent – of one thousand one hundred and thirteen items (...)”. Tradução livre. MCKENZIE, D. F. *Op. cit.*, 2002. p.131.

⁶⁴ GRIFFIN, Robert J. “Anonymity and Authorship”. *New Literary History*, Vol. 30, No. 4, Case Studies (Autumn, 1999), pp. 877-895.

⁶⁵ FOUCAULT, Michel. “O que é um autor?”. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema*. Vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

⁶⁶ ROSE, Mark. *Authors and Owners: the invention of copyright*. Massachusetts: Harvard University Press, 1994.

⁶⁷ CHARTIER, Roger. “História intelectual do autor e da autoria”. In: FAUHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite (orgs.). *Autoria e história cultural da ciência*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012. p.51.

⁶⁸ *Idem*, p.52.

isso, Chartier justifica a possibilidade de usar a ideia de “função autor” em períodos um pouco anteriores ao proposto por Foucault.

Assim como a autoria tem uma “função”, o anonimato também tem. Havia diversas razões pelas quais um escritor poderia omitir seu nome em um texto. Nas obras publicadas por Benjamin Allen, encontramos a possibilidade de este recurso ser utilizado para atestar as boas intenções do autor, que não produzia para se promover socialmente, mas para cumprir desígnios mais “nobres”. O anonimato, neste sentido, permitia a criação de uma persona que conferia mais legitimidade aos argumentos dispostos no texto. Não é à toa que muitos panfleteiros anônimos durante a Revolução Inglesa usavam alcunhas que os associavam a causas honrosas. Exemplo disso é um panfleto de 1642, publicado por Benjamin Allen, no qual o autor se definia como um “Worthy gentleman of that county”, isto é, como um “Cavalheiro digno daquele condado”, para apresentar uma narrativa acerca das disputas ocorridas em Portsmouth durante os conflitos civis⁶⁹. Essa titulação fora usada para conceder maior autoridade ao escritor, bem como para promover suas palavras, causando no leitor a ideia de que suas impressões a respeito dos embates eram verdadeiras porque proferidas por um personagem valoroso. Nesse sentido, mesmo o anonimato poderia ser adotado como uma tópica discursiva que garantia legitimidade a um texto⁷⁰; assim como funcionava com a tópica do rústico e iletrado, frequentemente utilizada para dar autoridade espiritual a profecias e exegeses⁷¹.

Também é preciso lembrar que o anonimato era um recurso bastante utilizado para indicar um trabalho coletivo, como uma petição. Tendo em vista que a maioria das obras de Benjamin Allen, nesse momento, era formada justamente por este tipo de texto, isto é, por petições, cartas e folhas de notícias, a respeito dos conflitos e crises políticas dos anos iniciais das Guerras Civis; seu anonimato podia ser um sinal de uma escrita conjunta. Ao mesmo tempo, é possível que a própria menção ao autor fosse irrelevante para o significado do texto, por isso, era dispensada na composição do impresso⁷².

⁶⁹ Worthy gentleman in that county. *An exact relation of foureteen dayes passages from Portsmouth, the Isle of Wight, and other parts. Wherein is contained the manner of the proceeding of the cavaliers, and their confederates the papists, against the christian-Protestants. Sent in a letter from a worthy gentleman in that county, to his friend in London. Whereunto is added some speciall passages from Hull, Lincoln-shire and Yorke.* London: printed for Benjamin Allen, 1642.

⁷⁰ RAYMOND, Joad. *Op. cit.*, 2004. p.63-65.

⁷¹ Ver MCDOWELL, Nicholas. *The English Radical Imagination: culture, religion, and revolutions, 1630-1660*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

⁷² MULLAN, John. *Op. cit.*. GRIFFIN, Robert J. (ed.). *The Faces of Anonymity: anonymous and pseudonymous publication from the sixteenth to the twentieth century*. Hampshire: Palgrave MacMillan, 2003.

Outra característica dessas obras efêmeras era a falta de registros no *Entry Book* da Stationers' Company. Por serem panfletos curtos, que tratavam sobre assuntos tópicos e que logo seriam substituídos por novas notícias e novos debates políticos e religiosos, não era necessário proteger o investimento feito nessas obras, ou garantir a exclusividade de sua publicação. Benjamin Allen, assim, não recorreu ao seu direito de cópia dessas obras.

Por fim, é importante indicar que esses panfletos provavelmente eram textos baratos, que não deveriam custar mais do que 1*d.* a 4*d.* A estimativa, entretanto, não é exata, pois é difícil precisar o preço padrão dos livros londrinos do século XVII. E é ainda mais problemático saber quanto custavam os impressos vendidos na Crown, visto que os documentos da livraria, que poderiam servir a esse propósito, parecem não ter sobrevivido até os dias atuais. Mas podemos nos ancorar nos cálculos e estudos realizados para outras obras. R. C. Simmons indicou que livros escolares e abecedários podiam ser vendidos por valores entre 6*d.* e 2*s.* Almanques, em geral, custavam 2*d.* até meados do século XVII, quando a inflação fez com que o valor dobrasse. Baladas tinham um preço médio de 1*d.*, *chapbooks* 2*d.* a 4*d.*, e sermões e notícias podiam custar entre 1*d.* e 4*d.*⁷³. Sendo a produção da Crown mais voltada para a imprensa efêmera e barata – como a das baladas, *chapbooks*, sermões e notícias –, inferimos que, dependendo do número de folhas dos títulos, as obras da livraria poderiam variar entre 1*d.* e 4*d.*⁷⁴. Esses valores eram considerados baixos na época, portanto, preços como esses eram aplicados visando alcançar um amplo público, conformando o que Joad Raymond chamou de “cheap print”, ou seja, imprensa barata. Mais do que serem característicos de uma suposta imprensa popular, os textos da “cheap print” eram efêmeros, de baixa qualidade e normalmente encontrados por preços módicos, embora alguns títulos pudessem ser mais custosos⁷⁵.

Os preços facilitavam as vendas desses títulos, mas cabe perguntar: havia leitores para esses textos? Ainda que poucas pessoas fossem letradas na Inglaterra da Época Moderna, havia uma porcentagem expressiva de leitores que, no século XVII, cresceu de 20% para 30%. Essa estimativa foi elaborada por meio da contagem de assinaturas de ingleses e

⁷³ SIMMONS, R. C. “ABCs, almanacs, ballads, chapbooks, popular piety and textbooks”. In: BARNARD, John; MCKENZIE, D.F.; BELL, Maureen (eds.). *Op. cit.* RAVEN, James. *Op. cit.*, 2007. p.49-50.

⁷⁴ 1 a 4*d.* equivalem, nos dias de hoje, à quantia entre £0.36 e £1.43, uma soma irrisória na época, que não era o suficiente para comprar quase nada no século XVII. Já 2*s.* podiam pagar um dia de trabalho no setor da construção civil. Informações obtidas por meio do website do *National Archives*: <www.nationalarchives.gov.uk>, acessado em 26/12/2015.

⁷⁵ RAYMOND, Joad. “Introduction: The Origins of Popular Print Culture”. In: RAYMOND, Joad (ed.). *Op. cit.*, 2011. p.3-6.

inglesas em documentos oficiais, como licenças de casamento e testamentos. De acordo com David Cressy, as pessoas capazes de assinar seus próprios nomes, presumivelmente, eram letradas, pois, até o século XIX, primeiro aprendia-se a ler, e depois, a escrever. Portanto, as pessoas que sabiam grafar seus nomes eram aquelas que com certeza já dominavam, em alguma medida, a habilidade da leitura⁷⁶. Roger Chartier, contudo, lembra que apenas os mais abastados continuavam os estudos e aprendiam a escrever. Muitos jovens apenas tinham a possibilidade de aprender a ler, antes de ingressarem nos ofícios que lhes sustentariam. O número de leitores, assim, devia ser bastante superior à quantidade de registros escritos que podem ser consultados pelos historiadores⁷⁷. Quanto maior a posição social, maior era a possibilidade de acesso à leitura e também à escrita. Por exemplo, os membros do clero e da *gentry* tinham uma taxa de letramento muito superior aos trabalhadores de níveis mais baixos⁷⁸. O gênero também era um fator de distinção: em geral, poucas mulheres sabiam ler e escrever, em comparação aos homens. Na estimativa de Rab Houston para o norte da Inglaterra, enquanto 60% dos homens sabiam assinar seus nomes, apenas 20% das mulheres o faziam, entre 1640 e 1760⁷⁹. Aspectos geográficos também podiam ser determinantes, a porcentagem de pessoas letradas em Londres era superior à de todo o país, atingindo 78% da população em 1640. Em outras localidades, sobretudo no campo, os números não eram tão altos⁸⁰.

Ainda era possível acessar o conteúdo dos textos de outras maneiras, como por meio das leituras em voz alta, ou pelas discussões e conversas nas igrejas, livrarias, tavernas e cafés. Muitos textos eram afixados nesses locais, onde diversos debates ocorriam. Em muitos casos, livrarias, tavernas e cafés também foram associados à conspiração e à disseminação de livros e ideias controversas e perniciosas justamente por conta dessa grande circulação de

⁷⁶ CRESSY, David. "Levels of Illiteracy in England, 1530-1730". *The Historical Journal*, Vol. 20, No. 1, 1977. pp. 1-23. CRESSY, David. *Literacy and the social order: reading and writing in Tudor and Stuart England*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. HOUSTON, Rab. "Literacy and society in the west, 1500-1850". *Social History*, Vol. 8, No. 3, 1983. pp. 269-293. STEPHENS, W. B. "Literacy in England, Scotland, and Wales, 1500-1900". *History of Education Quarterly*, Vol. 30, No. 4, 1990. pp. 545-571. REAY, Barry. *Popular Cultures in England 1550-1750*. New York: Routledge, 2014. MOLEKAMP, Femke. "Popular Reading and Writing". In: HADFIELD, Andrew; DIMMOCK, Matthew; SHINN, Abigail (eds.). *The Ashgate Research Companion to Popular Culture in Early Modern England*. Surrey: Ashgate, 2014.

⁷⁷ CHARTIER, Roger. "Do livro à leitura". In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p.80.

⁷⁸ CRESSY, David. *Op. cit.*, 2006. REAY, Barry. *Op. cit.*

⁷⁹ HOUSTON, Rab. *Scottish Literacy and Scottish Identity: illiteracy and society in Scotland and Northern England, 1600-1800*. Cambridge: Cambridge University Press, p.57.

⁸⁰ REAY, Barry. *Op. cit.*, p.41-42.

impressos⁸¹. Dessa forma, mesmo os não-letrados poderiam conhecer os assuntos difundidos por meio da imprensa ao frequentarem esses espaços, ou participarem das discussões da época.

O fato de a Crown se situar no centro de Londres, próxima a diversas outras livrarias e paróquias, nos permite supor que seus textos poderiam ter um alcance considerável, ao serem adquiridos e lidos pelos letrados que por ali circulavam, mas também ouvidos pelos não-letrados, que entrariam em contato com as ideias expressas nos impressos de Benjamin Allen por meio de leituras em voz alta ou discussões nas igrejas. A proximidade dessas comunidades religiosas também poderia ser essencial para a difusão de títulos teológicos. Não é à toa que Benjamin Allen publicara tantos textos político-religiosos na década de 1640. Tratados teológicos, sermões, profecias e exegeses eram continuamente impressos e vendidos naquela época para explicar os episódios da Revolução Inglesa, tentando lhes dar sentido, ao aproximá-los daquilo que fora determinado pelo Criador. Por sua importância tanto nos debates políticos, como no mercado livreiro, examinamos no item seguinte os títulos religiosos vendidos pela Crown.

1.3. Vendendo impressos religiosos em uma época de incertezas

Benjamin Allen lançou diversos textos religiosos, alguns deles com tom milenarista, que considerava os acontecimentos contemporâneos como evidências de que as profecias sobre o Retorno de Cristo estavam se cumprindo. Em 1642, no mesmo ano em que o livreiro lançava notícias sobre as guerras e petições endereçadas ao Parlamento, ele também emitiu o tratado profético *The personall reigne of Christ vpon earth* do ministro separatista John Acher. Archer falecera em 1639, mas seu tratado póstumo foi editado pelo livreiro em um contexto bastante diverso daquele no qual o autor compôs seu trabalho. Archer não vira a eclosão da Revolução Inglesa, mas a impressão de seu tratado em 1642 oferecia aos leitores um guia para entender as mudanças pelas quais o mundo passaria até que Cristo voltasse. Archer alertava que o domínio de Roma, e do Papa, tido como um agente do Anticristo, cairia em 1666. Cristo regressaria, logo depois, em 1700, para reinar sobre a Terra⁸².

⁸¹ JOHNS, Adrian. *Op. cit.*, 1998. p.111-113. CAMBERS, Andrew. *Godly Reading: print, manuscript and puritanism in England, 1580-1720*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, especialmente o Chap. 5: "Reading in the parish and the town".

⁸² ARCHER, John. *The personall reigne of Christ vpon earth*. London: printed, and are to be sold by Benjamin Allen, in Popes-Head-Alley, 1642.

Bernard Capp explica que *The personall reigne of Christ vpon earth* de Archer emergiu em uma época de profundas expectativas políticas e religiosas, em que os conflitos vivenciados pelos ingleses eram percebidos como sinais de que a realização das profecias milenaristas estava em curso. Isso causou o rápido consumo e as frequentes reedições do tratado escatológico de Archer na Inglaterra⁸³. Na livraria de Allen, outros textos e sermões milenaristas seguiram-se a esta publicação, como *The axe at the root* de William Greenhill, pregador na comunidade independentista de Allhallows the Great⁸⁴; *Church-government and church-covenant discussed* do colono puritano, estabelecido em Massachusetts Bay, Richard Mather⁸⁵; e *A seasonable discourse*, escrito por Henry Ainsworth⁸⁶.

A publicação dessas obras, além de fornecer algumas perspectivas aos leitores, para que pudessem compreender o que acontecia naqueles anos em que o mundo parecia estar de ponta-cabeça, também movimentava a livraria de Benjamin Allen. A localização da Crown (ver mapas 1 e 2), não apenas privilegiava sua relação com outros estabelecimentos ligados ao negócio do livro, como também favorecia seu contato com diversas comunidades radicais religiosas. A Crown estava próxima a igrejas como Allhallows the Great, onde diversos sectários encontravam-se para ouvir os sermões e para discutir a situação inglesa. Fornecer textos religiosos nessa região, por conseguinte, facilitava o comércio e a circulação dessas obras, o que, por um lado, era favorável aos grupos radicais que desejavam espalhar suas ideias num momento de intensa disputa política e religiosa; e por outro, ampliava as possibilidades de venda da livraria⁸⁷.

As perspectivas milenaristas já eram bastante comuns antes da eclosão da Guerra Civil, pois, como mostrou Jeffrey Jue, o milenarismo independe de contextos de convulsão social. Muitos estudiosos, como Joseph Mede nas décadas de 1620 e 1630, já se dedicavam a estudar as Escrituras para entender e precisar uma data para o Milênio e o Fim dos Tempos⁸⁸. Essas discussões, entretanto, foram reforçadas e amplificadas entre 1640 a 1660. Naquelas décadas,

⁸³ CAPP, Bernard. 'Archer, John (d. 1639)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [http://www.oxforddnb.com/view/article/37123, accessed 21 Nov 2015].

⁸⁴ GREENHILL, William. *Axinē pros tēn rhizan*. = *The axe at the root, a sermon preached before the Honourable House of Commons, at their publike fast, April 26. 1643. By William Greenhill*. London: printed by R.O. & G.D. for Benjamin Allen, and are to be sold in Popes-head Alley, 1643.

⁸⁵ MATHER, Richard. *Church-government and church-covenant discussed*, London: printed by Richard. O[ulton]. and G[regory]. D[exter]. [and T.P. and M.S.] for Benjamin Allen and are to be sold at his shop in Popes head-Ally, 1643.

⁸⁶ AINSWORTH, Henry. *A seasonable discourse, or, A censure upon a dialogue of the Anabaptists*, ... London: printed for Benjamin Allen, dwelling in Popes-head-Alley, 1644.

⁸⁷ Ver CAMBERS, Andrew. *Op. cit.*

⁸⁸ JUE, Jeffrey K. *Op. cit.*

“(...) o *Livro dos Mártires* de Foxe, cuja a impressão fora proibida por Laud, voltou a circular; ao mesmo tempo foram editadas traduções para o inglês e resumos de vulgarização das obras de Napier, Brightman, Mede e Alsted (...)”⁸⁹, confirmando as expectativas dos leitores ávidos por compreender o que Deus preparava para a sua época.

A profícua circulação dessas ideias milenaristas, segundo Christopher Hill, forneceu bases para interpretar o período e identificar quais eram os perigos enfrentados. Se a luta dos cristãos era sempre contra o Anticristo, este passou a ser fortemente associado às figuras políticas coetâneas. Por volta da década de 1640, além do Papa ser visto como o Anticristo, os bispos, em especial William Laud, também foram assim acusados. No campo político, o Parlamento fez propagandas contrárias ao rei, descrevendo os monarquistas como o “partido do Anticristo”. Paralelamente, os parlamentares reforçavam a concepção de que eles faziam parte do “partido de Cristo”⁹⁰. Essas perspectivas tornaram-se cada vez mais recorrentes e, ao longo da Revolução Inglesa, a escatologia e o milenarismo explicavam muitas das questões políticas e religiosas vivenciadas pelos ingleses e pelas inglesas. Não é à toa que tantos impressos, provenientes de seitas radicais, eram comercializados por toda a Inglaterra.

Algumas reflexões milenaristas, no entanto, nem sempre eram bem recebidas pelas autoridades. Em 1643, quando o Parlamento conseguiu alargar seu poder, foi determinado que qualquer obra que atentasse contra a religião e a política parlamentar seria considerada ilegal e, conseqüentemente, sofreria sanções⁹¹. Agentes do livro envolvidos com a produção e a circulação de obras dissidentes podiam ser reprimidos por meio de multas, prisões, apreensão dos materiais de impressão, e queima de livros⁹².

Benjamim Allen não costumava estar envolvido com polêmicas, evitando títulos que pudessem lhe causar desentendimentos com as autoridades, mas mesmo assim, em 1645, um de seus textos foi acusado de heresia. A obra em questão, intitulada, *Comfort for beleevers*

⁸⁹ HILL, Christopher. *Op. cit.*, 1987, p.108.

⁹⁰ HILL, Christopher. *Antichrist in 17th Century England*. London: Verso, 1990. p.77-79.

⁹¹ MCELLIGOTT, Jason. “Introduction”. In: KEMP, Geoff; MCELLIGOTT, Jason (eds.). *Op. cit.*, Vol.2. England and Wales. Parliament. *An order of the Lords and Commons assembled in Parliament. For the regulating of printing, and for suppressing the great late abuses and frequent disorders in printing many false, scandalous, seditious, libellous and unlicensed pamphlets, to the great defamation of religion and government. Also, authorizing the masters and wardens of the Company of Stationers to make diligent search, seize and carry away all such books as they shall finde printed, or reprinted by any man having no lawfull interest in them, being entred into the hall book to any other man as his proper copies. Die Mercurii. 14 June. 1643. Ordered by the Lords and Commons assembled in Parliament, that this order shall be forthwith printed and published. J. Brown Cler. Parliamentorum: Hen. Elsing Cler. D. Com.* London: printed for I. Wright in the Old-baily, Iune 16. 1643.

⁹² Ver JOHNS, Adrian. *Op. cit.*, 1998.

*about their sinnes & troubles*⁹³, foi escrita por John Archer. Aparentemente, o autor não tinha a intenção de publicar essas reflexões, mas Allen as lançou após a morte do ministro religioso. De acordo com Capp, o tratado causou grande furor porque declarava “(...) que Deus era em parte o autor dos pecados dos piedosos. Archer tinha a intenção de que isso tranquilizasse os membros da igreja perturbados por suas fraquezas humanas”⁹⁴.

A obra foi prefaciada com uma nota para o leitor, provavelmente escrita pelo editor do título, Benjamin Allen, que explicava as condições da publicação, assim como justificava a publicização das ideias de Archer:

Este Autor tendo alguns anos antes de sua morte, escrito, e dado a alguns de seus amigos, para ajudá-los, e confortá-los, algumas MEDITAÇÕES baseadas em *João* 14. 1, 2, 3, 4. Muitos desejando que elas fossem impressas, considerando-as proveitosas para os Santos e as pessoas de Deus; Lá vindo entregar uma das Cópias, e que em algumas coisas foi mais alargada do que era então a primeira Cópia, (ainda pelo mesmo Autor para outros amigos) elas estão aqui apresentadas para a visão pública, para um bem mais geral dos Santos e das pessoas de Deus. Este discurso é oportuno nesta era, que é cheia de angústias, um pouco especialmente, (embora sempre útil para os Santos) o escopo e o sentido dele sendo mostrar [como que os crentes não devem ser oprimidos, ou perplexos, no coração, por qualquer coisa que lhes suceda, tanto em pecado, ou aflição] que o assunto é proveitosamente e confortavelmente aberto; direcionado ao uso da Fé para a vantagem de uns nestes grandes casos; e muitos lá apontados, alguns abertos, alguns porém nomeados, que são merecedores das Meditações: Fazer o trabalho assim correto; como na hipótese de, ter ele sido destinado à Prensa, ele bem poderia ter sido destinado à Prensa, ele bem poderia ter sido escrito de outras maneiras, mas o foi apenas para amigos especiais, e não é propositalmente alterado apesar de que possam existir erros, e existem, os quais estejais à vontade para emendar (por ventura alguns podem aparecer daqui em diante). E se neste Discurso alguma coisa à primeira vista parecer-vos estranha, (sendo expresso talvez em termos muito simples para alcançar muitos,) ainda assim não o negligenciais, nem julgais duramente, mas considerais seriamente a verdade, e tomais as distinções e indicações dadas, para que assim vossa fé (em todos os pontos) seja direcionada, para esboçar, agindo assim, tal conforto como se fosse destinada a vós: certamente para todos aqueles que são

⁹³ ARCHER, John. *Comfort for beleivers about their sinnes & troubles in a treatise shewing that true beleivers, how weake soever in faith, should not be opprest, or perplexed in heart ... : together with divers other comfortable observations, ... given by Christ to his Apostles ... in John chap. 14, verses 1, 2, 3, 4 / by John Archer...* London: Printed for Benjamin Allen, and are to be sold at his shop ..., 1645.

⁹⁴ “(...) that God was in part the author of the sins of the godly. Archer had intended this to reassure church members troubled by their human frailties”. Tradução livre. CAPP, Bernard. ‘Archer, John (d. 1639)’, s.n.p.

crentes, (ou devem ser por um outro Discurso desse Autor sobre *João. 6. 35.* Ajudaram e encorajaram a acreditar) que é e será (como vosso dever, então) sua sabedoria para tomar esse conselho dado a eles por Cristo, e aqui docemente explicadas a eles, com o qual desejo eu vos deixo, e, para a benção de Deus⁹⁵.

Como Allen deixava claro em seu prefácio, as reflexões de Archer foram escritas exclusivamente para a leitura de colegas próximos a ele, e não para ter ampla circulação pela Inglaterra. A decisão de Benjamin Allen e dos amigos de Archer em imprimir o trabalho implicava em uma preparação do texto para que este fosse apresentado ao público. Ainda que o livreiro sugerisse que não tenham sido feitas muitas alterações nos escritos do ministro, a introdução de seu prólogo era, por si só, uma grande modificação do texto: de meditações, as palavras de Archer passavam à condição de tratado teológico. Antes manuscritas – para a leitura de um grupo restrito –, as reflexões do autor foram preparadas, revisadas, compostas, adornadas com cabeçalhos cheios de gravuras e letras capitulares decoradas, completadas com notas explicativas nas margens, impressas, costuradas e difundidas para qualquer inglês ou inglesa que se interessasse pelos seus pensamentos (ver figura 2). Com esse prefácio e com essa nova materialidade, que Benjamin Allen compusera e editara para o texto de Archer, o livreiro recontextualizava as reflexões do ministro, apresentando-as aos leitores de 1645, não apenas como pensamentos póstumos do autor, mas como um guia para as aflições e fragilidades humanas, tão necessário naquele momento turbulento.

⁹⁵ “This Author having some yeares before his death, written, and given to some of his friends, for their helpe, and comfort, some MEDITATIONS grounded upon *Iohn 14. 1, 2, 3, 4.* Many desiring they were printed, conceiving them profitable for the Saints and people of God; There coming to hand one of the Copies, and that of some things more enlarged then the first Copie was, (yet by the same Author to other friends) they are here presented to publique view, for a more generall good of the Saints and people of God. This Discourse is seasonable in this age, which is full of troubles, somewhat specially, (though always usefull to Saints) the scope and drift of it being to shew [how that beleivers should not be opprest, or perplexed in heart, by any thing what ever befall them, either in sinne, or affliction] which subject is profitably and comfortably opened; directing to the use of Faith for ones advantage in these cases greatly; and severall there pointed, some opened, some but named, which are worthy thy Meditations: Doe the worke this right; as to conceive, had it been intended for the Presse, it might have been much intended for the Presse, it might have been much otherwayes writ, but it was onely for speciall friends, and it is no purposely altered though mistakes may be, and some are, which be pleased to mend (haply some may hereafter.) And if in this Discourse some thing at first view seeme strange to thee, (it being exprest perhaps in too plaine termes to passe with many,) yet neglect in not, nor judge rashly, but seriously consider the truth, and take the distinctions and directions given, that so thy faith (in all points) may be directed, to setch in, by acting of it, such comfort as is intended to thee: surely for all those who are beleivers, (or shall be by another Discourse of this Authors upon *Ioh. 6. 35.* helped and incouraged to believe) it is and will be (as their dutie, so) their wisdom to take in this counsel given to them by Christ, and here sweetly explained to them, with desire of which I leave thee, and it, to the blessing of God”. Tradução livre. ARCHER, John. *Op. cit.*, 1645.

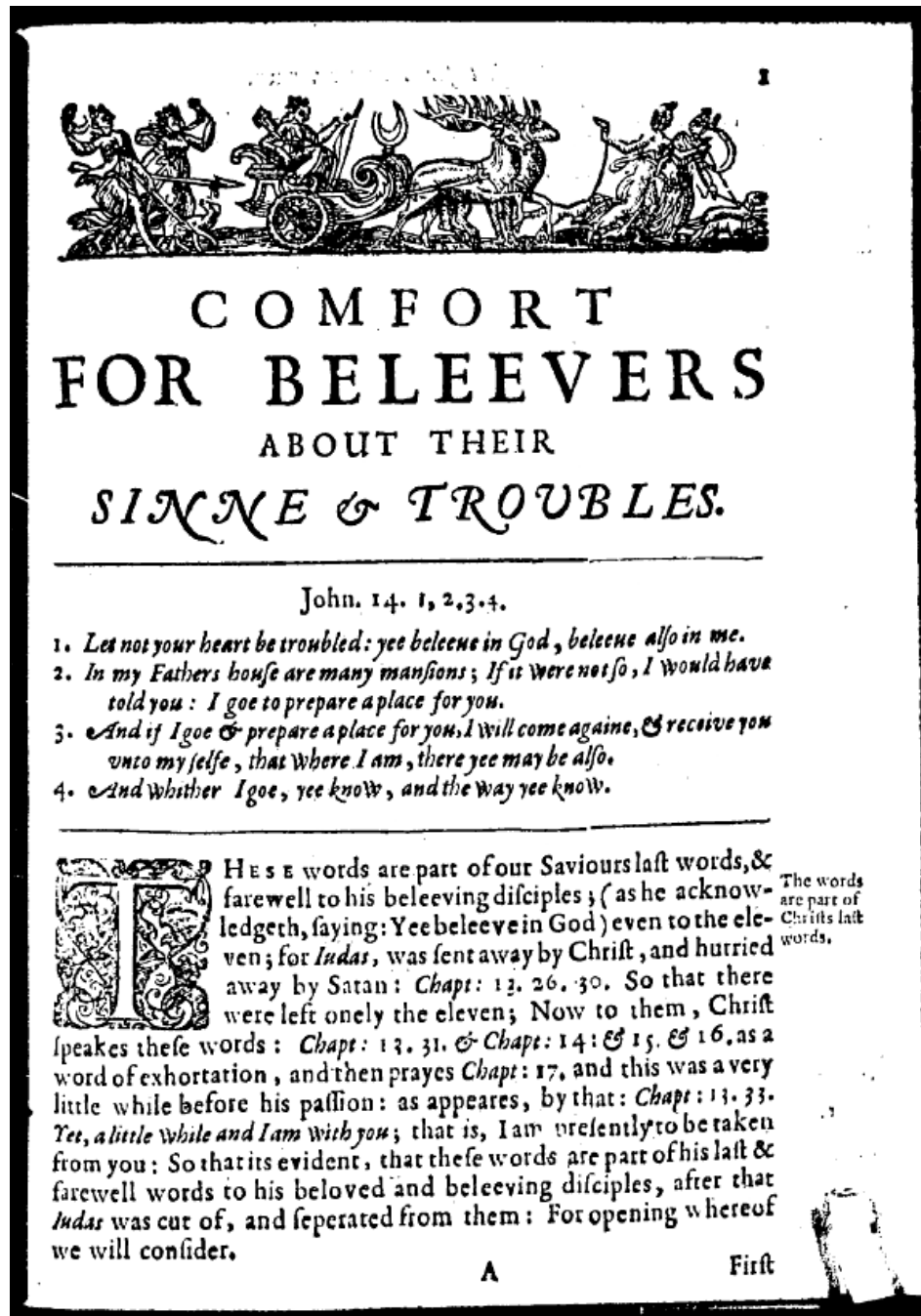


Figura 2: Página inicial do tratado *Comfort for beleevers about their sinnes & troubles* de John Archer (1645)⁹⁶.

A Assembleia de Westminster⁹⁷, no entanto, não considerou o texto como uma tentativa de findar as angústias dos crentes, mas sim como uma atitude blasfema, que justificava o pecado e atribuía a existência dessas fraquezas ao próprio Criador. Após examinar o texto, a

⁹⁶ ARCHER, John. *Op. cit.*, 1645. s.n.p.

⁹⁷ A chamada Westminster Assembly of Divines foi reunida entre 1643 e 1649 a fim de reorganizar a Igreja da Inglaterra.

Assembleia dirigiu-se ao Parlamento para requisitar que alguma medida censora fosse tomada contra a obra. O pedido de encaminhamento da Assembleia, registrado no *House of Lords' Journal* de 12 de junho de 1645, dizia que

Uma Mensagem foi trazida da Assembleia dos Teólogos; para dar a conhecer a suas Senhorias um Livro impresso, intitulado “*Comfort for Believers, about their Sins and Troubles*”; escrito por *John Archer*, Mestre em Artes, Pregador por algum tempo da *Allhallowes, Lumbard Street, Londres*, e impresso por *Benjamin Allen*, e para ser vendido na sua Loja, na *The Crowne*, em *Pope'shead Alley*. Este Livro, a Assembleia dos Teólogos apresenta a essa Câmara, como contendo uma Heresia horrível e blasfema; as Consequências portanto provarão ser muito perniciosas e prejudiciais para essa Igreja e Estado. O seu autor está morto: Portanto o Desejo da Assembleia é, de que alguma Manifestação pública da Repulsa desse Reino a tão blasfema Heresia seja feita; e que o Livro seja condenado da Maneira mais pública⁹⁸.

Não era o suficiente que essa polêmica teológica deixasse de circular, mas como apontado pela Assembleia, era necessário que ela fosse condenada de maneira pública pelo Parlamento, de forma a demonstrar a todos que *Comfort for beleevers* era uma obra abominável. O autor de tais heresias não poderia ser punido, já que havia falecido anos antes da publicação do título. O que era possível fazer, segundo as autoridades da Assembleia, era, então, manifestar publicamente seu repúdio pelas ideias expostas na obra. Decidiu-se que o livro seria queimado. De acordo com o *House of Lords' Journal*, declarava-se

- “1. Que o dito Livro seja queimado publicamente, pela Mão do Carrasco Comum.
- “2. Que o Impressor seja convocado, para saber como esse Livro foi impresso.
- “3. Que todos esses Livros sejam recolhidos, e proibidos de serem vendidos novamente; e que aqueles que tenham algum desses Livros em suas Mãos tragam-nos, sob uma Penalidade; e que todos os Estacionários e outros comprometam-se a não venderem mais nenhum deles.

⁹⁸ “A Message was brought from the Assembly of Divines; to acquaint their Lordships with a Book printed, intituled, ‘*Comfort for Believers, about their Sins and Troubles*; written by *John Archer*, Master of Arts, sometime Preacher of *Allhallowes, Lumbard Street, London*, and printed for *Benjamin Allen*, and are to be sold at his Shop, at *The Crowne*, in *Pope'shead Alley*’. This Book the Assembly of Divines presents to this House, as containing a horrid and blasphemous Heresy; the Consequences thereof will prove very mischievous and derogatory to this Church and State. The Author of it is dead: Therefore the Desire of the Assembly is, that some public Manifestation of this Kingdom's Detestation of so blasphemous an Heresy be made; and that the Book may be damned in the most public Manner”. Tradução livre. “House of Lords Journal Volume 7: 12 July 1645”. In: *Journal of the House of Lords*: volume 7: 1644 (1767-1830). p. 494.

“4. Que a Repulsa dessa Heresia seja publicada; e que a Assembleia dos teólogos seja desejosa de elaborar uma, e apresentar a mesma a essa Câmara⁹⁹.”

Nas quatro determinações, o Parlamento proclamava o recolhimento de todos os exemplares da obra, a sua queima pública, a produção de uma nota de repúdio ao título e o exame do impressor, isto é, um de seus produtores materiais para averiguar como a obra foi produzida. O nome do tipógrafo não figura o frontispício de *Comfort for beleevers* e nenhum outro documento acerca da investigação foi encontrado para identificarmos quem cooperou com Benjamin Allen na confecção do texto. As mesmas questões do *House of Lord's Journal* foram impressas e publicadas em uma nota de repúdio da Assembleia, lançada em 25 de julho de 1645. O documento anunciava a rejeição ao texto e o evento da queima pública¹⁰⁰. Embora os produtores materiais do livro tivessem sido convocados para o exame da obra, não há menção a qualquer punição contra o livreiro, isto é, ele não parece ter pago multas ou ter sido preso pela publicação do título. No entanto, ele foi punido pelas autoridades quando suas cópias de *Comfort for beleevers* foram apreendidas para serem queimadas publicamente, gerando algum prejuízo aos negócios da livraria.

Queimar livros considerados heréticos era uma prática comum de censura pós-publicação na Europa. Mesmo que o sistema de licenciamento estivesse falho desde o início das Guerras Civis, isso não significava que o aparelho de censura inteiro fora destruído¹⁰¹. Se decretos parlamentares sobre a censura pré-publicação não poderiam parar a disseminação de panfletos radicais, ações posteriores poderiam ser mais eficazes. De fato, como observado por Ariel Hessayon, a queima de livros parecia ser uma solução usual para lutar contra a crescente imprensa radical, e para mostrar descontentamento oficial com textos dissidentes¹⁰².

⁹⁹ ““1. That the said Book shall be publicly burnt, by the Hand of the Common Hangman.

“2. That the Printer be sent for, to know how this Book came to be printed.

“3. That all these Books shall be called in, and forbidden any more to be sold; and that those that have any of these Books in their Hands shall bring them in, under a Penalty; and that all Stationers and others are enjoined to sell no more of them.

“4. That a Detestation of this Heresy be published; and that the Assembly of Divines be desired to draw one, and present the same to this House”. Tradução livre. “House of Lords Journal Volume 7: 12 July 1645”. In: *Journal of the House of Lords: volume 7: 1644 (1767-1830)*. p. 494.

¹⁰⁰ Westminster Assembly of Divines. *A short declaration of the Assembly of Divines, by way of detestation of this abominable and blasphemous opinion, that God is, and hath an hand in, and is the author of the sinfulness of his people; mentioned in a book intituled, Comfort for believers, about their sins and troubles. Together with the orders of both Houses of Parliament for the burning of the said book by the hand of the common hangman*. London: Printed by Iohn Field for Ralph Smith, at the Signe of the Bible in Cornhill, neer the Royall Exchange, July 25. 1645.

¹⁰¹ MCELLIGOTT, Jason. “Introduction”. In: KEMP, Geoff; MCELLIGOTT, Jason (eds.). *Op. cit.*, Vol. 2. MCELLIGOTT, Jason. “The Book Trade, Licensing, and Censorship”. In: KNOPPERS, Laura (ed.). *Op. cit.*

¹⁰² HESSAYON, Ariel. “Incendiary texts: book burning in England, c.1640-c.1660”. *Chromos*, 12, 2007.

Essas queimas eram arquitetadas como espetáculos públicos, preparados para assustar e espantar aqueles que as assistiam. Hessayon observa que os espaços escolhidos para essas práticas eram grandes, abertos e públicos, nos quais muitas pessoas transitavam, como as regiões de Cheapside, Smithfield e Old Exchange, e os jardins da St. Paul's Cathedral no seio da City. Westminster e Southwark também foram palcos de queimas de livros, assim como, fora de Londres, as Universidades de Oxford e de Cambridge também foram cenários para esses eventos. Outro aspecto essencial da teatralidade desse costume estava no uso dos carrascos para a destruição dos livros, como ocorreu no caso da queima de *Comfort for beleivers*. Os carrascos passaram a participar da prática a partir de 1634 e, na década de 1640, sua presença se tornou importante para chocar e assombrar os espectadores do evento¹⁰³.

Como Robert Darnton nota, contudo, nem todos os textos controversos sofriam esse tipo de penalidade na Europa Moderna, pois as autoridades “(...) sabem não haver nada melhor que um auto-de-fé para transformar um livro em tremendo sucesso”¹⁰⁴. Essa forma de perseguição à literatura sediciosa ampliava o interesse dos leitores sobre ela e, frequentemente, fazia com que as vendas sobre os textos proibidos fossem cada vez maiores. Isso não significava, no entanto, que os censores não agissem por meio de outros mecanismos, que lhes permitissem refrear a circulação de textos controversos. Uma dessas formas era o licenciamento prévio, mas como indicado por Jason McElligott, este não causava problemas para os agentes do livro, pois o órgão que examinava os registros era a Stationers' Company, ou seja, os membros do mercado do livro eram os censores de seus próprios colegas de profissão. Muitas vezes, isso fazia com que os licenciadores não fossem tão rígidos em suas avaliações¹⁰⁵.

Além disso, cabe ressaltar que as leis de licenciamento não preveniam a produção da literatura sediciosa, mas funcionavam como um aviso de cautela. De modo geral, os estacionários não eram punidos apenas por infringir esse regulamento, mas sim por publicar algo que não estivesse em conformidade com as leis do Estado. Em 1643, o Parlamento promulgou um ato que não apenas reforçava a lei de registros, como proibia textos libelistas,

¹⁰³ HESSAYON, Ariel. “Incendiary texts: book burning in England, c.1640-c.1660”, 2007. p. 10.

¹⁰⁴ DARNTON, Robert. *Edição e Sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.15.

¹⁰⁵ MCELLIGOTT, Jason. “The Book Trade, Licensing, and Censorship”. In: KNOPPERS, Laura (ed.). *Op. cit.*, p.143. MCELLIGOTT, Jason. “Introduction”. In: KEMP, Geoff; MCELLIGOTT, Jason (eds.). *Op. cit.*, Vol.2. p.XVI.

sediciosos e escandalosos que afrontassem a religião e o governo¹⁰⁶. Ainda que essa definição pareça bastante ampla, as autoridades procederam, mais efetivamente e frequentemente, contra a imprensa regalista. Por exemplo, os periódicos monarquistas foram reprimidos, ao passo que os jornais ligados aos parlamentares se consolidaram¹⁰⁷. Foi nesse momento que impressos como *A perfect diurnall of the passages in Parliament* (1642-1655, 1659), *Mercurius Britanicus* (1643-1646) e *Perfect Occurances* (1644-1649) ganharam força¹⁰⁸.

Assim, como demonstra McElligott, a censura costumava operar nos casos de questões políticas e religiosas controversas, utilizando para isso a “(...) flexível lei comum de libelos, que incluía [as categorias de] libelo criminoso, libelo blasfemo e libelo sedicioso. As ofensas mais sérias poderiam ser caracterizadas como traidoras, e processadas como tal”¹⁰⁹. A publicação de *Comfort for beleivers*, provavelmente, foi compreendida dentro dessa concepção de um libelo blasfemo ou herético.

Com exceção desse caso da queima das cópias da obra teológica de John Archer, Allen não esteve envolvido em outras polêmicas no comércio livreiro. Elencamos três razões principais para isso. Primeiramente, é preciso lembrar que Allen publicou mais ativamente em um período no qual houve maior afrouxamento das práticas de controle, em especial daquelas ligadas ao licenciamento prévio. Isso pode ter facilitado a produção e a circulação de seus títulos, sem que grandes problemas afetassem seus negócios ou lhe causassem prejuízos, multas e outros desentendimentos com a Stationers’ Company e/ou com as autoridades governamentais.

Em segundo lugar, Benjamin Allen parece ter sido um livreiro bem relacionado com personagens importantes da Stationers’ Company, o que pode ter lhe garantido menos riscos. Exemplo disso era sua relação com seu antigo mestre, John Bellamy, que possuía importantes

¹⁰⁶ England and Wales. Parliament. *An order of the Lords and Commons assembled in Parliament. For the regulating of printing, and for suppressing the great late abuses and frequent disorders in printing many false, scandalous, seditious, libellous and unlicensed pamphlets, to the great defamation of religion and government. Also, authorizing the masters and wardens of the Company of Stationers to make diligent search, seize and carry away all such books as they shall finde printed, or reprinted by any man having no lawfull interest in them, being entred into the hall book to any other man as his proper copies. Die Mercurii. 14 June. 1643. Ordered by the Lords and Commons assembled in Parliament, that this order shall be forthwith printed and published. J. Brown Cler. Parliamentorum: Hen. Elsing Cler. D. Com.* London: printed for I. Wright in the Old-baily, Iune 16. 1643.

¹⁰⁷ Ver MCELLIGOTT, Jason. *Royalism, Print and Censorship in Revolutionary Press*. Woodbridge: The Boydell Press, 2007.

¹⁰⁸ NELSON, Carolyn; SECCOMBE, Matthew. “The creation of periodical press 1620-1695”. In: BARNARD, John; MCKENZIE, D.F.; BELL, Maureen (eds.). *Op. cit.*,

¹⁰⁹ “(...) flexible common law of libel, which included criminal libel, blasphemous libel, and seditious libel. The most serious offences could be categorized as treasonous, and proceeded against as such”. Tradução livre. MCELLIGOTT, Jason. “Introduction”. In: KEMP, Geoff; MCELLIGOTT, Jason (eds.). *Op. cit.*, Vol.2. p.XVI.

ligações com o Parlamento e com a Companhia¹¹⁰. Além de Bellamy e Allen terem compartilhado registros de alguns impressos, eles também estavam juntos em um comitê, da Stationers' Company, responsável pelas discussões e negociações a respeito da impressão oficial de Bíblias e do desenvolvimento do *Bible Stock*¹¹¹ entre 1644 e 1646¹¹². Certamente, essas parcerias e relações com livreiros como Bellamy podem ter sido fundamentais para que Allen não tivesse se envolvido em grandes problemas com as autoridades britânicas.

Por fim, não podemos esquecer que, com exceção de *Comfort for beleivers*, os títulos do livreiro não costumavam oferecer grande perigo às autoridades em disputa, uma vez que Allen não publicava obras polêmicas. Essa cautela com o conteúdo de seus textos não quer dizer que Benjamin Allen não tenha contribuído para os debates do momento. Ele o fez, sobretudo, por meio de seus títulos noticiosos, das suas petições e de suas obras milenaristas que visavam compreender aquela época de incertezas. É provável que o livreiro tivesse optado em não arriscar seu negócio com a venda de polêmicas que, apesar de lucrativas, poderiam causar grandes infortúnios. Naqueles primeiros anos das querelas, nada estava decidido. Poderia ser imprudente publicar reflexões declaradamente a favor do Parlamento e, posteriormente, ser punido por traição contra o rei; assim como poderia ser comprometedor apoiar o monarca e, depois, se desentender com os parlamentares e outras autoridades. Suas escolhas no mercado livreiro, conseqüentemente, pareciam se basear em suas percepções acerca do que ocorria em Londres naqueles anos turbulentos.

Tais cuidados fizeram com que Benjamin Allen não tivesse outras complicações ao longo da década de 1640 e, no mesmo ano da queima pública de *Comfort for beleivers*, ele continuou publicando tratados religiosos, em especial, milenaristas, sem que isso lhe rendesse outro problema. Em março de 1645, o livreiro já havia lançado a primeira parte do longo estudo de William Greenhill, intitulado *An exposition of the five first chapters of the prophet Ezekiel*, cujas análises aproximavam o conturbado momento vivido pela Inglaterra das

¹¹⁰ COMO, David R. *Op. cit.*, p.826. BLAGDEN, Cyprian. *Op. cit.*, 1958, p.10.

¹¹¹ A partir do início dos anos 1640, a importação de Bíblias cresceu, prejudicando o comércio interno desses Livros. A Stationers' Company, então, em 1644, enviou uma petição à Câmara dos Comuns, pedindo permissão para editar e imprimir uma nova versão comentada da Bíblia, pautada na edição de 1611. As negociações foram encabeçadas por um comitê eleito nos anos 1640 no Stationers' Hall, composto por alguns membros tais como John Bellamy, Thomas Underhill, George Thomason, and Benjamin Allen, que integrava o grupo na condição de assistente. O *Bible Stock* foi, então, fundado. No entanto, o privilégio da Companhia de imprimir o Livro Sagrado logo entrou em colapso, com a ascensão de Cromwell. RAVEN, James. *Op. cit.*, p.77. MCMULLIN, B. J. "The Bible Trade". In: BARNARD, John; MCKENZIE, D. F.; BELL, Maureen (eds.). *Op. cit.*, p.465. BLAGDEN, Cyprian. *Op. cit.*, 1958.

¹¹² "Court Book C (1602 to 1654)". In: BL, *Record of the Stationers' Company, 1554-1920*, M985/1-96, n. 56. Microfilme. pp.204, 205, 217b, 218b-219b, 223-223b, 229-229b.

profecias apocalípticas. No texto, Greenhill sugeriria que um “partido maligno” atormentara os judeus da mesma maneira que um novo “partido maligno” prejudicava os ingleses. Para Richard Greaves, a consideração de Greenhill poderia ser compreendida por qualquer leitor atento como uma crítica aos monarquistas, comumente identificados pelos parlamentaristas como um “partido do Anticristo”¹¹³.

Ao mesmo tempo em que depreciava a monarquia Stuart, Greenhill todavia também dedicara seu trabalho à princesa Elizabeth, segunda filha de Carlos I e Henriqueta Maria. A jovem que aprendera latim, francês, hebraico, italiano e grego, antes de completar oito anos de idade, chamava atenção por sua situação de isolamento. Ela havia sido prometida ao filho do príncipe de Orange, mas com o colapso da autoridade Stuart em 1642, sua irmã mais velha casou-se com ele. Ela deixou a Inglaterra junto com a irmã, enquanto os pais estavam no meio do conflito com o Parlamento. Ela nunca mais os viu. Com uma reputação marcada por seus conhecimentos, sua melancolia e sua solidão, muitos personagens se interessaram por ela¹¹⁴. Esse parece ter sido o caso de Greenhill, que declarava admiração à princesa, e oferecia a ela seu tratado para guiá-la em suas orações¹¹⁵. Além de elogiar determinados personagens, as dedicatórias eram paratextos fundamentais que tinham funções sociais. Oferecer um título a alguém importante, como a um membro da família real, demonstrava a submissão do autor às autoridades. Paralelamente, essas dedicatórias aos monarcas podiam simbolizar uma relação de proteção ou de mecenato, da qual o autor se beneficiaria¹¹⁶. Mas o que desejava Greenhill, ao dedicar seu trabalho a uma princesa exilada? Por um lado, seu gesto poderia demonstrar alguma lealdade à monarquia. Em 1645, ano de publicação de *An exposition of the five first chapters of the prophet Ezekiel*, a dinastia Stuart ainda não tinha sido vencida pelo Parlamento nos conflitos civis, portanto, poderia ser prudente não publicar algo que pudesse ser entendido como uma traição. A dedicatória, contudo, também poderia assumir um tom dúbio se atentarmos para o nome da princesa: Elizabeth. Talvez Greenhill associasse sua imagem à da

¹¹³ GREAVES, Richard L. ‘Greenhill, William (1597/8–1671)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [http://www.oxforddnb.com/view/article/11429, accessed 14 April 2015].

¹¹⁴ GOODWIN, Gordon. ‘Elizabeth, Princess (1635–1650)’, rev. Sean Kelsey, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [http://www.oxforddnb.com/view/article/8637, accessed 12 Sept 2015].

¹¹⁵ GREENHILL, William. *Op. cit.*, 1645. “To the Excellent Princesse, And most hopefull Lady, The Princesse Elizabeth Her Highnesse”. s.n.p.

¹¹⁶ GENETTE, Gérard. *Op. cit.*, p.109-124. CHARTIER, Roger. “Poder y escritura: el príncipe, la biblioteca y la dedicatoria (siglos XVI-XVII)”. *Manuscripts*, 14, 1996, pp.193-211.

rainha protestante Elizabeth Tudor, depositando na jovem as esperanças de acabar com o papismo de Carlos I e do arcebispo William Laud.

Assim, o texto adquiria um caráter ambíguo, embora tecesse críticas ao governo, a dedicatória elogiosa à princesa fazia com que as reflexões de Greenhill não assumissem o sentido de um texto declaradamente antimonarquista. Talvez por essa razão, Benjamin Allen não tenha sofrido quaisquer reprimendas com relação à sua publicação. Cabe lembrar, ainda, que a obra não confrontava o Parlamento. Na verdade, o tratado acabava justificando alguns dos posicionamentos dos MPs como ações benevolentes contra o “partido do Anticristo”. Desta maneira, *An exposition of the five first chapters of the prophet Ezekiel* também não desagradava às autoridades parlamentares.

Ao mesmo tempo, o providencialismo do título era reforçado por uma segunda dedicatória, a qual era destinada a todos aqueles que desejavam a verdade, sobretudo os autores e apoiadores dos sermões nas paróquias londrinas. Nesta, Greenhill abordava a complexidade da elaboração dos prognósticos. Segundo ele, todas as artes e ciências possuíam obstáculos, isso incluía a teologia, pois, “(...) Deus misturou as Escrituras sagradas com algumas *dificuldades*”¹¹⁷. O Senhor escondera algumas verdades e era preciso que os cristãos soubessem buscá-las. Na introdução do trabalho, Greenhill acrescentava que era necessário procurar os indícios de verdade, inquirindo os livros bíblicos, comparando passagens das Escrituras, considerando as circunstâncias vividas, e discernindo sobre a verdade e a espiritualidade contidas nos textos. Também cabia ao exegeta, explicar e aplicar as palavras de Deus, atentando não apenas para a literalidade do texto sagrado, mas também para as suas interpretações¹¹⁸.

Benjamin Allen terminou seus dias vendendo títulos milenaristas como o de Greenhill, que encontravam nas Escrituras orientações para justificar o contexto revolucionário, ao mesmo tempo em que tentavam compreender quais seriam os próximos passos de Deus. Esse era o caso de textos como o sermão do ministro independentista Peter Sterry e um tratado teológico póstumo do separatista Francis Johnson, lançados em 1645, ou uma discussão de

¹¹⁷ “(...) God hath intermixt the holy Scriptures with some *difficulties*”. Tradução livre. *Idem*. GREENHILL, William. *Op. cit.*, 1645. “To all Wel-willers of Truth; Especially to the Authors and Fautors of the Expository Lectures in this Citie”. s.n.p.

¹¹⁸ *Idem*, p.1-2.

Nathanael Holmes acerca do batismo infantil, e outros trabalhos de John Spilsbery e do independentista Nicholas Lockyer, publicados em 1646¹¹⁹.

1.4. Uma livraria herdada

Pouco depois, as atividades de Benjamin Allen cessaram. O livreiro faleceu em 14 de maio de 1646, deixando todos os seus bens, incluindo a livraria, aos seus familiares¹²⁰. Allen, por meio de seu testamento, tornou sua esposa, Hannah Allen, sua herdeira principal, passando a loja e todas as suas posses para a viúva, isso incluía todos os seus registros na Stationers' Company, os seus materiais, e o seu aprendiz, no caso, o jovem Livewell Chapman¹²¹. Os dois filhos do casal, Benjamin – nascido em 1635¹²² –, e uma menina – sobre a qual não encontramos quaisquer informações –, também foram mencionados no testamento como herdeiros do dinheiro acumulado pelo livreiro durante seus anos de trabalho. Ambos os filhos e sua esposa receberiam uma herança de £250 a £300¹²³, dependendo de quanto dinheiro Benjamin Allen tivesse acumulado até o dia de sua morte, para dividirem entre si, o que sugere que a Crown prosperava naquele momento¹²⁴.

Mesmo sem ter publicado muitos textos em seu nome, Benjamin Allen foi capaz de administrar seus negócios cuidadosamente, sem nunca depender de pensões ou empréstimos

¹¹⁹ STERRY, Peter. *Op. cit.*, 1645. STERRY, Peter. *Op. cit.*, 1646. JOHNSON, Francis. *A brief treatise, containing some grounds and reasons against two errors of the Anabaptists: I. The one, concerning baptisme of infants. II. The other, concerning Anabaptisme of elder people.* By Francis Johnson, pastor of the exiled English Church at Amsterdam. London: printed by M.S. for B. Allen, and are to be sold at his shop, at the Crown in Popes-head Alley, 1645. HOLMES, Nathanael. *A vindication of baptizing beleivers infants. In some animadversions upon Mr. Tombes his Exercitations about infant baptisme; as also upon his Examen, as touching the antiquities and authors by him alledged or contradicted that concern the same. Humbly submitted to the judgement of all candid Christians, by Nathanael Homes. Published according to order.* London: Printed by M. Simmons, and are to be sold by Benjamin Allen at the signe of the Crowne in Popes-head Alley, 1646. SPILSBERRY, John. *Gods ordinance, the saints priviledge. Discovered and proved in two treatises. The first, the saints interest by Christ in all the priviledges of grace: wherein their right to the use of baptisme, and the Lords supper, even now during the reign of Antichrist, is cleared; and the objections of those that oppose the same, are answered.* London: Printed by M. Simmons for Benjamin Allen, and are to be sold at his shop at the Crowne in Popes-head-Alley, 1646. LOCKYER, Nicholas. *Op. cit.*, 1646.

¹²⁰ LMA, *St. Botolph Bishopsgate*, baptisms 1628-1653, marriages 1629-1677, burials 1628/9-1653. P69/BOT4/A/001/MS04515, Item 002.

¹²¹ Livewell Chapman, nascido em Londres, filho do falecido escrivão Edward Chapman, fora registrado como aprendiz por Benjamin Allen em 06/11/1643. Antes dele, o livreiro teve um outro aprendiz na década de 1630, John Sweeting. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Op. cit.*, 1961. p.34. MCKENZIE, D. F. (ed.). *Op. cit.*, 1974. p.2.

¹²² LMA, *St. Olave Hart Street*, Register of baptisms, 1631-1706/7. P69/OLA1/A/004/MS28868.

¹²³ Nos valores atuais, a herança deixada por Benjamin Allen seria equivalente entre cerca de £21.450,00 e £25.740,00. Tal soma poderia comprar, por exemplo, de 39 a 47 cavalos, ou pagar 3.571 a 4.285 diárias de um trabalhador do setor de construção civil. Informações obtidas por meio do website do *National Archives*: <www.nationalarchives.gov.uk>, acessado em 03/04/2015.

¹²⁴ PROB 11/196/157.

da Companhia. A sua cautela quanto ao conteúdo dos textos também foi importante para o desenvolvimento de sua livraria, pois evitava prejuízos, multas e apreensões de títulos e/ou materiais. Allen conseguiu, assim, aproveitar o momento de agitação política e social para vender obras que interessavam ao público ansioso por notícias e interpretações acerca dos eventos da Revolução Inglesa. Seus panfletos, presumivelmente, circularam amplamente por Londres, permitindo que o livreiro deixasse uma soma considerável para sua família.

Nos seus 14 anos à frente da Crown, Benjamin Allen conseguiu tornar sua livraria bem-sucedida, o que permitiu que Hannah Allen herdasse um negócio bem estabelecido, que detinha alguns títulos lucrativos – como o tratado de Greenhill, que foi reeditado pela viúva algumas vezes –, registros e boas relações comerciais e editoriais com outros estacionários. Além de Benjamin Allen ter trabalhado constantemente com John Bellamy, ele também teve uma importante interlocução com Matthew Simmons, John Rothwell e Henry Overton, que foram frequentes parceiros da livraria nos anos subsequentes. Simmons, Overton e Rothwell costumavam produzir títulos em conjunto e Benjamin Allen passou a integrar essas parcerias a partir dos anos 1640¹²⁵. Essa rede editorial e comercial provavelmente facilitou a obtenção de registros na Stationers' Company, bem como minimizou os gastos de produção e preveniu as chances de ter prejuízos. Isso foi importante não apenas para Benjamin Allen, mas para a continuidade das atividades da Crown, pois sua esposa manteve esses contatos para produzir e vender títulos radicais religiosos ao longo da segunda metade da década de 1640.

De fato, as redes de comércio – facilitadas pelas conexões dentro da Stationers' Company e pelos laços familiares –, os registros de cópias e os materiais herdados pela viúva auxiliaram-na a administrar a Crown e a desenvolver seus negócios. Entretanto, é preciso destacar que Hannah Allen não operou no mercado livreiro apenas a partir do que Benjamin Allen já havia construído. Mais do que isso, ela organizou suas atividades livreiras com autonomia, tornando-se uma importante produtora e difusora da literatura radical religiosa em meados da década de 1640. Tendo isso em vista, no próximo capítulo, analisamos como a livreira viúva trabalhou na Crown, levando em consideração as particularidades de suas atividades editoriais e suas relações com as comunidades independentistas londrinas.

¹²⁵ Ver títulos compartilhados entre as obras lançadas pelo livreiro nos Anexos.

CAPÍTULO 2: SERMÕES E PROFECIAS ENTRE O PÚLPITO E A PRENSA: HANNAH ALLEN E OS INDEPENDENTISTAS DE ALLHALLOWS THE GREAT (1646-1651)

“Dispersar Livros sediciosos é muito semelhante a suscitar Tumultos; eles são como Irmão e Irmã: Suscitar Tumultos é mais Masculino; e Imprimir e Dispersar livros Sediciosos, é a parte Feminina de toda Rebelião”¹. Sir William Morton, *An Exact Narrative of the Tryal of John Twyn...* (1664).

A passagem acima foi proferida durante o julgamento dos livreiros Giles Calvert e Thomas Brewster, do impressor Simon Dover e dos encadernadores Nathan Brooks e George Thresher em 1664². No processo, os agentes do livro eram acusados de terem produzido e vendido obras escandalosas e sediciosas, que atentavam contra a monarquia. Uma das autoridades presentes, o juiz e político Sir William Morton³, associou, então, a prática de dispersão de impressos sediciosos ao gênero feminino. Sua colocação relacionava-se a uma metáfora bastante frequente na Inglaterra da Época Moderna, que comparava a reprodução mecânica à humana, articulando, assim, a impressão ao ato sexual e à concepção. A impressão, que multiplicava os textos, era tal como a mulher que dava à luz às crianças, os textos eram como filhos, e os *imprints* como uma declaração de paternidade do autor sobre sua obra⁴.

¹ “Dispersing seditious Books is very near a-kin to raising of Tumults; they are as like as Brother and Sister: Raising of Tumults is the more Masculine; and Printing and Dispersing Seditious books, is the Feminine part of every Rebellion”. Tradução livre. *An exact narrative of the tryal and condemnation of John Twyn, for printing and dispersing of a treasonable book, with the tryals of Thomas Brewster, bookseller. Simon Dover, printer. Nathan Brooks, bookbinder, for printing, publishing, and uttering of seditious, scandalous, and malicious pamphlets. At Justice-Hall in the Old-Bayly London, the 20th. and 22th. of February 1663/4. Published by authority.* London: printed by Thomas Mabb for Henry Brome at the Gun in Ivy-lane, 1664. p.50.

² Tratamos sobre o caso no Capítulo 4.

³ MAGNOTTA, Mary S. Redd. ‘Morton, Sir William (bap. 1605, d. 1672)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [http://www.oxforddnb.com/view/article/19377, accessed 8 Sept 2015].

⁴ BROOKS, Douglas A. “Introduction”. In: BROOKS, Douglas A. (ed.). *Printing and Parenting in Early Modern England*. Surrey: Ashgate, 2005. p.3. GRAZIA, Margreta de. “Imprints: Shakespeare, Gutenberg, and Descartes”. In: BROOKS, Douglas A. (ed.). *Op. cit.*, p.34. CLEGG, Cyndia. “Checking the Father: Anxious Paternity and Jacobean Press Censorship”. In: BROOKS, Douglas A. (ed.). *Op. cit.*, p.297.

Morton, no entanto, não se referiu à dispersão de qualquer título em geral, mas em especial dos sediciosos. A comparação dizia respeito a uma ideia contemporânea de que as mulheres eram mais traiçoeiras e lascivas do que os homens e, por isso, mais suscetíveis à sedição e à heresia. As mulheres, tais como os panfletos controversos, podiam representar um risco para a sociedade. Isso era especialmente preocupante no caso daquelas que faziam parte de seitas religiosas, pois seu comportamento – tido como herético pelos presbiterianos ortodoxos – poderia provocar a ira de Deus e causar punições em toda a sociedade, tais como doenças, loucura e morte⁵.

Muitas delas ingressavam em comunidades religiosas sectárias porque ali desfrutavam de maior liberdade, sobretudo durante a Revolução Inglesa. Nesses grupos, as mulheres eram consideradas iguais aos homens espiritualmente. Não obstante, essa igualdade não se estendia para a pregação e para os assuntos da igreja. Certas congregações negavam a possibilidade das fiéis falarem publicamente e, por essa razão, várias mulheres denunciaram a situação, buscando argumentar em favor de sua capacidade para pregar e discutir publicamente as questões ligadas à fé e à igreja. Como demonstrado por Rachel Adcock, mesmo assim, muitas mulheres encontravam maneiras de participar ativamente dos grupos nos quais circulavam⁶.

Algumas delas tornavam suas ideias públicas por meio da imprensa, divulgando suas profecias, comentários e análises bíblicas, mas ainda assim o número de textos publicados por mulheres era bastante pequeno. Entre 1616 e 1620, por exemplo, apenas 12 títulos entre os 2240 textos lançados nesse período foram escritos por mulheres. Contudo, essa situação mudou com a eclosão das Guerras Civas. Como pode ser visto no gráfico 6, de Patricia Crawford, a Revolução Inglesa foi um período fundamental para a publicação feminina. Nas décadas precedentes aos conflitos, o número de primeiras edições lançadas por mulheres não ultrapassava a marca de oito títulos. Nos anos 1640, o número subiu para pouco mais de 40, e no decênio seguinte, atingiu 69 textos. Se contarmos as reedições, essas marcas foram ainda mais altas⁷.

⁵ ADCOCK, Rachel. *Baptist Women's Writings in Revolutionary Culture, 1640-1680*. Surrey: Ashgate, 2015. p.5, 29.

⁶ *Idem*, p.8-9.

⁷ CRAWFORD, Patricia. "Women's published writings 1600-1700". In: PRIOR, Mary. *Women in English Society 1500-1800*. London: Routledge, 2005. p.158-160.

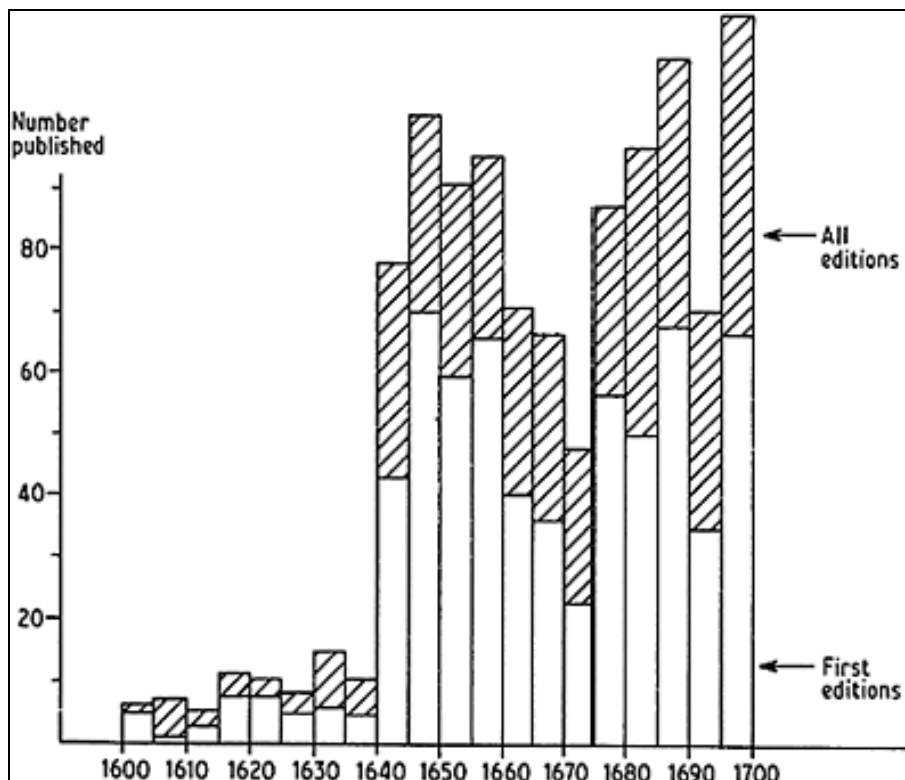


Gráfico 6: Gráfico sobre a frequência das publicações femininas (primeiras edições e reedições) ao longo do século XVII, elaborado por Patricia Crawford⁸.

Essas publicações eram, sobretudo, oriundas de sectárias religiosas, que continuamente lançavam versões impressas de suas visões e profecias. As Quakers, por exemplo, publicaram cerca de 20% dos títulos lançados por mulheres em todo o século XVII. Embora as mulheres do Antigo Regime enfrentassem restrições quanto à possibilidade de exporem seus pensamentos publicamente, elas desfrutavam de certa autoridade espiritual quando profetizavam, isto é, enquanto receptoras das palavras de Deus, as mulheres podiam expressar suas visões⁹. Exemplos disso são os textos proféticos de autoras como Anna Trapnel¹⁰, Mary

⁸ CRAWFORD, Patricia. "Women's published writings 1600-1700". In: PRIOR, Mary. *Op. cit.*, p.159.

⁹ MACK, Phylis. *Visionary Women: Ecstatic Prophecy in Seventeenth-Century England*. Berkley/Los Angeles: University of California Press, 1994. p.107.

¹⁰ Trapnel foi uma profetisa pentamonaquista que, nas décadas de 1640 e 1650 teve diversas visões a respeito dos desígnios de Deus para a Inglaterra. Por suas críticas ao governo de Oliver Cromwell, ela acabou presa em diversas ocasiões. Seus prognósticos tornaram-se bastante conhecidos na Inglaterra, em especial pelas publicações realizadas desde 1654. DAVIES, Stevie Davies. 'Trapnel, Anna (fl. 1642–1660)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/38075>, accessed 26 Dec 2015].

Cary¹¹ e Jane Lead¹². Além disso, algumas mulheres se envolveram nas polêmicas e nos debates políticos, por meio de outros textos impressos, em especial, de petições endereçadas ao Parlamento¹³.

Outras mulheres participaram das discussões político-religiosas imprimindo, editando, publicando e vendendo textos impressos. Maureen Bell cita diversas tipógrafas, livreiras e encadernadoras que estiveram fortemente ativas no contexto revolucionário, como Gertrude Dawson¹⁴, Mary Simmons¹⁵, Elizabeth Calvert¹⁶ e Hannah Allen. Apesar dos constrangimentos que podiam ser impostos à atuação feminina, todas essas mulheres encontraram formas de produzir e comercializar inúmeros títulos, que inflamaram os debates ocorridos entre 1640 e 1660¹⁷. Esse capítulo se concentra na experiência de Hannah Allen, buscando compreender quais estratégias editoriais e comerciais eram operadas pela livreira em suas publicações de obras radicais religiosas.

¹¹ Mary Cary foi um profetisa também associada aos Homens da Quinta Monarquia, cujas visões acerca do Fim dos Tempos identificavam a esperada conversão dos judeus em 1656 e o retorno de Jesus Cristo em 1701. CAPP, Bernard. Bernard. 'Cary, Mary (b. 1620/21)', rev. *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [http://www.oxforddnb.com/view/article/37266, accessed 26 Dec 2015].

¹² Depois de sofrer uma crise espiritual, Jane Lead passou a estudar a Bíblia detalhadamente. Nos anos 1640, ela se aproximou de correntes milenaristas radicais. Embora seu marido também fosse um homem religioso, Lead considerava-o um empecilho que não lhe permitia cumprir os deveres que Deus lhe atribuía. Ela apenas publicou suas reflexões milenaristas na década de 1680, alguns anos após a morte do esposo. BOWERBANK, Sylvia. 'Lead, Jane (1624–1704)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [http://www.oxforddnb.com/view/article/16231, accessed 26 Dec 2015].

¹³ CRAWFORD, Patricia. "Women's published writings 1600-1700". In: PRIOR, Mary. *Op. cit.*, p.159.

¹⁴ Gertrude Dawson foi uma tipógrafa londrina que sucedeu John Dawson em sua casa livreira em Aldergate Street, onde trabalhou entre 1649 e 1661. Ela possuía uma grande variedade de fontes, ornamentos e capitulares. Ao longo do contexto revolucionário, ela imprimiu diversos títulos para livreiros radicais, como Hannah Allen, Thomas Brewster, Giles Calvert e Livewell Chapman. PLOMER, Henry Robert. *Op. cit.*, p.63.

¹⁵ Mary Simmons era a esposa do importante impressor e livreiro Matthew Simmons. Após a morte do marido em 1654, ela continuou a administrar seus negócios até seu falecimento em meados de 1687. GADD, I. 'Simmons, Matthew (b. in or before 1608, d. 1654)'.

¹⁶ Elizabeth Calvert era a esposa do livreiro Giles Calvert. Ela foi extremamente ativa na livraria Black Spread Eagle, nos arredores da St. Pauls' Cathedral. Após a morte do marido em 1663, ela permaneceu vendendo obras radicais religiosas até sua morte em 1675. BELL, Maureen. 'Calvert, Elizabeth (d. 1675?)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Oct 2009 [http://www.oxforddnb.com/view/article/39670, accessed 21 April 2015]. PLOMER, Henry Robert. *Op. cit.*, p.42.

¹⁷ BELL, Maureen. "Woman writing and woman written". In: BARNARD, John; MCKENZIE, D.F.; BELL, Maureen (eds.). *Op. cit.*, p.440-442.

2.1. Relações familiares, redes livreiras e publicações radicais religiosas

Antes de se tornar a livreira responsável pela Crown, e antes de se casar com Benjamin Allen, Hannah Howes (ou Howse) já tinha ligações com o comércio livreiro¹⁸. Seu pai, Robert Howes, era um estacionário, que encerrou seu período de aprendizagem em 20 de abril de 1618, e começou a publicar em 1620¹⁹. Na década de 1630, ele também atuou como encadernador em uma oficina em Lombard Street²⁰ – próxima à Pope's Head Alley, onde, mais tarde, Benjamin Allen instalou seu negócio. No início dos anos 1640, Robert Howes esteve envolvido na publicação de literatura controversa²¹. Estima-se que esse não tenha sido um caso isolado, uma vez que há evidências para acreditar que a família Howes tivesse proximidade com vertentes religiosas consideradas sediciosas. Mario Caricchio sugeriu que os Howes tinham algum parentesco com o familista Edward Howes, que viveu na Nova Inglaterra. Caso esta hipótese esteja correta, os Howes teriam se envolvido com perspectivas religiosas controversas, como o antinomianismo e o familismo²².

Sendo filha de um estacionário, é muito provável que Hannah Howes tenha se familiarizado com o mercado dos impressos durante sua juventude. De acordo com Adrian Johns, a impressão, a encadernação e a venda de livros eram atividades domésticas. As casas dos mestres impressores, encadernadores e livreiros costumavam sediar seus negócios,

¹⁸ “Anne House”, filha de Robert e Anne Howes foi batizada em 26 de dezembro de 1619. LMA, *St. Botolph Aldgate*, baptisms and marriages, 1558-1625. P69/BOT2/A/001/MS09220.

¹⁹ MCKERROW, R. B. (ed.). *A dictionary of printers and booksellers in England, Scotland and Ireland, and of foreign printers of English books, 1557-1640*. London: Printed for the Bibliographical Society, by Blades, East & Blades, 1910. p.145.

²⁰ CARICCHIO, Mario. “News from New Jerusalem: Giles Calvert and the Radical Experience”. In: HESSAYON, Ariel; FINNEGAN, David (eds). *Varieties of Seventeenth- and Early Eighteenth-Century English Radicalism in Context*. Surrey: Ashgate, 2011. p.76

²¹ “The Printers Committee, 1640-1. Mar. 4”; “1640-1. March 4”; “1640-1. March 10”. In: *House of Lords Papers*, 27 Feb. 1640/1 to 10 Mar. 1640/1. HL/PO/JO/10/1/53.

²² “Antinomiano” foi o termo designado para descrever um movimento de protesto teológico, envolvendo a comunidade puritana inglesa no início do século XVII, encabeçado por pregadores como Roger Brearly, John Traske e John Eaton. O antinomianismo era uma vertente religiosa que exaltava o poder de transformação que a graça de Deus tinha sobre seus crentes, ao mesmo tempo em que minimizava, ou mesmo negava, a importância e o uso das leis morais que foram reveladas no Antigo Testamento. Já o familismo provinha do movimento radical “Família do Amor”, que começou em 1540 na Europa continental e se espalhou para a Inglaterra na década de 1550. Os familistas propunham ideias de propriedade comunal. Eles também acreditavam que a salvação não estava institucionalizada, isto é, não dependia de uma igreja. BREMER, Francis J.; WEBSTER, Tom. *Puritans and Puritanism in Europe and America: a comprehensive encyclopedia*. Santa Barbara: ABC-Clio, 2006. p.305, 391. CARICCHIO, Mario. *Op cit.*, p.76. COMO, David R. *Blow by the Spirit: puritanism and the emergence of an Antinomian underground in pre-Civil War England*. Stanford: Stanford University Press, 2004.

consequentemente, era comum que as famílias desses personagens também participassem do cotidiano da produção e da venda de textos impressos²³. Não é à toa que diversos membros da família Howes estiveram envolvidos com esse comércio. Robert Howes teve como aprendizes: William Howes, possivelmente seu irmão (de 01/09/1628 a 11/01/1637)²⁴; Jeremiah Howes (até 04/06/1667); John Howes (até 15/01/1646), e Joseph Howes (até 10/09/1677)²⁵.

De fato, os laços de parentesco eram uma das bases para o desenvolvimento de relações comerciais no mercado livreiro, por isso, frequentemente ocorriam casamentos entre as diversas famílias que atuavam nesse setor²⁶. Essas uniões traziam benefícios aos negócios, pois facilitavam o estabelecimento de parcerias, possibilitavam a obtenção de materiais para a produção, e auxiliavam a angariar novos clientes²⁷. Tendo em vista que esse tipo de casamento costumava render bons frutos a livreiros e impressores, a aliança de Benjamin Allen com uma família como a dos Howes era conveniente, sobretudo para um livreiro que acabava de iniciar seus negócios. No mesmo ano em que abriu a Crown, Allen se casou com Hannah Howes²⁸.

Benjamin Allen provavelmente trabalhava com os Howes frequentemente, especialmente se levarmos em consideração a proximidade geográfica entre as duas famílias. Robert Howes atuava em Cornhill, isto é, na mesma região da Crown. Inclusive, um dos irmãos de Hannah Allen, Samuel Howes²⁹, trabalhava na mesma viela na qual a livraria de Benjamin Allen estava situada: Pope's Head Alley. Samuel Howes seguiu a mesma profissão de seus familiares, ingressando no universo do livro em 1643, como aprendiz do livreiro Henry Overton, dono da White Horse, situada também em Pope's Head Alley³⁰. A casa livreira de Overton vendia principalmente títulos da literatura teológica, gêneros que

²³ JOHNS, Adrian. *Op. cit.*, 1998. p.75-79.

²⁴ MCKENZIE, D. F. (ed.). *Op. cit.*, 1961. p.86.

²⁵ MCKENZIE, D. F. (ed.). *Op. cit.*, 1974. p.84.

²⁶ JOHNS, Adrian. *Op. cit.*, 1998. p.76.

²⁷ MCDOWELL, Paula. *The Women of Grub Street: press, politics, and gender in the London literary marketplace, 1678-1730*. Oxford: Clarendon Press, 1998. p.35-38.

²⁸ LMA, *St. Katherine by the Tower*, baptisms 1619-1653, marriages 1618/9-1653, burials 1640-1653. Guildhall, SKT/C/01/Ms 9659/2.

²⁹ Hannah Howes/Allen teve dois irmãos: Mark (batizado em 1618) e Samuel (batizado em 1619), mas aparentemente apenas Samuel esteve ligado ao mercado livreiro, pois não há qualquer menção a Mark Howes nesse setor. LMA, *St. Botolph Aldgate*, baptisms and marriages, 1558-1625. P69/BOT2/A/001/MS09220. LMA, *St. Michael Crooked Lane*, baptisms 1538/9-1723, marriages 1539-1723 and burials 1538-1723. P69/MIC3/A/001/MS11367.

³⁰ PLOMER, Henry R. *Op. cit.*, p.142.

comumente eram comercializados não apenas na região de Cornhill, mas em toda a *City*. Howes, adquiriu seu privilégio para atuar como livreiro em 1651, pouco depois da morte de seu mestre, e se instalou também na mesma viela, publicando, como Overton, vários textos religiosos³¹.

Desde o casamento de Benjamin Allen e Hannah Howes e do período de aprendizagem de Samuel Howes na loja de Henry Overton, os Howes, Allens e Overtons trabalharam juntos em muitas ocasiões. Com Benjamim Allen, Henry Overton lançou duas edições de um sermão de Peter Sterry³². Já com Hannah Allen, as publicações compartilhadas parecem ter sido mais profícuas, uma vez que renderam quatro edições de *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature* de Henry Jessey³³, entre 1647 e 1648³⁴.

A obra narrava a experiência visionária de uma jovem chamada Sarah Wight. Desde cedo, ela começou a sofrer de uma angústia espiritual profunda, que se agravou ao longo dos anos. Alguns ministros religiosos visitaram-na para tentar aliviar seus males, mas a situação perdurou. Em 1647, sua condição piorou, Wight parou de se alimentar e tentou se suicidar algumas vezes. Em seguida, ela passou a ter visões proféticas. Pouco depois desses episódios sobrenaturais, a jovem se recuperou física e mentalmente, o que foi considerado um milagre³⁵.

³¹ PLOMER, Henry R. *Op. cit.*, p.102.

³² STERRY, Peter. *Op. cit.*, 1645. STERRY, Peter. *Op. cit.*, 1646.

³³ Ministro independentista que costumava pregar nas congregações radicais de Allhallows the Great e Swan Alley. Falaremos mais detidamente sobre ele adiante. WRIGHT, Stephen. 'Jessey, Henry (1601–1663)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online ed., Jan 2010 [http://www.oxforddnb.com/view/article/14804, accessed 23 March 2015].

³⁴ Quatro edições lançadas entre 1647 e 1648. JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight...* London: printed by Matthew Simmons for Henry Overton, and Hannah Allen, and are to be sold at their shops in Popes-head-alley, 1647. JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight, lately hopeles and restles, her soule dwelling far from peace or hopes thereof...* London: printed by Matthew Simmons for Henry Overton, and Hannah Allen, and are to be sold at their shops in Popes-head-alley, 1647. JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs Sarah Wight, lately hopeles and restles, her soule dwelling far from peace or hopes thereof...* London: printed by Matthew Simmons for Henry Overton, and Hannah Allen, and are to be sold at their shops in Popes-head-Alley, 1648. JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight lately hopeles and restles, her soule dwelling far from peace or hopes thereof : now hopefull and joyfull in the Lord, that hath caused light to shine out of the darkness ... / published for the refreshing of poor souls, by an eye and ear-witness of a good part thereof, Henry Jesse...* London: Printed by Matthew Simmons for Henry Overton and Hannah Allen, and are to be sold at their shops ..., 1648.

³⁵ BULLOCK, Karen O'Dell, 'Wight, Sarah (b. 1631)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [http://www.oxforddnb.com/view/article/69143, accessed 7 Dec 2014]. MACK, Phylis.

Henry Jessey, que acompanhou a trajetória da jovem, fez anotações sobre os momentos que presenciou, transcrevendo as palavras de Wight durante seus transe e suas visões.

Jessey resolveu publicar suas notas, considerando que, mesmo que fossem relatos de um acontecimento privado, elas deveriam ser lidas por todos para iluminar e enriquecer a fé dos cristãos³⁶. As anotações, contudo, foram feitas sem o conhecimento de Sarah Wight e publicadas posteriormente também sem que a jovem soubesse ou participasse do processo. Nesse sentido, ela não foi autora das palavras transcritas, mas seu nome e sua experiência foram tomados para construir uma autoridade em torno do testemunho de Jessey. Como apresentado no título da obra, o texto demonstrava as riquezas da graça por meio de “an empty nothing creature”, isto é, de “uma criatura cheia de nada”. Wight foi descrita por Jessey como um receptáculo vazio, preenchido pela graça divina. As palavras que ele transcreveu, nesse sentido, não provinham dela, mas de Deus. Essa formulação pautada na ideia de um “recipiente vazio” era recorrente em textos proféticos e místicos, pois funcionava como uma maneira de atestar a veracidade do conteúdo da mensagem que proferiam. No mundo Ibérico, por exemplo, Santa Teresa D’Ávila descrevera-se como um “vaso inútil” preenchido por Deus³⁷. Se a origem das palavras de profetas e profetisas não era a criatividade humana, mas sim a mão de Deus, seus textos não eram passíveis de erro ou falsidade. Outra tópica frequente nesses discursos era a da modéstia, que descrevia o profeta como uma pessoa rústica, pobre e sem conhecimentos suficientes para compor o texto, assim, considerava-se que a reflexão provinha única e exclusivamente da intervenção do Espírito. As mulheres também se apropriavam dessa tópica, descrevendo-se como rústicas e incapazes de formular as ideias que proferiam. Por um lado, essa característica impedia que essas mulheres fossem reconhecidas por suas reflexões; por outro, isso garantia ao público que qualquer inspiração para suas palavras não poderia ser proveniente de suas próprias mentes, mas sim de uma força exterior: Deus. Nesse sentido, era o discurso sobre sua falta de discernimento que validava a mensagem mística e profética inspirada pelo divino. Cabe lembrar, ainda, que essa mesma

Op. cit. MCNEIL, Lorraine. *Mystical Experience and the Fifth Monarchy Women*: Anna Trapnel, Sarah Wight, Elizabeth Avery, and Mary Cary. Tese (Doutorado) - University of New Castle, 2001.

³⁶ JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight...*, 1647. “To the Christian Reader, Grace and Spirit”, s.n.p.

³⁷ Sobre isso, ver, por exemplo: ARROYO, Maria V. Jórdan. *Sonhar a história: risco, criatividade e religião nas profecias de Lucrecia de León*. Bauru: EDUSC, 2011.

tópica poderia ser usada para desacreditar as profetisas, pois a sua rusticidade também poderia ser aproveitada pelo mal, isto é, pelo Demônio³⁸.

Aliada a essa construção da autoridade (pela inspiração divina) das palavras de Wight, a asserção de que sua cura fora milagrosa conferia importância ao caso. Com tais evidências da ação de Deus operada em Wight, certamente, a publicação da experiência da jovem era interessante às perspectivas religiosas das comunidades sectárias londrinas, sobretudo à congregação independentista de Henry Jessey³⁹. Ao mesmo tempo, o caso também parece ter chamado a atenção de Hannah Allen. A viúva havia acompanhado a enfermidade da jovem, visitando-a em pelo menos uma ocasião⁴⁰. O interesse de Allen sobre o caso pode ter sido suscitado pelo fato de que ela fazia parte da congregação de Henry Jessey e, logo, compartilhava de seus anseios religiosos. É provável, ainda, que a livreira tenha notado o potencial comercial da história, pois, junto com Henry Overton, buscou publicar a narrativa rapidamente⁴¹.

Os dois livreiros registraram a obra na Stationers' Company em 20 de maio de 1647⁴², altura na qual Sarah Wight havia piorado e sua morte parecia iminente. O texto foi revisado, a composição estava pronta e a tipografia de Matthew Simmons logo começou a impressão do título. De acordo com Jessey no prefácio à obra, Allen e Overton estavam prestes a publicar a obra, quando a jovem, miraculosamente, começou a melhorar em junho de 1647. A produção do impresso foi interrompida⁴³. Obviamente, descartar o material já produzido levaria a um enorme prejuízo, visto que os custos do papel eram muito altos⁴⁴. Jessey, então, atualizou suas anotações, tratando sobre a recuperação de Wight, e adicionou uma nota introdutória pós-

³⁸ MCNEIL, Lorraine. *Op. cit.* Chap.5: "Empty nothing creatures: negation and the fifth monarchy women", p.137-138. MCDOWELL, Nicholas. *Op. cit.*, p.12.

³⁹ DAILEY, Barbara Ritter. "The Visitation of Sarah Wight: Holy Carnival and the Revolution of the Saints in Civil War London". *Church History: studies in Christianity and Culture*, vol.55, 4, 1986, pp.438-455. p.444.

⁴⁰ JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight...*, 1647. p.9.

⁴¹ BELL, Maureen; PARTIFF, George; SHEPHERD, Simon (eds). *A Biographical Dictionary of English Women Writers, 1580-1720*. London: Harvester Wheatsheaf, 1990. p.284.

⁴² STATIONERS' COMPANY. *Op. cit.*, Vol. I. p.271.

⁴³ JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight...*, 1647. "To the Christian Reader, Grace and Spirit", s.n.p.

⁴⁴ BIDWELL, John. "French paper in English books". In: BARNARD, John; MCKENZIE, D.F.; BELL, Maureen (eds.). *Op. cit.*

escrita explicando o ocorrido. A impressão foi retomada pouco depois, por volta de 16 de julho⁴⁵.

A primeira edição foi publicada ainda no mesmo ano. Seu sucesso foi tamanho que uma reimpressão foi feita pouco depois. Em seu frontispício (ver figura 3) foi adicionada uma linha que dizia “A segunda Edição, corrigida, e Provas adicionadas”⁴⁶. A fórmula funcionava como uma estratégia para atrair mais vendas: os leitores que ainda não tinham o texto, poderiam adquiri-lo agora, enquanto os que já o possuíam, interessar-se-iam pelas adições, que continham ainda mais provas da ação de Deus sobre Wight. A própria ideia de reimpressão trazia essa concepção de correção, adição, e atualização da obra. Como considera Joad Raymond, “os livros não perdiam seu potencial depois da sua primeira publicação (...)”⁴⁷.

Esse potencial, inclusive do ponto de vista comercial, manteve o título em circulação. Duas novas edições foram produzidas e vendidas em 1648. Assim como na segunda reimpressão, a terceira e a quarta versões de *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace* contavam com as seguintes notas, que indicavam: “A terceira Edição, corrigida, e Provas adicionadas”⁴⁸ e “A quarta Edição, corrigida, e Provas adicionadas”⁴⁹. Comparando os frontispícios de todas as reimpressões, notamos poucas mudanças de uma para outra, com exceção da tarja que apresentava o número da edição e avisava sobre as adições feitas aos textos (ver figura 3). Isso pode demonstrar a provável reutilização de moldes e tipos pelo impressor Matthew Simmons, evitando o descarte do material usado na confecção das edições anteriores.

⁴⁵ BELL, Maureen; PARTIFF, George; SHEPHERD, Simon (eds.). *Op. cit.*, p.284.

⁴⁶ “The second Edition, corrected, and Proofs added”. Tradução livre. JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight, lately hopeles and restles, her soule dwelling far from peace or hopes thereof... The second Edition, corrected, and Proofs added*, 1647.

⁴⁷ “Books did not lose their potency after their first publication”. Tradução livre. RAYMOND, Joad. *Op.cit.*, 2004, p.365.

⁴⁸ “The third Edition, corrected, and Proofs added”. Tradução livre. JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight, lately hopeles and restles, her soule dwelling far from peace or hopes thereof... The third Edition, corrected, and Proofs added*, 1648.

⁴⁹ “The fourth Edition, corrected, and Proofs added”. Tradução livre. JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight, lately hopeles and restles, her soule dwelling far from peace or hopes thereof... The fourth Edition, corrected, and Proofs added*, 1648.

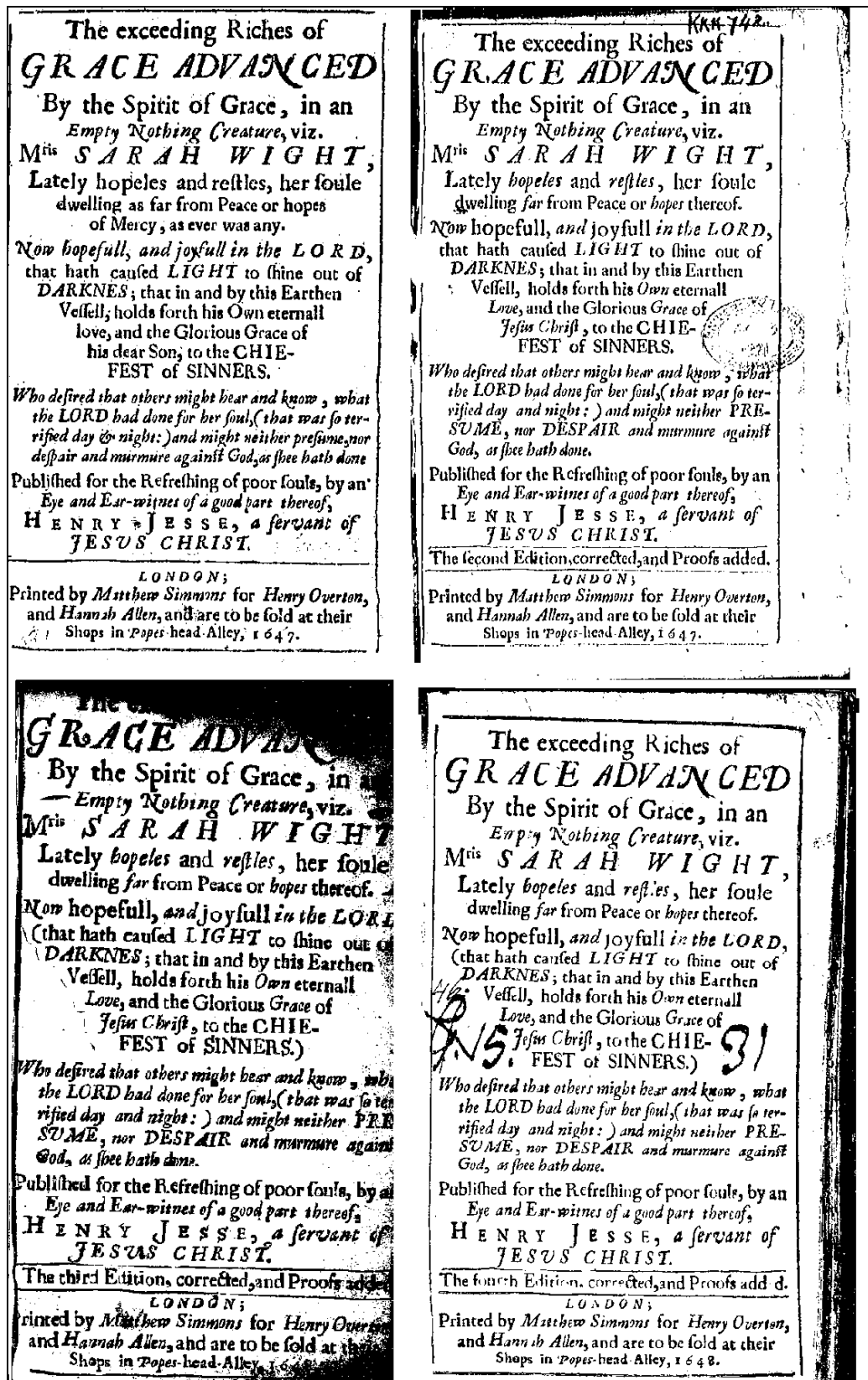


Figura 3: Comparação dos frontispícios das quatro edições do título de Jessey⁵⁰.

⁵⁰ JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight...*, 1647. JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit*

Quanto ao conteúdo, desde a segunda versão do livro, uma epístola dedicada à mãe da jovem, Mary Wight, foi incluída. A terceira e quarta edições também contam com novos posfácios. As notas inseridas ao texto normalmente eram cartas e comentários escritos por outros ministros religiosos. Ao anexá-las nas novas reimpressões, Henry Jessey, Hannah Allen e Henry Overton buscavam fornecer mais informações que confirmassem o caráter miraculoso da experiência de Sarah Wight. Por meio delas, tinha-se a intenção de atestar a veracidade das palavras impressas no texto. Simultaneamente, esses adendos proporcionavam aos consumidores novidades que poderiam garantir novas vendas do título.

Algumas adições feitas à obra também ajudam a compreender sua circulação. Na primeira edição, há uma epístola dedicada a um ministro da igreja de All-Soules de Oxford; nas duas primeiras versões há uma carta de John Saltmarsh de Yorkshire, encorajando Henry Jessey a publicar o livro; e na terceira e na quarta impressões há uma carta, datada de 8 de setembro de 1647, de John Browne – primo da mãe de Wight – de Shrewsbury, abordando as graças que Deus havia concedido à Sarah Wight. As epístolas e cartas que comentavam o caso fortaleciam o aspecto miraculoso da narrativa de Jessey sobre Wight. Ao mesmo tempo, essas adições ao livro permitem-nos conjecturar sobre a circulação do título. O texto, provavelmente, chegou a Oxford, Yorkshire e Shrewsbury, ou seja, foi vendido e lido fora de Londres. Ainda que não tenhamos fontes para compreender como a obra foi transportada e comercializada em outras cidades, ter esse dado em vista confirma o sucesso editorial desencadeado por *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature*.

Além desses aspectos editoriais e comerciais, a produção do livro também nos permite ligar o negócio de Hannah Allen a algumas comunidades religiosas. Allen possivelmente tomou conhecimento sobre o caso de Wight por meio dos pregadores da congregação independentista de Allhallows the Great. Como Jessey explicou no início de seu texto, muitos ministros religiosos visitaram a jovem, buscando aliviar as angústias das quais sofria, dentre eles, estavam vários dos pastores de Allhallows: Walter Cradock, John Simpson e o próprio

of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight, lately hopeles and restles, her soule dwelling far from peace or hopes thereof... The second Edition, corrected, and Proofs added, 1647. JESSEY, Henry. The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight, lately hopeles and restles, her soule dwelling far from peace or hopes thereof... The third Edition, corrected, and Proofs added, 1648. JESSEY, Henry. The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight, lately hopeles and restles, her soule dwelling far from peace or hopes thereof... The fourth Edition, corrected, and Proofs added, 1648.

Jessey⁵¹. Para além das quatro edições de *The exceeding riches of grace advanced*, a congregação teve centralidade nas atividades editoriais desenvolvidas por Hannah Allen. A livreira vendeu muitos sermões, panfletos e tratados de autores diretamente ligados a esse grupo, o que sugere a possibilidade de ela ter participado da congregação, associando-se às suas perspectivas independentistas e não-conformistas.

No centro dessa comunidade estavam Henry Jessey, John Simpson e Hanserd Knollys – que pregavam às segundas, quartas e quintas-feiras⁵² – Walter Cradock, William Greenhill, Vavasor Powell, Christopher Feake – cujos sermões foram alvos de críticas e perseguições das autoridades⁵³ – e Anna Trapnel – que embora não tenha pregado em Allhallows, difundiu suas visões proféticas por meio da imprensa⁵⁴. Tendo em vista que quase todos eram autores frequentemente publicados por Hannah Allen, parece sensato afirmar que ela compartilhava de suas crenças e percepções político-religiosas. Ao mesmo tempo, é possível considerar que as preferências da livreira com relação a esses autores também indiquem que seus títulos vendiam bem e que havia demanda por esses textos independentistas. Maureen Bell sinalizou a ligação da livreira com a congregação de Allhallows the Great, mas pouco se falou sobre como os negócios de Hannah Allen desenvolveram-se em torno das discussões encabeçadas por esses pregadores. Considerando esse foco na literatura independentista, faz-se necessário examinar os autores e os textos de Allhallows the Great difundidos por Hannah Allen.

2.2. A Crown e o independentismo de Allhallows the Great

O grupo independente que se reunia em Allhallows the Great foi fundado pelo ministro separatista Henry Jacob em 1616. Como o próprio nome deixa evidente, as “congregações independentistas” – assim chamadas pelos seus opositores – caracterizavam-se por seu distanciamento dos dogmas da Igreja da Inglaterra. No modelo independente, (...) o poder da ordenação ficava nas congregações individuais – o que o Episcopalianismo e o Presbiterianismo negavam veementemente. Consequentemente, seus expoentes não

⁵¹ JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight...*, 1647. p.8-10. BELL, Maureen; PARTIFF, George; SHEPHERD, Simon (eds.). *Op. cit.*, p.255-256.

⁵² GREAVES, Richard L. *Deliver us from evil: the radical underground in Britain, 1660-1663*. Oxford: Oxford University Press, 1986. p.61.

⁵³ BELL, Maureen; PARTIFF, George; SHEPHERD, Simon (eds.). *Op. cit.*, p.255-256.

⁵⁴ ADCOCK, Rachel. *Op. cit.*, p.79.

precisavam traçar uma linha de ministros ordenados de volta aos apóstolos – nem precisavam preservar a validade dos dez primeiros séculos da Igreja Cristã”⁵⁵.

A congregação em questão se localizava em uma região permeada por igrejas e grupos religiosos radicais. Situada em Upper Thames Street, a comunidade estava próxima à outra congregação independente em St. Mary le Bow⁵⁶, e à Coleman Street (perto da Guildhall⁵⁷, ver figura 4), onde diversos sectários se encontravam⁵⁸. Ao mesmo tempo, Allhallows estava no entorno dos centros do comércio livreiro que se estabeleceram ao redor da St. Paul’s Cathedral⁵⁹ e de Little Britain, incluindo as livrarias de Popes’s Head Alley, onde personagens como Hannah Allen, Samuel Howes e Henry Overton, difundiam os textos produzidos pelos seus pregadores.

⁵⁵ “The Independent system of church government confirmed the power of ordination to rest in individual congregations - which Episcopalianism and Presbyterianism strenuously denied. Consequently, its exponents no longer need to trace a line of ordained ministers back to the apostles - nor did they need to retain the validity of the first ten centuries of the Christian church”. Tradução livre. GRIBBEN, Crawford. *The Puritan Millennium: Literature & Theology, 1550-1682*. Dublin: Four Courts Press, 2000. p.47.

⁵⁶ LIU, Tai. *Puritan London: a study of religion and society in the City Parishes*. Newark: University of Delaware Press, 1986.

⁵⁷ A Guildhall foi a câmara municipal da City por centenas de anos.

⁵⁸ JOHNS, Adrian. “Coleman Street”. *Huntington Library Quarterly*, Vol. 71, n. 1, 2008. pp.33-54.

⁵⁹ Sobre isso, ver Cap. 1.

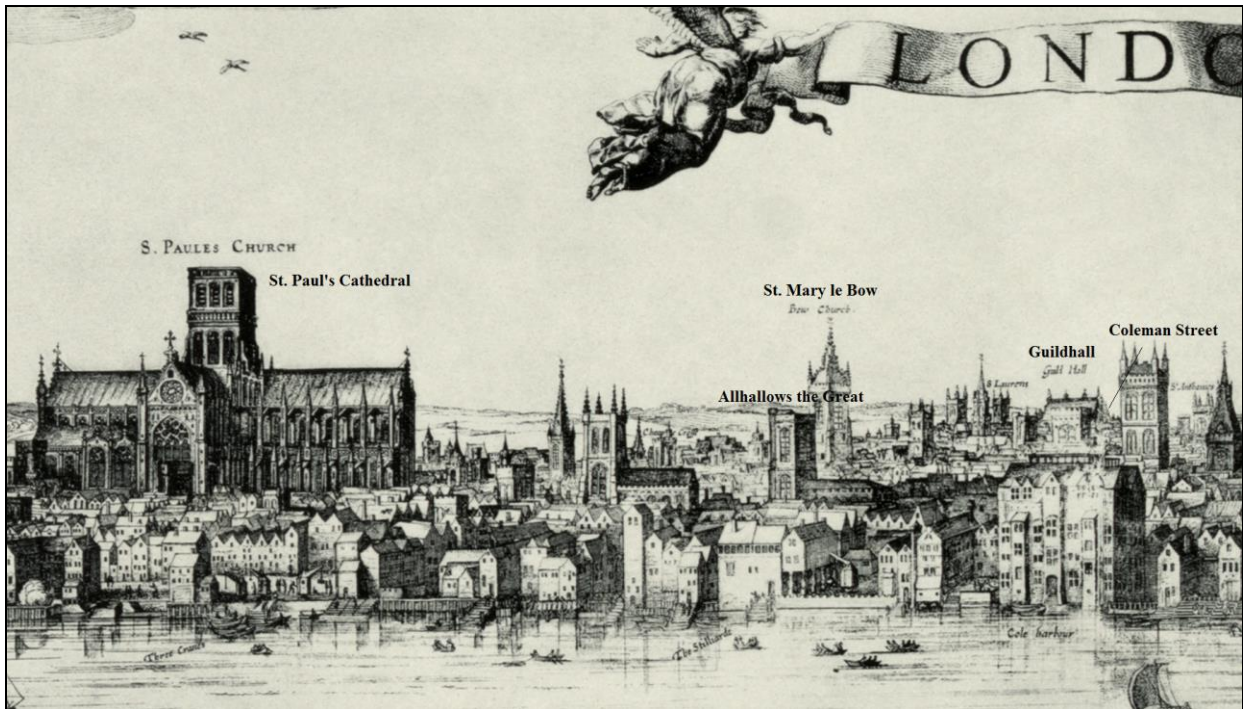


Figura 4: Detalhe no panorama de Claes Visscher, feito em 1616, mostrando a região em que se localizava a congregação de Allhallows the Great (nosso destaque)⁶⁰.

Allhallows foi uma das principais igrejas radicais da *City* durante a Revolução Inglesa e contou com a participação de pregadores independentistas, Batistas e, a partir da década de 1650, pentamonarquistas⁶¹. Observando os textos dos autores da comunidade que publicaram na *Crown*, pudemos identificar três vertentes que a compunham: a dos independentistas milenaristas, tais como Henry Jessey, Hanserd Knollys e William Greenhill; a dos pastores galeses, como Walter Cradock e Vavasor Powell; e a dos milenaristas radicais, mais tarde identificados com o grupo dos Homens da Quinta Monarquia, composta, sobretudo, por Powell, Anna Trapnel, Christopher Feake e John Simpson. Vamos tratar sobre as publicações que Hannah Allen fez das obras desses autores, atentando para como elas apontavam para conexões da livreira com as reflexões encabeçadas pelos independentistas de Allhallows.

Henry Jessey foi um dos mais importantes pregadores de Allhallows, e – como veremos adiante – suas ligações com Hannah Allen também serviram de interlocução entre a *Crown* e outros autores milenaristas. Com a livreira, apenas as quatro impressões do bem-sucedido *The exceeding riches of grace advanced* foram vendidas. Embora o pregador não tenha publicado outros títulos com a *Crown* na década de 1640, o sucesso de sua narrativa acerca das visões de

⁶⁰ VISSCHER, Claes Jansz. *A panorama of London*, 1616, gravura.

⁶¹ LIU, Tai. *Op. cit.*, p.118.

Sarah Wight é um indício de suas profícuas relações editoriais e religiosas com Hannah Allen. Além disso, o autor continuou a ser publicado pela livraria mesmo quando Livewell Chapman passou a liderar os negócios nos anos 1650⁶², o que demonstra a permanência de suas conexões com a Crown.

Antes de se tornar um dos líderes da congregação, Jessey se dedicou ao estudo do Hebraico. Posteriormente, na década de 1630, ele esteve em contato com o colono John Winthrop, conhecido por considerar a Nova Inglaterra como “*a city upon a hill*”, isto é, como uma Nova Jerusalém. Enquanto pastor, Jessey atuava não apenas em Allhallows the Great, mas também na igreja radical de Swan Alley, em Coleman Street, centro de diversas seitas religiosas. A sua congregação em Allhallows era consideravelmente grande por volta dos anos 1640, e além de independentes, ela aceitava a presença de Batistas. O próprio Jessey se aproximou desta corrente, tendo, inclusive, sido batizado em junho de 1645 por Hanserd Knollys. Sua conversão desagradou a alguns sectários, que temiam que o rito se tornasse uma obrigação. Apesar de ter sido batizado, Jessey optou por não considerar a prática como uma condição imprescindível para a comunhão⁶³.

A partir dos anos 1650, ele apoiou as crenças dos pentamonarquistas⁶⁴. Os chamados Homens da Quinta Monarquia caracterizavam-se por sua concepção de que o Milênio se concretizaria na Terra, com um governo universal de Cristo. Para alcançar esses mil anos de

⁶² A sexta (e talvez também a quinta) edição de JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, (viz.) Mrs. Sarah Wight, lately hopeles and restless...* London: printed by J.M. for Henry Cripps, Lodowick Lloyd, and Livewell Chapman, and are to be sold at their shops in Popes-head Alley, 1652. JESSEY, Henry. *A narrative of the late proceeds at White-Hall, concerning the Jevvs: who had desired by R. Manasses an agent for them, that they might return into England, and worship the God of their fathers here in their synagogues, &c. Published for satisfaction to many in several parts of England, that are desirous, and inquisitive to hear the truth thereof.* London: printed for L: Chapman, at the Crown in Popes-head-Alley, 1656. JESSEY, Henry. *The Lords loud call to England: being a true relation of some late, various, and wonderful judgments, or handy-works of God, by earthquake, lightening, whirlwind, great multitudes of toads and flies; and also the striking of divers persons with sudden death, in several places; for what causes let the man of wisdom judge, upon his serious perusal of the book it self. Also of the strange changes, and late alterations made in these three nations. As also of the odious sin of drinking healths, with a brief of Mr. Pryns solid arguments against it, and his epistle to the late King Charls, to redress it. Published by H.J. a servant of Jesus the Christ, and lover of peace and holiness.* London: printed for L. Chapman, in Popes-head Alley, and for Fr. Smith at the Elephant and Castle neer Temple-Bar, 1660. JESSEY, Henry. *Miscellanea sacra: or, Diverse necessary truths, now as seasonably published, as they were plainly and compendiously proved by Henry Jessey, late minister of the Gospel in London.* London: printed by T.M. for Livewell Chapman, at his shop in Exchange-Alley in Corn-Hill, 1665.

⁶³ WHITE, B. R. ‘Henry Jessey: a pastor in politics’, *Baptist Quarterly*, 25 (1973), 98–110. WRIGHT, Stephen. *Op. cit.* BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1987, p.24-25.

⁶⁴ BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1987, p.25.

felicidade, eles se propunham a reformar todo o sistema político, econômico, administrativo, jurídico e social. Alguns personagens mais radicais falavam, inclusive, em pegar em armas para destruir todos os governos terrenos, visando acelerar o retorno de Cristo⁶⁵. Jessey nunca aclamou o uso da violência em prol do Milênio, mas esteve bastante próximo dos pentamonarquistas, especialmente em suas críticas ao governo de Oliver Cromwell⁶⁶.

Outro importante milenarista de Allhallows foi Hanserd Knollys. O pregador esteve envolvido em diversas polêmicas ao longo de toda sua trajetória. Knollys estudou em Cambridge por volta de 1627, onde se aproximou dos estudos teológicos. Em 1636, Knollys considerou impróprio o uso da sobrepeliz nos ritos religiosos, assim como a prática do sinal da cruz no batismo. Suas críticas se opunham aos costumes religiosos que Knollys apontava como não-bíblicos, assumindo uma postura anti-Laudiana⁶⁷. Sua posição lhe rendeu desentendimentos com as autoridades, em consequência disso, ele fugiu para a Nova Inglaterra, estabelecendo-se, com sua esposa, na colônia de Massachusetts. Sua estada na América Inglesa foi breve, pois Knollys foi acusado de estar associado ao antinomianismo e de ter má conduta sexual. Por conta desses problemas, ele retornou à Inglaterra em 1641, onde logo, passou a pregar no exército do Parlamento, mas pouco depois abandonou o posto. Em Londres, ele foi preso por pregar ilegalmente, porém passou apenas poucos dias encarcerado. Em 1644, Knollys entrou para a congregação de Henry Jessey, onde se envolveu brevemente com as polêmicas em torno do batismo, pois, apesar de ter batizado Jessey, Knollys era contrário ao rito. Seu não-conformismo levou a mais problemas com as autoridades após a Restauração. Em 1661, Knollys fez parte da sublevação do pentamonarquista Thomas

⁶⁵ Ver CAPP, Bernard. *The Fifth Monarchy Men*, 2008.

⁶⁶ WRIGHT, Stephen. *Op. cit.*

⁶⁷ O arcebispo da Cantuária, William Laud, foi acusado por muitos puritanos de ter uma postura papista. Durante a Revolução Inglesa, Laud também foi alvo dos parlamentares, e acabou sendo preso, julgado, condenado por traição e papismo, e executado em 1645. MILTON, Anthony. 'Laud, William (1573–1645)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, May 2009 [http://www.oxforddnb.com/view/article/16112, accessed 12 Sept 2015].

Venner⁶⁸ contra o governo recém restaurado de Carlos II, e acabou preso junto com os demais rebeldes⁶⁹.

Hanserd Knollys foi um dos únicos ministros de Allhallows cujos textos Hannah Allen não publicou, mas seu futuro marido, Livewell Chapman, o fez, anos mais tarde⁷⁰. Ainda que a relação de edição entre Knollys e Allen não tenha ocorrido, eles provavelmente transitavam pelos mesmos espaços, e partilhavam certas concepções religiosas. O fato de Chapman ter publicado um de seus comentários bíblicos leva a crer que as conexões entre a livraria e a comunidade independentista mantiveram-se estreitas ao longo das décadas seguintes.

Ainda entre os milenaristas independentes de Allhallows, cabe ressaltar a contribuição de William Greenhill. Greenhill era próximo de outro sectário religioso, Jeremiah Burroughs, com quem visitou Roterdã e frequentou igrejas independentistas holandesas. De volta à Inglaterra, quando a Primeira Guerra Civil eclodiu, ele apoiou o Parlamento. Também esteve associado tanto com independentistas como com Batistas. Em 1647, já no seio de Allhallows the Great, ele escreveu, junto com John Simpson, Christopher Feake, Henry Jessey, Hanserd Knollys e outros, um panfleto em defesa da liberdade religiosa e da tolerância⁷¹. Em 1649, ele apoiou abertamente a execução de Carlos I⁷². A rejeição à monarquia Stuart e a concordância com o Parlamento eram frequentes dentre os pregadores da congregação, assim como eram temas recorrentes entre os títulos publicados por Allen entre as décadas de 1640 e 1650.

⁶⁸ O tanoeiro Thomas Venner foi um dos líderes pentamonarquistas mais radicais que, em 1657 e novamente em 1661, organizou rebeliões contra o governo, buscando, com isso, acelerar a Segunda Vinda de Cristo. GREAVES, Richard L. “Venner, Thomas (1608/9–1661)”, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Sept 2010 [http://www.oxforddnb.com/view/article/28191, accessed 7 May 2014].

⁶⁹ NEWPORT, Kenneth G. C. ‘Knollys, Hanserd (1598–1691)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2010 [http://www.oxforddnb.com/view/article/15756, accessed 13 April 2015].

⁷⁰ Duas edições de KNOLLYS, Hanserd. *An exposition of the first chapter of the Song of Solomon. Wherein the text is analysed, the allegories are explained, and the hidden mysteries are unveiled, according to the proportion of faith. With spiritual meditations upon every verse. By Hanserd Knollys.* London : printed by W. Godbid, to be sold by Livewel Chapman at the Crown in Popeshead-alley, 1656 e 1659.

⁷¹ *A Declaration by Congregationall societies in, and about the city of London; as well of those commonly called Anabaptists, as others. In way of vindication of themselves. Touching 1. Liberty, 2. Magistracy, 3. Propriety, 4. Polygamie. Wherein their judgments, concerning the particulars mentioned are tendred to consideration, to prevent mis-understanding.* [London]: Printed by M. Simmons for Henry Overton in Popeshead Alley, 1647.

⁷² GREAVES, Richard L. ‘Greenhill, William (1597/8–1671)’.

Em meio às obras lançadas pela Crown, os textos escritos por Greenhill foram bastante recorrentes na livraria. Na gestão de Benjamin Allen, seu *The axe at the root*⁷³ e sua exposição sobre os cinco primeiros capítulos do Livro de Ezequiel⁷⁴ foram vendidos pela casa livreira em 1643 e 1645, respectivamente. Das poucas reimpressões que Hannah Allen comercializou, encontra-se novamente o trabalho de Greenhill sobre Ezequiel⁷⁵. Ela também publicou a segunda parte do tratado, contendo o exame do autor sobre os capítulos 6 a 13 do mesmo Livro⁷⁶. Posteriormente, Livewell Chapman publicou sermões de Greenhill, bem como a terceira e a quarta partes de seu estudo sobre as palavras do profeta Ezequiel⁷⁷.

O seu extenso tratado acerca desse livro bíblico merece atenção. Segundo Richard Greaves, Greenhill começou sua obra enquanto servia na Assembleia de Westminster. Dos cinco volumes da obra, que foram lançados entre 1645 e 1662, quatro foram publicados pela Crown⁷⁸. O longo trabalho de Greenhill não discutia apenas as profecias de Ezequiel, como fornecia maneiras de interpretar a situação crítica que acometia a Inglaterra. Em seu tratado, os leitores poderiam encontrar considerações importantes para compreender os eventos coevos. “No primeiro volume Greenhill incisivamente observou que nos dias de Ezequiel ‘um partido Maligno’ liderado por sacerdotes e falsos profetas se opusera à obra da reforma e agira

⁷³ GREENHILL, William. *Op. cit.*, 1643.

⁷⁴ GREENHILL, William. *Op. cit.*, 1645.

⁷⁵ Três reedições do tratado: GREENHILL, William. *An exposition of the five first chapters of the prophet Ezekiel...* London: printed by M. Simmons for Hanna Allen, and are to be sold at her shop, at the sign of the Crown in Popes-head-Alley, 1649, 1650 e 1651.

⁷⁶ GREENHILL, William. *An exposition continued upon the sixth, seventh, eighth, ninth, tenth, eleventh, twelfth, and thirteenth chapters of the prophet Ezekiel...* London: printed by M.S. for Hanna Allen, at the Crowne in Popes-head-Alley, 1649.

⁷⁷ GREENHILL, William. *An exposition continued upon the fourteenth, fifteenth, sixteenth, seventeenth, eighteenth, and nineteenth chapters of the prophet Ezekiel...* London: printed by M[atthew]. S[immons] for Livewell Chapman at the Crown in Popes-head-Alley, 1651. GREENHILL, William. *Sermons of Christ his last discovery of himself, of The spirit and bride. The waters of life. And, His free invitation of sinners to come and drink of them. From Revel. 22. 16, 17. By William Greenhill, an unworthy servant of the Lords.* London: printed by R. I[bbitson]. for Livewell Chapman at the Crown in Popes-head-Alley, 1656. E duas edições da quarta parte do tratado, lançadas em 1658: GREENHILL, William. *An exposition continued upon the XX, XXI, XXII, XXIII, XXIV, XXV, XXVI, XXVII, XXVIII, AND XXIX, chapters of the prophet Ezekiel...* London: printed for Livewell Chapman at the crown in Popes-head-Alley, 1658.

⁷⁸ O quinto volume da obra foi a única parte não publicada pela Crown, mas sim pelo livreiro Thomas Parkhurst. GREENHILL, William. *The exposition continued upon the nineteen last chapters of the prophet Ezekiel, with many useful observations thereupon, delivered in several lectures in London: by William Greenhil.* London: printed for Thomas Parkhurst, at the three Crowns in Cheapside overagainst the great Conduit, 1662.

sediciosamente”⁷⁹. Assim, ele denunciava as tiranias da monarquia Stuart, opondo-se ao governo do rei. Nos volumes seguintes, ele demonstrava como um novo partido (o do Parlamento, especialmente, após o momento em que Cromwell conquistou mais poder), similar ao primeiro, desdenhava os profetas e “santos” e colocava a Inglaterra em cativeiro, ameaçando as vidas, liberdades, posses e religião do povo. Deus, contudo, intercederia na situação e puniria todas as autoridades terreas que agiram injustamente⁸⁰.

Oferecendo explicações sobre os acontecimentos da Revolução Inglesa, a obra de Greenhill foi constantemente reeditada e vendida pela Crown. Nas reimpressões e continuações, o livro era paulatinamente atualizado, levando em consideração os eventos coevos. Se observarmos as epístolas dedicatórias dos títulos, isso fica evidente. Na sua primeira edição, lançada por Benjamin Allen em 1645, o livro foi oferecido à princesa Elizabeth – segunda filha de Carlos I, que se encontrava no exílio –, para orientá-la em suas orações; e também a todos que almejavam a verdade, em especial, os pregadores e os fiéis das paróquias londrinas⁸¹.

O primeiro volume do livro de Greenhill foi relançado por Hannah Allen três vezes ao longo de 1649 e 1651. As novas edições do texto, atualizavam seu conteúdo, reinserindo-o em um contexto novo. Em um momento de rápidas mudanças políticas, como durante a Revolução Inglesa, isso é uma questão fundamental. Se a primeira parte de *An exposition of the five first chapters of the prophet Ezekiel* tinha sido originalmente publicada três anos após o início dos conflitos entre o rei e o Parlamento, relançá-la em 1649 e 1651, isto é, após a execução pública de Carlos I e o triunfo dos parlamentares, mudava o sentido do livro. Republicar o título nesse novo momento, lembrava aos leitores que as profecias estudadas por Greenhill estavam, de fato, se cumprindo⁸².

Ainda que Hannah Allen não tenha removido a dedicatória de Greenhill à princesa Elizabeth nessas três reedições – talvez como demonstração de que os prognósticos do autor se realizaram –, as epístolas dos volumes seguintes do trabalho de Greenhill mudaram. A

⁷⁹ “In the first volume Greenhill pointedly noted that in Ezekiel's day ‘a Malignant party’ led by priests and false prophets had opposed the work of reformation and acted seditiously”. Tradução livre. GREAVES, Richard L. ‘Greenhill, William (1597/8–1671)’, s.n.p.

⁸⁰ *Idem*.

⁸¹ Falamos sobre o caso no Cap.1.

⁸² Andrew Cambers indica que o puritanismo foi frequentemente reavivado pelas reedições lançadas no século XVII de obras do período elisabetano. Este não é o caso do título de Greenhill, no qual há um espaço de poucos anos entre a primeira edição e as reimpressões, mas cabe problematizar os significados dessa reedição em um novo contexto, que atualizava o debate político-religioso do período. CAMBERS, Andrew. *Op. cit.*, p.202.

segunda parte do estudo, intitulada *An exposition continued upon the sixt, seventh, eighth, ninth, tenth, eleventh, twelfth, and thirteenth chapters of the prophet Ezekiel*, foi publicada em 1649, tratando sobre os oito capítulos seguintes do livro de Ezequiel. Nesse texto, havia uma única epístola, intitulada “To All Lovers of Divine Truths; Especially the *Undertakers* for the Expositorie Lectures in the Citie of London”, datada de 28 de setembro de 1649. Nesta, a perspectiva milenarista de Greenhill ficava mais explícita, possivelmente por conta do contexto no qual o segundo volume de seu tratado foi composto. Em setembro de 1649, o rei já havia sido executado e o Parlamento já havia instituído um governo republicano, em que era a maior autoridade. A monarquia tirânica e anticristã de Carlos I já havia caído, era necessário, então, que os desígnios divinos continuassem se cumprindo e chegassem à tão esperada Segunda Vinda de Jesus, na qual Ele seria o soberano universal a reinar sobre a Terra. Para o autor, “Cristo é um *Rei*, o governo está sobre seu ombro, ele tem um *Reino*, e ele não tem *fim*”⁸³. Se esse era o curso da história da humanidade, o trabalho de Greenhill funcionava como um guia para entender como Deus operava naquela época.

O terceiro volume da obra foi publicado pelo segundo marido de Hannah Allen, Livewell Chapman. O texto tratava dos capítulos 14 a 19 do livro de Ezequiel. Com uma epístola datada de 27 de fevereiro de 1651, o título provavelmente começou a ser composto na época do casamento de Allen e Chapman⁸⁴, mas ficou pronto quando Chapman passou a administrar a livraria, por esta razão, o *imprint* saiu apenas em seu nome. Quando viúvas do mercado livreiro se casavam novamente, ou deixavam seu negócio para os filhos e/ou aprendizes, seu nome logo deixava de figurar os registros de cópia da Stationers’ Company ou os *imprints* das obras que produziam e comercializavam. Ainda assim, mesmo que de modo pouco visível, essas mulheres continuaram atuando no comércio do livro⁸⁵. O caso do terceiro volume do tratado de Greenhill sugere-nos, então, que embora o nome de Hannah Allen não

⁸³ “Christ is a *King*, the government is upon his shoulder, he has a *Kingdom*, and it knowes no *end*”. Tradução livre. GREENHILL, William. *An exposition continued upon the sixt, seventh, eighth, ninth, tenth, eleventh, twelfth, and thirteenth chapters of the prophet Ezekiel...*, 1649. “To All Lovers of Divine Truths; Especially the *Undertakers* for the Expositorie Lectures in the Citie of London”. s.n.p.

⁸⁴ Não foi encontrado o registro de casamento de Hannah Allen e Livewell Chapman, mas é possível que seu matrimônio tenha ocorrido pouco antes de 12 de setembro de 1651, pois o livreiro já tinha posse de algumas das obras registradas pela viúva nesse momento. Ver STATIONERS’ COMPANY. *Op. cit.*, Vol. 1. p.383. BELL, Maureen. ‘Chapman, Livewell (fl. 1643–1665)’.

⁸⁵ Ver BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1987. BELL, Maureen; PARTIFF, George; SHEPHERD, Simon (eds.). *Op. cit.*

estivesse no frontispício do impresso, ela provavelmente participou, em alguma medida, da sua produção.

O texto, editado e vendido por Allen e Chapman, recebeu um novo prefácio, intitulado “To The Undertakers for, and Hearers of the Expository Lectures in the City of London, and all of who desire understanding the word of God”. O autor iniciou a obra explicando as passagens do texto sagrado que motivaram a sua escrita. Em suas palavras, “QUANDO eu estava expondo os Capítulos 17. e. 19. Desta Profecia de *Ezequiel*, e vi um fim imposto ao governo Monárquico em Judá, (pois depois de Zedequias⁸⁶ não havia nenhuma vara forte para ser um Cetro a governar) meus pensamentos correram em direção a essa antiga Profecia”⁸⁷. Greenhill indicava que, segundo a Bíblia, depois da queda de Zedequias, não deveria haver mais nenhum poder real até “(...) Cristo vir”⁸⁸. Com a exposição desse momento da história sagrada, Greenhill preparava seus leitores para estabelecer analogias⁸⁹ entre a Bíblia e o contexto britânico. Tal como Zedequias, Carlos I foi deposto por seu governo injusto e tirânico, e Judá, assim como a Inglaterra não teria outro rei, senão Jesus. Dessa maneira, o milenarismo de Greenhill amparava suas perspectivas antimonarquistas e explicitava sua posição com relação à execução do monarca Stuart: ela foi tão justa quanto a queda de Zedequias. O governo parlamentar, nesse sentido, era legitimado porque colaborava com a concretização dos desígnios divinos, já que havia destituído o monarca.

No ano seguinte, o interesse comercial de Chapman sobre o estudo de Greenhill acerca do Livro de Ezequiel foi atestado formalmente⁹⁰. Em 19 de outubro de 1652, ele solicitou junto a Stationers’ Company os direitos dos volumes previamente registrados por Hannah Allen: “Em virtude de um escrito sob sua letra & selo LIVEWELL CHAPMAN, agora marido de Hannah antiga esposa de Benjamin Allen, decidiu, todo o direito, título,

⁸⁶ Zedequias foi o último rei de Judá que, depois de ter reinado por 11 anos, cometendo atos abomináveis aos olhos de Deus, foi deposto e aprisionado até a sua morte. Cf. II Reis 24:17-19, 25:7; II Crônicas 36:10-12; Jeremias 37:1; 52:1-11.

⁸⁷ “WHEN I was expounding the 17. and 19. Chapters of this Prophetie of *Ezekiel*, and saw an end put to the Kingly government in Judah, (for after Zedekiah there was no strong rod to be a Scepter to rule) my thoughts ran much upon that ancient Prophetie”. Tradução livre. GREENHILL, William. *An exposition continued upon the fourteenth, fifteenth, sixteenth, seventeenth, eighteenth, and nineteenth chapters of the prophet Ezekiel...*, 1651. s.n.p.

⁸⁸ “(...) till Christ came”. Tradução livre. *Idem*, s.n.p.

⁸⁹ Como notado por Erich Auerbach, as Escrituras foram lidas e interpretadas analogicamente, alegoricamente e literalmente. Cada uma dessas perspectivas, permitia compreensões diversas sobre a história sagrada. Cf. AUERBACH, Erich. *Figura*. São Paulo: Ática, 1997.

⁹⁰ BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1989. p.9.

propriedade & interesse do dito Livewell Chapman de e em dois livros ou cópias chamados, *O Primeiro, Segundo, & Terceiro volume das Exposições do Sr. Greenhill do 19 cap. de EZEQUIEL*”⁹¹. Com isso, Chapman pretendia proteger a sua propriedade sobre um título valioso, a fim de evitar competições no mercado com a publicação do mesmo texto. Ele continuou vendendo a obra e, alguns anos depois, publicou a quarta parte dos estudos do pregador.

No quarto volume de seu livro, Greenhill adaptou as profecias ao novo momento político. O texto foi publicado por Chapman em agosto de 1658, já no final do governo de Oliver Cromwell. O general, que se tornara o Lorde Protetor da Inglaterra em dezembro de 1653, desagradava a muitos milenaristas, que enxergavam em seu regime uma nova monarquia. Greenhill deixou clara a sua oposição ao Protetorado, ao mesmo tempo em que apontou que logo o governo cairia. Se toda cidade tinha seu fim, Londres – centro da autoridade – também teria. Em sua epístola dedicatória, “To Those in the famous City of London, who are the Undertakers, Promoters, and Maintainers of the Expository Lectures therein, and to all others who love Truth”, Greenhill enunciava: “(...) Príncipes, Conselheiros, Soldados, Profetas, Sacerdotes, com suas Cidades, as raridades e as riquezas deles (...). Estes Deus teve um dia para tirar (...)”⁹². Já que os planos de Deus estavam acima dos projetos políticos de Oliver Cromwell, Greenhill prognosticava que o governo logo cairia para dar lugar aos aguardados mil anos de felicidade. Era o uso das profecias que legitimava sua interpretação sobre os assuntos políticos cotâneos⁹³.

⁹¹ “Assigned over unto him by vertue of a writing under the hand & seale of LIVEWELL CHAPMAN, now husband of Hannah late wife of Benjamin Allen, decided, all his the said Livewell Chapman’s right, title, estate & interest of and in two books or copies called, *The First, Second & Third volume of Mr. Greenhill’s Exposition of 19 chapt. of EZECHIELL*”. Tradução livre. STATIONERS’ COMPANY. *Op. cit.*, Vol. 1. p.404.

⁹² “(...) Princes, Counsellors, Souldiers, Prophets, Priests, with their Cities, the rarities and the riches of them (...). These God had a day to take away (...)”. GREENHILL, William. *An exposition continued upon the XX, XXI, XXII, XXIII, XXIV, XXV, XXVI, XXVII, XXVIII, AND XXIX, chapters of the prophet Ezekiel...*, 1658. “To Those in the famous City of London, who are the Undertakers, Promoters, and Maintainers of the Expository Lectures therein, and to all others who love Truth”, s.n.p.

⁹³ De acordo com o Thornton, as associações das profecias com a época vivida não eram uma particularidade da Inglaterra seiscentista. Como o autor demonstra em seu livro, estas estiveram presentes em vários momentos. No século XVII, em especial com a eclosão dos conflitos entre o rei e o Parlamento, as antigas profecias continuaram a ser importantes caminhos para compreensão do contexto político, e eram usadas com frequência por autores e pregadores. Além disso, as perspectivas milenaristas foram reavivadas, sobretudo com os estudos propostos por Thomas Brightman e Joseph Mede, que aplicavam as profecias acerca do Milênio menos para explicar o passado, e mais para entender o presente e prever o futuro, traçando cronologias e datações para precisar o momento do fim do mundo. THORNTON, Tim. *Prophecy, Politics and the People in Early Modern England*. Woodbridge: The Boydell Press, 2006, especialmente o Cap.2: “Prophetic creation and audience in civil war England”.

Evocar as Escrituras do passado para entender o presente e elaborar previsões sobre o futuro era uma característica de todos os grupos presentes na comunidade de Allhallows the Great. Todos os pregadores que lá atuavam, e que também publicavam seus textos na livraria de Hannah Allen, eram milenaristas, ainda que com perspectivas diferentes acerca dessas profecias. No caso da segunda corrente de autores de Allhallows, uma das especificidades de sua produção era a prevalência da preocupação com os assuntos que acometiam o País de Gales, visto que os dois pregadores milenaristas desse grupo migraram da região assim que os conflitos entre a monarquia e o Parlamento eclodiram.

Segundo Liu Tai, “a paróquia de Allhallows the Great teve contato muito cedo com os Independentes Galeses. Em 1643, (...) quando a igreja dos Llanvaches [de Newport] fugiu para Londres, eles rezavam na igreja paroquial de Allhallows the Great, e o ministro dos Llanvaches, Walter Cradock, aceitou pregar ali”⁹⁴. Cradock foi forçado a abandonar o País de Gales, como outros personagens radicais da região, com o estopim da Primeira Guerra Civil, quando a área foi ocupada pelas forças regalistas⁹⁵. Inicialmente, ele se refugiou em Bristol, mas logo se deslocou para Londres, atuando como ministro em Allhallows de 1643 a 1646. Desde 1641, ele pedia junto ao Parlamento que Gales fosse suprido com melhores pregadores, criticando a inadequação dos ministérios religiosos de lá. Suas demandas foram respondidas em 19 de outubro de 1646⁹⁶, quando o Parlamento financiou Cradock para trabalhar como um dos pregadores itinerantes das Comissões para a Propagação do Evangelho no Norte e em Gales⁹⁷.

Cradock sempre manteve uma postura alinhada ao Parlamento. Ele, inclusive, continuou apoiando-o mesmo quando as demais seitas radicais se revoltaram contra a centralização do poder na figura de Cromwell a partir de meados da década de 1650. Ao contrário de autores como Greenhill, Cradock não identificou o Lorde Protetor como um retrocesso ao Milênio. O galês, na verdade, foi um grande entusiasta das políticas do Parlamento e de Oliver Cromwell.

⁹⁴ “The parish of Allhallows the Great had very early contact with the Welsh Independents. In 1643, (...) when the Llanvaches church fled to London, they worshiped in the parish church of Allhallows the Great, and the Llanvaches minister, Walter Cradock, accepted a lectureship here”. Tradução livre. TAI, Liu. *Op. cit.*, p.118.

⁹⁵ HILL, Christopher. *Op. cit.*, 1987, p.88

⁹⁶ ROBERTS, Stephen K. ‘Cradock, Walter (c.1606–1659)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [http://www.oxforddnb.com/view/article/6564, accessed 13 April 2015].

⁹⁷ HILL, Christopher. *Op. cit.*, 1987, p.89.

Seu apoio ao Protetorado causou-lhe problemas no interior das comunidades independentes, e o autor recebeu inúmeras críticas, mesmo depois de sua morte em 1659⁹⁸.

Com Hannah Allen e Matthew Simmons, Cradock publicou somente duas obras. A primeira era um sermão que pregou na Câmara dos Comuns em 1646, intitulado *The saints fulnesse of joy in their fellowship with God*, e impresso por ordem do Parlamento⁹⁹. Se por um lado a licença parlamentar ressalta o alinhamento de Cradock com o governo, isso também evidencia o apoio da livraria de Allen ao regime. Maureen Bell, aliás, chama atenção para o fato de que Allen publicou vários sermões pregados nas câmaras parlamentares, cujos *imprints* carregavam uma licença ou uma ordem de publicação oficial do Parlamento. Ainda que não seja possível considerar Hannah Allen como uma “editora do Parlamento” – visto que com exceção desse tipo de sermão, nenhuma das obras dela era formalmente autorizada ou ordenada pelas autoridades –, é interessante notar seu profícuo alinhamento com o governo republicano encabeçado pelo Parlamento¹⁰⁰.

O segundo título de Cradock, foi publicado por Allen em 1651, depois de o pregador ter deixado a comunidade de Allhallows para sua missão em Gales. Tratava-se do livro *Gospel-holinesse*, que explorava e interpretava os Livros de Isaías e Romanos¹⁰¹. O livro foi composto por 19 sermões proferidos por Cradock, juntamente com uma introdução escrita por John Robotham – que também circulava pela congregação independentista – o texto foi impresso com o objetivo de popularizar as palavras do pregador – que foram inspiradas por Deus –, e servir como guia para ajudar a compreender os desígnios do Senhor¹⁰².

Em seu prefácio, Robotham citou I Coríntios, 2:4¹⁰³ para reforçar que as palavras da obra de Cradock advinham da inspiração divina¹⁰⁴, definindo que seus “(...) Sermões não

⁹⁸ ROBERTS, Stephen K. ‘Cradock, Walter (c.1606–1659)’.

⁹⁹ Duas versões impressas em 1646 de CRADOCK, Walter. *The saints fulnesse of joy in their fellowship with God: presented in a sermon preached July 21. 1646. before the Honorable House of Commons in Margarets Westminster, being the day appointed for thanksgiving for the surrender of Oxford. By the least of saints, and the meanest of the ministers of the Gospel, W. Cradock*. London: printed by Matthew Simmons, and are to be sold by Hanna Allen, at the Crowne in Popes-head-Alley, 1646.

¹⁰⁰ BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1987, p.50-51.

¹⁰¹ CRADOCK, Walter. *Gospel-holinesse, or, The saving sight of God. Laid open from Isa. 6. 5. Together with the glorious priviledge of the Saints from Rom. 8. 4, 5. both worthily opened & applyed. By that faithfull dispensor of the misteries of Christ, Walter Cradock, late preacher at Allhallowes the great in London. Published and allowed by the author’s consent*. London: by M. Simmons, to be sold by Hanna Allen, 1651.

¹⁰² ROBOTHAM, John. “To the Reader”. In: CRADOCK, Walter. *Op. cit.*, 1651.

¹⁰³ Paulo disse: “E meu discurso e minha pregação não consistiram em palavras persuasivas da sabedoria humana, mas na demonstração do Espírito e poder.”. Tradução livre. “And my speech and my preaching was not with enticing words of man’s wisdom, but in demonstration of the Spirit and of power.”. I Co 2:4, *King James*

estão vestidos com Arte humana, expressões pitorescas, especulações eloquentes; mas sim escolhem surgir na nudez da verdade não com as palavras persuasivas da sabedoria dos homens, mas na demonstração do espírito, e do poder (...)”¹⁰⁵. A validade da obra de Cradock se dava pela intervenção divina em suas pregações e em seus escritos, e não por sua erudição. Esse dispositivo retórico, como lembrado por Nicholas McDowell, era comumente usado para fornecer autenticidade ao discurso. Alguns autores, inclusive, se descreviam como iletrados, pobres e ignorantes, que não poderiam ter conhecimento sobre a matéria tratada, senão pelas mãos de Deus. Embora esse recurso frisasse um aspecto de rusticidade, muitos desses autores e pregadores estudaram em universidades como Oxford e Cambridge, visto que as profissões clericais na Inglaterra seiscentista eram, de modo geral, atividades que demandavam um bacharelado¹⁰⁶.

A missão de propagar as palavras de Deus também impulsionou a escrita do outro autor galês da comunidade independentista: Vavasor Powell. O pregador, que começou a proferir seus sermões em 1640, já havia participado da primeira igreja independente de Gales antes de migrar para a Inglaterra por volta de 1642. Ele participou de várias congregações religiosas em Kent e em Londres. Em 1646, ele também entrou para o *New Model Army*, apoiando o Parlamento nos embates contra os regalistas¹⁰⁷. Em *Allhallows the Great*, Powell pregou diversos sermões, esteve envolvido com outros sectários religiosos e, mais tarde, em 1651, se aproximou dos chamados Homens da Quinta Monarquia, escrevendo, sobretudo, acerca da iminência do Retorno de Cristo.

Como Cradock, uma das preocupações de Powell era o puritanismo em Gales, visto que a região fora dominada pelos exércitos do rei, e os pastores e as comunidades radicais foram oprimidos. Por essa razão, Powell escreveu um catecismo, intitulado *The scriptvres concord*. Pelo menos duas ou três edições do livro foram comercializadas por Hannah Allen entre 1646

Bible. Disponível online em *King James Bible Online*: <<http://www.kingjamesbibleonline.org/1-Corinthians-Chapter-2/#4>>, acessado em 12/04/2016.

¹⁰⁴ Cf. MCDOWELL, Nicholas. *Op. cit.*, p.12.

¹⁰⁵ “(...) Sermons are not cloathed with humane Art, quaint expressions, eloquent speculations; but choose rather to come forth in the nakednesse of truth not with the enticing words of mans wisdom, but in the demonstration of the spirit, and of power (...)”. Tradução livre. ROBOTHAM, John. “To the Reader”. In: CRADOCK, Walter. *Op. cit.*, 1651, s.n.p.

¹⁰⁶ MCDOWELL, Nicholas. *Op. cit.*, p.4-6.

¹⁰⁷ ROBERTS, Stephen K. ‘Powell, Vavasor (1617–1670)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Sept 2013 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/22662>, accessed 13 April 2015]. CAPP, Bernard. *The Fifth Monarchy Men*, 2008.

e 1647¹⁰⁸. Conforme Powell, o texto foi publicado especialmente para ajudar a comunidade galesa, a qual ele acreditava – assim como Cradock – que carecia de ministros religiosos adequados. Na sua introdução, ele apontou dois motivos para a divulgação desse trabalho:

Primeiro meu envolvimento por promessa, e dever com meus queridos amigos cristãos de *Darford* em *Kent*, esperançosas e precoces crianças que eu dei aula neste lugar, e para quem eu agora o deixo [o catecismo], tendo sido chamado para longe antes que eu pudesse aperfeiçoá-lo. Em segundo lugar, tendo-o terminado em *Inglês*, traduzi-o para o *Galês*, para meus queridos Compatriotas de almas famintas, que não tem ao meu conhecimento qualquer coisa, exceto uma (se uma tiverem) dessa natureza; não, muito pior, não tem devotos Ministros *Galeses* capazes, nem um para um Condado, nem uma Bíblia Galesa para quinhentas Famílias (...) ¹⁰⁹

O catecismo foi formulado por Powell como um modo de intervir na situação político-religiosa de Gales que, naquela época, foi percebido por muitos como um lugar rústico. Como referido por Christopher Hill, a suposta oposição entre as regiões norte e oeste, que apoiaram o rei, e sul e leste, que preferiram o Parlamento, expressava uma espécie de “(...) confronto entre norte e oeste, relativamente atrasados, e o sul e o leste, economicamente avançados. O norte e o oeste eram considerados pelos partidários do Parlamento como ‘os recantos obscuros do reino’, nos quais a pregação existente era de todo insuficiente, a despeito dos esforços de muitos puritanos que tentaram subvencioná-la”¹¹⁰. Powell parecia tentar contribuir para o aperfeiçoamento das pregações em Gales, fornecendo aos seus compatriotas as ferramentas para aprenderem as coisas de Deus.

¹⁰⁸ Ainda que tenhamos encontrado apenas duas edições de *The scriptures concord*, provavelmente o texto foi reimpresso três vezes, visto que a primeira e a terceira versões foram vendidas por Hannah Allen. Não foram encontradas quaisquer cópias da segunda edição, mas é pouco provável que a mesma tenha sido realizada por outro livreiro. POWELL, Vavasor. *The scriptvres concord: or A catechisme, compiled out of the words of Scripture*. London: printed by M[atthew]. S[immons]. for Hannah Allen, at the Crowne in Popes-head-Alley, 1646. POWELL, Vavasor. *The Scriptures concord or, A catechisme compiled out of the words of scripture.... The third edition corrected. Hereunto is added a brief description of the threefold state of an elest persou, (viz) of nature, grace, glory: or without Christ, in Christ, with christ. Published according to order*. London: printed by M[atthew]. S[immons]. for Hannah Allen, at the Crowne in Popes-head-Alley, 1647.

¹⁰⁹ “First my ingagement by promise, and duty to my dear christian friends of Dartford in Kent, whose hopefull and forward children I taught herein, for whose use I now leave it; being called away before I could perfect them in it. Secondly, having finished it in English, to translate it into Welsh, for my dear and soule-hangring Countrey-men, who have not to my knowledge any, excepting one (if one) of this nature; nay, far worse, have not of godly able Welsh Ministers, nit one for a County, nor one Welsh Bible for five hundred Families (...)”. Tradução livre. POWELL, Vavasor. *The scriptvres concord...*, 1646. “To the Reader”, s.n.p.

¹¹⁰ HILL, Christopher. *Op. cit.*, 1987. p.87.

Além desse catecismo, cujo sucesso rendeu pelo menos uma ou duas reedições, Powell publicou dois outros textos com Hannah Allen, ambos mais voltados para a explicação de profecias. Tratando sobre a Redenção e a Salvação dos homens, *God the father glorified* foi inicialmente apresentado como um sermão rezado na presença do prefeito de Londres em 1649. Logo em seguida, foi publicado no mesmo ano e, novamente, em 1650¹¹¹. Ainda em 1650, foi lançado também *Christ and Moses Excellency*, abordando o Evangelho, as Leis e a eficácia do Sacrifício de Cristo pela humanidade¹¹². Nas duas obras em questão, com um tom marcadamente milenarista, Vavasor Powell argumentava a respeito da Segunda Vinda e da Salvação. O autor, mais tarde, continuou a disseminar seus textos proféticos e, a partir de 1651, pentamonarquistas com a livraria Crown, sob a edição de Livewell Chapman.

Além de Powell, outros personagens de Allhallows the Great aproximaram-se, posteriormente, dos pentamonarquistas: John Simpson, Christopher Feake e Anna Trapnel. Simpson estudou em Oxford durante os anos 1630. No início de 1640, ele se mudou para Londres, onde começou a pregar em St. Boltoph, Aldgate, tornando-se um dos líderes antinomianos daquela congregação. Em 1643, a Câmara dos Comuns o banuiu de lá e o proibiu de proferir seus sermões, entretanto, ele ignorou as reprimendas, o que o levou a ser preso algumas vezes. Em 1647, Simpson tornou-se pastor em Allhallows the Great¹¹³. “(...) Nenhum dos pregadores de Allhallows foi tão provocativo quanto Simpson (...)” e por essa razão, diversos mandatos para sua prisão foram emitidos, especialmente entre 1650 e 1660¹¹⁴.

Christopher Feake estudou em Cambridge entre 1628 e 1635. Logo depois, começou a pregar em Lincolnshire. Sua heterodoxia já era aparente nos primeiros sermões que realizou, mas foi em Londres que Feake passou a expor perspectivas cada vez mais radicais. Na *City*, ele atuava como pregador tanto em St. Anne Blackfriars quanto em Allhallows the Great. Usando “(...) o púlpito para incitar tanto quanto para instruir (...)” seus ouvintes a se

¹¹¹ POWELL, Vavasor. *God the father glorified*. London: printed by Charles Sumptner, for Hannah Allen, at the Crowne in Popes-Head-Alley, 1649 e 1650.

¹¹² POWELL, Vavasor. *Christ and Moses excellency, or Sion and Sinai's glory*. London: printed by R. I. for Hannah Allen, at the Crown in Popes-head-Alley, 1650.

¹¹³ CAPP, Bernard. ‘Simpson, John (1614/15–1662)’, rev. *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [http://www.oxforddnb.com/view/article/37963, accessed 14 April 2015].

¹¹⁴ GREAVES, Richard L. *Op. cit.*, 1986. p.61-62.

organizarem contra o governo, ele foi um dos autores mais contundentes dentro da congregação independente de Henry Jessey¹¹⁵.

Hannah Allen apenas publicou uma obra de John Simpson: uma reunião de sermões, intitulada *The perfection of justification maintained against the Pharise* (1648)¹¹⁶. Além dos sermões, a obra continha um texto de Simpson, “Truth breaking forth through a mist and cloud of Slanders”, acerca das leis morais, polemizando diretamente contra Thomas Gataker¹¹⁷, um clérigo presbiteriano, que serviu à Assembleia de Westminster. Simpson foi acusado por Gataker de considerar que as leis morais não deviam ser seguidas pelos crentes, visto que Deus lhes dera liberdade. Gataker, assim, o criticava por supostamente ter uma postura antinomiana, que negava a necessidade e a obediência às leis. Simpson respondia a isso confirmando que um verdadeiro cristão não seguia às regras proferidas por Moisés, mas apenas por Jesus, que era o “(...) grande Legislador (...)”¹¹⁸. Quando Cristo se sacrificou pela humanidade, sua graça a salvou do pecado; nesse sentido, para Simpson, era incoerente que os cristãos precisassem obedecer às leis definidas no Monte Sinai, quando, desde a Crucificação, eles desfrutavam de uma nova condição, na qual as leis de Jesus prevaleciam sobre as anteriores¹¹⁹.

¹¹⁵ BALL, Bryan W. ‘Feake, Christopher (1611/12–1682/3)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [http://www.oxforddnb.com/view/article/9235, accessed 14 April 2015].

¹¹⁶ SIMPSON, John. *The perfection of justification maintained against the Pharise: the purity of sanctification against the stainers of it: the unquestionableness of a future glorification against the Sadducee: in severall sermons. Together with an apologeticall answer to the ministers of the new province of London in vindication of the author against their aspersions. By John Simpson, an unworthy publisher of gospel-truths in London.* London: printed by M[atthew]. Simmons, for Hanna Allen, and are to be sold at the Crowne in Popes-head-alley, 1648.

¹¹⁷ USHER, Brett. ‘Gataker, Thomas (1574–1654)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Sept 2013 [http://www.oxforddnb.com/view/article/10445, accessed 17 Sept 2015]

¹¹⁸ “(...) great Law-giver”. Tradução livre. SIMPSON, John. *Op. cit.*, 1648. p.8.

¹¹⁹ Ver debate em GATAKER, Thomas. *A mistake, or misconstruction, removed. (Whereby little difference is pretended to have been acknowledged between the Antinomians and us.) And, Free grace, as it is held forth in Gods Word, as wel by the prophets in the Old Testament, as by the apostles and Christ himself in the New, shewed to be other then is by the Antinomian party in these times maintained. In way of answer to some passages in a treatise of Mr. John Saltmarsh, concerning that subject. / By Thomas Gataker, B. of Divinity and pastor of Rotherhith.* London: printed by E.G. for F. Clifton, and are to be sold at his shop on Fishstreet-hill neer London-bridge, 1646. SIMPSON, John. *Op. cit.*, 1648. p.1-63. GATAKER, Thomas. *Mysterious cloudes and mistes, shunning the cleer light, a little further disclosed, in a short answer to Mr. John Simpsons long appendix, entituled, Truth breaking forth through a cloud and mist of slanders: wherein the charge of slander, so far as it concerneth, both himself and some others, is taken of and removed By Tho. Gataker B. of D. and Pastor of*

Com exceção dessa polêmica obra de Simpson, que impulsionou o debate com Thomas Gataker acerca das leis morais, o pregador não publicou mais nenhum texto até 1654, cujo livreiro responsável não era da Crown¹²⁰. Sua escassa atuação no mundo dos impressos, contudo, não significava que ele não participasse das discussões do seu período. Ao invés de serem propagadas por meio da imprensa, as ideias de Simpson chegavam ao público frequentemente por meio da oralidade. No púlpito, de Allhallows ou de outras comunidades religiosas, o pregador difundia perspectivas radicais, que o levaram a ser perseguido entre os anos 1650 e 1660¹²¹.

Durante uma das pregações de Simpson, realizada em 1642, a profetisa Anna Trapnel experienciou uma de suas visões. Ela teve sua primeira revelação ainda criança, quando tinha nove anos de idade. Certa de que vivia uma danação, ela procurou ajuda em diversas comunidades puritanas, antes de se tornar uma profeta pentamonaquista. Pouco depois da morte de sua mãe, em 1645, novas visões ocorreram, assim como transe e jejuns. Por volta de 1650, ela já fazia parte da comunidade de Allhallows the Great, onde, além de Simpson, aproximou-se de Vasavor Powell, Henry Jessey, Christopher Feake e William Greenhill. Embora Trapnel jamais tenha pregado em Allhallows – ou em qualquer congregação –, suas profecias foram fundamentais para os debates que lá ocorreram¹²².

Em janeiro de 1654, Trapnel foi chamada a Whitehall para falar sobre as atividades de Powell, que frequentemente endereçava críticas ao Protetorado. Durante o evento, ela caiu em um transe que durou muitos dias, nos quais ela proferiu uma série de prognósticos, nos quais afirmava que Deus combateria Oliver Cromwell e seu governo. Pouco depois, ela seguiu para Cornwall, obedecendo às determinações do Senhor em suas visões. Sua ação foi entendida como perturbação da ordem e ela acabou sendo presa¹²³. No mesmo ano, quatro de seus textos

Rotherhith. London: printed by E. Griffin, and are to be sold by Fulke Clifton, on Fish-street Hill, under Saint Margarets-Church, 1648.

¹²⁰ SIMPSON, John. *The great joy of saints in the great day of the resurrection; held forth in severall sermons on Isa. 26. 19. Together with divers other sermons on severall texts. By John Simson an unworthy publisher of Gospel-truths in London*. Printed at London: and are to be sold at the Star in Pauls Church-yard, 1654.

¹²¹ GREAVES, Richard L. *Op. cit.*, 1986. p.61-62.

¹²² DAVIES, Stevie. 'Trapnel, Anna (fl. 1642–1660)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [http://www.oxforddnb.com/view/article/38075, accessed 18 Sept 2015]. MACK, Phyllis. *Op. cit.*, p.90. ADCOCK, Rachel. *Op. cit.*, p.79.

¹²³ ADCOCK, Rachel. *Op. cit.*, p.126. CAPP, Bernard. *The Fifth Monarchy Men*, 2008. p.102-103.

foram publicados: um narrando sua jornada a Cornwall¹²⁴, e três profecias¹²⁵. Nenhum desses títulos foi lançado pela Crown, mas o fato de Trapnel ter circulado amplamente pela comunidade de Allhallows sugere que ela também tivesse se relacionado com Hannah Allen.

Episódios visionários, profecias, sermões inflamados contra a monarquia – e posteriormente contra Cromwell –, milenarismo e projetos pentamonarquistas eram frequentes em Allhallows. As primeiras reuniões dos Homens da Quinta Monarquia, de fato, ocorreram na congregação em 1651, tornando-a uma das primeiras comunidades ligadas ao movimento¹²⁶. Essas crenças e ideias também apareciam frequentemente nas páginas dos impressos editados e vendidos por Hannah Allen na Crown. O desenvolvimento da livraria e do catálogo de títulos que oferecia aos seus leitores acompanhou, em grande medida, as discussões que ocorriam no seio da comunidade da qual Allen, Wight, Jessey, Knollys, Cradock, Powell, Feake, Simpson e Trapnel faziam parte.

A intensa interlocução de Hannah Allen com o grupo independentista de Allhallows the Great nos leva a crer, como Maureen Bell, que a viúva reforçou a aproximação da Crown das discussões milenaristas¹²⁷. Com suas publicações de obras radicais religiosas, Allen abriu caminho para que esses textos fossem lançados com mais frequência, na década de 1650, por

¹²⁴ TRAPNEL, Anna. *Anna Trapnel's report and plea, or, A narrative of her journey into Cornwall the occasion of it, the Lord's encouragements to it, and signal presence with her in it, proclaiming the rage and strivings of the people against the comings forth of the Lord Jesus to reign ... whereto is annexed a defiance against all the reproachful, vile, horrid ... reports raised out of the bottomless pit against her ... / commended for the justification of the truth, and satisfaction of all men, from her own hand.* , [London]: Printed at London for Thomas Brewster ..., 1654.

¹²⁵ TRAPNEL, Anna. *A legacy for saints; being several experiences of the dealings of God with Anna Trapnel, in, and after her conversion, (written some years since with her own hand) and new coming to the sight of some friends, they have judged them worthy of publike view; together with some letters of a latter date, sent to the congregation with whom she walks in the fellowship of the Gospel, and to some other friends.* London printed: for T. Brewster, at the three Bibles in Pauls Church-yard, near London-House, 1654. TRAPNEL, Anna. *Strange and vvonderful nevves from VVhite-Hall, or, The mighty visions proceeding from Mistris Anna Trapnel to divers collonels, ladies, and gentlewomen, concerning the government of the commonwealth of England, Scotland, and Ireland : and her revelations touching His Highness, the Lord Protector, and the army : with her declaration touching the state-affairs of Great-Brittain, even from the death of the late King Charles, to the dissolution of the last Parliament : and the manner how she lay eleven dayes and twelve nights in a trance, without taking any sustenance, except a cup of small beer once in 24 hours : during which time, she uttered many things herein mentioned, relating to the governors, churches, ministry, universities, and all the three nations, full of wonder and admiration, for all that shall read and peruse the same.* London: Printed for Robert Sale, 1654.

¹²⁶ CAPP, Bernard. *The Fifth Monarchy Men*, 2008. p.58-39. HILL, Christopher. *The Experience of Defeat: Milton and some contemporaries*. New York: Penguin, 1985. p.54.

¹²⁷ BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1987. p.37-38.

seu segundo marido, Livewell Chapman, a quem, posteriormente, Bernard Capp e Leona Rostenberg identificaram como o principal livreiro dos Homens da Quinta Monarquia¹²⁸.

2.3. Hannah Allen e a literatura milenarista

Hannah Allen compartilhava das concepções teológicas dos pregadores de Allhallows the Great, e publicava seus textos com frequência. A importância atribuída ao grupo pode ser observada não apenas pelos seus temas, mas também na recorrência dos títulos provenientes da comunidade independente. Se atentarmos apenas para os títulos diretamente envolvidos com a igreja de Allhallows, eles representavam 16,6% das 54 obras comercializadas pela livreira¹²⁹. Embora nove títulos em 54 possa não parecer tão impressionante no montante vendido pela Crown, a contagem de obras totais, incluindo reimpressões, demonstra a ênfase que Hannah Allen dava aos escritos dos autores da comunidade de Allhallows. 17 entre os 67 livros e panfletos lançados pela livreira eram primeiras edições ou reedições dos trabalhos dos pregadores da congregação.

A opção em relançar tais impressos pode ser indício da circulação desses textos. As obras bem-sucedidas no mercado livreiro eram aquelas que mereciam ser vendidas continuamente, como foi o caso das quatro edições de *The exceeding riches of grace advanced* ou as reimpressões e continuações do tratado de Greenhill sobre as profecias de Ezequiel. Se Allen publicava e republicava títulos como esses, estima-se que havia leitores que os consumiam. A proximidade geográfica da igreja de Allhallows também podia facilitar o acesso do público a esses textos. Nessa perspectiva, a própria livraria podia se tornar um espaço para a discussão desses temas religiosos, pois nas casas livreiras era comum a prática das conversas e dos debates sobre os livros lá vendidos. As livrarias eram, por conseguinte, locais fundamentais para a difusão de diversas vertentes político-religiosas, sobretudo, se os livreiros estivessem também relacionados com as seitas cujas ideias difundiam¹³⁰. No caso de Hannah Allen, suas escolhas dentre os títulos publicados apontam para suas crenças particulares. Suas associações com o grupo e a prevalência de seus textos na Crown parecem demonstrar que além de seu interesse editorial, Allen também participava da congregação por sua perspectiva religiosa e política.

¹²⁸ Cf. ROSTENBERG, Leona. *Op. cit.*. CAPP, Bernard. *The Fifth Monarchy Men*, 2008.

¹²⁹ Número de primeiras edições publicadas pela Crown entre 1646 e 1651.

¹³⁰ CAMBERS, Andrew. *Op. cit.*, p.200-201.

O grupo, como lembrado por Maureen Bell, estava “(...) no cerne da publicação de Hannah Allen”¹³¹. Isso se torna ainda mais evidente se observarmos que, mesmo os textos que não provinham diretamente de Allhallows, isto é, que não eram escritos por seus pregadores, tinham conexões com o grupo independentista. A porcentagem de títulos envolvidos com a congregação sobe para 31,3%, se tivermos em vista as publicações de Jeremiah Burroughs, pastor associado a William Greenhill; do prefaciador de Walter Cradock, John Robotham; e de dois autores ligados a Henry Jessey: Menasseh ben Israel e Caspar Sibelius. Analisar as publicações que Allen fez das obras desses personagens nos ajuda a compreender certas ideias difundidas pela livraria da viúva.

Em primeiro lugar, cabe ressaltar que alguns desses autores eram apoiadores do Parlamento. Em 1646, por exemplo, Hannah Allen publicou um sermão de Burroughs, proferido na assembleia¹³². A obra foi licenciada pelas autoridades, e Allen e Matthew Simmons foram escolhidos pelo autor como os editores do texto. Entre 1647 e 1650, mais dois sermões, rezados no Parlamento e aprovados pelos MPs foram publicados por Allen¹³³. Desta vez tratavam-se de títulos de Manton¹³⁴ e Brookes¹³⁵. Além desses casos, em 1647, Hannah Allen lançou um tratado de John Robotham dedicado a dois parlamentares do condado de Sussex, o coronel Stapely e William Cawley. A epístola de *The preciousnesse of Christ unto beleivers* deixava claro o agradecimento de Robotham a favores prestados pelos MPs. Em retribuição, o autor endereçava-lhes a obra para guiá-los em suas ações, orientando-os sobre os desígnios de Deus¹³⁶.

¹³¹ “(...) at the core of Hannah Allen’s publishing” Tradução livre. BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1987. p.37.

¹³² BURROUGHS, Jeremiah. *A sermon preached before the Honorable House of Commons assembled in Parliament, at their late solemn fast, August 26. 1646. in Margarets Westminster. By Jer: Burroughes.* London: printed by Matthew Simmons, for Hanna Allen, at the Crowne in Popes-head Alley, 1646.

¹³³ BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1987. p.21-22.

¹³⁴ MANTON, Thomas. *Meate out of the eater, or, Hopes of unity in and by divided and distracted times. Discovered in a sermon preached before the Honourable house of Commons at Margarets Westminster on their solemn day of fast, June 30. 1647. By Tho: Manton Minister of Stoke-Newington.* London: printed by M.S. for Hanna Allen at the Crowne in Popes-head Alley, 1647.

¹³⁵ BROOKS, Thomas. *The hypocrite detected, anatomized, impeached, arraigned, and condemned before the Parliament of England. Or, a word in season. Shewing hypocrites to be the prime objects of Gods wrath; and the grounds of it: with speciall lessons that we are to learn from it. Expressed in a sermon preached before the Parliament of England, upon their last thanksgiving day, being the 8th of Octob. 1650...* London: printed by Fr: Neile for Hanna Allen at the Crown in Popes-head-Alley, 1650.

¹³⁶ ROBOTHAM, John. *The preciousnesse of Christ unto beleivers. Or, A treatise wherein the absolute necessity, the transcendent excellency, the supereminent graces, the beauty, rarity and usefulness of Christ is opened and applied. By John Robotham, preacher of the Gospel.* London: printed by M. Symmons, and are to be sold by Hannah Allen, at the signe of the Crown in Popes head-Alley, 1647.

Em segundo lugar, faz-se necessário abordar as perspectivas milenaristas de muitos dos textos vendidos pela Crown. Caso exemplar é o da obra intitulada *Hope of Israel*, escrita pelo rabino luso-holandês Menasseh ben Isarel. Na obra em questão, o autor transcrevia e analisava o relato de Antonio de Montesinos e sua dita descoberta de uma das dez tribos perdidas de Israel entre os índios amazônicos. Se verdade, isso seria mais uma evidência acerca da proximidade do Fim dos Tempos, da vinda do Messias, na perspectiva judaica, ou do Retorno de Cristo, na cristã¹³⁷.

Hope of Israel era a tradução de *Esperança de Israel*, escrito em espanhol e impresso por Menasseh ben Israel em Amsterdã em 1650, tendo saído na sequência, provavelmente também das prensas do rabino, uma edição em latim sob o título de *Spes Israelis*. A versão latina fora acrescida de uma dedicatória ao Parlamento e ao Conselho do Estado na Inglaterra¹³⁸. Além disso, Benjamin Braude percebeu nas duas versões algumas mudanças, que foram compreendidas por alguns estudiosos como imprecisões e erros da edição latina. Para o autor, mais do que uma tradução imprecisa, o texto latino era diferente, isto é, *Esperança de Israel* e *Spes Israelis* consistiam em dois livros diversos, com programas elaborados para públicos distintos¹³⁹.

Um terceiro público foi abordado com uma tradução para a língua inglesa, publicada em 1650. Menasseh correspondia-se com vários ministros religiosos britânicos, como Henry Jessey¹⁴⁰, Nathaniel Homes¹⁴¹ e John Dury¹⁴², bem como com acadêmicos, soldados,

¹³⁷ BEN ISRAEL, Menasseh. *The hope of Israel...* London: by R[obert]. I[bbitson]. for Hannah Allen, at the Crown in Popes-head Alley, 1650. SCHORSCH, Ismar. "From Messianism to Realpolitik: Menasseh Ben Israel and the Readmission of the Jews to England". *Proceedings of the American Academy for Jewish Research*, Vol. 45, 1978. pp. 187-208. p.189.

¹³⁸ HESSAYON, Ariel. "*Gold tried in the fire*": the prophet Theauraujohn Tany and the English Revolution. Hampshire: Ashgate, 2007. p.148.

¹³⁹ BRAUDE, Benjamin; TOMICHE, Anne. "Les contes persans de Menasseh Ben Israël. Polémique, apologétique et dissimulation à Amsterdam au XVIIe siècle ». *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 49e année, N. 5, 1994. pp. 1107-1138.

¹⁴⁰ HESSAYON, Ariel. "*Gold tried in the fire*", 2007. p.143.

¹⁴¹ Nathaniel Holmes teve grande interesse pelas ideias acerca do fim do mundo, estudando e interpretando as profecias milenaristas e apocalípticas. Durante o Interregno, foi apontado como pregador do Conselho do Estado. GIBSON, Kenneth, 'Homes, Nathaniel (1599–1678)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/13599>, accessed 15 April 2015].

¹⁴² John Dury era um importante pregador escocês, que viveu parte de sua vida na Holanda, onde foi um ministro presbiteriano em Leiden. Ele retornou para a Inglaterra na década de 1630 e nos anos 1640 foi convidado para integrar a Westminster Assembly of Divines. YOUNG, John T. 'Durie, John (1596–1680)',

pregadores e outras importantes figuras em Londres¹⁴³. Enquanto a obra era preparada para ser lançada na Inglaterra, Menasseh ben Israel teria enviado a John Dury uma “(...) lista de correções e adições ao texto em Latim. Essa errata, entretanto, chegou tarde demais para ser usada pelo tradutor Inglês”¹⁴⁴, Moses Wall¹⁴⁵. O texto foi registrado na Stationers’ Company por Hannah Allen, em 1º de julho de 1650¹⁴⁶, e logo na sequência foi impresso – junto com uma dedicatória ao Parlamento – em oitavo por Robert Ibbitson e vendido pela livreira no mesmo mês¹⁴⁷. Em 1651 e 1652, foram emitidas versões corrigidas da obra – *in quartos* de 72 páginas –, vendidas pelo segundo marido de Allen, Livewell Chapman¹⁴⁸.

É interessante notar que, na primeira edição do trabalho, o frontispício informa ao seu público que o título foi “printed by authority”, ou seja, “impresso por autoridade” (ver figura 5). De fato, o título tinha permissão para circular, visto que fora licenciado previamente, mas com exceção da entrada no *Entry Book* da Stationers’ Company, não há nenhuma ordenação que faça crer que o Parlamento ou qualquer outra autoridade britânica tenha requisitado a impressão do título, como ocorreu nos casos dos sermões de Cradock ou Borrouhgs. No entanto, a nota introdutória do tradutor permite-nos examinar essa questão. Moses Wall dizia aos leitores:

Não pensem que eu pretendo com esta tradução propagar, ou elogiar o *Judaísmo* (...), não, por meio da Graça eu aprendi realmente a verdade, como ela é em Jesus: mas [a tradução serve] para jogar alguma luz sobre quais apreensões, e agitações existentes hoje no coração dos *Judeus*; e para remover nosso ódio pecaminoso destas

Oxford Dictionary of National Biography, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [http://www.oxforddnb.com/view/article/8323, accessed 15 April 2015].

¹⁴³ HESSAYON, Ariel. “Jews and crypto-Jews in sixteenth and seventeenth century England”. *Chomos*, 16, pp. 1-26, 2011. p.1.

¹⁴⁴ “(...) a list of corrections and additions to the Latin text. These errata, however, arrived too late to be of use to the English translator”. Tradução livre. HESSAYON, Ariel. “*Gold tried in the fire*”, 2007. p.148.

¹⁴⁵ De acordo com Richard Popkin, pouco se sabe a respeito da trajetória de Moses Wall. Há fontes que apontam para seus contatos com John Milton. Em cartas trocadas entre os dois, o tradutor parece desapontado com a situação vivida no final do Protetorado. Há outras correspondências que associam Wall à personagens milenaristas como Samuel Hartlib. Aparentemente, ele era um adepto das perspectivas escatológicas de Hartlib e Joseph Mede, bem como era um entusiasta das expectativas em torno da conversão dos judeus. POPKIN, Richard H. “A note on Moses Wall”. In: MÉCHOULAN, Henry; NAHON, Gérard (eds.). *The Hope of Israel*. Oxford: The Littman Library of Jewish Civilization, 2004.

¹⁴⁶ STATIONERS’ COMPANY. *Op. cit.*, Vol. 1. p.346.

¹⁴⁷ A data é estimada com base na cópia de George Thomason de 4 de julho de 1650. BEN ISRAEL, Menasseh. *Op. cit.*, 1650.

¹⁴⁸ BEN ISRAEL, Menasseh. *Hope of Israel...* London: printed by R. Ibbitson]. for Livewell Chapman at the Crown in Popes-Head Alley, 1651 e 1652.

peçoas, que são as Promessas, que são amadas em memória de seus Pais; as quais desses *Judeus*, nós devemos ouvir, dentro em breve para ser realmente Cristãos¹⁴⁹.

O tradutor argumentava que, embora a obra tivesse sido redigida por um rabino, ela não advogava em favor do judaísmo, mas se constituía como uma ferramenta fundamental para compreender a religião e os desígnios de Deus com relação à promessa da conversão dos judeus antes da Segunda Vinda. Isso é especialmente importante se levarmos em consideração que na época havia um intenso debate, e uma grande expectativa, em torno da cristianização do povo judeu. As reflexões foram em muito impulsionadas pelas notícias acerca das colônias inglesas, nas quais levantavam-se diversas hipóteses sobre a relação entre os índios e as tribos perdidas de Israel. Por perpassar essa questão, o trabalho de Menssah foi bastante lido e discutido na Inglaterra¹⁵⁰.

Justificando a publicação do texto e, possivelmente, temendo críticas dos leitores – por se tratar de um título composto por um judeu –, Moses Wall escreveu a nota supracitada, explicando a importância da tradução de *Hope of Israel*. Com uma estratégia semelhante, é possível que Robert Ibbitson e Hannah Allen tenham inserido a frase “printed by authority” para reafirmar que a obra não fora impressa e publicada ilegalmente. Se não fora produzido por conta de uma determinação do governo, como o termo “printed by authority” pode sugerir, *Hope of Israel* havia sido licenciado pelas autoridades responsáveis pelo controle editorial, a Stationers’ Company. Com a permissão dos censores, o caráter sedicioso e herético que a obra poderia assumir era dissipado. Os leitores poderiam, então, ler e discutir os conteúdos de *Hope of Israel* sem temer as punições do *Act against Unlicensed and Scandalous Books and Pamphlets, and for Better Regulating of Printing* de 1649, que decretava que leitura de livros proibidos era uma violação passível de multa¹⁵¹.

¹⁴⁹ “Doe not think that I ayme by this Translation to propagate, or commend *Judaisme* (...), no trough Grace I have better learned the truth, as it is in Jesus: but to give some discovery of what apprehensions, and workings there are at this day in the hearts of the *Iewes*; and to remove our sinfull hatred from off that people, whose are the Promises, and who are beloved for their Fathers sakes; and who of *Iewes*, we shall heare to be, ere long, reall Christians”. Tradução livre. BEN ISRAEL, Menasseh. *Op. cit.*, 1650. “The Translator to the Reader”, s.n.p.

¹⁵⁰ MACLEAR, J. F. “New England and the Fifth Monarchy: the quest of the Millennium in Early American Puritanism”. *The William and Mary Quarterly*, Third Series, Vol. 32, No. 2 (Apr., 1975), pp. 223-260. p.244.

¹⁵¹ England and Wales. Parliament. “An Act against Unlicensed and Scandalous Books and Pamphlets and for Better Regulating of Printing (20 September 1649)” In: KEMP, Geoff; MCELLIGOTT, Jason (eds.). *Op. cit.*, Vol.2. p.233-241.

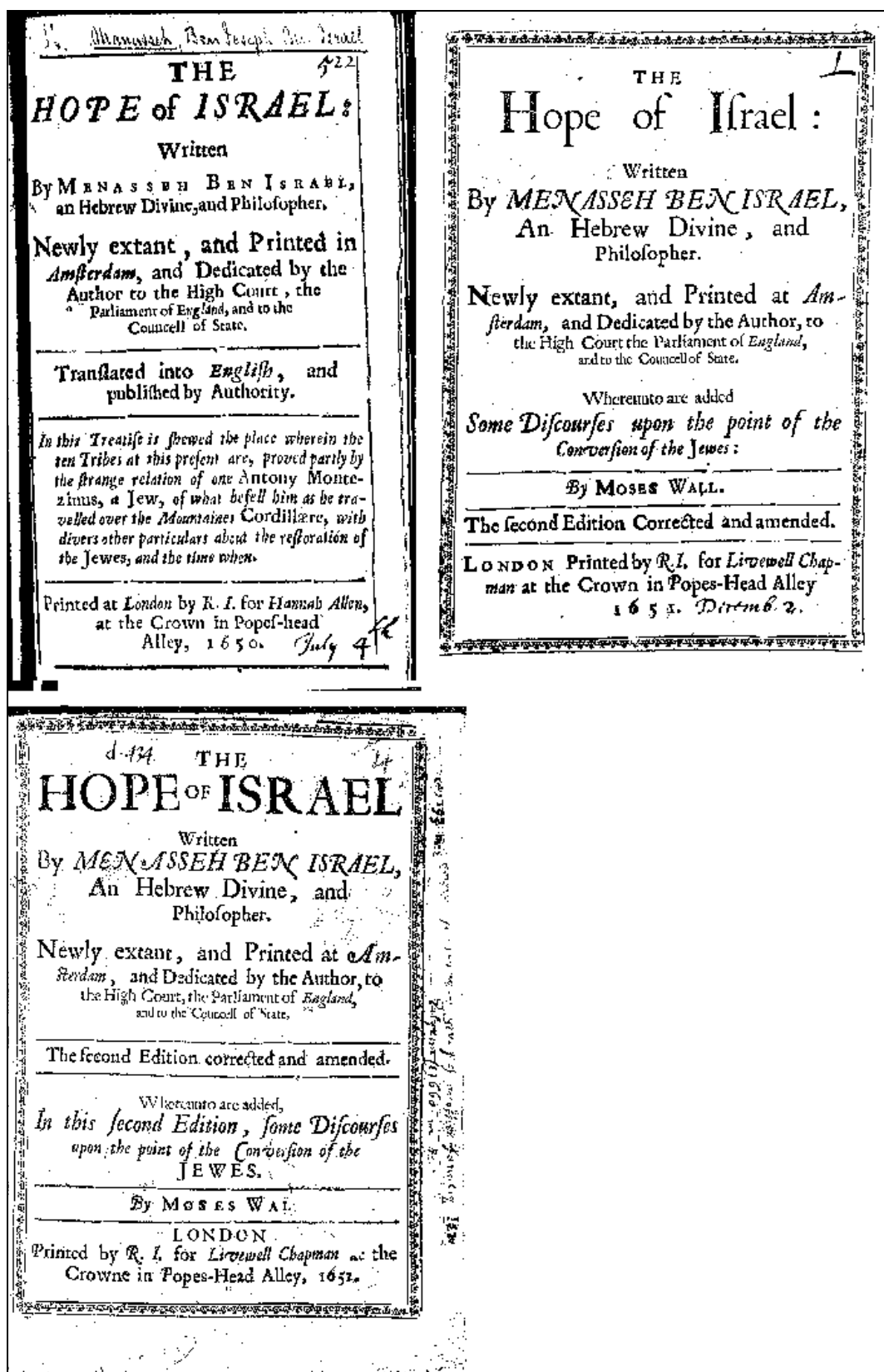


Figura 5: Frontispícios das três edições de *Hope of Israel*, publicadas pela Crown¹⁵².

¹⁵² BEN ISRAEL, Menasseh. *Op. cit.*, 1650. BEN ISRAEL, Menasseh. *Op. cit.*, 1651. BEN ISRAEL, Menasseh. *Op. cit.*, 1652.

O frontispício da primeira edição também ressaltava os fatos de o texto ter sido recentemente impresso em Amsterdã, por onde diversos protestantes ingleses circularam, e de a obra ter sido dedicada ao Parlamento inglês (ver frontispício de 1650 na figura 5). Há ainda uma longa descrição do conteúdo da obra, informando que se tratava de uma discussão que perpassava o relato de Montesinos, já conhecido na Inglaterra. Todos esses elementos ajudavam a captar a atenção do leitor, interessado nos debates político-religiosos da época.

Mais tarde, nas reedições de 1651 e 1652, a obra já era bem conhecida pelo público e, talvez, isso tenha motivado Livewell Chapman a não utilizar a expressão “printed by authority”, como feito por Hannah Allen (ver figura 5). Suas duas edições também possuíam frontispícios diferentes do que fora produzido pela livreira. Na versão de 1651, não há uma longa explicação sobre o título, apenas é indicado que o texto fora impresso recentemente em Amsterdã, dedicado ao Parlamento e que tratava sobre a conversão dos judeus. Também informava-se que aquela era “The second Edition corrected and Amended”, afirmando que o trabalho havia sido corrigido e que novos discursos foram adicionados. O nome de Menasseh foi grafado com maior destaque, em caixa alta. O nome do tradutor também passou a aparecer com mais evidência, dando espaço não apenas para o rabino que escreveu o trabalho, mas também para o protestante que o tornou inteligível e acessível para um público mais amplo¹⁵³. A edição de 1652 pouco mudou com relação à publicação precedente. O título *Hope of Israel* foi escrito com ainda mais ênfase do que nas versões anteriores, em caixa alta e negrito. Apesar de ser uma terceira impressão, o frontispício ainda indicava aos leitores que se tratava da segunda edição. Não temos informações o suficiente para precisar se este foi um erro tipográfico, ou se foi uma consequência do aproveitamento dos moldes usados na impressão anterior¹⁵⁴.

Essas três edições circularam amplamente na Inglaterra, avivando um profícuo debate a respeito da conversão dos índios e colocando em discussão a questão da possibilidade de readmissão dos judeus – que foram expulsos do país em 1290 –, como um passo importante em direção à efetivação das profecias milenaristas. Segundo Hessayon:

A resposta, entretanto, foi em grande parte desestimulante. Desde um MP que pensava ser esse um trabalho de um Judeu converso, a outro que rezava pela conversão dos Judeus, enquanto na distante Rhode Island ele foi interpretado como

¹⁵³ BEN ISRAEL, Menasseh. *Op. cit.*, 1651.

¹⁵⁴ BEN ISRAEL, Menasseh. *Op. cit.*, 1652.

um sinal de que os Judeus estavam prestes a aceitar Cristo como o Messias. Não é de se admirar que dois anos mais tarde os esforços de Menasseh permaneceram não recompensados pelo Parlamento¹⁵⁵.

Hope of Israel e outras obras do rabino foram essenciais para os grupos milenaristas. Como a conversão do povo judaico era considerada uma etapa para a Segunda Vinda de Cristo, as reflexões de Menasseh foram discutidas por aqueles que esperavam por isso, indicando a importância de que esse povo voltasse à Inglaterra. Em 1655, sobretudo, os debates levaram à Conferência de Whitehall, onde se falou abertamente sobre o assunto. Mesmo que o Parlamento não tenha oficialmente aprovado a readmissão dos judeus, tacitamente isso acabou ocorrendo¹⁵⁶. Henry Jessey narrou todo o debate, do qual participou, em seu *A narrative of the late proceeds at White-Hall*, publicado por Chapman em 1656¹⁵⁷.

Além desse tratado do rabino, Hannah Allen publicou outras reflexões que tratavam sobre a conversão dos gentios, em relação às profecias aceca das tribos perdidas. Em 1650, ela lançou, junto com o impressor John Hammond¹⁵⁸, a obra *Of the conversion of five thousands and nine hundred East-Indians* de Caspar Sibelius – pastor de Daventry, no condado de Northamptonshire –, traduzida do latim para o inglês, e prefaciada por Henry Jessey. Ainda que a obra retratasse a cristianização de índios da ilha de Formosa (Taiwan), Jessey apresentava-a ao público da Inglaterra e da Nova Inglaterra, ansiando pela plena conversão dos gentios, para “(...) que assim toda Israel seja salva”¹⁵⁹. Na segunda seção da

¹⁵⁵ “The response, however, was largely discouraging. Hence one MP thought it the work of a converted Jew, another prayed for the Jews’ conversion, while far away in Rhode Island it was interpreted as a sign that the Jews were about to accept Christ as the Messiah. Little wonder that two years later Menasseh’s efforts remained unrewarded by Parliament”. Tradução livre. HESSAYON, Ariel. *Op. cit.*, 2011, p.10.

¹⁵⁶ HESSAYON, Ariel. *Op. cit.*, 2011. HESSAYON, Ariel. “*Gold tried in the fire*”, 2007.

¹⁵⁷ JESSEY, Henry. *A narrative of the late proceeds at White-Hall, concerning the Jevvs: who had desired by R. Manasses an agent for them, that they might return into England, and worship the God of their fathers here in their synagogues, &c. Published for satisfaction to many in several parts of England, that are desirous, and inquisitive to hear the truth thereof*. London: printed for L: Chapman, at the Crown in Popes-head-Alley, 1656.

¹⁵⁸ Foram encontradas poucas referências a respeito de Hammond, mas sabe-se que ele esteve ativo entre 1642 e 1651, com uma casa tipográfica localizada em Holborn, próxima ao centro do mercado livreiro que circundava a St. Paul’s Cathedral. PLOMER, Henry R. *Op. cit.*, p.89.

¹⁵⁹ “(...) that so all israel may be saved”. Tradução livre. JESSEY, Henry. “To his Christian Friends”. In: SIBELIUS, Caspar. *Of the conversion of five thousand and nine hundred East-Indians, in the isle Formosa, neere China, to the profession of the true God, in Jesus Christ; by meanes of M. Ro: Junius, a minister lately in Delph in Holland. Related by his good friend, M.C. Sibellius, pastor in Daventrie there, in a Latine letter. Translated to further the faith and joy of many here, by H. Jessei, a servant of Jesus Christ. With a post-script of the Gospels good successe also amongst the VWest-Indians, in New-England. Imprimatur, Joseph Caryl.*

obra, foi incluído o sumário de outro impresso, intitulado *The clear sun-shine*, de Thomas Shepard¹⁶⁰ – ministro na colônia americana –, e vendido pelo antigo mestre de Benjamin Allen, John Bellamy¹⁶¹. A terceira seção, composta de cartas de John Eliot, foi acrescida de uma propaganda, que sugeria que o leitor que quisesse continuar estudando a questão da conversão dos judeus, poderia fazê-lo por meio de outras cartas de Eliot disponíveis nas obras *The glorious progress of the Gospel* de Edward Winslow¹⁶², publicada por Hannah Allen; *The day-breaking*¹⁶³, impresso por Richard Cotes¹⁶⁴ e vendido por Fulke Clifton; e, novamente, *The clear sun-shine*, comercializada por Bellamy¹⁶⁵. Outros textos são indicados ao longo do impresso, majoritariamente publicados por Thomas Brewster.

As referências aos escritos de John Eliot eram fundamentais nas discussões do período. Eliot fora um importante ministro religioso e missionário na América Inglesa. Ele migrou para Boston em 1631, onde ficou conhecido como o “Apóstolo dos Índios” pelos quarenta anos em que atuou na evangelização dos índios de Massachusetts, ele traduziu diversos textos cristãos para a língua dos povos autóctones da região. Suas reflexões acerca da conversão dos índios, bem como as narrativas de suas atividades na colônia foram publicadas em diversos

London: printed by Iohn Hammond, and are to be sold at his house voer-against [sic] S. Andrewes Church in Holborne; and in Popes-Head-Alley, by H. Allen, 1650. s.n.p.

¹⁶⁰ SHEPARD, Thomas. *The clear sun-shine of the Gospel breaking forth upon the Indians in Nevv-England. Or, An historicall narration of Gods wonderfull workings upon sundry of the Indians, both chief governors and common-people, in bringing them to a willing and desired submission to the ordinances of the Gospel; and framing their hearts to an earnest inquirie after the knowledge of God the Father, and of Jesus Christ the Saviour of the world. By Mr. Thomas Shepard minister of the Gospel of Jesus Christ at Cambridge in New-England.* London: printed by R. Cotes for John Bellamy at the three golden Lions in Cornhill near the Royall Exchange, 1648.

¹⁶¹ SIBELIUS, Caspar. *Op. cit.*, p.19-24.

¹⁶² WINSLOW, Edward. *The glorious progress of the Gospel, amongst the Indians in New England. Manifested by three letters, under the hand of that famous instrument of the Lord Mr. John Eliot, and another from Mr. Thomas Mayhew jun: both preachers of the Word, as well to the English as Indian in New England...* London: printed for Hannah Allen in Popes-head-Alley, 1649.

¹⁶³ *The day-breaking, if not the sun-rising of the Gospell with the Indians in New-England.* London: printed by Rich. Cotes, for Fulk Clifton, and are to bee sold at his shop under Saint Margarets Church on New-fish-street Hill, 1647.

¹⁶⁴ Winslow foi governador da colônia de Massachussets Bay entre as décadas de 1630 e 1640. Ele publicou diversos trabalhos sobre a América Inglesa. TRAVERS, Len. ‘Winslow, Edward (1595–1655)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Oct 2006 [http://www.oxforddnb.com/view/article/29751, accessed 27 Dec 2015].

¹⁶⁵ SIBELIUS, Caspar. *Op. cit.*, p.31-32.

trabalhos ao longo do século XVII¹⁶⁶. Suas primeiras cartas sobre o progresso das suas atividades missionárias foram compiladas por Thomas Shepard e enviadas por Edward Winslow para serem impressas em Londres em abril 1647. Elas foram lançadas sob o título de *The day-breaking*. Em março do ano seguinte, Winslow editou mais cartas de Eliot, também reunidas por Shepard, publicadas com o título de *The clear sun-shine*. Em junho de 1649, Winslow lançou a terceira parte das correspondências do missionário em *The glorious progress of the Gospel*. Por fim, em 1651, o quarto volume desses escritos foi impresso com o nome de *The Light appearing more and more towards the perfect Day*. De acordo com Richard Cogley, um dos principais motivos para a publicação das reflexões de Eliot foi responder às críticas de alguns autores ingleses, como Thomas Lenchford e Robert Baillie, que acusavam os colonos de não se preocuparem com a cristianização dos gentios. Concomitantemente, a difusão dos escritos de John Eliot buscava conseguir apoio financeiro para a continuidade das atividades na colônia¹⁶⁷.

Ainda, os quatro volumes de textos de Eliot foram extremamente importantes nas discussões sobre as origens dos índios, e na compreensão de sua conversão como um dos fatores para a advento dos mil anos de felicidade descritos na Bíblia. Eliot acreditava que as tribos perdidas de Israel estavam espalhadas entre os povos da Ásia e da Nova Inglaterra, e que, por meio de um processo de cristianização simultânea desses gentios, a Segunda Vinda de Cristo seria iminente. Eliot também apontava que, por conta de sua localização geográfica, a América Inglesa, juntamente com a Inglaterra, seria um dos espaços onde o Milênio se iniciaria¹⁶⁸.

John Eliot não foi o único colono milenarista a pensar na Nova Inglaterra como um dos lugares fundamentais para o Retorno de Cristo. Muitos outros autores estavam pensando nisso, alguns deles foram também publicados por Hannah Allen. A livreira vendeu textos de personagens como John Cotton¹⁶⁹ e Richard Mather¹⁷⁰, cujas reflexões contribuíram para os

¹⁶⁶ FAUSZ, J. Frederick. 'Eliot, John (1604–1690)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2011 [http://www.oxforddnb.com/view/article/8631, accessed 27 Dec 2015].

¹⁶⁷ COGLEY, Richard. *John Eliot's Mission to the Indians before King Philip's War*. Massachussets: Harvard University Press, 1999. p.66-68.

¹⁶⁸ *Idem*, p.76-104.

¹⁶⁹ John Cotton migrou para Massachusetts Bay na década de 1630, onde atuou como ministro religioso. Cotton, assim como outros puritanos, percebia a Bíblia enquanto um instrumento legislativo, por essa razão, elaborou em 1636 um código legislativo pautado, especialmente, nas determinações de Moisés. Inicialmente, suas ideias foram criticadas pelo Tribunal Geral colonial, mas serviram posteriormente como base do governo civil instituído em 1639. As sugestões de Cotton levavam em conta uma percepção de que o Milênio seria

debates político-religiosos seiscentistas e para as expectativas da efetivação do Milênio¹⁷¹. John Cotton, por exemplo, dedicou-se, entre outras coisas, a demonstrar como as leis mosaicas poderiam ser o fundamento da administração civil, da justiça e da política na América Inglesa. Seus escritos, nesse sentido, forneciam bases importantes para a teorização de um governo teocrático¹⁷². Eliot também discutiu sobre a possibilidade de desenvolver uma teocracia em seu *The Christian commonwealth*¹⁷³, escrito em 1651, mas impresso e vendido na Inglaterra somente em 1659 por Livewell Chapman. A difusão dessas ideias pela Inglaterra contribuíra, segundo Maclear, para o desenvolvimento de perspectivas político-religiosas radicais na década de 1650, como as dos pentamonarquistas, que ansiavam pelo advento de um governo concreto de Cristo na Terra¹⁷⁴.

O fato de Hannah Allen e, posteriormente, Livewell Chapman terem publicado tanto as reflexões profético-políticas dos colonos da América Inglesa, como as dos grupos radicais religiosos que atuavam em meio à Revolução Inglesa demonstra o quanto a Crown estava inserida nas discussões do período. A livraria o fazia na medida em que difundia,

atingido por meio da pregação fiel dos homens acerca do Evangelho. CALDER, Isabel M. "John Cotton and The New Haven Colony". *The New England Quarterly*, Vol.3, n.1. Janeiro/1930. pp. 82-94. MIXTON, Harold. "„A City Upon a Hill”: John Cotton’s Apocalyptic Rhetoric and the Fifth Monarchy Movement in Puritan New England”. *Journal of Communication and Religion*, Vol. 12, n.1, 1989. pp.1-6. BREMER, Francis J. ‘Cotton, John (1585–1652)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Sept 2013 [http://www.oxforddnb.com/view/article/6416, accessed 29 April 2015].

¹⁷⁰ Richard Mather também chegou em Boston nos anos 1630, onde atuou como um ministro religioso. Ele colaborou para o desenvolvimento da igreja de Massachussets, sobretudo, com suas concepções congregacionalistas. HALL, Michael G. ‘Mather, Richard (1596–1669)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [http://www.oxforddnb.com/view/article/18324, accessed 28 Dec 2015].

¹⁷¹ COTTON, John. *Singing of Psalmes a Gospel-ordinance. Or A treatise, wherein are handled these foure particulars. 1. Touching the duty it selfe. 2. Touching the matter to be sung. 3. Touching the singers. 4. Touching the manner of singing. By John Cotton, teacher of the church at Boston in New-England.* London: printed by M[atthew]. S[immons]. for Hannah Allen, at the Crowne in Popes-Head-Alley: and John Rothwell at the Sunne and Fountaine in Pauls-Church-yard, 1647. MATHER, Richard. *A reply to Mr. Rutherford, or a defence of the answer to Reverend Mr. Herles booke against the independency of churches. VVherein such objections and answers, as are returned to sundry passages in the said answer by Mr. Samuel Rutherford...* London: Printed for J. Rothwell, and H. Allen at the Sun and Fountaine in Pauls Church-yard, and the Crown in Popes-head Alley, 1647.

¹⁷² Ver, por exemplo, COTTON, John. *An abstract of the Lawes of New England, as they are now established.* London: for F. Coules & W. Ley, 1641.

¹⁷³ ELIOT, John. *The Christian commonwealth: or, The civil policy of the rising kingdom of Jesus Christ. Written before the interruption of the government, by Mr. John Eliot, teacher of the Church of Christ at Roxbury in New-England. And now published (after his consent given) by a server of the season.* London: printed for Livewell Chapman, at the Crown in Popes-Head-Alley, [1659].

¹⁷⁴ Sobre isso, ver MACLEAR, J. F. *Op. cit.*

especialmente, as ideias de autores milenaristas que procuravam na Nova e na Velha Inglaterra os sinais de que Deus estava agindo e de que Suas promessas logo se cumpririam.

2.4. Viúva, livreira e radical: as mulheres e o mercado do livro na Revolução Inglesa

Nos cinco anos em que administrou a Crown, Hannah Allen esteve em constante diálogo com grupos religiosos independentistas, Batistas e milenaristas. Sua proximidade da congregação de Allhallows e dos debates que dela partiam eram essenciais para as atividades editoriais da livreira. Sem dúvidas, a escolha de publicar os autores citados neste capítulo não era aleatória, porque levava em consideração seu conhecimento sobre o mercado de livros e o consumo dessa literatura radical, bem como evidenciava as crenças e opções políticas e religiosas de Allen. Opções essas que certamente concordavam com os temas tratados por esses autores, majoritariamente independentistas, parlamentaristas e milenaristas, como as proposições de liberdade de religião e de retorno dos judeus à Inglaterra, as acepções milenaristas acerca da execução de Carlos I e a justificativa do poder do Parlamento por meio das profecias.

Mesmo os títulos de Allen que não tinham relações com os pregadores de Allhallows tratavam sobre temas correlatos aos da congregação. Quase todas¹⁷⁵ as obras publicadas pela livreira eram panfletos ou tratados milenaristas de autores como Thomas Brightman, John Cotton, John Durant, Richard Mather, Samuel Richardson, Ralph Venning, entre outros¹⁷⁶.

¹⁷⁵ Com exceção de quatro tratados de Balthazar Gerbier sobre geografia, astronomia, arquitetura militar e política. GERBIER, Balthazar. *The first lecture, of an introduction to cosmographie...* London: printed by Gartrude Dawson, and are to be sold by Hanna Allen at the Crown in Popes-head-alley, 1649. GERBIER, Balthazar. *The first lecture, of geographie...* London: printed by Gartrude Dawson, and are to be sold by Hanna Allen at the Crown in Popes-head-alley, 1649. GERBIER, Balthazar. *The first publique lecture, read at Sr. Balthazar Gerbier his accademy, concerning military architecture, or fortifications, to the lovers of virtue, come hither to that purpose.* London: printed by Gartrude Dawson, and are to be sold by Hanna Allen at the Crown in Popes-head-alley, 1469. [i.e. 1649]. GERBIER, Balthazar. *Some considerations on the two grand staple-commodities of England: and on certain establishments, wherein the publike good is very much concerned. Humbly presented to the Parliament, by Sir Balthazar Gerbier kt.* London: printed by T. Mab and A. Coles. and are sold at the Crown in Popes-Head-Alley, 1651.

¹⁷⁶ Ver, por exemplo: BRIGHTMAN, Thomas. *Brightman redivivus: or The post-humian of-spring of Mr. Thomas Brightman, in III. sermons. Viz. 1. Of the two covenants. 2. The danger of scandals. 3. Gods commission to Christ to preach the Gospell. 4. The saints securitie.* London: printed by T[homas] F[orcet] for John Rothwell, at the Sun and Fountaine in Pauls Church-yard, and Hannah Allen at the Crowne in Popes-head Alley, 1647. DURANT, John. *Sips of sweetnesse; or, Consolation for weake beleevvers. A treatise, discoursing of the sweetnesse of Christs carriage towards all his weake members. Particularly to such as are weake either 1. Habitually; or 2. Accidentally, by reason of 1. Working. 2. Sinning; or 3. Suffering. Being the summe of certain*

Escritos desses e dos demais autores citados no capítulo sugerem que sob os cuidados de Hannah Allen, a Crown funcionava como um negócio “especializado” na edição e difusão da literatura radical religiosa¹⁷⁷.

As atividades editoriais de Hannah Allen, assim, ao afirmarem e propagarem as crenças que ela compartilhava com os independentistas de Allhallows e outros autores milenaristas, demonstram sua atuação ou, para usar um termo há algum tempo em voga, “agência”¹⁷⁸ no mercado livreiro. Ao contrário do que Leona Rostenberg apontou, os negócios da viúva não representavam apenas uma continuidade das publicações já encabeçadas por seu primeiro marido ¹⁷⁹. A interpretação de Rostenberg parece considerar que Hannah Allen agiu meramente como uma mantenedora de um negócio estabelecido previamente por um homem e que, posteriormente, delegou suas funções a um novo esposo, assim que se casou novamente. A autora, assim, não destacava em sua análise o papel ativo que a livreira viúva desempenhou na Crown¹⁸⁰.

sermons preached upon Isa. 40. 11. By John Durant preacher of the gospel in the city of Canterbury. London: printed by Matthew Simmons, for Hannah Allen, and are to be sold at her shop in Popes-head Alley, 1649. RICHARDSON, Samuel. *The saints desire; or a cordiall for a fainting soule. Declaring that in Christs righteousness onely, (and in nothing else) there is life, happinesse, peace, strength, comfort, joy, and all the fulnesse of perfection...* London: printed by M. Simmons, and are to be sold by Hannah Allen, at the Crown in Popes-head-Alley, 1647. VENNING, Ralph. *Orthodoxe paradoxes, or, a beleiver clearing truth by seeming contradictions, with an appendix, called the Triumph of assurance. By Ralph Venning of Immanuel Colledge in Cambridge.* London: printed by E.G. for I. Rothwell, at the Sunne and Fountaine in Pauls Church-yard, and Hanna Allen at the Crown in Popes-head Alley, 1647.

¹⁷⁷ TUBB, Amos. “Independent presses: the politics of print in England during the late 1640s”. *The Seventeenth Century*, 27:3, 2012. pp.287-312.

¹⁷⁸ Conforme sugerido por Ann Hughes, não pretendemos fazer uso da noção de “agência” de modo a descrever as experiências femininas sempre de modo “(...) autoconsciente e reflexivo sobre seus próprios propósitos e métodos”, como sugerido por algumas correntes da história das mulheres. É preciso considerar os contextos em que as mulheres estavam inseridas, sem, com isso, “(...) eclipsar a agência das mulheres, subestimando o grau no qual as mulheres no passado, apesar da subordinação e opressão, foram capazes de influenciar as condições de suas próprias existências e suas amplas sociedades”. Nesse sentido, quando falamos em “agência” para tratarmos das atividades de livreiras como Hannah Allen, temos em vista as ações e negociações dessas personagens dentro de suas possibilidades e das condições nas quais viviam, buscando demonstrar seu espaço para atuação no contexto revolucionário britânico. “(...) self-conscious and reflective about their own purposes and methods”, “(...) effacing women’s agency, underplaying the degree to which women in the past, despite subordination and oppression, have been able to influence the conditions of their own existence and their broader societies”. Tradução livre. HUGHES, Ann. *Gender and the English Revolution*. London: Routledge, 2012. p.2-3.

¹⁷⁹ ROSTENBERG, Leona. *Op. cit.*, p.208.

¹⁸⁰ Sobre isso, ver críticas de Maureen Bell a Leona Rostenberg em BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1987.

A presença de viúvas no comércio de impressos não era incomum. Como apontado por Maureen Bell, a expressão “(...) o negócio foi continuado por sua viúva”¹⁸¹ era frequentemente encontrada nos registros da Stationers’ Company. Embora cerca de três quartos das mulheres envolvidas no mercado livreiro entre 1557 e 1700 fossem viúvas¹⁸², pouca atenção lhes foi dada nos estudos sobre o comércio de textos na Inglaterra. Normalmente, elas foram percebidas como personagens secundárias que apenas cuidavam dos negócios por um curto espaço de tempo, e logo eram substituídas por um novo marido, filho ou aprendiz. No entanto, essas viúvas desempenharam um importante papel no mercado livreiro. Muitas dessas mulheres se casaram novamente, mas ainda assim continuaram ativas, embora seus nomes não aparecessem mais nos frontispícios dos títulos que ajudavam a produzir (ou produziam integralmente), nem nos registros da Stationers’ Company. Há ainda alguns casos, mesmo que escassos, de livreiras e impressoras viúvas que não se casaram e, sobre elas, existem mais documentos disponíveis, relatando as suas atividades¹⁸³.

Esse foi o caso, por exemplo de Anna Brewster e Elizabeth Calvert. Seus maridos, Thomas Brewster e Giles Calvert estavam envolvidos com a dispersão de panfletos controversos e, depois da Restauração, foram investigados, presos e punidos por seus trabalhos. Enquanto Giles Calvert estava encarcerado nos anos 1660, e Thomas Brewster se refugiava em Bristol para evitar a prisão, as duas mulheres mantiveram seus respectivos negócios ativos. Suas ações não se resumiam a tomar conta das livrarias até que seus maridos pudessem reassumi-las, mas demonstravam suas operações e decisões no mercado no qual se inseriam. Anna Brewster permaneceu publicando literatura oposicionista por muitos anos¹⁸⁴. Elizabeth Calvert, mesmo antes da prisão de seu marido, já era bastante atuante na sua livraria. Ela também foi investigada e presa pela publicação de textos sediciosos, ficando sob a custódia das autoridades de Gatehouse “(...) por suas práticas comuns”¹⁸⁵ na venda de livros radicais. As reprimendas, entretanto, não evitaram que as duas continuassem a liderar seus

¹⁸¹ “(...) the business was carried on by his widow”. Tradução livre. BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1987, p.4.

¹⁸² RAYMOND, Joad. “The Development of the Book Trade in Britain”. In: RAYMOND, Joad (ed.). *Op. cit.*, 2011. p.65-66.

¹⁸³ BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1987, especialmente a “Introduction”.

¹⁸⁴ BELL, Maureen. “Elizabeth Calvert and the ‘Confederates’”. *Publishing History*, Jan. 1, 32, 1992. pp.5-49. p.29-30.

¹⁸⁵ “(...) her usual practices”. Tradução livre. CSPD 1663/4, p.465, PRO SP 29/92/10.

negócios à sua própria maneira. Após o falecimento de Giles Calvert em 1663, ela continuou liderando a livraria Black Spread Eagle até sua morte, em 1675¹⁸⁶.

A ideia de “suas práticas comuns”, ou “*her usual practices*” em inglês, usada inicialmente para constranger Calvert, pode ser retomada para pensar e descrever o trabalho feminino no mercado livreiro¹⁸⁷, pois apresenta uma noção de ação. “As práticas comuns” envolvem todo o espaço de possibilidades no qual as mulheres podiam liderar prensas, encadernações e livrarias. Essa ideia aponta para o fato de que as atividades desempenhadas pelas mulheres no comércio de impressos não se davam apenas por conta do espectro masculino do falecido pai ou marido, mas, sobretudo, pelas exigências diárias do mercado livreiro, que impunham a necessidade de estabelecer associações e parcerias; de trabalhar com edições novas e reedições; de articular negociações; e de conhecer as leis e as práticas do comércio do livro.

Atentar para o fato de que as diversas mulheres, que ocuparam funções na produção e na venda de impressos, desempenhavam suas atividades à sua própria maneira, permite percebê-las em sua complexidade. Da mesma maneira, isso possibilita enxergar o mercado livreiro seiscentista de forma mais ampla, não centrando a análise apenas nos nomes dos homens que figuravam a maioria dos *imprints*, mas em outros personagens fundamentais para esse comércio. Vale lembrar que mesmo alguns homens nem sempre tinham seus nomes indicados nos *imprints*, como aprendizes, encadernadores e alguns tipógrafos, mas também eram ativos naquele mercado. Igualmente, várias mulheres agiram no comércio de textos impressos, como autoras, tipógrafas, encadernadoras, livreiras e vendedoras ambulantes sem que seus nomes figurassem nos frontispícios dessas obras.

Ainda assim, é preciso lembrar que o espaço para atuação feminina era bastante restrito. De acordo com Joad Raymond, as mulheres participavam da cultura manuscrita com certa liberdade, mas a situação era mais delicada quando se falava dos impressos, os quais ultrapassavam os limites da esfera privada e adentravam o espaço de discussão pública. Mesmo com tais restrições, no século XVII, mais de duzentas mulheres imprimiram e publicaram seus textos. Embora o montante seja numericamente marginal em relação ao total de livros e panfletos emitidos nesse período – que representava cerca de 0.3% a 0.5% dos

¹⁸⁶ Cf. BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1992. BELL, Maureen. ““Her usual practices”: the later career of Elizabeth Calvert, 1664-75”. *Publishing History*, Jan. 1, 35, 1994.

¹⁸⁷ BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1994. pp.5-64.

111.454 títulos publicados¹⁸⁸ –, esse dado não deixa de indicar certo aumento da participação feminina¹⁸⁹.

De modo mais expressivo, as mulheres atuaram no mercado livreiro de outras maneiras que não se esgotavam na autoria dos textos. De 380 livreiros e impressores identificados no período elisabetano, 17 eram mulheres. No século XVII, essa quantia cresceu. Ainda que não tenhamos um total desses profissionais ativos na Bretanha do século XVII, D. F. McKenzie fornece um número aproximado, tendo contado 556 personagens entre 1601 e 1610, e 605, entre 1691 e 1700 apenas em Londres¹⁹⁰. Se a quantidade de profissionais do livro ativos aumentou, consequentemente, podemos pensar que mais mulheres também puderam fazer parte do mercado livreiro. Mais de 200 estavam ativas no comércio londrino entre 1645 e 1675. Em sua maioria, elas eram viúvas ou filhas de homens ligados aos negócios do livro, e que os herdaram após a morte dos responsáveis. A partir dos anos 1660, a situação mudou ligeiramente, e algumas mulheres foram empregadas como aprendizes, iniciando suas atividades sem depender necessariamente do intermédio de seus maridos ou pais¹⁹¹.

Hannah Allen esteve ativa em um período que nenhuma mulher era aprendiz nos ofícios do livro. Como muitas outras, ela apenas pôde administrar a livraria quando Benjamin Allen faleceu. Entretanto, isso não significa, como afirmado por Leona Rostenberg, que sua inserção nesse meio estivesse condicionada à reedição dos trabalhos vendidos por seu primeiro marido. Obviamente, Hannah Allen não poderia rejeitar o trabalho já constituído pelo fundador da Crown, visto que era isso que garantia que a livraria se mantivesse em atividade. O negócio já estava estabelecido e era preciso desenvolvê-lo sem perder um público que comprava os títulos editados pelo livreiro. No entanto, Hannah Allen fez poucas reedições dos trabalhos vendidos por Benjamin Allen, priorizando aqueles que provavelmente tinham uma boa vendagem¹⁹². A viúva também manteve importantes relações comerciais e editoriais, garantindo um bom funcionamento da produção e do comércio da Crown. Sua

¹⁸⁸ Dados obtidos por meio das análises e tabulações de títulos lançados na Bretanha entre 1601-1700, feita por John Barnard, Maureen Bell e D. F. McKenzie. BARNARD, John; MCKENZIE, D.F.; BELL, Maureen (eds.). *Op. cit.*, p.782-784.

¹⁸⁹ RAYMOND, Joad. *Op. cit.*, 2004. p.277-300.

¹⁹⁰ MCKENZIE, D. F. "Printing and publishing 1557-1700: constraints on the London book trades". In: BARNARD, John; MCKENZIE, D.F.; BELL, Maureen (eds.). *Op. cit.*, p.557.

¹⁹¹ BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1987, p.8, p.298.

¹⁹² Apenas dois textos de Benjamin Allen foram reimpressos por sua esposa. Além disso, somente sete autores já publicados pelo livreiro anteriormente, continuaram a ser vendidos por Hannah Allen quando ela assumiu a Crown. BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1989. p.7-8.

preferência pelas publicações dos autores de Allhallows também indica uma inserção específica na venda de livros e panfletos radicais, pautada em sua proximidade da congregação da qual participava. Desta maneira, Allen conseguiu produzir muitos dos textos que estiveram no centro de vários dos debates ocorridos ao longo da Revolução Inglesa, cujas vendas lhe permitiram ser bem-sucedida nos anos em que esteve à frente da Crown.

No limite, o que se evidencia no caso de Hannah Allen é o desenvolvimento de suas próprias práticas de publicação na Crown, que operavam em dois sentidos. Em uma via, o negócio desenvolvido pela livreira era ancorado por suas relações familiares e comerciais com sectários religiosos e com outros estacionários. Eram essas relações que viabilizavam seu espaço de atuação, tanto do ponto de vista material quanto textual. Materialmente, seus textos eram produzidos por meio de seus acordos e parcerias com impressores e livreiros, tais como Matthew Simmons, John Rothwell e Henry Overton. Já na perspectiva da textualidade, as suas relações com pregadores e autores independentes, Batistas e milenaristas – sumarizada por sua associação com os personagens de Allhallows the Great – funcionavam como critérios de seleção de temas e gêneros publicados por Allen.

Em um segundo sentido, a circulação de Allen nestas comunidades radicais religiosas também era importante para a manutenção e a disseminação das ideias desses grupos. Como lembrado por Andrew Cambers, as livrarias foram, em muitos momentos, centros para a manutenção das perspectivas não-conformistas, servindo de espaços de debate, assim como funcionavam como difusoras das ideias dessas comunidades¹⁹³. Se os livreiros selecionavam aquilo que publicavam, podemos assumir que os autores também tinham algumas preferências sobre quem produziria e venderia seus textos. O fato de os independentistas de Allhallows serem recorrentes nas estantes da Crown também aponta, assim, para uma estratégia que visava manter esses títulos circulando em um ambiente que os consumia. Considerando que a livraria estava em uma região conhecida por propagar panfletos religiosos radicais¹⁹⁴, publicar essas obras na Crown implica cativar um público leitor que sabia onde encontrar os títulos que lhe interessam.

Sua profícua interlocução com a comunidade de Allhallows continuou presente na livraria, mesmo depois de Hannah Allen ter deixado de publicar em seu nome. Livewell Chapman, ao assumir a Crown, reeditou títulos já vendidos pela esposa, como *Hope of Israel* de Menasseh ben Israel, *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an*

¹⁹³ CAMBERS, Andrew. *Op. cit.*, p.207.

¹⁹⁴ Cf. BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1989.

empty nothing creature de Henry Jessey, e os volumes de Greenhill sobre o Livro de Ezequiel. Obras como essas eram lucrativas o suficiente para merecer novas edições, ao mesmo tempo em que reforçavam as relações editoriais estabelecidas por Hannah Allen, as quais foram importantes para o desenvolvimento do negócio de Livewell Chapman, sobretudo no que diz respeito à sua atuação junto aos Homens da Quinta Monarquia¹⁹⁵.

Hannah, agora, Chapman, também se manteve atuante na livraria pelo fato de que as casas livreiras costumavam ser ambientes nos quais a moradia da família se dividia em espaço de negócio¹⁹⁶. “Publicar e especialmente imprimir eram atividades domésticas; que aconteciam nos domicílios, e dessa maneira as mulheres estavam envolvidas de diversas maneiras, frequentemente de modo invisível”¹⁹⁷. A presença de Hannah Chapman na Crown devia, por conseguinte, ser constante. Há algumas evidências para confirmar essa suposição. Livewell Chapman, conhecido por publicar literatura dissidente, foi preso muitas vezes ao longo de 1650 e 1660, mas – com exceção de 1662, quando esteve refugiado no exterior¹⁹⁸ –, sua livraria nunca deixou de lançar novas obras em seu nome. Presumivelmente, as publicações permaneceram por meio do esforço de sua esposa, que continuou a editar e vender as obras profético-políticas com as quais Chapman estava engajado.

Mais interessante ainda é notar que um mandato de prisão contra Livewell Chapman e a Sr^a. Chapman foi emitido em 3 de abril de 1660¹⁹⁹. Se a livreira também foi citada no documento, é possível supor que ela participasse ativamente dos negócios da Crown, colaborando com a publicação de novos títulos, mesmo que de maneira aparentemente imperceptível, já que, depois de 1651, nenhum *imprint* ou registro de cópia carregava seu nome. Ainda que o mandato tenha sido emitido, nenhum dos dois foi preso. Hannah Chapman, aliás, dificilmente seria apreendida, pois uma mulher não costumava ser encarcerada se seu marido ainda estivesse vivo, uma vez que ele era tido como o responsável pelas ações da esposa²⁰⁰.

Alguns anos mais tarde, Livewell Chapman não conseguiu evitar a prisão novamente, sendo encarcerado em 1663. Como veremos no capítulo 5, Chapman foi detido por seu

¹⁹⁵ Ver Capítulo 3.

¹⁹⁶ JOHNS, Adrian. *Op. cit.*, 1998. p.75-79.

¹⁹⁷ “Publishing and especially printing were domestic industries; they took place in households, and so women were involved in various ways, often invisibly”. Tradução livre. RAYMOND, Joad. *Op. cit.*, 2004. p.65.

¹⁹⁸ PRO SP 29/72/155.

¹⁹⁹ PRO SP 25/116.

²⁰⁰ MCDOWELL, Paula. *Op. cit.*, p.72.

envolvimento com os “Confederate Stationers”, um grupo de livreiros, impressores e encadernadores radicais, que, entre 1660 e 1662, atacou a monarquia recém-restaurada de Carlos II. Por ora interessa, entretanto, destacar que Maureen Bell identificou que não eram apenas esses personagens que compunham o grupo. As esposas desses mesmos livreiros, impressores e encadernadores também participaram do processo de produção e difusão de seus títulos antimonarquistas. O fato de algumas dessas obras terem sido publicadas enquanto esses agentes do livro estavam presos ou sendo investigados, aponta para a possibilidade de seus negócios terem continuado funcionando, presumivelmente, sob a coordenação de suas esposas. No caso de Elizabeth Calvert, por exemplo, há evidências sobre sua atuação. Bell encontrou cartas e depoimentos nas investigações a respeito das atividades do grupo que ligaram a livreira à publicação dos títulos dos Confederates. Embora não tenham restado fontes que permitam examinar como Hannah Chapman, Anna Brewster, Eleanor Smith e Joan Dover atuaram no grupo, o exemplo de Elizabeth Calvert sugere que essas mulheres também poderiam ter participado, à sua maneira, da produção e da disseminação dos títulos dos Confederates²⁰¹.

No caso de Hannah Allen/Chapman, no documento de soltura de Chapman em 1664, um *bond*²⁰² de £300²⁰³, ele e Hannah eram citados. Ao assinar o documento, o livreiro se comprometia que nem ele, nem “(...) *sua esposa*, ou qualquer outra pessoa (...)” voltariam a “(...) imprimir, publicar, dispersar, comerciar, ou vender, ou levar a imprimir, publicar, dispersar, comerciar ou vender qualquer Livro ou Panfleto não licenciado, insensato, burlesco ou sedicioso (...)”²⁰⁴. O fato de Hannah Chapman também ter sido mencionada no *bond* sugere que a livreira não tivesse deixado de trabalhar na Crown e que, provavelmente, tenha se envolvido na produção de textos radicais dos Confederates.

O mandato de prisão de 1660 e o *bond* de 1664, neste sentido, indicam que a livreira permanecia atuante no mercado do livro, mesmo depois de seu segundo casamento. Embora seu nome não aparecesse mais em *imprints* e registros de cópia, ela não deixou de participar dos processos de publicação dos títulos vendido pela Crown nas décadas de 1650 e 1660.

²⁰¹ Cf. BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1992. BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1994.

²⁰² Um *bond* funcionava como uma carta de fiança, na qual o infrator se comprometia a pagar a soma acordada caso perturbasse a lei novamente.

²⁰³ O valor seria alto até nos dias atuais, correspondendo a £25.740,00. Na época, essa soma poderia comprar 47 cavalos ou pagar a 4.285 diárias de um trabalhador do setor de construção civil.

²⁰⁴ “(...) his wife, or any other person whatsoever(...)”, “(...) print, publish, disperse, vend, or sell, or cause to be printed, published, dispersed, vended or sold any unlicensed, areasonable, factious or seditious Booke or Pamphlet (...)”. Tradução livre, grifo nosso. PRO SP 29/98/101.

Mais do que isso, consideramos que Hannah Allen/Chapman não foi uma presença secundária na livraria. Sua trajetória editorial não pode ser descrita superficialmente como um período de passividade, no qual ela apenas teria guardado o trabalho fundado por Benjamin Allen e o transmitido a um novo homem, Livewell Chapman²⁰⁵. Suas atividades foram essenciais para o desenvolvimento da livraria e para sua associação com a literatura radical religiosa, permitindo que a Crown estivesse envolvida nos debates desencadeados por grupos milenaristas e, a partir de 1651, pentamonarquistas, que conjecturavam sobre o futuro profético e político da Inglaterra.

²⁰⁵ BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1989. p.5.

CAPÍTULO 3: UM PROJETO PENTAMONARQUISTA EM UMA LIVRARIA LONDRINA

“Saibam portanto que a duração máxima do domínio do Anticristo ocorrerá no ano de 1673, como eu provei a partir das Escrituras em uma breve Cronologia, pronta para ser levada adiante. Antes desse tempo será necessário que os dez chifres, ou Reis, que são a força da Besta, sejam quebrados, obra que já começou na Decapitação de *Carlos*, falecido Rei dos três Reinos, (...) e o resto dos Chifres ou Reinos continuará por algum tempo mais (...). Agora este Reino de Cristo que eu chamo de quinta Monarquia, começará um pouco antes de a quarta Monarquia ser destruída, *Dan. 2.44.* (...) Ela preencherá toda a terra, e durará para sempre (...)”¹. William Aspinwall, *A Brief Description of the Fifth Monarchy of Kingsome* (1653).

A partir de 1651, a iminência da Quinta Monarquia era abordada por muitos panfletos proféticos e tratados exegéticos dos chamados pentamonarquistas. Livewell Chapman publicou e vendeu muitos textos, como o de William Aspinwall, que disseminavam ideias de que os sinais de que Cristo estava por vir eram evidentes. O próprio Chapman fazia parte do grupo e, certamente, acreditava em muitas das reflexões que publicizava. Como lembrado por Ian Green, não era apenas o lucro que movia as ações dos agentes do livro. É claro que as vendas eram fundamentais para manter os negócios ativos, mas será que não havia espaço para outros comprometimentos? A escolha dos livros a serem produzidos e vendidos podia, em muitos momentos, também levar em conta as crenças particulares desses personagens. De acordo com Green, “não pode haver dúvida de que havia muitos impressores, editores, e

¹ “Know therefore that the uttermost durance of Antichrists dominion, will be in the yeare 1673, as I have proved from Scripture in a brief Chronology, ready to be put forth. Ere which time it will be necessary that the ten hornes, or Kings, which are the strength of the Beast, be broken off, which work is already begun in the Beheading of *Charles*, late King of three Kingdomes, (...) and the rest of the Hornes or Kings are to continue but a little longer (...). Now this Kingdome of Christ which I call the fifth Monarchy, shall begin in a little before the fourth Monarchy be destroyed, *Dan. 2.44.* (...) It shall fill the whole earth, and shall stand for ever (...)”. Tradução livre. ASPINWALL, William. *A brief description of the fifth monarchy, or kingdome, that shortly is to come into the world: the monarch, subjects, officers and lawes thereof, and the surpassing glory, amplitude, unity, and peace of that kingdome...* London: printed by M. Simmons and are to be sold by Liverwell Chapman at the Crown in Popes head-Alley, 1653. p.14.

livreiros que eram sinceros protestantes, mesmo ao ponto de arriscarem ser perseguidos para tornar disponíveis cópias de títulos banidos”².

Livewell Chapman foi um desses livreiros que, constantemente, se envolveu em problemas com as autoridades por conta de suas atividades editoriais. Ele se destacou na publicação de textos proféticos e milenaristas, em especial, daqueles escritos por autores pentamonarquistas. A partir do final de 1653, muitas dessas obras fizeram frente ao Protetorado de Oliver Cromwell, condenando o general como um apóstata. Suas críticas ao governo desagradaram as autoridades e, conseqüentemente, o livreiro foi investigado, teve seus materiais apreendidos e acabou encarcerado diversas vezes³.

Para compreendermos essas atividades de Chapman e as obras oposicionistas que o levaram à prisão, antes é necessário entender o que era o grupo dos pentamonarquistas. Em 1971, Bernard Capp definira-os como “(...) uma seita política e religiosa esperando o iminente Reino de Cristo na terra, um regime teocrático no qual os santos estabeleceriam uma disciplina divina sobre as massas pecadoras e se preparariam para a Segunda Vinda”⁴. Além de ser uma seita milenarista, para o historiador, os Homens da Quinta Monarquia eram um movimento

(...) único, entre os principais grupos, em que o milenarismo formava o núcleo básico de suas doutrinas, e era de fato a *raison d'être* do movimento. Era único, também, em reivindicar o direito e de fato o dever de pegar em armas para derrubar os regimes existentes e estabelecer o milênio, e também em sua formulação detalhada da estrutura política, social e econômica do reino prometido⁵.

Nas últimas décadas, essa definição de Capp foi revisada por outros acadêmicos e a historiografia começou a colocar em dúvida a validade da ideia de que os pentamonarquistas eram realmente um movimento. Essas críticas apoiam-se, sobretudo, na questão de que termo

² “There can be no doubt that there were many printers, publishers, and booksellers who were sincere Protestants, even to the point of risking persecution to make available copies of banned titles”. Tradução livre. GREEN, Ian. *Op. cit.*, p.19.

³ BELL, Maureen. “Chapman, Livewell (fl. 1643–1665)”.

⁴ “(...) a political and religious sect expecting the imminent Kingdom of Christ on earth, a theocratic regime in which the saints would establish a godly discipline over the unregenerate masses and prepare for the Second Coming”. Tradução livre. CAPP, Bernard. *Fifth Monarchy Men*, [1971] 2008. p.14.

⁵ “(...) were unique, amongst the major groups, in that millenarianism formed the basic core of their doctrines, and was indeed the *raison d'être* of the movement. It was unique, too, in claiming the right and indeed the duty of taking arms to overthrow existing regimes and establish the millennium, and also in its detailed formulation of the political, social and economic structure of the promised kingdom”. Tradução livre. *Idem*, *ibidem*.

“fifth monarchy men” não era usado pelos adeptos ao grupo, mas sim por seus opositores, para desclassificar suas ideias, identificando-as como obras de fanáticos e sectários, assim como acontecia com termo “Quaker”. Diversas expressões eram utilizadas para colocar em descrédito seitas e grupos não-conformistas, normalmente identificando-os como sediciosos e rebeldes⁶. Tendo em vista que os próprios pentamonarquistas não costumavam se identificar com essa terminologia, alguns historiadores acreditam que não era possível apresentá-los como um grupo.

A análise de Capp, contudo, não define os pentamonarquistas de maneira restrita, ao contrário disso, o historiador buscava apontá-los como um grupo complexo. Embora eles não tivessem uma igreja, realizando reuniões esporádicas em algumas congregações, como Allhallows the Great, Capp considera que o movimento possuía consistência, ainda que heterogênea. Mesmo que o grupo fosse composto por pessoas de várias origens e camadas sociais, proporcionando concepções diversas sobre a Quinta Monarquia e as profecias em torno do seu advento, havia também crenças comuns⁷.

Em recente artigo no qual revê mas também reafirma algumas das suas posições da década de 1970, Bernard Capp ressaltou, ainda, que no lugar da alcunha de “Homens da Quinta Monarquia”, os adeptos da crença reconheciam-se como “santos”, e que “o movimento é melhor caracterizado como uma aliança radical, em vez de uma seita ou denominação. Seus apoiadores compartilhavam uma crença central no seu dever de testemunhar contra um regime ilegal e ímpio, e assim promover o Reino de Cristo, que consideravam como iminente e inevitável, apesar da apostasia de tantos”⁸.

As críticas historiográficas a respeito do uso do termo “fifth monarchy men” estavam inseridas em um extenso debate acadêmico acerca do radicalismo e dos movimentos radicais religiosos do século XVII. Dentro dessa discussão, o historiador inglês J. C. Davis afirmou, em 1986, que os Ranters não eram uma seita seiscentista, mas sim um lugar-comum

⁶ Cf. GREAVES, Richard L. “‘That Kind of People’: late Stuart radicals and their manifestoes, a functional approach”. In: BURGESS, Glenn; FESTENSTEIN, Matthew (eds.). *English Radicalism, 1550-1850*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. HESSAYON, Ariel; FINNEGAN, David. “Introduction: reappraising Early Modern radicals and radicalisms”. In: HESSAYON, Ariel; FINNEGAN, David (eds). *Op. cit.*

⁷ CAPP, Bernard. *Fifth Monarchy Men*, 2008, especialmente o Cap. IV: “The distribution and composition of the Fifth Monarchy Men”.

⁸ “The movement is best characterised as a radical alliance, rather than as a sect or denomination. Its supporters shared a core belief in their duty to bear witness against an illegal and ungodly regime, and thereby to promote the kingdom of Christ, which they viewed as imminent and inevitable despite the apostasy of so many”. Tradução livre. CAPP, Bernard. “A door of hope Re-opened: The Fifth Monarchy, King Charles and King Jesus” *Journal of Religious History*, Vol.32, Issue 1, 2008. pp.16-30. p.17-18.

construído para criticar uma suposta ameaça rebelde e sediciosa⁹. Paralelamente, diversos historiadores, a partir dos anos 1980, problematizaram a própria noção de radicalismo, utilizada para descrever os movimentos político-religiosos do período, e, por não ser um conceito de época, consideraram-na anacrônica e defenderam que “radicalismo” deveria ser rejeitado pela historiografia¹⁰. Algumas das principais críticas eram dirigidas aos trabalhos de historiadores marxistas, como Christopher Hill, que buscaram na Revolução Inglesa os “rebeldes primitivos”¹¹ que emergiam do subterrâneo e das classes subalternas¹². A ideia de “radicalismo” de Hill foi dita anacrônica porque antecipava concepções modernas, como comunismo, democracia e tolerância¹³.

Ademais, embora declarasse estar preocupado com os grupos marginais e lunáticos esquecidos pelos historiadores que apenas se interessavam pelos fatos políticos da Revolução Inglesa, Hill foi seletivo em sua definição dos movimentos que deveriam ser entendidos dentro da chave do radicalismo mesmo em seu livro clássico, *O Mundo de Ponta-Cabeça* (1972), que buscava retratar os grupos radicais religiosos “(...) formados em meio à gente simples do povo”¹⁴. Como observado pelo próprio Bernard Capp em seu artigo recente, pouca importância foi dada aos pentamonarquistas no livro de Hill por conta de sua chave particular para definir esses grupos. Em sua crítica, Capp considera que

embora revolucionários em sua rejeição total das estruturas políticas, sociais e eclesiásticas de sua época, os pentamonarquistas defendiam uma agenda teocrática que não se assentava confortavelmente dentro da imagem construída por Hill de radicais igualitários se esforçando para ‘algo muito mais nobre’ do que seu próprio mundo, ou mesmo o nosso¹⁵.

⁹ Cf. DAVIS, J. C. Fear, *Myth and History: The Ranters and the Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

¹⁰ Ver HESSAYON, Ariel; FINNEGAN, David. “Introduction: reappraising Early Modern radicals and radicalisms”. In: HESSAYON, Ariel; FINNEGAN, David (eds). *Op. cit.* BURGUESS, Glenn. “Radicalism and the English Revolution”. In: BURGESS, Glenn; FESTENSTEIN, Matthew (eds.). *Op. cit.*

¹¹ HOBBSBAWM, E. J. *Rebeldes primitivos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

¹² HILL, Christopher. *Op. cit.*, 1987. p.136.

¹³ BURGUESS, Glenn. “Radicalism and the English Revolution”. In: BURGESS, Glenn; FESTENSTEIN, Matthew (eds.). *Op. cit.*, p.64.

¹⁴ HILL, Christopher. *Op. cit.*, 1987. p.30.

¹⁵ “Though revolutionary in their total rejection of the political, social and ecclesiastical structures of their age, the Fifth Monarchists espoused a theocratic agenda which did not sit comfortably within Hill’s picture of egalitarian radicals striving for “something far nobler” than either their own world or indeed ours”. Tradução livre. CAPP, Bernard. “A door of hope Re-opened”, 2008. p.17.

Como Capp evidencia, Hill apenas se interessou pelas perspectivas dos grupos religiosos cujas demandas podiam ser associadas ao florescimento de um “proto-comunismo” nas camadas populares inglesas, excluindo de suas análises os personagens, os movimentos e os debates que afastavam-se dessa perspectiva.

Assim como Capp, mas já integrante de uma geração mais nova de pesquisadores, Nicholas McDowell, nos anos 2000, também revisitou a abordagem de Christopher Hill sobre os movimentos religiosos do século XVII. A ideia de “radicalismo” articulada pelo historiador marxista foi problematizada por McDowell, ao indicar que os personagens radicais identificados por Hill não eram, necessariamente, provenientes das camadas mais baixas da sociedade. Ao analisar a trajetória desses mesmos autores, McDowell evidenciou que a maioria deles era letrada e havia estudado nas universidades inglesas entre 1620 e 1630. Mas em vez de abandonar o termo “radicalismo”, como sugerido pelos estudiosos mais atrelados a uma perspectiva nominalista, o autor o problematizou e recontextualizou, indicando a necessidade de pensá-lo além das dicotomias popular x elite, ou iletrado x erudito¹⁶. Ainda que a crítica colocada pela historiografia a partir de meados da década de 1980 problematize o uso do termo, ela não o invalida por completo enquanto uma ferramenta para entender os autores milenaristas do século XVII. Como apontado por Ariel Hessayon e David Finnegan, é possível ir além da abordagem nominalista, e se apropriar do termo como uma categoria de análise, para pensar os episódios e situações estudados¹⁷.

Da mesma maneira, consideramos que, ainda que problemática, a noção de “Homens da Quinta Monarquia” também possa ser utilizada como um instrumento para analisar algumas manifestações profético-políticas da década de 1650. Sendo assim, adotamos o termo sugerido por Capp para retratar um grupo que, essencialmente, articulava projetos de transformação social, política e religiosa por meio de suas perspectivas proféticas, e que explicava os eventos coevos, criticava o governo e propunha alternativas para solucionar o momento de crise, a partir da espera pelo Reino de Cristo na Terra.

Novamente vale ressaltar que, majoritariamente, essas reflexões difundiam-se por meio dos impressos. De acordo com Bernard Capp e Leo Solt, os pentamonarquistas menos radicais – que não estavam dispostos a agir violentamente para combater os governos mundanos – optavam por demonstrar sua oposição por meio de seus escritos, que criticavam

¹⁶ MCDOWELL, Nicholas. *Op. cit.*

¹⁷ HESSAYON, Ariel; FINNEGAN, David. “Introduction: reappraising Early Modern radicals and radicalisms”. In: HESSAYON, Ariel; FINNEGAN, David (eds). *Op. cit.*, p.25.

as autoridades terrenas duramente¹⁸. Esse é o caso de muitos dos textos polêmicos de autoria de líderes do grupo, como Christopher Feake, William Aspinwall, Vavasor Powell, John Tillinghast e John Simpson, lançados, sobretudo por Livewell Chapman, um dos principais livreiros ligados ao movimento¹⁹. Chapman foi também um Homem da Quinta Monarquia que não parecia acreditar que pegar em armas fosse a solução para as crises do período em que vivia. Suas publicações das obras de autores e pregadores do grupo, assim, não demonstravam apenas o seu interesse comercial na venda de títulos polêmicos, como também sinalizavam os posicionamentos do livreiro nos intensos debates da década de 1650. Tendo isso em vista, pensamos ser necessário entender o volume desses textos e a importância das publicações de autores identificados como pentamonarquistas na livraria de Chapman.

3.1. A Quinta Monarquia e os impressos

Não há um conjunto de características exclusivas – em termos textuais ou materiais do impresso – para determinar quais obras eram ou não provenientes de autores considerados pentamonarquistas. Além disso, identificar quais personagens faziam ou não parte do movimento já é em si uma tarefa complexa, porque as seitas político-religiosas no século XVII eram bastante fluídas, e seus membros podiam transitar entre grupos diversos. Exemplo disso é o caso de Henry Jessey, ministro independentista que se aproximou tanto de Batistas nos anos 1640, quanto de pentamonarquistas nos anos 1650. Sua ligação com o grupo, contudo, não parece ser o suficiente para afirmar que Henry Jessey foi, de fato, um Homem da Quinta Monarquia.

Sendo assim, uma possibilidade de definir quais textos poderiam ser pentamonarquistas recairia não somente em uma análise da trajetória dos autores e da época em que escreveram, mas também em uma reflexão sobre as obras produzidas por esses personagens, pois nem todo título milenarista é necessariamente pentamonarquista. Mais do que isso, os escritos dos Homens da Quinta Monarquia sempre congregavam política e milenarismo. Suas obras

¹⁸ CAPP, Bernard. *Fifth Monarchy Men*, 2008. SOLT, Leo F. “The Fifth Monarchy Men: Politics and the Millennium”. *Church History*, Vol.30, No.3, 1961. pp.314-324.

¹⁹ Cf. CAPP, Bernard. *Fifth Monarchy Men*, 2008. CAPP, Bernard. “A door of hope Re-opened”, 2008. CAPP, Bernard. “The book trade and the distribution of print in the 1650s” In: HINKS, John; GARDNER, Victoria E. M. *The book trade in early modern England: practices, perceptions, connections*. London: The British Library, 2014. ROSTENBERG, Leona. *Op. cit.* Chap: “Sectarianism & Revolt: Livewell Chapman, Publisher of the Fifth Monarchy”.

comumente sugeriam mudanças no governo civil e não apenas no campo teológico, ao propor um reino concreto de Cristo na Terra²⁰.

Utilizando a base de dados *Early English Books Online*, compulsamos escritores e textos que pudessem ser compreendidos como pentamonarquistas, levando em consideração os títulos, os conteúdos e a trajetória dos autores que os escreveram. Nesse levantamento, Livewell Chapman teria sido o livreiro responsável pela publicação de aproximadamente 52 dos 135 textos identificados como pentamonarquistas. A listagem de títulos pentamonarquistas foi realizada levando-se em conta dois aspectos. Primeiro, recorremos ao trabalho de Bernard Capp, que se preocupou em definir quem eram os “membros” do grupo. Em seguida, buscamos esses autores e os seus textos que se remetiam ao Milênio e à Quinta Monarquia – tanto em seus títulos quanto em seus conteúdos – na base de dados EEBO. No caso dos textos anônimos, atentamos para aqueles que citavam a Quinta Monarquia em seus títulos e conteúdos, argumentando em favor dos projetos profético-políticos dos pentamonarquistas. O cruzamento dessas informações desembocou em um montante aproximado de publicações do movimento realizadas em Londres entre 1651 e 1661 – período no qual é possível identificar as suas discussões –, que pode ser conferido na tabela 1.

Não é possível considerar esses números como dados exatos porque, em primeiro lugar, nem todos os textos produzidos durante a Revolução Inglesa chegaram até os dias de hoje; precisar, portanto, a quantia exata das obras de quaisquer grupos político-religiosos é inviável. Além disso, os problemas em determinar quais autores, livros e panfletos, de fato, estavam ligados ao grupo dificultaram a definição de uma quantia precisa dessas publicações. De qualquer forma, essa apreciação, ainda que parcial, indica a proximidade de Chapman das discussões encabeçadas por autores considerados Homens da Quinta Monarquia, como Christopher Feake, Vavasor Powell, John Simpson, William Aspinwall, John Rogers e John Tillinghast. Os dados ainda podem sugerir os momentos nos quais os debates encabeçados pelo movimento foram mais ou menos frequentes.

²⁰ Cf. CAPP, Bernard. *Fifth Monarchy Men*, 2008.

<i>PUBLISHER</i>	PUBLICAÇÕES PENTAMONARQUISTAS POR ANO											TOTAL
	1651	1652	1653	1654	1655	1656	1657	1658	1659	1660	1661	
Livewell Chapman	2	0	3	9	8	4	5	3	12	2	4	52
Richard Moon	0	0	5	5	0	0	0	0	0	0	0	10
Thomas Brewster	0	0	2	2	0	1	0	0	1	0	0	6
Giles Calvert	1	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	4
John Rothwell	0	0	1	1	0	1	0	1	0	0	0	4
Matthew Simmons	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	3
John Clowes	0	0	1	0	0	0	0	0	2	0	0	3
Robert Ibbitson	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Henry Hills	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2
Henry Hills e Thomas Brewster	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Ian Moor	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
John Clowes e Richard Moon	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
John Hancock	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
M. W.	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Nathaniel Tomkins	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
Robert Austin	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Robert Ibbitson e G. e Henry Eversden	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Robert Sale	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
Sa. Speed	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
Simon Dover e Thomas Creake	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
Thomas Hucklescot	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
Thomas Simmons	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1
William Hutchinson e Rich. Dobson	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Publisher desconhecido</i>	2	1	2	3	1	2	5	2	2	1	2	23
Impresso para o(a) autor(a)	2	1	0	1	1	1	1	0	2	1	1	11
Total de publicações	8	4	25	26	10	9	12	6	22	6	7	135

Tabela 1: “Publicações pentamonarquistas” realizadas por diferentes livreiros ingleses²¹.

Na tabela 1, comparamos o número de edições pentamonarquistas realizadas por diversos livreiros ingleses. Ao analisar esses dados, podemos sugerir algumas interpretações

²¹ Tabela obtida por meio do cruzamento do levantamento de textos na plataforma *Early English Books Online* e das análises dos autores pentamonarquistas feita por Bernard Capp em seu *Fifth Monarchy Men* (1971).

acerca da difusão desses textos. Em primeiro lugar, é importante destacar que todos os livreiros e impressores, cuja produção contém obras dos Homens da Quinta Monarquia, trabalhavam com a literatura radical religiosa, difundindo ideias de Quakers, Batistas, independentistas, milenaristas, entre outros grupos²². Isso indica os contornos de um mercado de impressos radicais, no qual alguns livreiros e impressores recorrentemente estavam envolvidos com certos movimentos religiosos. Giles Calvert, por exemplo, citado em nossa tabela, era um dos principais responsáveis pelas publicações Quakers na Inglaterra, ao mesmo tempo que ele também vendeu títulos de pentamonarquistas, milenaristas, Diggers, Levellers, Ranters e antinomianistas²³.

Dentre esses personagens, Chapman foi o que mais lançou publicações relacionadas aos Homens da Quinta Monarquia (52 obras), seguido, por uma diferença considerável, de: Richard Moone, com dez títulos; Thomas Brewster, com seis; Giles Calvert e John Rothwell, com quatro; e os impressores Matthew Simmons, John Clowes e Robert Ibbitson com três textos cada. Moone e Brewster foram aprendizes de Calvert e, como o antigo mestre, estavam habituados a trabalhar com a literatura radical religiosa. Ambos acabaram tendo complicações com as autoridades por suas atividades editoriais no comércio de livros sediciosos²⁴. John Rothwell (1633-1660) era o filho do livreiro também chamado John Rothwell (1628-1649) que, nas décadas de 1630 e 1640 havia publicado, sobretudo, títulos teológicos, alguns deles em parceria com a Crown. Como seu pai, Rothwell desenvolvia seu negócio privilegiando a publicação de obras religiosas. Matthew Simmons atuou como livreiro e tipógrafo, produzindo diversos impressos político-religiosos até meados da década 1650. John Clowes esteve ativo entre 1647 e 1660 na Grub Street, onde foi responsável pela confecção de muitos textos que desafiavam as autoridades coevas. Robert Ibbitson imprimiu vários títulos pró-parlamentaristas e, inclusive, seu nome foi indicado para um cargo de impressor no Council of State na década de 1650, mas a posição foi concedida a Henry Hills e John Field²⁵.

A proeminência desses livreiros e tipógrafos no comércio de obras pentamonarquistas pode indicar alguma proximidade entre eles. Chapman compartilhou pelo menos quatro títulos com Thomas Brewster, um deles era o texto profético de Mary Cary, *The resurrection*

²² Cf. livreiros e impressores em PLOMER, Henry Robert. *Op. cit.*

²³ CARICCHIO, Mario. *Religione, Politica e Commercio di Libri nella Rivoluzione Inglese: gli autori di Giles Calvert, 1645-1653*. Genova: Name, 2003. p.14. PETERS, Kate. *Print Culture and the Early Quakers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

²⁴ HESSAYON, Ariel. "Gold tried in the fire", 2007. p.369. PLOMER, Henry Robert. *Op. cit.*, p.32, 131.

²⁵ PLOMER, Henry Robert. *Op. cit.*, p.47, 105-106, 157-158, 164..

*of the witnesses*²⁶. Os Rothwells também já eram parceiros comerciais da Crown desde a década de 1630²⁷. E os três impressores citados eram os principais produtores das obras vendidas pela Crown. Além disso, na década de 1660, Chapman, Brewster, Calvert e outros livreiros e tipógrafos radicais se associaram para publicar obras antimonarquistas²⁸. Essas relações editoriais e similitudes nos conteúdos vendidos por eles apontam para o estabelecimento de parcerias e redes comerciais, organizadas para a difusão de textos específicos, nesse caso, milenaristas e radicais religiosos.

Apesar das frequentes atividades desses agentes do livro na produção e venda de títulos pentamonarquistas, uma grande parcela dessas obras, isto é, 23 impressos, circulou sem qualquer menção aos responsáveis. Ocultar o nome do impressor e do livreiro ligados à publicação era uma estratégia que costumava ser aplicada para evitar inconvenientes com a censura. Esse foi o caso, por exemplo, da produção e circulação anônima do panfleto *A Door of Hope* em 1661, supostamente escrito por Thomas Venner, como um manifesto contra a monarquia recém-restaurada, clamando por uma rebelião contra Carlos II²⁹. A ausência dos produtores materiais no *imprint* também podia significar que o autor custeou a produção e a distribuição de seu próprio livro. Nesses casos também era comum encontrar a frase “impresso para o autor” (“*printed by the author*”) no frontispício da obra³⁰.

Onze dos títulos dentre os quais não há indicação do nome do *publisher* foram publicados dessa maneira. Cabe ressaltar as particularidades desse tipo de produção. De acordo com M. A. Shaaber, dentro da categoria dos títulos “impressos para o autor”, havia pelo menos duas situações de circulação. A primeira referia-se aos textos impressos para o escritor e vendidos por ele mesmo, isto é, o autor provavelmente detinha algum direito sobre obra, sendo responsável por sua circulação e por suas reedições. Comumente, esses textos eram comercializados na própria casa do autor³¹. Exemplo disso é a publicação de *A return to some expressions published in a sermon preached by Mr. John Simpson at Alhallovvs* (1656),

²⁶ CARY, Mary. *The resurrection of the witnesses, and Englands fall from (the mystical Babylon) Rome clearly demonstrated to be accomplished. Wherein it is made apparent by undeniable and unanswerable arguments, that the prophecie in Rev. 11. of the slaying of the witnesses, and of their raising again, was exactly fulfilled in the years 1641, 42, 43, 44, and 45...* London: printed by H. Hills for R.C. and are to be sold by T. Brewster at the three Bibles at the west-end of Pauls, and L. Chapman at the Crown in Popes-Head Alley, 1653.

²⁷ Sobre isso, ver Capítulos 1 e 2.

²⁸ GREAVES, Richard L. *Op. cit.*, 1986. Chap.: “‘Yet One Warning More’: The Radical Press”.

²⁹ *A door of hope: or, A call and declaration for the gathering together of the first ripe fruits unto the standard of our Lord, King Jesus.* [London: s.n., 1661]. CAPP, Bernard. “A door of hope Re-opened: The Fifth Monarchy, King Charles and King Jesus”, 2008.

³⁰ RAYMOND, Joad. *Op. cit.*, 2004.

³¹ SHAABER, M. A. *Op. cit.*, p.137.

de John Spittlehouse, cujo *imprint* indica “impresso para o autor, de quem podem ser adquiridos”³².

Uma segunda possibilidade diz respeito aos *imprints* nos quais ao menos o nome do impressor ou do livreiro aparecem junto ao do autor. Como nenhum título podia ser registrado na Stationers’ Company por alguém que não fosse membro da Companhia, o autor podia contratar um impressor ou livreiro para a produção. Esse agente do comércio dos livros podia licenciar o texto na Corporação, assegurando que o autor detivesse algum controle sobre o direito de cópia e sobre republicações de sua obra³³. No caso dos títulos pentamonarquistas, encontramos exemplares nos quais os nomes dos tipógrafos ou livreiros não figuram nesses *imprints*, mas nos seus lugares, há referências aos seus estabelecimentos. Isso ocorre, por exemplo, com a publicação de *The little horns doom & dovvnfall* (1651), da profetisa Mary Cary, cujo frontispício indica que o livro fora impresso para ela, para ser vendido na Black Spread Eagle, próxima à St. Paul’s Cathedral, livraria pertencente a Giles Calvert³⁴. Outro exemplo é *The royall advocate* (1655) de John Spittlehouse, impresso para o autor e vendido na Crown em Pope’s Head Alley, casa livreira de Livewell Chapman³⁵. Nesses casos, provavelmente, os escritores não detinham tanto controle a respeito das vendas de seus textos, uma vez que a função era delegada aos livreiros em questão.

Dentre os títulos pentamonarquistas nos quais o *publisher* foi mencionado nos frontispícios, Chapman se destaca porque publicou pelos menos 52 de todos os impressos em

³² “printed for the author, of whom they may be had”. Tradução livre. SPITTLEHOUSE, John. *A return to some expressions published in a sermon preached by Mr. John Simpson at Alhallovvs: from Heb. cap. 4. upon the 30th day of the ninth moneth, 1656. Whereby he indeavored to prove that the seventh day Sabbath, as in the fourth precept of the moral law, is abolished by Christ, he being that rest which believers enter into faith. Presented to the serious consideration of all such as won Jehovah to be their God, King, and law-giver; as in Is. 33. 21. compared iwth Jam. 2. 8. and 4. 12. and particularly to such of them as heard Mr. Simpson preach at th time and place aforementioned, by John Spittlehouse.* [London: printed for the author, of whom they may be had, [1656]].

³³ SHAABER, M. A. *Op. cit.*, p.137-138.

³⁴ CARY, Mary. *The little horns doom & dovvnfall: or A scripture-prophesie of King James, and King Charles, and of this present Parliament, unfolded. Wherein it appeares, that the late tragedies that have bin [sic] acted upon the scene of these three nations: and particularly, the late Kings doom and death, was so long ago, as by Daniel pred-eclared [sic]. And what the issue of all will be, is also discovered; which followes in the second part. By M. Cary, a servant of Jesus Christ.* London: printed for the author, and are to be sold at the sign of the Black-spread-Eagle, at the West end of Pauls, 1651.

³⁵ SPITTLEHOUSE, John. *The royall advocate: or, An introduction to the magnificent and honourable laws of Jehovah the Lord Christ, now contaminated and despised by the present army-men of this nation. Asserting and controverting the holinesse, righteousness, perfectnesse, and universallity thereof, of divine right: in opposition to the heathenish, and antichristian laws, traditions, and vaine imaginations of the past and present, pretended Christian magistrates of this nation, which they yet so much dote upon, and endeavour to support, against the alone law giver, Lord of heaven and earth, God of Gods, king of kings, and Lord of Lords. Published by John Spittle-house, now a prisoner for his testimony against the idolatry and tyranny of the present army men ...* London: printed for the authour, and are to be sold at the Crown in Popes-Head-Alley, 1655.

questão. O número é impressionante, pois corresponde a 72,22% de toda a produção dos impressores e livreiros descritos nos *imprints*. Mais do que isso, entre todos os agentes do livro listados na tabela 1, Livewell Chapman é o único que teve regularidade em suas publicações pentamonarquistas, difundindo-as em todos os anos, entre 1651 a 1661, com a exceção de 1652.

A partir da tabela 1, elaboramos também o gráfico 7 para comparar as edições comercializadas por Chapman com o total de textos pentamonarquistas vendidos entre 1651 e 1661. Além de o gráfico evidenciar que as publicações da Crown acompanhavam o mercado de obras dos Homens da Quinta Monarquia, ele mostra que houve momentos em que a produção de Chapman foi igual ou superior à soma da produção de todos os outros livreiros, como o período compreendido entre 1655 e 1656. Esse gráfico também nos permite evidenciar os momentos em que a edição de títulos desse grupo foi mais profícua, como nos anos de 1654 e 1659, quando, inclusive as publicações de Chapman foram mais representativas.

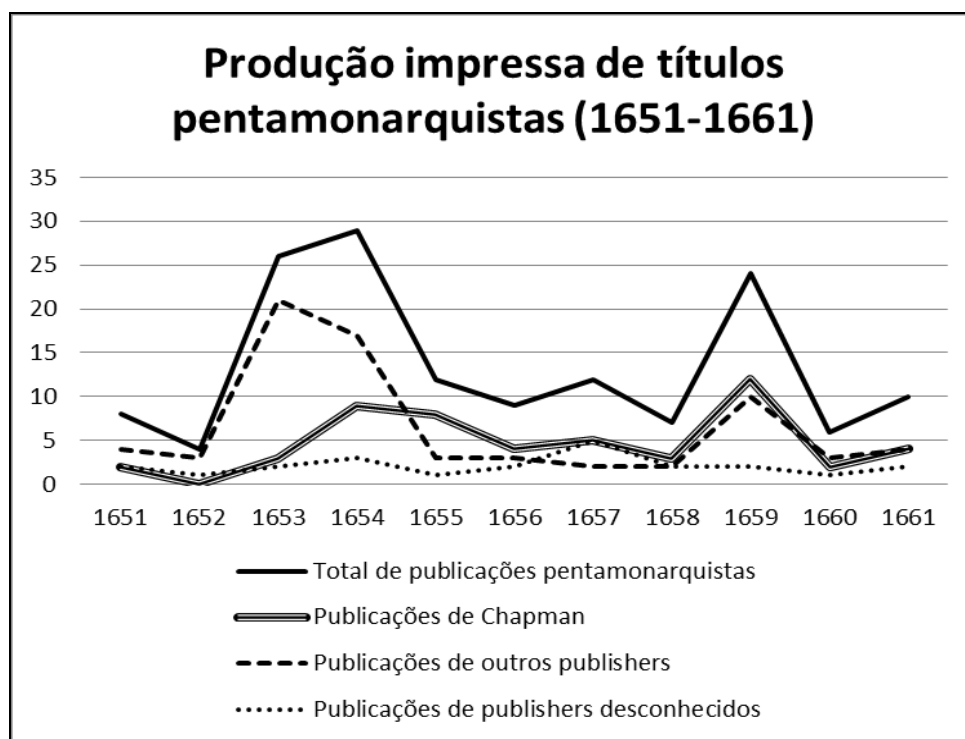


Gráfico 7: Comparativo de publicações pentamonarquistas que circularam em Londres entre 1651 e 1661, dando ênfase aos textos comercializados por Livewell Chapman.

A produção da literatura pentamonarquista era representativa também dentro das publicações desenvolvidas pela Crown. As obras dos Homens da Quinta Monarquia

representavam 26% dos títulos vendidos pelo livreiro. Como pode ser percebido no gráfico 8, esses impressos foram abundantes dentre os textos lançados pela livraria, sobretudo em momentos de grande discussão política, como nos primeiros anos do Protetorado de Oliver Cromwell. Esses dados sugerem que o grupo dos pentamonarquistas possuía centralidade nos negócios editoriais desenvolvidos por Chapman. A partir dessa constatação pretendemos analisar nas próximas páginas a produção pentamonarquista do livreiro e suas conexões editoriais e político-religiosas com o movimento.

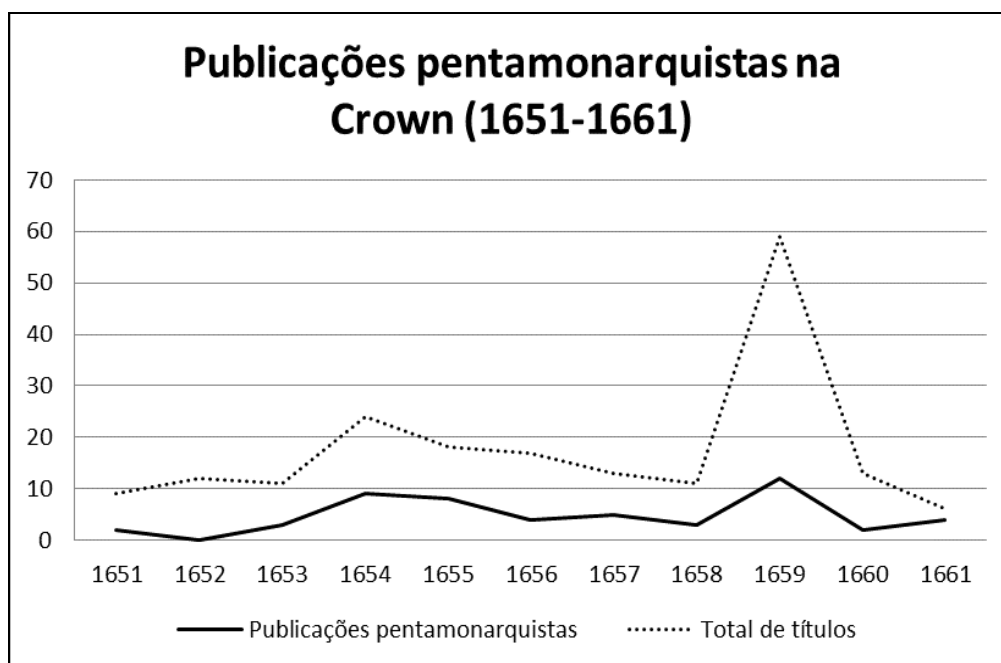


Gráfico 8: Número de textos pentamonarquistas publicados pela Crown, em relação ao montante total de obras vendidas pela livraria entre 1651 e 1661.

3.2. Livewell Chapman e os Homens da Quinta Monarquia

Em seus primeiros anos à frente da livraria, Livewell Chapman reeditou alguns dos textos já publicados por sua esposa. Majoritariamente, as obras que relançou foram escritas pelos pregadores de Allhallows the Great, o que sugere a manutenção dos contatos com os personagens que lá circulavam, provavelmente intermediados pelas relações previamente estabelecidas entre a Crown e a comunidade independentista, fosse por Hannah Allen/Chapman, ou mesmo por Livewell Chapman enquanto aprendiz. Além dessas reedições evidenciarem os sucessos editoriais da Crown, os quais era importante continuar vendendo, elas também apontam para a permanência dos textos religiosos, especialmente proféticos e milenaristas, como os principais gêneros publicados pela livraria. Dentre essas reedições, em

1651, o livreiro lançou a terceira parte do tratado de Greenhill sobre o Livro de Ezequiel³⁶; a edição corrigida de *Hope of Israel*³⁷; e um texto de Vavasor Powell³⁸. Em 1652, foi publicada a sexta edição do bem-sucedido texto de Henry Jessey, *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace*³⁹; uma nova impressão de *Hope of Israel*⁴⁰; uma obra de John Robotham⁴¹ – autor também ligado à igreja de Allhallows the Great –; um tratado de Ralph Venning⁴²; entre outros textos milenaristas.

A venda de obras como essas sugere a constante participação de Hannah Chapman na Crown que, mesmo sem publicar em seu nome, era o canal de interlocução entre Chapman e diversos autores dissidentes, sobretudo, aqueles envolvidos com a congregação independente de Allhallows. A permanência desses autores no conjunto de títulos lançados pela livraria na década de 1650 indica fortemente a possibilidade de Livewell Chapman também ter circulado pela igreja e firmado laços com seus pregadores.

Como enunciado por Christopher Hill, a comunidade de Allhallows the Great pode ser considerada um dos principais grupos pentamonarquistas da década de 1650⁴³, tendo Christopher Feake, Vavasor Powell e John Simpson como seus principais pregadores. Esses autores estiveram em constante contato com Chapman, que publicou muitas de suas reflexões. O livreiro, presumivelmente, assistia aos sermões desses personagens, frequentando igrejas como Allhallows, ou St. Anne em Blackfriars – onde Feake também pregava –, ou Swan Alley – onde John Rogers e Thomas Venner atuavam⁴⁴. Inclusive, cabe mencionar que as três congregações eram próximas à Pope's Head Alley, o que nos leva a reforçar a hipótese de que

³⁶ GREENHILL, William. *An exposition continued upon the fourteenth, fifteenth, sixteenth, seventeenth, eighteenth, and nineteenth chapters of the prophet Ezekiel*..., 1651.

³⁷ BEN ISRAEL, Menasseh. *Op. cit.*, 1651.

³⁸ POWELL, Vavasor. *Saving faith set forth in three dialogues, or Conferences: 1 2 3 between Christ and a publican. Pharisee. Doubting beleever. Whereunto is added two sermons one of them preached before the Parliament the other before the Lord Mayor of the City of London. By Vavasor Powell, minister of the Gospell.* London : printed by Robert Ibbitson for Livewell Chapman, at the Crown in Popes-head Alley, 1651.

³⁹ JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, (viz.) Mrs. Sarah Wight, lately hopeles and restless...* London: printed by J.M. for Henry Cripps, Lodowick Lloyd, and Livewell Chapman, and are to be sold at their shops in Popes-head Alley, 1652.

⁴⁰ BEN ISRAEL, Menasseh. *Op. cit.*, 1652.

⁴¹ ROBOTHAM, John. *An exposition on the whole book of Solomons Song; commonly called the Canticles. Wherein the text is explained, and usefull observations raised thereupon. By John Robotham (formerly near Chichester, and now in Dover) preacher of the Gospel.* London: printed by M[atthew]. S[immons]. and are to be sold by George Eversden, at the golden Ball in Aldersgate street: and An: Williamson at the Queens Arms in Pauls-Church yard: and L: Chapman at the Crowne in Popes-head-Alley, 1652.

⁴² VENNING, Ralph. *Orthodox paradoxes, theoretical and experimental. Or, A believer clearing truth by seeming contradictions. With an appendix, called The triumph of assurance. By Ralph Venning.* London: printed for John Rothwell and L. Chapman, at the Sun and Fountain in Pauls Church-yard, and Crown in Popes-head-Alley, 1652.

⁴³ HILL, Christopher. *Op. cit.*, 1985. p.54.

⁴⁴ CAPP, Bernard. *Fifth Monarchy Men*, 2008. p.271-272.

os personagens radicais religiosos que circulavam por essas igrejas pudessem também frequentar a livraria, adquirindo alguns dos sermões impressos que foram previamente rezados em uma dessas três comunidades⁴⁵.

As ligações da Crown com a literatura milenarista não dependeram exclusivamente das relações de Livewell e Hannah Chapman com esses autores e pregadores. As redes de produção e comércio de impressos da Crown contavam, ainda, com a interlocução com impressores e livreiros radicais. Alguns desses personagens já trabalhavam com a livraria desde a década de 1640, sobretudo no período em que Hannah Allen a administrou. Por exemplo, Chapman manteve frequentes associações com Matthew Simmons, um dos principais impressores e parceiros comerciais de Benjamin e Hannah Allen e, depois de seu falecimento em 1654, com sua viúva, Mary Simmons⁴⁶. Livewell Chapman também publicou alguns títulos em parceria com o livreiro John Rothwell, o jovem, filho de John Rothwell, o velho, que dividira registros de livros com Hannah Allen.

Outros dois tipógrafos que produziam diversos trabalhos vendidos pela Crown foram John Clowes e Robert Ibbitson. Clowes, desde 1649, e Ibbitson, desde 1650, imprimiram, respectivamente, 21 e 27 dos títulos da livraria. Além de trabalharem com Chapman, Clowes e Ibbitson também estiveram associados em muitos momentos, em especial na edição do periódico *Perfect Occurrences* (1647-1649). Ibbitson, aliás, editou vários outros jornais republicanos durante a Revolução Inglesa, dentre eles os periódicos *Severall Proceedings of State Affairs* (1653-1655) e *Severall Proceeding in Parliament* (1649-1655), nos quais propagandeou alguns dos títulos milenaristas que produziu em parceria com Livewell Chapman, buscando ampliar a circulação dessas obras em meio ao público leitor.

Clowes e Ibbitson, além de terem impresso diversos dos títulos vendidos pelo livreiro, foram os tipógrafos que fabricaram pelos menos 16 dos 52 livros e panfletos pentamonarquistas vendidos por Chapman entre 1651 e 1661, o que representa cerca de 30% de toda a produção dos Homens da Quinta Monarquia publicada pelo livreiro da Crown. Os demais textos impressos e publicados por Clowes, Ibbitson e Chapman⁴⁷, em sua grande maioria eram compostos por obras milenaristas e independentistas, de autores como William Greenhill e John Durant (onze obras); ou eram panfletos políticos, que versavam sobre o

⁴⁵ Sobre isso, ver os mapas dos Capítulos 1 e 2.

⁴⁶ GADD, I. 'Simmons, Matthew (*b. in or before 1608, d. 1654*)'.

⁴⁷ Dos 21 títulos que Clowes imprimiu para a Crown desde 1649, 16 foram produzidos durante a administração de Chapman. Dos 27 de Ibbitson, 23 ocorreram a partir do momento em que Chapman parou a cuidar da livraria. Juntos, os dois impressores trabalharam em 39 das obras vendidas na Crown entre 1651 e 1663.

exército, o Parlamento, o republicanismo e a política (onze títulos). Apenas um tratado de medicina foi lançado em 1660, divergindo dos demais trabalhos publicados pelos três⁴⁸.

A produção de textos milenaristas e pentamonarquistas por parte de Chapman e dos dois tipógrafos, que soma 27 dos panfletos e livros publicados pelos três, evidencia a sua contribuição para a difusão de ideias e expectativas profético-políticas. Por meio dessas publicações, casas livreiras como a Crown, podiam, servir como espaços para a disseminação das reflexões de grupos radicais religiosos. Kate Peters, ao analisar a cultura impressa do movimento Quaker, também identificou como a seita usufruiu da imprensa em sua campanha missionária, espalhando suas ideias por meio de seus tratados e panfletos. Em sua análise, a autora afirma que o uso desses textos possibilitou uma forma de participação política desses grupos, que publicavam suas ideias para propor mudanças políticas e religiosas⁴⁹. É possível estender essa concepção para os pentamonarquistas da Crown, considerando que seus textos também integravam um tipo de ação conjunta, da qual autores, tipógrafos e livreiros participaram para difundir suas crenças e seus projetos políticos.

A ligação de Chapman com o grupo dos Homens da Quinta Monarquia parece ter começado em 1651 e continuou forte até o final da década de 1650. Suas publicações se relacionavam às suas associações com o movimento, permitindo-nos perceber três fases de suas edições pentamonarquistas: uma de 1651 a 1653, focada em discutir sobre a luta contra o Anticristo, protagonizada pelo Parlamento e sua oposição à monarquia, tida como um regime tirânico; outra de 1654 a 1657, marcada pelas críticas ao Protetorado de Oliver Cromwell, iniciado em dezembro de 1653, quando o movimento pentamonarquista e a livraria de Chapman confrontaram o governo diretamente; e, por fim, o ligeiro afastamento do livreiro das atividades do grupo, a partir de 1657, após a rebelião de Thomas Venner.

3.2.1. A luta contra o Anticristo (1651 a 1653)

Aparentemente, o primeiro título pentamonarquista publicado por Livewell Chapman foi a coletânea de sermões de Vavasor Powell, intitulada *Saving faith set forth in three dialogues, or Conferences*. Em seu livro, Powell enaltecia os parlamentares, tomando suas

⁴⁸ Ver títulos nos Anexos.

⁴⁹ PETERS, Kate. *Op. cit.*, p.1-9.

ações como um auxílio na destruição uma monarquia tirânica da Inglaterra⁵⁰. Para o autor, assim como para os demais Homens da Quinta Monarquia, a queda de Carlos I significava um avanço em direção ao Retorno de Cristo. Nos sonhos proféticos do Livro de Daniel, quatro reinos ou bestas se sucederiam antes de Jesus voltar e constituir seu governo universal. Os exegetas pentamonarquistas identificavam a primeira como a monarquia babilônica, a segunda como os medos e persas, a terceira como o império dos gregos e, por fim, a quarta era apontada como o Império Romano, do qual as autoridades da Inglaterra descenderiam. Neste sentido, a execução do rei representava uma confirmação de que a quarta monarquia estava ruindo e de que a realização das profecias milenaristas era iminente. Por essa razão, a oposição do Parlamento aos monarquistas era percebida, por personagens como Powell, como uma ação benevolente em favor de Cristo⁵¹.

Nas primeiras páginas do livro, uma pequena nota sugeria aos leitores, que estivessem interessados em saber mais sobre o que a Providência preparava para a Inglaterra, a leitura de outro tratado de Powell, *Christ and Moses excellency*, publicado por Hannah Allen em 1650⁵². Como pode ser visto na figura 6, não há nenhuma menção ao local onde o livro era vendido, ao livreiro ou ao impressor responsável pelo título. A nota apenas explica a obra, dizendo que “Este Autor tem outro Tratado Existente, chamado *Christ and Moses Excellency &c.* Distinguindo e explicando os dois Pactos⁵³, também tratando sobre as promessas que pertencem a ambos os Pactos; Dirigindo a um correto entendimento deles”⁵⁴. Esse tipo de propaganda leva a crer que o anúncio se dirigia a um público que já conhecia os textos de Powell, bem como a Crown e os gêneros literários publicados lá. Logo, quem lesse *Saving*

⁵⁰ POWELL, Vavasor. *Saving faith set forth in three dialogues, or Conferences...* London: printed by Robert Ibbitson for Livewell Chapman, at the Crown in Popes-head Alley, 1651.

⁵¹ BROWN, Louise Fargo. *The Political Activities of the Baptists and Fifth Monarchy Men in England During the Interregnum*. Washington: American Historical Association, 1912. p.12.

⁵² POWELL, Vavasor. *Christ and Moses excellency, or Sion and Sinai's glory. Being a triplex treatise, distinguishing and explaining the two covenants or the gospel and law: and directing to the right understanding applying, and finding of the informing and assuring promises, that belong to both Covenants. By Vavasor Povvell, preacher of the Gospel in Wales*. London: printed by R. I. for Hannah Allen, at the Crown in Popes-head-Alley, 1650.

⁵³ Powell referia-se a dois dos pactos teológicos: *Covenant of Works* [Pacto das Obras] e *Covenant of Grace* [Pacto da Graça]. O primeiro fora firmado por Deus e Adão no Jardim do Éden, garantindo a vida pela obediência, e a morte no caso de desobediência. O pacto foi quebrado com o Pecado Original e, por isso, um novo acordo foi colocado entre Deus e a humanidade, o Pacto da Graça. Por sua vez, o novo trato estabelecia a bênção eterna em troca da crença em Cristo e da obediência às palavras divinas. Cf. MURRAY, John. *Collected Writings of John Murray*, vol. 4. Carlisle: Banner of Truth, 1982.

⁵⁴ “This Author hath another Treatise Extant, called *Christ and Moses Excellency, &c.* Distinguishing and explaining the two Covenants, also treating on the Promises belonging to both Covenants; Directing to a right understanding of them”. Tradução livre. POWELL, Vavasor. *Saving faith set forth in three dialogues, or Conferences...*, 1651. s.n.p.

Faith, e se interessasse por sua perspectiva milenarista, saberia que poderia encontrar *Christ and Moses excellency* no mesmo lugar, isto é, na livraria de Allen e Chapman. Com esse breve anúncio, o livreiro promovia tanto as ideias milenaristas de pregadores como Powell, como os seus próprios negócios, procurando intensificar suas vendas desses títulos proféticos.

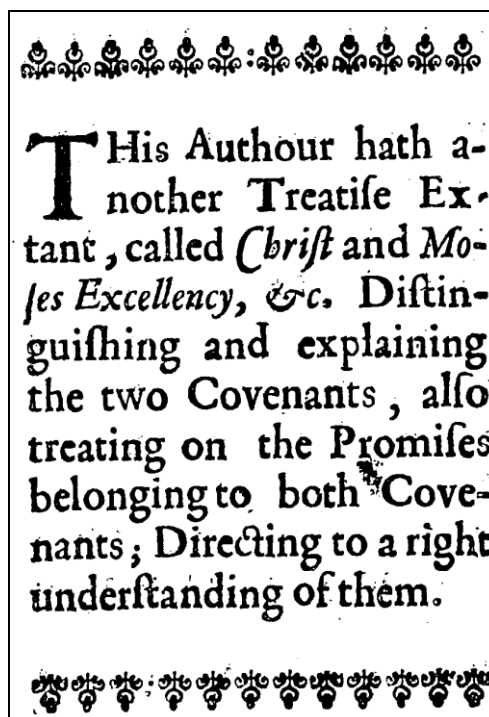


Figura 6: Anúncio de *Christ and Moses Excellency* no início de *Saving Faith* (1651)⁵⁵.

Saving faith também foi publicizado em um anúncio no jornal *Severall Proceeding in Parliament* editado por Robert Ibbitson. Além de o tipógrafo ter impresso o título para Chapman, entre novembro e dezembro de 1651, ele fez o anúncio junto com o livreiro a fim de alargar sua difusão. Na última seção do periódico, foi incluída uma lista de livros recentemente publicados, dentre os quais, *Saving faith* foi elencado⁵⁶. Em geral, essas propagandas eram usadas para criar uma demanda pelo artigo divulgado, “no caso da indústria do livro, o encorajamento da demanda estava grandemente dependente de um bom comercial impresso”⁵⁷. No caso dos sermões de Powell, divulgá-los no jornal republicano de Ibbitson oferecia possibilidade de aumentar a visibilidade sobre o livro, atraindo mais clientes para a livraria.

⁵⁵ POWELL, Vavasor. *Saving faith set forth in three dialogues, or Conferences...*, 1651. s.n.p.

⁵⁶ *Severall Proceedings in Parliament*, 114 (1651), p.1772.

⁵⁷ “In the case of the book industry, encouragement of demand was largely dependent upon a good printed advertising”. Tradução livre. RAVEN, James. *Op. cit.*, p.55.

É interessante notar que dos três livros propagandeados no jornal, dois são de Chapman e o terceiro é um tratado sobre medicina (ver figura 7). O outro livro da Crown anunciado no periódico é o já mencionado *Hope of Israel*, publicado inicialmente por Hannah Allen e, agora, reimpresso em uma versão corrigida e acrescida de comentários do tradutor Moses Wall, lançada por Chapman⁵⁸. O título circulava amplamente pela Inglaterra, e um anúncio sobre ele certamente propunha-se a divulgar a mais nova edição retificada, na qual os erros e as imprecisões da tradução foram reparados. A propaganda, assim, alcançaria não apenas os leitores que não possuíam a primeira impressão do título, mas também aqueles interessados em ler uma versão mais precisa das reflexões do rabino luso-holandês, Menasseh ben Israel, com adições de comentários de Moses Wall sobre a conversão dos judeus. *Hope of Israel*, de fato, continuou a circular consideravelmente na Inglaterra, recebendo uma terceira impressão em 1652⁵⁹.

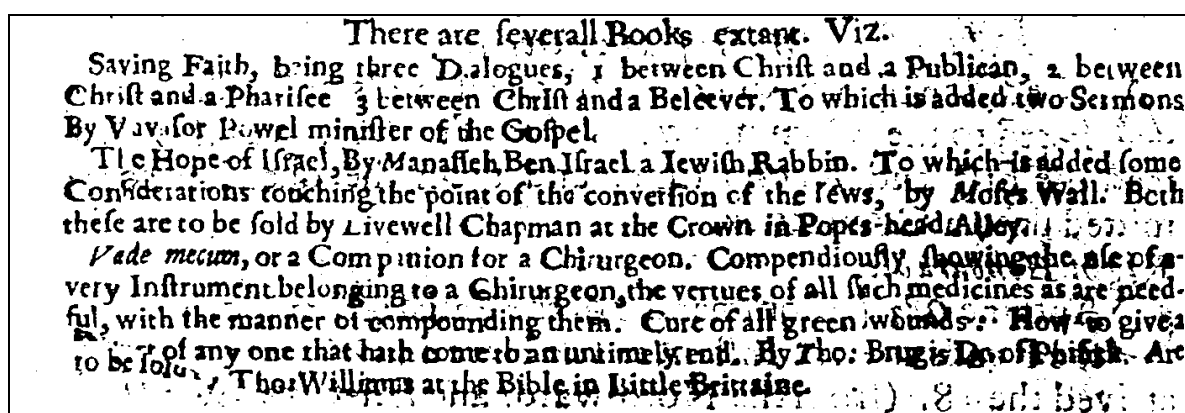


Figura 7: Propaganda de livros na 114ª edição do periódico *Severall Proceedings in Parliament* (1651)⁶⁰.

O livro certamente, foi lido por muitos dos pentamonarquistas da década de 1650, impulsionando debates acerca das evidências das ações de Deus e a conversão dos judeus. Esses personagens estavam atentos aos sinais do Senhor e prontamente os interpretavam com o auxílio das Escrituras, fornecendo explicações sobre os eventos que acometiam a Inglaterra e o mundo, e oferecendo sugestões sobre os próximos fenômenos que deviam ser esperados.

Em 1653, a atenção dos Homens da Quinta Monarquia se voltou para as rápidas mudanças no governo, levando-os a produzir diagnósticos acerca do momento vivido⁶¹. Logo

⁵⁸ BEN ISRAEL, Menasseh. *Op. cit.*, 1651.

⁵⁹ BEN ISRAEL, Menasseh. *Op. cit.*, 1652.

⁶⁰ *Severall Proceedings in Parliament*, 114 (1651), p.1772.

no início do ano, em 20 de abril, o general Oliver Cromwell dissolveu o *Rump*⁶² do Parlamento Longo⁶³, cujos membros eram os parlamentares que não foram expulsos do poder no *Pride's Purge*⁶⁴. De acordo com Christopher Hill, o *Rump* compunha uma

(...) curiosa mistura. Alguns eram homens de altos princípios – ou partidários da tolerância religiosa, ou republicanos convictos, ou defensores da supremacia constitucional dos Comuns. Outros aderiram na última hora para poderem compartilhar as benesses do sistema. Eles estavam unidos apenas no sentido de que se opunham à dissolução do Parlamento (...)⁶⁵.

A dissolução foi bem vista por alguns sectários religiosos, pois, como Vavasor Powell denunciava em 1652, as petições dos menos afortunados não eram acatadas pelo *Rump*. Em agosto, o major general Thomas Harrison⁶⁶ também exigiu a queda do Parlamento, quando sua petição – que demandava entre outras coisas, uma reforma legislativa, o fim dos dízimos, o desenvolvimento de uma propagação do evangelho mais efetiva e a convocação de uma nova eleição parlamentar – não foi atendida pelo Parlamento. Blair Worden explica que não se tratava de o Parlamento propriamente ignorar todas as demandas recebidas, mas que nenhuma assembleia do século XVII seria capaz de responder às dezenas de milhares de petições recebidas. O *Rump*, neste sentido, perdia o controle da situação. Outros pentamonarquistas e personagens radicais do exército fizeram várias acusações ao *Rump*, declarando-o como uma instituição corrupta. Worden comenta que os significados e os usos de “corrupção” no século XVII eram muito nebulosos e é difícil determinar a que tais condenações se referiam. No caso dessas acusações, o autor sugere que podiam sinalizar uma

⁶¹ CAPP, Bernard. “A door of hope Re-opened”, 2008, p.17. REAY, Barry. “Radicalism and Religion in the English Revolution: an Introduction”. In: MCGREGOR, J. F.; REAY, Barry. *Radical Religion in the English Revolution*. Oxford: Oxford University Press, 1986. p.20.

⁶² Literalmente, o “rabo” do Parlamento, isto é, suas reminiscências.

⁶³ WORDEN, Blair. *God's Instruments: political conduct in the England of Oliver Cromwell*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p.21.

⁶⁴ O “Expurgo de Pride” ocorreu em 6 de dezembro de 1648, quando o coronel Thomas Pride e seus soldados expulsaram 186 membros do Parlamento e prenderam mais 45 deles. A manobra foi realizada visando silenciar aqueles que pudessem se opor à punição de Carlos I. Pouco depois do *Pride's Purge*, o rei foi julgado, condenado como traidor do povo inglês e executado em janeiro de 1649. HILL, Christopher. *Op. cit.*, 2012.

⁶⁵ *Idem*, p.144.

⁶⁶ Thomas Harrison fez parte do exército parlamentar e foi um dos personagens a assinar a execução de Carlos I. Na década de 1650, envolveu-se com o movimento dos pentamonarquistas. Depois da Restauração, ele foi levado à julgamento e condenado à pena capital, como muitos dos regicidas. GENTLES, Ian J. ‘Harrison, Thomas (bap. 1616, d. 1660)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [http://www.oxforddnb.com/view/article/12448, accessed 2 Oct 2015].

crítica por parte do exército que não via o Parlamento como uma assembleia revolucionária o bastante, ou dos pentamonarquistas que não o consideravam suficientemente santos⁶⁷.

Os Homens da Quinta Monarquia, de modo geral, perceberam o fim do *Rump* positivamente. Em maio de 1652, John Spittlehouse defendeu a intervenção de Cromwell, afirmando que a dissolução do Parlamento fora uma ação justa. No panfleto *The army no usurpers*, Spittlehouse ainda sustentava que o general deveria governar sozinho, pois ele havia sido chamado por Deus, assim como Moisés fora designado pelo Senhor para guiar o povo de Israel⁶⁸. John Rogers não foi tão enfático quanto Spittlehouse, mas argumentou que Deus havia escolhido Oliver Cromwell para selecionar uma nova assembleia⁶⁹.

Influenciado ou não por esses panfletos, Cromwell convocou um novo Parlamento que, ao invés de ser eleito, foi nomeado pelo próprio general. Cromwell decidiu junto ao *Council of Officers* [Conselho dos Oficiais] montar uma assembleia temporária, na qual seriam escolhidos os representantes de cada condado inglês, e alguns membros da Irlanda, da Escócia e de Gales. O total de 70 integrantes pareceu insuficiente e foi estabelecido que o Parlamento teria 140 membros. Por conta do tipo de seleção dos parlamentares, a assembleia ficou conhecida como “*Nominated Parliament*”. Segundo Woolwrych, muitos historiadores equivocadamente mantiveram a interpretação de Samuel Gardiner – em seus estudos sobre o que chamou de “Revolução Puritana”⁷⁰ –, de que o conselho foi formado majoritariamente por sectários religiosos. Analisando sua composição, Woolwrych aponta que, embora muitas comunidades radicais tenham recomendado seus pregadores e membros para compor o Parlamento, apenas 15 dos MPs escolhidos foram, de fato, sugeridos pelas congregações. Dentre os 140 personagens do *Nominated Parliament*, havia juízes de paz (pelos menos 117),

⁶⁷ WORDEN, Blair. *The Rump Parliament, 1648-1653*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p.89-93. GENTLES, Ian J. *Op. cit.*

⁶⁸ SPITTLEHOUSE, John. *The army no usurpers, or The late Parliament not almighty and everlasting: shewing, that the present army in their former opposing, and late dissolving of the Parliament, have done nothing contrary to law, but according to equity. And that the late Parliaments claim of power to do what they please, until they should be dissolved by their own consent, is long since made void by their own act*. London: printed for Giles Calvert, at the sign of the Black-spread Eagle, at the West end of Pauls, 1653. WOOLRYCH, Austin. *Britain in Revolution, 1625-1660*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p.538.

⁶⁹ ROGERS, John. *To his excellency the Lord Generall Cromwell. A few proposals, relating to civil government. Humbly offered by John Rogers an unworthy servant of Christ, and preacher of the Gospel now at Tho. Apostles London*. [London]: printed for Robert Ibbitson, 1653. CAPP, Bernard. *Fifth Monarchy Men*, 2008. p.63.

⁷⁰ Sobre isso, cf. RICHARDSON, R. C. *The debate on the English Revolution*. Manchester: Manchester University Press, 1998.

alguns já tinham servido suas cidades como xerifes (cerca de 28), e aproximadamente 44 desses parlamentares estudaram na universidade⁷¹.

Ainda assim, a assembleia ficou conhecida como “Parlamento dos Santos”. Também chamavam-na de *Barebones Parliament*, em sinal de zombaria a um de seus membros, o radical religioso Praise-God Barebone. Ambos esses nomes demonstravam a importância atribuída a esse conselho pelas congregações que, supostamente, poderiam ser representadas no Parlamento, já que alguns MPs eram independentistas, pentamonaarquistas, Batistas, entre outros sectários. Personagens de grupos político-religiosos, como John Tillinghast, William Aspinwall e Livewell Chapman, encararam a formação desta assembleia como uma possibilidade de preparar a Inglaterra para a vinda de Cristo.

John Tillinghast tratou sobre isso no primeiro volume de seu extenso trabalho profético, intitulado *Generation Work*, publicado por Livewell Chapman entre 1653 e 1655. Tillinghast, que fora diácono e pastor em Bristol a partir de 1625, começou a pregar em igrejas independentes em Suffolk e Norfolk na década de 1650⁷². Pouco depois, ele iniciou a escrita do primeiro volume de *Generation Work*. Em 1655, ele faleceu, mas seus textos continuaram a ser publicados postumamente, especialmente por Livewell Chapman, com quem Tillinghast nutria alguma relação pessoal, uma vez que Chapman foi uma das testemunhas no testamento do pentamonaarquista⁷³. De acordo com Christopher Marsh, essa era uma questão importante no Antigo Regime, pois o “(...) testador geralmente selecionava suas testemunhas deliberadamente, baseando suas escolhas na amizade pessoal e no respeito social. O testador que estava consciente da necessidade de fazer a sua vontade ‘tão certa como pode ser’ também teria tido conhecimento da necessidade de convocar testemunhas críveis”⁷⁴. Se naquela sociedade, as testemunhas precisavam ser consistentes, o fato de Tillinghast indicar Chapman como sua testemunha sugere que o livreiro era um personagem conhecido entre os grupos radicais religiosos.

⁷¹ WOOLRYCH, Austin. *Op. cit.*, p.539-540.

⁷² GREAVES, Richard L. ‘Tillinghast, John (bap. 1604, d. 1655)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [http://www.oxforddnb.com/view/article/27447, accessed 29 April 2015].

⁷³ PROB 11/251/617.

⁷⁴ “(...) testator generally selected their witnesses quite deliberately, basing their choices upon personal friendship and social respect. The testator who was conscious of the need to make his will ‘as sure as may be’ would also have been aware of the need to call ‘credible’ witnesses”. Tradução livre. MARSH, Christopher. “In the Name of God? Will-making and faith in Early Modern England” In: SPUFFORD, Peter; MARTIN, G. H. *The Records of the Nation*. Suffolk: Boydell Press, 1990. p.233.

Na primeira parte de *Generation Work*, Tillinghast fez uma dedicatória, oferecendo o título aos membros do novo Parlamento. Segundo o autor, na epístola datada de 8 de julho de 1653, o tratado fora composto “não para vos ensinar [os parlamentares] (...) o que é vosso trabalho, mas para declarar o que é que o Senhor está para fazer na época na qual nós vivemos, e [Ele] espera que seu povo deva observá-lo e segui-lo (...)”⁷⁵. Se prestassem atenção aos sinais divinos, as autoridades do *Barebones* poderiam, então, aproveitar a oportunidade que Deus lhes dava, ao colocar o poder em suas mãos, para servir aos Seus propósitos em direção à concretização das profecias e do advento do reino de mil anos de felicidade⁷⁶.

Poucos meses depois de Tillinghast sugerir aos parlamentares que notassem as evidências da proximidade do Milênio, William Aspinwall explicava que, naquela época, as profecias se cumpriam e que logo Cristo tomaria seu governo sobre a Terra. Aspinwall aproximara-se das reflexões escatológicas na década de 1630, após migrar para a Nova Inglaterra, fixando-se na colônia de Massachusetts Bay, que abrigava diversos puritanos e sectários religiosos, como o ministro John Cotton. Em Boston, Aspinwall trabalhara como notário e se envolvera com correntes milenaristas e antinomianas, o que acarretou em diversas polêmicas com as autoridades⁷⁷. Encontrando na Nova Inglaterra um ambiente mais rígido do que a metrópole parecia viver no período revolucionário, Aspinwall e outros colonos acabaram retornando em 1653⁷⁸. Assim que voltou, ele se associou aos pentamonarquistas, uma vez que partilhava de seus anseios milenaristas, ao mesmo tempo em que cultivava ideias sobre o governo civil e as leis, desenvolvidas durante o período em que esteve em contato direto com John Cotton. Aspinwall havia apoiado a adoção do código legislativo elaborado por Cotton, que se fundamentava nas leis mosaicas⁷⁹. Ao escrever sobre a Quinta Monarquia e suas propostas de ação para preparar a Inglaterra para o retorno de Cristo, Aspinwall

⁷⁵ “Not to teach you (...) what is your worke, but to declare what that is which the Lord in the age we live is about to do, and expects his people should eye and follow him in (...)”. Tradução livre. TILLINGHAST, John. *Op. cit.*, 1653. s.n.p.

⁷⁶ *Idem.*

⁷⁷ ROBBINS, Stephen Lee. *Manifold Afflictions: the life and the writings of William Aspinwall, 1605-1662*. Tese (Doutorado) – Oklahoma State University, 1988. BREMER, Francis J. ‘Aspinwall, William (d. in or after 1662)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [http://www.oxforddnb.com/view/article/76217, accessed 29 April 2015].

⁷⁸ Cf. SACHSE, William L. “The Migration of the New Englanders, 1640-1660”. *The American Historical Review*, Vol.53, n.2, 1948. pp.251-278. FIELD, Jonathan Beecher. *Errands into the Metropolis: New England Dissents in Revolutionary England*. Hanover: Dartmouth College Press, 2009.

⁷⁹ COTTON, John. *Op. cit.*, 1641. MACLEAR, J. F. *Op. cit.*

recuperou muitas das proposições defendidas por Cotton, especialmente em seus tratados de 1655 e 1656.

Aspinwall, como Tillinghast, parece ter desenvolvido uma relação bastante profícua com Livewell Chapman. Logo que chegou a Inglaterra, ele começou a publicar praticamente todos os seus textos milenaristas com o livreiro da Crown⁸⁰. Entre 1653 e 1657, eles lançaram sete títulos juntos, discorrendo sobre a chegada do Milênio⁸¹. O primeiro deles, impresso justamente na ocasião da formação do *Barebones*, entre julho e agosto de 1653⁸², se chamava *A brief description of the fifth monarchy*. O pequeno panfleto *in quarto* de 16 páginas tinha como objetivo explicar e descrever a Quinta e Última Monarquia de Cristo. Seguindo as visões oníricas de Daniel, Aspinwall apontava que haveria quatro monarquias mundanas que deveriam cair para que o Reino de Cristo adviesse. As profecias estavam se cumprindo desde o momento em que Carlos I fora executado, visto que ele era o pequeno chifre da Besta do sonho descrito no Livro de Daniel. Desde então, a Inglaterra caminhava inescapavelmente para o que havia sido providencialmente prometido. A chegada da Quinta Monarquia era tão

⁸⁰ Com exceção de *Certaine queries touching the ordination of ministers* (1647), impresso por Matthew Simmons e publicado por Henry Overton, parceiros comerciais da livraria Crown. Registro feito na Stationers' Company em 15 de fevereiro de 1647, em nome do Mestre Overton e de Matthew Simmons. STATIONERS' COMPANY. *Op. cit.*, Vol.1. p.263. ASPINWALL, William. *Certaine queries touching the ordination of ministers. Soberly propounded to the serious consideration of all the parochiall ministers of England in generall; and more especially those sundry ministers in London authors of a late printed booke entituled Ius divinum regiminis ecclesiastici: or the divine right of church-government, &c...* London: printed by Matthew Simmons for Henry Overton, and are to be sold by J. Pounce at the lower end of Budg-Row, neere Canning-Street, 1647.

⁸¹ ASPINWALL, William. *A brief description of the fifth monarchy*, 1653. ASPINWALL, William. *An explication and application of the seventh chapter of Daniel: with a correction of the translation. Wherein is briefly shewed the state and downfall of the four monarchies; but more largely of the Roman monarchy, and the ten horns or kingdoms; and in particular, the beheading of Charles Stuart, who is proved to be the little horn by many characters, that cannot be applied to any before or after him...* London: printed by R.I. for Livewell Chapman, at the Crown in Popes-head Alley, 1654. ASPINWALL, William. *A premonition of sundry sad calamities yet to come. Grounded upon an explication of the twenty fourth chapter of Isaiah. By William Aspinwall, late of New-England.* London: printed for Livewell Chapman, and are to sold [sic] at the Crown in Popes-head-alley, 1654. ASPINWALL, William. *Thunder from heaven against the back-sliders and apostates of the times. In some meditations on the 24 chapter of Isaiah. By W.A.* London: printed for Livewell Chapman, and are to be sold at the Crown in Popes-head-alley, 1655. ASPINWALL, William. *The work of the age: or, the sealed prophecies of Daniel opened and applied. VVherein is plainly proved that all the governments in the world, except the government of Christ, are but images, or parts of Nebuchadnezzars image, and shall be suddenly broken in pieces by th little stone cut out of the mountain without hand: together with the means how Christ will effect all this...* London: printed by R.I. for Livewell Chapman, and are to be sold at the sign of the Crown in Popes-head Alley, 1655. ASPINWALL, William. *The legislative povver is Christ's peculiar prerogative. Proved from the 9th of Isaiah, vers. 6.7. By W.A.* London: printed for Livewel Chapman, at the Crown in Popes head alley, 1656. ASPINWALL, William. *The abrogation of the Jevvish Sabbath, or, Sabbath of the 7th day of the week. Together, with some brief observations upon two small treatises: 1. The unchangeable morality of the 7th day Sabbath. Written by J.S. 2. The morality of the fourth commandment. In prosecution whereof, sundry Scriptures are opened and cleered. By William Aspinwall.* Printed at London : by J.C. for Livewel Chapman, at the Crown in Popes-head-Alley, 1657.

⁸² A cópia de George Thomason está datada de 1º de agosto de 1653, por isso, inferimos que o texto estivesse disponível no mercado livreiro a partir de fins de julho ou início de agosto.

certa para o autor que ele assegurava seu prognóstico de que o domínio do Anticristo encerraria em 1673, e de que, subsequente à sua queda, Jesus retornaria para assumir Seu governo universal e infundável⁸³.

Essas associações do monarca Stuart com a figura do Anticristo foram comuns durante a Revolução Inglesa. De modo geral, no século XVII, havia diversas interpretações sobre o Anticristo e acreditava-se que a sua identificação poderia auxiliar a precisar quando se daria o Fim dos Tempos. Comumente, nas confissões protestantes, o Anticristo era apontado como o Papa e o papado, isto é, tanto a pessoa, quanto a instituição; entretanto, em outros contextos históricos, diversos outros personagens também foram caracterizados como este agente demoníaco. Para Christopher Hill, as transformações na concepção acerca do Anticristo variavam de acordo com o momento no qual estas leituras eram produzidas. A associação de um personagem à figura do Anticristo designava, assim, a personificação de um inimigo, que podia ser, simultaneamente ou não, uma ou mais pessoas e instituições⁸⁴.

No período revolucionário, além de os protestantes considerarem toda a instituição papal anticristã, eles declaravam que o Anticristo *estava* na Inglaterra. Ele podia ser qualquer um, como o arcebispo William Laud, o monarca Carlos I, ou mesmo a instituição monárquica. Os parlamentaristas, em suas propagandas políticas, diziam-se contrários ao “Partido do Anticristo”, percebido como o movimento dos regalistas. Os milenaristas elencaram diversas acusações a Carlos I, denominando-o como o Anticristo e como um dos chifres da Besta. Ao fazê-lo, eles justificavam a sublevação contra o monarca como parte da Providência, que caminhava para a concretização da derrota das forças do Demônio e para a efetivação do reino de mil anos de felicidade de Cristo. John Milton, por exemplo, no texto *The Tenure of Kings and Magistrates* denunciou a monarquia de Carlos Stuart como um dos dez chifres⁸⁵. William Aspinwall também afirmava que Carlos I era o pequeno chifre da Besta⁸⁶. Bernard Capp demonstrou que muitos pentamonarquistas criticaram o rei enfaticamente, ressaltando sua possível associação com as forças demoníacas. Conforme o historiador, “John Rogers (...) viu Carlos como um dos dedos da imagem em Daniel 2, destruída por Cristo. John Spittlehouse

⁸³ ASPINWALL, William. *A brief description of the fifth monarchy*, 1653.

⁸⁴ HILL, Christopher. *Op. cit.*, 1990.

⁸⁵ *Idem*, p.79-107.

⁸⁶ Ver ASPINWALL, William. *A brief description of the fifth monarchy*, 1653. ASPINWALL, William. *An explication and application of the seventh chapter of Daniel...*, 1653.

(...) argumentou que Carlos era uma parte do Anticristo, destruída ‘assim que o golpe fatal foi dado’. Mary Cary, a profetisa Pentamonarquista, identificou Carlos com o pequeno chifre”⁸⁷.

Cary, cujas visões proféticas foram acompanhadas pelo pregador Christopher Feake, escreveu em diversas ocasiões acerca dos eventos da Revolução Inglesa, atribuindo-lhes contornos providencialistas. Em 1648, ela publicou com Giles Calvert o texto *The ressurection of witnesses*, identificando a Rebelião Irlandesa iniciada em 1641 como o assassinato das duas testemunhas, descrito no Livro do Apocalipse, e interpretando a sua ressurreição como a criação do Exército de Novo Tipo em 1645⁸⁸. Em agosto de 1653, devido às novas circunstâncias nas quais a Inglaterra se encontrava, a profetisa sentiu a necessidade de atualizar seu trabalho, publicando-o desta vez com o pentamonarquista Livewell Chapman e com o antigo aprendiz de Calvert, Thomas Brewster. O frontispício da obra de 1653 (ver figura 8) assegurava as novidades da reimpressão, dizendo, em uma fonte menor, abaixo do subtítulo: “A segunda edição corrigida, e bastante ampliada, e todas as objeções respondidas pela Autora”⁸⁹.

⁸⁷ “John Rogers (...) saw Charles as one of the toes of the image in Dan.ii, destroyed by Christ. John Spittlehouse (...) argued that Charles was a part of Antichrist, destroyed ‘as soon as the fatal blow was given’. Mary Cary, the Fifth Monarchy prophetess, identified Charles as the little horn”. Tradução livre. CAPP, Bernard. *Fifth Monarchy Men*, 2008. p.51.

⁸⁸ CARY, Mary. *The resurrection of the witnesses; and Englands fall from (the mystical Babylon) Rome. Clearly demonstrated to be accomplished. Whereby great encouragement is administred to all saints, but especially to the saints in England. In the handling of a part of the eleventh chapter of the Revelation. By M. Cary, a minister or servant of Jesus Christ, and of all his saints.* London: printed by D.M. for Giles Calvert at the black-spread-Eagle at the west end of Pauls, 1648. CAPP, Bernard. ‘Cary, Mary (b. 1620/21)’, rev. *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [http://www.oxforddnb.com/view/article/37266, accessed 2 Oct 2015].

⁸⁹ “The second edition corrected, and much enlarged, and all objections answered by the Author”. Tradução livre. CARY, Mary. *The resurrection of the witnesses, and Englands fall from (the mystical Babylon) Rome clearly demonstrated to be accomplished. Wherein it is made apparent by undeniable and unanswerable arguments, that the prophecie in Rev. 11. of the slaying of the witnesses, and of their raising again, was exactly fulfilled in the years 1641, 42, 43, 44, and 45. The year 1645. being the year of their raising, since which they have gon on (and shall go on still) conquering and to conquer. Upon which account, the States of Holland, the kings of France, and Denmark, and all the princes of Europe are cautioned to beware how they maintain any war against Englands Commonwealth, lest it prove a burdonsome stone unto them. By M. Cary (alias Rande) a willing servant of Jesus Christ and his saints.* London: printed by H. Hills for R.C. and are to be sold by T. Brewster at the three Bibles at the west-end of Pauls, and L. Chapman at the Crown in Popes-Head Alley, 1653.

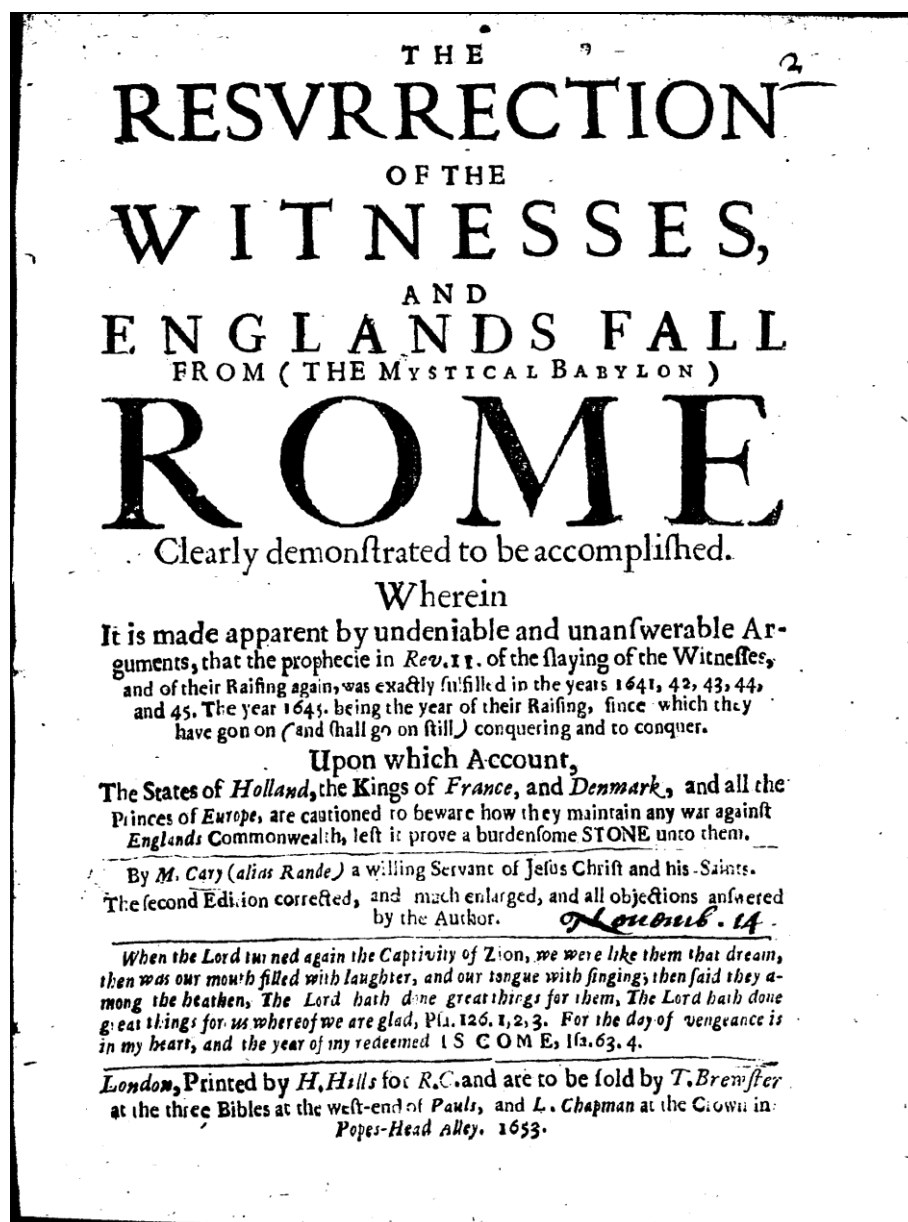


Figura 8: Frontispício da segunda edição de *The resurrection of the witnesses* (1653)⁹⁰.

O prefácio, expandido na reedição do título, reforça a atualização da obra. A autora indicava que “FAZ agora cinco, anos desde que eu publiquei esse Tratado. E a forma como estas coisas que eu afirmei então nesse Tratado, e em minhas Epístolas prefixadas no mesmo, e no Pós-Escrito então impressos, se cumpriram numa Série contínua de Providências desde então, é aparente para vós e para todo o mundo”⁹¹. Era importante confirmar que seus prognósticos anteriores se concretizaram, pois isso atestava a veracidade das palavras da

⁹⁰ CARY, Mary. *Op. cit.*, 1653.

⁹¹ “IT is now five, years since I first published this Treatise. And how those things which I then asserted in this Treatise, and in my Epistles thereto prefixed, and in the Post-script then printed, have been fulfilled in a continued Series of Providences ever since, is apparent to thee and to all the world”. Tradução livre. *Idem*, s.n.p.

autora. Assim, nesta nova edição, ela afirmava novamente a proximidade da realização das promessas divinas, concluindo que em breve a Quinta e Última Monarquia de Cristo se espalharia por toda a Europa⁹².

A autoria da profetisa também era construída por meio de um pequeno anúncio anexado no início do livro, logo após o sumário (ver figura 9). A propaganda introduzia outros cinco “Livros já publicados por esta Autora”⁹³ e vendidos em uma mesma encadernação, demonstrando a recorrência de suas reflexões profético-políticas. Ao mesmo tempo, esse tipo de menção sugere que Cary já fosse conhecida pelo público leitor. Como indicado por Gérard Genette, a fórmula “pelo(a) autor(a) de” se popularizou no século XVIII, dispensando, em alguns momentos, o próprio nome do escritor, que se vendia pelas obras previamente lançadas e consumidas⁹⁴. Apesar de esse tipo de autoria, vinculado à propriedade do autor sobre os textos que escreveu, não fazer parte da lógica do século XVII, visto que a posse das obras, comumente, era dos impressores e/ou livreiros, elencar títulos lançados por Cary desde 1648 no interior do livro de 1653 sugere que a profetisa era relativamente conhecida por sua produção.

A propaganda também fornece detalhes sobre a circulação de seus títulos, vendidos tanto na livraria de Giles Calvert e Thomas Brewster, ambas no extremo oeste do adro da St. Paul’s Cathedral, como na Crown de Chapman. A comercialização simultânea nas três casas livreiras também aponta para os acordos firmados entre os agentes do livro. Todas as obras de Cary até a segunda edição de *The resurrection of the witnesses* foram publicadas exclusivamente por Calvert, mas como afirmado no anúncio, todas elas podiam ser encontradas nas livrarias de Chapman e de Brewster, o que indica que esses livreiros eram parceiros comerciais, ao menos na difusão de alguns títulos. Mesmo que os direitos de cópia desses textos pertencessem exclusivamente a Calvert, ele provavelmente concedera a Chapman e a Brewster a oportunidade de também os vender em seus respectivos negócios. Mais tarde, em 1653, Calvert não publicou a reedição do impresso, mas Brewster, seu antigo aprendiz, e Chapman, seu parceiro comercial, puderam-no fazer, sem que detivessem o registro da obra.

⁹² CAPP, Bernard. ‘Cary, Mary (b. 1620/21)’.

⁹³ “Books already published by this Author”. Tradução livre. CARY, Mary. *Op. cit.*, 1653. s.n.p.

⁹⁴ GENETTE, Gérard. *Op. cit.*, p.44.

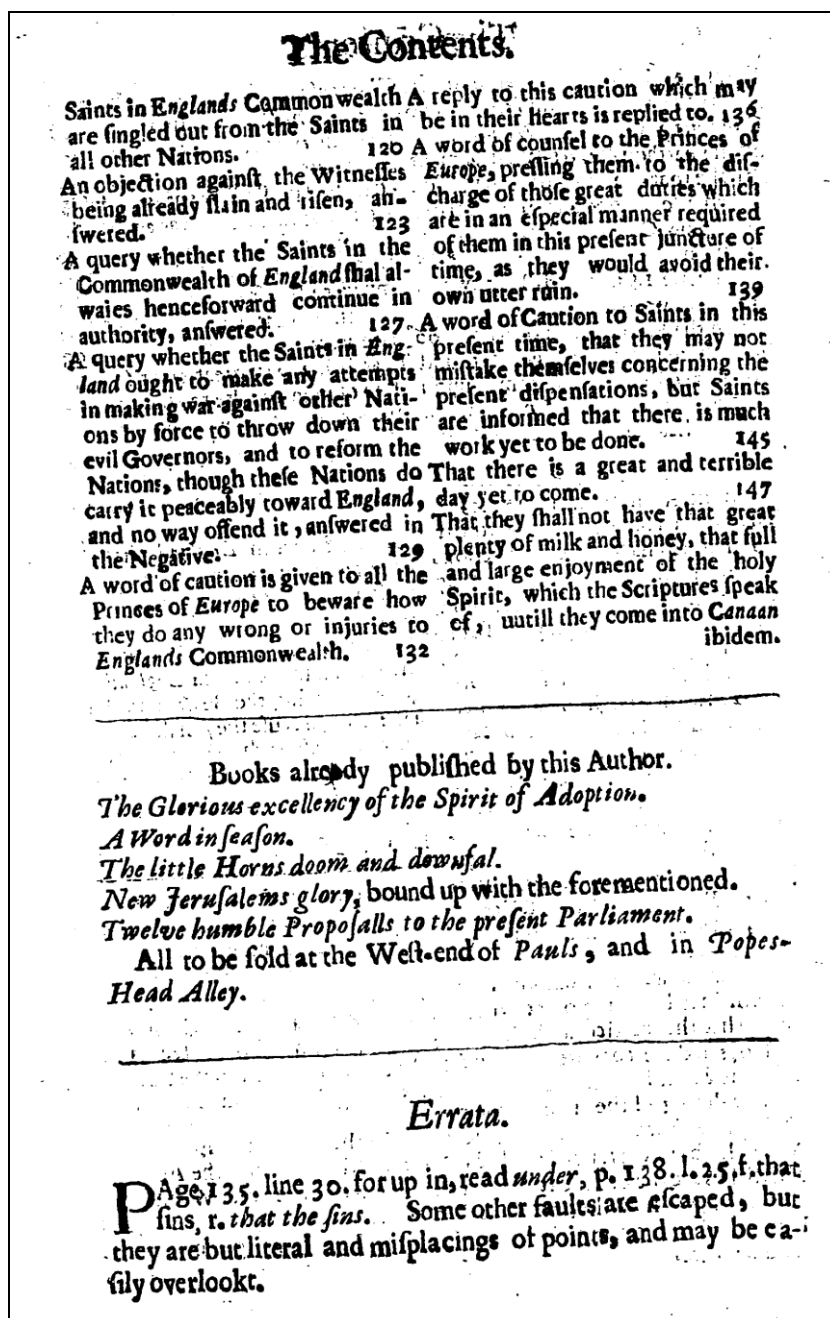


Figura 9: Propaganda em *The resurrection of the witnesses* (1653)⁹⁵.

Ao mesmo tempo, a aproximação de Livewell Chapman das publicações de Mary Cary pode ter sido resultado de sua interlocução com outros pentamonarquistas da comunidade de St. Anne em Blackfriars. A profetisa indica no início do texto que o oferecia aos pregadores da congregação, como Christopher Feake, mostrando sua associação ao movimento⁹⁶. A ligação com Feake e com os demais personagens que circulavam nessa igreja pode ter

⁹⁵ CARY, Mary. *Op. cit.*, 1653. s.n.p.

⁹⁶ CAPP, Bernard. 'Cary, Mary (b. 1620/21)'.

facilitado sua relação com Chapman, que se tornava um profícuo difusor das ideias, pregações, profecias e projetos dos Homens da Quinta Monarquia.

Até a primeira metade de 1653 as perspectivas milenaristas publicadas por Chapman justificavam a execução do rei e as medidas parlamentares como parte da Providência em direção à tão aguardada Segunda Vinda, como ocorria nas obras de Tillinghast, Aspinwall e Cary. No fim daquele ano, entretanto, algumas das expectativas se converteram em feroz oposição ao governo. Em dezembro de 1653, Cromwell dissolveu o “Parlamento dos Santos”, provocando, assim, a insatisfação de diversos desses personagens.

Segundo Woolrych, o fim da assembleia foi causado pelos frequentes conflitos entre os MPs, que discordavam de muitas questões discutidas. Um dos tópicos de maior discórdia recaía, por exemplo, sobre o tema dos dízimos. Os independentistas eram favoráveis à sua extinção, uma vez que os percebiam como supersticiosos e papistas. Outros separatistas ainda mais radicais iam adiante, rejeitando totalmente a ideia de manter uma igreja nacional. Os parlamentares mais moderados pensavam em uma reforma do sistema eclesiástico, mas não julgavam necessário o fim dos dízimos⁹⁷.

No mesmo mês da queda do *Nominated Parliament*, foi apresentado o Instrumento de Governo, elaborado pelo major-general John Lambert, que instituía o Protetorado. A constituição colocava Oliver Cromwell como o soberano da Inglaterra, isto é, como o Lorde Protetor. A determinação desagradou a muitos radicais religiosos, que perceberam o novo regime como um retrocesso. Os sectários passaram a se referir a ele “(...) como um apóstata e ao seu regime como parte da tirania Babilônica”⁹⁸. Três dias depois da outorga do Instrumento de Governo, Christopher Feake e Vavasor Powell pregaram em St. Anne e proclamaram que Cromwell era “(...) o ‘mais dissimulado e falso vilão no mundo’. Feake e Powell foram levados em custódia, porém logo foram liberados. Contudo, para o resto da vida do Protetorado, a maioria dos líderes da Quinta Monarquia passou uma parte considerável de seu tempo na prisão, presumivelmente por causa da ameaça que representava para a segurança do governo”⁹⁹.

⁹⁷ WOOLRYCH, Austin. *Op. cit.*, p.547-549.

⁹⁸ “(...) as an apostate and his regime as part of the Babylonian tyranny”. Tradução livre. CAPP, Bernard. “A door of hope Re-opened”, 2008. p.17.

⁹⁹ “(...) the ‘dissemblingst perjured villaine in the world’. Feake and Powell were brought to custody and were soon released, but for the rest of the life of the Protectorate, most of the Fifth Monarchy leaders spent a considerable part of their time in prison, presumably because of the threat they represented to the security of the Protectorate government”. Tradução livre. SOLT, Leo F. *Op. cit.*, p.314-315.

Chapman entrou em conflito direto com as autoridades e foi preso diversas vezes a partir de 1654, pois seus títulos pentamonarquistas passaram a enfatizar sua rejeição a Cromwell e seu regime. Alguns autores foram mais cautelosos, como John Tillinghast e William Aspinwall que, em seus textos, buscaram alertar as autoridades sobre as profecias que estavam se cumprindo naquela época, visando um governo mais alinhado aos desígnios divinos. Com abordagens radicais ou moderadas, os pentamonarquistas agora eram a oposição e, da mesma maneira que eles se dedicaram a desacreditar o governo de Cromwell, o Protetor procurou refreá-los.

3.2.2. *O novo chifre da Besta (1654 a 1657)*

Assim que Oliver Cromwell assumiu o Protetorado em dezembro de 1653, o general passou de eleito de Deus a novo Anticristo. Christopher Feake, inclusive, acusou-o de ser um homem pecaminoso e de ser o “velho dragão” associado às profecias apocalípticas¹⁰⁰. Ao correr de 1654, as críticas ao Lorde Protetor ficaram mais intensas e mais recorrentes. Nesse momento, a livraria de Chapman publicou ainda mais textos pentamonarquistas que reprovavam o governo liderado por Cromwell e que sugeriam projetos profético-políticos alternativos ao do Protetor.

Em março, o livreiro lançou um novo tratado de Aspinwall, intitulado *An explication and application of the seventh chapter of Daniel*. O texto era dedicado a Cromwell, e servia para alertá-lo de que “(...) esses são tempos de cumprimento de Profecias”¹⁰¹, e de que todos os poderes e governos mundanos estavam fadados a cair, pois Deus já havia definido os percalços pelos quais a humanidade passaria até a ascensão de Cristo. As etapas para a Segunda Vinda foram apresentadas a Daniel em seus sonhos proféticos, nos quais o profeta descreveu as quatro bestas que se sucederiam até a destruição total do Anticristo¹⁰².

Aspinwall examinou as Escrituras e analisou cada uma das bestas, organizando-as como um percurso da História Sagrada até os seus dias. Desta maneira, ele conseguia aproximar as profecias bíblicas aos acontecimentos de sua época, utilizando-as para explicar e interpretar os

¹⁰⁰ CAPP, Bernard. *Fifth Monarchy Men*, 2008. p.73.

¹⁰¹ “(...) these are times of accomplishment of Prophesies”. Tradução livre. ASPINWALL, William. *An explication and application of the seventh chapter of Daniel*, 1654, s.n.p.

¹⁰² ASPINWALL, William. *An explication and application of the seventh chapter of Daniel*, 1654. LIMA, Verônica Calsoni. “A cronologia das bestas e o cumprimento das profecias: o conhecimento histórico nas obras pentamonarquistas de William Aspinwall (1653-1657). *Vozes, Pretérito & Devir*, Ano II, Vol.III, n.º 1, 2014. pp.75-93. p.83.

eventos coetâneos. Seguindo as exegeses consagradas acerca das visões de Daniel, Aspinwall associou cada uma das bestas a um governo específico. Para o autor, a primeira delas, simbolizada por um leão com asas de águia, representava o governo babilônico. Antes forte e unida, a Babilônia passou por crises que a cindiram entre dois domínios: o dos persas e o dos medos, caracterizados na profecia por um urso, a segunda besta. O terceiro monstro era um leopardo ou uma pantera com quatro asas e quatro cabeças, identificado como o império grego. Esse animal era percebido pelo pentamonarquista como Alexandre Magno, que expandiu seus domínios no século IV a.C. Assim, suas quatro asas e cabeças simbolizavam, primeiramente, suas conquistas e, em segundo lugar, eram uma alegoria para o subsequente desmembramento de seu império em quatro partes, logo após a morte do soberano. A última besta ou monarquia anticristã era definida como um monstro horrendo e disforme, cuja aparência combinava a crueldade de todas as feras anteriores. Para descrevê-la, Aspinwall ancorou-se não apenas em Daniel, mas também nas palavras do apóstolo João sobre o dragão do Apocalipse. Com dez chifres, a besta do Livro de Daniel simbolizava as divisões do Império Romano, do qual o governo britânico era descendente. Um dos estágios para a destruição desse monstro abominável seria a derrota do seu décimo chifre – “pequeno chifre” –, o mais demoníaco, tirânico e prejudicial aos cristãos. Este, na visão de Aspinwall, era Carlos I e, em decorrência de sua queda em 1649, a volta de Jesus seria iminente¹⁰³.

Embora Aspinwall não fizesse em seu texto uma crítica direta ao governo de Cromwell, devido à postura mais moderada do pentamonarquista, seu texto era desafiador no sentido em que demonstrava que nenhum governo mundano permaneceria. As profecias estavam para se cumprir e mesmo que Cromwell tivesse centralizado o poder em suas mãos, tal como em uma monarquia, Deus não pouparia seu Protetorado, pois o único soberano por direito, na perspectiva de Aspinwall, era Cristo. Nesse sentido, seu tratado funcionava como um conselho endereçado ao Protetor, sugerindo-lhe que obedecesse aos desígnios da Providência ao invés de se colocar como um novo empecilho na destruição da quarta monarquia.

Críticas moderadas ou virulentas contra Cromwell continuaram a circular por meio dos impressos e, ao longo de 1654, Livewell Chapman e outros livreiros e impressores radicais produziram e publicaram mais dessas afrontas ao Protetorado. Os ataques contra o regime, contudo, não passaram despercebidas. Como observado por Jason Peacey, as autoridades não se ocuparam em censurar todo e qualquer texto supostamente sedicioso difundido na

¹⁰³ ASPINWALL, William. *An explication and application of the seventh chapter of Daniel*, 1654. p.21-27.

Inglaterra. Ao contrário disso, utilizaram uma estratégia mais eficiente para conter apenas aquilo que oferecesse riscos à soberania do governo. Para isso, Cromwell e seus oficiais usufruíram de estratégias comuns de controle da imprensa, que vinham desde antes do Protetorado, como o uso de espiões e agentes designados para observar personagens ligados ao radicalismo e à literatura sediciosa. Dessa maneira, muitos autores, tipógrafos e livreiros foram perseguidos, julgados, multados, presos e/ou tiveram seus materiais apreendidos¹⁰⁴.

Além do controle da circulação dos impressos, Cromwell opôs-se ao radicalismo de alguns sectários religiosos. Em seu discurso na ocasião da primeira reunião do Parlamento do Protetorado, em 4 de setembro de 1654, o governante declarou que uma noção equivocada acerca da Quinta Monarquia era disseminada na Inglaterra, e cooptava os corações de muitos cristãos sinceros. Indivíduos como os pentamonarquistas, entre eles o major general Harrison, citado pelo Protetor em sua fala, difundiam concepções perigosas para Estado, como as ideias de que as leis não deveriam ser ditadas pelas autoridades mundanas. Cromwell, assim, mostrava que esses sectários, sobretudo os pentamonarquistas, instigavam o desequilíbrio da sociedade¹⁰⁵.

Os grupos radicais religiosos, por sua vez, responderam às críticas de Cromwell com novos ataques. Livewell Chapman e o ministro milenarista e independentista Thomas Goodwin, fizeram-no por meio da pregação e da publicação de *A Sermon of the Fifth Monarchy* no mesmo mês¹⁰⁶. O sermão transcrito apresentava argumentos, segundo o próprio título, incontestáveis acerca da Quinta Monarquia de Cristo (ver figura 10). O título possuía uma clara resposta aos comentários de Cromwell e advogava em favor das previsões sobre a Quinta e Última Monarquia. Essa defesa das perspectivas profético-políticas se concentrava em um forte apelo à ideia de verdade. Logo no frontispício da obra, o autor e o livreiro atestavam que o texto fora “Publicado pelo bem da verdade”¹⁰⁷, colocando-os numa posição de defensores da verdade de Deus. A frase imprimia o sentido de que o sermão não havia sido

¹⁰⁴ PEACEY, Jason. “Cromwellian England: A Propaganda State?”. *History*, Vol.91, 302, 2006. pp.176-199. CAPP, Bernard. *Fifth Monarchy Men*, 2008. p.105.

¹⁰⁵ CROMWELL, Oliver. *The speech of His Highnesse the Lord Protector to the Parliament in the Painted Chamber at Westminster, on Munday last, being the fourth of this instant September, 1654. Examined by the original copy; published by order and authority*. London: printed for G. Freeman, 1654. SPITTLEHOUSE, John. *An answer to one part of the Lord Protector's speech...* London: for Livewel Chapman at the Crown in Popes-head-alley, 1654.

¹⁰⁶ GOODWIN, Thomas. *A sermon of the fifth monarchy. Proving by invincible arguments, that the saints shall have a kingdom here on earth, which is yet to come, after the fourth monarchy is destroy'd by the sword of the saints, the followers of the lamb. Preached by Mr. Tho. Goodwin, on Rev. 5. 9, 10...* Printed at London: for Livewel Chapman, at the Crown in Popes-head-Alley, 1654.

¹⁰⁷ “Published for the Truths sake”. Tradução livre. *Idem*, s.n.p.

pregado ou publicado visando alguma promoção individual. Era importante que o impresso fosse percebido como uma obra desinteressada, produzida modestamente para propagar as palavras e as promessas divinas¹⁰⁸.

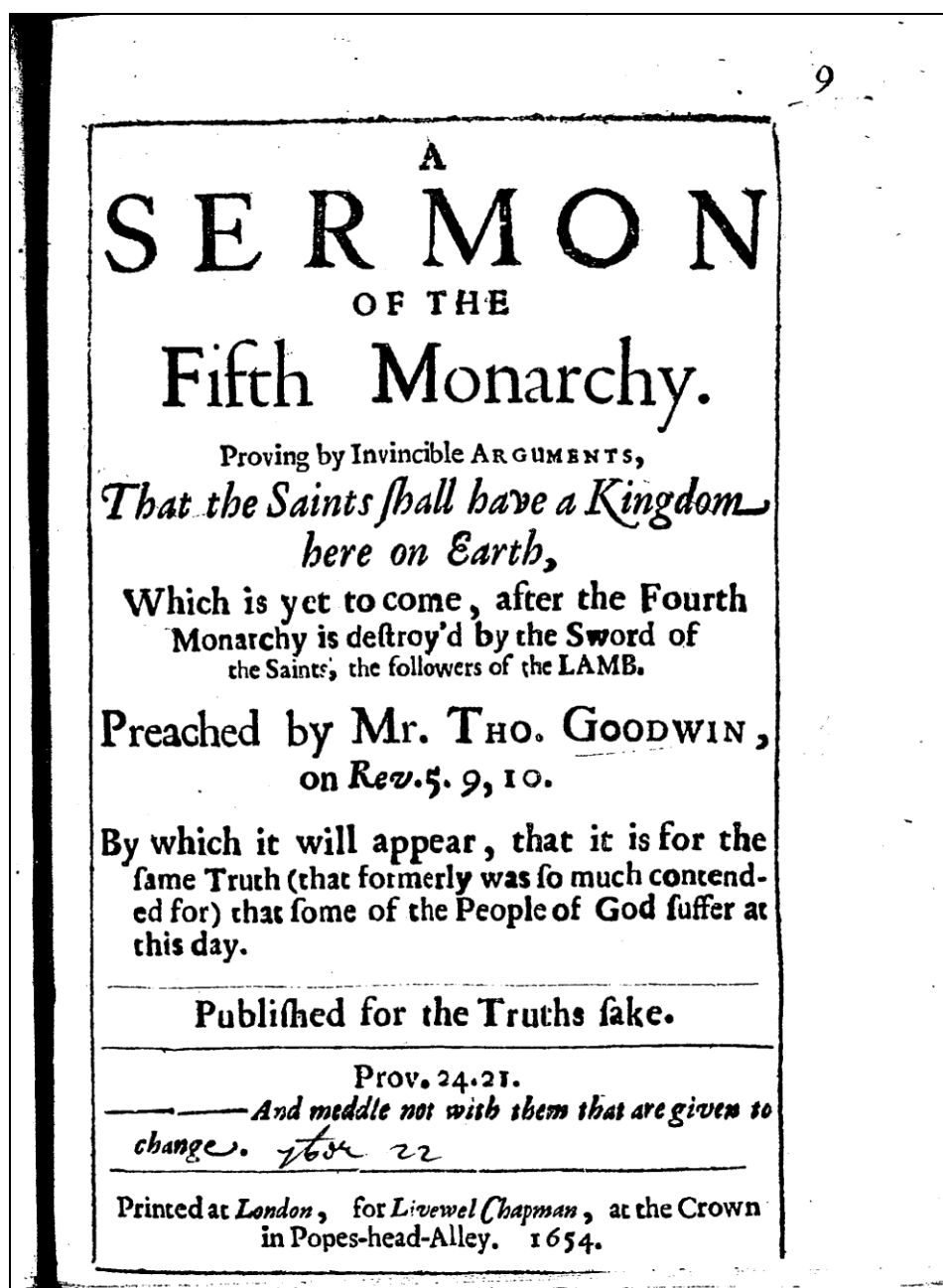


Figura 10: Frontispício de *A Sermon of the Fifth Monarchy* (1654)¹⁰⁹.

¹⁰⁸ Cf. MCDOWELL, Nicholas. *Op. cit.*

¹⁰⁹ GOODWIN, Thomas. *Op. cit.*

A justificativa da busca pela verdade e da defesa dos prognósticos escatológicos foram acentuadas no prefácio do sermão. Intercedendo pela posição daqueles que esperavam pelo Milênio, Goodwin argumentava que, naquela época, ouviam-se blasfêmias e mentiras contra os chamados Homens da Quinta Monarquia e que, por isso, o autor pretendia comunicar aos seus leitores a verdade sobre as profecias e os “santos”, que defendiam a causa de Cristo¹¹⁰. Ao contrário do que Cromwell dissera em seu discurso, Goodwin atestava a autoridade dos pentamonarquistas em falar sobre a Providência. O autor assegurava que

(...) embora os Santos não saibam o que Cristo fará em seguida, eles são guiados (como se fosse) por um espírito de Profecia, para buscar estas mesmas coisas que ele está prestes a fazer. *Então quão cautelosos nós devemos ser, AO CENSURAR aqueles dentre as pessoas de Deus que vão além de nós em suas orações e desejos, a menos que nós provemos Opositores do Espírito de Deus neles!*¹¹¹

Nessa perspectiva, os “santos” eram inspirados por Deus para compreender Seus desígnios. Calá-los ou desacreditá-los, por conseguinte, seria tal como silenciar ou duvidar das palavras divinas. Assim, o autor se opunha a Cromwell e a todos aqueles que tentavam colocar em descrédito os anseios e as profecias milenaristas dos “santos”, ou abafar suas reflexões. Goodwin legitimava as exegeses e os prognósticos dos milenaristas, atestando-os como produtos do espírito e, portanto, verdadeiros.

Outra defesa das crenças pentamonarquistas foi arquitetada por John Spittlehouse e Livewell Chapman nos dois meses que se seguiram ao pronunciamento do Protetor. Entre setembro e outubro, o livreiro publicou dois panfletos extremamente críticos ao governo e a Cromwell. No primeiro deles, *Certaine queries propounded to the most serious considerations of those Persons now in Power*, Spittlehouse acusou Cromwell de alta traição, por concentrar o poder em suas mãos ao instaurar o regime do Protetorado. Para o autor, Oliver Cromwell deveria ser considerado culpado “(...) de Alta Traição contra o Bem-comum, por escravizá-lo [o povo] ao governo de uma única pessoa (...)” porque contrariava o ato parlamentar de 1649 que determinava “(...) *Que será Alta Traição estabelecer Carlos Stuart ou QUALQUER OUTRA PESSOA como Principal Magistrado na Inglaterra, ou Irlanda, ou*

¹¹⁰ GOODWIN, Thomas. *Op. cit.*

¹¹¹ “(...) though the Saints know not what Christ will do next, yet they are guided (as it were) by a spirit of Prophecie, to seek for those very things which he is about to do. *Then how cautious ought we to be, of CENSURING those of Gods people who go beyond us in their prayers and desires, lest we prove Opposers of the Spirit of God in them!*”. *Idem*, “To the Reader”, s.n.p.

*qualquer dos Domínios então pertencentes (...)*¹¹². Com essas afirmações, Spittlehouse e Chapman denunciavam o governo cromwelliano como um regime ilegal, que feria os princípios da *commonwealth* britânica e instalava uma nova tirania, tal como ocorrera no reinado de Carlos I. Sem reconhecer a legitimidade do Protetorado, Spittlehouse sugeria uma revolta a fim de depor Oliver Cromwell.

O segundo desses textos, *An answer to one part of the Lord Protector's speech*, focava-se em apresentar uma resposta à fala do Protetor na abertura do Parlamento em setembro de 1654. Em seu discurso, Cromwell acusara os pentamonarquistas, que “(...) fingindo mais espiritualidade do que qualquer um (...)”¹¹³, enganavam as pessoas com suas opiniões perniciosas acerca da Quinta e Última Monarquia. Para Cromwell, eles queriam ser os únicos a determinar as leis, os governos, as liberdades e as propriedades e, por isso, tentavam persuadir o povo com suas propostas mal intencionadas, que banalizavam algo tão sagrado quanto o Milênio.

Citando trechos do próprio discurso, Spittlehouse reprovava todas as colocações do governante sobre o grupo e as noções profético-políticas dos Homens da Quinta Monarquia. O autor, assim, assegurava que os pentamonarquistas “(...) *não são assim como foram apresentados com os erros citados, que são* então os mencionados por ele [Cromwell] em seu Discurso”. Ao contrário das acusações de que o movimento havia sido responsável pela corrupção da consciência de muitos súditos, Spittlehouse dizia que o grupo era composto por “*Pessoas honestas. (...) sinceras. (...) Tal como as pertencentes a Deus*”. Por assim serem, o autor justificava que os pentamonarquistas não mentiam quando condenavam o Protetorado e seu governante, na verdade, Spittlehouse apontava que os Homens da Quinta Monarquia assertivamente “(...) *reprovam-no* [Cromwell], ou qualquer outro que caminhe contrariamente a este assunto [a Quinta Monarquia]”¹¹⁴.

Além da agressividade das palavras de Spittlehouse no panfleto, as frequentes ênfases aplicadas ao texto, como itálicos e caixas altas, potencializavam a severidade de suas críticas

¹¹² “(...) of *High Treason* against the Common-wealth, by inslaving it [the people] to the Government of one single person (...)”; “(...) *That is shall be High Treason to set up Charls Stuart, or ANY OTHER PERSON Chiefe Magistrate in England, or Ireland, or any of the Dominions thereunto belonging (...)*”. Tradução livre. SPITTLEHOUSE, John. *Certaine queries propounded to the most serious consideration of those persons novv in povver...* London: printed for Livewell Chapman in Popes-head Alley, 1654. p.4.

¹¹³ “(...) pretending to more spirituality then any other (...)”. Tradução livre. CROMWELL, Oliver. *Op. cit.*, 1654. p.5.

¹¹⁴ “(...) *are not such as have been caught with the former mistakes, viz. therefore mentioned by him in his Speech*”; “*Honest people. (...) sincere. (...) Such as belong unto God*”; “(...) *reprove him, or any other that walk contrary hereunto (...)*”. Tradução livre, SPITTLEHOUSE, John. *An answer to one part of the Lord Protector's speech...*, 1654. p.3.

ao Protetorado e ao Lorde Protetor, ou a força de sua defesa aos pentamonarquistas (ver figura 11). É bastante provável que esses destaques tenham sido empregados nas obras por Chapman e/ou seus parceiros editoriais que trabalhavam na revisão, composição e impressão do título. Como observado por Roger Chartier, as “decisões referentes a aspectos materiais do texto eram (...) claramente atribuídas aos múltiplos agentes envolvidos no processo de publicação”¹¹⁵. A pontuação, os itálicos, os negritos, os sublinhados, os versaletes, as caixas altas e os demais sinais gráficos colocados ao longo dos textos impressos, nesse sentido, referiam-se mais aos produtores materiais do livro ou do panfleto, do que à escrita do próprio autor. Esses recursos tipográficos tinham várias funções, como demarcar pausas, ênfases e entonações na leitura em voz alta ou silenciosa. Ao mesmo tempo, eles podiam ser usados a fim de contribuir para o a compreensão do texto, destacando palavras e ideias que orientariam o leitor a entender o sentido que o autor e os agentes do livro desejavam imprimir em seu público¹¹⁶. As ênfases colocadas ao longo de *An answer to one part of the Lord Protector's speech* por seus produtores materiais, neste sentido, guiavam a leitura do público para contestar as críticas que Cromwell fizera aos pentamonarquistas. Ao mesmo tempo, o recurso servia para dar mais força aos argumentos de John Spittlehouse contra os abusos do Lorde Protetor.

¹¹⁵ CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Unesp, 2014. p.163.

¹¹⁶ *Idem*.

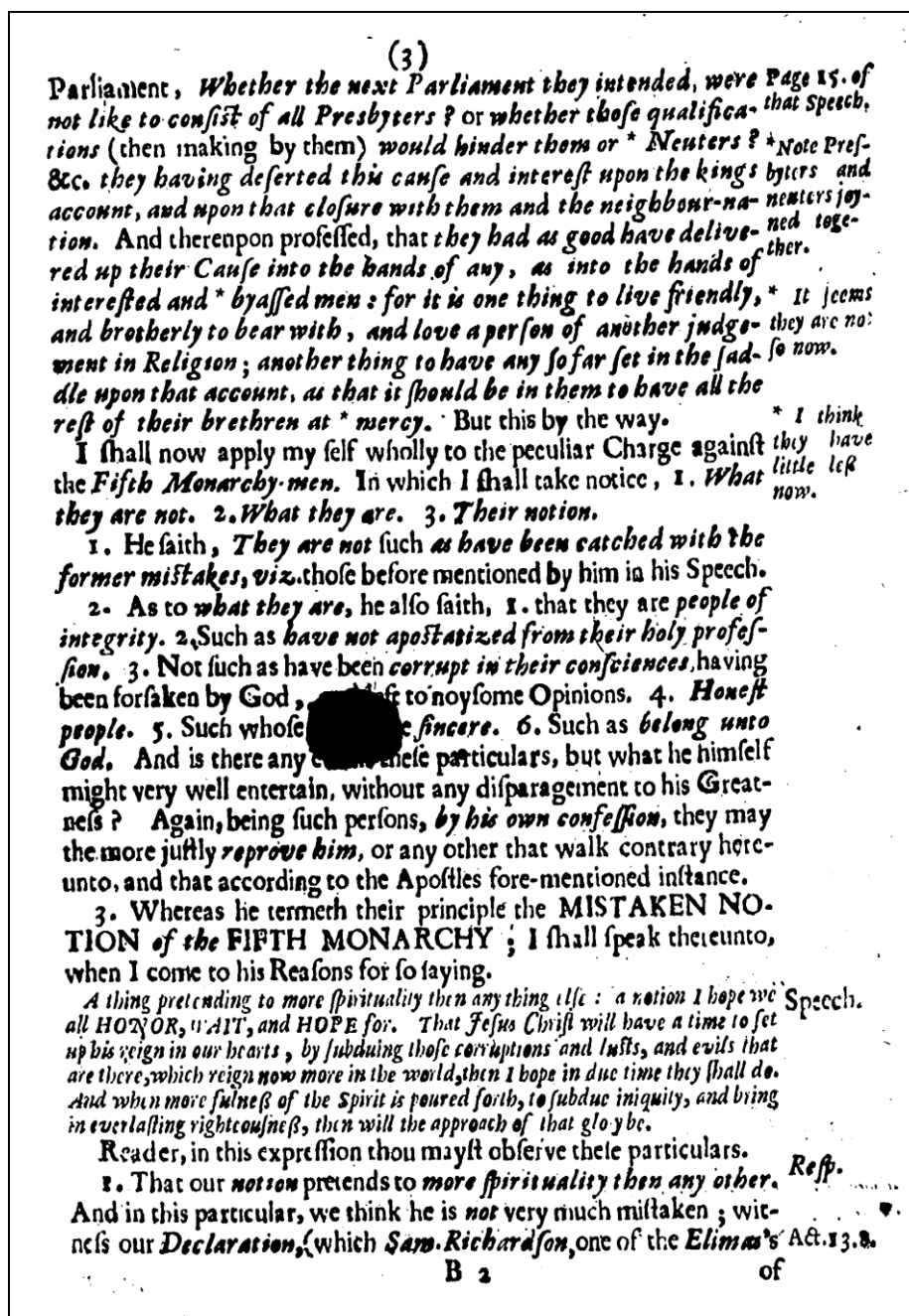


Figura 11: Trecho de *An answer to one part of the Lord Protector's speech* (1654)¹¹⁷.

Textualmente e materialmente, ambos os panfletos eram ataques exaltados contra a postura de Oliver Cromwell no governo. Não foi à toa que as obras foram consideradas ameaçadoras, levando as autoridades a agirem contra os dois pentamonarquistas. Em 19 de outubro, apenas poucos dias depois da publicação de *An answer to one part of the Lord*

Protector's speech, o autor e o editor foram acusados de sedição e presos em Lambeth¹¹⁸, onde outros opositores ao regime estavam encarcerados, como o pentamonarquista John Rogers. De fato, Rogers, Chapman e Spittlehouse dividiram uma cela por duas semanas¹¹⁹. Livewell Chapman foi solto em 2 de novembro, após ter se comprometido “(...) a se apresentar ao Sargento quando ele for requerido”¹²⁰.

A prisão, todavia, não o desestimulou a desempenhar atividades ilegais e sediciosas no mercado livreiro. Ao continuar publicando textos profético-políticos que atentavam contra o governo, apesar dos riscos a que se sujeitava para fazê-lo, Chapman parecia interessado em disseminar essas obras. Como insinuado por Robert Darnton, os livreiros costumam estar “(...) perfeitamente conscientes do perigo que correm ao comercializar obras proibidas, mas isso de modo algum os impede de lidar com os especialistas da literatura clandestina quando seu interesse exige. Trata-se então de desmanchar o risco usando códigos e estratégias desenvolvidos no submundo das livrarias”¹²¹. Uma das táticas, por exemplo, podia ser a publicação anônima ou a organização de um espaço separado para a venda de títulos dissidentes. Livros ilícitos não ficariam expostos onde agentes censores poderiam encontrá-los, por isso, por vezes, os vendedores de impressos guardavam os exemplares de literatura sediciosa no andar de cima ou em outra área da livraria para evitar possíveis punições. A própria existência de um cômodo privado dentro da casa livreira podia ser encarada pelas autoridades como uma evidência de que atividades clandestinas lá ocorriam¹²².

Não há fontes que nos permitam conjecturar sobre a presença de um local específico dentro da Crown, destinado à venda de literatura clandestina, mas é provável que nem todos os títulos comercializados por um livreiro dissidente como Chapman estivessem à vista de qualquer pessoa que entrasse em sua loja.

Quanto ao anonimato, não era incomum que ele publicasse títulos sem indicar o autor, especialmente em 1659; no entanto, a imensa maioria dos *imprints* dessas obras ainda trazia seu nome como *publisher* e vendedor. Conseguimos reconstituir apenas poucos casos nos quais o frontispício não direcionasse o livro ou panfleto a Chapman, sobre os quais trataremos no próximo capítulo. É possível que o livreiro da Crown tenha emitido um número razoável

¹¹⁸ PRO SP 25/75/585.

¹¹⁹ “Oct. 20, 1654 (Carta de John Rogers a E. Dendy)”. In: ROGERS, Edward (ed.). *Some account of the life and opinions of a Fifth Monarchy-Man*. Chiefly extracted from the writings of John Rogers, Preacher. London: Longmans, Green, Reader and Dyer, 1867. p.150-151. CAPP, Bernard. *Fifth Monarchy Men*, 2008. p.106.

¹²⁰ “(...) to render himself to the Serjeant when he shall be required”. Tradução livre. PRO SP 25/75/591.

¹²¹ DARNTON, Robert. *Op. cit.*, 1992. p.17.

¹²² GRIFFIN, Robert J. (ed.) *Op. cit.*, 2003. p.7-8. JOHNS, Adrian. *Op. cit.*, 1998. p.121-122.

de textos com *imprints* anônimos, mas as fontes que sobreviveram até os dias de hoje não nos fornecessem informações o suficiente para estimar a real ocorrência desses casos.

Embora essas táticas fossem empregadas para enganar os censores, muitas vezes, os impressores, encadernadores e livreiros sediciosos eram rastreados, pois suas atividades deixavam registros materiais de suas operações. Mas, independentemente dos riscos, livreiros como Chapman continuaram envolvidos com textos oposicionistas durante todo o Protetorado. As motivações para isso eram variadas, podendo incluir questões como: lucro e sucesso editorial, visto que títulos proibidos comumente eram solicitados por leitores interessados em conhecer as novas polêmicas; comprometimento político e/ou religioso, que impulsionava a produção e a difusão de obras que defendiam ou criticavam determinadas posições; e preferências particulares dos agentes do livro.

A oposição a Cromwell manteve-se intensa entre os títulos vendidos pela Crown. Pouco depois de ter saído da cadeia, Chapman lançou um novo livro de William Aspinwall, que também fazia uma apreciação negativa acerca do Protetorado. Em *A premonition of sundry sad calamities yet to come*, o autor apoiava-se no Livro de Isaías para retratar as desgraças que acometeriam a Terra antes do advento do Milênio. Destacando três termos recorrentes nessa profecia – *Fear* (Medo), *Pit* (Poço) e *Snare* (Armadilha) –, Aspinwall analisou-os como momentos vividos pela Inglaterra no século XVII¹²³. Dessa maneira, o primeiro desses períodos, o *Fear*, era descrito como uma época de terror e opressão, que correspondia à monarquia de Carlos Stuart e à toda sua opressão, que culminou na eclosão das Guerras Civis. O *Pit* era um governo inferior, que se esgueirou a partir da tirania anterior, mas que não se manteve por muito tempo. Este era, então, o breve espaço de tempo em que vigorou o *Barebones' Parliament*. Por fim, o *Snare* era um governo que havia emergido das conspirações e enganado o povo, parecendo inofensivo e mantendo-se escondido até que já tivesse capturado a sua presa, isto é, a Inglaterra. O *Snare* figurava como metáfora para o Protetorado de Oliver Cromwell. Nessa perspectiva, o Protetor era descrito como um soberano que surgira para os milenaristas como uma esperança de efetivação das reformas necessárias para o governo de Cristo, mas que, mais tarde, retrocedeu e não as concretizou¹²⁴.

Cromwell, neste momento, era recorrentemente caracterizado pelos pentamonarquistas como um traidor, um apóstata, um homem demoníaco. Christopher Feake e John Simpson, por exemplo, fizeram condenações incisivas contra o Lorde Protetor, proferidas no púlpito de

¹²³ ASPINWALL, William. *A premonition of sundry sad calamities yet to come*, 1654. p.24-25.

¹²⁴ ROBBINS, Stephen Lee. *Op. cit.*, p.248-252.

Allhallows the Great, e, por isso, foram presos no Castelo de Windsor em janeiro de 1654. De dentro da cadeia, ambos continuaram a liderar o movimento dos pentamonaquistas, especialmente por conta de suas conexões com as congregações de Swan Alley e Warwick Lane, que junto com Allhallows eram uns dos principais centros de encontro de religiosos radicais na década de 1650. Ainda na prisão, Christopher Feake escreveu dois panfletos: *The new non-conformist*, em maio de 1654¹²⁵ e *The oppressed close prisoner in Windsor-Castle*, em dezembro de 1654¹²⁶, ambos publicados por Livewell Chapman. No primeiro, Feake enunciava em seu prefácio que era um novo não-conformista, isto é, era alguém que ainda persistia na volta de Cristo, opondo-se às tiranias terrenas¹²⁷. A obra era composta de 14 cartas escritas por Feake entre 1653 e 1654, nas quais ele afirmava a necessidade de acabar com a apostasia daquele tempo, o que envolvia o governo coetâneo. No segundo panfleto, o pentamonaquista dizia que Cromwell era o líder “(...) *de facto*, agindo e exercendo tal superioridade sobre as pessoas; mas *de direito*, isto é outra Questão (...)”¹²⁸. Sem reconhecer a autoridade do Lorde Protetor, Christopher Feake permaneceu na cadeia por alguns anos, retomando sua liberdade apenas em dezembro de 1656¹²⁹.

As críticas de Feake, assim como de outros pentamonaquistas e milenaristas foram, ainda, publicizadas por Livewell Chapman. Em dezembro 1654, ele publicou o tratado profético *Knowledge of the times* de John Tillinghast, que examinava as Escrituras, buscando precisar quando o mundo findaria. Ao fim do livro, Chapman anexou uma lista dos seus principais textos publicados recentemente (ver figura 12), com breves explicações sobre as obras. Nas três páginas de propaganda, nove títulos eram anunciados: *The Voyce of the Spirit* de Samuel Petto; *The New Non-conformist* de Christopher Feake; o panfleto anônimo *A Declaration of several of the Churches, and godly People*; *A Sermon of the Fifth Monarchy*

¹²⁵ FEAKE, Christopher. *The new non-conformist; who having obtained help of God, doth persist unto this very day; witnessing, both to small and great, some of those glorious things which the Apostles, the prophets, & Moses, did say should come to pass*...Printed at London: for Livewel Chapman, at the Crown in Popes-head-Alley, 1654.

¹²⁶ FEAKE, Christopher. *The oppressed close prisoner in Windsor-Castle, his defiance to the father of lyes, in the strength of the God of truth*... London: printed for L. Chapman, at the Crown in Popes-head-alley, 1654.

¹²⁷ FEAKE, Christopher. *The new non-conformist*..., 1654. “The Preface”.

¹²⁸ “(...) *de facto*, acting and exercising such a superiority over the people; but *quo jure*, that is another Question (...)”. Tradução livre. FEAKE, Christopher. *The oppressed close prisoner in Windsor-Castle*... 1654. p.60.

¹²⁹ BALL, Bryan W. *Op. cit.*

de Thomas Goodwin; *An Image of our Reformed Times* de Edward Lane; e os três volumes do tratado *Generation Work* de Tillinghast¹³⁰.

Esse tipo de propaganda no interior do livros não era incomum no século XVII¹³¹. Anúncios como esses eram empregados para impulsionar a venda de títulos correlatos, isto é, o público que lesse o trabalho de Tillinghast, possivelmente se interessaria pelos outros livros e panfletos anunciados, visto que todas as obras apresentadas ao final de *Knowledge of the times* eram profético-políticas. Os títulos em questão usavam as Escrituras para explicar seu tempo, encontrando nas palavras de Deus provas de que Oliver Cromwell era um dos obstáculos a ser ultrapassado para a efetivação da esperada Quinta e Última Monarquia. O fato de esses títulos terem sido unidos em um único anúncio sugere a proximidade dos conteúdos e dos gêneros. Ao serem divulgados no final de outro texto profético, esses impressos ganhavam maior destaque. O anúncio em *Knowledge of the times* garantia a Livewell Chapman que ele atingisse o público que consumia suas obras político-religiosas, escritas, sobretudo, por sectários milenaristas como os pentamonarquistas. Ao verem a propaganda, os leitores interessados nessas discussões, saberiam onde encontrar novos títulos que remetessem aos debates profético-políticos daquele momento: na livraria de Livewell Chapman, ou seja, na Crown em Pope's Head Alley.

¹³⁰ TILLINGHAST, John. *Knovledge of the times, or, The resolution of the question, how long it shall be unto the end of wonders. By John Tillinghast, a servant of Jesus Christ*. Printed at London by R.I. for L. Chapman, and are to be sold at the sign of the Crown in Popes-head Alley, 1654. s.n.p.

¹³¹ HARRIS, Michael. "Timely Notices: the use of advertising and its relationship to News during the late seventeenth century". In: RAYMOND, Joad (ed.). *News, Newspapers, and Society in Early Modern Britain*. London: Frank Cass Company Ltd., 1999. p.142. HARRIS, Michael. "Printed Avertisements: some variations in their use around 1700". In: MYERS, Robin; HARRIS, Michael; MANDELBRONTE, Giles (eds.). *Books for Sale: the advertising and promotion of print since the fifteenth century*. New Castle: Oak Knollys Press, 2009.

<p style="text-align: center;">The Table.</p> <p style="text-align: center;">Added by way of Appendix,</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. <i>A general Rule for the right understanding of Prophecies, together with a more full opening the great Myserie of Daniels Little Horn,</i> P. 311. to p. 320 2. <i>A particular Clause in our Discourse about the times opened, from</i> P. 328. to 331 3. <i>Some Conclusions teaching Christs Kingdom, &c.</i> <p style="text-align: center;">FINIS.</p>	<p style="text-align: center;">Books lately Printed, and sold by Livewell Chapman.</p> <p>THe Voyce of the Spirit, or a Discovery of the Witnessing work of the Spirit, by <i>Sam. Pitts</i> Minister of the Gospel.</p> <p>The New Non-conformist, witnessing both to small and great, some of those glorious things which the Apostles, the Prophets, and <i>Moses</i> did say should come to passe. Written by Mr. <i>Christopher Feak</i> Minister of the Gospel, and now a Prisoner for the Truth.</p> <p>A Declaration of several of the Churches, and godly People in and about the City of <i>London</i>, concerning the Kingly interest of Christ, and the present sufferings of his Cause, and Saints, in <i>England</i>.</p> <p>A Sermon of the Fifth Monarchy, proving, that the Saints shall have a Kingdom here on Earth, which is yet to come, after the Fourth Monarchy is destroyed by the Sword of the Saints, the followers of the Lamb. Preached by Master <i>Theo. Goodwin</i>, some years since, at Crooked Lane <i>London</i>.</p> <p style="text-align: right;">A a 3 .An</p>
<p>An Image of our Reformed Times, or <i>Jehu</i> in his proper Colours; displayed in some Exhortations on the second of <i>Kings</i>, the ninth and tenth Chapters, setting forth, The opportunity was given him to do his work in, The Cause he had committed to him to manage. Also his Policy, Zeal, Profession, Hypocrisie; with his Sins, and their aggravations; reason for all this. Concluding with a word, to <i>Jehu</i>, <i>Jehonadab</i>, his Counsellor, and the persecuted and despised people of God. By Col. <i>Edward Lane</i> of <i>Hampshire</i>.</p> <p>This Author hath three other Books, being called, <i>Generation-Work</i>, in Three Parts.</p> <p>In the First Part is shewed what <i>Generation Work</i> is, and how it differs from other works of a Christian.</p> <p>Secondly, That Saints in their several Generations have had their proper and peculiar works of their Generations.</p> <p>Thirdly, That it is of great concernment for a Saint to attend to the work of his Generation.</p> <p>Fourthly, What the present work is.</p> <p>Fifthly, How each one may finde out the part of it that is properly his work.</p> <p>Sixthly, How the Work may be so carried on, as God may be served.</p> <p>The Second Part is, An Exposition of the seven Vials, and other Apocalyptical Mysteries.</p> <p style="text-align: right;">The</p>	<p>The Third Part is, An Exposition of the Prophecies of the two Witnesses, from the eleventh, twelfth, and fourteenth Chapters of the <i>Revelations</i>.</p> <p>To which is added, A Key to unlock the Mytical Numbers in <i>Daniel</i>, and the <i>Revelation</i>.</p>

Figura 12: Anúncio de títulos produzidos por Livewell Chapman (1654)¹³².

Provavelmente, foi por essa razão que sua propaganda foi veiculada justamente em uma obra de Tillinghast, um autor cujos trabalhos aparentemente circulavam bastante pela Inglaterra. Durante os 15 anos em que esteve à frente da Crown, Chapman publicou 15 textos de Tillinghast, dos quais sete eram primeiras edições e oito eram reimpressões. Todos os seus sermões e seus tratados profético-políticos tiveram reedições, o que nos permite afirmar que seus livros foram comprados e lidos por um bom número de pessoas. Se a ideia de Chapman era que os nove textos propagandeados fossem amplamente difundidos, anunciá-los em uma obra potencialmente bem-sucedida era uma estratégia importante para atingir seu público.

Ao longo de 1655, o livreiro continuou publicando títulos tais como os anunciados em *Knowledge of the times*. Suas atividades levaram-no mais uma vez a problemas com as autoridades. O livreiro foi encarcerado em 3 de janeiro de 1655 por seu aparente envolvimento com a leitura de uma petição anti-cromwelliana, chamada *A word for God*¹³³. Vários sectários estavam envolvidos com o texto, inclusive muitos dos milenaristas de Allhallows the Great, como Vavasor Powell e William Greenhill. Com 322 assinaturas, o panfleto acusava Cromwell de ter traído a “good old cause” – que, neste texto¹³⁴, era identificada com o avanço do estabelecimento do Reino de Cristo na Terra –, e iniciado uma tirania¹³⁵.

Na ocasião da prisão do livreiro, o coronel John Barkstead, tenente na Torre de Londres, enviou uma nota ao secretário do Protetorado John Thurloe, explicando que o “(...) sr. Chapman não somente tem conhecimento do livro, mas foi confiado com a impressão dele, e é o dono ou pelo menos um sócio na imprensa privada (...)”¹³⁶. Embora tenha sido acusado e aprisionado, nada pôde ser provado contra ele, e Barkstead não pôde mantê-lo sob custódia por muitos dias. Logo o livreiro foi liberado, retornando às suas atividades no mercado de impressos¹³⁷.

¹³³ *A word for God. Or A testimony on truths behalf; from several churches, and diverse hundreds of Christians in Wales (and some few adjacent) against wickednesse in high-places. With a letter to the Lord Generall Cromwell. Both, first presented to his own hands, and now published for further information.* [London : s.n., 1655].

¹³⁴ Sobre outras variações do significado do uso da expressão “good old cause” na Inglaterra, ver SANTOS JUNIOR, Jaime Fernando dos. *John Rogers e a disputa pela Commonwealth: debates e polêmicas com William Prynne, Richard Baxter e James Harrington, durante a segunda república inglesa*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, 2014, especialmente o Cap.3: “A Disputa Social pelos Termos: pela good old cause e pela commonwealth”.

¹³⁵ CAPP, Bernard. *Fifth Monarchy Men*, 2008. p.110.

¹³⁶ “(...) mr. Chapman had not only knowledge of the booke, but was trusted with the printing of it, and is the owner or at least a sharer in the private presse (...)”. Tradução livre. BIRCH, Thomas (ed.). *Thurloe, State Papers*. London: Fletcher Gyles, 1742. p.379.

¹³⁷ *Idem*.

Apesar de Chapman ter se esquivado das acusações, ele enfrentou novos constrangimentos com mais reforços no sistema de controle da imprensa. Pretendendo conter os impressos radicais, que continuamente atacavam seu governo, o Lorde Protetor estabeleceu um dos seus maiores projetos de censura “(...) entre Agosto e Outubro de 1655, quando Cromwell ordenou que uma legislação anterior sobre a imprensa (...) fosse colocada em execução, e que o Conselho do Estado aprovasse novas ordens regulando a imprensa, que restringiram severamente a publicação de notícias”¹³⁸. O governante retomou as medidas de 1649 e 1653 sobre a regulamentação da produção e da disseminação de textos impressos, reforçando a necessidade dos licenciamentos prévios, e fixando penas contra autores, livreiros, impressores e encadernadores que se relacionassem com a literatura clandestina. Ele também autorizou a busca e apreensão desses personagens e de seus materiais, quando houvesse suspeita de seu envolvimento com atividades proibidas¹³⁹. Em setembro, o Secretário do Estado, John Thurloe, foi nomeado como um dos responsáveis pelo controle e fiscalização da imprensa. A partir desse momento, nenhum texto ou notícia podia ser publicado sem sua permissão. Assim, os panfletos oposicionistas, como os de Chapman, tiveram que circular clandestinamente¹⁴⁰.

A perseguição aos milenaristas contrários ao Protetorado desencadeou mais ataques ao posicionamento de Oliver Cromwell. Em abril, uma reedição de *A premonition of sundry sad calamities yet to come* de Aspinwall foi publicada por Chapman, com um novo título, dessa vez mais agressivo. Se o primeiro significava “uma premonição das diversas e tristes calamidades que ainda estão por vir”, enfatizando os desastres que acometeriam a Terra antes do triunfo de Cristo; a reimpressão levava o nome de *Thunder from heaven against the back-sliders and apostates of the times*, isto é, “trovão do céu contra os desviados e apóstatas dos tempos”, trazendo uma ideia de que, mais do que calamidades sucederiam, tratava-se de um castigo aos enganadores que viviam naquela época (ver figura 13)¹⁴¹.

¹³⁸ “(...) between August and October 1655, when Cromwell ordered that earlier printing legislation (...) be put in execution, and the Council of State approved new orders regulating printing, which severely restricted the publication of news”. Tradução livre. RAYMOND, Joad. *Op. cit.*, 2004. p.250.

¹³⁹ CROMWELL, Oliver. *Parliament. Orders of His Highnes The Lord Protector, Made and published by and with the Advice and Consent of His Council, for Putting in Speedy and Due Execution of Laws, Statutes, and Ordinances, made and provided against Printing Unlicensed and Scandalous Books and Pamphlets, and for the further Regulating of Printing*. London: printed by Henry Hills and John Field, printers to His Highness, MDCLV. [1655]

¹⁴⁰ HILL, Christopher. *O eleito de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.133-134.

¹⁴¹ ASPINWALL, William. *Thunder from heaven against the back-sliders and apostates of the times*, 1655.

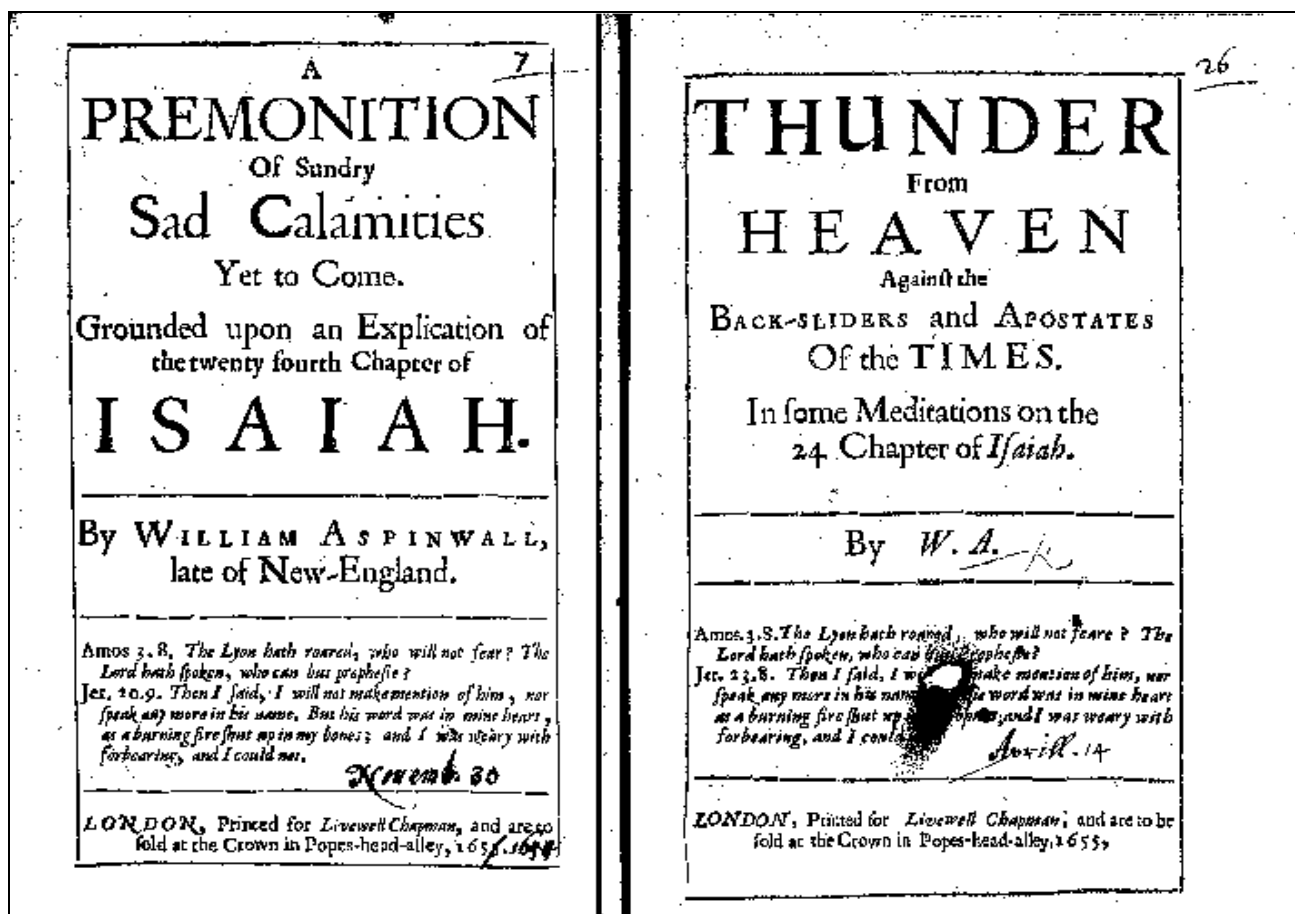


Figura 13: Frontispícios de *A premonition of the sundry sad calamities yet to come* (1654) e *Thunder from Heaven against the back-sliders and apostates of the times* (1655)¹⁴².

Observando os dois frontispícios da figura 13, notamos algumas mudanças. Na primeira edição, há maior destaque em três das palavras do título: “premonition”, “sad” e “calamities”. Ao mesmo tempo, “Isaiah” aparece em caixa alta e em uma fonte ainda maior do que a empregada no título, ressaltando o livro bíblico no qual o autor se inspirou para escrever seu panfleto. Aliás, o nome de Aspinwall também foi composto com certo destaque na página. Grafada em versalete, a frase “By William Aspinwall” é acompanhada também de uma breve explicação sobre o pentamonaquista, que remetia ao período em que esteve na colônia inglesa. Na reimpressão, as palavras de maior destaque no título são “thunder”, “heaven” e “times”, seguidas de “black-sliders” e “apostates”, que ainda que em fonte menor, também aparecem em versalete. O subtítulo que explica o apoio nas profecias de Isaías aparece com menor relevo. Mais do que isso, os subtítulos têm conotações diferentes. Em *A premonition of*

¹⁴² ASPINWALL, William. *A premonition of sundry sad calamities yet to come*...1654. ASPINWALL, William. *Thunder from heaven against the back-sliders and apostates of the times*... 1655.

sundry sad calamities yet to come, lê-se “Grounded upon an Explication of the twenty fourth chapter of ISALIAH” [Fundamentado em uma Explicação do vigésimo quarto capítulo de ISAIAS], enquanto em *Thunder from heaven against the back-sliders and apostates of the times* encontramos “In some Meditations of the 24 Chapter of *Isaiah*” [Em algumas Meditações sobre o Capítulo 24 de *Isaias*]. De fundamentação, o Livro de Isaias passou à categoria de meditação, para explicar os eventos que ocorreriam em breve. O nome do autor também perdeu o destaque, uma vez que agora apenas as suas iniciais apareciam no frontispício.

No conteúdo da obra não há qualquer mudança, nem foram adicionados novos prefácios ou posfácios, o que nos leva a crer que o novo título não foi escolhido pelo próprio autor. É provável que a opção tenha sido feita por Chapman, o editor do texto. Ao propor um título diferente, com uma estrutura e ordenação do frontispício que destacava elementos diversos daqueles em relevo na primeira edição, a nova página atualizava a obra. O frontispício da primeira versão sugeria aos leitores que o texto era uma exegese do 24º capítulo de Isaias, que comentaria os males que a humanidade enfrentaria antes da Segunda Vinda. Já o texto do ano seguinte enfatizava o castigo dos apóstatas, de acordo com o que era descrito no Livro de Isaias, e aplicava as profecias ao momento vivido. Para os leitores que estivessem à par dos debates profético-políticos a respeito do Protetorado e das críticas dos pentamonarquistas a Oliver Cromwell, o título insinuava ainda mais: não era uma punição contra quaisquer traidores da causa de Deus, mas aos daquela época, isto é, às autoridades do regime cromwelliano.

Orientando a percepção do público, o frontispício da segunda edição buscava fazer com que o leitor percebesse nas explicações de Aspinwall as questões de seu próprio tempo. Seu texto, neste sentido, não se referia exclusivamente ao exame das profecias de Isaias, mas à sua aplicação à sua época, como uma maneira de compreendê-lo e de entender o que Deus preparava para o povo inglês. E mesmo que o título não fosse, previamente, um ataque a Cromwell, a revisão feita por Chapman reinseria-o no debate, tornando-o agora um texto potencialmente sedicioso, que fornecia argumentos contra os traidores da causa de Deus e da Quinta Monarquia.

Ainda em abril de 1655, o livreiro lançou outra obra de Aspinwall, *The work of the age*, tratado no qual o autor descrevia e explicava as previsões dos sonhos de Nabucodonosor, indicando que a espera pela concretização desses desígnios não era passiva, mas que os

“santos” podiam auxiliar no advento da Segunda Vinda¹⁴³. Aspinwall era um pentamonarquista moderado e, por essa razão, suas sugestões de ação não incluíam sublevações, mas abarcavam reformas políticas, sociais, administrativas e jurídicas, visando um governo propício à chegada de Cristo¹⁴⁴.

No mesmo mês, um panfleto do pentamonarquista Walter Postlethwaite também rejeitava o Protetorado e, temendo que Deus abandonasse a Inglaterra e fundasse Seu reino na América e nas Índias Orientais, alertava os fiéis, dizendo-lhes: “(...) não aceitem outro Legislador além de Jesus Cristo, nem na Igreja nem na Commonwealth”¹⁴⁵. Nenhum outro soberano era legítimo senão o filho de Deus, por esta razão, os pentamonarquistas deveriam continuar esperando Sua volta, sem se resignar perante os novos empecilhos que se instalavam, tais como o governo de Cromwell.

A ideia comentada por Postlethwaite, de que nenhum outro legislador deveria guiar a Inglaterra, foi reforçada em um tratado de William Aspinwall, publicado por Chapman em agosto de 1656¹⁴⁶. O livreiro editou *The legislative povver is Christ's peculiar prerogative*, no qual Aspinwall argumentava que a única autoridade civil e legislativa verdadeira era Cristo. Considerando a situação de crise política na Inglaterra, o tratado retomava as proposições que John Cotton fizera sobre a adequação das leis mosaicas ao aparato administrativo e legislativo do governo civil. Na década de 1630, o ministro e colono John Cotton havia sugerido que a administração da colônia de Massachusetts deveria ser organizada segundo as leis do Evangelho¹⁴⁷. Aspinwall, que já havia apoiado as ideias de Cotton, pautou-se nelas para propor uma reforma política, jurídica e administrativa na Inglaterra visando preparar a sociedade para a Segunda Vinda¹⁴⁸.

Em 1655, o pentamonarquista, inclusive, pedira a Chapman que publicasse a compilação de leis elaborada por Cotton. O título *An Abstract of Laws and Government* foi editado e prefaciado por Aspinwall. Na introdução ao trabalho, o pentamonarquista explicava porque as leis de Cristo eram superiores às humanas: “1. Elas são invariáveis, e comprometem

¹⁴³ ASPINWALL, William. *The work of the age*, 1655.

¹⁴⁴ Cf. ROBBINS, Stephen Lee. *Op. cit.*

¹⁴⁵ “(...) accept no Law-giver but Jesus Christ, neither in Church nor Commonwealth”. Tradução livre. POSTLETHWAIT, Walter. *A voice from heaven: or, A testimony against the remainders of Antichrist yet in England: and in particular, the court of tryers for approbation of ministers. Born by Gualter Postlethwait, pastor to a Church of Christ in Lewes in Sussex*. London: printed for Livewel Chapman, at the Crown in Popeshead-Alley, 1655. “The Epistle Dedicatory”, s.n.p.

¹⁴⁶ ASPINWALL, William. *The legislative povver is Christ's peculiar prerogative*, 1656.

¹⁴⁷ CALDER, Isabel M. *Op. cit.* BREMER, Francis. *Op. cit.*

¹⁴⁸ ASPINWALL, William. *The legislative povver is Christ's peculiar prerogative*, 1656.

todas as pessoas em todas as idades, e em todas as nações. / 2. Elas são indispensáveis por quaisquer poderes criados. / 3. Elas compelem não apenas o homem exterior à obediência, mas também o espírito e a consciência”¹⁴⁹. Nenhuma lei humana seria capaz dessa universalidade.

Aspinwall se inspirou nesse trabalho de Cotton para compor seu tratado profético-político em 1656, sugerindo uma reestruturação da legislação inglesa, tendo em vista que as palavras de divinas eram mais assertivas do que as dos homens. Além disso, ele argumentava que Cristo era o único soberano de direito, pois Ele conseguira seu poder como um presente de Deus, enquanto os homens podiam ter seus governos fundados tanto pela mão do Senhor, como pela do Demônio. No primeiro caso, o dirigente seria chamado por Deus, eleito livremente pelo povo ou era um libertador de uma nação oprimida. Já no segundo, o governante obteria o controle por meio da força, da violência, da insinuação e da pretensão. Com essa definição, Aspinwall, no limite, afirmava que o Protetorado só poderia derivar do Anticristo, visto que não fora escolhido livremente pelos ingleses. Além de ter sido imposto ao povo, o regime cromwelliano calava e perseguia os “santos”, o que também caracterizava que seu soberano não estava em conformidade com os desígnios divinos¹⁵⁰.

O livro de Aspinwall conclamava uma reforma para acomodar a Inglaterra a uma situação propícia ao Retorno de Cristo, que poderia concretizar as profecias e acelerar o início do Milênio. Assim, ao publicar o tratado, Livewell Chapman fornecia às discussões do período um extenso estudo de reestruturação de todo o sistema administrativo, legislativo, jurídico e governamental pautado única e exclusivamente nas Escrituras.

O interesse do livreiro em uma transformação política e social na Inglaterra aproximou-o de outros projetos, como o dos republicanos. No mesmo ano da publicação do tratado profético-político de Aspinwall, Livewell Chapman também lançou uma obra importante para os debates coetâneos: *The common-wealth of Oceana*, de James Harrington¹⁵¹. Muito já foi

¹⁴⁹ “1. They are unvariable, and bind all persons in all ages, and in all nations. / 2. They are undispensable by any created powers. / 3. They bind not only the outward man to obedience, but also the spirit and conscience”. Tradução livre. ASPINWALL, William. “To the Reader”. In: COTTON, John. *An abstract of laws and government. Wherein as in a mirrour may be seen the wisdom & perfection of the government of Christs kingdome. Accomodable to any state or form of government in the world, that is not antichristian or tyrannicall. Collected and digested into the ensuing method, by that godly, grave, and judicious divine, Mr. John Cotton, of Boston in New-England, in his life-time, and presented to the generall court of the Massachusets. And now published after his death by, William Aspinall*. London: printed by M.S. for Livewel Chapman, and are to be sold at the Crown in Popes-head Alley, 1655. s.n.p.

¹⁵⁰ ASPINWALL, William. *The legislative povver is Christ’s peculiar prerogative*, 1656.

¹⁵¹ HARRINGTON, James. *The common-wealth of Oceana*. London: printed by J. Streater, for Livewell Chapman, and are to be sold at his shop at the Crown in Popes-Head-Alley, 1656.

dito sobre o impacto de *Oceana* no pensamento republicano inglês, sobre os debates análogos à obra e sobre as condições de sua publicação¹⁵², no entanto, pouco foi pensado a respeito da entrada desse texto no catálogo de publicações de Livewell Chapman. Para uma livraria que disseminava, quase que exclusivamente, literatura religiosa radical, panfletos milenaristas e sermões impressos que vociferavam contra os governos de Carlos Stuart e Oliver Cromwell, a produção de um tratado político como *Oceana* – que escapava às perspectivas estritamente teológicas e proféticas, e que explicava o colapso da monarquia quase totalmente por meio de argumentos econômicos e sociais¹⁵³ –, soava destoante do conjunto de títulos vendidos por Chapman até o momento.

O livro foi impresso por John Streater e vendido simultaneamente por Livewell Chapman e Daniel Pakeman, embora o registro do título tenha sido feito unicamente pelo livreiro da Crown em 19 de setembro de 1656¹⁵⁴. Ainda que ambas as edições fossem idênticas, a coincidência das duas publicações suscita algumas questões. Os três personagens envolvidos com a difusão do título eram bastante diferentes. O tipógrafo fizera parte do *New Model Army* na década de 1640, juntando-se às forças do Parlamento. Ainda que fosse um soldado, ele também atuou ativamente como editor e, a partir de 1653, começou a trabalhar como impressor. Nesse mesmo momento, ele se tornou um grande opositor do regime de Cromwell, publicando diversas obras republicanas que criticavam o governo e propunham o retorno à *commonwealth*. Sua perspectiva política era ainda mais evidente nos jornais que editou, como *Observations, Historical, Political and Philosophical* (1654), no qual frequentemente reprovou o Protetorado¹⁵⁵. Chapman estava constantemente envolvido com a

¹⁵² Por exemplo: POCOCK, J. G. A. (ed.). *The Political Works of James Harrington*. Part One. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. SCOTT, Jonathan. *Commonwealth Principles: republican writing of the English Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. WORDEN, Blair. “Harrington’s ‘Oceana’: Origins and Aftermath, 1651-1660”. In: WOOTTON, David. *Republicanism, liberty and commercial society 1649-1776*. California: Stanford University Press, 1994. WORDEN, Blair. “James Harrington and ‘The Commonwealth of Oceana’, 1656”. In: WOOTTON, David. *Op. cit.* WORDEN, Blair. *Literature and Politics in Cromwellian England: John Milton, Andrew Marvell, Marchamont Nedham*. Oxford University Press, 2007. OSTRENSKY, Eunice. *As revoluções do poder*. São Paulo: Alameda, 2005. SANTOS JUNIOR, Jaime Fernando dos. *Op. cit.*

¹⁵³ SCOTT, Jonathan. *Op. cit.*, p.63.

¹⁵⁴ STATIONERS’ COMPANY. *A Transcript of the Registers of the Worshipful Company of Stationers; from 1640-1708 A.D.* Vol. 2. London: Stationers’ Company, 1913. p.86. HARRINGTON, James. *The commonwealth of Oceana*. London: printed by J. Streater, for Livewell Chapman, and are to be sold at his shop at the Crown in Popes-Head-Alley, 1656. HARRINGTON, James. *The commonwealth of Oceana*. London: printed for D[aniel]. Pakeman, and are to be sold at his shop at the Rainbow in Fleet-street, 1656.

¹⁵⁵ PLOMER, Henry Robert. *Op. cit.*, 173. SMITH, Nigel. “Popular republicanism in the 1650s: John Streater’s ‘heroic mechanics’”. In: ARMITAGE, David; HIMY, Armand; SKINNER, Quentin. *Milton and Republicanism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p.138-149. SMITH, Nigel. *Op. cit.*, p.196-200. JOHNS, Adrian. ‘Streater, John (c.1620–1677)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [http://www.oxforddnb.com/view/article/26656, accessed 4 May 2015].

difusão de libelos radicais religiosos. Já o livreiro Pakeman, aparentemente, foi atuante na venda de livros jurídicos em seu estabelecimento em Fleet Street, entre 1635 e 1664¹⁵⁶.

Na epístola ao leitor, Harrington ainda informava que, além de Streater, outras duas prensas foram utilizadas na composição da obra, mas não fornecia informações sobre esses tipógrafos. Na errata, o autor também enunciava que a paginação do texto estava descontínua, por conta da divisão do trabalho entre as casas de impressão. A quebra na produção pode ser evidenciada pela paginação confusa que segue a partir da página 239 até o final do livro (1 – 239, 255 – 186, 189 – 210), e pelo uso de três tipos na composição da obra. Como pode ser evidenciado na comparação exposta na figura 14, além de três tipos diversos, o uso das letras capitulares é diferente. No primeiro exemplo, trata-se de uma capitular simples maior do que o restante do corpo do texto, enquanto nos dois casos seguintes, elas eram profusamente decoradas. Essas imprecisões na paginação e as diferenças tipográficas aparecem em ambas as edições do livro¹⁵⁷.

¹⁵⁶ PLOMER, Henry Robert. *Op. cit.*, 143.

¹⁵⁷ Cf. HARRINGTON, James. *The common-wealth of Oceana*. London: printed by J. Streater, for Livewell Chapman, and are to be sold at his shop at the Crown in Popes-Head-Alley, 1656. HARRINGTON, James. *The commonwealth of Oceana*. London: printed for D[aniel]. Pakeman, and are to be sold at his shop at the Rainbow in Fleet-street, 1656. “Epistle to the Reader”, “Errors of the Impression”. POCOCK, J. G. A. (ed.). *Op. cit.*, especialmente Chap. 2: “*Oceana: the circumstances of publication*”. FEATHER, John. “The publication of James Harrington’s *Commonwealth of Oceana*”. *The Library*, Vol. 5, 3, 1977. pp.262-268.

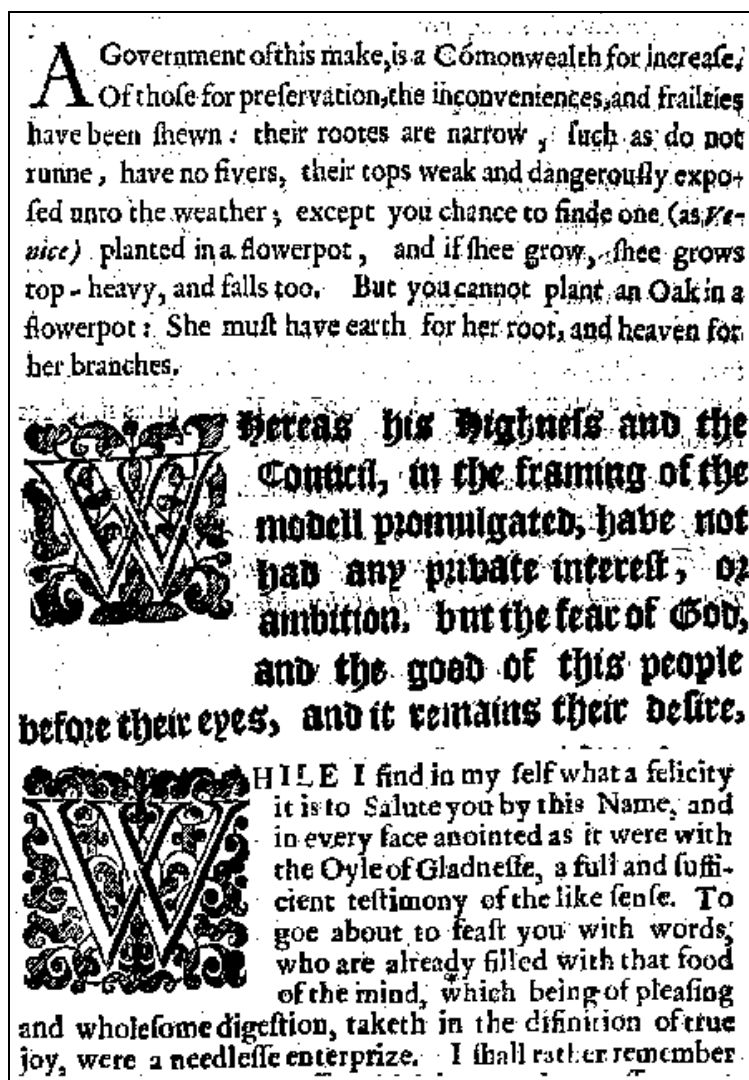


Figura 14: Diferentes tipos usados na edição de *Oceana* (1656)¹⁵⁸.

De acordo com Pocock e Feather, a divisão do texto entre três tipografias sugere que a impressão foi interrompida ou que houve uma interferência externa na sua produção, provavelmente ocasionada por algum agente censor. Ambos os pesquisadores citam a biografia de Harrington escrita por John Toland em 1771 para propor a ideia. A narrativa de Toland conta que alguns oficiais do exército foram contrários às ideias e intenções republicanas de Harrington e, ao encontrarem o livro na prensa, apreenderam-no e levaram a Whitehall. O autor teria recuperado seu trabalho ao fingir que havia sequestrado a filha de Elizabeth Claypole, irmã de Cromwell, sugerindo que o Protetor havia também roubado sua prole, isto é, *Oceana*. Ao retomar seu texto, Harrington dedicou-o a Oliver Cromwell, que,

¹⁵⁸ De cima para baixo: HARRINGTON, James. *The common-wealth of Oceana*. London: printed by J. Streater, for Livewell Chapman, and are to be sold at his shop at the Crown in Popes-Head-Alley, 1656. p.255, 289, 194.

após o incidente, teria dito que o poder que havia conquistado por meio da espada, não seria tomado por um pequeno pedaço de papel¹⁵⁹.

Tanto Feather quanto Pocock duvidam da veracidade da história de Toland, mas consideram a possibilidade de a impressão ter sido interrompida e dividida entre mais duas prensas por conta da censura. Feather ainda completa que, em partes, esses problemas com as autoridades poderiam ter sido suscitados pelo radicalismo de Streater e Chapman¹⁶⁰. Embora, de fato, a censura possa ter sido uma questão essencial para a distribuição do texto entre três tipógrafos, também é preciso lembrar que a partilha da produção de um livro não era anormal. Para garantir a eficiência, era comum que um impressor fizesse mais de um texto ao mesmo tempo, ou que mais de uma casa tipográfica trabalhasse em um mesmo título. Esse tipo de impressão concorrente dava estabilidade e continuidade à composição dos textos, possibilitando que os livros fossem elaborados com mais rapidez¹⁶¹.

De modo geral, eram necessárias duas pessoas na operação da prensa por uma hora para a produção de 250 folhas avulsas ou 125 folhas em frente e verso. Nessa estimativa, esses personagens teriam que trabalhar por pelo menos dez horas por dia, por vinte dias, para imprimir um panfleto de 25 folhas com uma tiragem de mil cópias¹⁶². Um tratado longo como *Oceana*, um fôlio de 306 páginas, necessitaria de um tempo muito maior para ficar pronto. Por esta razão, a divisão entre os três tipógrafos poderia, também, ser uma estratégia para uma impressão mais rápida. E, com efeito, é possível que o texto tenha sido composto em um curto espaço de tempo, pois já estava circulando cerca de um mês e meio depois de seu registro na Stationers' Company em 19 de setembro. Ainda que a impressão de um título não começasse necessariamente depois de a obra ser licenciada – ela poderia inclusive anteceder o registro –, a data pode nos indicar aproximadamente o momento no qual o livro foi produzido.

Entre o final de outubro e o início de novembro, o texto foi anunciado no jornal republicano *Mercurius Politicus* no seu 334º número¹⁶³. Embora o tratado político tenha sido vendido simultaneamente pelos dois livreiros, apenas o nome de Chapman apareceu na

¹⁵⁹ POCOCK, J. G. A. *Op. cit.*, p.7-8. FEATHER, John. *Op. cit.*, 1977. p.266. TOLAND, John (ed.). *The Oceana and other works of James Harrington, with an account of his life*. London: Becket and Cadell, 1771. p.XVI-XVII.

¹⁶⁰ POCOCK, J. G. A. *Op. cit.*, p.8. FEATHER, John. *Op. cit.*, 1977. p.268.

¹⁶¹ MCKENZIE, D. F. *Op. cit.*, 2002. p.27-28. JOHNS, Adrian. *Op. cit.*, 1998. p.99.

¹⁶² RAVEN, James. *Op. cit.*, p.23.

¹⁶³ *Mercurius Politicus* foi um dos mais predominantes jornais da década de 1650, editado por Marchamont Nedham. O jornal voltava-se essencialmente para a disseminação de textos republicanos. RAYMOND, Joad. "The Newspaper, Public Opinion, and the Public Sphere in the Seventeenth Century". In: RAYMOND, Joad (ed.). *Op. cit.*, 1999. p.125-126. *Mercurius Politicus*, 334 (29 Oct. – 6 Nov., 1656), p.7362.

propaganda, como pode ser visto na figura 15. Um outro título de Pakeman foi divulgado na mesma seção, mas não há nenhuma menção a respeito de sua participação na comercialização de *Oceana*. O livro de Harrington é o último descrito na lista de livros recentemente publicados, mas a fonte com a qual o anúncio foi escrito aparece em um tamanho maior do que o restante das obras elencadas. Da mesma forma, o nome de Chapman e o endereço da Crown foram grafados com destaque.

Essa foi a primeira propaganda de uma obra de Chapman no *Mercurius Politicus*, jornal publicado por Marchamont Nedham. Diferentemente da relação editorial e comercial estabelecida entre Chapman e Ibbitson, que anunciou diversos títulos lançados pelo livreiro, Nedham e Chapman não trabalharam juntos até aquele momento. O editor do periódico e o livreiro da Crown circulavam em espaços distintos, cultivando associações e parcerias diferentes. Nedham não esteve ligado ao radicalismo religioso, mas transitou entre o monarquismo e o republicanismo na década de 1640. Alguns de seus jornais demonstram esse contraste das suas opiniões, como o regalista *Mercurius Pragmaticus* e o parlamentarista *Mercurius Britanicus*. Para Blair Worden, essas mudanças de perspectiva estavam associadas às rápidas transformações no poder entre 1640 e 1650, que demandavam que as pessoas se adaptassem aos novos contextos para sobreviver a eles. Seu *Mercurius Politicus*, marcadamente republicano, começou a circular em junho de 1650 e resistiu até a Restauração, produzindo edições semanais, feitas em pequenos impressos, de cerca de 16 páginas e 5.000 palavras. Nedham acreditava que por meio da pena e não da espada, era possível lutar pelas causas justas, sendo assim, usava o periódico como um meio de propaganda política pró-*commonwealth*¹⁶⁴.

Por estar envolvido com outros republicanos, é provável que Nedham tivesse interesse em anunciar a obra de Harrington em seu jornal, reforçando seu projeto político e editorial, no qual o periódico servia como meio de difusão das ideias que apoiava. Ao mesmo tempo, para Livewell Chapman, a propaganda de *Oceana* em *Mercurius Politicus* oferecia uma possibilidade de alargar o seu número de leitores. Chapman tinha um negócio consolidado na venda de livros e panfletos radicais religiosos, mas não era um livreiro intensamente relacionado aos debates dos republicanos. Era preciso, por conseguinte, criar uma demanda para a comercialização de *Oceana* em sua livraria. A divulgação do tratado no *Mercurius*

¹⁶⁴ WORDEN, Blair. *Op. cit.*, 2007. p.14-23.

Politicus podia atingir os leitores que comumente consumiam esse tipo de literatura e trazer esse novo público para a Crown, garantindo, assim, as vendas da obra.

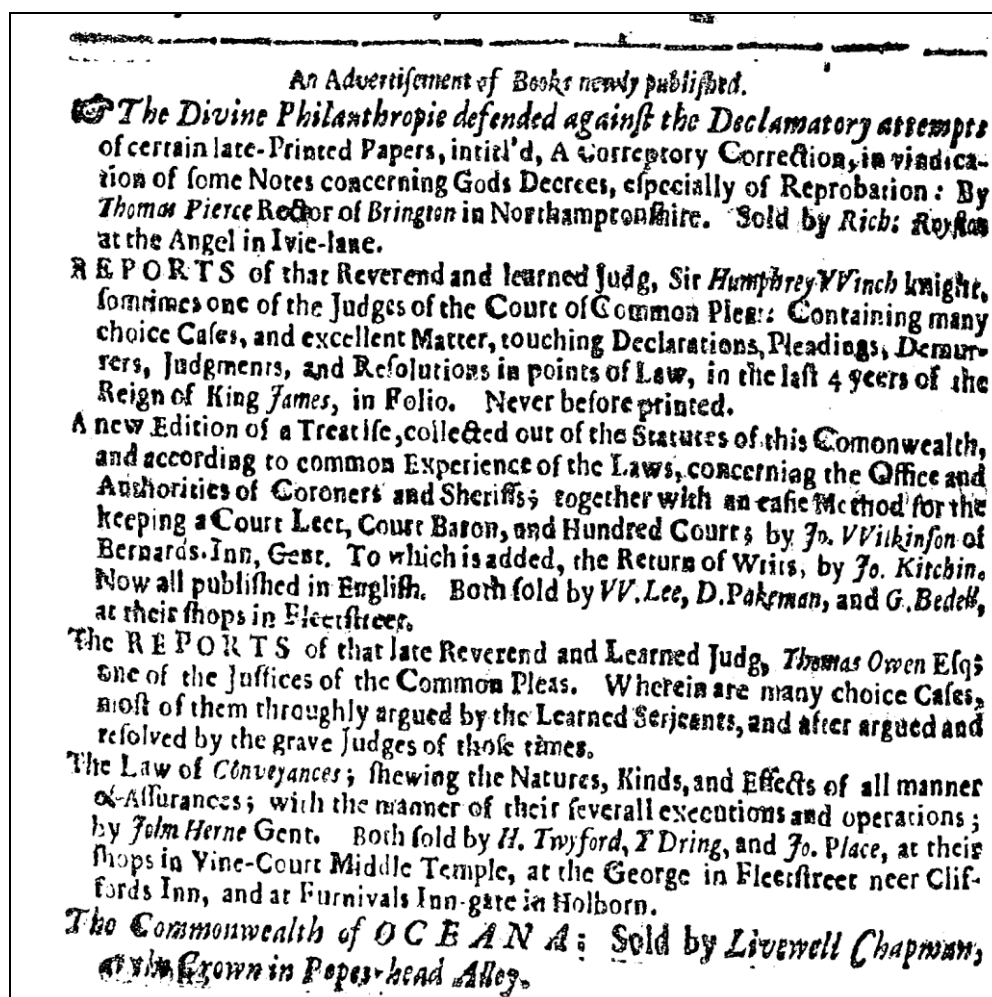


Figura 15: Anúncio de *Oceana* no *Mercurius Politicus* (1656)¹⁶⁵.

Apesar da tática de promoção do livro no periódico republicano, Livewell Chapman não fez nenhuma reedição da obra, nem publicou outros títulos escritos por Harrington, o que pode sugerir que as vendas do texto foram circunstanciais. Dois anos mais tarde, uma reimpressão de *Oceana* entrou em circulação, desta vez, vendida apenas por Daniel Pakeman. Para o historiador John Feather, talvez, a segunda edição tenha sido comercializada somente por Pakeman porque Chapman e Streater “(...) representavam mais um constrangimento político para um autor que já tinha estado tão perto de sérios problemas”¹⁶⁶.

¹⁶⁵ *Mercurius Politicus*, 334 (29 Oct. – 6 Nov., 1656), p.7362.

¹⁶⁶ “(...) represented a further political embarrassment to an author who had already been so close to serious trouble”. Tradução livre. FEATHER, John. *Op. cit.*, 1977. p.268.

Embora Chapman não tenha continuado a publicar trabalhos de James Harrington, inferimos que a obra não tenha passado despercebida pelos negócios do livreiro. O fato de o texto ter sido propagandeado pelo *Mercurius Politicus* apresenta um indício de que Chapman apostava no sucesso editorial do livro e, ao mesmo tempo, indica a entrada do livreiro em um comércio literário diferente daquele no qual costumava atuar. A publicação da reflexão de Harrington pode, neste sentido, ter funcionado como um canal que permitiu a comunicação e o estreitamento de relações com outros republicanos – como o editor de *Mercurius Politicus*, Marchamont Nedham –, que se dedicavam a pensar os rumos da *commonwealth*. Talvez, assim, a posterior associação de Chapman com autores como John Milton, Henry Vane e o próprio Nedham não tenham ocorrido meramente por acaso.

3.2.3. Livewell Chapman e Thomas Venner: violência e Quinta Monarquia (1657)

A aproximação de Chapman de outras reflexões que buscavam interpretar e solucionar as crises daquele momento também pode ser um indício de seu descontentamento com alguns dos Homens da Quinta Monarquia a partir de 1657. Chapman era um pentamonarquista e há indícios de que o livreiro participou de algumas das reuniões do grupo, pelo menos entre 1656 e 1657¹⁶⁷. Em um desses encontros, em 5 de abril de 1657, Livewell Chapman se desentendeu com um dos líderes pentamonarquistas mais radicais, Thomas Venner. Venner nascera em Devon, mas na década de 1630 se mudara para Londres, onde começou a trabalhar como tanoeiro. Pouco depois, ele migrou para Salem em Massachusetts, permanecendo na colônia até o final dos anos 1640. De volta à Inglaterra, ele abraçou o movimento dos Homens da Quinta Monarquia em 1651. Com uma perspectiva radical, Venner acreditava na possibilidade e no dever de pegar em armas pelo estabelecimento da Quinta Monarquia, o que lhe rendeu diversas punições. Em 1655, inclusive, foi preso por sugerir o assassinio de Cromwell em uma discussão e por planejar explodir a Torre de Londres. Em 1657, ele arquitetava uma sublevação contra o Protetorado, visando destruir o governo cromwelliano, concebido como a quarta monarquia demoníaca, que ainda impedia o desenvolvimento do Reino de Cristo¹⁶⁸. Em um dos encontros do grupo, Venner falou sobre a futura rebelião e Livewell Chapman o

¹⁶⁷ Informações obtidas por meio de um diário manuscrito das reuniões, localizado na *British Library*. BL, Add. MSS 4459: 1638-1755 vol.II, p.111-122. No início do século XX, Champlin Burrage transcreveu e publicou as anotações em BURRAGE, Champlin. “The Fifth Monarchy Insurrections”. *The English Historical Review*, Vol.25, n.100, 1910. pp.722-747. De acordo com Burrage, presumivelmente, as notas foram escritas por Thomas Venner.

¹⁶⁸ GREAVES, Richard L. “Venner, Thomas (1608/9–1661)”.

contrariou, declarando que eles estavam fadados a falhar e que, por isso, “(...) serviam ao inimigo em comum, davam-lhe vantagem, e enterravam a causa”¹⁶⁹.

A posição do livreiro fez com que Venner o expulsasse da reunião. Após o ocorrido, o tanoeiro relatou em seus diários que o “(...) Sr. Chapman depois que o encontro tinha acabado me chamou de lado e me disse, que ele desejava que eu estivesse certo, (...) e que ele acreditava que eu estava sob tentação, e que levei muitos a abandonarem seu chamado e vocação, e que tinha recebido um estoque de dinheiro e que agora parte disso tinha sido gasta, e que isso era outra tentação”¹⁷⁰.

Livewell Chapman não acreditava que os planos de Venner trariam frutos positivos para os anseios do grupo; pelo contrário, considerava que a ação resultaria em prejuízos aos pentamonarquistas. Ele não participou da sublevação e parece ter deixado de comparecer aos encontros dos pentamonarquistas. Chapman não foi o único a se afastar, Christopher Feake foi banido por Venner em janeiro de 1657; John Rogers e William Aspinwall também se afastaram do grupo, e Aspinwall, inclusive, deixou de publicar suas reflexões a partir 1657¹⁷¹.

Apesar da cisão no interior do movimento dos Homens da Quinta Monarquia, a rebelião continuou a ser planejada e em 9 de abril seria colocada em prática, mas foi reprimida imediatamente. Os planos do tanoeiro foram descobertos duas ou três horas antes que a revolta pudesse ocorrer, e todas as pessoas envolvidas na conspiração foram presas e ficaram encarceradas até 1659¹⁷². Mesmo depois desta derrota, os “santos” continuaram a advogar em favor da Quinta Monarquia, mas de modo fragmentário e menos impetuoso¹⁷³. Chapman, embora tenha se afastado de personagens como Venner, não abandonou as perspectivas milenaristas e, manteve-se, entre 1658 e 1659, publicando textos profético-políticos de John Canne¹⁷⁴, John Tillinghast¹⁷⁵, Christopher Feake¹⁷⁶, William Greenhill¹⁷⁷, e diversos panfletos

¹⁶⁹ “(...) serve the common enemy, give them advantage, and bury the cause”. Tradução livre. BURRAGE, Champlin. *Op. cit.*, p.734.

¹⁷⁰ “(...) Mr. Chapman after the meeting was done called mee aside and said to mee, he wished I was right, (...) and that he believed I was under temptation, and had caused many to forsake their callings, and had received a stocke of money and now some of it was spent, and that was another temptation”. Tradução livre. *Idem*, p.734-735.

¹⁷¹ BURRAGE, Champlin. *Op. cit.*, p.726,729, 731-3. CAPP, Bernard. *Fifth Monarchy Men*, 2008. p.117.

¹⁷² CAPP, Bernard. *Fifth Monarchy Men*, 2008. p.117-118. GREAVES, Richard L. “Venner, Thomas (1608/9–1661)”.

¹⁷³ HILL, Christopher. *Op. cit.*, 1985, p.58-59.

¹⁷⁴ CANNE, John. *The time of finding: shewing, when the Lord will be found, and by whom; and when there will be no time of finding: also the persons are describ'd, who shall not finde the Lord, though they seek him with tears. Likewise, some reasons why the Lord hath suffered his work, and good old cause to be stopt, and how it shall cetainly be reviv'd again. Also, something is here shewed, about the manner how it shall be reviv'd, and the time when. By John Canne*. London: printed for Livewel Chapman, at the Crown in Popes head-Alley, 1658.

anônimos preocupados em interpretar os sinais de Deus sobre o Milênio ou em discutir o regime cromwelliano.

Embora em 1659 Livewell Chapman tenha publicado o maior número de títulos dos Homens da Quinta Monarquia vendidos na Crown¹⁷⁸, o movimento começou a perder a força no final da década de 1650. Christopher Feake, em seu *A beam of light*, criticou o fato de os pentamonarquistas terem abandonado a causa de Deus e demandava que a “boa e velha causa” da Quinta Monarquia fosse retomada¹⁷⁹. John Rogers, por sua vez, aproximou-se do republicanismo devoto de Henry Vane, que congregava tanto seus anseios religiosos, quanto seus projetos políticos. A partir de então, Rogers passou a criticar a “cegueira” dos pentamonarquistas em observar apenas as perspectivas teológicas, ao mesmo tempo em que condenava acepções exclusivamente políticas, como as de James Harrington. Advogando em favor de uma teocracia ou de uma *commonwealth* devota, John Rogers continuou engajado em seu projeto político antimonarquista¹⁸⁰. Livewell Chapman parece ter seguido pelo mesmo caminho de seu antigo companheiro de cela e foi, inclusive, o responsável pelas publicações

CANNE, John. *A seasonable word to the Parliament-men, to take with them when they go into the House: wherein is shewed, the first part of their present work, and what is expected from them, to satisfie their true and real friends. Likewise a vvatchword, how they prefer not again such persons to places of trust who have lately betrayed the priviledges of Parliaments, and the just rights of the people, into the hands of a single person.* By John Canne. London: printed by J.C. for L. Chapman, 1659. CANNE, John. *A two-fold shaking of the earth: or, an exposition on Heb. 12.26, 27. Wherein is shewed, the first shaking of the earth, seems to be meant the putting down of the late King and bishops: the later shaking, a change of the present government...* London: printed for L. Chapman at the Crown in Popes-head Ally, 1659.

¹⁷⁵ TILLINGHAST, John. *Six severall treatises. 1 The promises made and fulfilled in Christ. 2 Absolute promises made to sinners, as sinners. 3 The life of faith; and in particular, in justification. Sanctification, and expectation. 4 The saints anchor rightly cast. 5 Christs new command. 6 Of offences.* By the late worthy and faithful servant of Jesus Christ John Tillinghast. Published by his own notes. London: printed by R.I. for Livewell Chapman at the Crown in Popes-head-Alley, 1657. TILLINGHAST, John. *Elijah's mantle: or, The remaines of that late worthy and faithful servant of Jesus Christ, Mr. John Tillinghast....* London: printed for Liveuell [sic] Chapman, and are to be sold at the Crown in Popes-head Alley, 1658. TILLINGHAST, John. *Mr. Tillinghast's eight last sermons I The fifth kingdom, or kingdom of Christ, founded on the New Covenant...* London: printed for Livewel Chapman, at the Crown in Popes-Head-Alley, 1659.

¹⁷⁶ FEAKE, Christopher. *A beam of light, shining in the midst of much darkness and confusion: being (with the benefit of retrospection) an essay toward the stating (and fixing upon its true and proper basis) the best cause under heaven: viz. the cause of God, of Christ, of his people, of the whole creation, that groans and waits for the manifestation of the sons of God.* By Chr. Feake, preacher of the gospel of the Kingdom of Jesus Christ. London: printed, by J.C. for Livewell Chapman, at the Crown in Popes-head Alley, 1659.

¹⁷⁷ Duas edições de GREENHILL, William. *An exposition continued upon the XX, XXI, XXII, XXIII, XXIV, XXV, XXVI, XXVII, XXVIII, AND XXIX, chapters of the prophet Ezekiel, vvith many useful observations thereupon.* Delivered at several lectures in London, by William Greenhill. London: printed for Livewell Chapman at the crown in Popes-head-Alley, 1658.

¹⁷⁸ Ver gráficos 7 e 8 apresentados no início deste Capítulo.

¹⁷⁹ FEAKE, Christopher. *Op. cit.*, 1659.

¹⁸⁰ MAYERS, Ruth E. *Op. cit.*, 2004. p.220-221.

de Rogers a respeito de seu debate em torno do republicanismo¹⁸¹. A partir do final da década de 1650, o livreiro passou também a lançar obras republicanas. Paralelamente, ele construiu e desenvolveu diferentes relações editoriais e comerciais, que orientaram as atividades da Crown entre 1659 e 1663. Ao deixar de ser o principal livreiro dos pentamonarquistas, Chapman, agora se aproximava de outras causas que respondiam aos seus anseios políticos e religiosos, encontrando novas propostas para a situação vivida pela Inglaterra entre o final do Protetorado e a retomada da monarquia, e experimentando outras maneiras de difundir suas crenças.

¹⁸¹ ROGERS, John. *Diapoliteia. A Christian concertation with Mr. Prin, Mr. Baxter, Mr. Harrington, for the true cause of the Commonvvealth. Or, An answer to Mr. Prin's (perditory) anatomy of the Republick, and his true and perfect narrative, &c. To Mr. Baxter's (purgatory) pills for the Army: and his wounding answer to the healing question.* London: printed for Livewel Chapman, at the Crown in Popes-Head-Alley, 1659. ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10. years ago. Or, A most dangerous designe, in mistating the good, by mistaking the bad old cause; clearly extricated and offered to the Parliament, the General Council of Officers, the good people's and army's immediate consideration.* London: printed by J.C. for L. Chapman, 1659.

CAPÍTULO 4: PUBLICANDO PELA “GOOD OLD CAUSE”

“(...) uma *Commonwealth* livre sem uma única pessoa ou uma câmara dos lordes, é de longe o melhor governo (...)”. John Milton, *The readie & easie vway to establish a free Commonwealth* (1660)¹.

4.1. A Causa de Deus

Em meados da década de 1650, as profecias pentamonarquistas pareciam não se cumprir e os eventos coevos, sobretudo o regime de Oliver Cromwell, tornaram-se decepcionantes para aqueles que esperavam pelo fim dos governos terrenos, e pela chegada de Cristo e Seu reino de mil anos de felicidade². Já em 1655, a polêmica petição *A word for God* – pela qual Chapman foi investigado³ – demonstrava a insatisfação dos Quakers e pentamonarquistas que a assinaram com relação ao Protetorado. O Lorde Protetor era identificado como traidor da “good old cause”, que naquele texto, possuía uma dupla significação: a causa de Deus, isto é, de Seus desígnios; e a causa do Parlamento, representada, especialmente, pela abominação do governo de uma única pessoa⁴.

Ainda que Cromwell tenha rejeitado a coroa em 1657, o fato de ele ter concentrado o poder em suas mãos foi percebido negativamente por muitos, que o acusavam de manter em seu Protetorado algumas características monárquicas⁵. No mesmo ano, Edward Sexby⁶, um oficial do exército parlamentar, chegou a sugerir que Cromwell fosse assassinado para que a

¹ “(...) a free Commonwealth without single person or house of lords, is by far the best government (...)”. Tradução livre. MILTON, John. *The readie & easie vway to establish a free Commonwealth, and the excellence therof compar'd with the inconveniences and dangers of readmitting kingship in this nation. The author J.M. London : printed by T[homas]. N[ewcomb]. and are to be sold by Livewell Chapman at the Crown in Popes-Head Alley, 1660.* p.7.

² CAPP, Bernard. *The Fifth Monarchy Men*, 2008. p.195.

³ *A word for God...*, 1655. BIRCH, Thomas (ed.). *Op.cit.*, p.379.

⁴ Ver MAYERS, Ruth E. *Op. cit.*, 2004, especialmente o Chapter 8: “Identity asserted: visions and vindications of the Republic”. HILL, Christopher. *Op. cit.*, 1985. p.59.

⁵ HILL, Christopher. *Op. cit.*, 1988, especialmente Cap. VII: “Rei? – 1656-58”.

⁶ Em 1657, Sexby escreveu *Killing no Murder* e o publicou na Holanda, com a ajuda de Silius Titus. O livro, no entanto, foi impresso sob o nome de outro agitador político, William Allen. Posteriormente, quando estava preso na Torre de Londres, Sexby admitiu a autoria do texto. MARSHALL, Alan. ‘Sexby, Edward (c.1616–1658)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Sept 2010 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/25151>, accessed 15 June 2015].

Inglaterra voltasse a ser livre⁷, e Thomas Venner, o líder pentamonarquista, planejou sua revolta armada contra o Protetor. Nenhum desses planos deu certo, e Cromwell continuou no poder até sua morte, em 3 de setembro de 1658.

O falecimento do Cromwell, longe de assentar o clima de insatisfação, repercutiu em instabilidade. O fato de Richard Cromwell ter herdado a posição de Lorde Protetor depois da morte de seu pai, revelou o caráter monárquico do regime cromwelliano. A sucessão foi alvo de inúmeras críticas, sobretudo por parte dos republicanos. A agitação política também crescia, na medida em que o governo sofria várias alterações ao longo de 1659, como a convocação de um novo Parlamento em janeiro, a queda do Protetorado e a restauração do *Rump Parliament* em maio, e o fim do breve período republicano a partir de outubro⁸.

Talvez por conta desse contexto incerto, e da decepção em não ver suas profecias se cumprirem, alguns milenaristas aproximaram-se dos republicanos para apoiar a *commonwealth* e se opor ao Protetorado⁹. Esse parece ter sido o caso de autores como John Rogers e Christopher Feake, e livreiros como Livewell Chapman que, a partir de 1659, passou a publicar algumas obras republicanas, especialmente, aquelas que tratavam sobre um republicanismo devoto. Nessa segunda fase de suas atividades editoriais à frente da Crown, Chapman esteve envolvido em diversas polêmicas, sobretudo, durante a Restauração, quando a censura se fortificou e perseguiu ativamente aqueles que se opunham à monarquia. Nesse capítulo, pretendemos, abordar esse segundo momento das atividades editoriais de Chapman, concentrando-nos em sua produção ao longo do ano conturbado de 1659, em prol de uma luta pela “good old cause”.

É importante frisar aqui que a expressão “good old cause” aglutinava diversos significados e debates políticos naquele período¹⁰. Não pretendemos esgotar as interpretações possíveis sobre o termo, mas dois de seus sentidos nos interessam para pensar as publicações de Chapman em 1659. Como apontado por John Hughes, “good old cause” foi utilizado primeiramente como uma oposição republicana contra

(...) o estabelecimento do Protetorado em Dezembro de 1653. Originalmente se referia aos republicanos opostos aos princípios constituidores do documento

⁷ *Killing noe murder. Briefly discoursed in three quaestions. By William Allen.* [Holland: s.n., 1657].

⁸ SCOTT, Jonathan. *Op. cit.*, p.296.

⁹ HILL, Christopher. *Op. cit.*, 1985. p.59.

¹⁰ Sobre isso, cf. SANTOS JUNIOR, Jaime Fernando dos. *Op. cit.*, especialmente o Cap.3: “A Disputa Social pelos Termos: pela good old cause e pela commonwealth”. MAYERS, Ruth E. *Op. cit.*, 2004. SCOTT, Jonathan. *Op. cit.*

fundacional do Protetorado, o Instrumento de Governo (16 de Dezembro de 1653). Depois da queda do Protetorado em Abril de 1659, *Commonwealthmen*, panfleteiros, e teóricos políticos (...) debateram o mérito de vários modelos de governo, usando a concretização da causa como um objetivo necessário¹¹.

Assim, ao mesmo tempo em que assumia um sentido nostálgico sobre a *commonwealth* antes do início do Protetorado, a expressão também apelava para a ação, pois implicava em uma defesa do bem público contra a monarquia¹².

Além desta perspectiva eminentemente republicana, o termo foi apropriado por milenaristas, como os Quakers e os pentamonarquistas, que o aproximaram de uma ideia teocrática. Nessa outra leitura, “a good old cause” admitia um tom profético e sustentava a abolição de qualquer governo de uma única pessoa, em favor de um regime organizado segundo as determinações de Deus. Ruth Mayers identificou essas proposições políticas como uma espécie de “republicanismo devoto”, cujas ideias provinham principalmente das Escrituras, deste modo, as percepções sobre o governo e a política estavam imbricadas às concepções religiosas¹³. Essa visão é encontrada nos trabalhos de autores como John Rogers, Henry Vane e Christopher Feake. No caso de Feake, é possível verificar sua discussão em torno da “good old cause” no panfleto *A beam of light*, impresso por John Clowes e vendido por Livewell Chapman entre março e maio de 1659¹⁴.

¹¹ “(...) the establishment of the Protectorate in December 1653. Originally it referred to republicans opposed to the constitutional principles of the Protectorate’s founding document, the Instrument of Government (16 December 1653). After the fall of the Protectorate in April 1659, Commonwealthmen, pamphleteers, and political theorists (...) debated the merit of various government models, using the fulfillment of the cause as a necessary goal”. Tradução livre. HUGHES, John H. F. “Good old cause”. In: FRITZE, Ronald H.; ROBISON, William B. (eds.). *Historical Dictionary of Stuart England, 1603-1689*. London: Greenwood Press, 1996. p.211.

¹² SANTOS JUNIOR, Jaime Fernando dos. *Op. cit.*, p.94-95.

¹³ MAYERS, Ruth E. *Op. cit.*, 2004. p.215.

¹⁴ Conforme as datas marcadas no prefácio de Feake (20 de março de 1659) e no frontispício da cópia de George Thomason (2 de maio de 1659). FEAKE, Christopher. *Op. cit.*, 1659.

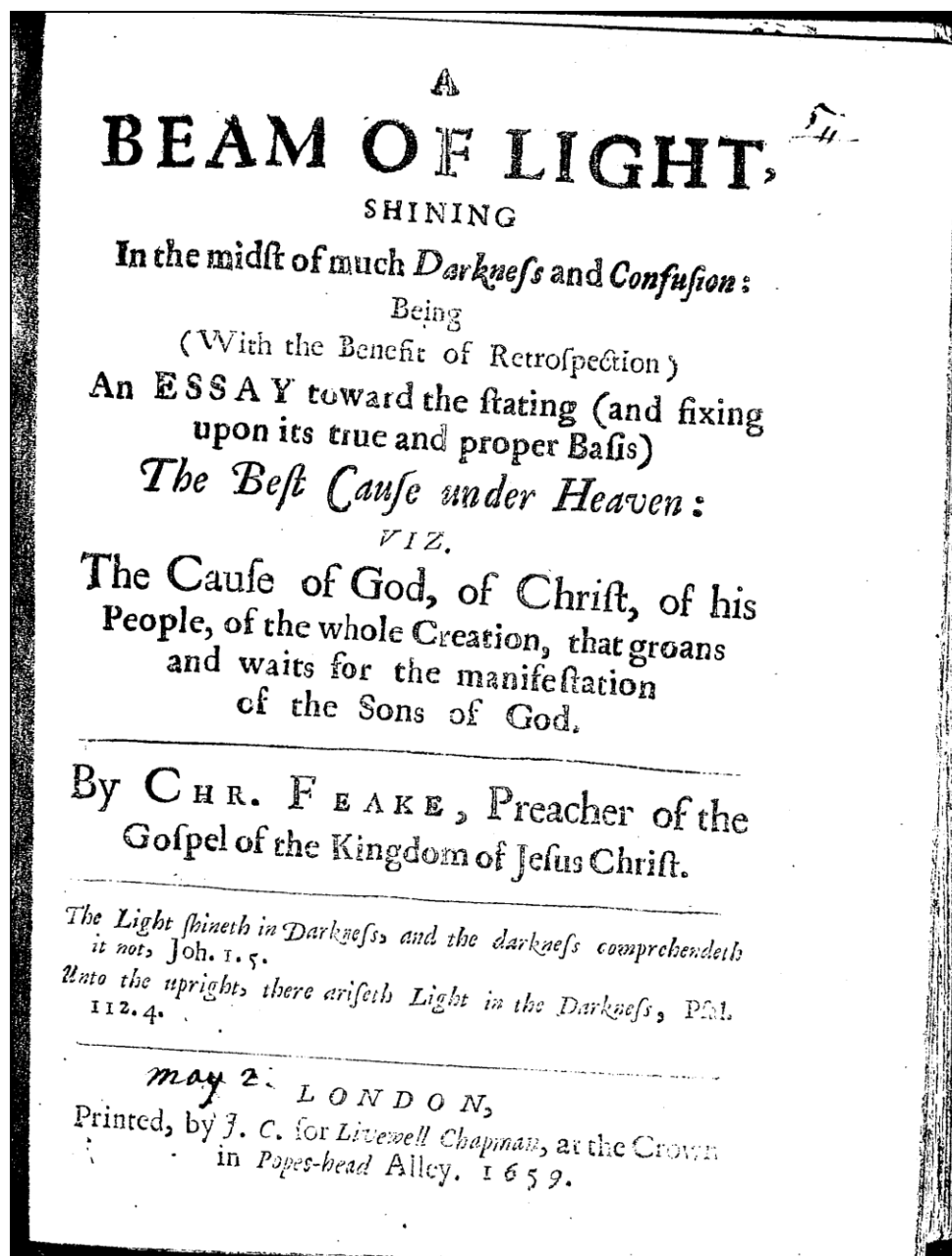


Figura 16: Frontispício de *A beam of light* de Christopher Feake (1659)¹⁵.

No subtítulo do libelo, Feake já indicava sua preocupação em compreender a causa de Deus, apontando que sua obra era “an essay toward the stating (and fixing upon its true and proper basis) the best cause under heaven: viz. *the cause of God, of Christ, of his people, of the whole creation*, that groans and waits for the manifestation of the sons of God”, isto é, “um ensaio sobre o estabelecimento (e a fixação sobre as suas bases verdadeiras e próprias) da melhor causa sob os céus: isto é *a causa de Deus, de Cristo, de seu povo, de toda a criação*,

¹⁵ FEAKE, Christopher. *Op. cit.*, 1659.

que geme e aguarda pela manifestação dos filhos de Deus”¹⁶. Mesmo na disposição das palavras no frontispício (ver figura 16), no subtítulo, há destaque para as sentenças “The Best Cause under Heaven”, escrita em fonte maior e em itálico, e “The Cause of God, of Christ”, também grafado em tamanho maior. Em seu prefácio, ao tratar sobre a questão da causa de Deus, o autor a apresentava com um tom nostálgico, revelando que ela havia sido abandonada, mesmo por aqueles que, anteriormente, estiveram engajados nela, como os sectários de Allhallows the Great e Blackfriars, por isso ele considerava que retomá-la era uma tarefa imprescindível¹⁷.

Nas sete seções que compõe o panfleto, Feake descreveu o avanço da causa ao longo das décadas de 1640 e 1650. Em um primeiro momento, ele indicou que a “cause of God” foi o que havia impulsionado as batalhas na Inglaterra, na Irlanda e na Escócia. Ela fora a responsável pela luta do Parlamento pelos interesses do povo, sua liberdade, felicidade e segurança. Somente uma causa justa como essa teria motivado o surgimento da chamada *Solemn League and Covenant* entre a Escócia e a Inglaterra, organizada para se opor à tirania do rei Carlos I em 1643. Contrapor-se ao monarca, neste sentido, representava uma causa comum¹⁸.

A causa de Deus avançou quando as Guerras Civis foram vencidas pelo Parlamento. De acordo com o autor, a partir de então “(...) a *Causa* parecia agora ser uma *Nova Causa*, ou, a Antiga *ressurgida em glória*”¹⁹ visto que o monarca fora condenado e, assim, era feita justiça contra seus pecados. Desta forma, a causa de Deus triunfava na medida em que o poder monárquico era abolido e o bem comum se tornava central. Mas a prosperidade da causa, que se instalou depois de 1649, não durou muito tempo, pois ela foi traída em 12 de dezembro de 1653, quando o Protetorado foi declarado. Feake acusava Oliver Cromwell e outros parlamentaristas, dizendo que “Eles são *Traidores*, e devem ser tratados como *Traidores*” porque depois de terem afirmado que estavam a favor da concretização do Reino de Cristo, eles arquitetaram “(...) a mais *Monstruosa Monarquia*, o *poder* mais *Arbitrário* (...)”²⁰.

Agora, a causa que havia unido escoceses e ingleses para o estabelecimento do bem comum estava perdida em meio aos diferentes interesses dos parlamentares, dos sectários e do

¹⁶ Grifo nosso.

¹⁷ FEAKE, Christopher. *Op. cit.*, 1659.

¹⁸ *Idem*, p.1-13.

¹⁹ “(...) the *Cause* seemed now to be a *New Cause*, or, the Former *raised in glory*”. Tradução livre. *Idem*, p.21.

²⁰ “They are *Traytors*, and shall be dealt with as *Traytors*”; “(...) the most *Monstrous Monarchy*, the most *Arbitrary power* (...)”. Tradução livre. *Idem*, p.52.

Protetorado. Apesar disso, Feake acreditava que era possível retomar a “good old cause” por meio dos anseios dos verdadeiros *commonwealthsmen* e pentamonarquistas. Os primeiros buscavam “(...) *preservar, defender e promover o PÚBLICO, (...) contra o Interesse privado*”; já os Homens da Quinta Monarquia desejavam destruir o “(...) *Anticristo e seus Interesses*, tanto no país quanto no exterior, e melhorar seu Tempo e Talentos com toda a diligência para o *Avanço do Reino do Senhor Jesus Cristo*, em toda a terra”²¹. Christopher Feake não sugeria uma rebelião contra as autoridades, como fizera Venner em 1657, mas ao clamar pela causa de Deus, ele apontava a necessidade de se opor a qualquer governo monárquico ou de uma única pessoa, que não fosse Cristo²².

Livewell Chapman parecia estar alinhado à perspectiva de Christopher Feake e contribuía para recuperar a “good old cause” à sua maneira, publicando panfletos e petições – comumente anônimos – que tinham como objetivo criticar o governo diretamente e apoiar a *commonwealth*. Sua aproximação desse debate se tornou mais evidente a partir de 1659. Esse ano foi fundamental em suas atividades editoriais, pois marcou o momento em que o livreiro lançou mais títulos. Como é possível notar no gráfico 9, em 1659, ele publicou pelo menos 59 textos, atingindo marcas muito superiores do que nos anos anteriores, ou mesmo, nos períodos posteriores.

²¹ “(...) to preserve, defend and promote the *PUBLICK*, (...) against the *private Interest* (...)”; “(...) *Antichrist and his Interests*, both at home and abroad, & to improve with all diligence their Time and Talents for the *Advancement of the Kingdom of the Lord Jesus Christ*, throughout all the earth”. Tradução livre. FEAKE, Christopher. *Op. cit.*, 1659. p.57, 58.

²² CAPP, Bernard. *The Fifth Monarchy Men*, 2008. p.137-138.

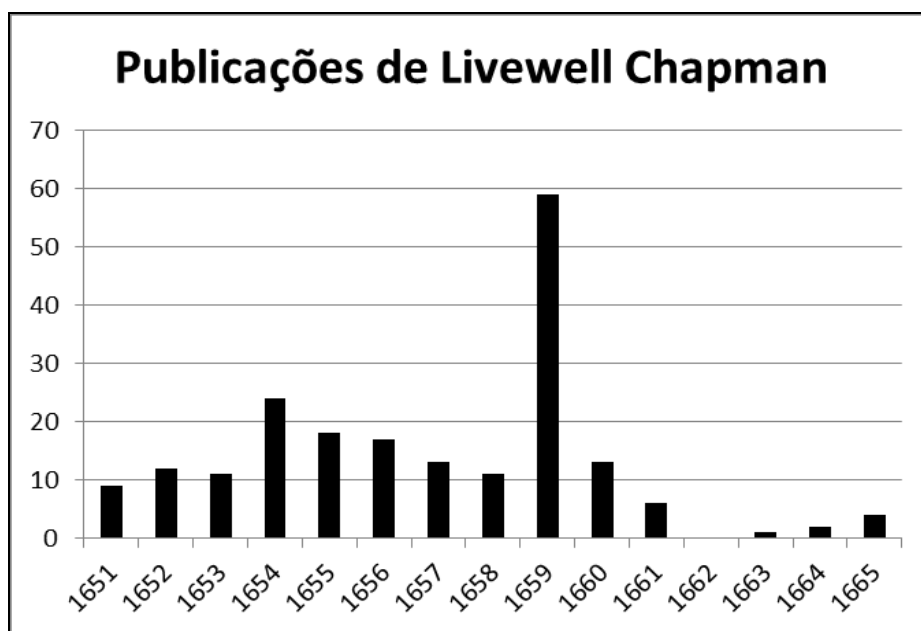


Gráfico 9: Comparação do número de textos publicados por Livewell Chapman entre 1651 e 1665.

A especificidade desse ano nos negócios do livreiro é evidente não apenas por meio da observação desses números, mais do que isso, vale ressaltar que alguns outros gêneros textuais se destacaram entre as publicações feitas por Chapman nesse momento, como os das petições, panfletos e tratado políticos. O gráfico 10 é elucidativo dessa transformação:

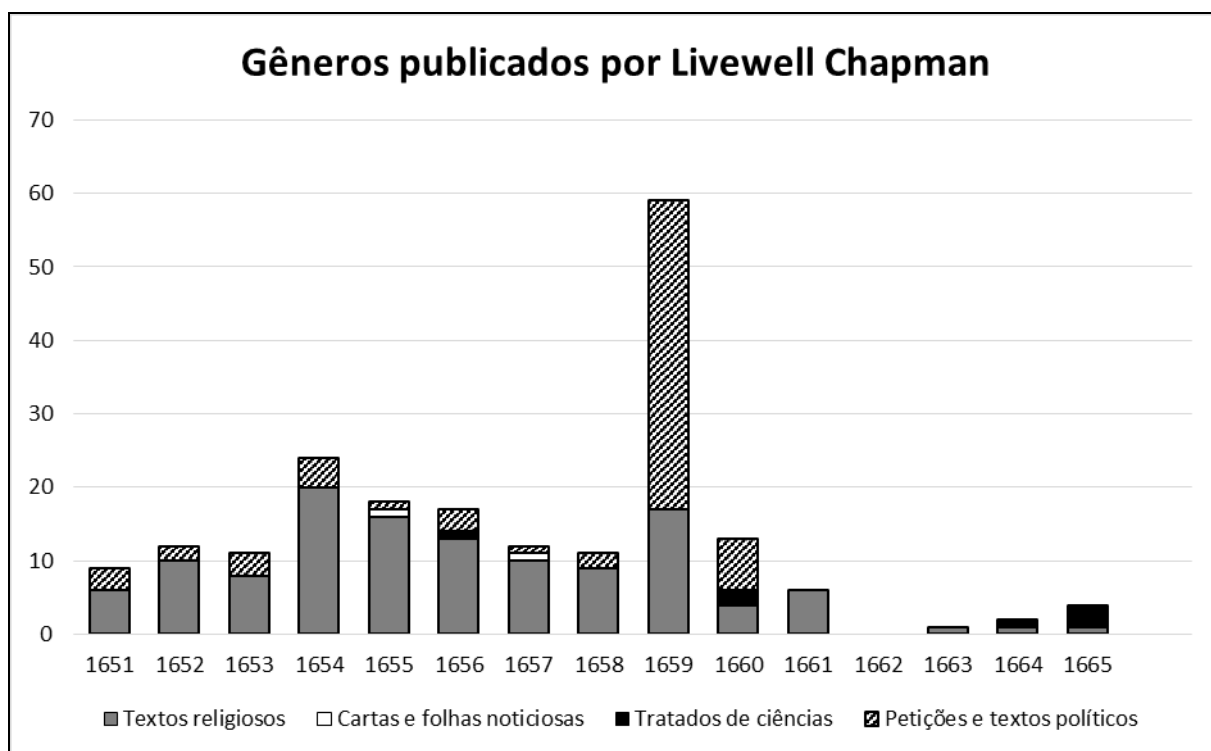


Gráfico 10: Gêneros publicados por Livewell Chapman entre 1651 e 1665.

Os textos religiosos, em sua maioria proféticos, foram amplamente publicados pelo livreiro da Crown com relativa constância ao longo da década de 1650, tendo um pico em 1654, momento de intensa atividade dos pentamonaquistas. Os números caíram vertiginosamente pouco depois da Restauração, mas como pode ser percebido nos gráficos 9 e 10, toda a produção da Crown foi reduzida na década de 1660, em decorrência das restrições à imprensa e das perseguições aos autores, impressores e livreiros ligados à produção de livros e panfletos sediciosos. Com relação aos textos noticiosos e aos títulos voltados para as ciências (astronomia, matemática, anatomia, etc), Chapman não os publicava com frequência. Na verdade, essas obras eram circunstanciais e não representavam mais do que 1% e 3,5%, respectivamente. Há de se observar, no entanto, que no caso dos tratados científicos, eles foram mais comuns após a Restauração, pois poderiam representar um gênero menos controverso, e consequentemente, menos perigoso para as vendas da livraria. Por fim, cabe ressaltar um quarto tipo de texto comercializado pela Crown: as petições, e os panfletos e tratados políticos. Se, anteriormente, estas obras não costumavam ser publicadas por Chapman com regularidade, em 1659, esse gênero atingiu números impressionantes, ultrapassando, inclusive os títulos religiosos, que predominavam na livraria.

Esse crescimento de textos políticos pró-republicanos, embora pareça ser uma exceção no conjunto de publicações realizadas por uma livraria preponderantemente voltada para a venda de obras milenaristas, demonstra uma certa mudança editorial encabeçada por Livewell Chapman. Faz-se necessário, portanto, entender de quais perspectivas o livreiro se aproximou nesse momento de intensa discussão política acerca da *commonwealth*, e perceber como isso impactou nos negócios da Crown. Por essa razão, nos próximos itens nos dedicamos a analisar alguns dos panfletos emitidos pelo livreiro nesse momento, compreendendo-os em relação ao contexto turbulento de 1659.

4.2. 1659

4.2.1. Chapman e o panfletismo radical em 1659

De acordo com Ruth Mayers, 1659 foi uma época em que “a rapidez e o tamanho das transformações impressionaram observadores de todas as tendências políticas”. Segundo a autora, “a queda do Protetor desencadeou intensa excitação e criatividade, que encontraram expressão, não só na súbita multidão de panfletos efêmeros que afluíram das prensas liberadas, mas também no reaparecimento de jornais concorrentes, exibidos e discutidos nos

inúmeros novos cafés, que foram se tornando importantes centros da cultura política”²³. Neste sentido, 1659 se constituiu enquanto um novo período de grande efervescência de publicações, no qual panfletos e jornais de diversas correntes político-religiosas foram emitidos, devido à relativa liberdade de imprensa e à instabilidade política²⁴. Tal como nos anos iniciais das Guerras Civas (1642 e 1643), as oscilações na esfera política provocaram um “vácuo” de censura, e não foi promulgada nenhuma lei sobre a regulação da imprensa e da circulação de textos. Em consequência, os tipógrafos e livreiros puderam produzir e vender seus impressos com menos restrições²⁵.

Ainda que a produção e a circulação de textos e debates político-religiosos tenham sido intensas nesse momento, Mayers aponta que a historiografia, muitas vezes, renegou o potencial das discussões de 1659. A retomada do republicanismo em 1659 foi comumente percebida como um pequeno episódio, sem grande importância, entre o fim do Protetorado e a Restauração de Carlos II. Em sua leitura, Mayers indica que, mais do que isso,

1659 viu uma instabilidade política sem precedentes - quatro regimes governaram no espaço de menos de nove meses. Os esquemas múltiplos para o futuro, e os argumentos intrincados entre seus proponentes podem facilmente mistificar o leitor moderno, e obscurecer o fato de que uma mudança substancial foi considerada possível por ambos os seus defensores e opositores. Os próprios eventos foram igualmente complexos, e mudaram com uma rapidez desconcertante: evidência abundante sugere que as fortunas do Parlamento por vezes oscilaram quase que diariamente. Dada a dificuldade indubitável de construir um quadro abrangente e coerente, não é de surpreender que os manuais tendam a passar apressadamente por este período ‘extraordinariamente complicado’, apesar da sua centralidade na história britânica²⁶.

²³ “The speed and size of the transformation impressed observers of all political persuasions”; “The Protector’s fall had unleashed intense excitement and creativity, that found expression, not only in the sudden host of ephemeral pamphlets which poured from the liberated presses, but in the reappearance of competing newsbooks, displayed and discussed in the numerous new coffee-shops, which were themselves becoming important centres of political culture”. Tradução livre. MAYERS, Ruth E. *Op. cit.*, 2004. p.1, 1-2.

²⁴ *Idem*, p.182-183.

²⁵ Cf. FIRTH, C.H.; RAIT, R.S. (eds.). *Acts and Ordinances of the Interregnum, 1642-1660*. London: His Majesty’s Stationery Office, 1911. MCKENZIE, D. F.; BELL, Maureen (eds.). *A Chronology and Calendar of Documents Relating to the London Book Trade, 1641-1700*. Vol. I: 1641-1670. Oxford: Oxford University Press, 2005.

²⁶ “1659 saw unprecedented political instability – four regimes ruled in the space of less than nine months. The multifarious schemes for the future, and the intricate arguments between their proponents can easily mystify the modern reader, and obscure the fact that substantial change was deemed possible by both its advocates and opponents. Events themselves were equally complex, and moved with bewildering rapidity: the abundant evidence suggests that Parliament’s fortunes sometimes fluctuated almost daily. Given the undoubted difficulty of constructing a comprehensive and coherent picture, it is hardly surprising that textbooks tend to pass hastily

Por não tomarem a complexidade desse período, algumas análises também desconsideraram a diversidade de textos emitidos. Mayers aponta que, normalmente, apenas o republicanismo clássico ou o radicalismo de alguns autores foi objeto de estudo, como o caso das obras de Harrington, e de algumas reflexões sobre o pensamento de sectários religiosos, tais como os pentamonalistas ou os Quakers²⁷. Ademais, parece-nos que pouco foi dito a respeito das publicações efêmeras de 1659, com exceção dos jornais, sobretudo do *Mercurius Politicus*, publicação republicana editada por Nedham. Ainda que muitos textos tenham sido objeto de minuciosa análise, como as obras de James Harrington, John Milton, Andrew Marvell e Marchamont Nedham²⁸, as petições e os panfletos políticos, normalmente anônimos e radicais, não foram estudados tão frequentemente²⁹. Igualmente, pouca atenção foi dada à especificidade da produção e da circulação de textos de 1659, isto é, às atividades editoriais, às condições e dinâmicas do mercado livreiro. O caso de personagens radicais como Livewell Chapman, que publicou uma quantidade impressionante de panfletos em 1659, indica a necessidade de pensar algumas das particularidades do comércio de textos desse contexto.

Cabe ressaltar que Chapman não foi o único livreiro a lançar tantos títulos em um mesmo ano. No gráfico 11 é possível observar que após alguns anos de certa estabilidade no número de textos publicados ao longo do Protetorado (mais visivelmente entre 1654 e 1658), o mercado livreiro tomou uma nova guinada em 1659, sendo preenchido, em especial, por textos efêmeros, como jornais, folhas noticiosas, panfletos, petições, cartas impressas e manifestos políticos.

over this ‘extraordinarily complicated’ period, despite its centrality in British history”. Tradução livre. MAYERS, Ruth E. *Op. cit.*, 2004. p.4-5.

²⁷ *Idem.*, p.183.

²⁸ Cf., por exemplo: WORDEN, Blair. *Op. cit.*, 2007. SCOTT, Jonathan. *Op. cit.*

²⁹ Sobre isso, ver PEACEY, Jason. *Op. cit.*, 2013. ZARET, David. “Petitions and the ‘Invention’ of Public Opinion in the English Revolution”. *American Journal of Sociology*, Vol. 101, No. 6, 1996, pp. 1497-1555. TAFT, Barbara. “The Humble Petition of Several Colonels of the Army”: Causes, Character, and Results of Military Opposition to Cromwell’s Protectorate”. *Huntington Library Quarterly*, Vol. 42, No. 1, 1978), pp. 15-41.

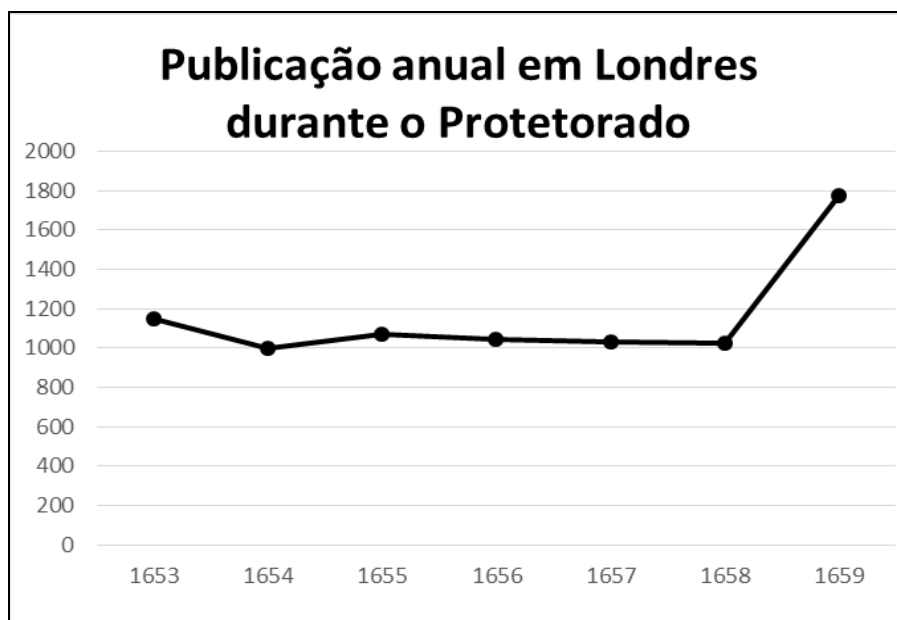


Gráfico 11: Publicações anuais realizadas em Londres, durante o período do Protetorado (1653-1659)³⁰.

No caso de Chapman, além de 1659 ter sido um ano de intensa atividade editorial, pudemos perceber por meio das datações de George Thomason, que a maioria de suas publicações se concentraram entre abril e junho, o que sugere que esse furor panfletário foi marcado, notoriamente, pelo momento em que o Protetorado entrou em colapso e o *Rump Parliament* foi retomado. No gráfico 12, apresentamos os meses de maior concentração de publicações realizadas por Chapman. Não pudemos precisar as datas de lançamento de todos os textos, visto que dos 59 títulos, somente 33 receberam anotações de Thomason no frontispício. Mesmo que nossos dados não correspondam ao total dos títulos, eles nos fornecem bases para pensar quais eventos mais suscitaram a atenção do livreiro da Crown, pois representam pouco mais da metade de todas as obras vendidas por Chapman no período. Se a maior recorrência dessas obras datadas se encontra entre abril e junho de 1659, é possível inferir que Chapman tenha participado amplamente das discussões que se intensificaram na medida em que o Protetorado ruía.

³⁰ Gráfico elaborado a partir dos dados levantados por John Barnard e Maureen Bell. BARNARD, John; MCKENZIE, D.F.; BELL, Maureen (eds.) *Op. cit.*, p. 783.

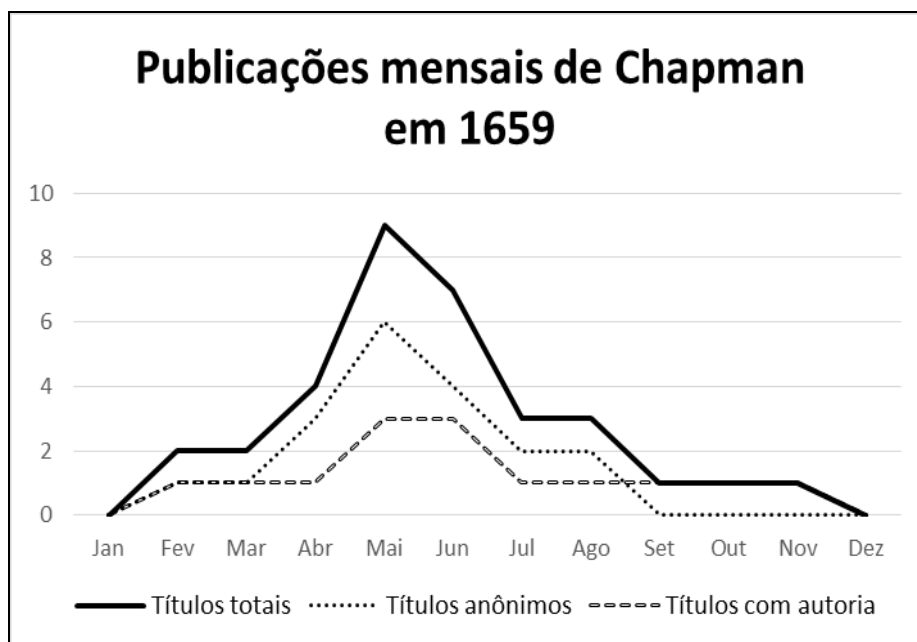


Gráfico 12: Dados aproximados acerca das publicações realizadas por Livewell Chapman ao longo de 1659.

É importante assinalar que a maioria desses textos publicados entre abril e junho era anônima. Como é possível ver no gráfico 12, nesse período, os títulos sem autoria ultrapassaram em muito aqueles que indicavam os seus respectivos escritores. Mesmo entre as obras não adquiridas e datadas por Thomason, os textos anônimos são maioria. Entre as 59 publicações de 1659, 34 não indicavam a autoria, ou seja, 57,62% de tudo o que foi lançado por Chapman nesse ano, circulou sem menção aos autores. Já dissemos no primeiro capítulo, que os textos anônimos não eram incomuns, sobretudo em Londres³¹. De acordo com James Raven, se em 1644, 77% dos títulos anônimos lançados na Bretanha, foram produzidos em Londres, esse número subiu para 84% em 1676 e 85% em 1688³². Mesmo tendo isso em vista, é de se espantar que Chapman tenha publicado tantas obras sem autoria em 1659, enquanto, antes disso – ainda que ele tivesse vendido textos anônimos em várias ocasiões –, a porcentagem média anual desses panfletos e livros era de cerca de 20%³³.

Como vimos no capítulo 1, o anonimato, e as motivações para a sua prática, podem variar de acordo com as circunstâncias da publicação³⁴, incluindo questões como: “(...) uma

³¹ MCKENZIE, D. F. *Op. cit.*, 2002. p.131.

³² RAVEN, James. *Op. cit.*, p.104.

³³ Entre 1651 e 1658, Chapman lançou 22 títulos sem autoria, o que representava a publicação média de cerca de dois ou três textos anônimos por ano.

³⁴ GRIFFIN, Robert J. *Op. cit.*, 1999. MULLAN, John. *Op. cit.* TUNSTALL, Kate E. “‘You’re Either Anonymous or You’re Not!’: Variations on Anonymity in Modern and Early Modern Culture”. *MLN*, Vol.126, Number 4, 2011. pp.671-688.

reticência aristocrática ou de gênero, auto anulação religiosa, ansiedade sobre a exposição pública, medo da repressão, esperança de uma recepção sem preconceitos, e o desejo de enganar”³⁵. Dentre esse leque de possibilidades, não podemos precisar quais dessas razões impulsionaram os autores da Crown a escrever cada um desses textos, mas podemos investigar de que maneira Chapman esteve envolvido com este comércio de panfletos anônimos.

Gérard Genette oferece algumas possibilidades para pensar essa questão. Ao trabalhar com o nome do autor enquanto um paratexto editorial, ele faz algumas considerações importantes sobre o caso dos livros anônimos. Genette alerta para o fato de que o anonimato poderia ser admitido como uma estratégia de vendagem. A partir do século XVIII, inclusive, é comum encontrar a fórmula “by the author of...” (“pelo autor de...”) para se referir a uma autoria tacitamente conhecida pelo público, mas que era preservada pelo escritor para instigar a curiosidade e o desejo de ler um livro produzido pelo mesmo escritor de outro título de prestígio. Mais do que isso, Genette ressalta que o próprio nome do autor costuma cumprir “(...) uma função contratual de importância muito variável conforme os gêneros: fraca ou nula na ficção, muito mais forte em todas as espécies de escritos referenciais, onde a credibilidade do testemunho, ou de sua transmissão, apoia-se amplamente na identidade da testemunha ou do relator”³⁶. Nesse sentido, a delimitação ou não de uma autoria implicaria na forma pela qual o texto abordaria o público e, por conseguinte, dependeria também das estratégias do editor. O editor é, por consequência, aquele que apresenta o autor, introduzindo-o, nomeando-o e atribuindo importância a seus escritos frente aos leitores³⁷.

Tendo isso em vista, quando o nome de um autor aparece na capa ou frontispício de um texto, o local da página reservado para esse paratexto indica o grau de importância da identificação do escritor para a estratégia comercial do editor. No caso de Chapman, não nos parece que a recorrência do anonimato, em 1659, fosse um artifício empregado exclusivamente para evitar a perseguição das autoridades, pois nesse momento, os sistemas de controle sofreram um abalo com as rápidas mudanças de governo³⁸. O recurso, no entanto,

³⁵ “(...) an aristocratic or a gendered reticence, religious self-effacement, anxiety over public exposure, fear of prosecution, hope of an unprejudiced reception, and the desire to deceive”. Tradução livre. GRIFFIN, Robert J. “Introduction”. In: GRIFFIN, Robert J. (ed.). *Op. cit.*, 2003. p.7.

³⁶ GENETTE, Gérard. *Op. cit.* p.42.

³⁷ *Idem*, p.44-47.

³⁸ Ainda que em menor quantidade, alguns livreiros e impressores continuaram a ser investigados e presos nesse contexto. Chapman, inclusive, teve um de seus textos, *The Christian commonwealth* de John Eliot, examinado pelas autoridades, mas não foi punido por isso. MCKENZIE, D. F.; BELL, Maureen (eds.). *Op. cit.*, p.414-424. CSPD, v.184, n.97. ELIOT, John. *Op. cit.*, 1659.

pode ter sido usado como uma forma de escapar de uma exposição pública no amplo debate que se desenvolvia. Com diversas polêmicas e discussões em curso na Inglaterra, talvez fosse socialmente indesejável para um autor que seu nome estivesse atrelado a uma obra controversa³⁹. Exemplo disso é perceptível em uma nota que antecede o pequeno panfleto político-religioso *Vox Dei*, impresso por John Clowes e publicado por Chapman em 1659, que dizia que “O autor (que deseja não ser conhecido publicamente, não obstante é bem conhecido do Lorde *Fleetwood*, e de vários outros oficiais do Exército) tem determinado 500. dessas folhas para serem entregues entre os Oficiais, reunidos em *Wallingford House*”⁴⁰. *Vox Dei* demandava que os oficiais do exército não agissem para seu próprio benefício, mas que seguissem a Providência. Somente assim, eles teriam verdadeiras recompensas. Negando vaidades e prestígios, essas autoridades poderiam servir plenamente ao divino, “(...) pela glória de Deus, ou pelo bem do seu povo em geral, ou para o benefício desta Commonwealth”⁴¹. Temendo uma reprimenda pelo conteúdo do texto, o autor publicizou suas ideias acerca da conduta do exército, sem se identificar.

Para além desse tipo de anonimato, é preciso lembrar que algumas dessas obras, em especial as petições, eram escritas por mais de uma pessoa, consequentemente, o recurso seria aplicado por conta da ação conjunta na produção do texto. Em outros casos, a autoria era dispensável por não ser importante para a venda ou para elucidação do conteúdo do texto, sobretudo no caso desses panfletos político-religiosos⁴². A mensagem em si poderia, algumas vezes, ser enobrecida pela ausência do autor, que, assim, demonstrava sua falta de vaidade, ao não utilizar os impressos para promover-se socialmente. Chapman publicou em 1659 quatro impressos que não identificavam os nomes dos escritores, mas que incluíam uma descrição sobre eles. *A pulbick plea* foi, assim, escrita por “Aquele que odeia tanto traição como traidores”; *A few proposals offered in humility and in the spirit of meekness, to the supreme authority, the Parliament of the Commonwealth of England* por um “Simpatizante da paz na

³⁹ GRIFFIN, Robert J. (ed.). *Op. cit.*, 2003. p.7-8.

⁴⁰ “The Author (who desires not to be publicky known, is notwithstanding well known to the Lord *Fleetwood*, and several other Officers of the Army) hath appointed 500. of these sheets to be given among the Officers, meeting at *Wallingford House*”. Tradução livre. *Vox Dei: The voice of God to the officers of the army. Wherein is shewed directly and positively, what is the undubitable way in which they ought now to walk: wherein if they do walk, it will assuredly go well with them, and the Lord of Hosts will be in the midst of them, and the God of Jacob will be their refuge. Being some precepts which the Lord set upon the heart of a poor creature to shew unto them; the which if they obey not, will be one witness for God against them, that he left them not without remembrancers; he having many other such witnesses in this nation, and in this city.* London: printed by J.C. for L. Chapman, 1659.

⁴¹ “(...) for the glory of God, or for the good of his people in general, or the benefit of this Commonwealth”. Tradução livre. *Vox Dei*..., 1659, p.3.

⁴² GRIFFIN, Robert J. (ed.). *Op. cit.*, 2003. p.11-12.

Inglaterra, e da prosperidade Gospel”; *A common-wealth or nothing* por um “Simpatizante da verdadeira segurança da liberdade Cristã e civil”; e *Chaos* por um “Simpatizante do bem público”⁴³.

A autoria, nesses casos, não era construída por meio da associação do texto a uma pessoa específica, mas dependia de atributos que confirmavam a honestidade das palavras impressas na obra. Por meio desses recursos, esses autores apelavam aos seus leitores que acreditassem em suas ideias, pois eram verdadeiras, modestas, voltadas para a liberdade, para o bem comum, para a religião e para o sucesso da *commonwealth*. Como ocorria com as tópicas da rusticidade, na qual os autores afirmavam seu desconhecimento sobre as coisas, para descrever como Deus iluminara suas ideias, os produtores desses panfletos retratavam-se como personagens altruístas que nada mais desejavam do que o bem da Inglaterra⁴⁴. A estratégia retórica, assim, funcionava não apenas para o convencimento dos leitores acerca das reflexões dos autores, como também contribuía para a venda do título. Se o nome do autor poderia ser importante para o comércio de determinadas obras, sua ausência podia, da mesma maneira, servir a esses propósitos⁴⁵. Vale lembrar que tudo o que se encontrava no frontispício de um texto (títulos, subtítulos, nomes dos autores, impressores, livreiros, emblemas, sinais e gravuras) servia para chamar a atenção do público. A inclusão dessas descrições autorais, que identificavam o escritor como um simpatizante de causas nobres, também poderia ser uma informação essencial para movimentar a venda do panfleto⁴⁶.

Por exemplo, ao se identificar como “Aquele que odeia tanto traição como traidores”, o autor de *A publick plea* garantia ao seu leitor que não era um enganador tal como aqueles

⁴³ One who hates both treason and traitors. *A publick plea, opposed to a private proposal, or, Eight necessary queries presented to the Parliament and Armies consideration, in this morning of freedom, after a short, but a sharp night of tyranny and oppression. By one who hates both treason and traitors.* London: printed for L. Chapman, at the Crown in Popes-Head-Alley, 1659. Well-wisher to England's peace, and the Gospels prosperity. *A few proposals offered in humility and in the spirit of meekness, to the supreme authority, the Parliament of the Commonwealth of England. Holding forth a medium or essay for the removing of tythes, and establishing a maintenance for a godly ministry in the nation... and now published by a well-wisher to England's peace, and the Gospel's prosperity.* London: printed for L. Chapman, at the Crown in Peoples-head-Alley, 1659. Well-wisher to the true security of both Christian and civil liberty. *A common-vvealth or nothing: or, Monarchy and oligarchy prov'd parallel in tyranny. In XII. queries, worthy the consideration of all publike spirits in this juncture. By a well-wisher to the true security of both Christian and civil liberty.* London: printed for Livewell Chapman, at the Crown in Popes-Head-Alley, 1659. A well-willer to the publike weale. *Chaos: or, A discourse wherein is presented to the view of the magistrate, and all others who shall peruse the same, a frame of government by way of a republique, wherein is little or no danger of miscarriage, if prudently attempted, and thoroughly prosecuted by authority... By a well-willer to the publike weale.* London: printed for Livewel Chapman, at the Crown in Popes-head Alley, 1659.

⁴⁴ Ver a tópica da rusticidade em MCDOWELL, Nicholas. *Op. cit.*

⁴⁵ Cf. GENETTE, Gérard. *Op. cit.*

⁴⁶ RAVEN, James. *Op. cit.*, p.55-56.

sobre os quaisalaria, mas alguém que buscava a justiça. No caso, os verdadeiros traidores eram as autoridades e os apoiadores do Protetorado. Produzido no furor gerado pela restauração do *Rump*, o escritor de *A publick plea* também identificava e saudava aqueles que lutavam contra os traidores, isto é, os MPs do *Rump*, que eram caracterizados como instrumentos de Deus, cujo trabalho poderia levar à prosperidade da Inglaterra, extirpando o poder arbitrário que se instalou com o Protetorado⁴⁷. O panfleto se opunha à tirania do governo cromwelliano, que havia se tornado hereditária, e que corrompia a *commonwealth*. Na medida em que criticava Cromwell e seu filho, *A publick plea* também buscava retomar a “good old cause” que derrubou a monarquia e que podia se fortificar agora, com a reorganização do Parlamento⁴⁸. A ânsia em derrubar qualquer vestígio monárquico ou indício do governo de uma única pessoa fazia com que o autor de *A publick plea* depositasse no *Rump* as esperanças de se retomar a república, na qual a liberdade e o bem comum estavam em foco.

Da mesma maneira, o autor de *Chaos*, que se intitulava um “Simpatizante do bem público”, se auto nomeava como um defensor da república. Aqui, a escolha tanto do título, como da sentença “Well-willer to the publike weale” usada pelo escritor e pelo editor, confluem para demonstrar as suas intenções em propor um governo ordenado, livre e voltado para o bem público⁴⁹. Embora um dos sentidos da palavra “caos” evoque justamente uma situação de desordem, vale lembrar que o termo, que vem do grego, tinha outra acepção fundamental proveniente da Antiguidade Clássica. No dicionário de Thomas Blount, a palavra foi definida como a “massa enorme imensa e disforme, a primeira porção rude e não digerida de elementos naturais; o chamado mundo, antes de ser formado, como em Ovídio”⁵⁰. O caos, neste sentido, mais do que uma mera desordem, era uma força criadora do qual tudo emergiu. Se a Inglaterra vivenciava um momento de confusão era igualmente possível, então, “(...) que um caminho para a República possa ser encontrado (...)”⁵¹. Para alcançar essa *commonwealth*, o autor sugeria algumas medidas, como a adoção de um Parlamento unicameral capaz de eleger um Conselho de Estado, bem como a organização de reformas econômicas, que

⁴⁷ WORDEN, Blair. *Op. cit.*, 2007. p.339.

⁴⁸ One who hates both treason and traitors. *A publick plea, opposed to a private proposal...*, 1659, p.1-3.

⁴⁹ A well-willer to the publike weale. *Chaos...*, 1659.

⁵⁰ “huge immense and formeless mass, the rude and undigested first heap of natural elements; the world so called, before it was formed, as in Ovid”. Tradução livre. BLOUNT, Thomas. *Glossographia: Or A Dictionary, Interpreting all such Hard Words, whether Hebrew, Greek, Latin, Italian, Spanish, French, Teutonic, Belgick, British or Saxon; as are now used in our refined English Tongue...* London: Humphrey Moseley and George Sawbridge, 1656. s.n.p. Disponível on-line em LEME: <<http://leme.library.utoronto.ca/lexicon/entry.cfm?ent=478-1559>>, acessado em 01/11/2015.

⁵¹ “(...) that a way may be found to a Republique (...)”. Tradução livre. A well-willer to the publike weale. *Chaos...*, 1659. s.n.p. “Preface”.

englobariam os impostos, as heranças e o comércio⁵². De fato, como indicado por Ruth Mayers, *Chaos* apresentava os estágios que deveriam ser seguidos para que a *commonwealth* fosse recriada, demonstrando que seu projeto poderia ser praticado⁵³.

Esses dois textos nos permitem observar, como sinaliza Joad Raymond, que entre os produtores e os vendedores de panfletos era muito comum o uso de pseudônimos e anonimatos para construir vozes e personalidades fictícias que serviam aos propósitos da disseminação dos textos. Caso exemplar disso se deu no século XVI, com a polêmica dos panfletos de Martin Marprelate. O nome “Martin Marprelate” foi utilizado por diversos autores radicais na década de 1580 para disseminar ataques contra o episcopado da Igreja Anglicana⁵⁴. Como Raymond observa,

a identidade de Marprelate – a criação de uma persona ficcional – foi determinada por circunstâncias imediatas: a natureza do conteúdo e as restrições da liberdade de expressão. Apesar disso, o anonimato e o pseudônimo eram integrais no modo com estes panfletos funcionavam e subsequentemente se tornaram centrais na cultura panfletária, mesmo quando tais pressões estavam ausentes⁵⁵.

Demonstrando a complexidade do anonimato na Inglaterra do Antigo Regime, Raymond indica ainda que o recurso tinha variadas utilidades. De acordo com o pesquisador, em alguns casos a autoria poderia até comprometer a autoridade do texto, ou então o anonimato era praticado pois o nome do escritor era totalmente dispensável, visto que certas obras podiam carregar sua própria autoridade⁵⁶. No caso dos panfletos controversos de Chapman, que se centravam em defender o retorno a um regime republicano, é possível ainda que o enaltecimento da mensagem acerca da proteção do bem comum fosse por si só importante, e não necessitasse da vinculação a um autor.

Outra possibilidade para entender a grande recorrência dos anonimatos nos textos vendidos por Chapman em 1659 pode ser o caráter efêmero dessas publicações. Por serem

⁵² SCOTT, Jonathan. *Op. cit.*, p.308.

⁵³ MAYERS, Ruth E. *Op. cit.*, 2004, p.224-225.

⁵⁴ RAYMOND, Joad. *Op. cit.*, 2004, especialmente o Chap. 2: “‘How loudly they cry’: Marprelate, purity and paper bullets”.

⁵⁵ “The identity of Marprelate – the creation of a fictional persona – was determined by immediate circumstances: the nature of the content and the restrictions of liberty of speaking. Nevertheless, anonymity and pseudonymity were integral to the way these pamphlets worked and would subsequently become central to pamphlet culture, even when such pressures were absent”. Tradução livre. RAYMOND, Joad. *Op. cit.*, 2004, p.41.

⁵⁶ *Idem*, p.64.

panfletos normalmente curtos, voltados para discutir tópicos específicos acerca da política inglesa, talvez não fosse necessário mencionar os autores responsáveis por esses escritos. De fato, a efemeridade dessas obras é uma característica essencial para compreender as atividades editoriais de Livewell Chapman nesse momento. A velocidade das questões colocadas para os debates em 1659 pode ter favorecido a predominância de publicações sem licença. Se Chapman já não costumava registrar seus títulos na Stationers' Company, isso se transformou na regra. Nenhuma das obras lançadas naquele ano teve registro no *Entry Book*. Diferentemente dos títulos que foram reeditados várias vezes, esses panfletos circulavam circunstancialmente, pensados para a ocasião, e, rapidamente, eram substituídos por novos textos que chegavam ao mercado livreiro, acompanhando a intensidade e a volatilidade da discussão do período.

Além da frequência dos textos sem autoria, da efemeridade dos panfletos e da ausência de licenciamento dos títulos, nesse período, as ações de Chapman também assumiram contornos diferentes do ponto de vista da dinâmica da produção e da difusão dos textos impressos. Suas relações com alguns impressores evidenciam aspectos de sua inserção no mercado de livros ao longo de 1659. Primeiramente, cabe apontar que, nesse momento, poucos tipógrafos foram identificados nos frontispícios dos títulos comercializados pelo livreiro. Apenas 18 dos textos publicados por ele indicavam o responsável por sua produção. 10 deles foram feitos por John Clowes, em sua oficina em Grubb Street, região londrina conhecida pelo comércio livreiro sedicioso que lá se instalou. Clowes apoiou o Parlamento e o exército nos anos 1640, e, posteriormente, no final da mesma década, ele publicou obras favoráveis ao governo⁵⁷. No entanto, como outros sectários político-religiosos, as similitudes entre o Protetorado e a monarquia tornaram-no mais crítico com relação às posições de Cromwell. Assim, a partir de meados da década de 1650, Clowes lançou com Chapman diversos textos oposicionistas, como alguns títulos de John Canne⁵⁸, William Aspinwall⁵⁹, Christopher Feake⁶⁰, John Rogers⁶¹ e de autores anônimos⁶².

⁵⁷ TUBB, Amos. *Op. cit.*, p.298.

⁵⁸ CANNE, John. *Truth vvith time: or, Certain reasons proving, that none of the seven last plagues, or vials, are yet poured out: neither will the time of their pouring out begin, till after the rising of the two witnesses, and the fourty two months of the beast's reign be expired...* London: printed by J. C. for Livewel Chapman, at the Crown in Popes-head-Alley, 1656. CANNE, John. *A seasonable word to the Parliament-men, to take with them when they go into the House: wherein is shewed, the first part of their present work, and what is expected from them, to satisfie their true and real friends...* London: printed by J.C. for L. Chapman, 1659.

⁵⁹ ASPINWALL, William. *The abrogation of the Jevvish Sabbath...*, 1657.

⁶⁰ FEAKE, Christopher. *Op. cit.*, 1659.

⁶¹ ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10. years ago. Or, A most dangerous designe, in mistating the good, by mistaking the bad old cause; clearly extricated and offered to the Parliament,*

Como visto no capítulo 3, Clowes já trabalhava com a Crown há alguns anos, sendo especialmente presente na livraria depois da morte do tipógrafo Matthew Simmons em 1654, que, antes, era o principal impressor dos textos de Benjamin Allen, Hannah Allen e Livewell Chapman. A partir de então, Clowes e um de seus parceiros editoriais na composição do jornal *Perfect Occurrences*, Robbert Ibbitson, sempre atuavam em conjunto com Chapman. A ligação com Clowes pode ter sido conveniente para que o livreiro produzisse tamanha quantidade de títulos em um mesmo ano, pois como sugerido por Henry Plomer, os trabalhos de Clowes costumavam ser de baixa qualidade⁶³, e possivelmente, menos custosos. Tendo isso em vista, talvez a preferência de Chapman pela oficina da Grubb Street representasse uma alternativa menos onerosa para a publicação de tantas obras de ocasião, as quais não prescindiam de muitos cuidados estéticos.

Ainda que menos frequentemente em 1659⁶⁴, Chapman também trabalhou com Ibbitson. O impressor já havia produzido diversos dos títulos pentamonarquistas de Chapman na década de 1650⁶⁵, assim como contribuíra para a difusão dessas obras, anunciando-as em seus dois jornais: *Severall Proceedings in Parliament* (1649-1655) e *Severall Proceedings of State Affaires* (1653-1655)⁶⁶. A partir de 1656, no entanto, os periódicos de Ibbitson saíram de circulação, possivelmente por conta das medidas censoras de Cromwell. Chapman, então, passou a anunciar suas obras no jornal republicano de Marchamont Nedham, *Mercurius Politicus*. Diferentemente das relações estabelecidas entre Ibbitson e Chapman, que atuaram juntos em momentos diversos, o livreiro da Crown só começou a trabalhar com Nedham em 1656. Talvez tenha sido a publicação de *Oceana* de James Harrington, feita por Chapman, que

the General Council of Officers, the good people's and army's immediate consideration. London: printed by J.C. for L. Chapman, 1659.

⁶² *Vox Dei...*, 1659. *Twelve plain proposals offered to the honest and faithful officers and souldiers of our English Army*. London: printed by J.C. for L. Chapman, 1659. *To his Excellencie the Lord Charls Fleetwood, and the rest of the officers of the Army*. London: printed by J.C. for Livewel Chapman, 1659.

⁶³ PLOMER, Henry Robert. *Op. cit.*, p.47.

⁶⁴ Apenas um título foi produzido por ambos nesse ano: JORDAN, Timothy. *A heavenly child, born and brought up with difficulty: or, Satan defeated by a safe-guarding Majesty. Displaying Jehovah's wonders, in making the creature nothing, that Christ may bee all...* London: printed by R.I. for L. Chapman, and are to bee sold at the Crown in Popes-head-alley, 1659.

⁶⁵ Ver, por exemplo: ASPINWALL, William. *An explication and application of the seventh chapter of Daniel...*, 1654. ASPINWALL, William. *The work of the age...*, 1655. TILLINGHAST, John. *Generation-vvork: the second part...*, 1654. TILLINGHAST, John. *Knovvledge of the times...*, 1654. TILLINGHAST, John. *Generation-work: or A brief and seasonable word, offered to the view and consideration of the saints and people of God in this generation...*, 1655. GREENHILL, William. *Sermons of Christ his last discovery of himself, of The spirit and bride...*, 1656.

⁶⁶ Cf. *Severall Proceedings in Parliament*, 114 (1651), p.1772. *Severall Proceedings in Parliament*, 125 (1652), p.1948. *Severall Proceedings in Parliament*, 134 (1652), p.2092. *Severall Proceedings of State Affaires*, 229 (1654), p.3642.

aproximou o livreiro do editor. No entanto, apenas a partir de 1659, Nedham parece ter se tornado um importante parceiro editorial de Chapman. O desenvolvimento dessa nova relação comercial propiciou a Chapman outros contatos com impressores e autores do meio republicano, como o poeta John Milton.

Em 1659, textos de alguns desses personagens apareceram entre os livros e panfletos vendidos pela Crown. Exemplo disso foi a publicação de *Considerations touching the likeliest means to remove hirelings out of the church*, escrito por Milton, e produzido na tipografia de Thomas Newcombe. Newcombe tinha uma casa de impressão em Thames Street, onde compôs diversos textos controversos, como *Outcry of the Young Men and Apprentices of London* do leveller John Lilburne, pelo qual acabou sendo preso em 1649. Na década de 1650, ele participou da publicação dos jornais republicanos *Mercurius Politicus* e *Public Intelligencer*⁶⁷. No mesmo período, Newcombe foi responsável pela impressão de pelo menos quatro panfletos de John Milton acerca do republicanismo, *Pro populo Anglicano defensio secunda*⁶⁸, *Pro se defensio contra Alexandrum Morum ecclesiasten*⁶⁹, *A treatise of civil power in ecclesiastical causes*⁷⁰ e *Considerations touching the likeliest means to remove hirelings out of the church*⁷¹.

No trabalho publicado por Newcombe e Chapman, Milton dizia ao Parlamento, que sua luta contra a tirania monárquica propiciou à Inglaterra uma liberdade nunca antes vivida e que, “(...) depois de uma curta mas escandalosa noite de interrupção [dessa situação], agora há um novo alvorecer da miraculosa providência de Deus entre nós (...)”⁷². No texto, lançado em agosto de 1659, Milton apontava que naquele momento de breve retorno a um governo parlamentar, havia uma possibilidade de proteger o bem comum e retomar as liberdades almejadas.

⁶⁷ PLOMER, Henry Robert. *Op. cit.*, p.136-137. GADD, I. ‘Newcombe, Thomas, the elder (1625x7–1681)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [http://www.oxforddnb.com/view/article/19987, accessed 29 June 2015].

⁶⁸ MILTON, John. *Joannis Miltoni Angli Pro populo Anglicano defensio secunda*. Londini: typis Neucomanianis [i.e. Thomas Newcomb], 1654.

⁶⁹ MILTON, John. *Joannis Miltoni Angli Pro se defensio contra Alexandrum Morum ecclesiasten, libelli famosi, cui titulus, Regii sanguinis clamor ad colum adversus parricidas Anglicanos, authorem rectè dictum*. Londini: typis Neucomanianis [i.e. Thomas Newcomb], 1655.

⁷⁰ MILTON, John. *A treatise of civil power in ecclesiastical causes*. London: prited by Tho. Newcomb, 1659.

⁷¹ MILTON, John. *Considerations touching the likeliest means to remove hirelings out of the church*. London: printed by T. N[ewcomb]. for L. Chapman at the Crown in Popes-head Alley, 1659.

⁷² “(...) after a short but scandalous night of interruption, is now again by a new dawning of Gods miraculous providence among us (...)”. Tradução livre. *Idem*, s.n.p.

Esse discurso pró-republicano de Milton foi difundido no jornal de Nedham. Por duas vezes o *Mercurius Politicus* publicizou o título, divulgando-o para seus leitores⁷³. Inclusive, na primeira vez em que foi anunciado no periódico, o texto foi apresentado junto com outra obra que discutia a *commonwealth: Diapoliteia* de autoria de John Rogers (ver figura 17)⁷⁴. Rogers, que anteriormente fazia parte do grupo dos pentamonarquistas, se afastou do movimento depois do atentado de Thomas Venner e parece ter, como Chapman, se aproximado das reflexões republicanas no final da década de 1650. No entanto, cabe ressaltar que nem Rogers, nem Chapman abandonaram o milenarismo. Ao contrário disso, ambos parecem ter preferido as perspectivas político-religiosas do republicanismo devoto de Henry Vane. As ideias de Vane associavam os preceitos teológicos ao pensamento republicano, afirmando a necessidade de acabar com as cisões ocorridas dentro do chamado “bom partido” para que uma *commonwealth* justa fosse firmada na Inglaterra. Segundo o autor, o estabelecimento do Protetorado provocou um desequilíbrio entre os membros desse partido, visto que apenas uma parcela dele ficou representada no poder, isto é, o exército. Era preciso unir novamente os adeptos da república, fossem eles pentamonarquistas, milenaristas, parlamentares, apoiadores do antigo *Rump* para reorganizar o governo⁷⁵. Rogers provavelmente concordava com Vane, considerando a necessidade de conciliar o pensamento milenarista e o republicano. Rogers, em 1659, se tornou um crítico dos Homens da Quinta Monarquia – considerando-os como um movimento cego, que tratava apenas sobre as questões teológicas –, simultaneamente, ele acusou os republicanos de se voltarem exclusivamente para os problemas políticos⁷⁶. Foi a partir desse posicionamento que o seu tratado *Diapoliteia*⁷⁷ foi escrito, advogando em favor de uma república teocrática ao mesmo tempo em que dialogava e debatia com três autores centrais nos embates a respeito da “good old cause”, William Prynne, James Harrington e Richard Baxter⁷⁸.

⁷³ *Mecurius Politicus*, 585 (1659), p.713. *Mercurius Politicus*, 591 (1659), p.809.

⁷⁴ *Mecurius Politicus*, 585 (1659), p.713.

⁷⁵ VANE, Henry. *A healing question propounded and resolved, upon occasion of the late publique and seasonable call to humiliation, in order to love and union amongst the honest party, and with desire to apply balsome to the wound before it become incurable. By Henry Vane, Knight*. London: printed for T. Brewster at the three Bibles at the west end of Pauls, 1656. MAYERS, Ruth E. “Real and Practicable, Not Imaginary and Notional: Sir Henry Vane, ‘A Healing Question’, and the Problems of the Protectorate”. *Albion: A Quarterly Journal Concerned with British Studies*, Vol. 28, No. 1, 1996, pp.37-72. SANTOS JUNIOR, Jaime Fernando dos. *Op. cit.*, p.17-23.

⁷⁶ MAYERS, Ruth E. *Op. cit.*, 2004. p.220-221.

⁷⁷ ROGERS, John. *Diapoliteia*, 1659.

⁷⁸ Sobre isso, ver SANTOS JUNIOR, Jaime Fernando dos. *Op. cit.*

O fato de Chapman ter publicado essas duas obras e tê-las anunciado no *Mercurius Politicus* em um mesmo momento é importante e merece uma análise mais detalhada. Os anúncios de *Diapoliteia. A Christian concertation with Mr. Prin, Mr. Baxter, Mr. Harrington, for the true cause of the Commonvvealth.* e de *Considerations touching the likeliest means to remove hirelings out of the church* (figura 17), feitos em setembro de 1659, encontram-se na seção de propaganda de livros publicados e impressos recentemente (“An Advertisement of Books newly Printed and Published”). Ambos os textos foram divulgados com uma fonte de tamanho maior na primeira linha do título (no caso de *Diapoliteia*, apenas o subtítulo da obra foi grafado), dando ênfase aos textos, mas apenas o panfleto de John Milton recebeu um sinal gráfico de destaque (uma mão apontando para o nome do texto). Essa diferença entre os dois anúncios pode indicar tanto a estratégia do livreiro Livewell Chapman em promover um texto que, supostamente, poderia ter uma vendagem maior, visto que Milton era um autor bastante conhecido no mercado livreiro e nos círculos republicanos; quanto uma escolha do editor do jornal, Marchamont Nedham. De acordo com Blair Worden, entre 1658 e 1660, Nedham publicizou muitos dos escritos de Milton porque seus preceitos políticos estavam alinhados em prol da “good old cause” e da abolição de poderes centralizados nas mãos de um único soberano⁷⁹.

⁷⁹ WORDEN, Blair. *Op. cit.*, 2007. p.347-348.

(713)

Temp: It raised on a sudden, that it overturned divers houses threw down Chimneys, dispersed and rare abundance of Boas, and the Arms of this Seigniorie which were in marble upon the Frontispiece of the Arcenal, were blown down, and whirled to a great distance off the place.

An Advertisement of Books newly Printed and Published.

Considerations touching the likeliest means to remove Hirelings out of the Church, wherein is also discours'd of Tithes, Church-fees, Church-Revenues, and whether any maintenance of Ministers can be settled by Law. The Author *J. M.*

A Christian Concertation with Mr. Pryne, Mr. Baxter, Mr. Harrington, for the true cause of the Commonwealth, being an Answer to Mr. Pryne's Anatomy of the Republick, and his true and perfect Narrative. To part of Mr. Baxter's Holy Commonwealth; with some Reflections on his Catholick Key: Also an Examen of the late Petition of the sixth of July, to this Parliament. By *John Rogers.*

Both sold by *Livewel Chapman* at the Crown in Popes-head Alley.

An Advertisement.

A Gray flea-bitten Nag, about thirteen handfull high, with many spots on his brest, was stein the first of this instant trotheth out of Mr. *Blithes* grounds, near *Southampton House*, on the backside of *Bloomsbury*. If any can give notice thereof to Mr. *Blithe* at his House in *Bloomsbury*, in *Ho'bourn*, or to Mr. *Smiths* at the Dog and Ball in *Fleetstreet*, shall have thirty shillings for their reward.

Another from Lubeck, August 20:

The Imperial forces took lately the Sconce by *Grieffenhagen*, upon agreement, the Garrison in it was conducted to *Stettin*, by this means the passage to *Fore Pomerania* is opened, and may safely be passed. The Gros of their Army stands before *Dam*, behind the Hills, being advanced to the *Dyvenawer-Sconce*, which they took without opposition; by this means they are Masters also of the Ferry to *Wollin*; they are now raising a Sconce on the *Oder*, hard by *Swanveniz*, at which place the River is narrow, whereby they can have communication from Sea with *Stettin*.

Prince *Adolph Generalissimo*, and Count *Wurtz General Lieutenant*, have crossed the Sea and arrived at *Wolgast*;

The

Figura 17: Reprodução da página de anúncios do *Mercurius Politicus*, nº. 585, de setembro de 1659⁸⁰.

A propaganda desses dois títulos em uma mesma edição do *Mercurius Politicus* ressaltava, assim, não apenas as escolhas editoriais que visavam a ampliação do lucro comercial com ambos os títulos. Mais do que isso, o interesse de Nedham e Chapman em promover o *Considerations* e o *Diapoliteia* também demonstra o posicionamento do editor e do livreiro dentro dos intensos debates políticos da época. Neste sentido, era fundamental

⁸⁰ *Mercurius Politicus*, 585 (1659), p.713.

aumentar a visibilidade sobre as obras, e fazer com que elas circulassem para difundir as ideias republicanas partilhadas por Chapman, Nedham, Milton e Rogers. As propagandas, assim, eram empregadas como um recurso para amplificar o republicanismo desses personagens, buscando atingir mais leitores e aumentar o apoio à sua causa.

No mês seguinte, *Considerations touching the likeliest means to remove hirelings out of the church* foi novamente anunciado no *Mercurius Politicus*⁸¹. *Diapoliteia* não recebeu uma nova propaganda, talvez por conta da rapidez com a qual seu debate com Prynne, Harrington e Baxter ocorria. Em um curto intervalo de tempo, diversas questões e críticas foram endereçadas a Rogers por seus opositores. *Diapoliteia* foi refutada por Harrington, em *A parallel of the spirit of the people, with the spirit of Mr. Rogers*, e por Prynne em, *A brief necessary vindication of the old and new secluded members*, pouco depois de sua publicação. Rogers, por sua vez, não se calou, mas publicou novamente para discutir a réplica de Harrington, em *M. Harrington's Parallel unparallel'd*⁸².

Esse tipo de disputa ou polêmica impressa era recorrente na Inglaterra do Antigo Regime, sobretudo no contexto revolucionário, e desempenhava um importante papel na medida em que materializava os conflitos políticos e religiosos em textos impressos e amplamente difundidos. Jesse Lander chama atenção para a polêmica, sinalizando para a importância de pensar tanto seus significados como suas práticas. De acordo com o autor, se por um lado, na Idade Moderna, a palavra “polêmica” significava “batalha”, indicando uma relação conflituosa, ao invés de um diálogo ou uma negociação; por outro, podia ser entendida não apenas como uma tentativa de destruir um inimigo no debate, mas de polarizar a audiência e convencê-la sobre uma determinada verdade. Por essa razão, as polêmicas

⁸¹ *Mercurius Politicus*, 591 (1659), p.809.

⁸² HARRINGTON, James. *A parallel of the spirit of the people, with the spirit of Mr. Rogers. And an appeal thereupon unto the reader, whether the spirit of the people, or the spirit of men like Mr. Rogers, be the fitter to be trusted with the government. By James Harrington.* London: printed by J.C. for Henry Fletcher, at the signe of the three Gilt Cups in St. Pauls Church-yard, [1659]. PRYNNE, William. *A brief necessary vindication of the old and new secluded Members, from the false malicious calumnies; and of the fundamental rights, liberties, privileges, government, interest of the freemen, parliaments, people of England, from the late avowed subversions 1. Of John Rogers, in his un-christian concertation with Mr. Prynne, and others. 2. Of M: Nedham, in his Interest will not lie. Wherein the true good old cause is asserted, the false routed; ... By William Prynne of Swainswick Esq; a bencher of Lincolns-Inne.* London: printed, and are to be sold by Edward Thomas at the Adam and Eve in Little Britain, 1659. ROGERS, John. *M. Harrington's Parallel unparallel'd: or, A demonstration upon it, and the parable opened. Wherein it appears, neither the spirit of the people, nor the spirit of men like Mr. R. but the spirit of God, of Christ, of his people in the Parliament, and adherents to the cause is the fittest for the government of the Commonwealth, Zach. 4. 6.* [London: s.n., 1659]. SANTOS JUNIOR, Jaime Fernando dos. *Op. cit.*, p.49-50.

usaram a imprensa tão largamente, pois assim eram capazes de atingir mais leitores do que se circulassem por meio dos manuscritos⁸³.

O caso dos debates a respeito de *Diapoliteia* é apenas um dos exemplos dessas polêmicas ocorridas entre as disputas políticas de 1659. Livewell Chapman publicou algumas delas, colocando-se nesse debate. Como lembra Lander, no entanto, os interesses dos livreiros, tipógrafos, autores e demais personagens envolvidos na produção desses textos impressos nem sempre coincidiam. Os agentes do livro precisavam considerar, para além do debate, o mercado dessas polêmicas. Ainda que efêmeras, essas obras demandavam o emprego de certo capital para a sua composição. Para não perder o investimento, esses personagens precisavam atingir o mercado de uma maneira efetiva⁸⁴, por vezes fazendo propagandas sobre esses textos, como Chapman fez nessas ocasiões.

Considerando essas ideias acerca das polêmicas, cabe, nesse momento, voltar a atenção para alguns desses textos controversos e de disputa produzidos pela Crown, compreendendo ao mesmo tempo as implicações comerciais e editoriais das atitudes de Livewell Chapman, e os debates político-religiosos nos quais o livreiro estava envolvido por meio de seus impressos.

4.2.2. *Controvérsias, polêmicas e discussões impressas na disputa pela “good old cause”*

Em 1659, grande parte dos debates nos quais Livewell Chapman estava envolvido girava em torno dos embates entre regalistas e republicanos. Ao passo em que Chapman e outros autores, livreiros e impressores produziam propaganda pró-*commonwealth*; outros personagens, que consideravam a monarquia como a melhor saída para a situação inglesa, também se pronunciavam. Um dos mais fervorosos defensores da reconfiguração de um governo monarquista era o advogado William Prynne⁸⁵. Prynne era uma figura controversa, que já se desentendera com as autoridades diversas vezes, sendo preso, condenado e marcado a ferro por sedição ainda no reinado de Carlos I. Posteriormente, contudo, o autor defendeu

⁸³ LANDER, Jesse M. *Inventing Polemic: religion, print and literary culture in Early Modern England*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p.11-12, 15, 31.

⁸⁴ *Idem.*, p.5.

⁸⁵ Sobre as polêmicas entre os republicanos e os monarquistas em 1659, ver MAYERS, Ruth E. *Op. cit.*, 2004, especialmente o capítulo 1. SANTOR JUNIOR, Jaime Fernando dos. *Op. cit.*, especialmente os capítulos 1 e 2.

fortemente o regime monárquico e criticou o republicanismo durante a Revolução Inglesa⁸⁶. Em abril de 1659, Prynne publicou *The good old cause rightly stated, and false un-case*⁸⁷ para defender uma “good old cause” muito diferente daquela argumentada por Christopher Feake e outros sectários religiosos. Para Prynne, o conceito estava atrelado ao rei. Não demorou muito para que John Rogers lançasse, juntamente com Chapman, um panfleto em resposta, criticando as tentativas de Prynne de colocar os republicanos em descrédito⁸⁸. Com a volta do Parlamento em maio de 1659, Prynne apontou os malefícios causados pelos republicanos desde a morte de Carlos I, e acusou a *commonwealth* de estar associada ao papismo. Ainda no mesmo mês, ele voltou a defender a monarquia em *A true and Perfect Narrative*, propondo sua restauração⁸⁹.

Os embates de Prynne contra as ideias e os autores republicanos eram extensos e o monarquista se utilizou inúmeras vezes da imprensa para expor suas perspectivas políticas. “Prynne foi um dos mais prolíficos escritores de qualquer época, e também um dos mais destrutivos. (...) Suas páginas de rosto são inconfundíveis, as palavras rolando abaixo para a margem como se fossem carregadas pela força de sua própria violência”⁹⁰. Tamanha força fazia com que os regalistas se sentissem satisfeitos por terem ao seu lado a “(...) pena infatigável de Prynne; [enquanto os] republicanos, dentro e fora do Parlamento clamavam ansiosamente pela reimposição de censura”⁹¹.

Trechos das ideias de Prynne também foram frequentemente citados pelos seus opositores. Como ressaltado por Ruth Mayers, era comum que jornais republicanos publicassem, por exemplo, alguns debates entre Prynne e Harrington para refutar as ideias do monarquista. Ao mesmo tempo, isso era feito por razões comerciais, visto que essas polêmicas chamavam a atenção dos leitores e vendiam bem no mercado de textos. No entanto,

⁸⁶ LAMONT, William. ‘Prynne, William (1600–1669)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, May 2011 [http://www.oxforddnb.com/view/article/22854, accessed 6 July 2015]

⁸⁷ PRYNNE, William. *The good old cause rightly stated, and the false un-cased...* [London: s.n., 1659].

⁸⁸ ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10 years ago, or, A most dangerous designe in mistating the good by mistaking the bad old cause clearly extricated and offered to the Parliament, the General Council of Officer's, the good people's and army's immediate consideration*. London: Printed by J.C. for L. Chapman, 1659.

⁸⁹ PRYNNE, William. *A true and perfect narrative of what was acted, spoken by Mr. Prynne, other formerly and freshly secluded members, the army-officers, and some now sitting in the lobby, house, elsewhere, the 7th. and 9th. of May last ... by William Prynne, Esq. ...*, London : Printed for Edw. Thomas ..., 1659.

⁹⁰ “Prynne was one of the most prolific writers of any age, and also one of the most destructive. (...) His title-pages are unmistakable, the words bowling down to the bottom as though carried by the force of their own invective”. Tradução livre. HUTTON, Ronald. *The Restoration: a political and religious history of England and Wales 1658-1667*. Oxford: Oxford University Press, 2001. p.43.

⁹¹ “(...) Prynne's indefatigable pen; republicans inside and outside Parliament anxiously called for the reimposition of strict censorship”. Tradução livre. MAYERS, Ruth E. *Op. cit.*, p.11.

“citar Prynne era comercialmente lucrativo, mas politicamente perigoso”⁹². Ao publicizar os argumentos de Prynne na segunda metade dos anos 1650, os periódicos arriscavam-se tanto a ser um alvo da censura parlamentar, quanto a expor seu público republicano às ideias controversas de seu oponente⁹³. Para evitar que as propostas de Prynne fossem confundidas com as críticas dos periódicos e autores republicanos, era importante que esses impressos usassem alguns recursos tipográficos para distinguir os argumentos dos autores em disputa⁹⁴. De acordo com Lander, já que a polêmica dependia de citações literais dos autores combatidos, era preciso sinalizar as diferentes vozes dispostas no texto por meio do uso de diferentes fontes, itálicos e negritos⁹⁵.

No trecho abaixo podemos notar um exemplo da aplicação desses recursos na crítica de John Rogers à definição de *commonwealth* de William Prynne, que julgava o governo republicano como uma ameaça:

I. His first designe, is to insinuate to the world, that our English Commonwealth-Government, is but a Conspiracy hatched and egged by the Jesuites and Romish Gibeonites; to use his own words in several places in that one Pamphlet, as p. 1. This policy has for many years past been pursued by Jesuites and other Gibeonites of Rome ——— Whether this be not the present stratagem of some Instruments or Fraternity, under the disguise of their maintaining the Good Old Cause (which in the margin he banks up with these words: If they mean by this Good Old Cause their new Commonwealth, it was begotten but in March, 1648.) No Rati-

Figura 18: Trecho de *Mr. Pryn's good old cause*, no qual John Rogers cita literalmente um trecho das ideias de William Prynne⁹⁶.

Rogers iniciou o parágrafo apontando que Prynne desejava convencer as pessoas de que a *commonwealth* era uma conspiração papista. Rogers citou, então, as palavras do advogado monarquista, que dizia que “Esta política tem por muitos anos sido buscada pelos Jesuítas e

⁹² “Quoting Prynne was commercially profitable, but politically dangerous”. Tradução livre. MAYERS, Ruth E. *Op. cit.*, 2004. p.196.

⁹³ *Idem*, p.195-197.

⁹⁴ RAYMOND, Joad. *Op. cit.*, 2004. p.210-214.

⁹⁵ LANDER, Jesse M. *Op. cit.*, p.30.

⁹⁶ ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10. years ago...*, 1659. p.2.

outros Gibeonitas de Roma”⁹⁷. A citação de Prynne foi inserida no texto em itálico, antecedida pelo número da página na qual o trecho original poderia ser encontrado, para comprovar o que o regalista pensava sobre a *commonwealth*, deferenciando sua declaração do restante dos argumentos de John Rogers em defesa do republicanismo. Como indicado por Roger Chartier, as pontuações, os sinais gráficos, as ênfases (maiúsculas, itálicos, etc) eram estabelecidos pelos revisores, compositores, tipógrafos e editores⁹⁸. Em seu manual de impressão, Joseph Moxon aconselhava o uso desses recursos para tornar o texto mais inteligível ao público leitor. Os agentes do livro deviam, então saber “Como fazer o seu *Recuo, Pontuação, Separação, Itálico, &c.* para melhor simpatizar com o Gênio do *Autor*, e também com a capacidade do Leitor”⁹⁹. Tendo isso em vista, a edição do texto, feita por John Clowes e Livewell Chapman, priorizou o uso de itálicos, mas também de negritos e fontes góticas em outras passagens, de modo a orientar o debate visualmente, para que o leitor não se confundisse com as ideias expressas por Prynne e Rogers.

Outra estratégia de crítica se dava por meio das sátiras. William Prynne costumava ser um dos principais alvos do poeta Samuel Butler¹⁰⁰. Por essa razão, posteriormente, atribuíram a Butler a autoria de um texto publicado em nome de Prynne, não reconhecido pelo polêmico monarquista. A obra, intitulada *Mola Asinaria: Or, The Unreasonable and Unsupportable Burthen now press'd upon the shoulders of this groaning Nation* foi lançada em 31 de maio de 1659 sem a autorização de Prynne¹⁰¹. No dia anterior, já havia sido emitido também o

⁹⁷ “*This policy has for many years past been pursued by Jesuites and other Gibeonites of Rome (...)*”. Tradução livre. Grifo do autor. ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10. years ago...*, 1659. p.2.

⁹⁸ CHARTIER, Roger. *Op. cit.*, 2014. Cap.6: “Pausas e tônicas”.

⁹⁹ “As how to make his *Indenting, Pointing, Breaking, Italicking, &c.* the better sympathize with the *Authors Genius*, and also with the capacity of the Reader”. Tradução livre. MOXON, Joseph. *Mechanick exercises: or, the doctrine of handy-works. Applied to the art of printing. The second volumne [sic]. By Joseph Moxon, member of the Royal Society, and hydrographer to the King's most excellent majesty*. London: printed for Joseph Moxon on the west-side of Fleet-ditch, at the sign of Atlas, 1683. p.220.

¹⁰⁰ BUTLER, Samuel; LAMAR, René (ed.). *Satires and miscellaneous poetry and prose*. Cambridge: Cambridge University Press, 1928. p.499.

¹⁰¹ PRYNNE, William. *Mola asinaria: or, The unreasonable and insupportable burthen now press'd upon the shoulders of this groaning nation: by the headless head, and unruly rulers, that usurp upon the liberties and priviledges of the oppressed people. Held forth in a remonstrance to all those that have yet sound and impartial ears to hear, and duly weighed in the scales of equity and justice. By William Prynne, bencher of Lincolns-Inne. Wherein is demonstrated, what slavery the nation must subject it self to, by allowing the lawfulness and usurped authority of the pretended Long Parliament now unlawfully and violently held at Westminster*. Printed at London: in the year MDCLVIX. [i.e. 1659].

panfleto *A Sheet, Or if you will, a Winding Sheet for the good Old Cause* sob o nome de Prynne, sem que ele o tivesse escrito¹⁰².

Ainda que Quehen e Mayers trabalhem com a hipótese de que o panfleto *Mola Asinaria* realmente tenha sido escrito por Prynne¹⁰³, não faz parte do nosso objetivo discorrer sobre a autoria desses dois textos. O que nos importa, na verdade, é pensar as questões que esse caso pode suscitar em torno do mercado livreiro. Nesse sentido, o mais interessante sobre o caso dessas publicações é o fato de Prynne ter acusado Chapman de ter feito as falsificações. Nenhum dos *imprints* leva o nome do livreiro, como pode ser visto na figura 19, mas Prynne relata, em um panfleto escrito para denunciar Chapman, que ele recebeu informações que apontavam o livreiro da Crown como o responsável pelas fraudes¹⁰⁴.

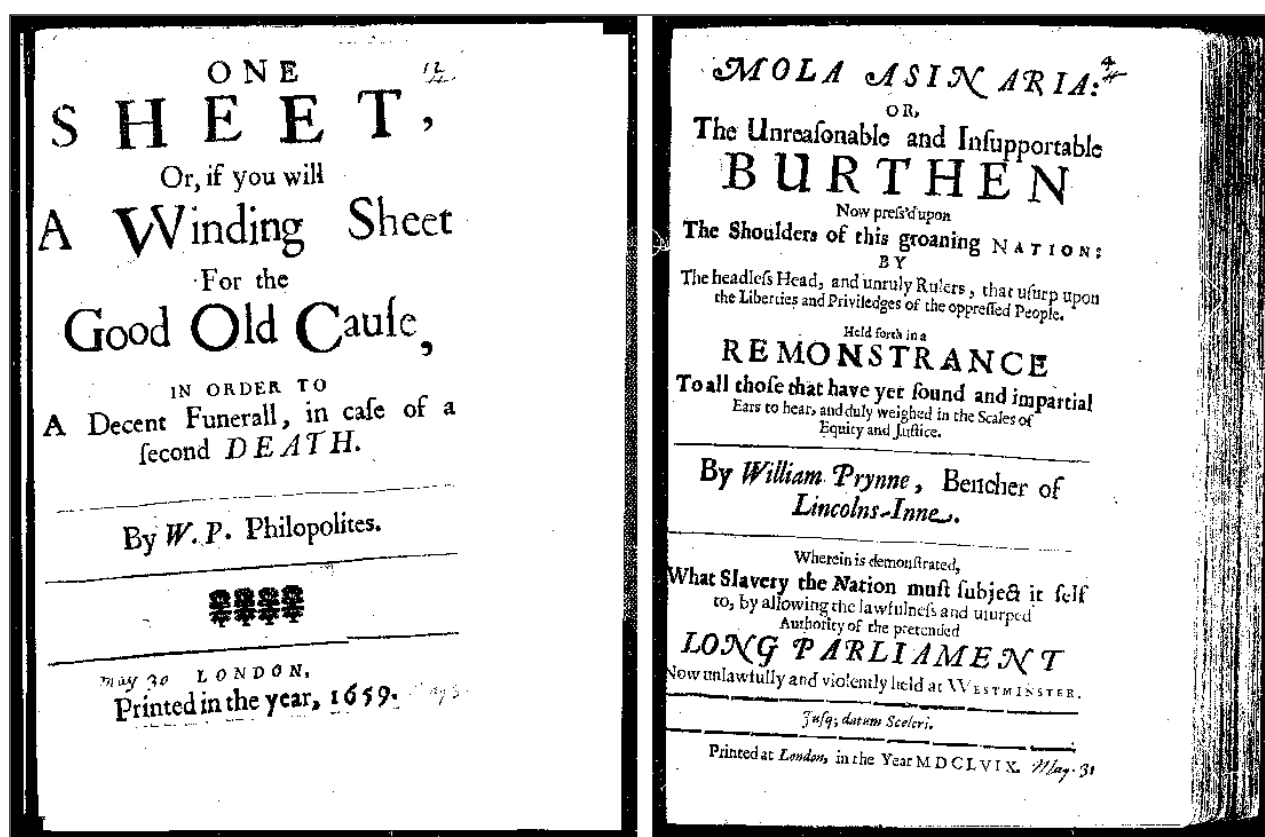


Figura 19: Frontispícios de *One Sheet* e *Mola Asinaria*¹⁰⁵.

¹⁰² P., W. *One sheet, or, if you will a winding sheet for the good old cause, in order to a decent funerall, in case of a second death.* By W.P. Philopolites. London: printed in the year, 1659.

¹⁰³ QUEHEN, A. H. de. "An Account of Works Attributed to Samuel Butler". *The Review of English Studies*, Vol. 33, No. 131, 1982). pp. 262-277. p.275. MAYERS, Ruth E. *Op. cit.*, p.197.

¹⁰⁴ PRYNNE, William. *The new cheaters forgeries, detected, disclaimed; by Will. Prynne Esq; a benchet of Lincolns Inne.* LONDON: Printed for Edward Thomas at the Adam and Eve in Little Brittain, 1659. *Mercurius Democritus*, 5 (1659), p.36.

¹⁰⁵ P., W. *One sheet...* PRYNNE, William. *Mola asinaria...*

One Sheet e *Mola Asinaria* são textos assumidamente monarquistas. Os dois são semelhantes em seu formato: tratam-se de dois panfletos simples, de oito folhas, impressos *in quarto*. Há algumas diferenças na impressão de ambos os textos – como o fato de os frontispícios estarem estruturados de maneira diferente (no que diz respeito ao uso dos itálicos e das caixas altas, e à distribuição dos elementos na mancha da página) e os tipos utilizados não parecerem ser os mesmos. Essa dissemelhança não significa, necessariamente, que os textos foram impressos em oficinas diversas. Para além dessa possibilidade, é preciso lembrar da autonomia dos compositores no momento da produção dos moldes. O manual do impressor Joseph Moxon dizia que a tipografia era o que tornava o sentido do texto mais claro do que o autor poderia fazê-lo¹⁰⁶. Nesse sentido, a estruturação das páginas, dos frontispícios, o tamanho das letras e os diferentes tipos de fontes eram escolhidos de maneira a captar a atenção do leitor¹⁰⁷. *Mola Asinaria* era um tratado político, ainda que breve, com um título em latim, já *One Sheet: Or, if you will A Winding Sheet For the Good Old Cause*, inclusive por seu título e subtítulo simples, que podem ser traduzidos como “Uma Folha: Ou, se desejais Uma Folha Volante Pela Boa e Velha Causa” a respeito da “good old cause”, era um texto mais panfletário de disputa política. Tendo em vista a diferença dos sentidos e gêneros dos textos, é muito provável que a escolha da composição do frontispício de *Mola Asinaria* fosse mais detalhada, contendo subtítulos e breves explicações, para orientar a leitura de um público que, talvez, não compreendesse a ideia do texto com um título mais breve. Já *One Sheet* dispensava maiores apresentações, pelo apelo impactante que lançava ao leitor interessado em acompanhar os debates políticos¹⁰⁸.

A comparação dos dois frontispícios nos dá mais um indício importante: é bastante provável que os textos, de fato, sejam falsos, sobretudo porque não tem qualquer semelhança com os trabalhos produzidos pelo principal *publisher* a que Prynne recorria em 1659, Edward Thomas. Dez dos 35 panfletos¹⁰⁹ de Prynne lançados em 1659 foram publicados pelo livreiro, que tinha um negócio sob o signo de Adão e Eva em Little Britain¹¹⁰. A figura 20 apresenta

¹⁰⁶ MOXON, Joseph. *Op. cit.*

¹⁰⁷ JOHNS, Adrian. *Op. cit.*, 1998. p.88

¹⁰⁸ McKenzie e Chartier abordaram longamente as formas pelas quais a materialidade dos impressos pode direcionar a leitura do público. Por conta disso, os editores sempre levavam em conta o tipo de leitor que consumiria o texto, para produzir o impresso. Sobre isso, ver, por exemplo: MCKENZIE, D. F. *Op. cit.*, 2004. CHARTIER, Roger. *A História Cultural*, 2002. Cap. IV: “Textos, Impressos e Leituras”. CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*, 2002. Cap. XI: “Bibliografia e história cultural”.

¹⁰⁹ Conforme os títulos levantados no ESTC, contando primeiras edições e reimpressões.

¹¹⁰ Thomas tinha uma livraria em Green Arbour Court até 1657, depois desse momento se instalou em Little Britain, onde continuou a atuar até 1682. PLOMER, Henry Robert. *Op. cit.*, p.176.

alguns dos frontispícios dos títulos produzidos por Thomas. É possível notar que, comumente, os textos de Prynne eram mais detalhados, com margens decoradas, os títulos, subtítulos e explicações ocupavam quase que totalmente a área da folha, e o próprio nome do autor era alocado de maneira diversa das falsificações.

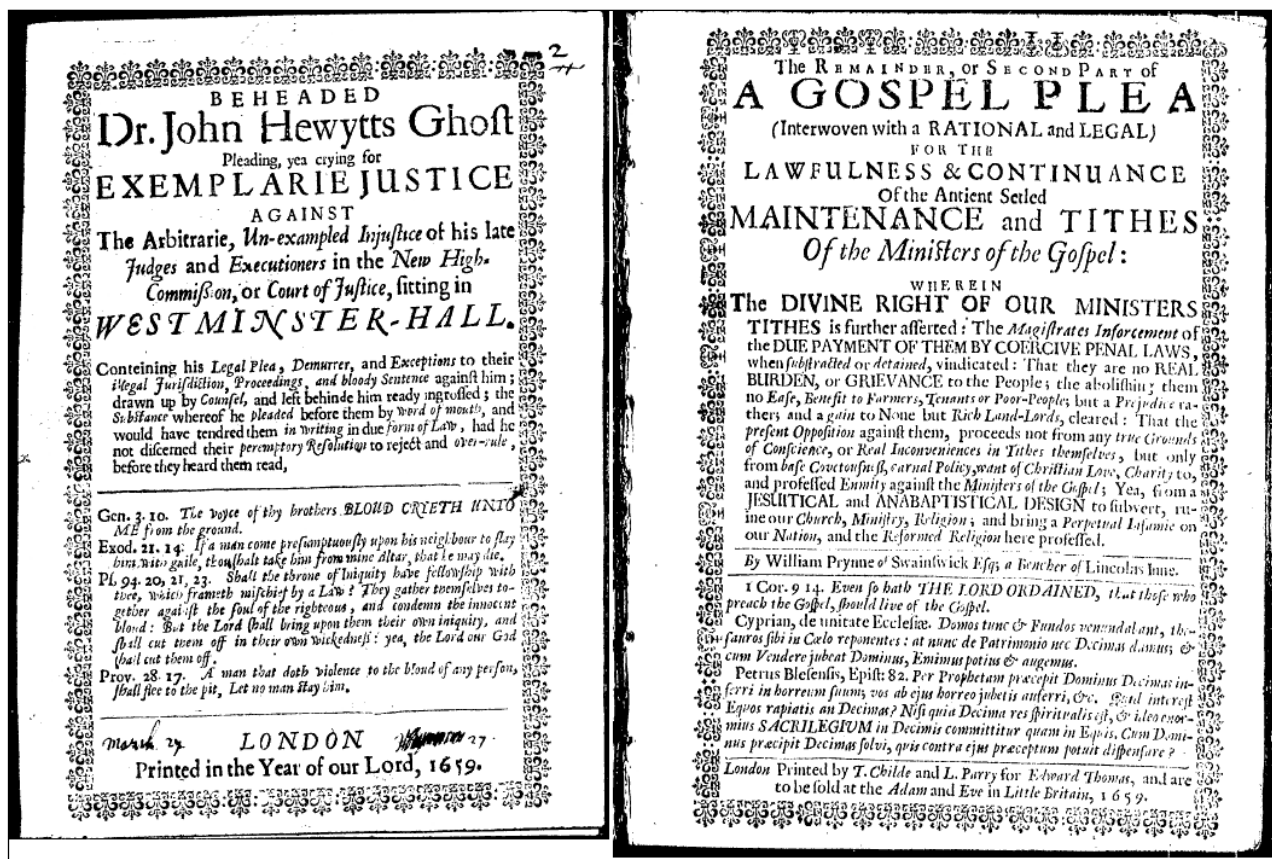


Figura 20: Comparação de dois frontispícios de William Prynne, publicados por Edward Thomas¹¹¹.

Como já mencionado anteriormente, o nome do autor é um paratexto editorial fundamental, e o seu lugar na capa de um livro é um aspecto a ser analisado¹¹². Nos panfletos fraudulentos, as iniciais “W. P.” e o nome “William Prynne” aparecem com muito mais destaque do que nos dois exemplos de títulos produzidos por Thomas. Se o nome do autor recebia tamanha proeminência no frontispício, provavelmente os textos desse escritor faziam

¹¹¹ PRYNNE, William. *Beheaded Dr. John Hewytts ghost pleading, yea crying for exemplarie justice against the arbitrary, un-exampled injustice of his late judges and executioners in the new High-Commission, or Court of Justice, sitting in Westminster-Hall....* London: [Edward Thomas], 1659. PRYNNE, William. *The remainder, or Second part of a gospel plea (interwoven with a rational and legal) for the lawfulness & continuance of the antient setled maintenance and tithes of the Ministers of the Gospel....* London: printed by T. Childe and L. Parry for Edward Thomas, and are to be sold at the Adam and Eve in Little Britain, 1659.

¹¹² GENETTE, Gérard. *Op. cit.*

algum sucesso entre o público leitor, nesse sentido, colocá-lo em destaque implicava em assumir que o título venderia muitas cópias por conta de sua autoria. O uso dessa estratégia nos textos falsamente atribuídos a Prynne ressalta que havia a intenção de fazer com que eles vendessem e circulassem amplamente justamente por se utilizarem do nome do advogado monarquista.

Isso, no entanto, não nos responde se as pretensas falsificações foram encomendadas ou não por Livewell Chapman. Para pensar essa questão é importante voltar a atenção para os panfletos vendidos pelo livreiro em 1659. Ao cotejar esses textos, comparando-os com as obras supostamente fraudulentas (figura 19), é possível estabelecer algumas semelhanças. Tal como nos impressos feitos por John Clowes e Livewell Chapman (ver figura 21), *Mola Asinaria* e *One Sheet* tinham composições bastante simples: não eram adornados por molduras ou gravuras, nem possuíam longas explicações sobre o título. Esse padrão, por sua vez, é bastante diverso daquele encontrado nos impressos com frontispícios tão detalhados como os de Edward Thomas (ver figura 20). *Mola Asinaria* e *One Sheet* também tem fontes muito similares às dos panfletos de Clowes e Chapman, com um uso semelhante de caixas altas e itálicos.

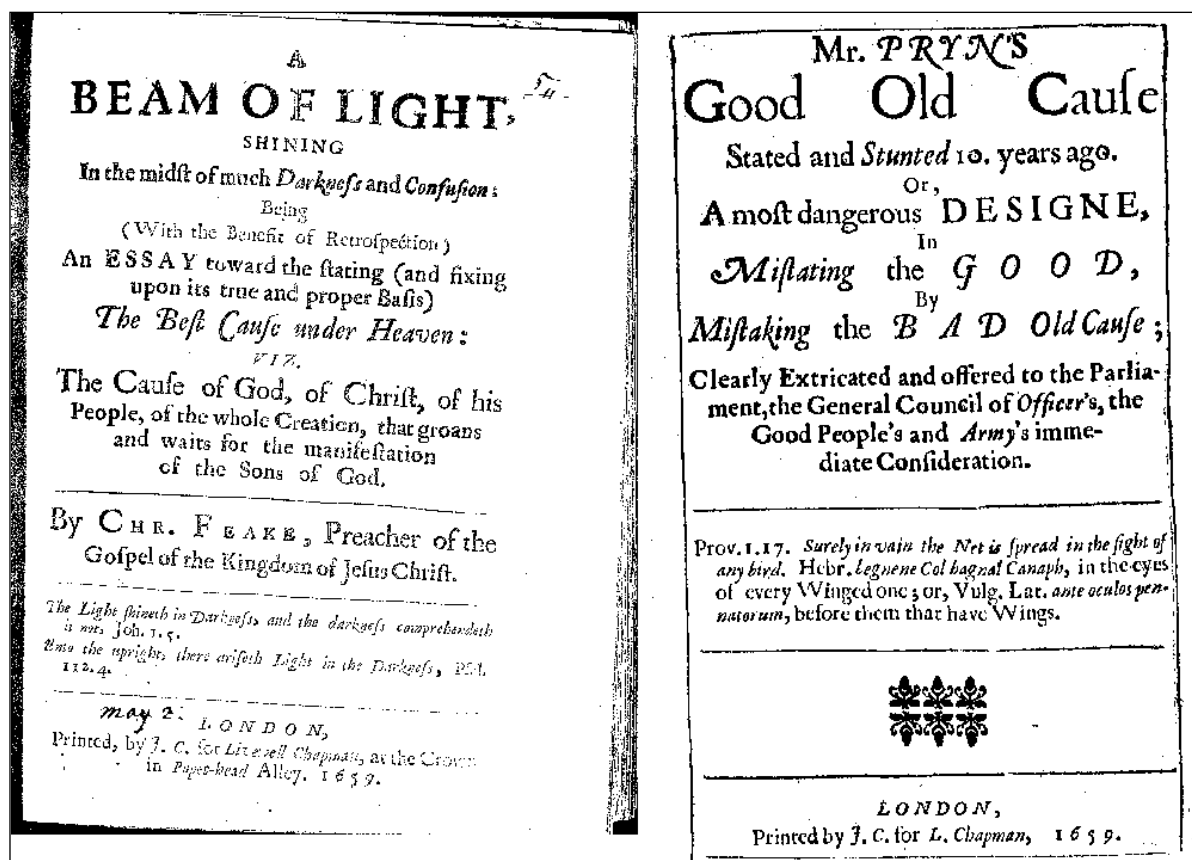


Figura 21: Comparação de capas produzidas por John Clowes e Livewell Chapman¹¹³.

O mesmo pode ser notado quando verificamos o interior dos textos citados. *Mola Asinaria*, *One Sheet* e ambos os panfletos impressos por Clowes e vendidos por Chapman (ver figuras 22 e 23) carregam um cabeçalho ornamentado no início das seções e utilizam capitulares simples, compostas apenas por uma letra em tamanho maior, mas na mesma fonte usada no restante do texto. Os números de página, quando aparecem, encontram-se centralizados acima dos cabeçalhos, entre parênteses. Também, as citações e referências bíblicas aparecem quase sempre no meio do corpo do texto, sem que as marginaíias fossem usadas com frequência.

¹¹³ FEAKE, Christopher. *Op. cit.*, 1659. ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10. years ago...*, 1659.

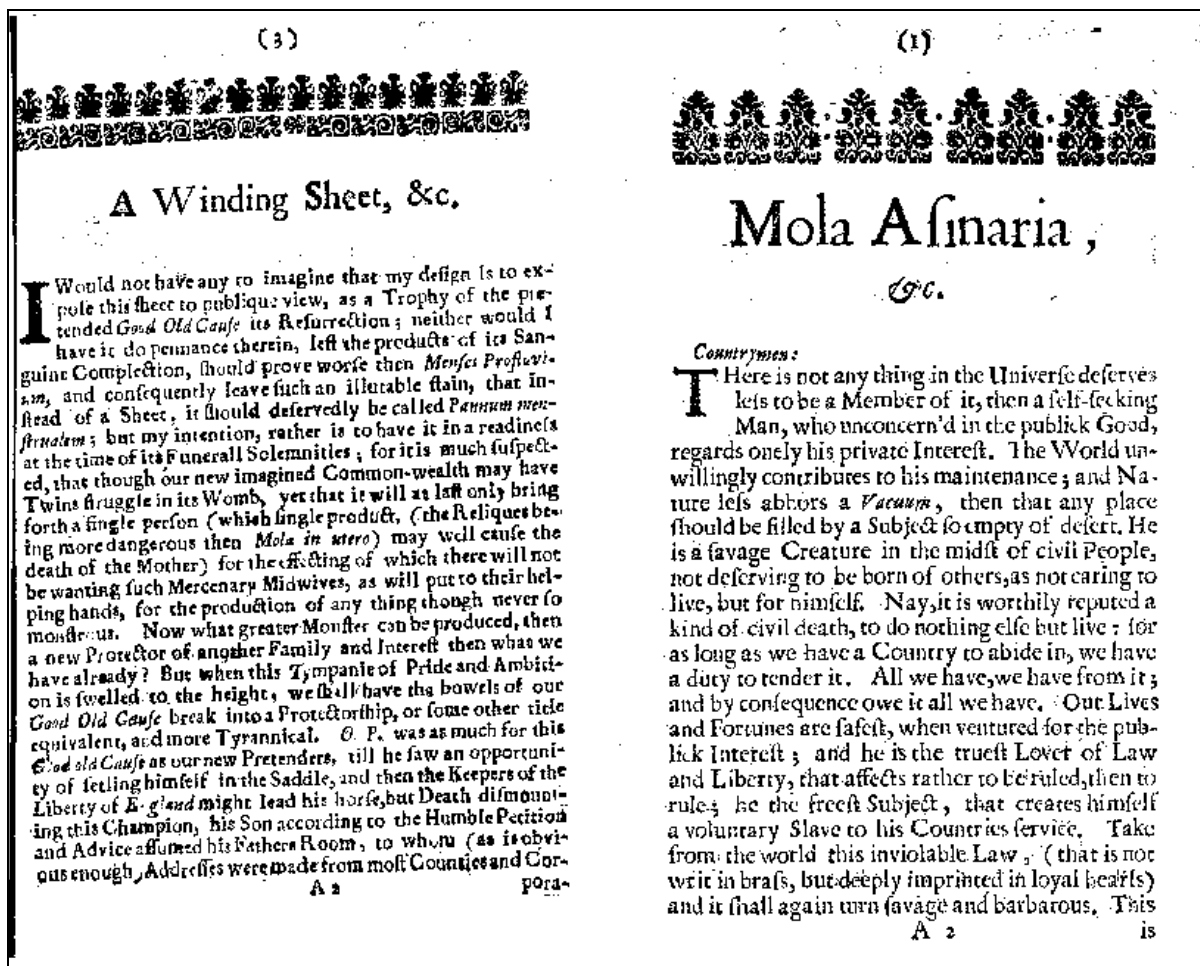


Figura 22: Primeira página de *One Sheet* e *Mola Asinaria*¹¹⁴.

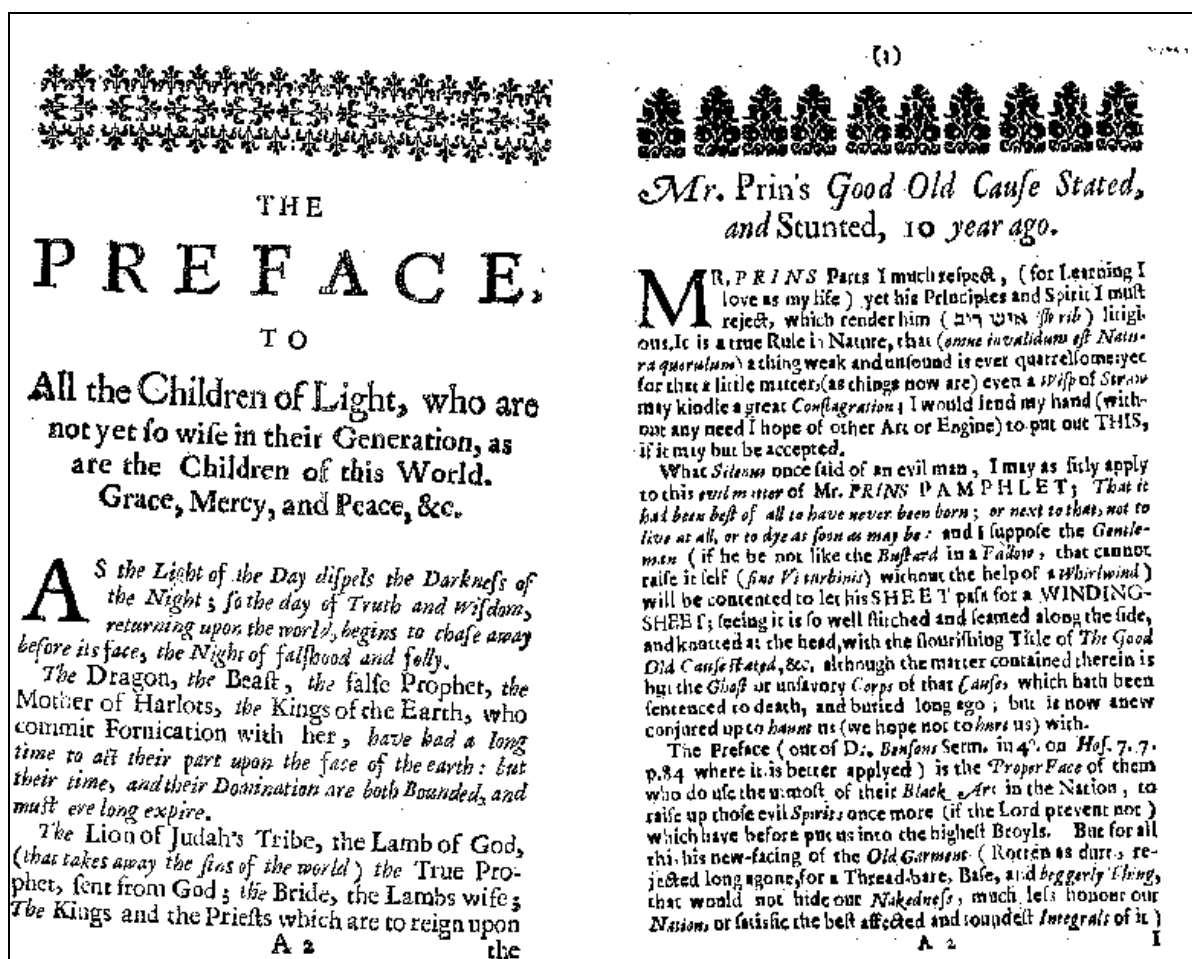


Figura 23: Primeira página de *A beam of light* e *Mr. Pryn's Good Old Cause*¹¹⁵.

Em comparação (ver figura 24), os textos de Prynne vendidos por Edward Thomas, eram mais detalhados. Além dos cabeçalhos ornamentados, as obras podiam levar capitulares adornadas ou simples, feitas com a mesma fonte do restante do corpo do texto, mas em um tamanho maior. Os números de página encontram-se na parte superior direita da folha, gravados entre duas linhas. As marginaíias costumam ser usadas recorrentemente ao longo do texto, indicando as referências bíblicas mobilizadas por Prynne em seus argumentos por meio dessas notas.

¹¹⁵ FEAKE, Christopher. *Op. cit.*, 1659. s.n.p. ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10. years ago...*, p.1.

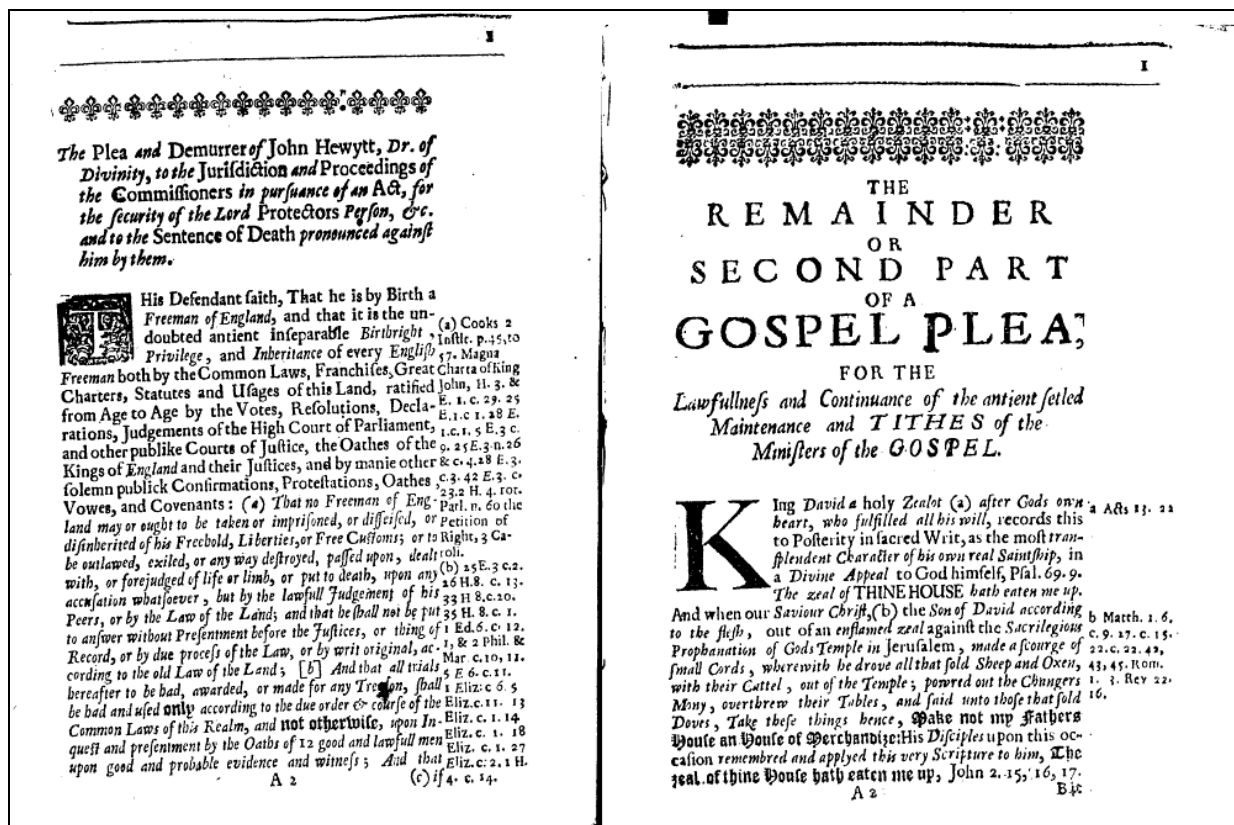


Figura 24: Primeira página de *Beheaded Dr. John Hewytts ghost pleading* e de *A Gospel plea*, de Prynne¹¹⁶.

Por si só, as similitudes materiais entre os textos falsos e os de Clowes não indicam necessariamente que ele tenha sido o responsável por sua produção, ou que Chapman tenha encomendado a impressão dos panfletos fraudulentos com o tipógrafo de Grubb Street. Além dos indícios materiais, cabe pensar nos conteúdos dos textos. Para um impressor e um livreiro radicais como Clowes e Chapman, qual seria a relevância de disseminar textos com o nome de Prynne? Ambos os panfletos eram assumidamente monarquistas e contrariavam as publicações que os dois realizavam em 1659. Em *Mola Asinaria*, por exemplo, o autor critica a restauração do *Rump* – considerando-a nociva para a liberdade –, e denuncia as ideias de Maquiavel – uma das principais referências na elaboração da teoria republicana de James Harrington – como truques e enganações que foram usados contra os ingleses. Adiante, ele relata que pensava que à essa altura, as pessoas já teriam percebido o mal que a *commonwealth* havia criado por meio “(...) de um comichão perpétuo por reformar, anular, criar Leis, e por enquadrar novos governos no modelo de ambição de todos os Grandes do

¹¹⁶ PRYNNE, William. *Beheaded Dr. John Hewytts ghost pleading*..., p.1. PRYNNE, William. *The remainder, or Second part of a gospel plea*..., p.1.

reino; e ainda estamos novamente prontos para empurrar nossos pescoços em um novo jugo da Escravidão (...)”¹¹⁷.

Se tiver, de fato, publicado os títulos falsos sob o nome de Prynne, o livreiro da Crown poderia ter tentado chamar a atenção das autoridades para o autor regalista, imputando-lhe culpa sobre a difusão de panfletos sediciosos e contrários ao Parlamento, esperando que ele fosse preso ou investigado por isso. Prynne, entretanto, rapidamente se esquivou dos possíveis problemas que as publicações poderiam lhe causar ao lançar em 31 de maio um panfleto, intitulado *The New Cheaters forgeries, detected, disclaimed*, acusando a suposta fraude de Chapman como uma tática forjada para enganar as pessoas e para fomentar seu lucro pessoal. Prynne também tinha como objetivo incriminar Livewell Chapman, visto que ele incitava que as autoridades deveriam investigá-lo e castigá-lo por seu crime. Enquanto advogado, William Prynne apontava que era ilegal usar falsamente o nome de outrem, e que o crime deveria ser “(...) punido por Prisão, Pelourinho, e todas as outras dores corporais, exceto morte (...)”¹¹⁸. As denúncias de Prynne, entretanto, não renderam qualquer investigação oficial a respeito da conduta de Chapman. Mesmo o jornal regalista *Mercurius Democritus* criticou Prynne por ter acusado o livreiro sem que tivesse reunido provas:

Eu posso confiantemente dizer, Foi um fundamento fraco para um cavalheiro de Lincolns Inn construir a sua fé sob as informações de outro, que (como ele diz) o informou que *Live-well Chapman* publicou essas falsificações, (que tinham mais verdade ou pelo menos Razão nelas do que quaisquer de seus escritos [de Prynne] nesses três meses) Mas eu estou confiante de que a Pessoa acusada, ou antes abusada, é criticada mais pelo seu nome, que pela natureza ou pelo assunto dos Livros: pois ele não pode se deliciar com a palavra Viva-bem [*Live-well*], (que cheira tanto à Paz), pois não é agradável uma constante oposição a todos os Governos; portanto, sendo tão mutável, é bom deixá-lo nas espumas. de suas próprias invenções, dar-lhe Corda ou espaço suficiente para escrever (tendo ele tão alto conceito da sua única habilidade) para que ele possa se deliciar e perambular para cima e para baixo até que ele tenha desgastado o verme que tem habitado em seu cérebro por esses 30 anos¹¹⁹.

¹¹⁷ “(...) by a perpetual itch of reforming, annulling, creating Laws, and framing new Governments to the model of every Grandees ambition; and yet we are againe ready to thrust our Necks into a new yোক of Slavery (...)”. Tradução livre. [PRYNNE, William]. *Mola Asinaria...*, p.2.

¹¹⁸ “punishable by Imprisonment, Pillory, and all other corporal pains, except death”. Tradução livre. PRYNNE, William. *The New Cheaters forgeries, detected, disclaimed...*, s.n.p.

¹¹⁹ “I may confidently say, It was a weak foundation for a Lincolns Inn gentleman to build his faith upon the information of other, who (as he saith) informed him that Live-well Chapman published those forgeries, (which

Seguindo as críticas do jornal às acusações de Prynne contra Chapman, é possível considerar que suas denúncias contra o livreiro da Crown fossem decorrentes de boatos. Como indicado tanto no relato de Prynne, como na matéria do *Mercurius Democritus*, o advogado monarquista recebeu informações de outros sobre o assunto, ou seja, ele ouviu rumores de que o livreiro estivesse envolvido na produção dos dois textos. O fato de não existirem provas concretas contra Chapman podia colocar em descrédito as afirmações de Prynne. Na Inglaterra da Época Moderna, rotular um discurso como um rumor era uma forma de colocar em questão a confiabilidade da informação¹²⁰. Isso ocorria porque as fofocas e os boatos eram muitas vezes considerados como práticas mal-intencionadas¹²¹. Neste sentido, ao identificar a proveniência da fala de Prynne contra Chapman em rumores e informações obtidas por meio das palavras de terceiros, o jornal *Mercurius Democritus* reduzia a eficácia da acusação sobre a falsificação dos panfletos.

A questão parece ter se encerrado rapidamente, pois nenhum outro texto a este respeito foi publicado. Chapman, de alguma maneira, se desviou das denúncias e continuou disseminando panfletos pró-republicanos até o final de 1659. Entretanto, sua situação mudou drasticamente a partir de 1660, quando Carlos II retomou o poder. Desde então, qualquer ideia antimonarquista passou a ser massivamente suprimida e novos sistemas de controle da imprensa foram criados para conter os debates político-religiosos. Como observado por Geoff Kemp, mais do que restabelecer o antigo aparato de censura, pautado nas leis de licenciamento e nas punições por disseminação de conteúdo sedicioso e blasfemo, com a Restauração foi necessária a *reconstrução* da censura, para acomodar as necessidades de reordenar uma sociedade que passara por condições tão turbulentas¹²².

Se quisessem continuar disseminando textos controversos, os autores, impressores, encadernadores e livreiros radicais também precisavam mudar suas estratégias de atuação

had more truth or at least Reason in them then any writings of his this three months) But I am confident the Person accused, or rather abused, is rayl'd against rather for his name, then the nature or matter of the Books: for he cannot delight in the word Live-well, (it smelling so much of Peace) for it's not agreeable to a constant oppose of all Governments; therefore being so changeable, it is good to leave him in the sudd. of his own inventions, give him Rope or room enough to write (he having so high a conceit of his one ability) that he may rave and rove up and down till he wears out the worm that has harboured in his brains this 30 years". Tradução livre. *Mercurius Democritus*, 5 (1659), p.36.

¹²⁰ HUNT, Arnold. "Recovering Speech Acts". In: HADFIELD, Andrew; DIMMOCK, Matthew; SHINN, Abigail (eds). *Op. cit.*, p.27.

¹²¹ CAPP, Bernard. *When gossip meet women, family, and neighbourhood in Early Modern England*. Oxford: Oxford University Press, 2004. p.60.

¹²² KEMP, Geoff. "Introduction". In: KEMP, Geoff; MCELLIGOTT, Jason (eds.). *Censorship and the Press, 1580-1720*. Vol. 3: 1660-1695. London: Pickering & Chatto, 2009. p.XIX.

para que não fossem pegos pelas novas leis e pelo novo censor Roger L'Estrange¹²³. Livewell Chapman, a partir de 1660, declaradamente agiu na clandestinidade para continuar a propagandear suas ideias político-religiosas e para se opor à nova monarquia. No capítulo a seguir, nos debruçamos sobre as táticas adotadas pelo livreiro, dando especial atenção às suas parcerias com outros personagens radicais do mercado do livro.

¹²³ Roger L'Estrange (1616-1704) foi um importante autor de panfletos em apoio à monarquia e, a partir da década de 1660, um censor da imprensa inglesa. Em 1663, ele recebeu o título de *Surveyor of the Press*, que lhe deu autonomia para investigar e prender livreiros, impressores e encadernadores sediciosos. LOVE, Harold. 'L'Estrange, Sir Roger (1616–1704)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Oct 2007 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/16514>, accessed 29 Dec 2015].

CAPÍTULO 5: EDIÇÃO E SEDIÇÃO NA CROWN: PANFLETISMO RADICAL DURANTE A RESTAURAÇÃO DA MONARQUIA

“Se o *Livreiro* é assim Criminoso, o que será do *Autor*?”. R. L., *The Visions of Dom Francisco de Quevedo Villegas, Knight of the Order of St. James* (1667)¹²⁴.

5.1. Publicando contra a ameaça Stuart (1660)

A breve *commonwealth*, que se instalara com a restauração do *Rump* em 1659, começava a declinar em 1660. Já em 1659 havia ocorrido algumas sublevações presbiteriano-monarquistas na Inglaterra, mas que foram suprimidas pelo general Lambert. No entanto, a estabilidade do Parlamento reduziu conforme este entrou em disputas políticas com o exército. As tensões desembocaram na sua dissolução em 16 de março de 1660, para que um novo Parlamento fosse convocado. Desta vez, sua composição se caracterizava especialmente pelos presbiterianos e monarchistas. E não demorou muito para que os MPs aprovassem a Declaração de Breda de Carlos II, que organizava uma série de premissas para a retomada da monarquia. Em 25 de maio, Carlos II retornava à Inglaterra, como seu novo soberano¹²⁵.

Nesses meses iniciais de 1660, o risco da volta a um regime monárquico provocou reações entre os republicanos e alguns autores que ainda se esforçaram para defender a sua “good old cause”. Esse foi o caso de John Milton que, em fevereiro e abril de 1660¹²⁶, publicou duas edições de *The readie & easie vvayv to establish a free Commonwealth*, uma delas com Chapman¹²⁷. O panfleto foi produzido em conjunto com o já mencionado impressor republicano, Thomas Newcomb, e logo foi anunciado no periódico de Marchamont Nedham¹²⁸.

¹²⁴ “If the *Book-seller* be thus Criminal, what will become of the *Author*?”. Tradução livre. L., R. *The Visions of Dom Francisco de Quevedo Villegas, Knight of the Order of St. James. Made in English by R. L.* London: Printed for H. Herringman at the Sign of the Blew Anchor in the Lower walk of the New Exchange, 1667. p.189.

¹²⁵ HUTTON, Ronald. *Op. cit.* Chap. 4: “The Road to Restoration”. HILL, Christopher. *Op. cit.*, 2012. p.126-128, 151-154.

¹²⁶ WORDEN, Blair. *Op. cit.*, 2007. p.334-335.

¹²⁷ Provavelmente, a primeira edição, de acordo com a data marcada por Thomason em sua cópia (3 de março). MILTON, John. *The readie & easie vvay to establish a free Commonwealth*, 1660.

¹²⁸ *Mercurius Politicus*, 610 (1659), p.1151.

No início de seu texto, Milton explica que o havia escrito algum tempo antes, mas que os eventos coevos tornavam sua publicação necessária. Falava-se em retornar à monarquia e, para Milton, isso era um retrocesso que atacaria as liberdades espiritual e civil. Não haveria liberdade, segundo o autor, tão certa e tão ampla como em uma *commonwealth*. Era preciso manter essas liberdades, falando “(...) a língua da boa e velha causa (...)”¹²⁹, para convencer os retrógrados que pensavam em voltar para o jugo da opressão regalista. Como pode ser percebido na leitura desse texto, a urgência de reiterar a força do republicanismo fez com que Milton assumisse um tom mais explícito para reforçar suas ideias pró-*commonwealth* e suas críticas à monarquia¹³⁰. Essa linguagem mais direta e categórica parece ter sido uma constante para os republicanos que ainda lutavam contra a possibilidade de Carlos II assumir o governo.

Pouco depois da publicação de *The readie & easie vway*, mais alguns casos se seguiram, como o lançamento de um texto anônimo, intitulado *Newes from Brussels*. O *imprint* do título não continha qualquer menção ao autor, impressor e/ou livreiro, mas Ronald Hutton atribuiu sua escrita a Marchamont Nedham e sua publicação a Chapman, com base nas anotações que o antiquário oxfordiano, Anthony Wood, fez em sua cópia¹³¹. De modo agressivo, *Newes from Brussels* lançava a seus leitores uma questão preocupante para os republicanos: “Pensais que podemos respirar em paz, enquanto vemos um pequeno dedo ainda vivo que tem sido mergulhado em Sangue real? ou seus adeptos?”. Sua resposta vinha logo a seguir, dizendo que os ingleses não estavam à salvo ainda. Era preciso acabar com qualquer risco de retorno à tirania da monarquia, mesmo que fosse necessário “(...) cortar a nossa passagem para o Trono através do sangue dos Traidores”¹³². Blair Worden considera que nenhum outro texto produzido naquele contexto foi tão enfático em sua oposição aos Stuarts, ou lançou tantos insultos ao herdeiro da monarquia quanto *Newes from Brussels*¹³³.

Após esses dois títulos terem circulado, Chapman supostamente foi o responsável pela produção e difusão de mais um controverso panfleto anônimo, intitulado *Plain English*¹³⁴. A

¹²⁹ “(...) the language of the good old cause (...)”. Tradução livre. MILTON, John. *The readie & easie vway to establish a free Commonwealth*, 1660. p.18.

¹³⁰ WORDEN, Blair. *Op. cit.*, 2007. p.334-335.

¹³¹ HUTTON, Ronald. *Op. cit.*, p.100.

¹³² “Thinkest thou that we can breath in peace, while we see a little finger left alive that hath been dipt in Royal blood? or his adherents?”; “(...) cut our passage to the Throne through Traitor blood”. Tradução livre. *Newes from Brussels, in a Letter from a neer attendant on His Maiesties person. To a Person of Honour here. Which casually became thus publique*. [London:] Printed in the Year, 1660.

¹³³ WORDEN, Blair. *Op. cit.*, 2007. p.349.

¹³⁴ *Plain English to his Excellencie the Lord General Monck, and the Officers of his Army: Or, A Word in season, not onely to them, but to all Impartial Englishmen. To vvich is added, A Declaration of Parliament In the*

obra era direcionada ao general George Monck que, nos primeiros momentos de 1660 pareceu um salvador da causa republicana, mas que pouco depois mostrou-se um traidor ao participar dos eventos que propiciaram a Restauração¹³⁵. No seu prefácio, o autor apontava que era prudente manter o silêncio em tempos ruins, mas que para ele, nesse período de desespero, em que se teme “(...) uma faca na própria garganta, não apenas na nossa e vossa Liberdade, mas na de nosso povo também”¹³⁶, era preciso solicitar ajuda para lutar pela causa e deter o retorno da família que tencionava governar a Inglaterra novamente. Por essa razão, o autor oferecia ao general Monck a leitura de uma declaração do Parlamento de 1647, na qual foi decidido “(...) *Que eles não fariam mais Discursos ou Súplicas ao Rei, nem receberiam qualquer Mensagem dele*”¹³⁷. A retomada desse documento serviria para lembrar o passado e ser cuidadoso com o presente, buscando evitar trazer de volta os Stuarts, que perseguiram o povo inglês tão cruelmente.

O panfleto foi publicado sem qualquer indicação de seus autores, impressores e/ou livreiros, mas não demorou muito para que suas declarações polêmicas levantassem rumores sobre os seus responsáveis. Pouco depois de ter sido lançado, o texto foi alvo de críticas de Roger L’Estrange em abril de 1660. O monarquista, que viria depois a se tornar o principal censor do reinado de Carlos II, publicou um panfleto de oposição, *Treason Arraigned in Answer to Plain English*, no qual denunciava o fanatismo e a traição expressos no libelo. L’Estrange atribuía o trabalho a Milton e Nedham, que tão recentemente tinham feito duras críticas aos Stuarts¹³⁸. Além disso, em 8 de abril, uma correspondência mencionava uma relação entre a composição de *Plain English* e o livreiro da Crown. Nos *State Papers*, há uma carta interceptada de Desborow e R. Hugues, que se dirigia a “LINWELL CHAPMAN (sic) in Popeshead Alley”. O documento narrava uma proposta de ação contra Carlos II, que recebia apoio ou participação direta de personagens como Thomas Brewster, Henry Jessey, Vavasor Powell, John Rogers e Henry Vane, que parecia “(...) nascido para um momento

year 1647. *Setting forth the Grounds and Reasons, why they resolved to make no further Address or Application to the King*. Printed at London, in the Year 1660.

¹³⁵ WORDEN, Blair. *Op. cit.*, p.335.

¹³⁶ “(...) a knife is at the very throat, not onely of our and your Liberties, but of our persons too”. Tradução livre. *Idem*, p.1.

¹³⁷ “(...) *That they would make no further Addresses or Applications to the King, nor receive any Message from him*”. Tradução livre. *Idem*, p.2.

¹³⁸ O panfleto foi anotado por Thomason em 3 de abril. [L’ESTRANGE, Roger]. *Treason Arraigned in Answer to Plain English; being A Trayterous, and Phanatique Pamphlet, which was condemned by the Counsel of State, Suppressed; and the Printer declared against by Proclamation. It is directed to the Lord General Monck, and the Officers of his Army, &c.* London: printed in the year, 1660. p.5.

como este, ele virá para nos liderar”¹³⁹. Para fazer frente ao monarca que tentava recuperar seu reino, Desborow e Hugues demandavam a Chapman: “Nós queremos tais livros como seu ‘Plain English’”¹⁴⁰ para serem difundidos e auxiliarem a frear o avanço dos monarquistas.

Leona Rostenberg comenta que os estudiosos não reconhecem a carta como legítima¹⁴¹. No entanto, consideramos que independentemente da veracidade do documento – a qual não pretendemos discutir –, a existência da correspondência já é em si um dado importante. Se ela for verdadeira, aponta para as redes que Chapman estabelecia entre os grupos político-religiosos, sobretudo com figuras como Rogers, Powell e Jessey, e o mercado livreiro, em especial com o estacionário radical Thomas Brewster. Caso o documento seja falso, cabe questionar as razões que motivaram sua produção. Chapman encabeçava um negócio bastante controverso e sedicioso em sua livraria e, talvez, o manuscrito tenha sido forjado para incriminá-lo, o culpabilizando pelo *Plain English* e por sua produção pró-republicana.

Com efeito, Chapman foi investigado diversas vezes em 1660 e pelos menos três mandatos para sua prisão foram emitidos nos primeiros meses do ano. Logo em 27 de março, um primeiro mandato foi lançado¹⁴², e publicado no dia seguinte, “(...) *para exigir que o referido Livewell Chapman (pelo seu perigo extremo) apareça e se renda ao Conselho em Whitehal, na próxima Segunda-Feira ou antes(...)*”¹⁴³. Ele conseguiu evitar a prisão¹⁴⁴, mas mais mandatos saíram nos meses seguintes: um em 3 de abril, aquele no qual sua esposa Hannah Chapman também foi intimada; e outro em 28 de maio¹⁴⁵.

Apesar dos três mandatos nesse curto espaço de tempo entre a publicação de *The readie & easie vway* e *Plain English*, Chapman não foi encarcerado, mas ficava claro que a imprensa não estava mais tão livre quanto parecia estar em 1659. Assim que Carlos II assumiu o poder, o controle ficou mais rígido. Foi assinado um Ato de Indenização que anistiava as ofensas

¹³⁹ “(...) born for such a time as this, he will come up to head us”. Tradução livre. PRO SP 18/220/108, 109. BL, STOWE MSS 185. Historical Papers, vol.II (1653-1746). *Copy of a Notable Letter intercepted a little before the KING'S coming in directed to one LINWELL CHAPMAN in Popeshead Alley. dated from LLANOTHEN the 8th of the 2d Moneth 1660.* fl.168v.

¹⁴⁰ “We want such books as your ‘Plain English’”. Tradução livre. *Idem*, fl.169v.

¹⁴¹ ROSTENBERG, Leona. *Op. cit.*, p.227-228.

¹⁴² CSPD, Commonwealth, 1649-1660, preserved in the State Paper Department of Her Majesty's Public Record Office.Vol. 13: July 1659-May 1660. GREEN, Mary Anne Everett (ed.). *Calendar of State Papers, Domestic Series, 1659-1660*, preserved in the State Paper Department or Her Majesty's Public Record Office. London: Longman & CO., Paternoster Row; Trübner & CO., Ludgate Hill, 1886. p.572.

¹⁴³ “(...) *to require the said Livewell Chapman (at his uttermost peril) to appear and render himself to the Council at Whitehal, on or before Monday next (...)*”. Tradução livre. COUNCIL OF STATE. *A Proclamation*. London, Printed by Abel Roper and Thomas Collins, Printers to the Council of State. Wednesday, 28 March, 1660.

¹⁴⁴ BELL, Maureen. ‘Chapman, Livewell (fl. 1643–1665)’.

¹⁴⁵ CSPD, Commonwealth, 1649-1660, preserved in the State Paper Department of Her Majesty's Public Record Office.Vol. 13: July 1659-May 1660. GREEN, Mary Anne Everett (ed.). *Op. cit.*, p.572, 575.

ocorridas durante o período revolucionário, mas 57 pessoas ainda assim foram perseguidas, 30 delas foram condenadas à morte, e onze foram, de fato executadas. Além disso, os ministros religiosos que foram expulsos, conseguiram recuperar “(...) seus benefícios eclesiásticos, mas nenhuma lei foi criada para implementar a promessa de tolerância religiosa registrada na Declaração de Breda”¹⁴⁶.

Com relação à imprensa, especificamente, nenhuma lei foi promulgada no primeiro ano do reinado de Carlos II, mas o Conselho do Estado assumiu a função de vigiar e punir os responsáveis pela difusão de textos sediciosos. As autoridades tornaram-se mais rigorosas quanto à circulação de impressos, sobretudo daqueles que ofereciam riscos. Alguns títulos de John Milton foram considerados perigosos e, conseqüentemente, foram proibidos de circular. Vários decretos foram emitidos ao longo de 1660 e 1661, restando a circulação de determinadas obras controversas e apreendendo os responsáveis por sua produção¹⁴⁷.

Com a nova situação política, publicar contra a monarquia se tornou extremamente perigoso e, por essa razão, Livewell Chapman lançou alguns títulos controversos sem que seu nome aparecesse nos *imprints*. Além do anonimato na autoria, o anonimato com relação aos produtores materiais das obras visava despistar os censores. Os impressores e livreiros que trabalhavam com livros e panfletos ilegais conheciam os riscos de produzir e difundir suas obras, e, portanto, suas ações precisavam ser cuidadosamente planejadas, para evitar problemas com as autoridades¹⁴⁸. No caso dos *imprints* anônimos de Chapman, apenas conseguimos reconstituir os casos dos textos que foram investigados pelos censores, isto é, só podemos reconhecer estes textos quando eles foram incriminados, deixando registros sobre as ações do livreiro-editor. Os já citados *Newes from Brussels* e *Plain English* são dois exemplos que conseguimos encontrar acerca dessa tática de disseminar ideias dissidentes que tentava não comprometer os agentes responsáveis pela produção daqueles conteúdos.

No ano seguinte, tornou-se ainda mais imprescindível o uso de artifícios como o anonimato para produzir textos controversos, pois a partir de junho, foi determinado um novo *Treason Act*, que condenava à morte àqueles que planejassem e propagandassem ideias regicidas, ou falassem contra a monarquia por meio da oralidade, da escrita e da imprensa¹⁴⁹. Com essa nova ameaça, a produção da Crown diminuiu. Chapman costumava emitir cerca de 13 títulos por ano, mas nesse momento, lançou apenas seis, dos quais nenhum era uma obra

¹⁴⁶ HILL, Christopher. *Op. cit.*, 2012. p.210.

¹⁴⁷ Cf. MCKENZIE, D. F.; BELL, Maureen (eds.). *Op. cit.* KEMP, Geoff. *Op. cit.*, p.XIX.

¹⁴⁸ DARNTON, Robert. *Op. cit.*, 1992. p.17.

¹⁴⁹ KEMP, Geoff. “Introduction”. In: KEMP, Geoff; MCELLIGOTT, Jason (eds.). *Op. cit.*, Vol.3. p.XIX.

nova. Três deles eram reedições póstumas de trabalhos milenaristas de John Archer¹⁵⁰, e os outros três eram reimpressões do livro teológico do pentamonarquista Vavasor Powell, intitulado *Common-prayer-book*¹⁵¹. Ainda que possa parecer que o furor intervencionista e republicano tenha se esvanecido das atividades da livraria, foi a partir desse momento que Chapman encontrou outras estratégias comerciais e editoriais para difundir as ideias nas quais acreditava. Mais do que lançar textos oposicionistas, Chapman fez parte de um grupo antimonarquista fundado exclusivamente por agentes do livro. Pensar sobre as atividades desses personagens nos possibilita perceber as implicações políticas da impressão e da venda de textos. Faz-se necessário, então, analisar atentamente a trajetória do grupo.

5.2. Os “Confederate Stationers” (1661-1664)

A partir de 1661, Chapman se juntou a outros personagens do mercado de textos impressos: os livreiros Thomas Brewster, Giles Calvert, Richard Moone, e Francis Smith; os tipógrafos Thomas Creak e Simon Dover; o encadernador George Thresher; e o livreiro e encadernador Nathan Brooks. O grupo veio a ser conhecido como “Confederate Stationers”, como Roger L’Estrange os nomeou, enquanto os investigava por suas atividades sediciosas¹⁵². Juntos, eles publicaram, entre 1660 e 1662, pelos menos nove panfletos dissidentes e antimonarquistas¹⁵³.

¹⁵⁰ ARCHER, John. *Comfort for beleivers about their sin and troubles. In a treatise shewing that true beleivers, how weak soever in faith, should not be opprest or perplex in heart, by any thing whatever befalls them in this life...* London: printed for Livewell Chapman at the Crown in Popes-head-Alley, 1661. É a quinta e a sexta edição de ARCHER, John. *The personal reign of Christ upon earth. In a treatise wherein is fully and largely laid open and proved, that jesus Christ, together with the saints, shall visibly possess a monarchical state and kingdom in this world...* London: printed for L[ivwel]. Chapman, and are to be sold over-against the Pageant in Cornhil, next to Popes-head-Alley, 1661.

¹⁵¹ A segunda, a terceira e a quarta edição de POWELL, Vavasor. *Common-prayer-book no divine service: or, XXVII reasons against forming and imposing any humane liturgies or common-prayer-books: the main objections to the contrary, answered. And the English common-prayer-book anatomized. Likewise twelve arguments against diocesan and Lord-Bishops; with the main reasons for them answered. And the great disparity between the English prelates, and Timothy and Titus, shewed. By Vavasor Powell.* London: printed for Livewell Chapman, and are to be sold at his shop at the signe of the Crown in Popes-Head-Alley, 1661.

¹⁵² L’ESTRANGE, Roger. *Truth and loyalty vindicated, from the reproches and clamours of Mr. Edward Bagshaw. Together with a further discovery of the libeller himself, and his seditious confederates. By Roger L’Estrange.* London: printed for H. Brome, and A. Seile, and are to be sold at the Gun in Ivy-lane, and over against St. Dunstons Church in Fleetstreet, June the 7th. 1662. L’ESTRANGE, Roger. *Considerations and proposals in order to the regulation of the press: together with diverse instances of treasonous, and seditious pamphlets, proving the necessity thereof. By Roger L’Estrange.* London: printed by A.C., June 3d. M.DC.LXIII. [1663]. p.6.

¹⁵³ Em recente pesquisa, Melinda Zook, indicou que mais dois títulos radicais religiosos foram publicados pelos Confederate Stationers: o texto pentamonarquista *The Panther-Prophecy* de Owen Lloyd (1662) e o agressivo panfleto contrário à monarquia, intitulado *Mene Tekel: or, the Downfall of Tyranny* (1663). Não

Todos os agentes do livro em questão já estavam habituados a difundir textos polêmicos nos anos da Revolução Inglesa, e também já tinham, em alguns momentos, trabalhado juntos nesse comércio. Como discutido no capítulo 3, Thomas Brewster, Richard Moone, Giles Calvert e Livewell Chapman frequentemente publicaram e venderam obras de pentamonaquistas, milenaristas, Quakers, Batistas e de outros grupos político-religiosos. Francis Smith era o mais jovem livreiro entre os Confederates, tendo terminado seu período de aprendizagem em 1654. Logo em seguida, abriu uma casa livreira em Fleet Street, um importante polo de produção de textos. Em 1659, mudou-se para perto de Temple Bar, abrindo um negócio sob o signo do Elefante e do Castelo [Elephant and Castle], ficando conhecido como “Elephant Smith”. Ele publicou diversos panfletos dissidentes e, em 1659, também estava envolvido com as reflexões dos republicanos, lançando trabalhos que debatiam a questão política, como o anônimo *A reply to Mr. William Prynne*, que combatia o regalista e defendia a *commonwealth*¹⁵⁴. Em 1661, o livreiro também foi acusado de estar envolvido com a rebelião de Thomas Venner. E, entre 1661 e 1676, ele publicou muitos livros e panfletos de John Bunyan¹⁵⁵. Por seu envolvimento com diversas polêmicas, ele foi preso em várias ocasiões. Ainda assim, Smith foi um dos poucos livreiros do período revolucionário que continuou ativo depois da Restauração. Mesmo tendo sido preso tantas vezes, ele manteve sua casa livreira até 1691¹⁵⁶.

encontramos fontes que nos permitam confirmar a hipótese da autora, por essa razão, optamos por não incluí-los nas discussões acerca da produção do grupo. Cf. LLOYD, Owen. *The panther-prophecy, or, A premonition to all people, of sad calamities and miseries like to befall these islands. To which is added, an astrological discourse concerning that strange apparition of an army of horse seen in Wales, near Mountgomery, December the 20th. 1661*. [London: s.n.], Printed in the year, 1662. MISOTYRANNUS, Laophilus. *Mene tekeli; Or, The downfall of tyranny. A treatise wherein liberty and equity are vindicated, and tyranny condemned, by the law of God and right reason: And the peoples power, and duty, to execute justice, without, and upon, wicked governors, asserted. By Laophilus Misotyranus*. [S.l. : s.n.], printed in the year, 1663. ZOOOK, Melinda. *Protestantism, Politics, and Women in Britain, 1660-1714*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2013.

¹⁵⁴ *A reply to Mr. VWilliam Prinne, his unsafe, uneasie, dangerous, &c. expedient, for the concord, unity, and settlement of these nations, by restoring the ancient nobility, part of the old decipit, decayed, and gray-headed tyranny, usurpation, and oppression upon the bodies, and consciences of every poor subject, who have been formerly as Balaams asse, being made slaves at their lusts and pleasures, but now have kicked their masters off...* London: printed for Francis Smith, and are to be sold at his shop, at the Elephant and Castle near Temple-Bar, 1659.

¹⁵⁵ Bunyan foi um escritor e pregador não-conformista. Sua obra mais importante foi *The Pilgrim's Progress* (1678), escrita para, por um lado, exprimir as suas experiências religiosas de forma alegórica, servindo como um guia para outros fiéis. Por outro, o trabalho inseria-se nos debates teológicos de sua época, que se voltavam, em especial, para a discussão da consciência. GREAVES, Richard L. ‘Bunyan, John (bap. 1628, d. 1688)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [http://www.oxforddnb.com/view/article/3949, accessed 4 Jan 2016].

¹⁵⁶ LYNCH, Beth. ‘Smith, Francis (d. 1691)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [http://www.oxforddnb.com/view/article/39672, accessed 15 July 2015].

Pouco foi encontrado acerca das trajetórias de Creak, Dover, Thresher e Brooks, além do fato de que todos publicaram literatura oposicionista entre as décadas de 1640 e 1660¹⁵⁷. Suas atividades no mercado livreiro levaram-nos a ser julgados e condenados em 1664, junto com Calvert, Brewster e Chapman¹⁵⁸. A perseguição ao grupo iniciou em 1660 e se intensificou em 1662, quando Roger L'Estrange assumiu o controle da censura da imprensa. Analisar a atuação dos Confederates e a opressão que o grupo sofreu nos primeiros anos da Restauração, neste sentido, não indica apenas a trajetória editorial e política dos personagens que o compunham, mas lança luz sobre a reconfiguração dos sistemas de censura do mercado livreiro após a volta de Carlos II.

Até onde pudemos rastrear as atividades do grupo, é provável que esses estacionários tenham começado a atuar em conjunto na publicação de propaganda anti-Stuart, a partir de meados de 1660, quando Francis Smith e Livewell Chapman lançaram um breve tratado providencialista de Henry Jessey, intitulado *The Lord's Loud Call*. O texto foi emitido em agosto como uma defesa da *commonwealth*. Jessey refutava a monarquia por meio de objeções às proclamações de Carlos II; de discursos orais e escritos de outros personagens contrários ao rei; e da contestação dos argumentos de William Prynne, a quem Jessey citava longamente¹⁵⁹. O tom oposicionista representava um perigo nesse contexto, mas, provavelmente, esse era um risco que esses personagens radicais assumiam por acreditarem numa recompensa, fosse esta terrena, realizada na desejada *commonwealth*; fosse no além, sobretudo, quando o saudosismo da “good old cause” era combinado a uma perspectiva escatológica como a de Jessey.

Apesar dos riscos, panfletos contrários à monarquia eram muito populares em Londres, e se difundiam amplamente, o que chamava a atenção das autoridades. Não foi à toa que os censores logo voltaram a atenção para o panfleto escrito por Jessey, repreendendo Smith e Chapman por seu envolvimento com a produção do impresso¹⁶⁰. Eles, no entanto, não pareceram desencorajados a manter seu manifesto contra a Restauração. De fato, o compromisso de personagens como Jessey, Chapman e Smith com essa causa definiu “(...) um estilo de propaganda anti-Restauração que se baseava em sinais e presságios que foram

¹⁵⁷ PLOMER, Henry Robert. *Op. cit.*, p.34-35, 55, 65,

¹⁵⁸ *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Twyn, (...) with the tryals of Thomas Brewster, bookseller, Simon Dover, printer, Nathan Brooks, bookbinder...*, 1664.

¹⁵⁹ JESSEY, Henry. *Op. cit.*, 1660.

¹⁶⁰ SMITH, Francis. *An account of the injurious proceedings of Sir George Jeffreys Knt late recorder of London against Francis Smith, bookseller...* London: Printed for Francis Smith, at the Elephant and Castle in Cornhill near the Royal Exchange, [1680]. p.8-10.

interpretados como a desaprovação de Deus com o rei e o governo (...)”¹⁶¹. E pouco depois de *The Lord’s Loud Call*, uma série de outros panfletos oposicionistas foram produzidos pelos Confederates¹⁶².

Ficou claro que os sectários político-religiosos não aceitariam a Restauração passivamente, ou silenciosamente. Alguns meses depois da publicação do libelo de Jessey, o grupo difundiu outra obra controversa – dessa vez anonimamente, para despistar os agentes da censura –, intitulada *The speeches and prayers of some of the late King’s judges*¹⁶³. O livro apresentava uma compilação de cartas, conversas, falas e discursos proferidos por dez dos regicidas – isto é, por dez dos parlamentares que assinaram a sentença de morte de Carlos I em 1649: Thomas Harrison, John Carrew, Justice Cooke, Hugh Peters, Thomas Scott, Gregory Clement, Adrian Scroop, John Jones, Daniel Axtell, e Francis Hacker¹⁶⁴ –, durante seu julgamento e execução.

Quando publicaram a seleção de textos dos regicidas, os editores, Giles Calvert, Thomas Brewster, Thomas Creake e Simon Dover – que naquela altura não se identificaram no *imprint*, mas que, quando julgados por seus textos sediciosos em 1664, foram reconhecidos como os *publishers* da obra –, indicaram no prólogo do impresso que

Houve algumas razões especiais que nos moveram a empreender esta matéria: primeiro, para evitar o erro que pode ser cometido para com os falecidos, e mais especialmente ao nome de Deus, por cópias falsas e imperfeitas. Em segundo lugar, para satisfazer os muitos na Cidade e no País que muito têm desejado isso [a publicação do texto]. Em terceiro lugar, para deixar que todos vejam as riquezas da graça louvada naqueles servos de Cristo [os regicidas]. Em quarto lugar, que os homens possam ver o que é ter um interesse em Cristo, na hora da morte, e ser fiel à

¹⁶¹ “(...) a style of anti-Restoration propaganda which relied on signs and portents which were interpreted as God’s disapproval of king and government (...)”. Tradução livre. BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1992. p.12.

¹⁶² *Idem*, p.11-14

¹⁶³ *The speeches and prayers of some of the late King’s judges, viz. Major Gen. Harrison, Octob. 13. Mr. John Carew, Octob. 15. Mr. Justice Cooke, Mr. Hugh Peters Octob. 16. Mr. Tho. Scot, Mr. Gregory Clement, Col. Adrian Scroop, Col. John Jones, Oct. 17. Col. Dan. Axtell, Col. Fran. Hacker, Octob. 19. 1660. The times of their death. Together with several occasional speeches and passages in their imprisonment till they came to the place of execution. Faithfully and impartially collected for further satisfaction.* [London:], Printed anno Dom. 1660.

¹⁶⁴ Sobre os regicidas, ver: NENNER, Howard. ‘Regicides (act. 1649)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/70599>, accessed 29 Dec 2015].

sua causa. E por fim, que todos os homens podem considerar e saber, que todo julgamento dos homens será do Senhor¹⁶⁵.

Apenas nesse breve trecho, os editores já deixavam clara sua repulsa à proclamação do Ato de Indenização, que determinou que os regicidas fossem executados. Ao mesmo tempo, eles exaltavam as ações desses homens, que se mantiveram fiéis às suas crenças, mesmo nos seus últimos instantes, descrevendo-os como mártires¹⁶⁶ da “good old cause”. Ao glorificar a vida e a morte dos dez condenados, os editores criticavam diretamente a conduta de Carlos II, pois ao sentenciar os regicidas, o monarca agia com sacrilégio, uma vez que se fazia de Deus, o único em poder de julgar Sua criação. Paralelamente, os Confederates lembravam que o juízo que verdadeiramente importava era o Final, isto é, aquele que seria conduzido por Cristo no Fim dos Tempos. No Apocalipse, os mortos se levantariam para serem julgados pelo Senhor e apenas Ele poderia determinar, de acordo com as ações de cada pessoa, quem é inocente e quem é culpado¹⁶⁷. Além de os Confederates afirmarem que Carlos II não tinha autoridade para tal, eles lembravam que Cristo julgaria a todos, incluindo o próprio rei, que pagaria por seus pecados e injustiças contra os mártires da *commonwealth*.

Matthew Jenkinson, ao analisar *The speeches and prayers of some of the late King's judges*, indicou que alguns estudiosos debateram sobre a veracidade do seu conteúdo, considerando-o apenas uma fraude. De acordo com o pesquisador, mesmo que os discursos em questão tenham sido forjados, isso não os privava de um “(...) poder ideológico, contanto que aqueles que lessem os relatos estivessem convencidos [de sua veracidade], ou aqueles que se mantinham fiéis à Boa e Velha Causa [“good old cause”] dessem valor [ao texto]”¹⁶⁸.

¹⁶⁵ “There hath some speciall reasons moved us to undertake this matter: as first, to prevent that wrong which might be done to the deceased, and more especially to the name of God, by false and imperfect copies. Secondly, to satisfie those many in City and Country who have much desired it. Thirdly, to let all see the riches of grace magnified in those servants of Christ. Fourthly, that men may see what it is to have an interest in Christ, in a dying houre, and to be faithfull to his cause. And lastly, that all men may consider and know, that every mans judgement shall be from the Lord”. Tradução livre. *The speeches and prayers of some of the late King's judges*, s.n.p.

¹⁶⁶ As histórias de mártires não eram incomuns na tradição protestante, sobretudo depois da disseminação do *Book of Martyrs* de John Foxe entre os séculos XVI e XVII. O fato de os Confederates descreverem os regicidas como mártires da “good old cause” evocava, em alguma medida, essa tradição. Sobre essa questão, ver: KING, John N. *Foxe's 'Book of Martyrs' and Early Modern Print Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. EVENDEN, Elizabeth; FREEMAN, Thomas S. *Religion and the Book in Early Modern England*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

¹⁶⁷ Apocalipse 20:12.

¹⁶⁸ “(...) ideological power, so long as those who read the accounts were convinced, or those who remained faithful to the Good Old Cause gained heart”. Tradução livre. JENKINSON, Matthew. *Culture and Politics at the Court of Charles II, 1660-1685*. Woodbridge: The Boydell Press, 2010. p.38

A publicação de *The speeches and prayers of some of the late King's judges* gerou grande repercussão e dois outros panfletos combateram-no diretamente. Em *Rebels no Saints*¹⁶⁹ e em *A Compleat Collection of the Lives, Speeches, &c*¹⁷⁰, a santidade dos regicidas foi refutada. Vale ressaltar que ambos os panfletos críticos à versão dos discursos editada pelos Confederates foram compilados por “uma pessoa de qualidade” e vendidos por diversos livreiros de Londres, o que sugere uma tentativa de convencer os leitores de que suas versões eram mais precisas do que a dos Confederates. A comercialização das obras por um grande número de livrarias londrinas também poderia ser uma estratégia para competir pelo público leitor e refrear a circulação das 3.000 cópias de *The speeches and prayers of some of the late King's judges*¹⁷¹. A quantia era alta para a época. As tiragens costumavam girar em torno de 1.500 a 2.000 exemplares, uma quantidade fixada pela Stationers' Company na década de 1630, para forçar a redistribuição de tipos, impedir que os impressores mantivessem os moldes e, assim, garantir uma oferta de serviço considerável para aprendizes e outros trabalhadores do mercado livreiro. O número poderia ser mais alto com a autorização dos mestres e diretores da Companhia, o que não era o caso da edição clandestina de *The speeches and prayers of some of the late King's judges*. Pelos altos custos da produção, e os riscos de prejuízo, quantias muito superiores à 1.500 ou 2.000 cópias eram feitas apenas no caso de títulos sobre os quais os editores, impressores e livreiros estivessem certos de que venderiam bem¹⁷². Assim, o número elevado da tiragem de *The speeches and prayers of some of the late King's judges* aponta para o fato de que os livreiros confederados provavelmente apostavam no sucesso de circulação dos discursos, ou na sua importância política.

As autoridades, ao menos inicialmente, não despenderam tempo tentando repreender a produção e a circulação de *The speeches and prayers of some of the late King's judges*. Já que as orações e os discursos proferidos pelos regicidas ao longo de seus julgamentos e execuções

¹⁶⁹ *Rebels no saints: or, A collection of the speeches, private passages, letters, and prayers of those persons lately executed, viz. Tho. Harrison, Octob. 13. Jo. Carew, Octob. 15. Jo. Cook, and Hugh Peters, Octob. 16. Tho. Scot. Greg. Clement. Adr. Scroop, and Jo. Jones. Octob. 17. Dan. Axtell, and Fr. Hacker, Octob. 19. With observations on the same. Wherein their pretended sanctity is refuted, and a further inspection made into the lives and practices of those unhappy and trayterous polititians. By a person of quality.* London: printed, and are to be sold by the several book-sellers in London and Westminster-hall, 1661.

¹⁷⁰ *A compleat collection of the lives, speeches, private passages, letters and prayers of those persons lately executed: viz. Thomas Harison, Octob. 13. John Carew, Octob. 15. John Cook, and Hugh Peters, Octob. 16. Thomas Scot, Gregory Clement Adrian Scroop, and John Jones, October 17. Daniel Axtel, and Francis Hacker, Octob. 19. With observations on the same. Wherein their pretended sanctity is refuted, and a further inspection made into the lives and practises of those unhappy and traiterous politicians. By a person of quality.* London: printed, and are to be sold by the several book-sellers in London, and Westminster-Hall, 1661.

¹⁷¹ *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Twyn, (...) with the tryals of Thomas Brewster, bookseller, Simon Dover, printer, Nathan Brooks, bookbinder..., 1664. p.37.*

¹⁷² RAYMOND, Joad. *Op. cit.*, 2004. p.80.

foram públicos, as transcrições de suas falas não podiam ser contidas. Presumivelmente, muitas pessoas assistiram ao evento ou tiveram conhecimento sobre ele, desse modo, perspectivas diversas acerca do ocorrido também circulavam oralmente. Se por um lado, não havia como conter as discussões acerca dos discursos dos regicidas; por outro, o Estado também não pretendia publicar uma versão oficial do evento que pudesse refutar o martírio descrito em *The speeches and prayers of some of the late King's judges*, pois publicizar o episódio continuamente poderia ser uma propaganda prejudicial à autoridade da monarquia¹⁷³.

Não demorou muito para que os Confederates agissem novamente, opondo-se às medidas adotadas pelo governo. No ano seguinte, Carlos II decretou a Lei de Sedição que, entre outras coisas, tornava ilegal a fidelidade à chamada *Solemn League and Covenant*. A aliança em questão fora firmada entre os escoceses e os ingleses, com o objetivo de fazer frente a Carlos I. A *Solemn League and Covenant* foi oficializada em setembro de 1643, com o apoio de parte da população, que foi signatária da declaração¹⁷⁴. Depois da Restauração, associações à liga podiam ser consideradas sinais de rebeldia¹⁷⁵. Por essa razão, em 20 de maio de 1661, o Parlamento decretou que o documento de criação da *Solemn League and Covenant* fosse queimado publicamente, em frente ao Palácio de Westminster, no dia 22 do mesmo mês¹⁷⁶.

A destruição da aliança e a queima de todas as cópias impressas que diziam respeito a ela provocaram a reação dos Confederates. Logo em seguida, eles publicaram o duodécimo anônimo *A phenix, or, The Solemn League and Covenant*¹⁷⁷. O texto foi emitido com um

¹⁷³ JENKINSON, Matthew. *Op. cit.*, p.39.

¹⁷⁴ *A solemn league and covenant for reformation and defence of religion, the honour and happinesse of the King, and the peace and safety of the three kingdomes of Scotland, England, and Ireland*. Edinburgh: Printed by Evan Tyler ..., 1643. *A Solemn League and Covenant, for reformation and defence of religion, the honour and happinesse of the King, and the peace and safety of the three kingdoms of England, Scotland and Ireland also, two special orders : viz. I. Concerning the taking of the League and Covenant in all churches and chappels in London and Westminster, upon the next Lords-day in the afternoon, II. Concerning divers lords, knights, gentlemen, colonels, officers, souldiers, and others that are desirous to meet tomorrow in the forenoon, at Margarets-Westminster and to take the said League and Covenant*. London: Printed for Edw. Husbands, Sept. 28, 1643.

¹⁷⁵ RAFFE, Alasdair. *The Culture of Controversy: religious arguments in Scotland, 1660-1714*. Woodbridge: The Boydell Press, 2012. p.67.

¹⁷⁶ England and Wales. Parliament. House of Lords. *Die Lunae 20. Maii 1661. The Lords in Parliament assembled, having considered of a paper sent unto them from the House of Commons, for burning of the instrument or writing, called The [H]Solemn League or [H]Covenant by the hands of the common hang-man...* London: Printed by John Bill and Christopher Barker, 1661.

¹⁷⁷ *A phenix, or, The Solemn League and Covenant. Whereunto is annexed, I. The form and manner of His Majesties coronation in Scotland. With a sermon then preached on that occasion, by Robert Douglas of Edinburgh. II. A declaration of the Kings Majesty to all his loving subjects of the Kingdoms of Scotland, &c. in the year 1650. III. The great danger of covenant-breaking, &c. Being the substance of a sermon preached by Edm. Calamy the 14. of Jan. 1645 before the then Lord Mayor of the city of London, Sir Tho. Adams, together*

imprint falso, muito provavelmente para despistar os sistemas de controle da imprensa¹⁷⁸. O *imprint*, como visto na figura 25, atribuía a origem do panfleto à cidade de Edimburgo. Se, por um lado, isso pode ser visto como uma manobra política para afastar ou atrasar as repressões do Estado; por outro, a escolha de Edimburgo faz alusão à existência da própria aliança, e às ligações entre a Inglaterra e a Escócia.

Além disso, mesmo o título adotado pelos editores é bastante emblemático. *A phenix, or, The Solemn League and Covenant*, onde se lê “A Phenix” em uma fonte muito maior do que a do restante do título e dos subtítulos do frontispício, faz alusão direta à figura mitológica da fênix, que renascia das suas próprias cinzas. Em uma das definições da época, a fênix, após ter vivido 500 anos, construía um ninho com especiarias combustíveis, que pegavam fogo graças ao calor do sol. Com o movimento das suas asas, a fênix auxiliava o fogo a consumi-la. E de suas cinzas, ela ressurgia¹⁷⁹. Ao combinar o esplendor e a força da ave lendária à *Solemn League and Covenant*, os editores atestavam, ou quase alertavam em um tom de desafio ao governo vigente, que a aliança ressurgiria das cinzas da queima pública para fazer frente à família Stuart novamente.

with the shieriffs [sic], aldermen, and Common-councell of the said city: being the day of their taking the Solemn League and Covenant at Michael Basenshaw, London. Edinburgh: printed in the year of covenant-breaking [1661].

¹⁷⁸ Sobre falsos *imprints*, ver: TREADWELL, Michael. “On False and Misleading Imprints in the London Book Trade, 1660-1750”. HARRIS, Michael; MYERS, Robin. *Fakes and Frauds: varieties of deception in print and manuscript*. Winchester: St. Paul’s Bibliographies, 1989.

¹⁷⁹ PHILLIPS, Edward. *The New World of English Words: Or, a Generall Dictionary: Containing the Interpretations of such hard words as are derived from other Languages; whether Hebrew, Arabick, Syriack, Greek, Latin, Italian, French, Spanish, British, Dutch, Saxon, &c. their Etymologies and perfect Definitions...* London: Nath. Brooke, 1658. s.n.p. Disponível online em LEME: <<http://leme.library.utoronto.ca/lexicon/entry.cfm?ent=497-9180>>, acessado em 03/11/2015.

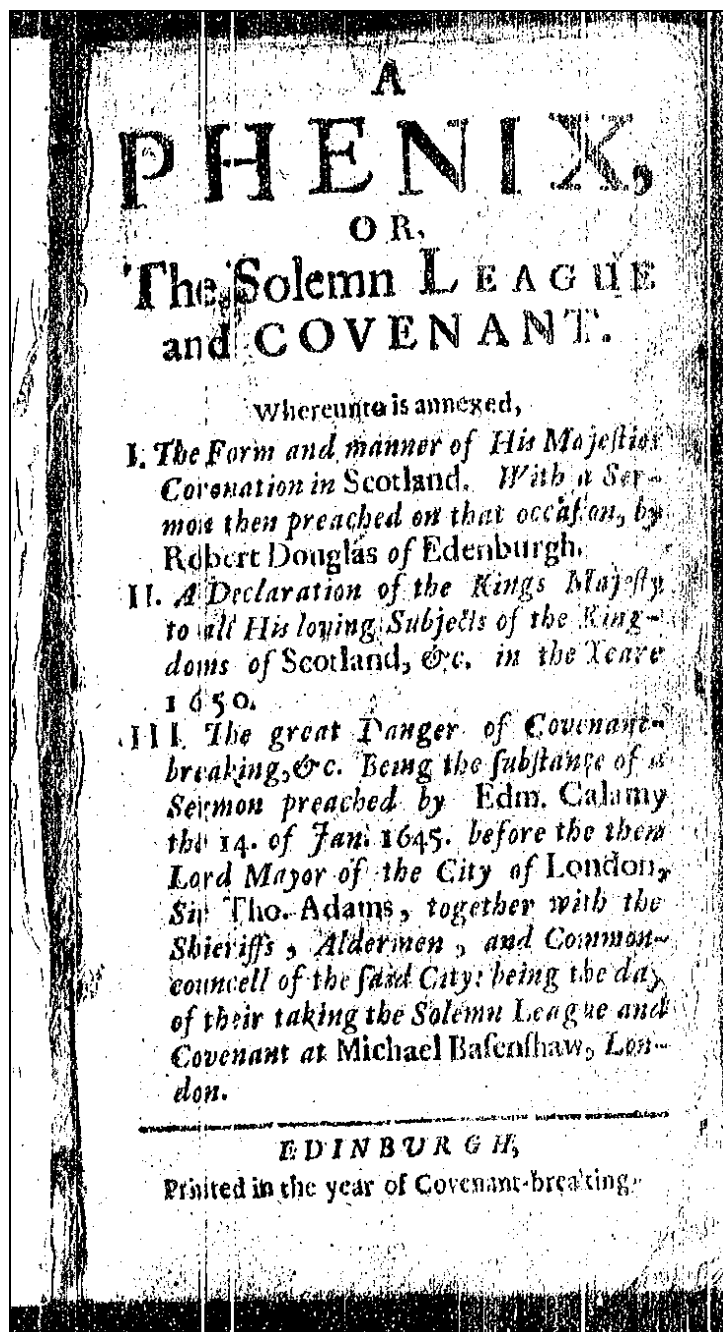


Figura 25: Frontispício de *A phenix*¹⁸⁰.

No prefácio, os Confederate Stationers indicavam a necessidade de não esquecer coisas tão importantes para a vida pública, que foram realizadas na presença de Deus, como o próprio firmamento da *Solemn League*. Nesse sentido, os editores gostariam de lembrá-la para fazê-la renascer. Em consequência disso, o panfleto apresentava o manifesto da liga, junto com os documentos que diziam respeito ao seu declínio, isto é, os textos relativos à coroação

¹⁸⁰ *A phenix, or, The Solemn League and Covenant...*

de Carlos II. Por fim, a última parte do texto servia para tratar sobre os riscos de romper uma aliança, sobretudo, se esta tivesse sido formada pelas ações conjuntas dos homens e de Deus. Quebrá-la seria compactuar com as forças do mal, por isso, Deus se vingaria daqueles que se opuseram aos Seus desígnios¹⁸¹. Com isso, os editores de *A phoenix* diziam claramente que Carlos II seria punido por suas condutas anticristãs.

Tamanha afronta provocou uma reação das autoridades e o texto começou a ser investigado. Rapidamente, as buscas ligaram o panfleto à ação de Creake, Calvert e Thresher, que foram inquiridos em 29 de junho de 1661. No seu depoimento, o impressor Thomas Creake declarou “Que ele imprimiu o Livro chamado *the Phoenix or the <Solemn League> & Covenant* a pedido de Livewell Chapman, Giles Calvert & Thomas Brewster (...)” e entregou 660 cópias a cada um dos livreiros em maio de 1661¹⁸². No mesmo dia, Calvert afirmou que Chapman participou da composição de *A phoenix*¹⁸³. E George Thresher contou que costurou algumas cópias de *A phoenix* por 13 pennies cada¹⁸⁴.

Esse é um dos únicos relatos que possuímos sobre as tiragens, os custos e o próprio sistema de produção panfletária desses livreiros radicais. *A phoenix* teve uma tiragem de 1.980 a 2.000 cópias, uma soma expressiva para a disseminação das ideias radicais que ele continha. Não sabemos quanto custou cada uma das fases de produção da obra, mas é possível ter alguma noção sobre o investimento dos livreiros no seu custeio se atentarmos para o valor declarado por Thresher para a costura das folhas. Se o encadernador trabalhou com as 1.980 cópias ou 2.000, a 13 pennies cada, ele recebeu cerca de £99 a £108 por seu trabalho, um montante significativo na época, que poderia comprar 15 cavalos, ou pagar entre 1.414 e 1.542 diárias de um trabalhador do setor da construção civil¹⁸⁵. O valor parece sugerir que o grupo tinha um capital considerável para investir em suas obras polêmicas.

Os depoimentos desses personagens ainda nos possibilitam conjecturar algumas questões acerca da disseminação de *A phoenix*. Foi informado às autoridades que pelo menos seis cópias de *A phoenix* foram enviadas para Richard Moone, livreiro que trabalhava em

¹⁸¹ *A phoenix, or, The Solemn League and Covenant...*

¹⁸² “That he did print y^e Book called y^e phoenix or y^e <Solemn League> & Covenant by y^e directions of Livewell Chapman, Giles Calvert & Thomas Brewster (...)”. Tradução livre. PRO SP 29/38/121. GREEN, Mary Anne Everett (ed.). *Calendar of State Papers, Domestic Series, of the reign of Charles II*, 1661-1662, preserved in Her Majesty’s Public Record Office. London: Longman, Green, Longman & Roberts, 1861. p.23

¹⁸³ PRO SP 29/38/123. GREEN, Mary Anne Everett (ed.). *Calendar of State Papers, Domestic Series, of the reign of Charles II...*, p.23.

¹⁸⁴ GREEN, Mary Anne Everett (ed.). *Calendar of State Papers, Domestic Series, of the reign of Charles II...*, p.23.

¹⁸⁵ Valores consultados no website dos *National Archives*: <<http://www.nationalarchives.gov.uk>>, acessado em 10/11/2015.

Bristol, por ordem de seu antigo mestre Giles Calvert. Os Confederates, nesse sentido, possuíam contatos com agentes do livro em outras regiões fora de Londres, o que indica que seus textos circularam em mais espaços¹⁸⁶.

Enquanto os censores investigavam a produção de *A phenix*, os depoimentos do envolvidos levaram a descobrir que outro libelo polêmico estava sendo composto pelo grupo. Creak, quando narrou sua experiência com *A phenix*, também revelou que os livreiros lhe pediram para imprimir 2.000 cópias de *Mirabilis annus*. Em junho Thresher recebeu 1.000 cópias para dobrar e costurar. Calvert admitiu que ele, Chapman e Brewster enviaram o texto para a impressão, mas contou que nenhum dos livreiros sabia quem escreveu o panfleto¹⁸⁷. Em julho, *Eniaytos terastios Mirabilis annus, or, The year of prodigies and Wonders* foi, de fato, publicado¹⁸⁸. O ministro Henry Jessey, pouco depois, foi inquirido sobre o libelo e, aparentemente, também teve alguma relação com sua produção, mas não admitiu sua autoria¹⁸⁹.

Já em seu longo título, *Eniaytos terastios Mirabilis annus, or, The year of prodigies and wonders, being a faithful and impartial collection of severall signs that have been seen in the heavens, in the earth, and in the waters; together with many remarkable accidents, and judgements befalling divers persons, according as they have been testified by very credible hands: all which have happened within the space of one year last past, and are now made publick for a seasonable warning to the people of these three kingdoms speedily to repent and turn to the Lord, whose hand is lifted up amongst us*, a obra apontava para o mesmo caminho argumentativo no qual *The Lord's Loud Call* estava baseado: a busca e a explicação de sinais proféticos que comprovavam que a Restauração não era do desejo de Deus, e que era preciso persistir na “good old cause”. A expressão latina “mirabilis annus”, isto é, “ano maravilhoso”, era empregada para designar a ideia de um ano auspicioso, prodigioso, no qual coisas extraordinárias ocorreriam. Ainda que o *Oxford English Dictionary* identifique a primeira aceção do termo em 1666, com a publicação do poema *Annus Mirabilis* de John Dryden, o

¹⁸⁶ MCKENZIE, D. F.; BELL, Maureen (eds.). *Op. cit.*, p.459.

¹⁸⁷ PRO SP 29/38/121; SP 29/38/123; 29/41/110. GREEN, Mary Anne Everett (ed.). *Calendar of State Papers, Domestic Series, of the reign of Charles II...*, p.23, 87.

¹⁸⁸ *Eniaytos terastios Mirabilis annus, or, The year of prodigies and wonders, being a faithful and impartial collection of severall signs that have been seen in the heavens, in the earth, and in the waters; together with many remarkable accidents, and judgements befalling divers persons, according as they have been testified by very credible hands: all which have happened within the space of one year last past, and are now made publick for a seasonable warning to the people of these three kingdoms speedily to repent and turn to the Lord, whose hand is lifted up amongst us*. [LONDON:] Printed in the year 1661.

¹⁸⁹ GREAVES, Richard L. *Op. cit.*, 1986. p.212-213.

termo foi empregado em outros contextos, como no panfleto de 1661, publicado pelos Confederates, ou, ainda antes, no livro profético medieval, intitulado *Mirabilis Liber*¹⁹⁰. *Mirabilis Liber* circulou por muito tempo como manuscrito, sendo impresso pela primeira vez, em latim, apenas em 1522, na França. As profecias nele contidas se espalharam pela Europa em diversas edições, que contribuíram para as expectativas escatológicas em diversos países e épocas¹⁹¹. Tendo essas acepções em vista, o uso da expressão “ano maravilhoso” no *Mirabilis annus* dos Confederates sugeria uma perspectiva profética acerca do que ocorria naquela época. No panfleto em questão, 1661 era descrito como um ano no qual era possível esperar por milagres, que antecederiam o Fim dos Tempos.

Ainda que ao longo do libelo, a descrição e discussão dos sinais prodigiosos não fosse associada explicitamente a prognósticos sobre o fim do reinado de Carlos II, o prefácio do texto tornava essa conclusão mais evidente para os leitores, direcionando sua leitura. No prólogo, foram narrados vários casos bíblicos e mundanos de soberanos que caíram logo após esses presságios terem aparecido. Sendo assim, a percepção desses acontecimentos naquele momento, era um indício de que Deus estava agindo e de que suas promessas logo se cumpririam, ou seja, em breve Carlos II perderia seu poder¹⁹². O tom milenarista do libelo enfatizava que as calamidades coevas logo cessariam, pois “(...) onde Deus ameaça *que o Sol se tornará escuridão, e a Lua sangue, &c.* No próximo verso ele está satisfeito em fazer uma promessa gloriosa”¹⁹³.

Por prognosticar o fim da monarquia de Carlos II, o panfleto também foi considerado perigoso e, por isso, precisava ser contido pelas autoridades. As investigações sobre *Mirabilis annus*, bem como sobre *A phenix*, foram conduzidas, sobretudo, por Roger L'Estrange. Em agosto de 1661, o censor publicou *A modest plea*, no qual culpou o grupo que chamou de “Confederate Stationers” por disseminar “(...) mais de um Milhão de *Panfletos Sediciosos*”¹⁹⁴.

¹⁹⁰ Cf. verbete em *Oxford English Dictionary*: <<http://www.oed.com/view/Entry/8001?redirectedFrom=annus+mirabilis#eid>>, acessado em 03/11/215. KINSLEY, James. “The ‘Three Glorious Victories’ in Annus Mirabilis”. *The Review of English Studies*, Vol. 7, No. 25 (Jan., 1956), pp. 30-37. p.30.

¹⁹¹ STUBBS, Derek; BRITNELL, Jennifer. “The Mirabilis Liber: its compilation and influence”. *Journal of the Warburg and Courland Institutes*, Vol. 49 (1986), pp.126-149.

¹⁹² BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1992. p.12-13.

¹⁹³ “(...) where God doth threaten *that the Sun shall be turned into darknesse, and the Moon into blood, &c.* In the very next verse he is pleased to make a glorious promise”. Tradução livre. *Eniaytos terastios Mirabilis annus, or, The year of prodigies and wonders, being a faithful and impartial collection of severall signs that have been seen in the heavens, in the earth, and in the waters...*, s.n.p.

¹⁹⁴ “(...) above a Million of *Seditious Pamphlets*”. Tradução livre. L'ESTRANGE, Roger. *A modest plea both for the caveat, and the author of it with some notes upon Mr. James Howell, and his sober inspections / by Roger L'Estrange*. London: Printed for Henry Brome ..., Aug. 28, 1661. p.10.

L'Estrange insinuava assim que os Estacionários Confederados eram responsáveis por produzir uma quantidade incontável de textos controversos, que, tal como uma turba, se espalhava pelo país, causando a desordem por onde passavam. Ele declarava ter descoberto a ligação de Calvert, Brewster e Chapman com a difusão tanto de *A phenix*, como de *Mirabilis annus* e insistia na necessidade de conter e punir esses textos e esses personagens, pois, como afirmava: a “*Imprensa* nem é menos ativa, ou menos *perigosa* que o *Púlpito*”¹⁹⁵. L'Estrange reforçava, assim, a força do texto impresso por meio de uma associação com o discurso oral. Mais do que isso, em sua fala, o poder de convencimento de um panfleto, era assim, tão intenso quanto uma pregação, que tinha a capacidade de influenciar os fiéis. Isso reforçava o perigo do não-conformismo não apenas no púlpito das comunidades sectárias, como na imprensa, que espalhava ideias perniciosas. Era preciso, portanto, conter os Confederates, da mesma forma que era necessário refrear os pregadores não-conformistas.

Os esforços de L'Estrange para impedir a continuação das atividades dos Confederates levaram à prisão de alguns desses personagens ao longo de 1661. Calvert, Thresher e Creake foram encarcerados em Gatehouse em junho em 1661¹⁹⁶, Chapman esteve preso em maio de 1661, mas logo que recobrou sua liberdade, fugiu¹⁹⁷. Brewster, também deixou Londres, e se refugiou em Bristol¹⁹⁸. Em setembro, Francis Smith foi identificado por Thresher como um dos livreiros que encomendou os títulos. Em dezembro, o “Elephant Smith” foi inquirido e parece ter ficado preso até janeiro do ano seguinte¹⁹⁹. Em outubro, Nathan Brooks também foi apontado como um dos vendedores das obras, que teria dispersado *Mirabilis annus* em Leicestershire, cobrando 16*d.* por exemplar, um valor consideravelmente elevado²⁰⁰ se comparado às baladas e *chapbooks* normalmente vendidos por 1 a 4*d.*²⁰¹.

Mesmo com a prisão desses livreiros, impressores e encadernadores, os textos do grupo continuaram a ser difundidos, o próprio *Mirabilis annus* foi publicado entre junho e agosto,

¹⁹⁵ “(...) Nor the *Press* less active, or less *dangerous* then the *Pulpit*”. Tradução livre. L'ESTRANGE, Roger. *Op. cit.*, 1661.

¹⁹⁶ HESSAYON, Ariel. ‘Calvert, Giles (bap. 1615, d. 1663)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, May 2015 [http://www.oxforddnb.com/view/article/39669, accessed 5 Jan 2016]. BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1992.

¹⁹⁷ BELL, Maureen ‘Chapman, Livewell (fl. 1643–1665)’.

¹⁹⁸ BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1992. p.28-30.

¹⁹⁹ PRO SP 29/41/110. MCKENZIE, D. F.; BELL, Maureen (eds.). *Op. cit.*, p.475-476.

²⁰⁰ De acordo com Robert Darnton, livros proibidos costumavam ser mais lucrativos e mais caros, devido aos riscos de publicar, ao mesmo tempo, esses textos eram bastante comprados, pois as obras controversas chamavam a atenção do público. DARNTON, Robert. *Op. cit.*, 1992. p.24, 31-32.

²⁰¹ MCKENZIE, D. F.; BELL, Maureen (eds.). *Op. cit.*, p.469. SIMMONS, R. C. “ABCs, almanacs, ballads, chapbooks, popular piety and textbooks”. In: BARNARD, John; MCKENZIE, D.F.; BELL, Maureen (eds.). *Op. cit.* RAVEN, James. *Op. cit.* p.49-50.

isto é, depois das prisões. Inclusive as publicações nominais de cada um desses personagens não cessaram, o que indica que suas esposas se mantiveram ativas nesse período, ainda que os *imprints* não carregassem seus nomes. Elizabeth Calvert, aliás, foi presa em outubro de 1661 por sua participação na produção de *Mirabilis annus*, sendo libertada dois meses depois, após assinar um *bond* de £500²⁰². Nos julgamentos de 1664, admitiu-se que Elizabeth Calvert, além de ter participado da composição de *Mirabilis annus*, também mantinha contatos comerciais com Richard Moone, e enviava panfletos radicais ao livreiro de Bristol, para que ele os disseminasse pela cidade²⁰³. Hannah Chapman, provavelmente, também participou das publicações dos Confederates, assim como manteve a Crown ativa com a venda das reedições de John Archer e Vavasor Powell²⁰⁴. Anna Brewster, além de ter ajudado a emitir os títulos do grupo, administrou a livraria enquanto o marido estava ausente²⁰⁵. Não é de se espantar, então, que elas tenham dado continuidade às produções antimonarquistas em 1662, quando duas outras partes de *Mirabilis annus* foram lançadas.

Elizabeth Calvert, Hannah Chapman e Anna Brewster trabalharam com Francis Smith para imprimir o livro *Mirabilis annus secundus*, que seguia a mesma proposta da primeira parte, mas enfatizando os infortúnios ocorridos entre abril de 1661 e julho de 1662²⁰⁶. Contudo, as autoridades já estavam no encalço dos livreiros sediciosos e Smith acabou novamente preso em 15 de agosto de 1662, pois cópias do livro foram encontradas consigo e em sua casa. Ao mesmo tempo, Henry Jessey, que, desde dezembro de 1661, vinha sendo acusado de ter escrito *Mirabilis annus*, foi inocentado após a publicação do segundo volume do livro. O ministro milenarista George Cockayne²⁰⁷ e o Batista Henry Danvers²⁰⁸ também

²⁰² MCKENZIE, D. F.; BELL, Maureen (eds.). *Op. cit.*, p.469, 473.

²⁰³ BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1994. pp.5-64.

²⁰⁴ ARCHER, John. *Comfort for beleevvers about their sin and troubles...*, 1661. ARCHER, John. *The personal reign of Christ upon earth...*, 1661. POWELL, Vavasor. *Common-prayer-book no divine service...*, 1661.

²⁰⁵ BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1992. BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1994.

²⁰⁶ *Mirabilis annus secundus; or, The second year of prodigies. Being a true and impartial collection of many strange signes and apparitions, which have this last year been seen in the heavens, and in the earth, and in the waters. Together with many remarkable accidents and judgements befalling divers persons, according to the most exact information that could be procured from the best hands, and now published as a warning to all men speedily to repent, and to prepare to meet the Lord, who gives us these signs of his coming.* [London:], Printed in the year, 1662.

²⁰⁷ Cockayne foi um ministro independentista, que atuou em diversas congregações londrinas radicais. Na década de 1650, ele esteve associado aos pentamonarquistas Christopher Feake, Vavasor Powell e John Simpson. No início dos anos 1660, foi contrário à Restauração. LIU, Tai. ‘Cokayn , George (bap. 1620, d. 1691)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [http://www.oxforddnb.com/view/article/5820, accessed 29 Dec 2015].

²⁰⁸ Danvers foi um pregador radical, que participou do grupo dos pentamonarquistas, tendo especial interlocução com John Simpson. Apesar de ter sido contrário à sublevação de Venner em 1657, as autoridades suspeitaram de sua participação da rebelião e, por isso, ele foi preso por um curto espaço de tempo. Em junho de

foram apontados como os possíveis autores dos textos, mas nada foi provado²⁰⁹. Em novembro de 1662, Giles Calvert também foi liberado por bom comportamento, após assinar um *bond* de £500²¹⁰.

No mesmo mês, as “Confederate Women”, isto é, as livreiras, impressoras e esposas dos estacionários confederados – Elizabeth Calvert, Hannah Chapman, Anna Brewster, Eleanor Smith e Joan Dover – como denominadas pela historiadora Maureen Bell, publicaram, ainda, uma segunda parte de *Mirabilis annus secundus: or, The second part of the second years prodigies*, que se referia aos acontecimentos e sinais divinos até novembro de 1662²¹¹.

Os percalços pelos quais o grupo passou até a produção deste terceiro libelo foram retratados logo no primeiro parágrafo do prefácio da obra. Ressaltando as dificuldades em publicar naquele momento de intensa perseguição, os editores e as editoras diziam: “Tendo finalmente, através da assistência da Providência, superado as muitas interrupções que acometeram à *Imprensa*, nós conseguimos (apesar de muito mais tarde do que nós prometemos, e de fato do que pretendemos) pelo menos trazer ao Mundo a *Segunda Parte* dos *Prodígios* deste ano”²¹². Essas interrupções foram consequências do fortalecimento da censura, que dificultou a publicação do texto. Em 1662, Carlos II havia decretado duas leis que prejudicaram as atividades dos panfleteiros sediciosos: o *Act of Uniformity* e o *Printing Act*. O primeiro “(...) distinguia apenas duas categorias de prática religiosa: conformista e não-conformista”, autorizando a perseguição àqueles que fossem heterodoxos às doutrinas presbiterianas²¹³. O segundo visava suprimir a publicação de libelos sediciosos. Para isso, recuperou a legislação anterior, restringindo o número de casas de impressão a 22, nas quais

1661, ele foi encarcerado novamente, desta vez por planejar, junto com Clement Ireton, uma revolta contra a monarquia recém restabelecida. GREAVES, Richard L. ‘Danvers, Henry (b. in or before 1619, d. 1687/8)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [http://www.oxforddnb.com/view/article/7134, accessed 5 Jan 2016].

²⁰⁹ GREAVES, Richard L. *Op. cit.*, 1986. p.213.

²¹⁰ MCKENZIE, D. F.; BELL, Maureen (eds.). *Op. cit.*, p.494.

²¹¹ *Mirabilis annus secundus: or, The second part of the second years prodigies. Being a true additional collection of many strange signs and apparitions, which have this last year been seen in the heavens, and in the earth, and in the waters. Together with many remarkable accidents, and signal judgments which have befel divers persons who have apostatized from the truth, and have been persecutors of the Lord’s faithful servants. Published as a warning to all, speedily to repent, and to meet the Lord in the way of his judgments.* [London:], Printed in the year, 1662.

²¹² “Having at length, through the assistance of Providence, overcome the many interruptions which have attended the Press, we have (though much later than we promised, and indeed intended) at last Mid-wives into the World a Second Part of this years Prodigies”. Tradução livre. *Idem*, s.n.p.

²¹³ England and Wales. Parliament. *Act for the uniformity of publique prayers, and administration of sacraments, and other rites and ceremonies: and for establishing the form of making, ordaining, and consecrating bishops, priests, and deacons in the Church of England.* [London: printed by John Bill and Christopher Barker, printers to the King’s most Excellent Majesty, 1662]. KEEBLE, N. H. *The Restoration: England in the 1660s.* Cornwall, Blackwell, 2002. p.140.

um impressor poderia ter até duas prensas e até dois aprendizes; delimitando a produção de textos a Londres, Oxford e Cambridge; e determinando o licenciamento prévio dos títulos na Stationers' Company. Além de conferir o monopólio da impressão de livros à Companhia, a lei também delegava a ela as funções censoras de investigar e proceder contra estacionários que descumprissem as determinações oficiais²¹⁴.

Com essas leis em vigor, a produção de obras radicais se tornou mais difícil, mas isso não quer dizer que os Confederates cessaram suas prensas. Embora relatem que muitos erros gramaticais, de pontuação e de impressão sejam perceptíveis em seus textos por conta dos obstáculos enfrentados durante a confecção dos panfletos – como a troca de prensas, e o confisco de materiais –, o grupo continuou atuante²¹⁵.

Ainda em 1662, eles parecem ter sido responsáveis pela publicação de três obras de Henry Vane. Nas investigações oficiais, considerou-se que Thomas e Anna Brewster, e Livewell e Hannah Chapman estavam envolvidos com a produção e a disseminação de *Two Treatises* de Vane, e dos panfletos biográficos sobre o autor, intitulados *The Trial of Sir. Henry Vane* e *The Life and Death of Sir Henry Vane*, mas é muito provável que a composição tenha sido encabeçada pelas “Confederate Women”, visto que Chapman estava foragido e Brewster, que fora encontrado em Bristol em fevereiro, estava preso²¹⁶. As obras foram todas publicadas depois da execução de Henry Vane em junho de 1662, e retomavam sua perspectiva republicana e devota, proposta em seu tratado *A Healing Question* de 1656²¹⁷.

Two Treatises era uma compilação de escritos de Vane da época em que esteve preso. No início da obra, os editores indicam a necessidade de apresentá-la com um prefácio elaborado em carta por um amigo de Vane²¹⁸. O tom da apresentação do título assemelhava-se ao de *The Speeches* sobre os regicidas, em que Henry Vane era apresentado como um mártir da “good old cause”, que foi injustamente executado pela monarquia, para quem ele

²¹⁴ England and Wales. Parliament. *An act for preventing the frequent abuses in printing seditious, treasonable, and unlicensed books and pamphlets; and for regulating of printing and printing-presses*. [London : printed by John Bill and Christopher Barker, printers to the Kings most Excellent Majesty, 1662]. KEMP, Geoff. “Introduction”. In: KEMP, Geoff; MCELLIGOTT, Jason (eds.). *Op. cit.*, Vol.3. p.XIX-XX. KEEBLE, N. H. *Op. cit.*, p.148-149.

²¹⁵ “Errata” In: VANE, Henry. *Two treatises: viz. I. An epistle general, to the mystical body of Christ on earth, the church universal in Babylon. II. The face of the times: wherein is discovered, the rice [sic], progresse, and issue, of the enmity and contest between the seed of the woman and the seed of the serpent, &c. The design of it being, to awaken up the present generation of God’s people, to a more diligent and curious observation of the present signs of the near approach of the Day of the Lord. Both written, by Sir Henry Vane, Knight, in the time of his imprisonment*. [London:] Printed in the year, 1662.

²¹⁶ PRO SP 29/67/161.

²¹⁷ VANE, Henry. *Op. cit.*, 1656. MAYERS, Ruth E. *Op. cit.*, 1996. SANTOS JUNIOR, Jaime Fernando dos. *Op. cit.*

²¹⁸ VANE, Henry. *Two treatises...* s.n.p.

representava um perigo. Vane fora preso em 1661, mas no ano seguinte, Carlos II julgara-o perigoso demais para continuar vivo, e o condenou à morte em 11 de junho de 1662. Ele foi executado três dias depois na Tower Hill²¹⁹.

A publicação de *Two treatises* não pode ser vista isoladamente. É preciso considerar, paralelamente, o lançamento dos dois outros títulos que visavam transformar Vane no novo mártir do republicanismo devoto. A difusão dos três textos em um mesmo mês, configurava, assim, tanto uma tática comercial, como política. Por um lado, comercializar a transcrição do julgamento de Vane, bem como sua biografia e suas ideias logo após a sua morte era uma estratégia para fornecer ao público alguns impressos sobre o assunto em voga, que supostamente venderia bem. Por outro, as publicações simultâneas reforçavam as perspectivas político-religiosas de Vane, defendidas pelos Confederates, e apresentavam-no como um homem altruísta, que lutara pelo bem comum.

Em *The tryal of Sir Henry Vane*, os Confederates publicaram as últimas palavras de Henry Vane, que declarava triunfante: “Meu Sangue será a Semente semeada, pela qual essa gloriosa Causa florescerá, a qual Deus fará crescer rapidamente”²²⁰. Não podemos saber se a frase foi realmente proferida por Vane ou se foi forjada pelos copistas e editores do texto, mas o seu uso, atrelado à execução do autor e à publicação dos dois outros títulos, lhe dava força. Ao mesmo tempo, o argumento reforçava a ideia do republicanismo devoto de que Deus estaria trabalhando em prol da *commonwealth*.

A fórmula do mártir se repetiu no panfleto anônimo, posteriormente atribuído ao discípulo de Vane, George Sikes, *The life and death of Sir Henry Vane*. Logo no primeiro parágrafo do libelo, era dito ao leitor: “Prepare sua Fé. A Narrativa que se segue diz respeito a uma pessoa, que por sua inocência em fazer o bem e sofrer o mal, juntamente com a firmeza e a fluidez da sua conduta em ambos, em verdade excede a simples recepção da compreensão humana”²²¹. A trajetória do autor era, então, descrita e apresentada aos leitores quase como

²¹⁹ MAYERS, Ruth E. ‘Vane, Sir Henry, the younger (1613–1662)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, May 2015 [http://www.oxforddnb.com/view/article/28086, accessed 19 July 2015].

²²⁰ “My Blood will be the Seed sown, by which this glorious Cause will spring up which God will speedily raise”. Tradução livre. *The tryal of Sir Henry Vane, Kt. at the Kings Bench, Westminster, June the 2d. and 6th. 1662. Together with what he intended to have spoken the day of his sentence, (June 11.) for arrest of judgment, (had he not been interrupted and over-ruled by the court) and his bill of exceptions. With other occasional speeches, &c. Also his speech and prayer, &c. on the scaffold.* [London:] Printed in the year, 1662. p.80.

²²¹ “Prepare your Faith. The ensuing Narrative concerns a person, who for his unweariedness in doing well and suffering ill, together with the ground and spring of his deportment in both, doth in very truth exceed the single reception of humane understanding”. Tradução livre. *The life and death of Sir Henry Vane, Kt. or, A short narrative of the main passages of his earthly pilgrimage; together with a true account of his purely Christian,*

em uma hagiografia. As ações de Vane foram além do entendimento humano, eram heroicas, sua vida foi louvável, sua morte foi um sacrifício pelo bem comum, pela continuidade da “good old cause”. Seu tom pretendia impelir ao leitor a ideia de que o povo não devia deixar a morte de Vane ser em vão, mas sim transformá-la em uma nova motivação para continuar a luta pela *commonwealth*.

5.3. A vitória de L'Estrange

Certamente, a continuidade da propagação desse tipo de propaganda não-conformista e republicana enfurecia Roger L'Estrange. Em junho de 1662, ele lançou um panfleto denunciando as publicações sediciosas, entre elas *A phenix*. Expondo suas investigações e descobertas acerca das ações do grupo de livreiros, impressores e encadernadores, L'Estrange apontava que ao ter conhecimento do livro, ele emitiu um mandato de busca, com o qual encontrou 120 cópias do título com um impressor, um vendedor e um estacionário. Ele entregou todos os responsáveis ao secretário Edward Nicholas, que os inquiriu e os manteve presos por algum tempo. Na perspectiva de L'Estrange, o impressor do texto, Thomas Creak, compôs a obra por necessidade e não por malícia, mas dois dos três livreiros ligados a obra, Giles Calvert – que estava preso – e Livewell Chapman – que se refugiava no exterior –, foram as pessoas que “(...) mais Constantemente, e Maliciosamente buscaram a Destruição da Família Real”²²². O terceiro livreiro envolvido, Thomas Brewster havia fugido, mas foi encontrado em Bristol em fevereiro, e estava de volta a Londres²²³. Um quarto estacionário, Francis Tyton²²⁴, parecia também ter participado da publicação, mas pouco foi dito sobre ele. A quinta personagem apontada pelo censor era Elizabeth Calvert. L'Estrange comentava que enquanto investigava a produção de *A phenix*, tomou conhecimento sobre *Mirabilis annus*. O censor apontava também que embora Calvert, um dos editores do texto, estivesse preso, a obra continuou a ser comercializada por sua esposa²²⁵, e, podemos acrescentar, pelas demais “Confederate Women”.

peaceable, spiritual, gospel-principles, doctrine, life, and way of worshipping God, for which he suffere contradiction and reproach from all sorts of sinners, and at last, a violent death, June 14. anno, 1662. To which is added, his last exhortation to his children, the day before his death. [London : s.n.], Printed in the year, 1662. p.3.

²²² “(...) more Constantly, and Malitiously prosecuted the Destruction of the Royal Family”. Tradução livre. L'ESTRANGE, Roger. *Op. cit.*, 1662. p.57.

²²³ *Idem, ibidem*. BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1992. p.22.

²²⁴ Livreiro ativo em Fleet Street desde 1649 até 1667. PLOMER, Henry Robert. *Op. cit.*, p.185.

²²⁵ L'ESTRANGE, Roger. *Op. cit.*, 1662.

A seguir, L'Estrange citou algumas passagens de ambos os textos para comprovar seu caráter sedicioso, declarando a necessidade de cessar a propagação desse tipo de discurso²²⁶. Para o autor, era preciso criar instrumentos de controle da imprensa mais eficazes, porque a Stationers' Company não evitava a publicação dos textos radicais, nem punia os responsáveis, visto que muitas dessas obras eram fruto de personagens que faziam parte da Companhia²²⁷. Suas ideias para a formação de um sistema censor mais rigoroso foram expostas em seu *Considerations and proposals in order to the regulation of the press* de junho de 1663, no qual o autor chegou a apontar os Confederate Stationers como um dos maiores problemas daquele período: “as Pessoas mais Perigosas de todas são os *Estacionários Confederados*, e partir Esse Nó faria o trabalho sozinho [de controlar a propagação de libelos sediciosos]”²²⁸.

As demandas de L'Estrange logo foram atendidas. Ele teve êxito ao gerar uma atmosfera de medo do caos e do radicalismo. Naquele contexto, “uma autoridade independente era necessária para supervisionar o comércio: em 15 de agosto de 1663 foi emitido um mandato que criava o posto de Inspetor da Imprensa e apontava L'Estrange como o Inspetor²²⁹, com poder para procurar por livros sem licença, prensas ilegais e todos os envolvidos na produção de material ilícito”²³⁰. Para Keeble, é muito provável que o cargo conquistado por L'Estrange fosse consequência de seu sucesso na detecção e na captura dos Confederates²³¹. Ao mesmo tempo, a ascensão de L'Estrange representou o real estreitamento das políticas de controle da imprensa na Inglaterra, e levou à queda do grupo que ainda tentava defender a “good old cause” contra as imposições da monarquia.

Ao longo das investigações, em 9 de março de 1663, foi emitido um mandato para a apreensão de Livewell Chapman, seus instrumentos de trabalho, e do Sr. Leonard, seu senhorio²³². Chapman não foi encontrado, e um novo mandato saiu em 7 de abril²³³. O livreiro, que estava no exterior, escreveu, então, uma petição para o secretário Bennet, indicando que havia se ausentado do país por conta de suas dívidas, mas que queria retornar,

²²⁶ L'ESTRANGE, Roger. *Op. cit.*, 1662., p.56-57.

²²⁷ KEEBLE, N. H. *Op. cit.*, p.151-152.

²²⁸ “The most Dangerous People of all are the *Confederate Stationers*, and the breaking of That Knot would do the work alone”. Tradução livre. L'ESTRANGE, Roger. *Op. cit.*, 1663. p.6.

²²⁹ PRO SP 29/78/96.

²³⁰ “An independent authority was needed to oversee the trade: on 15 August 1663 a warrant was issued establishing the office of the Surveyor of the Press and appointing L'Estrange Surveyor, with power to search for unlicensed books, illegal presses and all involved in the production of illicit material”. Tradução livre. KEEBLE, N. H. *Op. cit.*, p.152.

²³¹ *Idem*, p. 155.

²³² PRO SP 44/9/296.

²³³ PRO SP 44/9/340.

com a proteção do Secretário, pois declarava que, desde a Restauração, não havia atentado contra o governo. Todas as denúncias sobre seu comportamento e suas atividades sediciosas no mercado livreiro eram, segundo ele, invenções de seus inimigos²³⁴.

Assim que Chapman regressou, a Crown mudou de endereço. Depois dos problemas econômicos que despontavam na livraria, e após o Sr. Leonard ter sido preso por conta das atividades editoriais sediciosas dos livreiros, os Chapmans passaram a trabalhar em outra viela de Cornhill, Exchange Alley²³⁵. O fato de terem se mudado para um local tão próximo da antiga livraria, sugere a ideia de manter os laços comerciais com os outros profissionais da região, bem como o propósito de não perder a clientela que já sabia onde encontrar a literatura dissidente vendida por Chapman.

Os problemas do livreiro com as autoridades não cessaram. As investigações de L'Estrange, agora como censor oficial do Estado, levaram a mais denúncias que culpabilizavam Chapman e os Confederates. Em 24 de junho de 1663, Creake fez uma declaração, por escrito, reforçando a ligação de Calvert, Brewster e Chapman à propagação dos libelos radicais *A phenix* e *Mirabilis annus*, e acusando-os de ter ordenado a impressão dos textos²³⁶. Como consequência das evidências contra os estacionários, todos acabaram na cadeia novamente. Giles Calvert, debilitado pelos anos já passados na prisão, faleceu em agosto de 1663, e sua esposa, que já havia sido apreendida outras vezes, voltou para Gatehouse²³⁷. Em 24 de novembro de 1663, Chapman foi preso “(...) por práticas sediciosas (...)”²³⁸. Foi determinado que ele ficaria sob a custódia das autoridades enquanto fosse requisitado.

A nova estada na cadeia deve ter degradado a situação econômica dos livreiros e, a partir de 1663, a Crown quase não publicou. Em 1664, foi reeditado apenas um tratado sobre anatomia, um gênero muito diferente dos costumeiros libelos radicais²³⁹. Além disso, a

²³⁴ PRO SP 29/72/155.

²³⁵ Conforme o *imprint* de uma reimpressão, de 1663, de um trabalho de Tillinghast. TILLINGHAST, John. *Six several treatises. 1. The promises made and fulfilled in Christ. 2. Absolute promises made to sinners as sinners. 3. The life of faith; and in particular, in justification, sanctification, and expectation. 4. The saints anchor rightly cast. 5. Christs new command. 6. O offences. By the late worthy and faithful servant of Jesus Christ John Tillinghast. Published by his own notes.* London: printed by R.I. for L. Chapman, to bee sold at his shop in Exchange-Alley, between Lumbard street and Cornhill, 1663.

²³⁶ PRO SP 29/75/199.

²³⁷ HESSAYON, Ariel. ‘Calvert, Giles (bap. 1615, d. 1663)’.

²³⁸ PRO SP 44/15/206.

²³⁹ CARPI, Berengario da. *Mikrokosmographia, or, A description of the body of man being a practical anatomy, shewing the manner of anatomizing from part to part, the like hath not been set forth in the English tongue : adorned with many demonstrative figures / long since composed in Latine by that famous J. Berengarius of Carpus, Dr. of A. & P., reader of chirurgery in the University of Bononia ; done into English by*

própria saúde do livreiro parece ter ficado comprometida. Em janeiro do ano seguinte, Hannah Chapman escreveu uma petição para o secretário Bennet, dizendo-lhe que seu marido, preso em Gatehouse, encontrava-se muito doente e muito fraco. Por conseguinte, a mulher desejava vê-lo para lhe dar alguma assistência²⁴⁰. Hannah Chapman e Christopher Chapman – sobre quem não conseguimos informações, mas inferimos que fosse algum familiar – foram autorizados a visitar o estacionário em 4 de janeiro, mas não há nenhum outro relato acerca de seu estado de saúde²⁴¹.

No mês seguinte, depois de as autoridades terem reunido provas o suficiente contra os Confederate Stationers, os envolvidos foram julgados. Entre 20 e 22 de fevereiro de 1664, as ações de diversos personagens do mercado livreiro foram examinadas. Temos conhecimento sobre os casos do impressor John Twyn, acusado de traição, e dos Confederates porque foi determinado que os processos fossem transcritos, impressos por Thomas Mabb – uma das testemunhas nos julgamentos – e publicados por Henry Brome – o principal *publisher* dos trabalhos de L'Estrange²⁴².

No frontispício do texto já é possível notar as intenções que podem ter motivado sua publicação. Seu longo título *An exact narrative of the tryal and condemnation of John Twyn, for printing and dispersing of a treasonable book, with the tryals of Thomas Brewster, bookseller. Simon Dover, printer. Nathan Brooks, bookbinder, for printing, publishing, and uttering of seditious, scandalous, and malicious pamphlets. At Justice-Hall in the Old-Bayly London, the 20th. and 22th. of February 1663/4. Published by Authority*, que pode ser melhor observado na figura 26, já destaca o peso da censura²⁴³. No título, vemos que John Twyn, Thomas Brewster, Simon Dover e Nathan Brooks são acusados de ter impresso, publicado e dispersado panfletos maliciosos, escandalosos e traidores. Pouco abaixo à recriminação dos personagens, lê-se antes do *imprint*, em destaque: “Published by Authority”, isto é “Publicado pela Autoridade”. Considerando as demais acepções do termo “publish”, também é possível entender que não se tratava apenas de enunciar o detentor da posse do impresso, mas

H. Jackson, chirurgion, by whom is also added a fit Etymon to the names of the parts in their proper place. London: Printed for Livewell Chapman ..., 1664.

²⁴⁰ PRO SP 29/90/25.

²⁴¹ PRO SP 44/16/1.

²⁴² Brome tinha uma livraria próxima à St. Paul's Cathedral, onde atuou de 1656 a 1681. Ele teve bastante sucesso no mercado livreiro, sobretudo por conta de sua profícua relação com Roger L'Estrange. VON MALTZAH, Nicholas. 'Brome, Henry (d. 1681)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [http://www.oxforddnb.com/view/article/69222, accessed 20 July 2015].

²⁴³ *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Twyn, (...) with the tryals of Thomas Brewster, bookseller, Simon Dover, printer, Nathan Brooks, bookbinder...*, 1664.

distinguir quem tornara-o público e, por conseguinte, quem tinha autoridade para divulgar (e julgar) esse caso. A frase acentuava a força do Estado sobre a imprensa, pois o termo “Autoridade” (escrito em versalete) contrastava fortemente com as palavras usadas para descrever as atividades dos estacionários em questão, como “treasonable book” e “seditious, scandalous, and malitious pamphlets”.

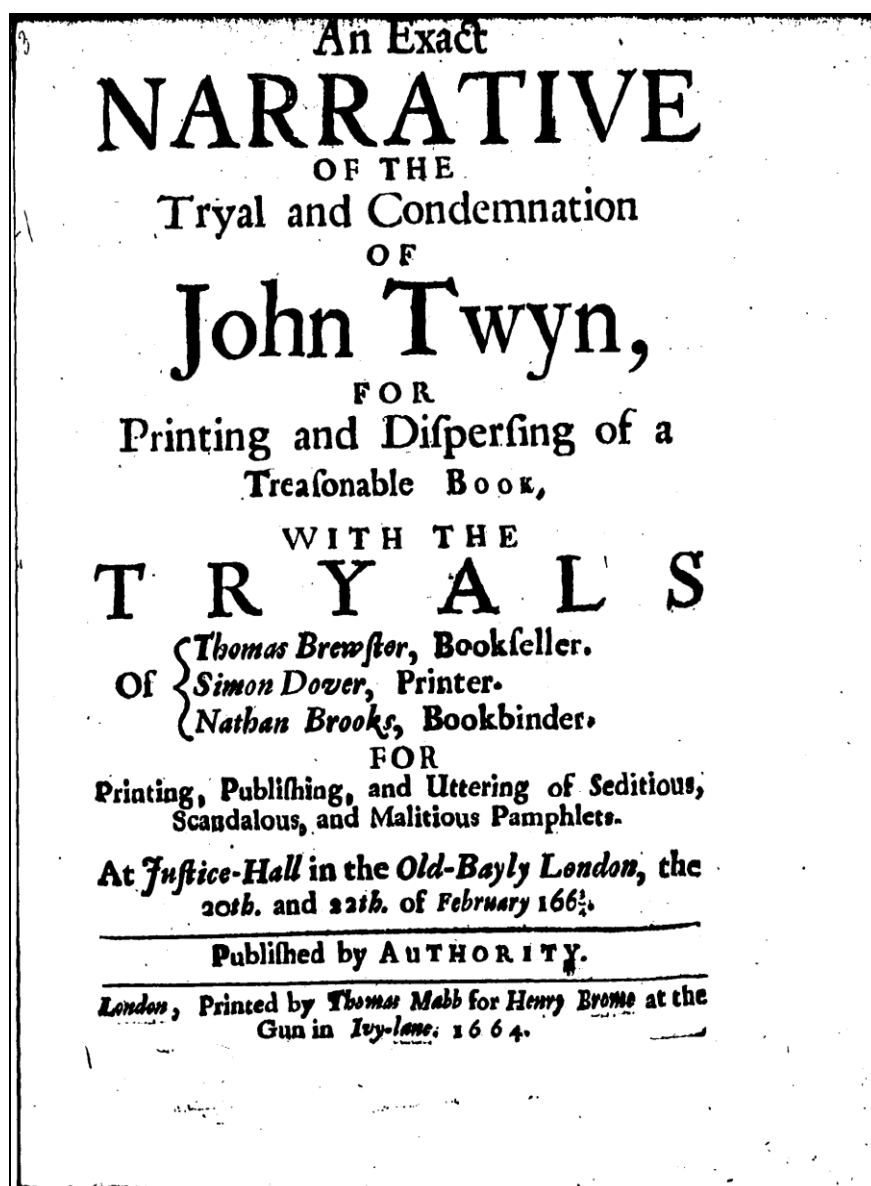


Figura 26: Frontispício da transcrição dos julgamentos de fevereiro de 1664, *An exact narrative of the tryal and condemnation of John Twyn*²⁴⁴.

²⁴⁴ *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Twyn, (...) with the tryals of Thomas Brewster, bookseller, Simon Dover, printer, Nathan Brooks, bookbinder..., 1664.*

O lugar desse paratexto reforçava ainda mais o argumento de autoridade, uma vez que estava acima do *imprint*, isto é, do local da página destinado aos proprietários do texto. O destaque da frase “Printed by Authority” colocava, assim, o impressor e o livreiro responsáveis pela publicação de *An exact narrative of the tryal and condemnation of John Twyn* como profissionais subordinados à vontade do Estado. Mais do que isso, se considerarmos que o tipógrafo que produziu a transcrição, Thomas Mabb, também atuava no comércio da literatura dissidente e foi uma das testemunhas nos julgamentos, o seu trabalho com *An exact narrative of the tryal and condemnation of John Twyn* parecia um aviso das autoridades de que qualquer um que infringisse as leis de controle da imprensa poderia ter as mesmas punições descritas no texto. Esse elemento do frontispício lembrava a quem quer que o lesse, que todos, sobretudo àqueles ligados à imprensa, estavam sob a mira da censura.

O primeiro caso relatado no impresso é o de John Twyn, acusado de ter produzido, em outubro de 1663, um texto anônimo chamado *A treatise of the execution of justice*. O libelo foi considerado perverso porque acusava a casa Stuart de tirania e opressão, incitando a desordem e a rebelião contra Carlos II. Twyn foi considerado culpado do crime de traição e, portanto, foi condenado à morte por enforcamento, estripamento e esquartejamento²⁴⁵.

No dia 22, se seguiu o julgamento de alguns dos Confederate Stationers: Thomas Brewster, Simon Dover e Nathan Brooks. Antes mesmo de serem inquiridos, Dover havia requisitado às autoridades presentes se o júri poderia ser composto “(...) de *Livreiros* e *Impressores*; sendo eles os únicos homens que entendem nosso negócio”²⁴⁶. O pedido foi negado. Na sessão, Brewster foi acusado de estar associado à produção e dispersão do *The Speeches*, *A phenix* e *Mirabilis annus*; Dover e Brooks foram indiciados por sua relação apenas com os últimos dois títulos citados. Thomas Creak, antes um dos Confederados, já havia sido absolvido por Roger L’Estrange, que considerava que o impressor havia compactuado com o grupo apenas por suas necessidades econômicas, e não por suas convicções radicais. Ele também foi o personagem que mais colaborou com as autoridades, entregando todos os outros estacionários com quem trabalhou. Provavelmente, isso fez com

²⁴⁵ *A treatise of the execution of justice, wherein is clearly proved, that the execution of judgement and justice, is as well the peoples as the magistrates duty; and that if magistrates pervert judgement, the people are bound by the law of God to execute judgement without, the and upon them.* [London : by John Twyn, 1663]. p.2-35.

²⁴⁶ “(...) of *Book-sellers* and *Printers*; they being the men that only understand our businesse”. Tradução livre. *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Twyn, (...) with the tryals of Thomas Brewster, bookseller, Simon Dover, printer, Nathan Brooks, bookbinder...*, 1664. p.9.

que ele se livrasse das acusações e não fosse julgado naquele momento, e que somente aparecesse entre as testemunhas²⁴⁷.

Quando inquirido sobre a composição de *The Speeches*, Creake rapidamente atribuiu a culpa ao finado Giles Calvert, a Thomas Brewster e a Livewell Chapman, que, embora estivesse preso, não havia participado das audiências. Não foi mencionada nenhuma razão para que Chapman não tenha sido processado. Talvez o seu estado de saúde, como descrito na petição de Hannah Chapman, tivesse lhe impedido de participar da audiência. De qualquer maneira, ele já estava encarcerado e assim continuou até o final do julgamento, mas ele não recebeu uma pena como a dos outros agentes do livro julgados em 1664.

Creake confirmava que havia impresso 3.000 cópias da primeira parte de *The Speeches* à mando dos três livreiros. Thresher afirmava que havia recebido todos os impressos de Dover, que provavelmente produziu o restante do título, e que ficou com cerca de 500 cópias para costurar. Depois que fez o trabalho, o encadernador deu os textos para Brooks e foi pago por Brewster²⁴⁸.

É interessante observar nestas declarações a forma pela qual a produção dos panfletos se organizava. Os títulos, comumente, eram divididos entre mais de um tipógrafo, a pedido de um livreiro-editor, que depois deixaria as cópias para serem costuradas – mas não encadernadas, visto que se tratavam de panfletos baratos – e, depois, vendidas. A divisão das tarefas talvez fosse aplicada para evitar que muitas cópias de textos perigosos estivessem em posse de um único personagem. Assim, como evidenciado por Darnton, constituía-se uma estratégia de produção e difusão dos impressos sediciosos, que visava evitar problemas com os censores²⁴⁹. Ao mesmo tempo, durante o julgamento, esta divisão também foi utilizada como um artifício para isentar a culpa dos personagens em questão. Nenhum dos envolvidos negava sua participação, mas todos se colocavam como trabalhadores mecânicos que desempenharam as tarefas pelas quais foram pagos, sem imaginar o mal que isso causaria. Brewster, quando interrogado acerca de sua responsabilidade pela difusão de *The Speeches*, dizia categoricamente que não o fizera

²⁴⁷ *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Twyn, (...) with the tryals of Thomas Brewster, bookseller, Simon Dover, printer, Nathan Brooks, bookbinder...*, 1664. p.36-37. L'ESTRANGE, Roger. *Op. cit.*, 1662.

²⁴⁸ *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Twyn, (...) with the tryals of Thomas Brewster, bookseller, Simon Dover, printer, Nathan Brooks, bookbinder...*, 1664. p.37-39.

²⁴⁹ DARNTON, Robert. *Op. cit.*, 1992. p.33. DARNTON, Robert. *Poetry and the Police: communication networks in eighteenth-century Paris*. London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2010.

(...) maliciosamente ou com qualquer plano contra o Governo. (...) Os Livreiros não costumam ler o que eles vendem. (...) A maior parte da Acusação recai sobre o fato de que isso foi feito Maliciosamente, e Sediciosamente, e então quer dizer, Conscientemente; Apesar de garantir que eu fiz isso, (...) todavia isso não quer dizer que eu o fiz Maliciosamente, e Sediciosamente; eu o fiz em meu Comércio, nós não costumamos ler o que nós colocamos para Imprimir ou Vender; eu digo meu Senhor, vender Livros é nosso Ofício, e por esse mero Exerício, não há conhecimento de nenhum mal (...) ²⁵⁰.

Obviamente, é preciso considerar que Brewster se justificou dessa maneira, pois pretendia evitar as punições, sobretudo quando há poucos dias atrás, Twyn havia sido executado por suas ações no mercado livreiro. O risco de ser acusado de traição era muito grande e as falas de Brewster devem ser pensadas dentro de um contexto de opressão, no qual ele necessitava se desviar dos crimes. De fato, é muito provável que esses livreiros lessem sim o que eles vendiam. E, mais do que isso, que tivessem consciência do seu conteúdo. No caso de um grupo engajado em propagar ideias contrárias à Restauração, parece evidente que todos eles conhecessem os conteúdos que lançavam no mercado livreiro e que o fizessem com um objetivo político determinado.

Eles publicaram esses trabalhos anonimamente porque sabiam que poderiam ser perigosos e, por isso, a discrição em sua confecção foi essencial. Quando contratado, Creaker teria sido informado para imprimir as folhas “com tanta privacidade e rapidez quanto eu pudesse” ²⁵¹. Também é preciso ressaltar que esses panfletos não ficaram expostos em qualquer lugar dentro das livrarias. L’Estrange informou à corte que encontrou as cópias em cômodos do andar de cima, algumas em um buraco na parede, e outras embaixo da cama ²⁵². Era comum que a literatura clandestina fosse disposta em cômodos privados, aos quais apenas alguns clientes teriam acesso. Se isso poderia ser essencial para o desenvolvimento dos negócios, também poderia ser considerado pelas autoridades como um indício de que havia livros controversos no lugar ²⁵³.

²⁵⁰ “(...) maliciously, or with any design against the Government. (...) Book-Sellers do not use to read what they sell. (...) The grand part of the Indictment lies that it was done Maliciously, and Seditiously, and then it saies Knowingly; Though it be granted I did do it, (...) yet it does not follow that I did it Maliciously, and Seditiously; I did it in my Trade, we do not use to read what we put to Print or Sell; I say my Lord, selling of Books is our Trade, and for the bare Exercising of it, knowing nothing of evil in it (...)”. *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Twyn, (...) with the tryals of Thomas Brewster, bookseller, Simon Dover, printer, Nathan Brooks, bookbinder...*, 1664. p.44-45.

²⁵¹ “With as much privacy and expedition as I could”. Tradução livre. *Idem*, p.37.

²⁵² *Idem*, p.53.

²⁵³ JOHNS, Adrian. *Op. cit.*, 1998. p.121-122.

O problema é que, majoritariamente, eram os produtores materiais de um impresso que sofriam as consequências de seus atos. Por terem posse sobre os títulos, eles eram os responsáveis tanto pelas ideias descritas na obra, como por sua circulação. Nesse sentido, observa-se na transcrição do julgamento, uma tentativa frequente dos agentes do livro de descrever o trabalho tipográfico e editorial como funções artesanais e mecânicas – que em muito difeririam das atividades intelectivas, como a dos autores –, e que, por isso, não eram ações maliciosas e sediciosas em si mesmas. Enquanto isso, as autoridades consideraram que imprimir esse tipo de texto era sedição, porque o impressor e o livreiro eram agentes públicos, sendo assim, ao publicizarem certas ideias eram responsáveis por elas, e deveriam ser punidos caso elas fossem controversas²⁵⁴.

Com as edições de *A phenix* e *Mirabilis annus*, a situação não foi diferente. Brewster também afirmou que não os lera²⁵⁵, mas Creake apontou a responsabilidade do livreiro sobre os pedidos de impressão e encadernação, realizados por Creake, Dover e Thresher. Dover tentou se desvencilhar das acusações da mesma maneira que Brewster, apelando para a mecanicidade de sua função. Ao mesmo tempo, ele explicava que suas ações foram determinadas pelo aspecto monetário. Ele dizia: “Eu sou um Impressor pelo comércio, o que eu fiz foi pelo meu sustento; (...) por meio da minha ignorância eu posso ter transgredido, se eu fiz algo assim, eu sinto muito, eu espero que eu seja mais cuidadoso no futuro”²⁵⁶.

Embora jurassem ignorância, L’Estrange apresentou suas provas decorrentes de suas investigações acerca do grupo, as quais apontavam para as suas ações sediciosas, e os estacionários foram considerados culpados pela produção, publicação e venda dos três textos sediciosos. Contudo, Dover, Thresher e Brewster não foram tidos como traidores, como ocorreu com Twyn. Diferentemente de Twyn, que imprimira e vendera um texto rebelde que planejava um regicídio²⁵⁷, as obras dos Confederates afetavam a ordem, mas não eram transgressões que rendiam acusações de alta-traição, por isso eles foram tidos como ofensores e sentenciados a pagar uma multa²⁵⁸. Brewster faleceu pouco tempo depois²⁵⁹. Chapman continuou na cadeia por mais alguns meses, onde recebeu uma visita de Roger L’Estrange em

²⁵⁴ *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Twyn, (...) with the tryals of Thomas Brewster, bookseller, Simon Dover, printer, Nathan Brooks, bookbinder...*, 1664. p.48.

²⁵⁵ *Idem*, p.50-63.

²⁵⁶ “I am a Printer by trade, what I did was for my livelihood; (...) through my ignorance I may possibly transgress, if I have done any such thing, I am sorry for it, I hope I shall be more careful for the future”. Tradução livre. *Idem*, p.63.

²⁵⁷ *Idem*, p.2-3.

²⁵⁸ *Idem*, p.66-67, 71-73.

²⁵⁹ PLOMER, Henry Robert. *Op. cit.*, p.32.

março de 1664²⁶⁰, que, presumivelmente, serviu para negociar a pena do livreiro, pois um mês depois, L'Estrange sugeriu em uma carta que Chapman fosse solto, desde que assinasse um *bond* de £300, na condição de que nem ele, nem sua esposa voltariam a imprimir ou publicar textos controversos e sediciosos²⁶¹. De fato, poucos dias depois, Livewell Chapman assinou o documento no qual se comprometia a não imprimir, vender, distribuir e publicar qualquer texto cujo conteúdo fosse prejudicial ao governo²⁶².

Com esse acordo, a Crown encerrou suas atividades radicais e logo também cessou suas publicações em 1665. Seus últimos textos se resumiam a tratados de medicina ou de astronomia, que não ofereciam novos riscos com os quais os Chapmans já não podiam arcar²⁶³. Como Francis Smith afirmou em um testemunho dos anos 1680, as consecutivas prisões e multas oriundas de publicações controversas levaram muitos livreiros à falência, entre eles, Chapman²⁶⁴.

5.4. O livreiro no Inferno

Hannah Chapman e duas de suas filhas faleceram no final do último ano de atividades da livraria, em 1665, provavelmente vítimas da peste²⁶⁵. Sobre Livewell Chapman, pouco se sabe. Desde que deixou de lançar panfletos e livros em seu nome, não há registros de outras de suas ações. Talvez tenha, como sua esposa, morrido pouco depois por conta da peste que se espalhava pela Inglaterra.

²⁶⁰ PRO SP 44/16/61.

²⁶¹ PRO SP 29/98/33.

²⁶² PRO SP 29/98/101.

²⁶³ GADBURY, John. *De cometis: or, a discourse of the natures and effects of comets, as they are philosophically historically & astrologically considered. With a brief (yet full) account of the III late comets, or blazing stars, visible to all Europe. And what (in a natural way of judicature they portend. Together with some obsevationes on the nativity of the Grand Seignior. By John Gadbury, philomathematichoz.* London: printed for L. Chapman in Exchange-alley, 1665. THOMSON, George. *Loimologia. A consolatory advice, and some brief observations concerning the present pest. By Geo. Thomson, Dr of physick.* London: printed for L. Chapman, at his shop in Exchange-ally, 1665. *Two letters: the first, being a relation of a sad accident that fell out at Erpingham neer Norwich, July 2. shewing how a fire-ball fell from the heavens into the parish church there, broke down part of the steeple and several places in the church-wall, kill'd one man and wounded diverse, &c. The second, being a relation of a strange sight in the heavens, seen by three justices of the peace their sons. Dated, Hungerford in Wiltshire, June 19. 1665.* London: printed for L. Chapman in Exchange-Alley, in Corn hill, 1665.

²⁶⁴ SMITH, Francis. *Op. cit.*, p.19.

²⁶⁵ Uma das filhas do casal, Patience Chapman, foi enterrada em 24 de setembro de 1665; Hannah Chapman foi sepultada poucos dias depois, em 30 de setembro; e Hanna, outra filha dos dois livreiros, em 1º de outubro. LMA. *St Stephen Coleman Street*, Composite register: baptisms and marriages 1636 - 1717, burials 1636 - 1689, P69/STE1/A/002/MS04449, Item 002.

É possível que ele já estivesse morto em 1667, quando uma versão satírica dos *Sonhos de Dom Francisco de Quevedo Villegas* foi publicada na Inglaterra, contendo uma passagem na qual Chapman habitava o Inferno. A obra foi assinada por R. L. e muitos atribuíram-na ao censor Roger L'Estrange. O texto de R. L. era uma tradução, com algumas modificações, do trabalho de Francisco de Quevedo, intitulado originalmente como *Sueños y discursos de verdades descubridoras de abusos, vicios, y engaños, en todos los oficios y estados del mundo*, publicado em três versões entre 1627 e 1631, respectivamente, em Barcelona, Valencia, e Pamplona. Os primeiros sonhos descritos no texto eram tecidos como críticas aos vícios e erros de diversos tipos sociais da época²⁶⁶.

Nos sonhos sobre o Inferno, Quevedo encontrava um livreiro, e descrevia o episódio da seguinte maneira:

Passei em seguida por uma passagem muito escura, quando por meu nome me chamaram. Virei para a voz os olhos, quase tão medrosa quanto eles, e falava-me um homem que pela escuridão não pude espiar mais do que a chama que o atormentava me permitia.

- Não me reconheces? -me disse-, a... – já o ia dizer- ... -e prosseguiu, depois de seu nome-, o livreiro. Pois eu sou. Em quem pensavas?

E é verdade Deus que eu sempre o suspeitei, porque era sua tenda o bordel dos livros, pois todos os corpos que tinham eram de gente da vida, escandalosos, e zombeteiros. Um rótulo que dizia: «Aqui se vende tinta fina e papel batido e dourado»; podia condenar a outro que tivesse a necessidade de mais apetite por ele.

- O que queres? -me disse, vendo-me suspenso tratar comigo sobre estas coisas-, pois é tanta a minha desgraça que todos se condenam pelas más obras que tem feito, e eu e todos os livreiros nos condenamos pelas obras más que fazem os outros, e porque fazemos barato dos livros em romance e traduzidos do latim, sabendo já com eles os tolos o que os encareciam em outros tempos os sábios, já que basta o laçao latinista, e encontram a Horácio em castelhano no estábulo.

Mais ia dizer, mas um demônio começou a atormentá-lo com chumaços de folhas de seus livros e outro para ler alguns deles. Eu vi que eu não já falava, fui-me em frente dizendo para mim mesmo:

²⁶⁶ GONZÁLEZ, Paloma Otaola. *Coordenadas Filosóficas del Pensamiento de Quevedo: obras filosóficas y satírico-morales*. Alicante: Editorial Club Universitario, 2004. p.9-10, 21.

Se há quem se condena pelas más obras alheias, o acontecerá com aqueles que as próprias fizeram?²⁶⁷

O trecho mostra como a figura do livreiro era condenada por suas publicações, que traziam ideias controversas de outros personagens que não eles mesmos. Paralelamente, Chartier nota como a ideia se confrontava com o senso comum da época sobre os livreiros, que costumavam ser percebidos como trapaceiros prontos a falsear os escritos dos autores. Nesse sentido, a crítica de Quevedo apresentava uma ironia, pois o livreiro pagava pelos crimes dos autores, assim como os autores eram prejudicados pelas subversões que os editores faziam em seus textos²⁶⁸. Esses personagens não eram inocentes no imaginário da época, pelo contrário, como indicado por Quevedo, suas livrarias seriam o antro de textos escandalosos e zombeteiros.

A tradução inglesa de R. L. possuía o mesmo trecho no sexto sonho descrito em *Los Sueños y discursos*; contudo, a versão de *The Visions* continha diversas modificações. Como nota Chartier, “a tradução (...) sempre implica uma apropriação especial dos textos”²⁶⁹, por isso, sempre existem diferenças entre as versões. Em primeiro lugar, Chartier lembra que isso pode acontecer porque o próprio tradutor podia perceber sua atividade como um caminho para a incursão no mundo das letras, tornando-a um “ato literário”. Em outra perspectiva, o autor indica que muitas adaptações eram feitas para acomodar categorias, convenções e costumes diversos entre a língua na qual a obra foi escrita originalmente e a sua versão em outro

²⁶⁷ “Pasé adelante por un pasadizo muy oscuro, cuando por mi nombre me llamaron. Volví a la voz los ojos, casi tan medrosa como ellos, y hablome un hombre que por las tinieblas no pude divisar más de lo que la llama que le atormentaba me permitía.

-¿No me conoce? -me dijo-, a... -ya lo iba a decir- ... -y prosiguió, tras su nombre-, el librero. Pues yo soy. ¿Quién tal pensara?

Y es verdad Dios que yo siempre lo sospeché, porque era su tienda el burdel de los libros, pues todos los cuerpos que tenía eran de gente de la vida, escandalosos y burlones. Un rótulo que decía: «Aquí se vende tinta fina y papel batido y dorado»; pudiera condenar a otro que hubiera menester más apetitos por ello.

-¿Qué quiere? -me dijo, viéndome suspenso tratar conmigo estas cosas-, pues es tanta mi desgracia que todos se condenan por las malas obras que han hecho, y yo y todos los libreros nos condenamos por las obras malas que hacen los otros, y por lo que hicimos barato de los libros en romance y traducidos de latín, sabiendo ya con ellos los tontos lo que encarecían en otros tiempos los sabios, que ya hasta el lacayo latiniza, y hallarán a Horacio en castellano en la caballeriza.

Más iba a decir, sino que un demonio le comenzó de atormentar con humazos de hojas de sus libros y otro a leerle algunos de ellos. Yo que vi que ya no hablaba, fui adelante diciendo entre mí:

-Si hay quien se condena por obras malas ajenas, ¿qué harán los que las hicieron propias?”. Tradução livre. QUEVEDO, Francisco de. *Sueños y discursos de verdades descubridoras de abusos, vicios y engaños en todos los oficios y estados del mundo*. Barcelona: Esteban Liberós, a costa de Juan Sopera, 1627. s.n.p. Edição digital da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, disponível on-line em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor-din/suenos-y-discursos-de-verdades-descubridoras-de-abusos-vicios-y-enganos-en-todos-los-oficios-y-estados-del-mundo--0/html/fed80d0-82b1-11df-acc7-002185ce6064_4.html#I_11_>, acessado em 13/11/2015.

²⁶⁸ CHARTIER, Roger. *Op. cit.*, 2014. p.110-111.

²⁶⁹ *Idem*, p.187.

idioma²⁷⁰. Como reforçado também por Peter Burke, é necessário identificar as traduções entre línguas também como traduções entre culturas, isto é, é preciso considerar “(...) a adaptação de idéias e textos conforme eles passam de uma cultura para outra”²⁷¹. Tendo isso em vista, parece-nos que autor de *The Visions* atualizou a obra para torná-la mais inteligível e agradável aos leitores ingleses. A passagem sobre o encontro com o livreiro também mudou e, nela, o personagem não era um editor qualquer, mas sim um estacionário conhecido na *City*, que se estabelecia em Pope’s Head Alley:

Eu passei em seguida por um pequeno *Beco Escuro*, onde me fez começar a ouvir alguém chamar-me pelo meu Nome, e com muita dificuldade eu percebi um sujeito lá todo embrulhado em *Fumaça* e *Chama*. Ai de mim! Senhor ele diz; *Vós vos esqueceis de vosso velho Livreiro em Pope’s Head-Alley?* Eu vos clamo Misericórdia, disse eu, O que? *vós estais aqui?* *Sim, Sim, Senhor* (diz ele) *isso é bem Verdade*. Eu nunca sonhei que chegaria a Isto²⁷².

Na segunda edição do livro, lançada no mesmo ano, a referência a Chapman é ainda mais explícita, uma vez que o narrador passou a indicar o nome do livreiro, como pode ser lido a seguir:

Eu passei em seguida por um pequeno *Beco Escuro*, onde me fez começar a ouvir alguém chamar-me pelo meu Nome, e com muita dificuldade eu percebi um sujeito lá todo embrulhado em *Fumaça* e *Chama*. Ai de mim! Senhor ele diz; *Vós vos esqueceis de vosso velho Livreiro em Pope’s Head-Alley?* Eu vos clamo Misericórdia, bom *Livewell*, disse eu, O que? *vós estais aqui?* *Sim, Sim, Senhor* (diz ele) *isso é bem Verdade*. Eu nunca sonhei que chegaria a Isto²⁷³.

²⁷⁰ CHARTIER, Roger. *Op. cit.*, 2014. p.187-194.

²⁷¹ BURKE, Peter. “Introdução”. In: BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia (orgs.). *A tradução cultural: nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Unesp, 2009. p.9.

²⁷² “I pass’d forward then into a little *Dark Ally*, where it made me start to hear one call me by my Name, and with much ado I perceiv’d a fellow there all wrapt up in *Smoke*, and *Flame*. Alas! Sir says he; *Have you forgotten your old Book-seller in Pope’s Head-Alley?* I cry thee Mercy, quoth I, What? *art thou here?* Yes, Yes, Sir (says he) *’tis e’en too True*. I never dream’t it would have come to This”. Tradução livre. L., R. *The Visions of Dom Francisco de Quevedo Villegas, Knight of the Order of St. James. Made in English by R. L.*, 1667. p.187-188.

²⁷³ “I pass’d forward then into a little *Dark Ally*, where it made me start to hear one call me by my Name, and with much ado I perceived a fellow there all wrapt up in *Smoke*, and *Flame*. Alas! Sir says he; *Have you forgotten your old Book-seller in Pope’s Head-Alley?* I cry thee Mercy, good *Livewell*, quoth I, What? *art thou here?* Yes, Yes, Sir (says he) *’tis e’en too True*. I never dream’t it would have come to This. Tradução livre. L., R. *The Visions of Dom Francisco de Quevedo Villegas, Knight of the Order of St. James. Made in English by R. L. The Second Edition Corrected*. London: Printed for H. Herringman at the Sign of the Blew Anchor in the Lower walk of the New Exchange, 1667. p.187-188.

A alusão direta ao *publisher* da Crown evitava que outros agentes do livro que circulavam pela Pope's Head Alley fossem identificados com a sátira. O autor, assim, nomeava a quem, de fato, o episódio se referia.

A menção ao nome de Livewell Chapman é uma questão importante, especialmente se tivermos em vista a possível autoria de Roger L'Estrange. Se a tradução for, de fato, de L'Estrange, como pensado por Harold Love, a obra representaria uma forma de o censor zombar do livreiro com quem tanto entrou em desentendimentos, e criticar, mais uma vez, as atividades sediciosas de estacionários como Chapman. Segundo Love, é provável que L'Estrange tenha sido o escritor responsável pela tradução satírica porque, a partir do final dos anos 1660, ele traduziu diversos títulos, como *Manuductio ad coelum* de Giovanni Bona (1672), *Epistulae morales* de Sêneca (1678), *De officiis* de Cícero (1680), *Colloquia* de Erasmo (1680) e as *Novellas exemplares* de Cervantes (1687). Contudo, Love também lembra que o nome de L'Estrange era frequentemente associado a essas traduções, aparecendo, inclusive nos frontispícios, pois ele era um prolífico panfleteiro, cujos textos eram amplamente vendidos e, portanto, seu nome era usado para chamar atenção para a edição, favorecendo sua difusão entre os leitores²⁷⁴. Desta maneira, o recurso às suas iniciais, pode ter sido apropriado pelo editor da sátira de *The Visions* para ampliar suas vendas, não indicando, necessariamente, que a obra tenha sido traduzida pelo censor.

Mais interessante ainda é notar que a “tradução” circulou pela Inglaterra como se fosse uma obra do *Surveyor of the Press*. Uma das cópias da segunda edição do título foi, inclusive, acrescida de uma anotação feita por um leitor do título, na qual, ao lado das iniciais “R. L.”, um proprietário ou leitor do impresso completou o sobrenome de L'Estrange (ver figura 27). Mais tarde, a partir da oitava edição, o livro começou a levar o nome completo do censor no frontispício²⁷⁵.

²⁷⁴ LOVE, Harold. ‘L'Estrange, Sir Roger (1616–1704)’.

²⁷⁵ L'ESTRANGE, Sir Roger. *The Visions of Dom Francisco de Quevedo Villegas, Knight of the Order of St. James. Made English by Sir Roger L'Estrange. The Eight Edition Corrected*. London: Printed for Richard Sare at Grays-Inn-Gate; and E. Hindmarsh, against the Royal Exchange, in Cornhill, 1696.

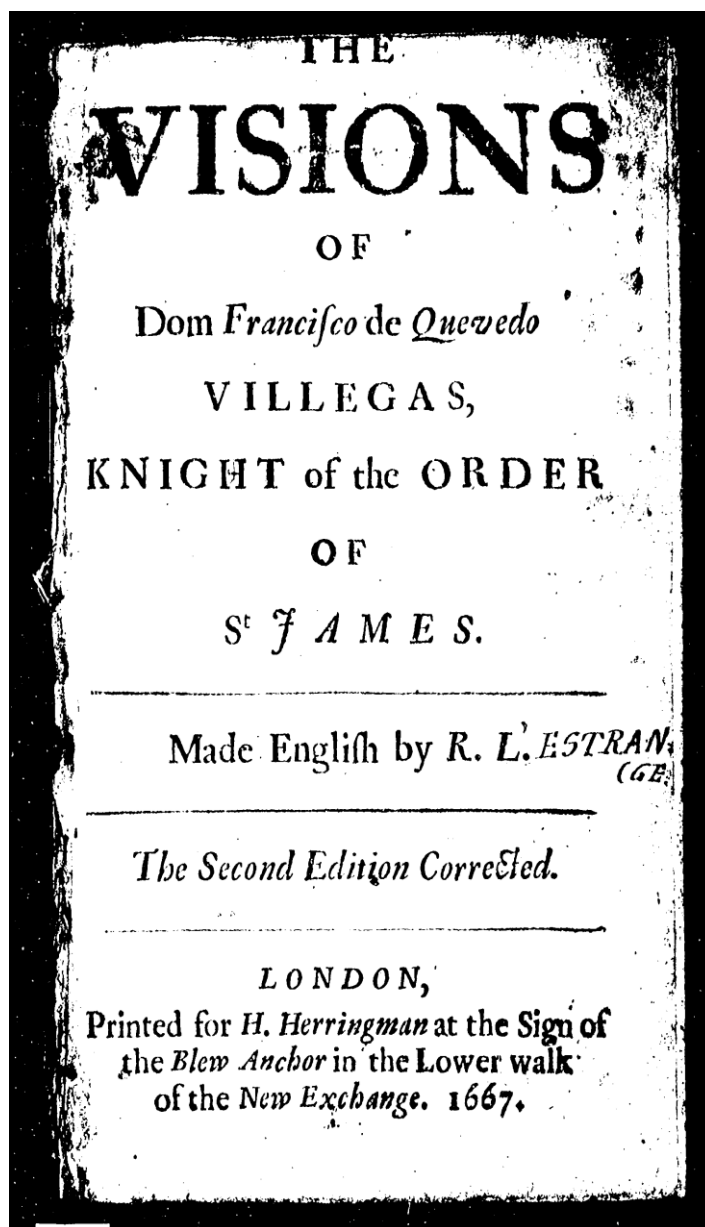


Figura 27: Frontispício anotado da segunda edição de *The Visions of Dom Francisco de Quevedo Villegas* (1667)²⁷⁶.

Se o texto foi lido como um trabalho de Roger L'Estrange, é possível que o trecho sobre a aparição de Chapman no Inferno fosse interpretado pelo público como uma espécie de vingança do *Surveyor of the Press* contra o livreiro que tanto lhe causou problemas, com suas frequentes publicações controversas. Contudo, independentemente de quem tenha escrito a sátira de *The Visions*, o episódio sobre o encontro infernal do “Quevedo inglês” com Livewell Chapman é indício de que o livreiro, sua trajetória sediciosa e seus conflitos com as

²⁷⁶ L., R. *The Visions of Dom Francisco de Quevedo Villegas, Knight of the Order of St. James. Made in English by R. L'Estrange. The Second Edition Corrected*, 1667.

autoridades eram bem conhecidos em Londres. Sua menção sugere que os leitores provavelmente reconheceriam que o livreiro de Pope's Head Alley, chamado Livewell, era o mesmo que disseminava tantos textos polêmicos e que, por conta deles, foi investigado por L'Estrange e acabou na prisão diversas vezes. Era essa referência a um caso contemporâneo e de amplo conhecimento que produzia o efeito cômico do texto.

Sátiras como essa, que contavam histórias sobre o Inferno e seus habitantes – fossem eles contemporâneos ou não – não eram incomuns. Como comentado por Benjamin Boyce, essas narrativas já vinham desde a Antiguidade Clássica, quando diferentes histórias tratavam sobre viagens ao Hades. Posteriormente, Dante Alighieri ofereceu outro exemplo com sua *Divina Comédia*, na qual os personagens presentes no Inferno e no Purgatório diziam respeito tanto ao passado, como ao presente dos italianos do século XIV. Boyce afirma que esses textos se tornaram bastante populares na Inglaterra do Antigo Regime, sendo publicados desde meados do século XVI, como *Greenes Newes both from Heaven and Hell* (1593) e *Newes from Hell: Brought by the Diuells Carrier* (1606)²⁷⁷.

The Visions of Dom Francisco de Quevedo Villegas foi um desses textos e, aparentemente, ele fez bastante sucesso. Samuel Pepys relatou em seu diário que adquiriu uma cópia do livro e julgava-o uma tradução tão perfeita do espanhol para o inglês, que era “(...) quase impossível conceber que deva ser uma tradução”²⁷⁸. O livro rendeu 15 edições entre 1667 e 1759. Em quase todas as reedições da tradução de R. L., o trecho que retrata Chapman permanece igual ao da segunda versão, na qual o primeiro nome do livreiro é indicado. A única exceção ocorre na edição de 1702, que foi reformulada e tornada burlesca por uma “pessoa de qualidade”. Os versos agora eram rimados e, por conseguinte, o trecho sobre Chapman perdeu o nome “Livewell”²⁷⁹. Uma outra tradução dos *Sueños y discursos* – que não citava o livreiro de Pope's Head Alley – foi lançada na Inglaterra em 1668, contendo uma indicação no frontispício de que aquela era “a verdadeira edição” do trabalho de Dom

²⁷⁷ BOYCE, Benjamin. “News from Hell. Satiric Communications with the Nether World in English Writing of the Seventeenth and Eighteenth Centuries”. *PMLA*, Vol. 58, No. 2 (Jun., 1943), pp. 402-437.

²⁷⁸ “(...) impossible almost to conceive that it should be a translation”. Tradução livre. PEPYS, Samuel. *The Diary of Samuel Pepys*. Entrada do dia 9 de junho de 1667, disponível em *The Diary of Samuel Pepys*: <<http://www.pepysdiary.com/diary/1667/06/09/>>, acessado em 04/11/2015.

²⁷⁹ L'ESTRANGE, R. *The Visions of Dom Francisco de Quevedo Villegas, Knight of the Order of St. James. Made English by Sir R. L'Estrange, And Burlesqu'd by a Person of Quality*. London: Printed and Sold by B. Harris, at the Golden Boar's-head in Grace-church-street, 1702. p.160-161.

Francisco de Quevedo, mas a versão atribuída a L'Estrange fez tanto sucesso que ultrapassou a circulação da nova publicação, que teve apenas duas reimpressões²⁸⁰.

A sátira sobre a danação de Chapman no Inferno, por consequência, foi largamente lida pelos ingleses do fim dos seiscentos. E, na época, o trecho que cita o livreiro de Pope's Head Alley certamente servia a outros propósitos que não apenas zombar de seu fracasso, mas apontar os perigos da imprensa radical. Na sexta visão, o autor continuava a relatar seu encontro com Chapman, dizendo que

Ele [Chapman] pensou que eu ["L'Estrange"/"Quevedo"] deveria ter pena dele, quando eu o conheci: mas realmente eu refleti bastante sobre a Justiça de sua Punição. Pois em uma palavra, sua Loja era a própria Fonte da *Heresia, Cisma, e Sedição*. Eu fiz uma Cara de *Compaixão* entretanto, para Facilitar um pouco para ele, a qual Ele aceitou, e desabafou sua Reclamação. *Bom Senhor* (diz Ele) *Eu gostaria que meu Pai tivesse me feito um Carrasco, quando Ele me fez um Estacionário*, pois nós somos chamados para Pagar pelo trabalho de Outros Homens, assim como pelo nosso. E uma coisa que é lançada em nosso Prato, é a venda de *Traduções*, são tão *Baratas*, que todo *Beberrão* as conhece bem agora, como anteriormente teria feito um *Doutor Razoável*, e todo *Noivo Sórdido*, e *Roguy Lacquay* tornam-se tão familiares com *Homero, Virgílio, Ovídio*, como se fossem *Robin the Devil; The seven Champions; ou uma parte de George Wither*. Ele teria continuado a falar, se um Demônio não tivesse calado sua Boca com uma Lufada de um rolo de seus próprios Papéis, e sufocado-o com a fumaça. A Fumaça Pestilenta teria me matado também, se eu não tivesse prontamente saído do alcance. Mas eu segui meu caminho, dizendo isso para mim mesmo; Se o *Livreiro* é assim Criminoso, o que será do *Autor*?²⁸¹

²⁸⁰ QUEVEDO, Francisco de. *The visions of Dom Francisco de Quevedo Villegas, Knight of the Order of St James. Written originally in Spanish, now made English by J. Dodington, Esquire. The true edition. Licensed according to order.* London: printed for John Playfere, and are to be sold by all booksellers, 1668.

²⁸¹ "He thought I must needs pity him, when I knew him: but truly I reflected rather upon the Justice of his Punishment. For in a word, his Shop was the very Mint of *Heresy, Schisme, and Sedition*. I put on a Face of *Compassion* however, to give him a little Ease, which He took hold of, and vented his Complaint. *Well Sir* (sayes He) *I would my Father had made me a Hangman, when He made me a Stationer*; for we are call'd to Accompt for Other Men's works, as well as for our Own. And one thing that's cast in our Dish, is the selling of *Translations*, so *Dog-cheap*, that every *Sot* knows now as much, as would formerly have made a *Passable Doctor*, and every *Nasty Groom*, and *Roguy Lacquay* is grown as familiar with *Homer, Virgil, Ovid*, as if 't were *Robin the Devil; The seven Champions; or a piece of George Withers*. He would have talk't on, if a Devil had not stop't his Mouth with a Whiffe from a rowle of his own Papers, and Choak't him with the smoak on't. The Pestilent Fume would have dispatch't me too, if I had not got presently out of the Reach on't. But I went my way, saying this to my self; If the *Book-seller* be thus Criminal, what will become of the *Author*?"'. Tradução livre. L., R. *The Visions of Dom Francisco de Quevedo Villegas, Knight of the Order of St. James. Made in English by R. L.*, 1667. p.187-189.

Esse trecho proporciona uma série de questões importantes à nossa análise das atividades e funções dos livreiros radicais no século XVII. Em primeiro lugar, quando o autor dizia não ter pena das situações de sofrimento e das punições pelas quais Livewell Chapman passava no Inferno, ele justificava seu sentimento com a ideia de que o livreiro sofrera um castigo divino por todas as heresias que disseminou. Seu negócio em Pope's Head Alley, inclusive, foi descrito como uma fonte de onde emanavam heresias, sedições e cismas. Se considerarmos que as livrarias funcionavam como espaços de encontro, debate, pregação e, em certos casos, de conspiração²⁸², a crítica de "L'Estrange" enfatizava que o comportamento de Chapman em sua loja havia o levado à desgraça. O livreiro era o culpado pela angústia que sofria, pois, em vida, ele fornecera os textos impressos e o lugar de discussão para que ideias controversas fossem disseminadas.

No Inferno, entretanto, o dono da Crown se mostrava arrependido da conduta que levava em sua vida. Ele lamentava que seu pai o tivesse registrado como aprendiz de estacionário, ao invés de ter propiciado ao filho uma atividade menos penosa. Na passagem, Chapman dizia que era difícil ser livreiro, pois ele era obrigado a pagar pelos seus erros e pelos dos outros, isto é, dos autores que escreveram as polêmicas, as heresias e as obras sediciosas que ele publicou e vendeu. Se deter os direitos da obra como estacionário, por um lado, protegia o investimento dos produtores materiais do título, ao mesmo tempo isso funcionava como uma estratégia de controle da imprensa. O Chapman descrito no livro satírico *The Visions of Dom Francisco de Quevedo* demonstrava a sua infelicidade em sempre ser culpabilizado por qualquer ideia sediciosa que ele publicasse e vendesse, mesmo que o livreiro não fosse o seu autor. Isso também ocorria, vale destacar, porque livreiros-editores como Chapman tornavam esses pensamentos *públicos*. Se um autor escrevesse um manuscrito controverso, ele não teria a mesma amplitude que um impresso, mas se alguém publicasse o título, qualquer leitor poderia ter acesso às suas reflexões radicais²⁸³.

Depois desse lamento, o livreiro que habitava o Inferno apresentou uma insatisfação com o atual mercado literário, no qual muitas traduções baratas eram vendidas em Londres. Segundo ele, esses textos eram tantos que faziam com que qualquer ignorante e rústico conhecesse obras clássicas de Ovídio, Homero e Virgílio como se fossem meros romances, tais como *The famous, true and historicall life of Robert second Duke of Normandy, surnamed for his monstrous birth and behauour, Robin the Diuell* de Thomas Lodge

²⁸² Cf. JOHNS, Adrian. *Op. cit.*, 1998. CAMBERS, Andrew. *Op. cit.* SMITH, Nigel. *Op. cit.*

²⁸³ MCELLIGOTT, Jason. *Op. cit.*, 2007. p.150-151.

(1591)²⁸⁴, *The most famous history of the seaven champions of Christendome* de Richard Johnson (1596 - 1597)²⁸⁵, ou as obras de George Wither (1588 - 1667)²⁸⁶, lançadas ao longo do século XVII²⁸⁷.

Esses textos de grande vendagem no mercado livreiro foram comparados ao sucesso das traduções das obras clássicas. Para o livreiro descrito em *The Visions*, agora, os escritos de Homero, Virgílio e Ovídio poderiam ser lidos por qualquer um, tal como os títulos mais comuns entre o público inglês. O autor de *The Visions* parece satirizar a popularização desses trabalhos da Antiguidade Clássica – comumente estudados pelos humanistas e letrados nas universidades – como uma vulgarização do mundo erudito entre leitores de diversos estratos sociais. Ao mesmo tempo, essa afirmação indicava um aspecto comercial do período. A frequência da circulação das traduções podia significar uma predominação das edições produzidas na Inglaterra, o que, por sua vez, poderia dificultar a entrada ou a venda de textos

²⁸⁴ LODGE, Thomas. *The famous, true and historicall life of Robert second Duke of Normandy, surnamed for his monstrous birth and behauour, Robin the Diuell...* G. Imprinted at London: [By Thomas Orwin] for N[icholas] L[ing] and Iohn Busbie, and are to be sold at the west dore of Paules, 1591.

²⁸⁵ JOHNSON, Richard. *The most famous history of the seauen champions of Christendome...* London: Printed [by J. Danter] for Cuthbert Burbie, and are to be sold at his shop, at the Royall Exchange, 1596. JOHNSON, Richard. *The second part of the famous history of the seauen champions of Christendome...* London: Printed [by E. Allde?] for Cuthbert Burbie, and are to be sold at his shop, vnder the Royall Exchange, 1597.

²⁸⁶ Ver, por exemplo: WITHER, George. *Abuses stript, and whipt. Or satirical essayes. By George Wyther. Diuided into two bookes.* London: printed by G. Eld, for Francis Bvrtton, and are to be sold at his shop in Pauls Church-yard, at the signe of the Green-Dragon, 1613. WITHER, George. *A preparation to the Psalter. By George Wyther. Gent.* London: printed by Nicholas Okes, 1619. WITHER, George. *A collection of emblemes, ancient and moderne: quickened vvith metricall illustrations, both morall and divine: and disposed into lotteries, that instruction, and good counsell, may bee furthered by an honest and pleasant recreation. By George Wvither. The first booke.* London: printed by A[ugustine]. M[athewes]. for Robert Allot, and are to be sold at the Blacke Beare in Pauls Church-yard, M D CXXV. [1635]. WITHER, George. *Prosopopœia Britannica: Britans genius, or, good-angel, personated; reasoning and advising, touching the games now playing, and the adventures now at hazard in these islands...* London: printed by Robert Austin, 1648.

²⁸⁷ A prosa acerca de *Robin the Devil* narrava a dramática transformação do protagonista de pecador à condição de santo. O trabalho de Richard Johnson, lançado em duas partes, contava sobre as batalhas de São Jorge, Santo André, São Patrício, São Dinis de Paris, São Tiago Maior, Santo Antônio de Lisboa, e São David – respectivamente os patronos da Inglaterra, da Escócia, da Irlanda, da França, da Espanha, de Portugal e do País de Gales – contra os inimigos da cristandade, como os islâmicos. As obras de George Wither, por sua vez, eram bastante variadas. Ele começou sua carreira compondo sátiras, depois escreveu várias compilações de salmos, publicou um livro de emblemas e, por fim, passou a se dedicar a poemas profético-políticos. WILLIAMS, Deanne. “Medievalism in English Renaissance Literature”. In: CARTWRIGHT, Kent. *A Companion to Tudor Literature*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2010. LIEBLER, Naomi Conn. “Bully St. George: Richard Johnson’s *Seven Champions of Christendom* and the creation of the bourgeois national hero”. In: LIEBER, Naomi Conn (ed.). *Early Modern Prose Fiction: the cultural politics of reading*. London: Routledge, 2007. HAMLIN, Hannibal. *Psalm culture and early modern English literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p.52.

estrangeiros²⁸⁸. Para livreiros ingleses, isso representava a garantia de lucro, visto que um público amplo compraria as traduções, diferentemente do caso das obras originais que não eram acessíveis a leitores que não dominavam outros idiomas, como o latim e o grego.

A apreciação de Chapman sobre a situação do mercado editorial londrino, no entanto, foi subitamente interrompida, visto que o narrador de *The Visions* conta que um demônio calou o livreiro com um rolo de seus próprios papéis e uma fumaça pestilenta. A cena de violência foi construída pelo autor de modo a ressaltar a materialidade dos títulos sediciosos que, depois de pecarem, se tornaram um fardo para Chapman. Assim como Jonathan Swift, em 1704, retratou e descreveu os livros polêmicos da *King's Library* como textos segregados e punidos com detalhes metálicos em suas capas, que funcionavam tal como algemas e correntes²⁸⁹, R. L. apresentava os panfletos de Chapman como armas que se voltaram contra a sedição do livreiro. Se anteriormente esses mesmos textos causaram tantos problemas para as autoridades, agora eles penitenciavam seu criador, sufocando-o em sua danação infernal.

A cena surpreendeu o autor de *The Visions*, que saiu rapidamente da viela em que encontrara o estacionamento de Pope's Head Alley, perguntando-se sobre qual seria o castigo dos escritores das obras sediciosas, se os livreiros eram assim tão criminosos e punidos. Seu questionamento apresentava um breve relato sobre um processo de mudança na ideia de autoria e na concepção da posse sobre os textos. R. L. indicava a necessidade de também responsabilizar o autor por suas palavras, mas na época em que Livewell Chapman difundira seus textos controversos, os produtores materiais dos livros eram os maiores alvos da censura, porque eram eles que detinham os direitos de propriedade sobre os títulos que imprimiam e publicavam²⁹⁰.

Ao mesmo tempo em que isso ocorria, entretanto, os autores não eram personagens passivos no mercado livreiro. Margaret Ezell demonstra que, na década de 1650, a profetisa Grace Carrie considerava perigoso utilizar a prensa para publicar suas visões. Com medo de

²⁸⁸ Sobre a importação de livros, ver, sobretudo a questão do “latin trade”, estudada por Julia Roberts. A autora comenta acerca da circulação de textos estrangeiros na Inglaterra desde o século XVI, mas em 1616, a Stationers' Company o regulamentou com a criação do “latin stock” para monopolizar a importação de textos impressos. A iniciativa, contudo, não durou muito tempo, pois o “latin stock” foi encerrado por conta de problemas econômicos. ROBERTS, Julia. “The Latin Trade”. In: BARNARD, John; MCKENZIE, D.F.; BELL, Maureen (eds.) *Op. cit.*

²⁸⁹ Jesse Lander analisa a questão em seu prefácio do livro *Inventing Polemic*. Segundo o autor, no conto *The Battle of the Books*, publicado por Swift em 1704, a materialidade dos livros controversos era subvertida para mostrar como eles eram castigados nas bibliotecas. Se antes circularam e provocaram sedição, agora estavam enclausurados e algemados por grossas capas que lhes impediam de causar novos tumultos. LANDER, Jesse M. *Op. cit.*, p.1-4.

²⁹⁰ Cf. PORTELA, Manuel. *Op. cit.*

que suas ideias fossem falseadas por impressores e livreiros mal-intencionados, ela preferia que seus textos circulassem como manuscritos. A profetisa, assim, expressava uma concepção sobre a sua produção e uma necessidade de controlar a circulação de suas palavras²⁹¹. O caso da polêmica entre Livewell Chapman e William Prynne, em 1659, acerca da propagação de dois títulos sob o nome do advogado regalista, sobre os quais ele não reconhecia a autoria, também evidencia uma reivindicação de Prynne acerca dos textos que eram associados ao seu nome²⁹². Como nota Peter Lindenbaum, John Milton, inclusive, já “(...) insistia em sua identidade como um grande poeta em sua poesia e prosa ao longo de sua carreira (antes mesmo de ele ser um grande poeta) (...)”²⁹³. Apesar dessas reclamações, a figura do “autor profissional” não se estabeleceu na Inglaterra até o século XVIII. Antes disso, obviamente existiam pessoas que escreviam visando algum rendimento, porém, vale lembrar que a remuneração era tão baixa que esse tipo de atividade não era visto como uma função prestigiosa do ponto de vista social²⁹⁴. Os direitos comerciais e econômicos sobre as obras, isto é, a *property*, eram detidos pelos estacionários. Aos autores, se legava a *propriety*, ou seja, o direito de proteger a sua própria reputação e privacidade²⁹⁵.

Paralelamente às manifestações dos autores, havia tensões entre os próprios agentes do livro, que também mobilizavam discussões acerca da propriedade sobre um título. A posse dos textos a partir do licenciamento prévio na Stationers’ Company ou das patentes reais assegurava ao *publisher* o direito vitalício sobre a obra. O registro passaria para seus herdeiros após sua morte, ou poderia ser comercializado e/ou trocado com outros estacionários, mas em hipótese alguma, esse direito expirava. Isso prejudicava os novos livreiros e impressores que adentravam o mercado a cada ano, pois eles não teriam acesso aos registros de obras valiosas, que já pertenciam a outros estacionários. As críticas e demandas desses novos agentes do livro também fizeram pressão às autoridades para que os *publishers* não detivessem tantos direitos inalienáveis sobre os títulos²⁹⁶.

Por fim, é preciso lembrar que o mercado das letras continuava crescendo na segunda metade do século XVII e as questões acerca de sua regulamentação tornaram-se mais

²⁹¹ EZELL, Margaret. “Performance Texts: Arise Evans, Grace Carrie, and the interplay of oral and handwritten traditions during the print revolution”. *ELH*, 76, 2009, pp.49–73.

²⁹² Ver Capítulo 4.

²⁹³ “(...) insisted upon his identity as a major poet in his poetry and prose throughout his career (even before he was a major poet) (...)”. Tradução livre. LINDENBAUM, Peter. “Milton’s Contract”. *Cardozo Arts & Entertainment*, Vol. 10, 1992. pp.439-454. p.440.

²⁹⁴ RAYMOND, Joad. *Op. cit.*, 2004. p.58.

²⁹⁵ Falamos sobre isso no Capítulo 1. Sobre essas noções de propriedade autoral, ver: ROSE, Mark. *Op. cit.*

²⁹⁶ PORTELA, Manuel. *Op. cit.*

complexas. A Stationers' Company perdeu sua hegemonia a partir de 1662, quando Carlos II outorgou leis para o controle da imprensa. Desde então, a censura independia das funções da Companhia. Posteriormente, em 1695, a exigência do licenciamento prévio dos títulos na Stationers' Company tornou-se dispensável. Com essa abolição, o comércio dos impressos precisava de novas leis que o regessem, as quais foram elaboradas em 1710, com a criação do Estatuto da Rainha Ana. Ainda era necessário que os títulos fossem registrados, porém o chamado *copyright* não se dirigia apenas aos editores, mas aos autores, que passaram a deter a propriedade intelectual sobre as suas obras. Os *publishers* não poderiam mais ter a posse vitalícia sobre um título, mas por um tempo determinado, passível ou não de renovação²⁹⁷.

Nenhuma dessas mudanças, entretanto, ocorreu no período da publicação de *The Visions*. Contudo, é notável que, à época de seu lançamento, no final da década de 1660, essas discussões a respeito dos direitos sobre as obras impressas se desenvolviam. R. L., assim, expressava em seu pensamento uma concepção de autoria um pouco diversa daquela com a qual a Crown trabalhou desde o seu surgimento, pois em sua fala, ele indicava a possibilidade de o autor ser ainda mais culpado pela sedição do que o livreiro. Não é possível esquecer, é claro, que os escritores sempre foram alvos de censura. Como Michel Foucault e Roger Chartier apontam, a responsabilidade judicial dos autores sobre seus textos era muito anterior à criação de uma propriedade autoral. Os tribunais inquisitoriais, por exemplo, precisavam identificar os textos e seus compositores para que fossem punidos por seus pecados²⁹⁸. Nas palavras de Foucault,

O discurso, em nossa cultura (e sem dúvida, em muitas outras), não era originalmente um produto, uma coisa, um bem; era essencialmente um ato – um ato que estava colocado no campo do bipolar do sagrado e do profano, do lícito e do ilícito, do religioso e do blasfemo. Ele foi historicamente um gesto carregado de riscos antes de ser um bem extraído de um circuito de propriedades. E quando se instaurou um regime de propriedade para os textos, quando se editoram regras estritas sobre os direitos do autor, sobre as relações autores-editores, sobre os direitos de reprodução etc – ou seja, no fim do século XVIII e no início do século XIX –, e nesse momento em que a possibilidade de transgressão que pertencia ao ato

²⁹⁷ Cf. PORTELA, Manuel. *Op. cit.* CHARTIER, Roger. “História intelectual do autor e da autoria”. In: FAUHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite (orgs.). *Op. cit.* SOUZA, Cíntia Medina de. *Entre a proteção da propriedade e a manutenção do monopólio: o debate sobre a regulamentação do mercado de livros na Inglaterra de 1662 a 1774*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2013.

²⁹⁸ FOUCAULT, Michel. *Op. cit.* CHARTIER, Roger. “História intelectual do autor e da autoria”. In: FAUHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite (orgs.). *Op. cit.*

de escrever adquiriu cada vez mais um aspecto de um imperativo próprio da literatura. Como se o autor, a partir do momento em que foi colocado no sistema de propriedade que caracteriza nossa sociedade, compensasse o status que ele recebia, re-encontrando assim o velho campo bipolar do discurso, praticando sistematicamente a transgressão, restaurando o perigo de uma escrita na qual, por outro lado, garantir-se-iam os benefícios da propriedade²⁹⁹.

Nesse sentido, conforme o autor foi ganhando cada vez mais direitos sobre suas obras, ele foi assumindo mais responsabilidades sobre ela. Obviamente, não estamos falando do contexto do final do século XVIII, como Foucault, mas é possível utilizar essa sua reflexão para pensar em um período de transformações no mercado editorial do século XVII, no qual “L’Estrange” notava uma maior proeminência do autor. Se o escritor era assim importante na perspectiva de R. L., ele seguramente receberia punições ainda piores do que aquelas vividas pelo livreiro de Pope’s Head Alley. Essa concepção talvez tenha tido ainda mais impacto nas edições seguintes do livro satírico, visto que *The Visions of Dom Francisco de Quevedo* continuou sendo lido ainda em meados do século XVIII.

Livewell Chapman, entretanto, não viveu em um momento em que “propriedade autoral” era uma questão a ser pensada. Suas atividades estiveram circunscritas a uma época em que os editores, livreiros e impressores eram aqueles que tinham lucros, prejuízos ou riscos quando publicavam, por serem os responsáveis e os detentores dos textos produzidos e vendidos. Não é à toa que quando Thomas Brewster, Simon Dover, Thomas Creak e George Thresher foram julgados pela emissão de *The Speeches*, *A phenix* e *Annus Mirabilis*, eles insistiram em alegar o seu desconhecimento quanto ao conteúdo dos panfletos. Era inegável que tinham participado de sua produção, pois havia indícios materiais contra eles. Cópias foram encontradas, relatos de encomendas foram feitos, e não havia como provar que eles não tinham trabalhado na produção desses textos. A solução para evitar uma punição demasiadamente rigorosa era apelar para a mecanicidade das funções exercidas pelos agentes do livro³⁰⁰.

Brewster afirmou que os livreiros não liam os livros que publicavam e vendiam³⁰¹. Na verdade, ele explicava, “O Livreiro apenas pensa na obtenção de um *penny*”³⁰², isto é, esses

²⁹⁹ FOUCAULT, Michel. *Op. cit.*, p.275.

³⁰⁰ Cf. *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Twyn, (...) with the tryals of Thomas Brewster, bookseller, Simon Dover, printer, Nathan Brooks, bookbinder...*, 1664.

³⁰¹ *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Twyn, (...) with the tryals of Thomas Brewster, bookseller, Simon Dover, printer, Nathan Brooks, bookbinder...*, 1664. p.44.

estacionários não refletiam sobre os assuntos dos textos que comercializavam, pois eram meros comerciantes, que somente forneciam os livros disponíveis aos leitores. Nossa análise a respeito das atividades desses personagens, focada no caso da Crown em Pope's Head Alley, no entanto, nos mostra algo diferente da declaração de Brewster em meio ao seu julgamento. Hannah Allen/Chapman, Livewell Chapman e muitos outros livreiros e impressores radicais certamente não estavam interessados apenas no dinheiro que ganhariam com a publicação de títulos controversos. Eles liam o que vendiam e, provavelmente, selecionavam os textos que publicariam de acordo com as ideias nas quais acreditavam. Neste sentido, imprimir, publicar e vender livros e panfletos eram atividades com dimensões múltiplas, que perpassavam não apenas as questões econômicas, como também os pontos de vista políticos e religiosos dos estacionários que as executavam.

³⁰² “The Bookseller only minds the getting of a penny”. Tradução livre. *Idem*, p.45.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Livreiros não costumam ler o que eles vendem”. Thomas Brewster, *An Exact Narrative of the Tryal of John Twyn...* (1664)¹.

A trajetória da Crown sugere diversas circunstâncias nas quais não apenas os estacionários liam o que vendiam, como, de fato, pretendiam difundir as ideias impressas nesses papéis. Antes de mais nada, é preciso lembrar, como Robert Darnton frisou, que os livreiros são agentes culturais, isto é, são personagens intermediários entre a oferta e a demanda dos textos². Ao pensarem e agirem no mercado, eles eram aqueles que selecionavam os textos, enquanto editores – em uma época em que essa função não existia em separado – e determinavam como essas obras chegariam ao público. Dessa maneira, não atuavam apenas como artesãos na produção da versão impressa do escrito de outros personagens, mas como bem observou Chartier, eles também eram autores dessas obras, pois a impressão e a venda de textos na Época Moderna era uma tarefa coletiva, com atores múltiplos³.

Para pensar essas questões, cabe remontar a história da livraria que analisamos até aqui. Seu próprio nome ou signo é evidência das transformações sofridas pelo estabelecimento, as quais estavam relacionadas ao posicionamento político de cada um dos personagens que nela atuou. Como discutido por James Raven, os símbolos, presentes nos *imprints* e na frente dos estabelecimentos, podiam indicar tradições religiosas ou seculares, assim como convicções políticas. Uma coroa é em si um símbolo que afirma a lealdade do estacionário ao regime monárquico e era um sinal muito usual entre as livrarias londrinas. Havia pelo menos outras seis casas livreiras que usavam o mesmo emblema por volta de 1641. No entanto, obviamente, seria muito arriscado recorrer a qualquer sinal antimonarquista durante o governo de Carlos I. Benjamin Allen, fundou seu negócio em 1632, muito antes da experiência republicana inglesa e, portanto, era plausível que sua livraria adotasse um símbolo comum como a coroa. Ainda que com o início das Guerras Civis, alguns estacionários tivessem ficado ao lado do

¹ “Book-Sellers do not use to read what they sell”. Tradução livre. *An Exact Narrative of the Tryal and Condemnation of John Twyn, (...) with the tryals of Thomas Brewster, bookseller, Simon Dover, printer, Nathan Brooks, bookbinder...*, 1664. p.44.

² DARNTON, Robert. *Op. cit.*, 2010. p.143.

³ Cf. CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*, 2002, especialmente o Cap. 3: “A mediação editorial”.

Parlamento, acusando a monarquia Stuart como uma instituição tirânica, era pouco provável que eles trocassem o nome de seus negócios, pois isso representaria um grande problema do ponto de vista mercadológico. Os clientes reconheciam as livrarias por esses sinais, isto é, era por meio deles que os leitores sabiam onde encontrar títulos correlatos, logo, uma alteração poderia levar a uma perda de público, que não teria determinado referencial para buscar os textos que lhe agradavam. A permanência dos símbolos se dava mesmo quando uma livraria mudava de endereço, ou quando o responsável por ela falecia, e outro sujeito tomava seu lugar. Tudo em favor da manutenção dos leitores⁴.

Observando os 33 anos de existência da Crown notamos que apesar de o nome da loja nunca ter variado, sua inserção no mercado editorial e comercial se diversificou em pelo menos três momentos, equivalentes aos três livreiros que teve: Benjamin Allen, Hannah Allen e Livewell Chapman. A Coroa, nesse sentido, renovava-se, tornava-se outra, dependendo das preferências políticas e religiosas daqueles que a geriam.

Quando o negócio foi fundado em 1632, a monarquia de Carlos I ainda se fazia forte. O nome da livraria sugeria uma homenagem ao tipo de governo levado na Inglaterra e, paralelamente, demonstrava a subordinação de Benjamin Allen ao seu soberano. Para além do símbolo, é importante lembrar que o livreiro nunca publicou textos que atentassem contra a autoridade do rei. Mesmo durante o período da Primeira Guerra Civil, Allen também não vendeu obras que declarassem abertamente alguma perspectiva política específica. Embora seu antigo mestre John Bellamy houvesse lutado pelo Parlamento, por meio das armas e das prensas, Allen não o seguiu, e manteve-se apenas publicando algumas notícias sobre os eventos e títulos religiosos. Dentre os textos que lançou desde 1642, não há nenhuma propaganda efetivamente pró-parlamentarista ou pró-regalista.

Sua postura, entretanto, não representou uma total abstenção. De fato, uma das petições vendidas por ele em 1642, ajuda-nos a pensar as atividades da Crown nesse momento. O impresso, intitulado *To the Kings most excellent Majesty. The humble petition of many thousands faithfull and peaceably affected subjects of the county of Yorke, who are here now assembled*, era uma petição escrita pelos habitantes do condado de York, demandando o fim das querelas entre o rei e o Parlamento. Os peticionários diziam que compuseram o texto em súplica a Carlos I para que ele observasse “(...) o presente estado do seu Reino, como a vossa *Majestade* frequentemente Declarou seus afetos por este País, então o seu amor pode agora

⁴ RAVEN, James. *Op. cit.*, p.80, 56.

ser expressado na preservação da paz do mesmo”⁵. Os autores proclamavam sua “(...) inaptidão para se tornarem Juizes entre vossa Majestade e o Parlamento, em qualquer coisa, ou para disputar a Autoridade de qualquer um (...)”⁶. Mesmo assim, eles declaravam estar rezando para a manutenção dos direitos de Carlos I enquanto rei, para a permanência dos privilégios e dos poderes do Parlamento e para a conservação das liberdades de todos os súditos.

Tal como os peticionários, Benjamin Allen parecia não considerar que poderia tomar algum partido naquela situação de incertezas e disputas. Ele parecia mais disposto a divulgar as notícias, as petições e os sermões que se referiam ao período, mas que não lhe ofereciam riscos. Anunciar apoio ao Parlamento poderia levar a rígidas punições caso Carlos I saíssem vitorioso dos conflitos. Em outro cenário, declarar-se um monarquista poderia levar a problemas com os MPs, se estes triunfassem. Nenhuma das pessoas que viveram naquele período sabiam em 1642 o que estava para suceder em 1649, ninguém poderia garantir a vitória dos parlamentares e, menos ainda, supor a execução do rei. Falar contra o monarca, neste sentido, ainda poderia oferecer os riscos de ser condenado por traição.

Do ponto de vista comercial, escolher entre o Parlamento e o rei também representava a possibilidade de perder público que divergisse da opinião do livreiro. Leitores monarquistas não transitarium mais pela sua loja, se percebessem que Benjamin Allen apoiava o Parlamento, e vice-versa. Era, então, preciso ter um profundo conhecimento sobre o mercado livreiro para ser bem-sucedido em um momento de tanta confusão e indefinição quanto ao futuro político do país.

Quanto às obras religiosas, o único episódio no qual ele se envolveu em algum desentendimento com as autoridades foi em 1645, quando publicou um título póstumo de John Archer, que foi avaliado como um texto herético. As cópias da obra foram apreendidas e queimadas publicamente, mas o livreiro não foi identificado como um personagem dissidente por conta disso. Inclusive, vale ressaltar que no exame do título, feito pela Assembleia de Westminster, nenhuma consideração atribuiu a Benjamin Allen a culpa por uma atividade

⁵ “(...) the presant state of this your Kingdome, that as your *Majestie* hath often Declared your affections to this County, so your love might now be expressed in the preserving the peace thereof”. Tradução livre. *To the Kings most excellent Majesty. The humble petition of many thousands faithfull and peaceably affected subjects of the county of Yorke, who are here now assembled*. London: Printed by R. O. and G. Dexter, and are to be sold by Benjamin Allen, 1642. s.n.p.

⁶ “(...) unfitness to become Judges betwixt your Majesty and Parliament, in any thing, or to dispute the Authority of either (...)”. Tradução livre. *Idem, ibidem*.

sediciosa. Apenas o livro foi considerado blasfemo e o livreiro não foi punido com qualquer prisão, mas somente com a destruição do texto controverso⁷.

Com exceção desse caso, Allen não teve outros problemas com as autoridades. Sua conduta no mercado livreiro sugere seu alinhamento com as leis e as determinações oficiais. Exemplo disso é a sua relação profícua com a Stationers' Company. O livreiro era um membro ativo da Corporação, participando de comitês e reuniões. Isso deve ter colaborado para que seu negócio estivesse bem estabelecido na década de 1640, quando passou a lançar mais textos do que no período anterior⁸. Apesar de não ter vendido muitos títulos nessa época, a Crown deveria ter sucedido bem no mercado livreiro, visto que em seu testamento, Benjamin Allen deixou uma soma considerável para seus herdeiros⁹.

Após sua morte em 1646, a Crown foi transferida para as mãos de Hannah Allen. Nesse momento, notamos uma mudança de perspectivas nas atividades editoriais e comerciais desencadeadas pela livreira viúva. Agora a Coroa era uma livraria, de fato, parlamentarista. O signo permaneceu, mas sem que ele continuasse a representar um reconhecimento da autoridade Stuart, visto que a livraria apoiava as lutas do Parlamento e propagava títulos que desprestigiavam a monarquia. Alguns dos autores publicados por Hannah Allen já eram conhecidos de Benjamin Allen, como William Greenhill, mas a partir desse novo contexto da Crown, os textos desses e de outros escritores enfatizavam seu suporte aos MPs, que combatiam as forças anticristãs e tirânicas de Carlos I.

A livreira publicou muitos sermões rezados no Parlamento, cujas impressões foram ordenadas pelos parlamentares, e os tipógrafos e os livreiros envolvidos foram incumbidos pelas autoridades a realizar os trabalhos¹⁰. Hannah Allen era uma dessas personagens nomeadas para lançar alguns desses títulos, porém isso não a tornou uma livreira oficial do Parlamento, pois nenhum cargo formal de *publisher* foi assumido por ela. Não obstante, ações como essa demonstravam sua proximidade do novo governo, que foi instituído pouco depois da execução do rei em 1649, e o seu comprometimento com a propaganda parlamentarista¹¹. A Crown, neste momento, prosperou vendendo textos de pregadores que estiveram engajados em colaborar com as novas autoridades, como William Greenhill, que fez parte do Exército

⁷ “House of Lords Journal Volume 7: 12 July 1645”. In: *Journal of the House of Lords: volume 7: 1644 (1767-1830)*. p. 494.

⁸ “Court Book C (1602 to 1654)”. In: BL, *Record of the Stationers' Company, 1554-1920*, M985/1-96, n. 56. Microfilme. pp.204, 205, 217b, 218b-219b, 223-223b, 229-229b.

⁹ PROB 11/196/157.

¹⁰ Ver, por exemplo, CRADOCK, Walter. *The saints fulnesse of joy in their fellowship with God...*, 1646.

¹¹ BELL, Maureen. *Op. cit.*, 1987. TUBB, Amos. *Op. cit.*

do Parlamento, Vavasor Powell, Walter Cradock – um grande apoiador de Oliver Cromwell –, Henry Jessey e John Simpson¹².

Hannah Allen não apenas publicava e vendia os panfletos e livro escritos por esses personagens, como fazia parte da mesma comunidade independentista onde eles pregavam, Allhallows the Great. A igreja que, certamente, teve papel de relevo dentre as atividades editoriais e comerciais de Hannah Allen, era o palco para a propagação de sermões milenaristas, que fundamentavam a queda do rei e a autoridade do Parlamento como sinais de que as palavras anunciadas por Deus nas Escrituras estavam se cumprindo. As apreciações escatológicas que os pregadores independentistas faziam no púlpito e que, posteriormente, eram impressas e comercializadas pela livreira da Crown buscavam demonstrar o cumprimento dos desígnios divinos. Ao mesmo tempo, essas perspectivas reforçavam a soberania do governo parlamentar como uma força capaz de vencer os poderes anticristãos. A derrota de Carlos I era entendida como uma evidência de que Deus estava do lado dos MPs e que o novo regime republicano era justo.

Hannah Allen, desta forma, jamais atentou contra as autoridades contemporâneas, mas as apoiava por meio dos impressos que vendia. Suas obras também se caracterizavam pelas ideais antimonarquistas, que claramente sustentavam a legitimidade da revolta contra Carlos I e do subsequente regicídio¹³. Por essa razão, a livreira viúva jamais se envolveu em qualquer problema com os censores no período em que esteve à frente da Crown, nem teve nenhum de seus textos apreendidos, queimados ou considerados como obras sediciosas que mereciam ser reprimidas.

Quando Livewell Chapman, até então aprendiz da livraria, se casou com a viúva de seu antigo mestre, assumindo a frente dos negócios, ele pareceu continuar o trabalho da livreira, editando textos dos pregadores de Allhallows the Great e obras que apoiavam os MPs. Concomitantemente, ele também se aproximou do movimento do Homens da Quinta

¹² Ver, por exemplo: GREENHILL, William. *An exposition of the five first chapters of the prophet Ezekiel...*, 1649. POWELL, Vavasor. *The scriptvres concord: or A catechisme, compiled out of the words of Scripture...*, 1646. CRADOCK, Walter. *Gospel-holinesse, or, The saving sight of God...*, 1651. JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight...*, 1647. SIMPSON, John. *Op. cit.*, 1648.

¹³ T., N. *The resolver, or, A short vvord, to the large question of the times. Concerning the Parliament: and confirming the proceedings about the King. Being, a letter written to a deare friend, tending to satisfie him. At least, to shew the authour rationall, in approving the proceedings of the Army. Imprimatur Gilbert Mabbot.* London: printed by I.C. and are to be sold at the Crown in Popes-head-Alley, 1648 [i.e. 1649]. T., N. *The resolver continued, or, Satisfaction to some scruples about the putting of the late King to death. In a letter from a minister of the Gospel, to a Friend in London; together, with a word to the Parliament, the High Court of Justice, Malignants, discontented Friends, and the People of the Nation.* London: printed by J. Clowes, for Hannah Allen, at the Crown in Popes-head-Alley, 1649. TUBB, Amos. *Op. cit.*

Monarquia, que se desenvolvia a partir de 1651. Seu radicalismo religioso também não lhe gerou problemas com as autoridades nos primeiros anos de suas atividades na Crown. A situação apenas mudou com o início do Protetorado. Foi justamente a partir do final de 1653 que Chapman tornou-se responsável pela emissão de textos que foram percebidos pelo governo como obras escandalosas, perigosas e sediciosas. A Crown se tornava agora, definitivamente, uma livraria oposicionista, controversa e, mais do que tudo, antimonarquista e milenarista.

As publicações de títulos que vociferavam contra o retrocesso do Protetorado não pareciam obras de um livreiro que não lia aquilo que vendia, mas sim de alguém que selecionava suas críticas contra o regime cromwelliano e as publicizava. Chapman foi preso em muitas ocasiões e quando teve seus textos examinados pelas autoridades, as obras não eram apenas descritas como blasfemas, como ocorreu com Benjamin Allen em 1645, mais do que isso, os panfletos de Chapman eram sediciosos e *suas atividades* também o eram, por essa razão ele foi preso diversas vezes em meados da década de 1650¹⁴.

Embora Chapman tenha se afastado dos pentamonarquistas em 1657, devido ao seu descontentamento com a rebelião planejada por Venner, o livreiro não deixou de ser um grande opositor dos governos de uma única pessoa. Aproximando-se do republicanismo devoto de Henry Vane e John Rogers, Livewell Chapman passou o final de 1650 e o início de 1660 difundindo livros e panfletos profético-políticos que apoiavam a *commonwealth*. Sua postura antimonarquista rendeu-lhe, novamente, problemas com as autoridades.

A partir de 1660, com a reformulação dos sistemas de censura e a reestruturação da monarquia na Inglaterra, Chapman publicou títulos que confrontavam a autoridade do rei e ameaçavam a estabilidade do governo recém organizado, alguns desses em conjunto com os Confederate Stationers. Seu radicalismo desembocou em ainda mais investigações, prisões e multas. Essa repressão não era endereçada apenas às ideias difundidas pelo livreiro, mas eram voltadas para o próprio Chapman, que era tido como um personagem perigoso. Um dos mandatos de prisão emitidos para sua captura em 1660, dizia:

¹⁴ PRO SP 25/75/585. BIRCH, Thomas (ed.). *Op. cit.* p.379. CSPD, Commonwealth, 1649-1660, preserved in the State Paper Department of Her Majesty's Public Record Office.Vol. 13: July 1659-May 1660. GREEN, Mary Anne Everett (ed.). *Calendar of State Papers, Domestic Series, 1659-1660*, preserved in the State Paper Department or Her Majesty's Public Record Office. London: Longman & CO., Paternoster Row; Trübner & CO., Ludgate Hill, 1886. p.572. COUNCIL OF STATE. *Op. cit.* CSPD, Commonwealth, 1649-1660, preserved in the State Paper Department of Her Majesty's Public Record Office.Vol. 13: July 1659-May 1660. GREEN, Mary Anne Everett (ed.). *Op. cit.*, p.572, 575.

Visto que o Conselho de Estado está informado; De que Livewell Chapman de Londres, Estacionário, tendo a partir de um Projeto daninho para envolver a Nação em Sangue, e Confusão, provocado vários Livros Sediciosos e Traidores, a serem Impressos e Publicados, agora se esconde e se oculta para evitar a mão da Justiça, O Conselho então aqui acusa e exige que o dito Livewell Chapman (pelo seu perigo extremo) apareça e se renda ao Conselho em Whitehal, na próxima Segunda-feira ou antes, para responder a tais coisas como devem ser objetadas contra ele¹⁵.

O livreiro não era acusado simplesmente de produzir mecanicamente textos impressos que continham ideias controversas. Ele era incriminado por ferir a Inglaterra com suas ações sediciosas, que confundiam e ensanguentavam o país. Ele era, então, *perigoso*, tanto que não era o suficiente que seus textos parassem de circular, era preciso impedir que ele agisse. Isso nos leva a sugerir que na Inglaterra revolucionária escrever, imprimir e publicar eram percebidos como atos políticos que podiam ser tão pungentes quanto as armas.

A luta da Coroa antimonarquista contra a coroa Stuart, todavia, fracassou. A livraria e seus atores foram suprimidos e levados à falência. Não havia espaço nessa nova situação inglesa para a sobrevivência de um estabelecimento como esse. Esse fim indica que a Crown foi uma loja que não se adaptou às frequentes mudanças de governo entre as décadas de 1640 e 1660, mas sim que ela mantinha suas convicções parlamentaristas, milenaristas e republicanas em vista, mesmo que isso ameaçasse sua existência. Outros livreiros, impressores e encadernadores tiveram fins semelhantes. Francis Smith, um dos Confederate Stationers, narrou em suas memórias como assistiu a Chapman, Calvert, Brewster e Dover atingirem a pobreza e a desgraça:

(...) o *Sr. Brewster*, que morreu há alguns anos atrás em *Newgate*, e sua Família foi reduzida a tal miséria, que sua Esposa há pouco viveu em Caridade, e morreu sob grande Extremidade. Um *Sr. Calvert* morreu pouco menos que na Prisão, e sua Família foi levada à total Penúria, que um dia viveu em Abundância; Também um *Sr. Dover* um Impressor morreu em *Newgate*, quase até a ruína da sua Família, *Sr. Lidwell Chapman* (sic) da mesma maneira, pelos contínuos Aprisionamentos, ele e

¹⁵ “Whereas the Council of State is informed; That Livewell Chapman of London, Stationer, having from a wicked Design to engage the Nation in Blood, and Confusion, caused several Seditious and Treasonable Books, to be Printed and Published, doth now hide and obscure himself for avoiding the hand of Justice, The Council so hereby charge and require the said Livewell Chapman (at his uttermost peril) to appear and render himself to the Council at Whitehal, on or before Monday next, to answer such things as shall be objected against him”. Tradução livre. COUNCIL OF STATE. *Op. cit.*, s.n.p.

sua Família foram arruinados; outros Multados acima de suas habilidades, como os últimos Exemplos mostram; Outros por tais Aprisionamentos, também foram arruinados, por Pessoas Investidas com Poder Questionando o *Comércio Estacionário*, abusando do mesmo ao bel prazer; e até Maldade, quando, e onde lhes agrade (...) ¹⁶

Em muito, a declaração de Smith era uma clara crítica endereçada a Roger L'Estrange e aos censores que lhe puniram e multaram diversas vezes, levando-o a ter prejuízos, mas ainda assim, o trecho demonstrava a falência desses personagens que não se acomodaram às mudanças da época, preferindo manter suas livrarias atreladas aos seus próprios anseios.

Esse não foi o caso de todos os impressores, livreiros e encadernadores londrinos. Alguns personagens adotaram diferentes perspectivas para que seus negócios sucedessem. O impressor William Dugard, por exemplo, era um ferrenho apoiador da monarquia entre 1648 e 1649, mas ao sofrer sérias perdas financeiras durante o governo republicano, ele se comprometeu a propagandear textos em favor do Parlamento a partir da década de 1650¹⁷. Marchamont Nedham, enquanto autor e editor de jornais também transitou entre o monarquismo e o republicanismo, adaptando-se às melhores condições para manter seu empreendimento funcionando¹⁸. O poeta Henry Oxinden¹⁹ considerava essa capacidade de adequação fundamental. Em um de seus escritos, ele dizia que “(...) os homens mais constantes devem ser contentes em mudar suas resoluções de acordo com as alterações do tempo”²⁰. Chapman, contrariamente, não se acostumava a essas mudanças.

¹⁶ “(...) *Mr. Brewster*, who dyed low some years ago in *Newgate*, and his Family reduced to such want, that his Wife lately lived upon Charity, and dyed under great Extremity. One *Mr. Calvert* dyed little less then in Prision, and his Family brought to total Beggery, that once lived Plentifully; Also one *Mr Dover* a Printer dyed in *Newgate*, almost to the ruine of his Family, *Mr Lidwell Chapman* in the like manner, by continued Imprisonments, he and his Family ruined; others Fined above their ability, as late Instance shews; Others by like Imprisonments, also were ruined, by Persons Invested with Power Surveying the *Stationary Trade*, abusing the same at pleasure; and even Wink, when, and where they please (...)”. Tradução livre. SMITH, Francis. *Op. cit.*, p.19.

¹⁷ TUBB, Amos. *Op. cit.*, 293. MEYER, W. R. ‘Dugard, William (1606–1662)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Oct 2009 [http://www.oxforddnb.com/view/article/8182, accessed 29 Dec 2015].

¹⁸ WORDEN, Blair. *Op. cit.*, 2007. p.14-16.

¹⁹ Henry Oxinden (1609-1670) estudou em Oxford em 1624 e começou a publicar seus trabalho em prosa e poesia a partir do final da década de 1640. Em 1643, ele lutou no exército parlamentar, mas, mais tarde, em 1647, passou a declarar seu apoio ao monarca. HINGLEY, Sheila Hingley, ‘Oxinden, Henry (1609–1670)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [http://www.oxforddnb.com/view/article/21053, accessed 29 Dec 2015].

²⁰ “(...) the most constant men must be content to change their resolutions according to the alterations of time”. Tradução livre. OXINDEN, Henry *apud* WORDEN, Blair. *Op. cit.*, p.16.

A trajetória da Crown demonstrava que os livreiros, em especial os radicais, nem sempre queriam ganhar um *penny*, como dito por Brewster em 1664. Eles poderiam também estar interessados e comprometidos com perspectivas político-religiosas específicas. Conforme ressaltado por Ian Green, não é possível deixar de pensar que havia estacionários que fossem sinceramente devotados às causas dos grupos dos quais faziam parte²¹. Hannah Allen assim o fez ao propagar tão constantemente as crenças dos pregadores de Allhallows the Great, tornando-os centrais em sua livraria; Chapman, por sua vez, o fez tanto quando esteve envolvido com os pentamonarquistas e sua oposição ao Protetorado, como quando se ligou aos republicanos devotos e ao grupo de estacionários antimonarquistas durante a Restauração.

Não pretendemos com isso dissociar os aspectos econômicos da atividade livreira, pois obviamente era preciso conduzir os negócios de modo a vender livros e panfletos o suficiente para obter uma forma de sustento. No entanto, faz-se importante insistir nas dimensões política e religiosa que essas atividades podiam assumir. Comercializar textos impressos, neste sentido, poderia configurar também uma forma de ação, pela qual personagens como Hannah Allen e Livewell Chapman exprimiam fortemente as suas expectativas políticas e religiosas.

A Crown, que de uma livraria comum e pouco interessada em publicar polêmicas que pudessem lhe comprometer, passou a ser um estabelecimento parlamentarista e, por fim, chegou ao extremo oposto do que seu símbolo significava, tornou-se anti-regalista. A Coroa não foi apenas um dos palcos das discussões ocorridas durante a Revolução Inglesa, tampouco seus títulos foram meros suportes para as ideias de autores, pregadores e polemicistas. A Crown em suas várias fases foi também uma das *produtoras* dos debates, nas quais Hannah Allen e Livewell Chapman amplificaram suas perspectivas e posicionamentos por meio de um trabalho coletivo de publicação, que perpassava os autores, os impressores, os encadernadores e eles mesmos, enquanto livreiros. Podemos encerrar tomando emprestada uma frase de John Milton com a qual começamos nosso trabalho, os “(...) Livros absolutamente não são coisas mortas, mas contém uma potência vital neles para serem tão ativos quanto a alma de quem são prole (...)”²². Os livros da Crown eram tão ativos quanto os

²¹ GREEN, Ian. *Op. cit.*, p.19.

²² “(...) Books are not absolutely dead thing, but doe contain a potencie of life in them to be as active as that soule was whose progeny they are (...)” Tradução livre. MILTON, John. *Op. cit.*, 1644. p.4.

livreiros que os seleccionaram, produziram e propagaram para um vasto público em meio à Inglaterra revolucionária.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS E BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

Manuscritos

British Library

BL, *Add. MSS* 4459: 1638-1755 vol.II.

BL, *STOWE MSS* 185. Historical Papers, vol.II (1653-1746).

Copy of a Notable Letter intercepted a little before the KING'S coming in directed to one LINWELL CHAPMAN in Popeshead Alley. dated from LLANOTHEN the 8th of the 2d Moneth 1660.

Public Record Office

BIRCH, Thomas (ed.). *Thurloe, State Papers*. London: Fletcher Gyles, 1742.

PRO SP 18/220/108, 109.

PRO SP 25/116.

PRO SP 25/75/585, 591.

PRO SP 29/38/121, 123.

PRO SP 29/41/110.

PRO SP 29/67/161.

PRO SP 29/72/155.

PRO SP 29/75/199.

PRO SP 29/78/96.

PRO SP 29/90/25.

PRO SP 29/92/10.

PRO SP 29/98/33, 101.

PRO SP 44/15/206.

PRO SP 44/16/1, 61.

PRO SP 44/9/296, 340.

PRO SP 29/41/110.

PROB 11/196/157.

PROB 11/251/617.

Public Record Office.Vol. 13: July 1659-May 1660.

Arquivos da Stationers' Company

“Court Book C (1602 to 1654)”. In: BL, *Record of the Stationers' Company*, 1554-1920, M985/1-96, n. 56. Microfilme.

“Pension Lists (1677-1811)”. In: BL, *Record of the Stationers' Company*, 1554-1920, M985/1-96, n. 72. Microfilme.

“The Loan Book (1671-1688)”. In: BL, *Record of the Stationers' Company*, 1554-1920, M985/1-96, n. 72. Microfilme.

“The Poor Book (1608-1676)”. In: BL, *Record of the Stationers' Company*, 1554-1920, M985/1-96, n. 72. Microfilme.

Arquivos Paroquiais - London Metropolitan Archives

LMA, *St. Botolph Aldgate*, baptisms and marriages, 1558-1625. P69/BOT2/A/001/MS09220.

LMA, *St. Botolph Bishopsgate*, baptisms 1628-1653, marriages 1629-1677, burials 1628/9-1653. P69/BOT4/A/001/MS04515, Item 002.

LMA, *St. Katherine by the Tower*, baptisms 1619-1653, marriages 1618/9-1653, burials 1640-1653. Guildhall, SKT/C/01/Ms 9659/2.

LMA, *St. Michael Crooked Lane*, baptisms 1538/9-1723, marriages 1539-1723 and burials 1538-1723. P69/MIC3/A/001/MS11367.

LMA, *St. Olave Hart Street*, Register of baptisms, 1631-1706/7. P69/OLA1/A/004/MS28868.

LMA. *St Stephen Coleman Street*, Composite register: baptisms and marriages 1636 - 1717, burials 1636 - 1689, P69/STE1/A/002/MS04449, Item 002.

Calendar of State Papers

CSPD 1663/4.

CSPD, Commonwealth, 1649-1660, preserved in the State Paper Department of Her Majesty's Public Record Office.Vol. 13: July 1659-May 1660.

CSPD, v.184, n.97.

House of Lords

“House of Lords Journal Volume 7: 12 July 1645”. In: *Journal of the House of Lords*: volume 7: 1644 (1767-1830).

“The Printers Committee, 1640-1. Mar. 4”; “1640-1. March 4”; “1640-1. March 10”. In: *House of Lords Papers*, 27 Feb. 1640/1 to 10 Mar. 1640/1. HL/PO/JO/10/1/53.

Impressos

A well-willer to the publique weale. *Chaos: or, A discourse wherein is presented to the view of the magistrate, and all others who shall peruse the same, a frame of government by way of a republique, wherein is little or no danger of miscarriage, if prudently attempted, and thoroughly prosecuted by authority... By a well-willer to the publique weale.* London: printed for Livewel Chapman, at the Crown in Popes-head Alley, 1659

AINSWORTH, Henry. *A seasonable discourse, or, A censure upon a dialogue of the Anabaptists, ...* London: printed for Benjamin Allen, dwelling in Popes-head-Alley, 1644.

Anônimo. *A compleat collection of the lives, speeches, private passages, letters and prayers of those persons lately executed: viz. Thomas Harison, Octob. 13. John Carew, Octob. 15. John Cook, and Hugh Peters, Octob. 16. Thomas Scot, Gregory Clement Adrian Scroop, and John Jones, October 17. Daniel Axtel, and Francis Hacker, Octob. 19. With observations on the same. Wherein their pretended sanctity is refuted, and a further inspection made into the lives and practises of those unhappy and traiterous politicians. By a person of quality.* London: printed, and are to be sold by the several book-sellers in London, and Westminster-Hall, 1661.

Anônimo. *A Declaration by Congregationall societies in, and about the city of London; as well of those commonly called Anabaptists, as others. In way of vindication of themselves. Touching 1. Liberty, 2. Magistracy, 3. Propriety, 4. Polygamie. Wherein their judgments, concerning the particulars mentioned are tendred to consideration, to prevent misunderstanding.* [London]: Printed by M. Simmons for Henry Overton in Popes-head Alley, 1647.

Anônimo. *A door of hope: or, A call and declaration for the gathering together of the first ripe fruits unto the standard of our Lord, King Jesus.* [London : s.n., 1660].

Anônimo. *A phenix, or, The Solemn League and Covenant. Whereunto is annexed, I. The form and manner of His Majesties coronation in Scotland. With a sermon then preached on that*

occasion, by Robert Douglas of Edinburgh. II. A declaration of the Kings Majesty to all his loving subjects of the Kingdoms of Scotland, &c. in the yeare 1650. III. The great danger of covenant-breaking, &c. Being the substance of a sermon preached by Edm. Calamy the 14. of Jan. 1645 before the then Lord Mayor of the city of London, Sir Tho. Adams, together with the shieriffs [sic], aldermen, and Common-councell of the said city: being the day of their taking the Solemn League and Covenant at Michael Basenshaw, London. Edinburgh: printed in the year of covenant-breaking [1661].

Anônimo. *A reply to Mr. VVilliam Prinne, his unsafe, uneasie, dangerous, &c. expedient, for the concord, unity, and settlement of these nations, by restoring the ancient nobility, part of the old decipit, decayed, and gray-headed tyranny, usurpation, and oppression upon the bodies, and consciences of every poor subject, who have been formerly as Balaams asse, being made slaves at their lusts and pleasures, but now have kicked their masters off...* London: printed for Francis Smith, and are to be sold at his shop, at the Elephant and Castle near Temple-Bar, 1659.

Anônimo. *A solemn league and covenant for reformation and defence of religion, the honour and happinesse of the King, and the peace and safety of the three kingdomes of Scotland, England, and Ireland.* Edinburgh: Printed by Evan Tyler ..., 1643.

Anônimo. *A Solemn League and Covenant, for reformation and defence of religion, the honour and happinesse of the King, and the peace and safety of the three kingdoms of England, Scotland and Ireland also, two special orders : viz. I. Concerning the taking of the League and Covenant in all churches and chappels in London and Westminster, upon the next Lords-day in the afternoon, II. Concerning divers lords, knights, gentlemen, colonels, officers, souldiers, and others that are desirous to meet tomorrow in the forenoon, at Margarets-Westminster and to take the said League and Covenant.* London: Printed for Edw. Husbands, Sept. 28, 1643.

Anônimo. *A treatise of the execution of justice, wherein is clearly proved, that the execution of judgement and justice, is as well the peoples as the magistrates duty; and that if magistrates pervert judgement, the people are bound by the law of God to execute judgement without, the and upon them.* [London : by John Twyn, 1663]. p.2-35.

Anônimo. *A word for God. Or A testimony on truths behalf; from several churches, and diverse hundreds of Christians in Wales (and some few adjacent) against wickednesse in high-places. With a letter to the Lord Generall Cromwell. Both, first presented to his own hands, and now published for further information.* [London : s.n., 1655].

Anônimo. *An exact narrative of the tryal and condemnation of John Twyn, for printing and dispersing of a treasonable book, with the tryals of Thomas Brewster, bookseller. Simon Dover, printer. Nathan Brooks, bookbinder, for printing, publishing, and uttering of seditious, scandalous, and malicious pamphlets. At Justice-Hall in the Old-Bayly London, the 20th. and 22th. of February 1663/4. Published by authority. London: printed by Thomas Mabb for Henry Brome at the Gun in Ivy-lane, 1664.*

Anônimo. *Eniaytos terastios Mirabilis annus, or, The year of prodigies and wonders, being a faithful and impartial collection of severall signs that have been seen in the heavens, in the earth, and in the waters; together with many remarkable accidents, and judgements befalling divers persons, according as they have been testified by very credible hands: all which have happened within the space of one year last past, and are now made publick for a seasonable warning to the people of these three kingdoms speedily to repent and turn to the Lord, whose hand is lifted up amongst us. [LONDON:] Printed in the year 1661.*

Anônimo. *Exploits discovered, in a declaration of some more proceedings of Serjeant Major Chudley, generall of the forces under the Earle of Stamford: against Sir Ralph Hopton. Fully relating the great overthrow given to him. As it was sent in a letter from Exon, (Aprill 29.) to a man of note in London. Also a briefe rehearsall of the severall victories, which the enemy, (to all their great discouragement), hath of late received by the Parliament forces. London: printed for B. Allen, and T. Underhill, May. 2. 1643.*

Anônimo. *Killing noe murder. Briefly discoursed in three quaestions. By William Allen. [Holland: s.n., 1657].*

Anônimo. *Mirabilis annus secundus: or, The second part of the second years prodigies. Being a true additional collection of many strange signs and apparitions, which have this last year been seen in the heavens, and in the earth, and in the waters. Together with many remarkable accidents, and signal judgments which have befel divers persons who have apostatized from the truth, and have been persecutors of the Lord's faithful servants. Published as a warning to all, speedily to repent, and to meet the Lord in the way of his judgments. [London:], Printed in the year, 1662.*

Anônimo. *Mirabilis annus secundus; or, The second year of prodigies. Being a true and impartial collection of many strange signes and apparitions, which have this last year been seen in the heavens, and in the earth, and in the waters. Together with many remarkable accidents and judgements befalling divers persons, according to the most exact information that could be procured from the best hands, and now published as a warning*

to all men speedily to repent, and to prepare to meet the Lord, who gives us these signs of his coming. [London:], Printed in the year, 1662.

Anônimo. *Newes from Brussels, in a Letter from a neer attendant on His Maiesties person. To a Person of Honour here. Which casually became thus publique.* [London:] Printed in the Year, 1660.

Anônimo. *Plain English to his Excellencie the Lord General Monck, and the Officers of his Army: Or, A Word in season, not onely to them, but to all Impartial Englishmen. To vvich is added, A Declaration of Parliament In the year 1647. Setting forth the Grounds and Reasons, why they resolved to make no further Address or Application to the King.* Printed at London, in the Year 1660.

Anônimo. *Rebels no saints: or, A collection of the speeches, private passages, letters, and prayers of those persons lately executed, viz. Tho. Harrison, Octob. 13. Jo. Carew, Octob. 15. Jo. Cook, and Hugh Peters, Octob. 16. Tho. Scot. Greg. Clement. Adr. Scroop, and Jo. Jones. Octob. 17. Dan. Axtell, and Fr. Hacker, Octob. 19. With observations on the same. Wherein their pretended sanctity is refuted, and a further inspection made into the lives and practices of those unhappy and trayterous polititians. By a person of quality.* London: printed, and are to be sold by the several book-sellers in London and Westminster-hall, 1661.

Anônimo. *Some of the arguments & reasons against the office and title of kingship insisted upon in the time of the late Parliament: and now offered to the consideration of the people of this common-wealth.* London: printed for Thomas Brewster, at the Three Bibles near the west-end of Pauls, 1659.

Anônimo. *The day-breaking, if not the sun-rising of the Gospell with the Indians in New-England.* London: printed by Rich. Cotes, for Fulk Clifton, and are to bee sold at his shop under Saint Margarets Church on New-fish-street Hill, 1647.

Anônimo. *The life and death of Sir Henry Vane, Kt. or, A short narrative of the main passages of his earthly pilgrimage; together with a true account of his purely Christian, peaceable, spiritual, gospel-principles, doctrine, life, and way of worshipping God, for which he suffere contradiction and reproach from all sorts of sinners, and at last, a violent death, June 14. anno, 1662. To which is added, his last exhortation to his children, the day before hisdeath.* [London : s.n.], Printed in the year, 1662.

Anônimo. *The speeches and prayers of some of the late King's judges, viz. Major Gen. Harrison, Octob. 13. Mr. John Carew, Octob. 15. Mr. Justice Cooke, Mr. Hugh Peters Octob. 16. Mr. Tho. Scot, Mr. Gregory Clement, Col. Adrian Scroop, Col. John Jones, Oct.*

17. Col. Dan. Axtell, Col. Fran. Hacker, Octob. 19. 1660. *The times of their death. Together with several occasional speeches and passages in their imprisonment till they came to the place of execution. Faithfully and impartially collected for further satisfaction.* [London:], Printed anno Dom. 1660.

Anônimo. *The tryal of Sir Henry Vane, Kt. at the Kings Bench, Westminster, June the 2d. and 6th. 1662. Together with what he intended to have spoken the day of his sentence, (June 11.) for arrest of judgment, (had he not been interrupted and over-ruled by the court) and his bill of exceptions. With other occasional speeches, &c. Also his speech and prayer, &c. on the scaffold.* [London:] Printed in the year, 1662.

Anônimo. *To his Excellencie the Lord Charls Fleetwood, and the rest of the officers of the Army.* London: printed by J.C. for Livewel Chapman, 1659.

Anônimo. *To the Kings most excellent Majesty. The humble petition of many thousands faithfull and peaceably affected subjects of the county of Yorke, who are here now assembled.* London: Printed by R. O. and G. Dexter, and are to be sold by Benjamin Allen, 1642.

Anônimo. *Twelve plain proposals offered to the honest and faithful officers and souldiers of our English Army.* London: printed by J.C. for L. Chapman, 1659.

Anônimo. *Vox Dei: The voice of God to the officers of the army. Wherein is shewed directly and positively, what is the undubitable way in which they ought now to walk: wherein if they do walk, it will assuredly go well with them, and the Lord of Hosts will be in the midst of them, and the God of Jacob will be their refuge. Being some precepts which the Lord set upon the heart of a poor creature to shew unto them; the which if they obey not, will be one witness for God against them, that he left them not without remembrancers; he having many other such witnesses in this nation, and in this city.* London: printed by J.C. for L. Chapman, 1659.

ARBER, Edward (ed.). *A Transcript of the Registers of the Stationers of London, 1554-1640 A.D., Vol. IV.* London: Privately Printed, 1877.

ARCHER, John. *Comfort for beleivers about their sin and troubles. In a treatise shewing that true beleivers, how weak soever in faith, should not be opprest or perplex in heart, by any thing whatever befalls them in this life...* London: printed for Livewell Chapman at the Crown in Popes-head-Alley, 1661.

ARCHER, John. *Comfort for beleivers about their sinnes & troubles in a treatise shewing that true beleivers, how weake soever in faith, should not be opprest, or perplex in heart ... : together with divers other comfortable observations, ... given by Christ to his Apostles*

... in *John chap. 14, verses 1, 2, 3, 4 / by John Archer...* London: Printed for Benjamin Allen, and are to be sold at his shop ..., 1645.

ARCHER, John. *The personal reign of Christ upon earth. In a treatise wherein is fully and largely laid open and proved, that Jesus Christ, together with the saints, shall visibly possess a monarchical state and kingdome in this world...* London: printed for L[i]vwel]. Chapman, and are to be sold over-against the Pageant in Cornhil, next to Popes-head-Alley, 1661.

ARCHER, John. *The personall reigne of Christ vpon earth.* London: printed, and are to be sold by Benjamin Allen, in Popes-Head-Alley, 1642.

ASPINWALL, William. *A brief description of the fifth monarchy, or kingdome, that shortly is to come into the world: the monarch, subjects, officers and lawes thereof, and the surpassing glory, amplitude, unity, and peace of that kingdome...* London: printed by M. Simmons and are to be sold by Liverwell Chapman at the Crown in Popes head-Alley, 1653.

ASPINWALL, William. *A premonition of sundry sad calamities yet to come. Grounded upon an explication of the twenty fourth chapter of Isaiah. By William Aspinwall, late of New-England.* London: printed for Livewell Chapman, and are to sold [sic] at the Crown in Popes-head-alley, 1654.

ASPINWALL, William. *An explication and application of the seventh chapter of Daniel: with a correction of the translation. Wherein is briefly shewed the state and downfall of the four monarchies; but more largely of the Roman monarchy, and the ten horns or kingdomes; and in particular, the beheading of Charles Stuart, who is proved to be the little horn by many characters, that cannot be applied to any before or after him...* London: printed by R.I. for Livewell Chapman, at the Crown in Popes-head Alley, 1654.

ASPINWALL, William. *Certaine queries touching the ordination of ministers. Soberly propounded to the serious consideration of all the parochiall ministers of England in generall; and more especially those sundry ministers in London authors of a late printed booke entituled *Ius divinum regiminis ecclesiastici: or the divine right of church-government*, &c...* London: printed by Matthew Simmons for Henry Overton, and are to be sold by J. Pounce at the lower end of Budg-Row, neere Canning-Street, 1647.

ASPINWALL, William. *The abrogation of the Jevvish Sabbath, or, Sabbath of the 7th day of the week. Together, with some brief observations upon two small treatises: 1. The unchangeable morality of the 7th day Sabbath. Written by J.S. 2. The morality of the fourth commandment. In prosecution whereof, sundry Scriptures are opened and cleered. By*

William Aspinwall. Printed at London : by J.C. for Livewel Chapman, at the Crown in Popes-head-Alley, 1657.

ASPINWALL, William. *The legislative povver is Christ's peculiar prerogative. Proved from the 9th of Isaiah, vers. 6.7.* By W.A. London: printed for Livewel Chapman, at the Crown in Popes head alley, 1656.

ASPINWALL, William. *The work of the age: or, the sealed prophecies of Daniel opened and applied. VWherein is plainly proved that all the governments in the world, except the government of Christ, are but images, or parts of Nebuchadnezzars image, and shall be suddenly broken in pieces by th little stone cut out of the mountain without hand: together with the means how Christ will effect all this...* London: printed by R.I. for Livewell Chapman, and are to be sold at the sign of the Crown in Popes-head Alley, 1655.

ASPINWALL, William. *Thunder from heaven against the back-sliders and apostates of the times. In some meditations on the 24 chapter of Isaiah.* By W.A. London: printed for Livewell Chapman, and are to be sold at the Crown in Popes-head-alley, 1655.

BEN ISRAEL, Menasseh. *The hope of Israel written by Menasseh Ben Israel, an Hebrew divine, and philosopher. Newly extant, and printed at Amsterdam, and dedicated by the author, to the High Court, the Parliament of England, and to the councell of state, the second edition corrected and amended Whereunto is added, in this second edition, some discourses upon the point of the conversion of the Jewes.* By Moses Wal[l]. London: printed by R. I[bbitson] for Livewell Chapman at the Crowne in Popes-Head Alley, 1652.

BEN ISRAEL, Menasseh. *The hope of Israel...* London: by R[obert]. I[bbitson]. for Hannah Allen, at the Crown in Popes-head Alley, 1650.

BEN ISRAEL, Menasseh. *The hope of Israel: written by Menasseh Ben Israel, an Hebrew divine, and philosopher. Newly extant, and printed at Amsterdam, and dedicated by the author, to the High Court the Parliament of England, and to the councell of state. Whereunto are added some discourses upon the point of the conversion of the Jewes: by Moses Wall.* London: printed by R. I[bbitson]. for Livewell Chapman at the Crown in Popes-Head Alley, 1651.

BLOUNT, Thomas. *Glossographia: Or A Dictionary, Interpreting all such Hard Words, whether Hebrew, Greek, Latin, Italian, Spanish, French, Teutonic, Belgick, British or Saxon; as are now used in our refined English Tongue...* London: Humphrey Moseley and George Sawbridge, 1656.

BLUNDEVIL, Thomas. *Mr. Blundevil his exercises, contayning eight treatises, the titles whereof are set down in the next printed page. Which treatises are very necessary to be*

read and learned of all young gentlemen, that have not been exercised in such disciplines, and yet are desirous to have knowledge as well in cosmographie, astronomie, and geographie, as also in the art of navigation, in which art it is impossible to profit without the help of these or such like instructions. London: Printed by Richard Bishop, and are to be sold by Benjamin Allen at the signe of the Flowerdeluce in Popes-head Alley, 1636.

BRIDGE, William. *Tvvo sermons: viz. I. The diseases that make a stoppage to Englands mercies discovered, and attended with their remedies. In a sermon delivered at Margarets on Fish-street-hill, London: bBy William Bridge, preacher of Gods Word. II. A preparation for suffering in these plundering times. It is ordered by the committee of the House of Commons in Parliament, concerning printing, that this book be printed. John White.* London: printed for Benjamin Allen, and are to be sold at his shop in Popes-head Alley, 1642. [i.e. 1643].

BRIGHTMAN, Thomas. *Brightman redivivus: or The post-humian of-spring of Mr. Thomas Brightman, in IIII. sermons. Viz. 1. Of the two covenants. 2. The danger of scandals. 3. Gods commission to Christ to preach the Gospell. 4. The saints securitie.* London: printed by T[homas] F[orcet] for John Rothwell, at the Sun and Fountaine in Pauls Church-yard, and Hannah Allen at the Crowne in Popes-head Alley, 1647.

BROOKS, Thomas. *The hypocrite detected, anatomized, impeached, arraigned, and condemned before the Parliament of England. Or, a word in season. Shewing hypocrites to be the prime objects of Gods wrath; and the grounds of it: with speciall lessons that we are to learn from it. Expressed in a sermon preached before the Parliament of England, upon their last thanksgiving day, being the 8th of Octob. 1650...* London: printed by Fr: Neile for Hanna Allen at the Crown in Popes-head-Alley, 1650.

BURROUGHS, Jeremiah. *A sermon preached before the Honorable House of Commons assembled in Parliament, at their late solemn fast, August 26. 1646. in Margarets Westminster. By Jer: Burroughes.* London: printed by Matthew Simmons, for Hanna Allen, at the Crowne in Popes-head Alley, 1646.

BUTLER, Samuel; LAMAR, René (ed.). *Satires and miscellaneous poetry and prose.* Cambridge: Cambridge University Press, 1928.

CANNE, John. *A seasonable word to the Parliament-men, to take with them when they go into the House: wherein is shewed, the first part of their present work, and what is expected from them, to satisfie their true and real friends. Likewise a vvatchword, how they prefer not again such persons to places of trust who have lately betrayed the priviledges of*

Parliaments, and the just rights of the people, into the hands of a single person. By John Canne. London: printed by J.C. for L. Chapman, 1659.

CANNE, John. *A two-fold shaking of the earth: or, an exposition on Heb. 12.26, 27. Wherein is shewed, the first shaking of the earth, seems to be meant the putting down of the late King and bishops: the later shaking, a change of the present government...* London: printed for L. Chapman at the Crown in Popes-head Alley, 1659.

CANNE, John. *The time of finding: shewing, when the Lord will be found, and by whom; and when there will be no time of finding: also the persons are describ'd, who shall not finde the Lord, though they seek him with tears. Likewise, some reasons why the Lord hath suffered his work, and good old cause to be stopt, and how it shall cetainly be reviv'd again. Also, something is here shewed, about the manner how it shall be reviv'd, and the time when. By John Canne. London: printed for Livewel Chapman, at the Crown in Popes head-Alley, 1658.*

CANNE, John. *Truth vvith time: or, Certain reasons proving, that none of the seven last plagues, or vials, are yet poured out: neither will the time of their pouring out begin, till after the rising of the two witnesses, and the fourty two months of the beast's reign be expired...* London: printed by J. C. for Livewel Chapman, at the Crown in Popes-head-Alley, 1656.

CARPI, Berengario da. *Mikrokosmographia, or, A description of the body of man being a practical anatomy, shevving the manner of anatomizing from part to part, the like hath not been set forth in the English tongue : adorned with many demonstrative figures / long since composed in Latine by that famous J. Berengarius of Carpus, Dr. of A. & P., reader of chirurgery in the University of Bononia ; done into English by H. Jackson, chirurgeon, by whom is also added a fit Etymon to the names of the parts in their proper place. London: Printed for Livewell Chapman .., 1664.*

CARY, Mary. *The little horns doom & dovvnfal: or A scripture-propheisie of King James, and King Charles, and of this present Parliament, unfolded. Wherein it appeares, that the late tragedies that have bin [sic] acted upon the scene of these three nations: and particularly, the late Kings doom and death, was so long ago, as by Daniel pred-eclared [sic]. And what the issue of all will be, is also discovered; which followes in the second part. By M. Cary, a servant of Jesus Christ. London: printed for the author, and are to be sold at the sign of the Black-spread-Eagle, at the West end of Pauls, 1651.*

CARY, Mary. *The resurrection of the witnesses, and Englands fall from (the mystical Babylon) Rome clearly demonstrated to be accomplished. Wherein it is made apparent by*

undeniable and unanswerable arguments, that the prophecie in Rev. 11. of the slaying of the witnesses, and of their raising again, was exactly fulfilled in the years 1641, 42, 43, 44, and 45... London: printed by H. Hills for R.C. and are to be sold by T. Brewster at the three Bibles at the west-end of Pauls, and L. Chapman at the Crown in Popes-Head Alley, 1653.

CARY, Mary. *The resurrection of the witnesses; and Englands fall from (the mystical Babylon) Rome. Clearly demonstrated to be accomplished. Whereby great encouragement is administred to all saints, but especially to the saints in England. In the handling of a part of the eleventh chapter of the Revelation. By M. Cary, a minister or servant of Jesus Christ, and of all his saints.* London: printed by D.M. for Giles Calvert at the black-spread-Eagle at the west end of Pauls, 1648.

CLOWES, William. *A profitable and necessarie booke of observations, for all those that are burned with the flame of gun-powder, &c. and also for curing of wounds made with musket and caliver shot, and other weapons of warre, commonly used at this day both by sea and land, as hereafter shall be declared...* London: Printed by M. Dawson, and are to be sold by Benjamin Allen and Peter Cole, 1637.

COCKERAM, Henry. *The English Dictionarie: Or, An Interpreter of hard English Words. Enabling as well Ladies and Gentlewomen, young Schollers, Clarkes, Merchants, as also Strangers of any Nation, to the vnderstanding of the more difficult Authors already printed in our Language, and the more speedy attaining of an elegant perfection of the English tongue, both in reading, speaking and writing. Being a Collection of the choisest words contained in the Table Alphabeticall and English Expositor, and of some thousands of words neuer published by any heretofore.* London: Eliot's Court Press, 1623.

COOK, John. *Monarchy no creature of Gods making, &c. Wherein is proved by Scripture and reason, that monarchial government is against the mind of God. And that the execution of the late King was one of the fattest sacrifices that ever Queen Justice had...* Printed at Waterford in Ireland: by Peter de Pienne, and are to be sold at London by Thomas Brewster at the three Bibles in Pauls Church-yard, near the West-end.

COTTON, John. *An abstract of laws and government. Wherein as in a mirrour may be seen the wisdom & perfection of the government of Christs kingdome. Accomodable to any state or form of government in the world, that is not antichristian or tyrannicall. Collected and digested into the ensuing method, by that godly, grave, and judicious divine, Mr. John Cotton, of Boston in New-England, in his life-time, and presented to the generall court of the Massachusetts. And now published after his death by, William Aspinall.* London:

printed by M.S. for Livewel Chapman, and are to be sold at the Crown in Popes-head Alley, 1655.

COTTON, John. *An abstract of the Lawes of New England, as they are now established.* London: for F. Coules & W. Ley, 1641.

COTTON, John. *Singing of Psalmes a Gospel-ordinance. Or A treatise, wherein are handled these foure particulars. 1. Touching the duty it selfe. 2. Touching the matter to be sung. 3. Touching the singers. 4. Touching the manner of singing. By John Cotton, teacher of the church at Boston in New-England.* London: printed by M[atthew]. S[immons]. for Hannah Allen, at the Crowne in Popes-Head-Alley: and John Rothwell at the Sunne and Fountaine in Pauls-Church-yard, 1647.

CRADOCK, Walter. *Gospel-holinesse, or, The saving sight of God. Laid open from Isa. 6. 5. Together with the glorious priviledge of the Saints from Rom. 8. 4, 5. both worthily opened & applied. By that faithfull dispensor of the misteries of Christ, Walter Cradock, late preacher at Alhallowes the great in London. Published and allowed by the author's consent.* London: by M. Simmons, to be sold by Hanna Allen, 1651.

CRADOCK, Walter. *The saints fulnesse of joy in their fellowship with God: presented in a sermon preached July 21. 1646. before the Honorable House of Commons in Margarets Westminster, being the day appointed for thanksgiving for the surrender of Oxford. By the least of saints, and the meanest of the ministers of the Gospel, W. Cradock.* London: printed by Matthew Simmons, and are to be sold by Hanna Allen, at the Crowne in Popes-head-Alley, 1646.

CROMWELL, Oliver. *The speech of His Highnesse the Lord Protector to the Parliament in the Painted Chamber at Westminster, on Munday last, being the fourth of this instant September, 1654. Examined by the original copy; published by order and authority.* London: printed for G. Freeman, 1654.

DUNTON, John. *The life and errors of John Dunton late citizen of London; written by himself in solitude. With an idea of a new life; wherein is shewn how he'd think, speak, and act, might he live over his days again...* London: printed for S. Malthus, 1705.

DURANT, John. *Sips of sweetnesse; or, Consolation for weake beleevers. A treatise, discoursing of the sweetnesse of Christs carriage towards all his weake members. Particularly to such as are weake either 1. Habitually; or 2. Accidentally, by reason of 1. Working. 2. Sinning; or 3. Suffering. Being the summe of certain sermons preached upon Isa. 40. 11. By John Durant preacher of the gospel in the city of Canterbury.* London:

printed by Matthew Simmons, for Hannah Allen, and are to be sold at her shop in Popes-head Alley, 1649.

ELIOT, John. *The Christian commonwealth: or, The civil policy of the rising kingdom of Jesus Christ. Written before the interruption of the government, by Mr. John Eliot, teacher of the Church of Christ at Roxbury in New-England. And now published (after his consent given) by a server of the season.* London: printed for Livewell Chapman, at the Crown in Popes-Head-Alley, [1659].

FEAKE, Christopher. *A beam of light, shining in the midst of much darkness and confusion: being (with the benefit of retrospection) an essay toward the stating (and fixing upon its true and proper basis) the best cause under heaven: viz. the cause of God, of Christ, of his people, of the whole creation, that groans and waits for the manifestation of the sons of God. By Chr. Feake, preacher of the gospel of the Kingdom of Jesus Christ.* London: printed, by J.C. for Livewell Chapman, at the Crown in Popes-head Alley, 1659.

FEAKE, Christopher. *The new non-conformist; who having obtained help of God, doth persist unto this very day; witnessing, both to small and great, some of those glorious things which the Apostles, the prophets, & Moses, did say should come to pass...* Printed at London: for Livewel Chapman, at the Crown in Popes-head-Alley, 1654.

FEAKE, Christopher. *The oppressed close prisoner in Windsor-Castle, his defiance to the father of lyes, in the strength of the God of truth...* London: printed for L. Chapman, at the Crown in Popes-head-alley, 1654.

GADBURY, John. *De cometis: or, a discourse of the natures and effects of comets, as they are philosophically historically & astrologically considered. With a brief (yet full) account of the III late comets, or blazing stars, visible to all Europe. And what (in a natural way of judicature they portend. Together with some obsevation on the nativity of the Grand Seignior. By John Gadbury, philomathematichoz.* London: printed for L. Chapman in Exchange-alley, 1665.

GATAKER, Thomas. *A mistake, or misconstruction, removed. (Whereby little difference is pretended to have been acknowledged between the Antinomians and us.) And, Free grace, as it is held forth in Gods Word, as wel by the prophets in the Old Testament, as by the apostles and Christ himself in the New, shewed to be other then is by the Antinomian party in these times maintained. In way of answer to some passages in a treatise of Mr. John Saltmarsh, concerning that subject. / By Thomas Gataker, B. of Divinity and pastor of Rotherhith.* London: printed by E.G. for F. Clifton, and are to be sold at his shop on Fishstreet-hill neer London-bridge, 1646.

- GATAKER, Thomas. *Mysterious cloudes and mistes, shunning the cleer light, a little further disclosed, in a short answer to Mr. John Simpsons long appendix, entituled, Truth breaking forth through a cloud and mist of slanders: wherein the charge of slander, so far as it concerneth, both himself and some others, is taken of and removed By Tho. Gataker B. of D. and Pastor of Rotherhith.* London: printed by E. Griffin, and are to be sold by Fulke Clifton, on Fish-street Hill, under Saint Margarets-Church, 1648.
- GERBIER, Balthazar. *Some considerations on the two grand staple--commodities of England: and on certain establishments, wherein the publike good is very much concerned. Humbly presented to the Parliament, by Sir Balthazar Gerbier kt.* London: printed by T. Mab and A. Coles. and are sold at the Crown in Popes-Head-Alley, 1651.
- GERBIER, Balthazar. *The first lecture, of an introduction to cosmographie...* London: printed by Gartrude Dawson, and are to be sold by Hanna Allen at the Crown in Popes-head-alley, 1649.
- GERBIER, Balthazar. *The first lecture, of geographie...* London: printed by Gartrude Dawson, and are to be sold by Hanna Allen at the Crown in Popes-head-alley, 1649.
- GERBIER, Balthazar. *The first publique lecture, read at Sr. Balthazar Gerbier his accademy, concerning military architecture, or fortifications, to the lovers of virtue, come hither to that purpose.* London: printed by Gartrude Dawson, and are to be sold by Hanna Allen at the Crown in Popes-head-alley, 1469. [i.e. 1649].
- GOODWIN, Thomas. *A sermon of the fifth monarchy. Proving by invincible arguments, that the saints shall have a kingdom here on earth, which is yet to come, after the fourth monarchy is destroy'd by the sword of the saints, the followers of the lamb. Preached by Mr. Tho. Goodwin, on Rev. 5. 9, 10...* Printed at London: for Livewel Chapman, at the Crown in Popes-head-Alley, 1654.
- GREEN, Mary Anne Everett (ed.). *Calendar of State Papers, Domestic Series, 1659-1660,* preserved in the State Paper Department or Her Majesty's Public Record Office. London: Longman & CO., Paternoster Row; Trübner & CO., Ludgate Hill, 1886.
- GREEN, Mary Anne Everett (ed.). *Calendar of State Papers, Domestic Series, of the reign of Charles II, 1661-1662, preserved in Her Majesty's Public Record Office.* London: Longman, Green, Longman & Roberts, 1861.
- GREENHILL, William. *An exposition continued upon the fourteenth, fifteenth, sixteenth, seventeenth, eighteenth, and nineteenth chapters of the prophet Ezekiel, with many useful observations thereupon. Delivered at severall lectures in London. By William Greenhill.*

London: printed by M[atthew]. S[immons] for Livewell Chapman at the Crown in Popes-head-Alley, 1651.

GREENHILL, William. *An exposition continued upon the sixt, seventh, eighth, ninth, tenth, eleventh, twelfth, and thirteenth chapters of the prophet Ezekiel...* London: printed by M.S. for Hanna Allen, at the Crowne in Popes-head-Alley, 1649.

GREENHILL, William. *An exposition continued upon the XX, XXI, XXII, XXIII, XXIV, XXV, XXVI, XXVII, XXVIII, AND XXIX, chapters of the prophet Ezekiel...* London: printed for Livewell Chapman at the crown in Popes-head-Alley, 1658.

GREENHILL, William. *An exposition of the five first chapters of the prophet Ezekiel...* London: Printed by Matthew Simmons for Benjamin Allen, and are to be sold at his shop, at the sign of the Crown in Popes-head-Alley, 1645.

GREENHILL, William. *An exposition of the five first chapters of the prophet Ezekiel...* London: printed by M. Simmons for Hanna Allen, and are to be sold at her shop, at the sign of the Crown in Popes-head-Alley, 1649.

GREENHILL, William. *An exposition of the five first chapters of the prophet Ezekiel...* London: printed by M. Simmons for Hanna Allen, and are to be sold at her shop, at the sign of the Crown in Popes-head-Alley, 1650.

GREENHILL, William. *An exposition of the five first chapters of the prophet Ezekiel...* London: printed by M. Simmons for Hanna Allen, and are to be sold at her shop, at the sign of the Crown in Popes-head-Alley, 1651.

GREENHILL, William. *Axinē pros tēn rhizan. = The axe at the root, a sermon preached before the Honourable House of Commons, at their publike fast, April 26. 1643. By William Greenhill.* London: printed by R.O. & G.D. for Benjamin Allen, and are to be sold in Popes-head Alley, 1643.

GREENHILL, William. *Sermons of Christ his last discovery of himself, of The spirit and bride. The waters of life. And, His free invitation of sinners to come and drink of them. From Revel. 22. 16, 17. By William Greenhill, an unworthy servant of the Lords.* London: printed by R. I[bbitson]. for Livewell Chapman at the Crown in Popes-head-Alley, 1656.

GREENHILL, William. *The exposition continued upon the nineteen last chapters of the prophet Ezekiel, with many useful observations thereupon, delivered in several lectures in London: by William Greenhil.* London: printed for Thomas Parkhurst, at the three Crowns in Cheapside overagainst the great Conduit, 1662.

HARRINGTON, James. *A parallel of the spirit of the people, with the spirit of Mr. Rogers. And an appeal thereupon unto the reader, whether the spirit of the people, or the spirit of*

men like Mr. Rogers, be the fitter to be trusted with the government. By James Harrington.
London: printed by J.C. for Henry Fletcher, at the signe of the three Gilt Cups in St. Pauls Church-yard, [1659].

HARRINGTON, James. *The common-wealth of Oceana*. London: printed by J. Streater, for Livewell Chapman, and are to be sold at his shop at the Crown in Popes-Head-Alley, 1656.

HARRINGTON, James. *The commonwealth of Oceana*. London: printed for D[aniel]. Pakeman, and are to be sold at his shop at the Rainbow in Fleet-street, 1656.

HOLMES, Nathanael. *A vindication of baptizing beleivers infants. In some animadversions upon Mr. Tombes his Exercitations about infant baptisme; as also upon his Examen, as touching the antiquities and authors by him alledged or contradicted that concern the same. Humbly submitted to the judgement of all candid Christians, by Nathanael Homes. Published according to order.* London: Printed by M. Simmons, and are to be sold by Benjamin Allen at the signe of the Crowne in Popes-head Alley, 1646.

JESSEY, Henry. *A narrative of the late proceeds at White-Hall, concerning the Jevvs: who had desired by R. Manasses an agent for them, that they might return into England, and worship the God of their fathers here in their synagogues, &c. Published for satisfaction to many in several parts of England, that are desirous, and inquisitive to hear the truth thereof.* London: printed for L: Chapman, at the Crown in Popes-head-Alley, 1656.

JESSEY, Henry. *Miscellanea sacra: or, Diverse necessary truths, now as seasonably published, as they were plainly and compendiously proved by Henry Jessey, late minister of the Gospel in London.* London: printed by T.M. for Livewell Chapman, at his shop in Exchange-Alley in Corn-Hill, 1665.

JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight...* London: printed by Matthew Simmons for Henry Overton, and Hannah Allen, and are to be sold at their shops in Popes-head-alley, 1647.

JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight, lately hopeles and restles, her soule dwelling far from peace or hopes thereof...* London: printed by Matthew Simmons for Henry Overton, and Hannah Allen, and are to be sold at their shops in Popes-head-alley, 1647.

JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight lately hopeles and restles, her soule dwelling far from peace or hopes thereof : now hopefull and joyfull in the Lord, that hath caused light to shine out of the darkness ... / published for the refreshing of poor souls, by an eye and*

ear-witness of a good part thereof, Henry Jesse... London: Printed by Matthew Simmons for Henry Overton and Hannah Allen, and are to be sold at their shops ..., 1648.

JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs Sarah Wight, lately hopeles and restless, her soule dwelling far from peace or hopes thereof...* London: printed by Matthew Simmons for Henry Overton, and Hannah Allen, and are to be sold at their shops in Popes-head-Alley, 1648.

JESSEY, Henry. *The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, (viz.) Mrs. Sarah Wight, lately hopeles and restless...* London: printed by J.M. for Henry Cripps, Lodowick Lloyd, and Livewell Chapman, and are to be sold at their shops in Popes-head Alley, 1652.

JESSEY, Henry. *The Lords loud call to England: being a true relation of some late, various, and wonderful judgments, or handy-works of God, by earthquake, lightening, whirlwind, great multitudes of toads and flyes; and also the striking of divers persons with sudden death, in several places; for what causes let the man of wisdom judge, upon his serious perusal of the book it self. Also of the strange changes, and late alterations made in these three nations. As also of the odious sin of drinking healths, with a brief of Mr. Pryns solid arguments against it, and his epistle to the late King Charls, to redress it. Published by H.J. a servant of Jesus the Christ, and lover of peace and holiness.* London: printed for L. Chapman, in Popes-head Alley, and for Fr. Smith at the Elephant and Castle neer Temple-Bar, 1660.

JOHNSON, Francis. *A brief treatise, containing some grounds and reasons against two errors of the Anabaptists: I. The one, concerning baptisme of infants. II. The other, concerning Anabaptisme of elder people. By Francis Johnson, pastor of the exiled English Church at Amsterdam.* London: printed by M.S. for B. Allen, and are to be sold at his shop, at the Crown in Popes-head Alley, 1645.

JOHNSON, Richard. *The most famous history of the seauen champions of Christendome...* London: Printed [by J. Danter] for Cuthbert Burbie, and are to be sold at his shop, at the Royall Exchange, 1596.

JOHNSON, Richard. *The second part of the famous history of the seauen champions of Christendome...* London: Printed [by E. Allde?] for Cuthbert Burbie, and are to be solde at his shop, vnder the Royall Exchange, 1597.

JORDAN, Timothy. *A heavenly child, born and brought up with difficulty: or, Satan defeated by a safe-guarding Majesty. Displaying Jehovah's wonders, in making the creature*

nothing, that Christ may bee all... London: printed by R.I. for L. Chapman, and are to bee sold at the Crown in Popes-head-alley, 1659.

KNOLLYS, Hanserd. *An exposition of the first chapter of the Song of Solomon. Wherein the text is analysed, the allegories are explained, and the hidden mysteries are unveiled, according to the proportion of faith. With spiritual meditations upon every verse. By Hanserd Knollys.* London : printed by W. Godbid, to be sold by Livewel Chapman at the Crown in Popeshead-alley, 1656.

KNOLLYS, Hanserd. *An exposition of the first chapter of the Song of Solomon. Wherein the text is analysed, the allegories are explained, and the hidden mysteries are unveiled, according to the proportion of faith. With spiritual meditations upon every verse. By Hanserd Knollys.* London : printed by W. Godbid, to be sold by Livewel Chapman at the Crown in Popeshead-alley, 1659.

L., R. *The Visions of Dom Francisco de Quevedo Villegas, Knight of the Order of St. James. Made in English by R. L.* London: Printed for H. Herringman at the Sign of the Blew Anchor in the Lower walk of the New Exchange, 1667.

L., R. *The Visions of Dom Francisco de Quevedo Villegas, Knight of the Order of St. James. Made in English by R. L. The Second Edition Corrected.* London: Printed for H. Herringman at the Sign of the Blew Anchor in the Lower walk of the New Exchange, 1667.

L'ESTRANGE, R. *The Visions of Dom Francisco de Quevedo Villegas, Knight of the Order of St. James. Made English by Sir R. L'Estrange, And Burlesqu'd by a Person of Quality.* London: Printed and Sold by B. Harris, at the Golden Boar's-head in Grace-church-street, 1702.

L'ESTRANGE, Roger. *A modest plea both for the caveat, and the author of it with some notes upon Mr. James Howell, and his sober inspections / by Roger L'Estrange.* London: Printed for Henry Brome ..., Aug. 28, 1661.

L'ESTRANGE, Roger. *Considerations and proposals in order to the regulation of the press: together with diverse instances of treasonous, and seditious pamphlets, proving the necessity thereof. By Roger L'Estrange.* London: printed by A.C., June 3d. M.DC.LXIII. [1663].

L'ESTRANGE, Roger. *Treason Arraigned in Answer to Plain English; being A Trayterous, and Phanatique Pamphlet, which was condemned by the Counsel of State, Suppressed; and the Printer declared against by Proclamation. It is directed to the Lord General Monck, and the Officers of his Army, &c.* London: printed in the year, 1660.

- L'ESTRANGE, Roger. *Truth and loyalty vindicated, from the reproches and clamours of Mr. Edward Bagshaw. Together with a further discovery of the libeller himself, and his seditious confederates. By Roger L'Estrange.* London: printed for H. Brome, and A. Seile, and are to be sold at the Gun in Ivy-lane, and over against St. Dunstons Church in Fleetstreet, June the 7th. 1662.
- L'ESTRANGE, Sir Roger. *The Visions of Dom Francisco de Quevedo Villegas, Knight of the Order of St. James. Made English by Sir Roger L'Estrange. The Eight Edition Corrected.* London: Printed for Richard Sare at Grays-Inn-Gate; and E. Hindmarsh, against the Royal Exchange, in Cornhill, 1696.
- LLOYD, Owen. *The panther-prophecy, or, A premonition to all people, of sad calamities and miseries like to befall these islands. To which is added, an astrological discourse concerning that strange apparition of an army of horse seen in Wales, near Mountgomery, December the 20th. 1661.* [London: s.n.], Printed in the year, 1662.
- LOCKYER, Nicholas. *England faithfully watcht with, in her vvounds: or, Christ as a father sitting up with his children in their swooning state: which is the summe of severall lectures, painfully preached upon Colossians 1. By Nicho. Lockyer, M.A. Published according to order.* London: printed by M[atthew]. S[immons]. for John Rothwell, at the Sun and Fountain in Pauls Church-yard, and Ben. Allen, at the Crown in Popes-head Alley, 1646.
- LODGE, Thomas. *The famous, true and historicall life of Robert second Duke of Normandy, surnamed for his monstrous birth and behauiour, Robin the Diuell... G.* Imprinted at London: [By Thomas Orwin] for N[icholas] L[ing] and Iohn Busbie, and are to be sold at the west dore of Paules, 1591.
- MANTON, Thomas. *Meate out of the eater, or, Hopes of unity in and by divided and distracted times. Discovered in a sermon preached before the Honourable house of Commons at Margarets Westminster on their solemne day of fast, June 30. 1647. By Tho: Manton Minister of Stoke-Newington.* London: printed by M.S. for Hanna Allen at the Crowne in Popes-head Alley, 1647.
- MATHER, Richard. *A reply to Mr. Rutherford, or a defence of the answer to Reverend Mr. Herles booke against the independency of churches. VVherein such objections and answers, as are returned to sundry passages in the said answer by Mr. Samuel Rutherford...* London: Printed for J. Rothwell, and H. Allen at the Sun and Fountaine in Pauls Church-yard, and the Crown in Popes-head Alley, 1647.

- MATHER, Richard. *Church-government and church-covenant discussed,* London: printed by Richard]. O[ulton]. and G[regory]. D[exter]. [and T.P. and M.S.] for Benjamin Allen and are to be sold at his shop in Popes head-Ally, 1643.
- MILTON, John. *A treatise of civil power in ecclesiastical causes.* London: prited by Tho. Newcomb, 1659.
- MILTON, John. *Areopagitica; a speech of Mr. John Milton for the liberty of vnlicens'd printing, to the Parlament of England.* London: Printed in the yeare, 1644.
- MILTON, John. *Considerations touching the likeliest means to remove hirelings out of the church.* London: printed by T. N[ewcomb]. for L. Chapman at the Crown in Popes-head Alley, 1659.
- MILTON, John. *Joannis Miltoni Angli Pro populo Anglicano defensio secunda.* Londini: typis Neucomianis [i.e. Thomas Newcomb], 1654.
- MILTON, John. *Joannis Miltoni Angli Pro se defensio contra Alexandrum Morum ecclesiasten, libelli famosi, cui titulus, Regii sanguinis clamor ad colum adversùs parricidas Anglicanos, authorem rectè dictum.* Londini: typis Neucomianis [i.e. Thomas Newcomb], 1655.
- MILTON, John. *The readie & easie vway to establish a free Commonwealth, and the excellence therof compar'd with the inconveniences and dangers of readmitting kingship in this nation. The author J.M.* London: printed by T[homas]. N[ewcomb]. and are to be sold by Livewell Chapman at the Crown in Popes-Head Alley, 1660.
- MISOTYRANNUS, Laophilus. *Mene tekeli; Or, The downfal of tyranny. A treatise wherein liberty and equity are vindicated, and tyranny condemned, by the law of God and right reason: And the peoples power, and duty, to execute justice, without, and upon, wicked governors, asserted. By Laophilus Misotyrannus.* [S.l.: s.n.], printed in the year, 1663.
- MOXON, Joseph. *Mechanick Exercises: Or, the Doctrine of handy-works. Applied to the Art of Printing. The Second Volume. By Joseph Moxon, Member of the Royal Society, and Hydrographer to the King's Most Excellent Majesty.* London: Printed for Joseph Moxon, on the West-side of Fleet-ditch, at the Sign of Atlas, 1683.
- NEDHAM, Marchamont. *The excellencie of a free-state: or, The right constitution of a common-wealth. Wherein all objections are answered, and the best way to secure the peoples liberties, discovered: with some errors of government, and rules of policie. Published by a well-wisher to posterity.* London: printed for Thomas Brewster, at the three Bibles neer the west-end of Pauls, 1656.

One who hates both treason and traitors. *A publick plea, opposed to a private proposal, or, Eight necessary queries presented to the Parliament and Armies consideration, in this morning of freedom, after a short, but a sharp night of tyranny and oppression. By one who hates both treason and traitors.* London: printed for L. Chapman, at the Crown in Popes-Head-Alley, 1659.

P., W. *One sheet, or, if you will a vinding sheet for the good old cause, in order to a decent funerall, in case of a second death. By W.P. Philopolites.* London: printed in the year, 1659.

PEPYS, Samuel. *The Diary of Samuel Pepys. Entrada do dia 9 de junho de 1667*, disponível em The Diary of Samuel Pepys: <<http://www.pepysdiary.com/diary/1667/06/09/>>, acessado em 04/11/2015.

PHILLIPS, Edward. *The New World of English Words: Or, a Generall Dictionary: Containing the Interpretations of such hard words as are derived from other Languages; whether Hebrew, Arabick, Syriack, Greek, Latin, Italian, French, Spanish, British, Dutch, Saxon, &c. their Etymologies and perfect Definitions...* London: Nath. Brooke, 1658.

POSTLETHWAIT, Walter. *A voice from heaven: or, A testimony against the remainders of Antichrist yet in England: and in particular, the court of tryers for approbation of ministers. Born by Gualter Postlethwait, pastor to a Church of Christ in Lewes in Sussex.* London: printed for Livewel Chapman, at the Crown in Popes-head-Alley, 1655.

POWELL, Vavasor. *Christ and Moses excellency, or Sion and Sinai's glory. Being a triplex treatise, distinguishing and explaining the two covenants or the gospel and law: and directing to the right understanding applying, and finding of the informing and assuring promises, that belong to both Covenants. By Vavasor Povvell, preacher of the Gospel in Wales.* London: printed by R. I. for Hannah Allen, at the Crown in Popes-head-Alley, 1650.

POWELL, Vavasor. *Common-prayer-book no divine service: or, XXVII reasons against forming and imposing any humane liturgies or common-prayer-books: the main objections to the contrary, answered. And the English common-prayer-book anatomized. Likewise twelve arguments against diocesan and Lord-Bishops; with the main reasons for them answered. And the great disparity between the English prelates, and Timothy and Titus, shewed. By Vavasor Powell.* London: printed for Livewel Chapman, and are to be sold at his shop at the signe of the Crown in Popes-Head-Alley, 1661.

POWELL, Vavasor. *God the father glorified.* London: printed by Charles Sumptner, for Hannah Allen, at the Crowne in Popes-Head-Alley, 1649.

- POWELL, Vavasor. *God the father glorified*. London: printed by Charles Sumptner, for Hannah Allen, at the Crowne in Popes-Head-Alley, 1650.
- POWELL, Vavasor. *Saving faith set forth in three dialogues, or Conferences: 1 2 3 between Christ and a publican. Pharisee. Doubting beleever. Whereunto is added tvvo sermons one of them preached before the Parliament the other before the Lord Mayor of the City of London. By Vavasor Powell, minister of the Gospell*. London : printed by Robert Ibbitson for Livewell Chapman, at the Crown in Popes-head Alley, 1651.
- POWELL, Vavasor. *The Scriptures concord or, A catechisme compiled out of the words of scripture.... The third edition corrected. Hereunto is added a brief description of the threefold state of an elest persou, (viz) of nature, grace, glory: or without Christ, in Christ, with christ. Published according to order*. London: printed by M[atthew]. S[immons]. for Hannah Allen, at the Crowne in Popes-head-Alley, 1647.
- POWELL, Vavasor. *The scriptvres concord: or A catechisme, compiled out of the words of Scripture*. London: printed by M[atthew]. S[immons]. for Hannah Allen, at the Crowne in Popes-head-Alley, 1646.
- PRYNNE, William. *A brief necessary vindication of the old and new secluded Members, from the false malicious calumnies; and of the fundamental rights, liberties, privileges, government, interest of the freemen, parliaments, people of England, from the late avowed subversions 1. Of John Rogers, in his un-christian concertation with Mr. Prynne, and others. 2. Of M: Nedham, in his Interest will not lie. Wherein the true good old cause is asserted, the false routed; ... By William Prynne of Swainswick Esq; a bencher of Lincolns-Inne*. London: printed, and are to be sold by Edward Thomas at the Adam and Eve in Little Britain, 1659.
- PRYNNE, William. *A true and perfect narrative of what was acted, spoken by Mr. Prynne, other formerly and freshly secluded members, the army-officers, and some now sitting in the lobby, house, elsewhere, the 7th. and 9th. of May last ... by William Prynne, Esq. ...*, London : Printed for Edw. Thomas ..., 1659.
- PRYNNE, William. *Beheaded Dr. John Hewytts ghost pleading, yea crying for exemplarie justice against the arbitrary, un-exampled injustice of his late judges and executioners in the new High-Commission, or Court of Justice, sitting in Westminster-Hall....* London: [Edward Thomas], 1659.
- PRYNNE, William. *Mola asinaria: or, The unreasonable and insupportable burthen now press'd upon the shoulders of this groaning nation: by the headless head, and unruly rulers, that usurp upon the liberties and priviledges of the oppressed people. Held forth in*

a remonstrance to all those that have yet sound and impartial ears to hear, and duly weighed in the scales of equity and justice. By William Prynne, bencher of Lincolns-Inne. Wherein is demonstrated, what slavery the nation must subject it self to, by allowing the lawfulness and usurped authority of the pretended Long Parliament now unlawfully and violently held at Westminster. Printed at London: in the year MDCLVIX. [i.e. 1659].

PRYNNE, William. *The good old cause rightly stated, and the false un-cased...* [London: s.n., 1659].

PRYNNE, William. *The new cheaters forgeries, detected, disclaimed; by Will. Prynne Esq; a bencher of Lincolns Inne.* LONDON: Printed for Edward Thomas at the Adam and Eve in Little Brittain, 1659. *Mercurius Democritus*, 5 (1659), p.36.

PRYNNE, William. *The remainder, or Second part of a gospel plea (interwoven with a rational and legal) for the lawfulness & continuance of the antient settled maintenance and tithes of the Ministers of the Gospel....* London: printed by T. Childe and L. Parry for Edward Thomas, and are to be sold at the Adam and Eve in Little Britain, 1659.

QUEVEDO, Francisco de. *Sueños y discursos de verdades descubridoras de abusos, vicios y engaños en todos los oficios y estados del mundo.* Barcelona: Esteban Liberós, a costa de Juan Sopera, 1627. s.n.p. Edição digital da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, disponível on-line em: <[QUEVEDO, Francisco de. *The visions of Dom Francisco de Quevedo Villegas, Knight of the Order of St James. Written originally in Spanish, now made English by J. Dodington, Esquire. The true edition. Licensed according to order.* London: printed for John Playfere, and are to be sold by all booksellers, 1668.](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor-din/suenos-y-discursos-de-verdades-descubridoras-de-abusos-vicios-y-enganos-en-todos-los-oficios-y-estados-del-mundo--0/html/fedb80d0-82b1-11df-acc7-002185ce_60_64_4.html#I_11_>, acessado em 13/11/2015.</p>
</div>
<div data-bbox=)

RICHARDSON, Samuel. *The saints desire; or a cordiall for a fainting soule. Declaring that in Christs righteousness onely, (and in nothing else) there is life, happinesse, peace, strength, comfort, joy, and all the fulnesse of perfection...* London: printed by M. Simmons, and are to be sold by Hannah Allen, at the Crown in Popes-head-Alley, 1647.

ROBOTHAM, John. *An exposition on the whole book of Solomons Song; commonly called the Canticles. Wherein the text is explained, and usefull observations raised thereupon. By John Robotham (formerly near Chichester, and now in Dover) preacher of the Gospel.* London: printed by M[atthew]. S[immons]. and are to be sold by George Eversden, at the

golden Ball in Aldersgate street: and An: Williamson at the Queens Arms in Pauls-Church yard: and L: Chapman at the Crowne in Popes-head-Alley, 1652.

ROBOTHAM, John. *The preciousnesse of Christ unto beleevers. Or, A treatise wherein the absolute necessity, the transcendent excellency, the supereminent graces, the beauty, rarity and usefullnesse of Christ is opened and applyed. By John Robotham, preacher of the Gospel.* London: printed by M. Symmons, and are to be sold by Hannah Allen, at the signe of the Crown in Popes head-Alley, 1647.

ROGERS, Edward (ed.). *Some account of the life and opinions of a Fifth Monarchy-Man.* Chiefly extracted from the writings of John Rogers, Preacher. London: Longmans, Green, Reader and Dyer, 1867.

ROGERS, John. *Diapoliteia. A Christian concertation with Mr. Prin, Mr. Baxter, Mr. Harrington, for the true cause of the Commonvvealth. Or, An answer to Mr. Prin's (perditory) anatomy of the Republick, and his true and perfect narrative, &c. To Mr. Baxter's (purgatory) pills for the Army: and his wounding answer to the healing question.* London: printed for Livewel Chapman, at the Crown in Popes-Head-Alley, 1659.

ROGERS, John. *M. Harrington's Parallel unparallel'd: or, A demonstration upon it, and the parable opened. Wherein it appears, neither the spirit of the people, nor the spirit of men like Mr. R. but the spirit of God, of Christ, of his people in the Parliament, and adherents to the cause is the fittest for the government of the Commonwealth, Zach. 4. 6.* [London: s.n., 1659].

ROGERS, John. *Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10. years ago. Or, A most dangerous designe, in mistating the good, by mistaking the bad old cause; clearly extricated and offered to the Parliament, the General Council of Officers, the good people's and army's immediate consideration.* London: printed by J.C. for L. Chapman, 1659.

ROGERS, John. *To his excellency the Lord Generall Cromwell. A few proposals, relating to civil government. Humbly offered by John Rogers an unworthy servant of Christ, and preacher of the Gospel now at Tho. Apostles London.* [London]: printed for Robert Ibbitson, 1653.

SHEPARD, Thomas. *The clear sun-shine of the Gospel breaking forth upon the Indians in Nevv-England. Or, An historicall narration of Gods wonderfull workings upon sundry of the Indians, both chief governors and common-people, in bringing them to a willing and desired submission to the ordinances of the Gospel; and framing their hearts to an earnest inquirie after the knowledge of God the Father, and of Jesus Christ the Saviour of the*

world. By Mr. Thomas Shepard minister of the Gospel of Jesus Christ at Cambridge in New-England. London: printed by R. Cotes for John Bellamy at the three golden Lions in Cornhill near the Royall Exchange, 1648.

SIBELIUS, Caspar. *Of the conversion of five thousand and nine hundred East-Indians, in the isle Formosa, neere China, to the profession of the true God, in Jesus Christ; by meanes of M. Ro: Junius, a minister lately in Delph in Holland. Related by his good friend, M.C. Sibellius, pastor in Daventrie there, in a Latine letter. Translated to further the faith and joy of many here, by H. Jessei, a servant of Jesus Christ. With a post-script of the Gospels good successe also amongst the VWest-Indians, in New-England. Imprimatur, Joseph Caryl.* London: printed by Iohn Hammond, and are to be sold at his house voer-against [sic] S. Andrewes Church in Holborne; and in Popes-Head-Alley, by H. Allen, 1650.

SIMPSON, John. *The great joy of saints in the great day of the resurrection; held forth in severall sermons on Isa. 26. 19. Together with divers other sermons on severall texts. By John Simson an unworthy publisher of Gospel-truths in London.* Printed at London: and are to be sold at the Star in Pauls Church-yard, 1654.

SIMPSON, John. *The perfection of justification maintained against the Pharise: the purity of sanctification against the stainers of it: the unquestionableness of a future glorification aganst the Sadduce: in severall sermons. Together with an apologeticall answer to the ministers of the new province of London in vindication of the author against their aspersions. By John Simpson, an unworthy publisher of gospel-truths in London.* London : printed by M[atthew]. Simmons, for Hanna Allen, and are to be sold at the Crowne in Popes-head-alley, 1648.

SMITH, Francis. *An account of the injurious proceedings of Sir George Jeffreys Knt. late recorder of London, against Francis Smith, bookseller, with his arbitrary carriage towards the grand-jury, at Guild-Hall, Sept. 16. 1680...* London: printed for Francis Smith, at the Elephant and Castle in Cornhil near the Royal-Exchange, [1681].

SPILSBERY, John. *Gods ordinance, the saints priviledge. Discovered and proved in two treatises. The first, the saints interest by Christ in all the priviledges of grace: wherein their right to the use of baptisme, and the Lords supper, even now during the reign of Antichrist, is cleared; and the objections of those that oppose the same, are answered.* London: Printed by M. Simmons for Benjamin Allen, and are to be sold at his shop at the Crowne in Popes-head-Alley, 1646.

SPITTLEHOUSE, John. *A return to some expressions published in a sermon preached by Mr. John Simpson at Alhallovvs: from Heb. cap. 4. upon the 30th day of the ninth moneth,*

1656. *Whereby he indeavored to prove that the seventh day Sabbath, as in the fourth precept of the moral law, is abolished by Christ, he being that rest which believers enter into faith. Presented to the serious consideration of all such as won Jehovah to be their God, King, and law-giver; as in Is. 33. 21. compared iwth Jam. 2. 8. and 4. 12. and particularly to such of them as heard Mr. Simpson preach at th time and place aforementioned, by John Spittlehouse.* [London: printed for the author, of whom they may be had, [1656]].

SPITTLEHOUSE, John. *An answer to one part of the Lord Protector's speech...* London: for Livewel Chapman at the Crown in Popes-head-alley, 1654.

SPITTLEHOUSE, John. *Certaine queries propounded to the most serious consideration of those persons novv in povver...* London: printed for Livewell Chapman in Popes-head Alley, 1654.

SPITTLEHOUSE, John. *The army no usurpers, or The late Parliament not almighty and everlasting: shewing, that the present army in their former opposing, and late dissolving of the Parliament, have done nothing contrary to law, but according to equity. And that the late Parliaments claim of power to do what they please, until they should be dissolved by their own consent, is long since made void by their own act.* London: printed for Giles Calvert, at the sign of the Black-spread Eagle, at the West end of Pauls, 1653.

SPITTLEHOUSE, John. *The royall advocate: or, An introduction to the magnificent and honourable laws of Jehovah the Lord Christ, now contaminated and despised by the present army-men of this nation. Asserting and controverting the holinesse, righteousness, perfectnesse, and universallity thereof, of divine right: in opposition to the heathenish, and antichristian laws, traditions, and vaine imaginations of the past and present, pretended Christian magistrates of this nation, which they yet so much dote upon, and endeavour to support, against the alone law giver, Lord of heaven and earth, God of Gods, king of kings, and Lord of Lords. Published by John Spittle-house, now a prisoner for his testimony against the idolatry and tyranny of the present army men ...* London: printed for the authour, and are to be sold at the Crown in Popes-Head-Alley, 1655.

STATIONERS' COMPANY. *A Transcript of the Registers of the Worshipful Company of Stationers; from 1640-1708 A.D.* Vol. 1. London: Stationers' Company, 1913.

STATIONERS' COMPANY. *A Transcript of the Registers of the Worshipful Company of Stationers; from 1640-1708 A.D.* Vol. 2. London: Stationers' Company, 1913.

STERRY, Peter. *The spirit convincing of sinne. Opened in a sermon before the Honorable House of Commons, assembled in Parliament upon the solemne day of their monethly fast,*

Novemb. 26. 1645. By Peter Sterry, sometimes Fellow of Emanuel Colledge in Cambridge. And now preacher of the Gospel in London. Published by order of the House of Commons. London: printed by Matth. Simmons, for Henry Overton, and Benjamin Allen, and are to be sold at their shops in Popes-head Alley, 1645.

STERRY, Peter. *The spirits conviction of sinne. Opened in a sermon before the Honorable House of Commons, assembled in Parliament upon the solempne day of their monethly fast, Novemb. 26. 1645. By Peter Sterry, sometimes fellow of Emanuel Colledge in Cambridge. And now preacher of the Gospel in London. Published by order of the House of Commons. London: printed by Matth. Simmons, for Henry Overton, and Benjamin Allen, and are to be sold at their shops in Popes-head Alley, 1646.*

SYMSON, Andrew. *An exposition vpon the second Epistle generall of Saint Peter. Plainely and pithily handled, by A. Symson minister of Gods Word. With two necessarie tables, the one prefixed, shewing the resolution or analysies of the text, with the doctrines arising out of every verse...* London: printed by T. Cotes for I. B[ellamy]. and are to be sold by Benjamin Allen dwelling in Popes-head Alley, 1632.

T., N. *The resolver continued, or, Satisfaction to some scruples about the putting of the late King to death. In a letter from a minister of the Gospel, to a Friend in London; together, with a word to the Parliament, the High Court of Justice, Malignants, discontented Friends, and the People of the Nation.* London: printed by J. Clowes, for Hannah Allen, at the Crown in Popes-head-Alley, 1649.

T., N. *The resolver, or, A short vword, to the large question of the times. Concerning the Parliament: and confirming the proceedings about the King. Being, a letter written to a deare friend, tending to satisfie him. At least, to shew the authour rationall, in approving the proceedings of the Army. Imprimatur Gilbert Mabbot.* London: printed by I.C. and are to be sold at the Crown in Popes-head-Alley, 1648 [i.e. 1649].

THOMSON, George. *Loimologia. A consolatory advice, and some brief observations concerning the present pest. By Geo. Thomson, Dr of physick.* London: printed for L. Chapman, at his shop in Exchange-ally, 1665. *Two letters: the first, being a relation of a sad accident that fell out at Erpingham neer Norwich, July 2. shewing how a fire-ball fell from the heavens into the parish church there, broke down part of the steeple and several places in the church-wall, kill'd one man and wounded diverse, &c. The second, being a relation of a strange sight in the heavens, seen by three justices of the peace their sons. Dated, Hungerford in Wiltshire, June 19. 1665.* London: printed for L. Chapman in Exchange-Alley, in Cornhill, 1665.

- TILLINGHAST, John. *Elijah's mantle: or, The remaines of that late worthy and faithful servant of Jesus Christ, Mr. John Tillinghast....* London: printed for Liveuell [sic] Chapman, and are to be sold at the Crown in Popes-head Alley, 1658.
- TILLINGHAST, John. *Generation-vvork: the second part. VVherein is shewed, what the designs of God abroad in the world, may in all likelihood be, at this present day, and in the dayes approaching. Being an exposition of the seven vials, Rev. 16. And other apocalyptical mysteries. By J. Tillinghast the meanest and unworthiest of Christs labourers.* London: printed by R[obert]. I[ibbitson]. for Livewell Chapman at the Crown in Popes-head-Alley, 1654.
- TILLINGHAST, John. *Generation-work: or A brief and seasonable word, offered to the view and consideration of the saints and people of God in this generation, relating to the work of the present age, or generation we live in. Wherein is shewed...* London: printed by R. Ibbitson for Livewell Chapman at the Crown in Popes-head-Alley, 1655.
- TILLINGHAST, John. *Knovvledge of the times, or, The resolution of the question, how long it shall be unto the end of wonders. By John Tillinghast, a servant of Jesus Christ.* Printed at London by R.I. for L. Chapman, and are to be sold at the sign of the Crown in Popes-head Alley, 1654.
- TILLINGHAST, John. *Mr. Tillinghast's eight last sermons I The fifth kingdom, or kingdom of Christ, founded on the New Covenant...* London: printed for Livewel Chapman, at the Crown in Popes-Head-Alley, 1659.
- TILLINGHAST, John. *Six several treatises. 1. The promises made and fulfilled in Christ. 2. Absolute promises made to sinners as sinners. 3. The life of faith; and in particular, in justification, sanctification, and expectation. 4. The saints anchor rightly cast. 5. Christs new command. 6. O offences. By the late worthy and faithful servant of Jesus Christ John Tillinghast. Published by his own notes.* London: printed by R.I. for L. Chapman, to bee sold at his shop in Exchange-Alley, between Lumbard street and Cornhill, 1663.
- TILLINGHAST, John. *Six severall treatises. 1 The promises made and fulfilled in Christ. 2 Absolute promises made to sinners, as sinners. 3 The life of faith; and in particular, in justification. Sanctification, and expectation. 4 The saints anchor rightly cast. 5 Christs new command. 6 Of offences. By the late worthy and faithful servant of Jesus Christ John Tillinghast. Published by his own notes.* London: printed by R.I. for Livewell Chapman at the Crown in Popes-head-Alley, 1657.
- TRAPNEL, Anna. *A legacy for saints; being several experiences of the dealings of God with Anna Trapnel, in, and after her conversion, (written some years since with her own hand)*

and new coming to the sight of some friends, they have judged them worthy of publike view; together with some letters of a latter date, sent to the congregation with whom she walks in the fellowship of the Gospel, and to some other friends. London printed: for T. Brewster, at the three Bibles in Pauls Church-yard, near London-House, 1654.

TRAPNEL, Anna. *Anna Trapnel's report and plea, or, A narrative of her journey into Cornwall the occasion of it, the Lord's encouragements to it, and signal presence with her in it, proclaiming the rage and strivings of the people against the comings forth of the Lord Jesus to reign ... whereto is annexed a defiance against all the reproachful, vile, horrid ... reports raised out of the bottomless pit against her ... / commended for the justification of the truth, and satisfaction of all men, from her own hand.* , [London]: Printed at London for Thomas Brewster ..., 1654.

TRAPNEL, Anna. *Strange and vvonderful nevves from VWhite-Hall, or, The mighty visions proceeding from Mistris Anna Trapnel to divers collonels, ladies, and gentlewomen, concerning the government of the commonwealth of England, Scotland, and Ireland : and her revelations touching His Highness, the Lord Protector, and the army : with her declaration touching the state-affairs of Great-Brittain, even from the death of the late King Charles, to the dissolution of the last Parliament : and the manner how she lay eleven dayes and twelve nights in a trance, without taking any sustenance, except a cup of small beer once in 24 hours : during which time, she uttered many things herein mentioned, relating to the governors, churches, ministry, universities, and all the three nations, full of wonder and admiration, for all that shall read and peruse the same.* London: Printed for Robert Sale, 1654.

VANE, Henry. *A healing question propounded and resolved, upon occasion of the late publique and seasonable call to humiliation, in order to love and union amongst the honest party, and with desire to apply balsome to the wound before it become incurable.* By Henry Vane, Knight. London: printed for T. Brewster at the three Bibles at the west end of Pauls, 1656.

VANE, Henry. *Two treatises: viz. I. An epistle general, to the mystical body of Christ on earth, the church universal in Babylon. II. The face of the times: wherein is discovered, the rice [sic], progresse, and issue, of the enmity and contest between the seed of the woman and the seed of the serpent, &c. The design of it being, to awaken up the present generation of God's people, to a more diligent and curious observation of the present signs of the near approach of the Day of the Lord. Both written, by Sir Henry Vane, Knight, in the time of his imprisonment.* [London:] Printed in the year, 1662.

VENNING, Ralph. *Orthodox paradoxes, theoretical and experimental. Or, A believer clearing truth by seeming contradictions. With an appendix, called The triumph of assurance. By Ralph Venning.* London: printed for John Rothwell and L. Chapman, at the Sun and Fountain in Pauls Church-yard, and Crown in Popes-head-Alley, 1652.

VENNING, Ralph. *Orthodoxe paradoxes, or, a beleiver clearing truth by seeming contradictions, with an appendix, called the Triumph of assurance. By Ralph Venning of Immanuel Colledge in Cambridge.* London: printed by E.G. for I. Rothwell, at the Sunne and Fountaine in Pauls Church-yard, and Hanna Allen at the Crown in Popes-head Alley, 1647.

Well-wisher to England's peace, and the Gospels prosperity. *A few proposals offered in humility and in the spirit of meekness, to the supreme authority, the Parliament of the Commonwealth of England. Holding forth a medium or essay for the removing of tythes, and establishing a maintenance for a godly ministry in the nation... and now published by a well-wisher to England's peace, and the Gospel's prosperity.* London: printed for L. Chapman, at the Crown in Peoples-head-Alley, 1659.

Well-wisher to the true security of both Christian and civil liberty. *A common-vvealth or nothing: or, Monarchy and oligarchy prov'd parallel in tyranny. In XII. queries, worthy the consideration of all publique spirits in this juncture. By a well-wisher to the true security of both Christian and civil liberty.* London: printed for Livewell Chapman, at the Crown in Popes-Head-Alley, 1659.

WINSLOW, Edward. *The glorious progress of the Gospel, amongst the Indians in New England. Manifested by three letters, under the hand of that famous instrument of the Lord Mr. John Eliot, and another from Mr. Thomas Mayhew jun: both preachers of the Word, as well to the English as Indian in New England...* London: printed for Hannah Allen in Popes-head-Alley, 1649.

WITHER, George. *A collection of emblemes, ancient and moderne: quickened vvith metricall illustrations, both morall and divine: and disposed into lotteries, that instruction, and good counsell, may bee furthered by an honest and pleasant recreation. By George VVither. The first booke.* London: printed by A[ugustine]. M[athewes]. for Robert Allot, and are to be sold at the Blacke Beare in Pauls Church-yard, M D CXXV. [1635].

WITHER, George. *A preparation to the Psalter. By George Wyther. Gent.* London: printed by Nicholas Okes, 1619.

WITHER, George. *Abuses stript, and whipt. Or satirical essayes. By George Wyther. Diuided into two bookes.* London: printed by G. Eld, for Francis Bvrton, and are to be solde at his shop in Pauls Church-yard, at the signe of the Green-Dragon, 1613.

WITHER, George. *Prosopopœia Britannica: Britans genius, or, good-angel, personated; reasoning and advising, touching the games now playing, and the adventures now at hazard in these islands...* London: printed by Robert Austin, 1648.

Worthy gentleman in that county. *An exact relation of foureteen dayes passages from Portsmouth, the Isle of Wight, and other parts. Wherein is contained the manner of the proceeding of the cavaliers, and their confederates the papists, against the christian-Protestants. Sent in a letter from a worthy gentleman in that county, to his friend in London. Whereunto is added some speciall passages from Hull, Lincoln-shire and Yorke.* London: printed for Benjamin Allen, 1642.

Leis, ordenações e mandatos

COUNCIL OF STATE. *A Proclamation.* London, Printed by Abel Roper and Thomas Collins, Printers to the Council of State. Wednesday, 28 March, 1660.

CROMWELL, Oliver. Parliament. *Orders of His Highnes The Lord Protector, Made and published by and with the Advice and Consent of His Council, for Putting in Speedy and Due Execution of Laws, Statutes, and Ordinances, made and provided against Printing Unlicensed and Scandalous Books and Pamphlets, and for the further Regulating of Printing.* London: printed by Henry Hills and John Field, printers to His Highness, MDCLV. [1655].

England and Wales. Parliament. *An act for preventing the frequent abuses in printing seditious, treasonable, and unlicensed books and pamphlets; and for regulating of printing and printing-presses.* [London: printed by John Bill and Christopher Barker, printers to the Kings most Excellent Majesty, 1662].

England and Wales. Parliament. *An order of the Lords and Commons assembled in Parliament. For the regulating of printing, and for suppressing the great late abuses and frequent disorders in printing many false, scandalous, seditious, libellous and unlicensed pamphlets, to the great defamation of religion and government. Also, authorizing the masters and wardens of the Company of Stationers to make diligent search, seize and carry away all such books as they shall finde printed, or reprinted by any man having no lawfull interest in them, being entred into the hall book to any other man as his proper*

copies. Die Mercurii. 14 June. 1643. Ordered by the Lords and Commons assembled in Parliament, that this order shall be forthwith printed and published. J. Brown Cler. Parliamentorum: Hen. Elsing Cler. D. Com. London: printed for I. Wright in the Old-baily, Iune 16. 1643.

England and Wales. Parliament. House of Lords. *Die Lunae 20. Maii 1661. The Lords in Parliament assembled, having considered of a paper sent unto them from the House of Commons, for burning of the instrument or writing, called The [H]Solemn League or [H]Covenant by the hands of the common hang-man...* London: Printed by John Bill and Christopher Barker, 1661.

FIRTH, C.H.; RAIT, R.S. (eds.). *Acts and Ordinances of the Interregnum, 1642-1660.* London: His Majesty's Stationery Office, 1911.

Westminster Assembly of Divines. *A short declaration of the Assembly of Divines, by way of detestation of this abominable and blasphemous opinion, that God is, and hath an hand in, and is the author of the sinfulnesses of his people; mentioned in a book intituled, Comfort for believers, about their sins and troubles. Together with the orders of both Houses of Parliament for the burning of the said book by the hand of the common hangman.* London: Printed by Iohn Field for Ralph Smith, at the Signe of the Bible in Cornhill, neer the Royall Exchange, July 25. 1645.

Imagens e Mapas

HOLLAR, Wenceslaus. *Plan of London before the Fire.* 1673, mapa, gravura, 178mm x 292mm.

VISSCHER, Claes Jansz. *A panorama of London,* 1616, gravura.

Jornais

Mercurius Democritus, 5 (1659).

Mercurius Politicus, 334 (29 Oct. – 6 Nov., 1656).

Mecurius Politicus, 585 (1659).

Mercurius Politicus, 591 (1659).

Mercurius Politicus, 610 (1659).

Severall Proceedings in Parliament, 114 (1651).

Severall Proceedings in Parliament, 125 (1652).

Severall Proceedings in Parliament, 134 (1652).

Severall Proceedings of State Affairs, 229 (1654).

Sites e Bases de Dados

17th – 18th Century Burney Collection Newspapers: <<http://find.galegroup.com/bncn/start.do?prodId=BBN>>

Ancestry: <<http://www.ancestry.co.uk>>

British Book Trade Index: <<http://bbti.bodleian.ox.ac.uk>>

British History Online: <<http://www.british-history.ac.uk>>

British Newspapers (1600-1950): <<http://find.galegroup.com/bncn/start.do?prodId=BNWS>>

Early English Books Online (EEBO): <<http://eebo.chadwyck.com>>

English Short Title Catalogue (ESTC): <<http://estc.bl.uk>>

Historical Texts: <<http://historicaltexts.jisc.ac.uk>>

King James Bible Online: <<http://www.kingjamesbibleonline.org>>

Lexicons of Early Modern English (LEME): <<http://leme.library.utoronto.ca>>

Oxford Dictionary of National Biography: <<http://www.oxforddnb.com>>

Oxford English Dictionary: <<http://www.oed.com>>

The National Archives: <<http://www.nationalarchives.gov.uk>>

Bibliografia

ADCOCK, Rachel. *Baptist Women's Writings in Revolutionary Culture, 1640-1680*. Surrey: Ashgate, 2015.

ARMITAGE, David; HIMY, Armand; SKINNER, Quentin. *Milton and Republicanism*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

ARROYO, Maria V. Jórdan. *Sonhar a história: risco, criatividade e religião nas profecias de Lucrecia de León*. Bauru: EDUSC, 2011.

AUERBACH, Erich. *Figura*. São Paulo: Ática, 1997.

BALL, Bryan W. 'Feake, Christopher (1611/12–1682/3)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/9235>, accessed 2 May 2015].

BARNARD, John; MCKENZIE, D.F.; BELL, Maureen (eds.). *The Cambridge History of the Book in Britain*, vol.4. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

- BASHKAR, Michael. *The Content Machine: towards a theory of publishing from the printing press to the digital network*. London: Anthem Press, 2013.
- BELL, Maureen. 'Chapman, Livewell (fl. 1643–1665)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/67700>, accessed 17 July 2015].
- BELL, Maureen. 'Calvert, Elizabeth (d. 1675?)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Oct 2009 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/39670>, accessed 21 April 2015].
- BELL, Maureen. "'Her usual practices'": the later career of Elizabeth Calvert, 1664-75". *Publishing History*, Jan. 1, 35, 1994.
- BELL, Maureen. "Elizabeth Calvert and the 'Confederates'". *Publishing History*, Jan. 1, 32, 1992. pp.5-49.
- BELL, Maureen. "Hannah Allen and the Development of a Puritan Publishing Business, 1646-51". *Publishing History*, 26, 1989. pp.5-66.
- BELL, Maureen. *Women publishers of puritan literature in the mid-seventeenth century: three case studies*. Tese (Doutorado) – Loughborough University of Technology, 1987.
- BELL, Maureen; BARNARD, John. "Provisional count of STC titles 1475-1640". *Publishing History*, 31, Jan 1, 1992. pp.47-64.
- BELL, Maureen; PARTIFF, George; SHEPHERD, Simon (eds). *A Biographical Dictionary of English Women Writers, 1580-1720*. London: Harvester Wheatsheaf, 1990.
- BLAGDEN, Cyprian. "The Stationers' Company in the Civil War Period". *The Library*, 5th series, vol. XIII, n.1, 1958, pp.1-17.
- BLAYNEY, Peter W. M. *The Bookshops in Paul's Cross Churchyard*. London: The Bibliographical Society, 1990.
- BOWERBANK, Sylvia. 'Lead , Jane (1624–1704)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/16231>, accessed 26 Dec 2015].
- BOYCE, Benjamin. "News from Hell. Satiric Communications with the Nether World in English Writing of the Seventeenth and Eighteenth Centuries". *PMLA*, Vol. 58, No. 2 (Jun., 1943), pp. 402-437.
- BRAUDE, Benjamin; TOMICHE, Anne. "Les contes persans de Menasseh Ben Israël. Polémique, apologétique et dissimulation à Amsterdam au XVIIe siècle ». *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, 49e année, N. 5, 1994. pp. 1107-1138.

- BREMER, Francis J. 'Aspinwall, William (d. in or after 1662)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/76217>, accessed 29 April 2015].
- BREMER, Francis J. 'Cotton, John (1585–1652)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Sept 2013 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/6416>, accessed 29 April 2015].
- BREMER, Francis J.; WEBSTER, Tom. *Puritans and Puritanism in Europe and America: a comprehensive encyclopedia*. Santa Barbara: ABC-Clio, 2006.
- BROOKS, Douglas A. (ed.). *Printing and Parenting in Early Modern England*. Surrey: Ashgate, 2005.
- BROWN, Louise Fargo. *The Political Activities of the Baptists and Fifth Monarchy Men in England During the Interregnum*. Washington: American Historical Association, 1912.
- BULLOCK, Karen O'Dell, 'Wight, Sarah (b. 1631)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/69143>, accessed 7 Dec 2014].
- BURGESS, Glenn; FESTENSTEIN, Matthew (eds.). *English Radicalism, 1550-1850*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia (orgs.). *A tradução cultural: nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: Unesp, 2009.
- BURRAGE, Champlin. "The Fifth Monarchy Insurrections". *The English Historical Review*, Vol.25, n.100, 1910. pp.722-747.
- CALDER, Isabel M. "John Cotton and The New Haven Colony". *The New England Quarterly*, Vol.3, n.1. Janeiro/1930. pp. 82-94.
- CAMBERS, Andrew. *Godly Reading: print, manuscript and puritanism in England, 1580-1720*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- CAPP, Bernard Capp. 'Archer, John (d. 1639)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/37123>, accessed 21 Nov 2015].
- CAPP, Bernard. 'Cary, Mary (b. 1620/21)', rev. *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/37266>, accessed 2 Oct 2015].
- CAPP, Bernard. 'Simpson, John (1614/15–1662)', rev. *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/37963>, accessed 14 April 2015].

- CAPP, Bernard. "A door of hope Re-opened: The Fifth Monarchy, King Charles and King Jesus" *Journal of Religious History*, Vol.32, Issue 1, 2008. pp.16-30.
- CAPP, Bernard. *Fifth Monarchy Men: a study in seventeenth century English millenarianism*. London: Faber Finds, 2008.
- CAPP, Bernard. *When gossip meet women, family, and neighbourhood in Early Modern England*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- CARICCHIO, Mario. *Religione, Politica e Commercio di Libri nella Rivoluzione Inglese: gli autori di Giles Calvert, 1645-1653*. Genova: Name, 2003.
- CARTWRIGHT, Kent. *A Companion to Tudor Literature*. Chischester: Wiley-Blackwell, 2010.
- CHARTIER, Roger. "Poder y escritura: el príncipe, la biblioteca y la dedicatoria (siglos XVI-XVII)". *Manuscripts*, 14, 1996, pp.193-211.
- CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 2002.
- CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Unesp, 2014.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Unesp, 2002.
- CLAYTON, Timothy Clayton. 'Overton family (per. c.1665–c.1765)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/64998>, accessed 25 Nov 2015].
- CLEGG, Cyndia Susan. *Press Censorship in Caroline England*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- COCKERELL, Douglas. *Bookbinding, and the Care of Books*. Adelaide: The University of Adelaide, 1910.
- COHN, Norman. *The Pursuit of the Millennium*. Nova York: Oxford University Press, 1970.
- COMO, David R. "Print, Censorship, and Ideological Escalation in the English Civil War". *The Journal of British Studies*, vol.51, 4, 2012, pp.820-857.
- COMO, David R. *Blow by the Spirit: puritanism and the emergence of an Antinomian underground in pre-Civil War England*. Stanford: Stanford University Press, 2004.
- CRESSY, David. "Levels of Illiteracy in England, 1530-1730". *The Historical Journal*, Vol. 20, No. 1, 1977. pp. 1-23.
- CRESSY, David. *Literacy and the social order: reading and writing in Tudor and Stuart England*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

- DAILEY, Barbara Ritter. "The Visitation of Sarah Wight: Holy Carnival and the Revolution of the Saints in Civil War London". *Church History: studies in Christianity and Culture*, vol.55, 4, 1986, pp.438-455.
- DARNTON, Robert. "O que é a história do livro? – Revisitado". *ArtCultura*, Uberlândia, v.10, n.16, 2008, pp.155-159.
- DARNTON, Robert. *Edição e Sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Cia. de Bolso, 2010.
- DARNTON, Robert. *Poetry and the Police: communication networks in eighteenth-century Paris*. London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2010.
- DAVIES, Stevie. 'Trapnel, Anna (fl. 1642–1660)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/38075>, accessed 18 Sept 2015].
- DAVIS, J. C. Fear, *Myth and History: The Ranters and the Historians*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- EVENDEEN, Elizabeth; FREEMAN, Thomas S. *Religion and the Book in Early Modern England*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- EZELL, Margaret. "Performance Texts: Arise Evans, Grace Carrie, and the interplay of oral and handwritten traditions during the print revolution". *ELH*, 76, 2009, pp.49–73.
- FAUHABER, Priscila; LOPES, José Sérgio Leite (orgs.). *Autoria e história cultural da ciência*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012.
- FAUSZ, J. Frederick. 'Eliot, John (1604–1690)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2011 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/8631>, accessed 27 Dec 2015].
- FEATHER, John. "From rights in copies to copyright: the recognition of authors' rights in English law and practice in the sixteenth and seventeenth centuries". *Cardozo Arts and Entertainment*, Vol.10., 1991-1992. pp.455-473.
- FEATHER, John. "The publication of James Harrington's *Commonwealth of Oceana*". *The Library*, Vol. 5, 3, 1977. pp.262-268.
- FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O Aparecimento do Livro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- FIELD, Jonathan Beecher. *Errands into the Metropolis: New England Dissents in Revolutionary England*. Hanover: Dartmouth College Press, 2009.

- FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema*. Vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- FRITZE, Ronald H.; ROBISON, William B. (eds.). *Historical Dictionary of Stuart England, 1603-1689*. London: Greenwood Press, 1996.
- FURDELL, Elizabeth Lane. *Publishing and Medicine in Early Modern England*. New York: University of Rochester Press, 2002. p.126.
- GADD, I. 'Newcombe, Thomas, the elder (1625x7–1681)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/19987>, accessed 29 June 2015].
- GADD, I. 'Simmons, Matthew (b. in or before 1608, d. 1654)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/69230>, accessed 25 Nov 2015].
- GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- GENTLES, Ian J. 'Harrison, Thomas (bap. 1616, d. 1660)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/12448>, accessed 2 Oct 2015].
- GIBSON, Kenneth. 'Homes, Nathaniel (1599–1678)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/13599>, accessed 15 April 2015].
- GONZÁLEZ, Paloma Otaola. *Coordenadas Filosóficas del Pensamento de Quevedo: obras filosóficas y satírico-morales*. Alicante: Editorial Club Universitario, 2004.
- GOODWIN, Gordon. 'Elizabeth, Princess (1635–1650)', rev. Sean Kelsey, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/8637>, accessed 12 Sept 2015].
- GREAVES, Richard L. 'Bunyan, John (bap. 1628, d. 1688)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/3949>, accessed 4 Jan 2016].
- GREAVES, Richard L. 'Danvers, Henry (b. in or before 1619, d. 1687/8)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/7134>, accessed 5 Jan 2016].
- GREAVES, Richard L. 'Greenhill, William (1597/8–1671)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/11429>, accessed 14 April 2015].

- GREAVES, Richard L. 'Tillinghast, John (bap. 1604, d. 1655)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/27447>, accessed 29 April 2015].
- GREAVES, Richard L. "Venner, Thomas (1608/9–1661)", *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Sept 2010 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/28191>, accessed 7 May 2014].
- GREAVES, Richard L. *Deliver us from evil: the radical underground in Britain, 1660-1663*. Oxford: Oxford University Press, 1986.
- GREEN, Ian. *Print and Protestantism in Early Modern England*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- GREEN, Jonathan. *Printing and Prophecy: prognostication and media change 1450-1550*. Michigan: The University of Michigan Press, 2012.
- GRIBBEN, Crawford. *The Puritan Millennium: Literature & Theology, 1550-1682*. Dublin: Four Courts Press, 2000.
- GRIFFIN, Robert J. (ed.) *The Faces of Anonymity: anonymous and pseudonymous publication from the sixteenth to the twentieth century*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2003.
- GRIFFIN, Robert J. "Anonymity and Authorship". *New Literary History*, Vol. 30, No. 4, 1999. pp. 877-895.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HABERMAS, Jürgen. "The public sphere: an encyclopedia article (1964)". *New German Critique*, No. 3 (Autumn, 1974), pp. 49-55.
- HADFIELD, Andrew (ed.). *Literature and Censorship in Renaissance England*. Hampshire: Palgrave, 2001.
- HADFIELD, Andrew; DIMMOCK, Matthew; SHINN, Abigail (eds.). *The Ashgate Research Companion to Popular Culture in Early Modern England*. Surrey: Ashgate, 2014.
- HALASZ, Alexandra. *The Marketplace of Print Pamphlet: pamphlets and the public sphere in early modern England*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- HALL, Michael G. 'Mather, Richard (1596–1669)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/18324>, accessed 28 Dec 2015].
- HAMLIN, Hannibal. *Psalm culture and early modern English literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

- HANSEN, João Adolfo. “Autoria, obra e público na poesia colonial luso-brasileira atribuída a Gregório de Matos e Guerra”. *Eclipsis*, 12, 2014, pp.91-117.
- HARRIS, Michael; MYERS, Robin. *Fakes and Frauds: varieties of deception in print and manuscript*. Winchester: St. Paul’s Bibliographies, 1989.
- HESSAYON, Ariel. “Incendiary texts: book burning in England, c.1640-c.1660”. *Chromos*, 12, 2007.
- HESSAYON, Ariel. “*Gold tried in the fire*”: the prophet Theauraujohn Tany and the English Revolution. Hampshire: Ashgate, 2007.
- HESSAYON, Ariel. “Jews and crypto-Jews in sixteenth and seventeenth century England”. *Chromos*, 16, pp. 1-26, 2011.
- HESSAYON, Ariel. ‘Calvert, Giles (bap. 1615, d. 1663)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, May 2015 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/39669>, accessed 15 July 2015].
- HESSAYON, Ariel; FINNEGAN, David (eds). *Varieties of Seventeenth- and Early Eighteenth-Century English Radicalism in Context*. Surrey: Ashgate, 2011.
- HILL, Christopher. *Antichrist in 17th century England*. London: Verso, 1990.
- HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- HILL, Christopher. *O eleito de Deus: Oliver Cromwell e a Revolução Inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- HILL, Christopher. *O Mundo de Ponta-Cabeça: idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HILL, Christopher. *O Século das Revoluções, 1603-1714*. São Paulo: Unesp, 2012.
- HILL, Christopher. *Puritanism and Revolution: studies in interpretation of the English Revolution of the 17th century*. New York: St. Martin’s Press, 2008.
- HILL, Christopher. *The Experience of Defeat: Milton and some contemporaries*. New York: Penguin, 1985.
- HILL, Christopher. *Writing and Revolution in 17th Century England*. Sussex: The Harvester Press, 1985.
- HINGLEY, Sheila Hingley, ‘Oxinden , Henry (1609–1670)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/21053>, accessed 29 Dec 2015].
- HINKS, John; GARDNER, Victoria E. M. *The book trade in early modern England: practices, perceptions, connections*. London: The British Library, 2014.

- HOBSBAWM, E. J. *Rebeldes primitivos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- HOUSTON, Rab. "Literacy and society in the west, 1500-1850". *Social History*, Vol. 8, No. 3, 1983. pp. 269-293.
- HOUSTON, Rab. *Scottish Literacy and Scottish Identity: illiteracy and society in Scotland and Northern England, 1600-1800*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- HUGHES, Ann. *Gender and the English Revolution*. London: Routledge, 2012.
- HUTTON, Ronald. *The Restoration: a political and religious history of England and Wales 1658-1667*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- JACKSON, Clare. 'Symson , Andrew (c.1638–1712)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/25602>, accessed 24 Dec 2015].
- JENKINSON, Matthew. *Culture and Politics at the Court of Charles II, 1660-1685*. Woodbridge: The Boydell Press, 2010.
- JOBIM, José Luis (org.). *Palavras da Crítica : tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- JOHNS, Adrian. 'Streater, John (c.1620–1677)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/26656>, accessed 4 May 2015].
- JOHNS, Adrian. "Coleman Street". *Huntington Library Quarterly*, Vol. 71, n. 1, 2008. pp.33-54.
- JOHNS, Adrian. *The Nature of the Book: Print and Knowledge in the Making*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.
- JUE, Jeffrey K. *Heaven Upon Earth: Joseph Mede (1586-1638) and the Legacy of the Millenarianism*. Netherlands: Springer, 2006.
- KEEBLE, N. H. (ed.). *The Cambridge Companion to Writing of the English Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- KEEBLE, N. H. *The Restoration: England in the 1660s*. Cornwall, Blackwell, 2002.
- KEMP, Geoff; MCELLIGOTT, Jason (eds.). *Censorship and the Press, 1580-1720*. Vol. 2: 1640-1660. London: Pickering & Chatto, 2009.
- KEMP, Geoff; MCELLIGOTT, Jason (eds.). *Censorship and the Press, 1580-1720*. Vol. 3: 1660-1695. London: Pickering & Chatto, 2009.
- KING, John N. *Foxe's 'Book of Martyrs' and Early Modern Print Culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

- KNIGHTON, C. S. 'Pepys, Samuel (1633–1703)'. *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Sept 2015 [<http://0-www.oxforddnb.com/view/article/21906>, accessed 22 April 2016].
- KINSLEY, James. "The 'Three Glorious Victories' in Annus Mirabilis". *The Review of English Studies*, Vol. 7, No. 25 (Jan., 1956), pp. 30-37.
- KNOPPERS, Laura (ed.). *The Oxford Handbook of Literature and the English Revolution*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- LAMONT, William. 'Prynne, William (1600–1669)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, May 2011 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/22854>, accessed 6 July 2015].
- LANDER, Jesse M. *Inventing Polemic: religion, print and literary culture in Early Modern England*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- LIEBER, Naomi Conn (ed.). *Early Modern Prose Fiction: the cultural politics of reading*. London: Routledge, 2007.
- LIMA, Verônica Calsoni. "A cronologia das bestas e o cumprimento das profecias: o conhecimento histórico nas obras pentamonaarquistas de William Aspinwall (1653-1657). *Vozes, Pretérito & Devir*, Ano II, Vol.III, n.º 1, 2014. pp.75-93. p.83.
- LIMA, Verônica Calsoni. "Uma narrativa da Revolução Inglesa por meio de seus impressos: George Thomason e sua coleção (1640-1660)". In: *XIX Semana de História da Unesp: História, Leitura e Cultura Midiática*, 2014, Franca. ANAIS: XIX SEMANA DE HISTÓRIA DA UNESP História, Leitura e Cultura Midiática. Franca: Unesp, 2014. p. 110-124.
- LINDENBAUM, Peter. "Milton's Contract". *Cardozo Arts & Entertainment*, Vol. 10, 1992. pp.439-454.
- LIU, Tai. 'Cokayn , George (bap. 1620, d. 1691)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/5820>, accessed 29 Dec 2015].
- LIU, Tai. *Puritan London: a study of religion and society in the City Parishes*. Newark: University of Delaware Press, 1986.
- LOVE, Harold. 'L'Estrange, Sir Roger (1616–1704)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Oct 2007 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/16514>, accessed 4 Nov 2015].

- LYNCH, Beth. 'Smith, Francis (d. 1691)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/39672>, accessed 15 July 2015].
- MACK, Phyllis. *Visionary Women: Ecstatic Prophecy in Seventeenth-Century England*. Berkley/Los Angeles: University of California Press, 1994.
- MACLEAR, J. F. "New England and the Fifth Monarchy: the quest of the Millennium in Early American Puritanism". *The William and Mary Quarterly*, Third Series, Vol.32, No.2, 1975. pp.223-260.
- MAGNOTTA, Mary S. Redd. 'Morton, Sir William (bap. 1605, d. 1672)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/19377>, accessed 8 Sept 2015].
- MARSHALL, Alan. 'Sexby, Edward (c.1616–1658)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Sept 2010 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/25151>, accessed 15 June 2015].
- MAYERS, Ruth E. 'Vane, Sir Henry, the younger (1613–1662)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, May 2015 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/28086>, accessed 19 July 2015].
- MAYERS, Ruth E. "Real and Practicable, Not Imaginary and Notional: Sir Henry Vane, 'A Healing Question', and the Problems of the Protectorate". *Albion: A Quarterly Journal Concerned with British Studies*, Vol. 28, No. 1, 1996), pp.37-72.
- MAYERS, Ruth E. *1659: the Crisis of the Commonwealth*. Suffolk: The Boydell Press, 2004.
- MCDOWELL, Nicholas. *The English Radical Imagination: culture, religion, and revolutions, 1630-1660*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- MCDOWELL, Paula. *The Women of Grub Street: press, politics, and gender in the London literary marketplace, 1678-1730*. Oxford: Clarendon Press, 1998.
- MCELLIGOTT, Jason. *Royalism, Print and Censorship in Revolutionary Press*. Woodbridge: The Boydell Press, 2007.
- MCGREGOR, J. F.; REAY, Barry. *Radical Religion in the English Revolution*. Oxford: Oxford University Press, 1986.
- MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1605-1640*. Charlottesville: Bibliographical Society of the University of Virginia, 1961.
- MCKENZIE, D. F. (ed.). *Stationers' Company Apprentices, 1641-1700*. Oxford: The Oxford Bibliographical Society, 1974.

- MCKENZIE, D. F. *Bibliography and The Sociology of Texts*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- MCKENZIE, D. F. *Making Meaning: "Printers of the Mind" and Other Essays*. Edited by Peter D. McDonald and Michael F. Suarez, S.J. Boston: University of Massachusetts Press, 2002.
- MCKENZIE, D. F.; BELL, Maureen (eds.). *A Chronology and Calendar of Documents Relating to the London Book Trade, 1641-1700*. Vol. I: 1641-1670. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- MCKERROW, R. B. (ed.). *A dictionary of printers and booksellers in England, Scotland and Ireland, and of foreign printers of English books, 1557-1640*. London: Printed for the Bibliographical Society, by Blades, East & Blades, 1910.
- MCNEIL, Lorraine. *Mystical Experience and the Fifth Monarchy Women: Anna Trapnel, Sarah Wight, Elizabeth Avery, and Mary Cary*. Tese (Doutorado) - University of New Castle, 2001.
- MÉCHOULAN, Henry; NAHON, Gérard (eds.). *The Hope of Israel*. Oxford: The Littman Library of Jewish Civilization, 2004.
- MEYER, W. R. 'Dugard, William (1606–1662)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Oct 2009 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/8182>, accessed 29 Dec 2015].
- MILTON, Anthony. 'Laud, William (1573–1645)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, May 2009 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/16112>, accessed 12 Sept 2015].
- MIXTON, Harold. "„A City Upon a Hill”: John Cotton’s Apocalyptic Rhetoric and the Fifth Monarchy Movement in Puritan New England”. *Journal of Communication and Religion*, Vol. 12, n.1, 1989. pp.1-6.
- MOLLIER, Jean-Yves. “A história do livro e da edição: um observatório privilegiado do mundo mental dos homens do século XVIII ao século XX”. *Varia História*, Belo Horizonte, Vol.25, n.42, 2009, pp.521-537.
- MULLAN, John. *Anonymity: a secret history of English Literature*. London: Faber and Faber, 2007.
- MURRAY, John. *Collected Writings of John Murray*, vol. 4. Carlisle: Banner of Truth, 1982.
- MYERS, Robin; HARRIS, Michael. *A Genius for Letters: booksellers and bookselling from the 16th to the 20th century*. Winchester: St. Paul’s Bibliographies, 1995.

- MYERS, Robin; HARRIS, Michael; MANDELBRONTE, Giles (eds.). *Books for Sale: the advertising and promotion of print since the fifteenth century*. New Castle: Oak Knollys Press, 2009.
- NENNER, Howard. 'Regicides (act. 1649)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/70599>, accessed 29 Dec 2015].
- NEWPORT, Kenneth G. C. 'Knollys, Hanserd (1598–1691)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2010 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/15756>, accessed 13 April 2015].
- OSTRENSKY, Eunice. *As revoluções do poder*. São Paulo: Alameda, 2005.
- PEACEY, Jason. "Cromwellian England: A Propaganda State?". *History*, Vol.91, 302, 2006. pp.176-199.
- PEACEY, Jason. *Print and Public Politics in the English Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- PETERS, Kate. *Print Culture and the Early Quakers*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- PLANT, Marjorie. *The English Book Trade: an economic history of the making and sale of books*. London: George Allen & Unwin Ltd., 1974. p.131.
- PLOMER, Henry Robert. *A Dictionary of the Booksellers and Printers who were at work in England, Scotland and Ireland from 1641 to 1667*. London: Printed for the Bibliographical Society, by Blades, East & Blades, 1907.
- POCOCK, J. G. A. (ed.). *The Political Works of James Harrington*. Part One. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- PORTELA, Manuel. *O Comércio da Literatura*. Lisboa: Antígona, 2003.
- PRIOR, Mary. *Women in English Society 1500-1800*. London: Routledge, 2005.
- QUEHEN, A. H. de. "An Account of Works Attributed to Samuel Butler". *The Review of English Studies*, Vol. 33, No. 131, 1982). pp. 262-277.
- RAFFE, Alasdair. *The Culture of Controversy: religious arguments in Scotland, 1660-1714*. Woodbridge: The Boydell Press, 2012.
- RAVEN, James. *The Business of Books: bookseller and the English book trade*. London: Yale University Press, 2007.
- RAYMOND, Joad (ed.). *News, Newspapers, and Society in Early Modern Britain*. London: Frank Class, 1999.

- RAYMOND, Joad (ed.). *The Oxford History of Popular Print Culture*. Vol 1: Cheap Print in Britain and Ireland to 1660. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- RAYMOND, Joad (ed.). *News, Newspapers, and Society in Early Modern Britain*. London: Frank Cass Company Ltd., 1999.
- RAYMOND, Joad. *Pamphlets and Pamphleteering in Early Modern Britain*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- REAY, Barry. *Popular Cultures in England 1550-1750*. New York: Routledge, 2014.
- RICHARDSON, R. C. *The debate on the English Revolution*. Manchester: Manchester University Press, 1998.
- ROBBINS, Stephen Lee. *Manifold Afflictions: the life and the writings of William Aspinwall, 1605-1662*. Tese (Doutorado) – Oklahoma State University, 1988.
- ROBERTS, Stephen K. ‘Cradock, Walter (c.1606–1659)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/6564>, accessed 13 April 2015].
- ROBERTS, Stephen K. ‘Powell, Vavasor (1617–1670)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Sept 2013 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/22662>, accessed 13 April 2015].
- ROSE, Mark. *Authors and Owners: the invention of copyright*. Massachusetts: Harvard University Press, 1994.
- ROSTENBERG, Leona. *Literary, Political, Scientific, Religious and Legal Publishing, Printing and Bookselling in England, 1551-1700: Twelve Studies*, vol. I. New York: Burt Franklin, 1965.
- SACHSE, William L. “The Migration of the New Englanders, 1640-1660”. *The American Historical Review*, Vol.53, n.2, 1948. pp.251-278.
- SANTOS JUNIOR, Jaime Fernando dos. *John Rogers e a disputa pela Commonwealth: debates e polêmicas com William Prynne, Richard Baxter e James Harrington, durante a segunda república inglesa*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, 2014.
- SCHORSCH, Ismar. “From Messianism to Realpolitik: Menasseh Ben Israel and the Readmission of the Jews to England”. *Proceedings of the American Academy for Jewish Research*, Vol. 45, 1978. pp. 187-208.
- SCOTT, Jonathan. *Commonwealth Principles: republican writing of the English Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

- SHAABER, M. A. "The meaning of the imprint in the early printed books". *The Library*, 4th series, 24, 1944. pp.120-141.
- SHAWCROSS, John T. "Using the Thomason Tracts and Their Significance for Milton Studies". *SEL Studies in English Literature 1500-1900*, vol.49, n.1, 2009. pp.145-172.
- SMITH, Nigel. *Literature & Revolution in England, 1640-1660*. New Haven: Yale University Press, 1997.
- SOLT, Leo F. "The Fifth Monarchy Men: Politics and the Millennium". *Church History*, Vol.30, No.3, 1961. pp.314-324.
- SOUZA, Cíntia Medina de. *Entre a proteção da propriedade e a manutenção do monopólio: o debate sobre a regulamentação do mercado de livros na Inglaterra de 1662 a 1774*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2013.
- SPENCER, Lois. "The Politics of George Thomason". *The Library*, s.5, vol.XIV, 1959. pp.11-27.
- SPENCER, Lois. "The Professional and Literary Connections of George Thomason". *The Library*, s.5, vol.XIII, 1958. pp.102-118.
- SPUFFORD, Peter; MARTIN, G. H. *The Records of the Nation*. Suffolk: Boydell Press, 1990.
- STEPHENS, W. B. "Literacy in England, Scotland, and Wales, 1500-1900". *History of Education Quarterly*, Vol. 30, No. 4, 1990. pp. 545-571.
- STONE, Lawrence. *Causas da Revolução Inglesa, 1529-1642*. Bauru: EDUSC, 2000.
- STUBBS, Derek; BRITNELL, Jennifer. "The Mirabilis Liber: its compilation and influence". *Journal of the Warburg and Courtland Institutes*, Vol. 49 (1986), pp.126-149.
- TAFT, Barbara. "The Humble Petition of Several Colonels of the Army": Causes, Character, and Results of Military Opposition to Cromwell's Protectorate". *Huntington Library Quarterly*, Vol. 42, No. 1, 1978), pp. 15-41.
- THORNTON, Tim. *Prophecy, Politics and the People in Early Modern England*. Woodbridge: The Boydell Press, 2006.
- TOLAND, John (ed.). *The Oceana and other works of James Harrington, with an account of his life*. London: Becket and Cadell, 1771.
- TRAVERS, Len. 'Winslow, Edward (1595–1655)', *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Oct 2006 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/29751>, accessed 27 Dec 2015].
- TUBB, Amos. "Independent presses: the politics of print in England during the late 1640s". *The Seventeenth Century*, 27:3, 2012. pp.287-312.

- TUNSTALL, Kate E. “‘You’re Either Anonymous or You’re Not!’: Variations on Anonymity in Modern and Early Modern Culture”. *MLN*, Vol.126, Number 4, 2011. pp.671-688.
- USHER, Brett. ‘Gataker , Thomas (1574–1654)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Sept 2013 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/10445>, accessed 17 Sept 2015]
- VON MALTZAH, Nicholas. ‘Brome, Henry (d. 1681)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/69222>, accessed 20 July 2015].
- WATT, Tessa. *Cheap Print and Popular Piety, 1550-1640*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- WHITE, B. R. ‘Henry Jessey: a pastor in politics’, *Baptist Quarterly*, 25 (1973), 98–110.
- WOOLRYCH, Austin. *Britain in Revolution, 1625-1660*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- WOOTTON, David. *Republicanism, liberty and commercial society 1649-1776*. California: Stanford University Press, 1994.
- WORDEN, Blair. *God’s Instruments: political conduct in the England of Oliver Cromwell*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- WORDEN, Blair. *Literature and Politics in Cromwellian England: John Milton, Andrew Marvell, Marchmont Nedham*. Oxford University Press, 2007.
- WORDEN, Blair. *The Rump Parliament, 1648-1653*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- WRIGHT, Stephen. ‘Jessey, Henry (1601–1663)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online ed., Jan 2010 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/14804>, accessed 23 March 2015].
- YOUNG, John T. ‘Durie , John (1596–1680)’, *Oxford Dictionary of National Biography*, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2008 [<http://www.oxforddnb.com/view/article/8323>, accessed 15 April 2015].
- ZARET, David. “Petitions and the ‘Invention’ of Public Opinion in the English Revolution”. *American Journal of Sociology*, Vol. 101, No. 6, 1996, pp. 1497-1555.
- ZOOOK, Melinda. *Protestantism, Politics, and Women in Britain, 1660-1714*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2013.

ANEXOS

Lista de títulos publicados pela Crown (1632-1665)

AUTOR	TÍTULO	IMPRESSOR	PUBLISHER	LIVREIRO	ANO
Symson, Andrew.	An exposition vpon the second Epistle generall of Saint Peter. Plainely and pithily handled, by A. Symson minister of Gods Word. With two necessarie tables, the one prefixed, shewing the resolution or analysies of the text, with the doctrines arising out of every verse. The other annexed, containing the principall matters, alphabetically set downe	T. Cotes	I. Bellamy	Benjamin Allen	1632
Symson, Andrew.	An exposition vpon the second Epistle generall of Saint Peter. Plainely and pithily handled, by A. Symson minister of Gods Word. With two necessarie tables, the one prefixed, shewing the resolution or analysies of the text, with the doctrines arising out	T. Cotes	I. Bellamy	Benjamin Allen	1632
Blundeville, Thomas	Mr. Blundevil his exercises, contayning eight treatises, the titles whereof are set down in the next printed page. Which treatises are very necessary to be read and learned of all young gentlemen, that have not been exercised in such disciplines, and yet are desirous to have knowledge as well in cosmographie, astronomie, and geographie, as also in the art of navigation, in which art it is impossible to profit without the help of these or such like instructions. To the furtherance of which art of navigation, the said Mr. Blundevil specially wrote the said treatises, and of meere good will doth dedicate the same to all young gentlemen of this realme.	Richard Bishop	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1636
Clowes, William	A profitable and necessarie booke of observations, for all those that are burned with the flame of gun-powder, &c. and also for curing of wounds made with musket and caliver shot, and other weapons of warre, commonly used at this day both by sea and land, as hereafter shall be declared: with an addition of most approved remedies, gathered for the good and comfort of many, out of divers learned men both old and new writers. Last of all is adioyned a short treatise, for the cure of lues venerea, by vnctions and other approued wayes of curing, heretofore by me collected: and now againe newly corrected and augmented in the yeare of our Lord 1596. By William Clowes one of her Maiesties chirurgions.	M. Dawson	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1637

Archer, John	The personall reigne of Christ vpon earth. In a treatise wherein is fully and largely laid open and proved, that Iesus Christ, together with the saints, shall visibly possesse a monarchicall state and kingdom in this world. Which sheweth, 1. That there shall be such a kingdom. 2. The manner of it. 3. The duration of it. 4. The time when it is to begin. By John Archer, sometimes preacher of All-Hallows Lumbard-Street.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1642
Gormanston, Nicholas Preston, Viscount	The copy of a letter written from the Lo. Viscount of Gormanston unto Sir Phelim O Neal. Which letter is all written by the Lord Gormanston's own hand, and was found in Sir Phelim O Neal's cloakbag, when on the 16 of June, 1642. the said Sir Phelim, Rorymac Gwyre, some o the mac Mahowns, the mac Genises, and mac Cartan, the O Cahans, Coll Kittagh, mac Donells sons, and the rest of the rebels gathered from the severall counties of Tyrone, Antrim, Armagh, Down, Fermanagh and Donegall. And also some out of the English pale, being in all 6000. foot and 500 horse were defeated in battle by Sir William Stewart, and by Sir Robert Stewart, with part of their two regiments, three hundred of Colonell Gore's regiment, four companies from the Derry, and Captain Dudley Phillips with his troop of 60. horse, in all not exceeding 2000. foot, and 300. horse. Whereunto is added Sir Robert Stewarts letter to the right honourable Sir John Borlase knight, one of the lords justices for the government of the kingdome of Ireland.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1642
Homes, Nathanael	The peasants price of spirituall liberty. VVherein is represented the complexion of the times, and considerations to cure it. In three sermons. By Nathaniel Homes, D.D.	Richard Olton and Gregory Dexter	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1642
J. O.	A sweet posie for Gods saints, containing many choyce, and sweet flowers gathered out of Gods owne garden, the holy Scriptures: directing Christians, how to carry themselves in evill times, and how to walke so, that they may live comfortably in all times, and in all estates and conditions. Or, A watch-word to Zions mourners, to awaken, to watch and pray, and a close walking with God.	R. Cotes	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1642
Sampson, Lat.	A diurnall of true proceedings of our armies at Sherbourne, since their first coming there, and their happy issues related. Shewing the goodnesse of God in preserving the courage of those that stand for King and Parliament against the cavalliers, and their adherents. Desired by many to be published, being the last true newes. And of the battell there fought.	Luke Norton	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1642

T. L.	True nevves from Norvrich: being a certaine relation how that the cathedrall blades of Norwich (on the 22. of February 1641. being Shrove tuesday, did put themselves into a posture of defence, because that the apprentices of Norwich (as they imagined) would have pulled dow their organs. In which relation the foolishnesse of these cathedrall men are to be understood, and deserve to be laughed at for this their silly enterprise; there being no such cause to move them thereunto. Written by T.L.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1642
Worthy gentleman in that county.	An exact relation of foureteen dayes passages from Portsmouth, the Isle of Wight, and other parts. Wherein is contained the manner of the proceeding of the cavaliers, and their confederates the papists, against the christian-Protestants. Sent in a letter from a worthy gentleman in that county, to his friend in London. Whereunto is added some speciall passages from Hull, Lincoln-shire and Yorke.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1642
Anônimo	The petitions of Northampton-shire and Oxford-shire. Presented vnto the High Court of Parliament:	Richard Olton and Gregory Dexter	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1642
Anônimo	To the Kings most excellent Majesty. The humble petition of many thousands faithfull and peaceably affected subjects of the county of Yorke, who are here now assembled.	Richard Olton and Gregory Dexter	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1642
Anônimo	Maij 14. A true relation of the present state of Ireland, vvith the victorious proceedings of the Protestants against the rebells there: being sent in a letter to a merchant of note in London, Maij 13.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1642
Anônimo	A briefe relation of the proceedings of our army in Ireland, since the tenth of June to this present Iuly 1642. Together with the petition of the Parliament there assembled, to the lords, iustices, and counsell.	Richard Olton and Gregory Dexter	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1642
Anônimo	An extract of all the passages from Hull, York, and Lincolnshire, being taken out of sundry letters, and sent by the last post. Being a true relation of His Maiesties proceedings in those parts.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1642
Anônimo	Three petitions the one, of the jnhabitants of the towne of Colchester: the other two, of the county of Essex. These petitions were brought by many thousands of the county of Essex, and was accepted the 20. of Ianuary, into both Houses of Parliament. Published by order to prevent false coppies.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1642
Anônimo	An Extract of letters, wherein is related, certaine remarkable passages from Yorke & Hull.	Richard Olton and Gregory Dexter	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1642
Anônimo	A true relation of the latest occurrences in Ireland. Sent from the postmaster there, to a friend of his in London. Dated in Ireland, August 17. 1642.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1642
Anônimo	A True relation of the latest occurrences in Ireland. Sent from the postmaster there, to a friend of his in London. Dated in Ireland, August 17. 1642.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1642

Bridge, William	Two sermons: viz. I. The diseases that make a stoppage to Englands mercies discovered, and attended with their remedies. In a sermon delivered at Margarets on Fish-street-hill, London: bBy William Bridge, preacher of Gods Word. II. A preparation for suffering in these plundering times. It is ordered by the committee of the House of Commons in Parliament, concerning printing, that this book be printed. John White.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1643
Bridge, William	The wounded conscience cured, the weak one strengthened, [sic] and the doubting satisfied. By way of answer to Doctor Fearn. Where the main point is rightly stated, and objections throughly answered for the good of those who are willing not to be deceived. By William Bridge, preacher of Gods Word. It is ordered this 30. day of January, 1642. by the committee of the House of Commons in Parliament, concerning printing, that this answer to Dr. Fearn's book be printed. John White. The second edition, corrected and amended. Whereunto are added three sermons of the same author; 1. Of courage, preached to the volunteers. 2. Of stoppage in Gods mercies to England, with their [sic] remedies. 3. A preparation for suffering in these plundering times.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1643
Bridge, William	The wounded conscience cured, the weak one strengthened, and the doubting satisfied. By way of answer to Doctor Fearn: where the main point is rightly stated, and objections throughly answered, for the good of those who are willing not to be deceived. By William Bridge, preacher of Gods Word. It is ordered this 30. day of January 1642. by the committee of the House of Commons in Parliament, concerning printing, that this answer to Doctor Fearn's book be printed. John White.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1643

Fenwicke, John	Zions ioy in her King, comming in his glory. Wherein, the estate of the poore distressed Church of the Gentiles (travailing in the wilderness towards the new Jerusalem of the Jewes) in her utmost extremities, and height of her joyes, is lively delineated; in some mediations upon that propheticall Psalme 102. wherein the sense is opened, and many difficult places of Scripture inlightned by a harmony, and consent of the Scriptures. Delightfull and profitable to be read in these times of the Churches troubles, and much longed for restauration and deliverance. By Finiens Canus Vove. Compiled in exile, and lately now revised and somewhat augmented as the weight of the subject and the revolution of the times required. It is ordered this three and twentieth day of January, 1642 by the Committee of the Commons House of Parliament concerning printing, that this booke intituled Zions joy in her King, comming in his glory, be printed. John White.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1643
Fenwicke, John	Christ ruling in midst of his enemies; or, Some first fruits of the Churches deliverance, budding forth out of the crosse and sufferings, and some remarkable deliverances of a twentie yeeres sufferer, and now a souldier of Jesus Christ; together, with Secretarie Windebanks letters to Sr. Jacob Ashley and the Maior of Newcastle, through which the violent prosecutions of the common adversaries to exile and banishment, are very transparent. Wherein also the reader shall find in severall passages, publike and particular, some notable encouragements to wade through difficulties for the advancing of the great designe of Christ, for setting up of His kingdom, and the ruine of Antichrist. By Lieutenant Collonel, John Fenwicke.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1643
Foster, Henry	A true and exact relation of the marchings of the two regiments of the trained-bands of the city of London, being the red & blew regiments, as also of the three regiments of the auxiliary forces, the blew, red, and orange, who marched forth for the reliefe of the city of Glocester from August 23. to Sept. 28. Wherein the most materiall passages of every dayes marchings are briefly delineated. As also a true description of the severall battells and skirmishes had against the enemy at Stow the old Sept. 4. at Aburne Chase September 18. and at Newbery Septem. 20. Set forth for the satisfaction of many who earnestly desired information herein, By Henry Foster, quondam Serjeant to Cap. George Mosse.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1643
Greene, John, Feltmaker	The first man, or, A short discourse of Adams state: viz. 1. Of his being made a living soul. 2. Of the manner of his fall. By J.G.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1643

Greenhill, William	Axinē pros tēn rhizan. = The axe at the root, a sermon preached before the Honourable House of Commons, at their publike fast, April 26. 1643. By William Greenhill.	Richard Olton and Gregory Dexter	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1643
Mather, Richard	Church-government and church-covenant discussed, in an answer of the elders of the severall churches in New-England to two and thirty questions, sent over to them by divers ministers in England, to declare their judgments therein. Together with an apologie of the said elders in New-England for church-covenant, sent over in answer to Master Bernard in the yeare 1639. As also in an answer to nine positions about church-government. And now published for the satisfaction of all who desire resolution in those points.	Richard Olton and Gregory Dexter; and T. P. and Matthew Simmons	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1643
Mather, Richard	Church-government and church-covenant discussed, in an answer of the elders of the severall churches in New-England to two and thirty questions, sent over to them by divers ministers in England, to declare their judgments therein. Together with an apologie of the said elders in New-England for church-covenant, sent over in answer to Master Bernard in the yeare 1639. As also in an answer to nine positions about church-government. And now published for the satisfaction of all who desire resolution in those points.	Richard Olton and Gregory Dexter; and T. P. and Matthew Simmons	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1643
Mather, Richard	An apologie of the chvrches in New-England for chvrch-covenant. Or, A discourse touching the covenant betveen God and men, and especially concerning church-covenant, that is to say, the covenant which a company doe enter into when they become a church; and which a particular person enters into when he becomes a member of a church. Sent over in ansvver to Master Bernard, in the yeare 1639. And novv published for the satisfaction of all who desire resolution in this point.	Thomas Paine and Matthew Simmons	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1643
Preston, John	De irresistibilitate gratiæ convertentis, Thesis. Habita in scholis publicis academiæ Cantabrigiensis, A. Johanne Prestono SS. Theologiæ Doctore. Sereni[ss]imi Caroli Regis Angliæ Sacellano Domestico. Collegii Immanuelis in academia Cantabrigiensi præfecto, hospitiique Lincolniensis Londini ministro. Ex ipsius manuscripto.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1643
Simpson, Sidrach	Reformation's preservation: opened in a sermon preached at Westminster before the honourable House of Commons, at the late solemne fast, July 26. 1643. By Sidr. Simpson, minister of the Word. Published by order of that House.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1643

United Provinces of the Netherlands. Staten Generaal.	Secrets discovered. In Englands complaint or ovtcry against the high and mighty Lords, the States Generall of the United Provinces, for their perfidious, deceitfull, and unthankfull proceedings against the welfare of this kingdom. Clearly laid open in a letter transmitted to a friend who is a subject to the said states of Holland. Wherein is declared several acts of state, not onely between them and the Queene of England, but also betweene the said states and this present Parliament, by way of answer to our Parliaments severall declarations. Likewise, a discovery that notwithstanding their firme resolutions and promises to the representative body of this kindome, concerning their neutrality, have made use of the first opportunity to strengthen the enemy against us, and suffered our Queen (not only in the time she was there) to transport ... Translated out of a Dutch printed copy into English, to undeceive this Kingdom.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1643
Anônimo	A discovrse tending to prove the baptisme in, or under the defection of Antichrist, to be the ordinance of Jesus Christ. As also, that the baptisme of infants or children is warrantable, and agreeable to the Word of God. Together with a reply to the frivolous and impertinent answer of R.B. to the Discourse of P.B. In which discourse is shewed, that the baptisme in the defection of Antichrist, is the ordinance of God, notwithstanding the corruptions that attend the same, and that the baptisme of infants is lawfull, both which are vindicated from the exceptions of R.B. and further cleared by the same authour.	Richard Olton and Gregory Dexter	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1643
Anônimo	A True relation of a great victory obtained by the Parliament forces in Lincolnshire, under the command of the Lord Willoughby, Colonel Hobart, Colonel Cromwell, Lieutenant Generall Hotham. Declared in severall letters, one from Colonel Cromwell, to Colonel Hobart, dated from Shasten. And another from Master Bridge a minister, to a friend in London. Together with Colonel Hobart his answer to a letter sent him from some gentlemen, who were imprisoned in Crowland.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1643
Anônimo	Valour crovvned. Or A relation of the valiant proceedings of the Parliament forces in the closse at Lichfield, against Prince Ruperts- Discovering the honourable conditions upon which it was surrendred. As it was written from Lievtenant Colonell Russell, who was chiefe commander of the closse. Wherein is set downe word for word, the articles of agreement, as they were consented unto by the enemy; given under the hand and seale of Colonell Hastings, by the authority of Prince Rupert. Whereunto is annexed the copy of Colonell Hastings letter, to Lievtenant Colonell Russell, concerning their safe conveyance to Coventry, given under his owne hand.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1643

Anônimo	Victory proclaymed, in an exact relation of the valiant proceedings of the Parliament forces in their seige before Reading, from Aprill 15. to 27. As it was writ in two letters, and sent to some citizens in London, from those who were eyewitnesses of the same.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1643
Anônimo	Exploits discovered, in a declaration of some more proceedings of Serjeant Major Chudley, generall of the forces under the Earle of Stamford: against Sir Ralph Hopton. Fully relating the great overthrow given to him. As it was sent in a letter from Exon, (Aprill 29.) to a man of note in London. Also a briefe rehearsall of the severall victories, which the enemy, (to all their great discouragement), hath of late received by the Parliament forces.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1643
Ainsworth, Henry	A seasonable discourse, or, A censure upon a dialogue of the Anabaptists, intituled, A description of what God hath predestinated concerning man; is tryed and examined, wherein these seven points are handled & answered, viz. 1 Of predestination 2 Of election 3 Of reprobation 4 Of falling away 5 Of freewill 6 Of originall sinne 7 Of baptizing infants. By Henry Ainsworth.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1644
Archer, John	Comfort for beleevers about their sinnes & troubles. In a treatise shevving. That true beleevers, how weake soever in faith, should not be opprest, or perplex in heart; by any thing whatever befalls them; either in sinne, or afflictions. Together with divers other comfortable observations; gathered out of that counsell, given by Christ to his Apostles: and in them, to all beleevers. In John chap. 14. verses 1,2,3,4. By John Archer, Master of Art, sometime preacher of All-hallowes Lumbard-street. London.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1645
Archer, John	Instructions about right beleiving: severall sermons leading unto Christ, directing unto faith, and encouraging thereto. Shewing the nature, measure, and necessitie of the sense of sinne. Christ the bread of life, a sufficient remedy for mans misery; with the way and meane to obtain him; as also encouragements to come to him, from his abilitie and readinesse to give full soule-satisfaction. By John Archer, Master of Art, sometime preacher of All-hallowes Lumbard-street. London.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1645
Barbon, Praisegod	A defence of the lavvfulnesse of baptizing infants. As also of the present baptisme, as it hath continued in the severall ages of the world, from John Baptist the first beginner thereof. In way of answer to something written by lohn Spilsberie against the same.	Moses Bell	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1645
Greenhill, William	An exposition of the five first chapters of the prophet Ezekiel, with useful observations thereupon. Delivered in severall lectures in London, by William Greenhill.	Matthew Simmons	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1645

Powell, Walter	A summons for svwearers, and a law for the lips in reproving them: wherein the chiefe dissuasives from swearing are proposed, the sleight objections for swearing answered, the strange judgments upon swearers, forswearers, cursers, that take Gods name in vain, related. Which may be a terror to the wicked for swearing, and a preservative for the godly from swearing. With sundry arguments to prove the verity of the Scriptures, and excellencie of the decalogue, against all prophane and atheisticall deniers thereof. By Walter Powell, preacher at Standish, neer Gloucester.	Matthew Simmons	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1645
Sterry, Peter	The spirit convincing of sinne. Opened in a sermon before the Honorable House of Commons, assembled in Parliament upon the solemne day of their monethly fast, Novemb. 26. 1645. By Peter Sterry, sometimes Fellow of Emanuel Colledge in Cambridge. And now preacher of the Gospel in London. Published by order of the House of Commons.	Matthew Simmons	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1645
Anônimo	A moderate ansvver to Mr. Prins full reply to certaine observations on his first twelve questions: vwherein all his reasons and obiections are candidly examined and refuted. A short description of the congregational way discovered. Some arguments for indulgence to tende consciences modestly propounded. By the same author.	?	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1645
Bulkeley, Peter	The Gospel-covenant; or the covenant of grace opened. Wherein are explained; 1. The differences betwixt the covenant of grace and covenant of workes. 2. The different administration of the covenant before and since Christ. 3. The benefits and blessings of it. 4. The condition. 5. The properties of it. Preached in Concord in Nevv-England by Peter Bulkeley, sometimes fellow of Saint Johns Colledge in Cambridge. Published according to order.	Matthew Simmons	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1645
Homes, Nathanael	A vindication of baptizing beleevers infants. In some animadversions upon Mr. Tombes his Exercitations about infant baptisme; as also upon his Examen, as touching the antiquities and authors by him alledged or contradicted that concern the same. Humbly submitted to the judgement of all candid Christians, by Nathanael Homes. Published according to order.	Matthew Simmons	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1645
Böhme, Jakob	Two theosophicall epistles: wherein the life of a true Christian is described, viz. what a Christian is; and, how he cometh to be a Christian. Together, with a description, what a titular Christian is; and what the faith and life of both of them is. Whereunto is added, a dialogue between an enlightened and a distressed soule. By Jacob Bohmen. Written to a good friend of his, in a Christian brother-like and member-like admonition and good intention. Lately Englished out of the German language.	Matthew Simmons	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1645

Hooker, Thomas	A briefe exposition of the Lords Prayer: wherein the meaning of the words is laid open to the understanding of weake Christians, and what the carriage of their hearts ought to be in preferring each petition. By Mr. Tho. Hooker preacher of Gods word.	Moses Bell	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1645
Johnson, Francis	A brief treatise, containing some grounds and reasons against two errors of the Anabaptists: I. The one, concerning baptisme of infants. II. The other, concerning Anabaptisme of elder people. By Francis Johnson, pastor of the exiled English Church at Amsterdam.	Matthew Simmons	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1645
Spilsbery, John	Gods ordinance, the saints priviledge. Discovered and proved in two treatises. The first, the saints interest by Christ in all the priviledges of grace: wherein their right to the use of baptisme, and the Lords supper, even now during the reign of Antichrist, is cleared; and the objections of those that oppose the same, are answered. The second, the peculiar interest of the elect in Christ, and his saving grace: wherein it is proved that Christ hath not presented to his fathers justice a satisfaction for the sinnes of all men; but onely for the sinnes of those tha doe, or shall believe in him; which are his elect onely: and the objections of those that maintaine the contrary, are also answered. Both written by John Spilsberie. And the last transcribed, and somewhat enlarged, by Benjamin Coxe. Licensed, entred, and printed according to order.	Matthew Simmons	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1646
Younge, Richard	The cure of misprision: or Selected notes, upon sundry questions in controversie (of main concernment) between the word, and the world. Tending to reconcile mens judgements, and unite their affections. Composed and published for the common good: as being a probable means to cure prejudice, and misprision in such as are not past cure. by R. Junius.	Thomas Paine	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1646
Anônimo	The lavves and statutes of God, concerning the punishment to be inflicted upon wilfull murderers. With some briefe annotations by way of explanation upon the same. Shewing (unto all those that are ignorant of it) that the (under God) most high and supream courts of magistracie and iudicature, the Parliaments of England, and Scotland may lawfully, and are bound in point of iustice, to make warre against, and shed the bloud of all those wilfull murderers, that are risen up in arms unjustly against them and Gods people in both these kingdoms, and in Ireland. Also, some portions of scripture, for terror to those that despise the word of God, and follow the wisdom and policy of the flesh: and for the comfort and assurance of those that doe hearken unto the counsell of the Lord, and walk in his wayes. Published according to order.	Matthew Simmons	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1646

Lockyer, Nicholas	England faithfully watcht with, in her vvounds: or, Christ as a father sitting up with his children in their swooning state: which is the summe of severall lectures, painfully preached upon Colossians 1. By Nicho. Lockyer, M.A. Published according to order.	Matthew Simmons	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1646
Sterry, Peter	The spirits conviction of sinne. Opened in a sermon before the Honorable House of Commons, assembled in Parliament upon the solempne day of their monethly fast, Novemb. 26. 1645. By Peter Sterry, sometimes fellow of Emanuel Colledge in Cambridge. And now preacher of the Gospel in London. Published by order of the House of Commons.	Matthew Simmons	Benjamin Allen	Benjamin Allen	1646
Burroughs, Jeremiah	A sermon preached before the Honorable House of Commons assembled in Parliament, at their late solemn fast, August 26. 1646. in Margarets Westminster. By Jer: Burroughes.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1646
Cradock, Walter	The saints fulnesse of joy in their fellowship with God: presented in a sermon preached July 21. 1646. before the Honorable House of Commons in Margarets Westminster, being the day appointed for thanksgiving for the surrender of Oxford. By the least of saints, and the meanest of the ministers of the Gospel, W. Cradock.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1646
Cradock, Walter	The saints fulnesse of joy in their fellowship with God: presented in a sermon preached July 21. 1646. before the Honorable House of Commons in Margarets Westminster, being the day appointed for thanksgiving for the surrender of Oxford. By the least of saints, and the meanest of the ministers of the Gospel, W. Cradock.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1646
Powell, Vavasor	The scriptvres concord: or A catechisme, compiled out of the words of Scripture, wherein is the summe of the way of salvation, and spirituall things compared with the spirituall. Intended and translated for the good of Wales; and now in English, chiefly for the use of Dartfords little-ones. By Vavasor Povvell, late preacher there. Whereunto is added a brief description of the threefold state of en elect person, (viz.) of nature, grace, glory: or, without Christ, in Christ, with Christ. Published according to order.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1646
Brightman, Thomas	Brightman redivivus: or The post-humian of-spring of Mr. Thomas Brightman, in IIII. sermons. Viz. 1. Of the two covenants. 2. The danger of scandals. 3. Gods commission to Christ to preach the Gospell. 4. The saints securitie.	Thomas Forcet	Hannah Allen	Hannah Allen	1647

Chidley, Samuel	A Christian plea for infants baptisme. Or A confvtation of some things written by A.R. in his treatise, entituled, The second part of the vanitie and childishnesse of infants baptisme. In the answer whereof, the lawfulnessse of infants baptisme is defended, and the arguments agatnst [sic] it disproved, by sufficient grounds and forcible reasons, drawn from the sweet fountains of holy Scripture, S.C.	?	Hannah Allen	Hannah Allen	1647
Cotton, John	The bloody tenent, washed, and made white in the blood of the Lambe: being discussed and discharged of blood-guiltinesse by just defence. Wherein the great questions of this present time are handled, viz. how farre liberty of conscience ought to be given to those that truly feare God? And how farre restrained to turbulent and pestilent persons, that not onely raze the foundation of godlinesse, but disturb the civill peace where they live? Also how farre the magistrate may proceed in the duties of the first table? And that all magistrates ought to study the word and will of God, that they may frame their government according to it. Discussed. As they are alledged from divers Scriptures, out of the Old and New Testament. Wherein also the practise of princes is debated, together with the judgement of ancient and late writers of most precious esteeme. Whereunto is added a reply to Mr. Williams answer, to Mr. Cottons letter. By John Cotton Batchelor in Divinity, and teacher of the Church of Christ at Boston in New England.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1647
Cotton, John	Singing of Psalmes a Gospel-ordinance. Or A treatise, wherein are handled these foure particulars. 1. Touching the duty it selfe. 2. Touching the matter to be sung. 3. Touching the singers. 4. Touching the manner of singing. By John Cotton, teacher of the church at Boston in New-England.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1647
England and Wales Army	Divers papers from the army: viz. 1. Marshall Generall Skippons speech to the army, May the 15th. 2. The answer of the army: wherein they set downe their grievances. Whereunto are added other papers of concernment.	?	Hannah Allen	Hannah Allen	1647
Jessey, Henry	The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight, lately hopeles and restles, her soule dwelling as far from peace or hopes of mercy, as ever was any. Now hopefull, and joyfull in the Lord, that hath caused to shine out of darknes; that in and by this earthen vessell, holds forth his own eternall love, and the glorious grace of his dear Son, to the chiefest of sinners. Who desired that others might hear and know, what the Lord had done for for soul, (that was so terrified day & night:) and might neither presume, nor despair and murmure against God, as shee hath done published for the refreshing of poor souls, by an eye and ear-witnes of a good part thereof, Henry Jesse, a servant of Jesus Christ.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1647

Jessey, Henry	The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight, lately hopeles and restles, her soule dwelling far from peace or hopes thereof. Now hopefull, and joyfull in the Lord, that hath caused light to shine out of darknes; that in the Lord, that hath caused light to thine out of darkness; that in and by this earthen vessell, holds forth his own eternall love, and the glorious grace of Jesus Christ, to the chiefest of sinners. Who desired that others might hear and know, what the lord had done for her soul, (that was so terrified day and night:) and might neither presume, nor despair and murmure against God, as thee hath done. Published for the refreshing of poor souls, by an eye and ear-witness of a good part thereof, Henry Jesse, a servant of Jesus Christ.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1647
Manton, Thomas	Meate out of the eater, or, Hopes of unity in and by divided and distracted times. Discovered in a sermon preached before the Honourable house of Commons at Margarets Westminster on their solemne day of fast, June 30. 1647. By Tho: Manton Minister of Stoke-Newington.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1647
Mather, Richard	A reply to Mr. Rutherfurd, or a defence of the answer to Reverend Mr. Herles booke against the independency of churches. VVherein such objections and answers, as are returned to sundry passages in the said answer by Mr. Samuel Rutherfurd, a godly and learned brother of the Church of Scotland, in his boke intituled The due right of Presbyters, are examined and removed, and the answer justified and cleared. By Richard Macher [sic] teacher to the church at Dorchester in New England. 1646.	?	Hannah Allen	Hannah Allen	1647
Powell, Vavasor	The Scriptures concord or, A catechisme compiled out of the words of scripture, wherein is the summe of the way of salvation, and spirituall things compared with spirituall. By V.P. The third edition corrected. Hereunto is added a brief description of the threefold state of an elest persou, (viz) of nature, grace, glory: or without Christ, in Christ, with christ. Published according to order.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1647
Richardson, Samuel	The saints desire; or a cordiall for a fainting soule. Declaring that in Christs righteousness onely, (and in nothing else) there is life, happinesse, peace, strength, comfort, joy, and all the fulnesse of perfection. Also, the happy estate of a man in Christ; the life he lives, wherein he is exercised, his experiences, and his desires to enjoy God, &c. By Samuel Richardson.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1647

Richardson, Samuel	Justification by Christ alone, a fountaine of life and comfort, declaring that the whole worke of mans salvation was accomplished by Jesus Christ upon the crosse, in that he tooke away & healed all his, from all sinnes, and presented them to God holy without fault in his sight. And the objections against this are answered, for the consolation of such as beleive; & that they may not ascribe that which is proper to Christs preistly office, to their beleiving. By Samuel Richardson.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1647
Robotham, John	The preciousnesse of Christ unto beleivers. Or, A treatise wherein the absolute necessity, the transcendent excellency, the supereminent graces, the beauty, rarity and usefulness of Christ is opened and applied. By John Robotham, preacher of the Gospel.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1647
Venning, Ralph	Orthodoxe paradoxes, or, a beleiver clearing truth by seeming contradictions, with an appendix, called the Triumph of assurance. By Ralph Venning of Immanuel Colledge in Cambridge.	Edward Griffin	Hannah Allen	Hannah Allen	1647
Younge, Richard	The cure of misprision: or Selected notes upon sundry questions in controversie (of main concernment) between the word and the world, tending to reconcile mens judgements, and unite their affections. VVherein every man may read his owne thoughts touching piety; and see how agreeable they are, to what they should be. by R. Junius.	Thomas Paine	Hannah Allen	Hannah Allen	1647
Charles I	A briefe abstract of the Kings letters to the Queene. VVith some observations thereupon. VVherein His Majesties actions are deciphered. By a person of qualitie.	?	Hannah Allen	Hannah Allen	1648
Jessey, Henry	The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs Sarah Wight, lately hopeles and restless, her soule dwelling far from peace or hopes thereof. Now hopefull, and joyfull in the Lord, (that hath caused light to shine out of darknes; that in and by this earthen vessell, holds forth his own eternall love, and the glorious grace of Jesus Christ, to the chieftest of sinners.) Who desired that others might hear and know, what the Lord had done for her soul, (that was so terrified day and night:) and might neither presume, nor despair and murmur against God, as shee hath done. Published for the refreshing of poor souls, by an eye and ear-witnes of a good part thereof, Henry Jesse, a servant of Jesus Christ.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1648

Jessey, Henry	The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, viz. Mrs. Sarah Wight lately hopeles and restless, her soule dwelling far from peace or hopes thereof : now hopefull and joyfull in the Lord, that hath caused light to shine out of the darkness ... / published for the refreshing of poor souls, by an eye and ear-witness of a good part thereof, Henry Jesse ...	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1648
Moore, Samuel	Theosplanchnistheis. Or, The yernings of Christs bowels towards his languishing friends. Wherein the sincerity, ardency, constancy, and super-eminent excellency of the love of Jesus Christ; as it workes from him towards his friends: is delineated, discussed, and fitly applied; by S.M. minister of the Gospel of God.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1648
Simpson, John	The perfection of justification maintained against the Pharise: the purity of sanctification against the stainers of it: the unquestionableness of a future glorification against the Sadduce: in severall sermons. Together with an apologeticall answer to the ministers of the new province of London in vindication of the author against their aspersions. By John Simpson, an unworthy publisher of gospel-truths in London.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1648
Troughton, William	Saints in England under a cloud; and their glory eclipsed in this life. Or, The case of desertion briefly stated in a few considerations with severall symptommes of the saints decreasing and declining in spirituals. Very usefull in these times, wherein there is much of notion, and little of the power of godliness manifested. Published for the edification of the faithfull, by W.T. M.G.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1648
Venning, Ralph	Orthodoxe paradoxes, theoreticall and experimentall. Or, A believer clearing truth by seeming contradictions. With an appendix, called the triumph of assurance. By Ralph Venning of Immanuel Colledge in Cambridge.	Edward Griffin	Hannah Allen	Hannah Allen	1648
Wishart, George	The history of the King's affairs	?	Hannah Allen	Hannah Allen	1648
Anônimo	Two letters from the Isle of VVight. Being a true relation of Mr. Osburns carriage and proceedings: and His Majesties speech to the Governor. With other particulars worthy observation of intelligent men. Sent from one of his Majesties attendants, to a friend of his in London.	?	Hannah Allen	Hannah Allen	1648
Anônimo	The Kentish petition: to the Honourable, the Commons now sitting in Parliament: the humble petition of diverse well-affected in the county of Kent, the city and county of Canterbury, together with the Cinque Ports, in the behalfe of themselves and others.	?	Hannah Allen	Hannah Allen	1648

Anônimo	The Scots cabinet opened. Wherein you have a short and full account of the secret transactions of the late affaires, by the Scots Commissioners with the King and Parliament, and the invisible steps, by which wee are brought to a new warre. Together with some quæries concerning a personall treatie; propounded to awaken the spirits of all true English-men, to take heed of the Scots designs.	?	Hannah Allen	Hannah Allen	1648
Cooper, William	Higayon selah. Jerusalem fatal to her assailants. Discovered in a sermon before the Honorable House of commons August 29. 1649. At Margarets Westminster, upon their solemn day of thanksgiving for that signall victory over the Lord Ormond, in routing his whole army, and raising the seige of Dublin in Ireland, by the garrison thereof under the command of lieutenant Generall Jones. By William Cooper M.A. minister of the gospel at Olaves Southwark.	John Clowes	For the author	Hannah Allen	1649
Durant, John	Sips of sweetnesse; or, Consolation for weake beleivers. A treatise, discoursing of the sweetnesse of Christs carriage towards all his weake members. Particularly to such as are weake either 1. Habitually; or 2. Accidentally, by reason of 1. Working. 2. Sinning; or 3. Suffering. Being the summe of certain sermons preached upon Isa. 40. 11. By John Durant preacher of the gospel in the city of Canterbury.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1649
Durant, John	Sips of sweetnesse; or, Consolation for weake be[le]ivers. [A] treatise, dis[coursi]ng of the sweetness of Christs carriage towards all his weake members. Particularly to such as are weake either, 1. Habitually; or 2. Accidentally, by reason of 1. Working. 2. Sinning; or 3 Suffering. Being the summe of certaine sermons preached upon Isa. 40.11. By John Durant preacher of the Gospel.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1649
England and Wales Army	The humble ansvver of the General Council of officers of the Army, under His Excellencie, Thomas, Lord Fairfax. To the demands of the Honorable the Commons of England, assembled in Parliament, concerning the late securing, or secluding of some Members thereof. Signed, in the name, and by the appointment of the Generall Councell of the officers of the Army. Jo: Rushworth Secr.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1649
Gerbier, Balthazar, Sir	The first lecture, of geographie, (vvhich is a description of the terestriall globe) read publicly at Sr. Balthazar Gerbier his academy, at Bednall-Greene.	Gartrude Dawson	Hannah Allen	Hannah Allen	1649
Gerbier, Balthazar, Sir	The first lecture, of an introduction to cosmographie, (vvhich is a description of all the world) read publicly at Sr. Balthazar Gerbier his academy, at Bednall-Greene.	Gartrude Dawson	Hannah Allen	Hannah Allen	1649
Gerbier, Balthazar, Sir	The first publique lecture, read at Sr. Balthazar Gerbier his accademy, concerning military architecture, or fortifications, to the lovers of virtue, come hither to that purpose.	Gartrude Dawson	Hannah Allen	Hannah Allen	1649

Greenhill, William	An exposition of the five first chapters of the prophet Ezekiel, with useful observations thereupon. Delivered in several lectures in London, by William Greenhill.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1649
Greenhill, William	An exposition continued upon the sixth, seventh, eighth, ninth, tenth, eleventh, twelfth, and thirteenth chapters of the prophet Ezekiel, with useful observations thereupon. Delivered in severall lectures in London, By William Greenhill.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1649
Hooker, Thomas	The covenant of grace opened: wherein these particulars are handled; viz. 1. What the covenant of grace is, 2. what the seales of the covenant are, 3. who are the parties and subjects fit to receive these seales. From all which particulars infants baptisme is fully prove and vindicated. Being severall sermons preached at Hartford in New-England. By that reverend and faithfull minister of the gospel, Mr Thomas Hooker.	Gartrude Dawson	Hannah Allen	Hannah Allen	1649
Kentish, Richard, Rev	Kath' hyperbolēn hodos. Or, The way of love, set forth in a sermon preached at Pauls Septemb: 10. 1648. Before the Right Honourable, John Warner Esq; then Lord Mayor of the City of London. By Richard Kentish, preacher of the gospel at Katharines, neere the Tower of London.	?	Hannah Allen	Hannah Allen	1649
Lawrence, Henry	Some considerations tending to the asserting and vindicating of the use of the Holy Scriptures, and Christian ordinances; against the practice and opinions of certaine men of these times. Wherein also particularly, by way of an illustrious instance, to the foregoing discourse, the ordinance of baptisme (so importunately of late decryed by some, as a thing legall and Jewish) is manifested to be of gospell-institution, and by divine appointment to continue still of use in the church.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1649
Lisle, Francis	The kingdoms divisions anatomized, together with a vindication of the Armies proceedings. By Franciscus Leinsula.	John Clowes	Hannah Allen	Hannah Allen	1649
N. T.	The resolver, or, A short vvord, to the large question of the times. Concerning the Parliament: and confirming the proceedings about the King. Being, a letter written to a deare friend, tending to satisfie him. At least, to shew the authour rationall, in approving the proceedings of the Army. Imprimatur Gilbert Mabbot.	John Clowes	Hannah Allen	Hannah Allen	1649
N. T.	The resolver continued, or, Satisfaction to some scruples about the putting of the late King to death. In a letter from a minister of the Gospel, to a Friend in London; together, with a word to the Parliament, the High Court of Justice, Malignants, discontented Friends, and the People of the Nation.	John Clowes	Hannah Allen	Hannah Allen	1649

Powell, Vavator	God the father glorified: and the worke of mens redemption, and salvation finished by Iesus Christ on earth. Opened in a sermon before the Right Honorable the Lord Major, and the Right Worshipful the sheriffes, aldermen, and recorder, of the Citie of London, the second day of the tenth moneth (called December) 1649. By Vavator Powell, a willing (though weake) labourer in Christs vine-yard in Wales.	Charles Sumptner	Hannah Allen	Hannah Allen	1649
Richardson, Samuel	An ansvver to the London ministers letter: from them to his Excellency & his Counsel of VVar; as also an answer to John Gerees book, entituled, Might overcoming right; with an answer to a book, entituled, The Armies remembrancer. Wherein it appears the accusations of the Army are unjust, and the Armies proceedings justified by the Word of God, and by the light of nature and reason. Also a discovery of that learning, and ordination these ministers have, and the vanity and insufficiencie thereof, by the Word of God, and that those are the things with which they delude and deceive the people. By Samuel Richardson.	John Clowes	Hannah Allen	Hannah Allen	1649
Anônimo	The navall expedition, of the Right Honourable, Robert, Earle of Warwick, (Lord High Admiral of England) against the revolted ships: being a true and perfect relation of the whole expedition, from their first setting out from Chatham, to their returne againe into the Downes. Also a narrative or briefe relation of the severall acts of Gods providence to the Parliaments fleete, under his Lordships command in the said expedition: together with a detestation of that scandalous pamphlet of joyning or adhearing to the Prince his fleete. All which is published by the severall and respective commanders under his Lordship in vindication of his honour, and themselves: to which they have all set their hands.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1649
Anônimo	The glorious progress of the Gospel, amongst the Indians in New England. Manifested by three letters, under the hand of that famous instrument of the Lord Mr. John Eliot, and another from Mr. Thomas Mayhew jun: both preachers of the Word, as well to the English as Indian in New England. Wherein the riches of Gods grace in the effectuall calling of many of them is cleared up: as also a manifestation of the hungry desires of many people in sundry parts of that country, after the more full revelation of the Gospel of Jesus Christ, to the exceeding consolation of every Christian reader. Together, with an appendix to the foregoing letters, holding forth conjectures, observations, and applications. By I.D. minister of the Gospell. Published by Edward Winslow.	?	Hannah Allen	Hannah Allen	1649

Anônimo	A parallell between the ministerial ingenuity of the forty seven London ministers: and the foule miscarriages of the Army, in their declarations, and covenants-breaking. With an answer to some of the most materiall things contained in a letter from the ministers in the province of London, whose names are therunto subscribed, delivered to his Excellency, Jan 18. 1648.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1649
Brooks, Thomas	The hypocrite detected, anatomized, impeached, arraigned, and condemned before the Parliament of England. Or, a word in season. Shewing hypocrites to be the prime objects of Gods wrath; and the grounds of it: with speciall lessons that we are to learn from it. Expressed in a sermon preached before the Parliament of England, upon their last thanksgiving day, being the 8th of Octob. 1650. for the late great victory that the Lord of Hosts gave our army over the Scots army in a battell at Dunbarr: Septemb. 3. 1650. By Thomas Brooks, a weak and unworthy teacher of the Gospel at Thomas Apostles London.	Francis Neile	Hannah Allen	Hannah Allen	1650
Cotton, John	Of the holinesse of church-members. By John Cotton teacher of the Church of Christ in Boston in New-England.	Francis Neile	Hannah Allen	Hannah Allen	1650
Cotton, John	Singing of Psalmes a gospel-ordinance. Or a treatise, wherein are handled these particulars: 1. Touching the duty it selfe. 2. Touching the matter to be sung. 3. Touching the singers. 4. Touching the manner of singing. By John Cotton, teacher of the church at Boston in New-England.	?	Hannah Allen	Hannah Allen	1650
Cromwell, Oliver	A letter sent to the Generall Assembly of the kirke of Scotland: by Oliver Cromwell Lord Generall of the army of the Common-wealth of England now in Scotland &c.	?	Hannah Allen	Hannah Allen	1650
Durant, John	A discovery of glorious love, or, The love of Christ to beleevers opened, in the truth, transcendency, and sweetnesse thereof together with the necessity that lyes upon every beleever, to strive after the spirituall and experimentall knowledge of it : being the sum of si sermons preached upon Ephesians 3. 19 / by John Durant ...	Robert Ibbitson	Hannah Allen	Hannah Allen	1650
Greenhill, William	An exposition of the five first chapters of the prophet Ezekiel with useful observations thereupon / delivered in severall lectures in London by William Greenhill.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1650

King, Daniel	A way to sion sought out, and found, for believers to walke in. Or, A treatise consisting of three parts. In the first part is proved, 1. That God hath had a people on earth, ever since the coming of Christ in the flesh, throughout the darkest times of popery, which he hath owned as saints, and as his Church. 2. That these saints have power to reassume and take up as their right, any ordinance of Christ, which they have beene deprived of by the violence and tyranny of the man of sin. Wherein it is cleared up by scriptures, and arguments grounded upon scripture, who of right may administer ordinances, and amongst the rest the ordinance of baptisme with water. The 2. part containeth a full and large answer to 13. exceptions against the practice of baptizing believers, wherein the former particulars are more fully cleared up. The 3. part proveth that outwar ordinances, and amongst the rest the ordinance of baptisme is to continue in the church, and this truth cleared up from intricate turnings & windings, clouds & mists that make the way doubtful & dark. By Daniel King, preacher of the Word neere Coventry.	Charles Sumptner	Hannah Allen	Hannah Allen	1650
Menasseh Ben Israel	The hope of Israel: written by Menasseh ben Israel, a Hebrew divine, and philosopher. Newly extant, and printed in Amsterdam, and dedicated by the author to the High Court, the Parliament of England, and to the Councell of State. Translated into English, and published by authority. In this treatise is shewed the place wherein the ten tribes at this present are, proved partly by the strange relation of one Anthony Montezinus, a Jew, of what befell him as he travelled over the Mountaines Cordillære, with divers other particulars about the restoration of the Jewes, and the time when.	Robert Ibbitson	Hannah Allen	Hannah Allen	1650
Powell, Vavasor	God the father glorified: and the worke of mens redemption, and salvation, finished by Jesus Christ on earth. Opened in a sermon before the Right Honourable the Lord Maior, and the Right Worshipfull the sheriffes, aldermen, and recorder of the city of London, the second da of the tenth moneth (called December) 1649. By Vavasor Powell, a willing (though weak) labourer in Christs vine-yard in Wales.	Charles Sumptner	Hannah Allen	Hannah Allen	1650
Powell, Vavasor	Christ and Moses excellency, or Sion and Sinai's glory. Being a triplex treatise, distinguishing and explaining the two covenants or the gospel and law: and directing to the right understanding applying, and finding of the informing and assuring promises, that belong to both Covenants. By Vavasor Povvell, preacher of the Gospel in Wales.	Robert Ibbitson	Hannah Allen	Hannah Allen	1650

Sibellius, Caspar	Of the conversion of five thousand and nine hundred East-Indians, in the isle Formosa, neere China, to the profession of the true God, in Jesus Christ; by meanes of M. Ro: Junius, a minister lately in Delph in Holland. Related by his good friend, M.C. Sibellius, pastor in Daventrie there, in a Latine letter. Translated to further the faith and joy of many here, by H. Jessei, a servant of Jesus Christ. With a post-script of the Gospels good successe also amongst the VWest-Indians, in New-England. Imprimatur, Joseph Caryl.	John Hammond	Hannah Allen	Hannah Allen	1650
Venning, Ralph	Orthodox paradoxes, theoreticall and experimentall. Or A believer clearing truth by seeming contradictions. With an appendix, called The triumph of assurance. By Ralph Venning of Immanuel Colledge in Cambridge.	Edward Griffin	Hannah Allen	Hannah Allen	1650
Venning, Ralph	Orthodoxe paradoxes, theoreticall and experimentall. Or A believer clearing truth by seeming contradictions. With an appendix, called the Triumph of assurance. By Ralph Venning of Immanuel Colledge in Cambridge.	Charles Sumptner	Hannah Allen	Hannah Allen	1650
Cradock, Walter	Gospel-holinesse	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1651
Durant, John	Comfort & counsell for dejected soules. Or A treatise concerning spirituall dejection. In which is handled, 1 The nature 2 The working 3 The grounds 4 The remedies of spirituall dejection. And in which is held forth, satisfaction to some particular cases, and generall advice for any soule who is cast downe. Being the heads and sum of divers sermons preached to a particular congregation from Psalm 42. last. By John Durant, preacher of the Gospel, and pastour of a church of Christ in Canterbury.	Robert Ibbitson	Hannah Allen	Hannah Allen	1651
Greenhill, William	An exposition of the five first chapters of the prophet Ezekiel, with useful observations thereupon. Delivered in severall lectures in London, by William Greenhill.	Matthew Simmons	Hannah Allen	Hannah Allen	1651
Gerbier, Balthazar, Sir	Some considerations on the two grand staple--commodities of England: and on certain establishments, wherein the publike good is very much concerned. Humbly presented to the Parliament, by Sir Balthazar Gerbier kt.	T. Mab and A. Coles	Hannah Allen	Hannah Allen	1651
Ainsworth, Henry	A seasonable discourse. Or, A censure upon a dialogue of the Anabaptists: intituled, A description of what God hath predestinated concerning man; is tryed and examined, wherein these seven points are handled and answered, viz 1. of predestination 2. of election 3. of reprobation 4. of falling away 5. of freewill 6. of originall sinne 7. of baptizing infants. By Henry Ainsworth.	Matthew Simmons	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1651

Greenhill, William	An exposition continued upon the fourteenth, fifteenth, sixteenth, seventeenth, eighteenth, and nineteenth chapters of the prophet Ezekiel, with many useful observations thereupon. Delivered at severall lectures in London. By William Greenhill.	Matthew Simmons	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1651
Menasseh Ben Israel	The hope of Israel: written by Menasseh Ben Israel, an Hebrew divine, and philosopher. Newly extant, and printed at Amsterdam, and dedicated by the author, to the High Court the Parliament of England, and to the councill of state. Whereunto are added some discourses upon the point of the conversion of the Jewes: by Moses Wall.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1651
Nichols, Charles	The hue and cry after the priests: who wander from benefice to benefice, directed to those who are neer neighbours to the great parsonages, where (if it be possible) they are to be found. It being an ansver to the Ministers hue and cry; published by a devout clergy-man; R. Culmer. The dialogue explained, the priests dresse pulled off, the speakers, who in the parsons attireing-house were cloathed in a disguise; Mr. Culmers speakers. Paul Sheepheard. Barnaby Sheafe. ... Alias, Paul Sheep-biter; Barnaby Shift; ... hoping the hours approach wherein he shall no longe tythe. The imprimatur saith, let this hue and cry passe, follow it hast; post hast. Let it passe the parochiall, provinciall, classicall combination; but for all your haste, we must examine its warrant, least it be a false pretence, and not sealed with the royall signet of King Jesus. Published by the weakest and unworthiest of the labourers in Gods vine-yard. Charles Nichols.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1651
Powell, Vavator	Saving faith set forth in three dialogues, or Conferences: 1 2 3 between Christ and a publican. Pharisee. Doubting beleever. Whereunto is added tvo sermons one of them preached before the Parliament the other before the Lord Mayor of the City of London. By Vavator Powell, minister of the Gospell.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1651

Anônimo	To the supreame iudicature of this our free nation; the Parliament of England. The humble declaration of many of the burdened, but well-affected inhabitants of the county of Kent, shewing their grounds for their non-payment, and their grievances in being forct to the payment of tythes. Or some citizens of Zion vindicating the immunitie of Jerusalem under the gospel (by charter from the King of Kings) from the payment of tythes, in which liberty they desire to stand. Or tythes unpaid under the gospel no sacriledge; tythmongers by the law of the gospel non-suited; the pulpit mists being scattered, and the clergie mens tookees of account being clisped, they appeare no debt by the statute-law of King Jesus, they being but a ragge of the vaile of Moses, a strange offering under the ministration of Christ. Whose churches are not robbed by not paying, but by having tythes forct from them.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1651
Anônimo	Englands apology for its late change: or, A sober persvasive, of all disaffected or dissenting persons, to a seasonable engagement, for the settlement of this common-vvealth. Drawne from The workings of providence. The state of affaires. The danger of division.	Matthew Simmons	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1651
Anônimo	A declaration of divers elders and brethren of congregationall societies, in and about the city of London. Decrying and disclaiming two bookes; one called a cry; and the other book called A model of a new representative. Wherein their judgements touching the qualifications of electors, and eligible persons, are tendred to consideration, in way of vindication of themselves from unjust aspersions.	Matthew Simmons	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1651
Anônimo	A confession of faith, of several congregations or churches of Christ in London, which are commonly (though unjustly) called Anabaptists. Published, for the vindication of the truth, and information of the ignorant; likewise for the taking off of those aspersions which are frequently, both in pulpit, and print unjustly cast upon them. Unto which is added, Heart bleeding for professors abominations. Or A faithfull generall epistle (from the same churches) presented to all who have known the way of truth, forewarning them to flee security, and carelesse walking under the profession of the same, discovering some of Sathans wiles, whereby also, wantonpersons [sic] and their ungodly wayes are disclaimed.	Matthew Simmons	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1651
Audley, John	Englands common-wealth, shewing the liberties of the people. The priviledges of Parliament, and the rights of the souldiery. With epistles to the persons mentioned, concluding the severall parts hereof. Written by John Audley a preacher of the Gospel, and a well wisher to them that imbrace it.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1652

Eyre, William	Christ's scepter advanc'd, or The righteous administrations of Christ's kingdome, set forth for the imitation of earthly rulers; in a sermon preached at the assizes holden in the city of New Sarum, in the county of Wilts on Saturday the 31 of July, 1652. By William Eyre, Pastor of a Church in the same city.	Gartrude Dawson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1652
Jessey, Henry	The exceeding riches of grace advanced by the spirit of grace, in an empty nothing creature, (viz.) Mrs. Sarah Wight, lately hopeles and restless: her soul now hopefull and joyful in the Lord, (that hath caused light to shine out of the darkness; that in and by this earthen vessel, holds forth his own eternal love, and the glorious grace of Jesus Christ, to the chiefest of sinners. Who desired that others might hear and know, what the Lord had done for her soul, (that was so terrified day and night;) and might neither presume, nor despair and murmur against God, as she hath done. Published for the refreshing of poor souls, by an eye and ear-witness of a good part thereof, Henry Jessey, a servant of Jesus Christ.	J. Moxon	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1652
Junius, Richard	The carnall man anatomized. Or, the grand cause of mans alienation from, and opposition to God discovered, removed and cured. A treatise VVherein every naturall man may see his distempers and cure. By R. Junius.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1652
Lawrence, Henry	A plea for the vse of gospell ordinances: against the practice and opinions of certain men of these times. Unto which is added by way of an illustrious instance; a vindication of the ordinance of baptisme: against Mr. Dels booke, entituled The doctrine of baptismes. Wherein it's proved that the ordinance of baptism is of gospel institution, and by divine appointment, to continue of use in the Church, to the end of the world. By Hen: Laurence Esq;	Matthew Simmons	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1652
Menasseh Ben Israel	The hope of Israel written by Menasseh Ben Israel, an Hebrew divine, and philosopher. Newly extant, and printed at Amsterdam, and dedicated by the author, to the High Court, the Parliament of England, and to the councill of state, the second edition corrected and amended Whereunto is added, in this second edition, some discourses upon the point of the conversion of the Jewes. By Moses Wal[l].	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1652
Robotham, John	An exposition on the whole book of Solomons Song; commonly called the Canticles. Wherein the text is explained, and usefull observations raised thereupon. By John Robotham (formerly near Chichester, and now in Dover) preacher of the Gospel.	Matthew Simmons	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1652

Troughton, William	Scripture redemption, restrayned and limited; or An antidote against universal redemption, in ten reasons or arguments, deduced from plain Scripture. Briefly propounded in a sermon at the lecture in Mountsorrel in Leicestershire, March 3. 1651/2. Now contracted and published for strengthning the weak, and reducing misled souls who attend not the publike Ministry in those parts. Whereunto is added, The saints declining state under gospel administrations, &c. Worthy the reading and study of all Christians. By William Troughton, Minister of the Gospel at Onlepp in Leicestershire.	J. Moxon	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1652
Troughton, William	The saints declining state under gospel administrations. Or, The case of desertion briefly stated in a few considerations; with severl symptoms of the Saints decreasing and declining in spirituals. Very useful in these times, wherein there is much of notion, and little of the power of Godliness manifested. By William Troughton, minister of the Gospel, at Wanlep in Leicestershire.	J. Moxon	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1652
Venning, Ralph	Orthodox paradoxes, theoretical and experimental. Or, A believer clearing truth by seeming contradictions. With an appendix, called The triumph of assurance. By Ralph Venning.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1652
Anônimo	A confession of faith, of the several congregations or churches of Christ in London, which are commonly (though unjustly) called Anabaptists. Published, for the vindication of the truth, and information of the ignorant; likewise for the taking off of those aspersions which are frequently, both in pulpit, and print unjustly cast upon them. Unto which is added, Heart bleedings for professors abominations, or a faithfull generall epistle (from the same churches) presented to all who have knowne the way of truth, forewarning them to flee security and carelesse walking under the profession of the same, discovering some of Sathans wiles, whereby also, wanton persons and their ungodly wayes are disclaimed.	Matthew Simmons	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1652
Anônimo	To the supreame authoritie the Parliament of the Common-vvealth of England. The humble petition of the officers of the army. Sheweth, that wee having had divers meetings to seeke the Lord, and to speake of the great things God hath done for this Common-wealth, it hath been set upon our hearts as our duty to offer such things, on the behalf of this nation, as in our judgements and consciences might tend to the peace and well-being thereof, and therefore in pursuance of the same, have with one consent thought fit humbly to present to you the particulars following, which wee desire may be taken into serious consideration.	Matthew Simmons	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1652

Aspinwall, William	A brief description of the fifth monarchy, or kingdome, that shortly is to come into the world: the monarch, subjects, officers and lawes thereof, and the surpassing glory, amplitude, unity, and peace of that kingdome. When the kingdome and dominion, and the greatnesse o the kingdome under the whole heaven shall be given to the people, the saints of the most high, whose kingdome is an everlasting kingdome, and all soveraignes shall serve and obey him. And in the conclusion there is added a prognostick of the time when the fifth kingdome shall begin. by William Aspinwall, N.E.	Matthew Simmons	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1653
Cary, Mary	The resurrection of the witnesses, and Englands fall from (the mystical Babylon) Rome clearly demonstrated to be accomplished. Wherein it is made appparent by undeniable and unanswerable arguments, that the prophecie in Rev. 11. of the slaying of the witnesses, and of their raising again, was exactly fulfilled in the years 1641, 42, 43, 44, and 45. The year 1645. being the year of their raising, since which they have gon on (and shall go on still) conquering and to conquer. Upon which account, the States of Holland, the kings of France, and Denmark, and all the princes of Europe are cautioned to beware how they maintain any war against Englands Commonwealth, lest it prove a burdonsome stone unto them. By M. Cary (alias Rande) a willing servant of Jesus Christ and his saints.	Henry Hills	R. C.	Livewell Chapman	1653
Davenport, John	The knowvledge of Christ indispensably required of all men that would be saved; or Demonstrative proofs from Scripture, that crucified Jesus is the Christ. Wherein the types, propheties, genealogies, miracles, humiliation, exaltation, and the mediatorial office of Christ are opened and applyed; in sundry sermons on Acts 2.36. By John Davenport, B.D. and pastor to the Church of Christ at New-Haven in New-England.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1653
Griffith, George	A relation of a disputation between Dr Griffith and Mr Vavasor Powell. And since some false observations made thereon, by Dr Griffith (or one of his symonicall brethren) to keep up the crack'd credit of their bad calling and cause. As also to reflect upon Mr Moston (whom they suppose to be the author of that relation) Mr Powell, and others. This therefore is to shew briefly the falsitie of those animadversions: and withall to justifie that syllogisme (objected against by him) by good authors, examples and arguments.	Matthew Simmons	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1653

Durant, John	The salvation of the saints by the appearances of Christ, 1 Now in Heaven, 2 Hereafter from Heaven. A treatise wherein the appearance of Christ now within the vaile, in order to the insuring of the salvation of beleivers. And likewise His appearing again the second time, to instate beleivers in that salvation, is humbly inquired into, and held forth. By John Durant, preacher of the gospell in Christs Church, Canterbury.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1653
Lenthall, John, Sir	A list of all the prisoners in the Upper Bench prison, remaining in custody the third of May, 1653. Delivered in by Sir John Lenthall to the committee appointed by the Councell of State, for examining of the state of the said prison, with the times of their first commitment, and the causes of their detention. And also the substance of the propositions made by the committee to the prisoners, with their answer thereunto. Published for information of all such as are concerned herein. By the appointment of the committee, Coll: Thomas Pride. Coll: Tomlinson. Coll: Cooper. Mr. John Fountaine. Mr. Richard Wollaston. Mr. Margets Judg Advocate.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1653
Prime, H.	A bundle of myrrhe. Or Several sweet truths spiritually unfolded under these following heads. 1. Mercy magnified. 2. Practical graces. 3. Christs humiliation. 4. Certainty of salvation. Published by H.P. minister of the Gospel.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1653
Richardson, Samuel	The cause of the poor pleaded. By Samuel Richardson.	Matthew Simmons	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1653
Slater, Samuel	Epithalamium, or Solomons song: together with the songs of Moses, Exod. 15, & Deut. 32. The song of Deborah, Judges 5. The song of Hannah, I Samuel 2. The Churches song, Isa. 26. Digested into a known and familiar meeter, by Samuel Slater.	J. Moxon	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1653
Tillinghast, John	Generation work. Or A briefe and seasonable word, offered to the view and consideration of the saints and people of god in this generation, relating to the work of the present age, or generation wee live in. Wherein is shewed, 1. What generation work is, and how it differs from other workes. 2. That saints in the severall generations they have lived in, have had the proper and peculiar workes of their generations. 3. That it is a thing of very great concernment for a saint to attend to, and be industrious in the worke of his generation. 4. Wherein doth the work of the present generation lye. 5. How each one in particular may finde out that parte or parcell of it, that is properly his worke in his generation. 6. How generation worke may be so carried on, as that God may be served in the generation. By John Tillinghast, an unworthy minister of the gospel at Trunch in Norfolke.	Matthew Simmons	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1653

Anônimo	A schedule, or, list of the prisoners in the fleet, remaining in custody May 25. 1653. With the times of their commitment, and the causes of their detention. As also, a list of those prisoners that are gone out, taking the benefit of the act of Parliament for reliefe of poore prisoners; and the justices names before whom they took their oath. Delivered by Mr. Henry Hopkins warden of the fleet, to the committee appointed by the Counsell of State for examining the state of the said prison. It being desired by severall of their creditors, the list of the prisoners might be printed, for the better information of such as were concerned therein, it was ordered by the committee to be printed accordingly. Col. Thomas Pride. Col. Thomlinson. Col. Cooper. Mr. John Fountaine. Mr. Richard Wollaston. Mr. Margets, Judge Advocate.	Sarah Griffin	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1653
Allen, Edward, Esq	Vavisoris examen, & purgamen: or, Mr. Vavisor Powells impartial triall: who being apprehended upon the late hue and cry, raised after him, hath appealed to God and his country, and is found not guilty. Or, The thanks of the Welsh itinerants for their pretious New-years-gift, (being a chain of blew beads, above an hundred lyes on a string) lately sent them, by their namelesse, truthlesse, and shamelesse benefactor, wherein the calumniators monstrous draught is expunged, and Mr. Powell drawn out in his proper colours. Published, by Edward Allen, John Griffith, Esq; James Quarrell, Charles Lloyd. Pr.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654
Aspinwall, William	A premonition of sundry sad calamities yet to come. Grounded upon an explication of the twenty fourth chapter of Isaiah. By William Aspinwall, late of New-England.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654
Aspinwall, William	An explication and application of the seventh chapter of Daniel: with a correction of the translation. Wherein is briefly shewed the state and downfall of the four monarchies; but more largely of the Roman monarchy, and the ten horns or kingdomes; and in particular, the beheading of Charles Stuart, who is proved to be the little horn by many characters, that cannot be applied to any before or after him. And what is meant by the carkass of the beast, which yet remains to be burned. Together with a hint of the slaying and rising of the two witnesses. By William Aspinwall.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654
Cornubiensis, Johannes	The grand catastrophe, or The change of government: being a vvord about the last turn of these times written in a letter to a friend, as an essay, either to give, or to receive satisfaction in the dispute of the last change. By one who takes leave to stile himself Johannes Cornubiensis.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654

Crandon, John	Mr. Baxters Aphorisms exorized and authorized. Or An examination of and answer to a book written by Mr. Ri: Baxter teacher of the church at Kederminster in Worcester-shire, entituled, Aphorisms of justification. Together with a vindication of justification by meer grace, from all the popish and Arminian sophisms, by which that author labours to ground it upon mans works and righteousness. By John Crandon an unworthy minister of the Gospel of Christ at Fawley in Hant-shire. Imprimatur, Joseph Caryl. Jan: 3. 1654.	Matthew Simmons and E. C.	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654
Durant, John	The spiritual sea-man: or, A manual for mariners. Being a short tract, comprehending the principal heades of Christian religion: handled in an allusion to the sea-mans compass and observations: which was first drawn up at sea, and fitted for the service of sea-men; yet such as may serve all Christians to help them in their passage over the troublesome sea of this world. By John Durant preacher of the Gospel, and sometimes in the Navy.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654
Feake, Christopher	The new non-conformist; who having obtained help of God, doth persist unto this very day; witnessing, both to small and great, some of those glorious things which the Apostles, the prophets, & Moses, did say should come to pass. Or, the voice of a careful shepherd, cryin from his watch-tower at W.C. unto his little flock at W.L. with a loud voice.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654
Feake, Christopher	The oppressed close prisoner in Windsor-Castle, his defiance to the father of lyes, in the strength of the God of truth. Occasioned by some late, scandalous and slanderous reports, raised and dispersed to the dishonour of that noble cause, wherein he (with others of the Lords servants) is so deeply engaged. As also, a seasonable word, concerning the higher powers: concerning the payment of taxes and tribute-money by the saints to those powers: and how far a minister of the Gospel may intermeddle in state-affairs without sin. By Chr. Feake, in his prison-watch-tower.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654
Goodwin, Thomas	A sermon of the fifth monarchy. Proving by invincible arguments, that the saints shall have a kingdom here on earth, which is yet to come, after the fourth monarchy is destroy'd by the sword of the saints, the followers of the lamb. Preached by Mr. Tho. Goodwin, on Rev. 5. 9, 10. By which it will appear, that it is for the same truth (that formerly was so much contended for) that some of the people of God suffer at this day. Published for the truths sake.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654

Lane, Edward, Col.	An image of our reforming times: or, Jehu in his proper colours; displayed in some exercitations on 2 Kings 9 and 10 chapters: setting forth the opportunity was given him to do his work in. cause he had committed to him to manage. Also, his policie, zeal, profession, hypocrisie: with his sins, and their aggravations. reason for all this. In all which he is proved to be a particular character of our times: by which, as in a glass, we may see the state and condition we have brought our selves into, by our deviations. Concluding with a word to Jehu, Jehonadah his counsellor, and the despised persecuted people of God. By Col. Edw. Lane of Ham-pinnulo.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654
Lane, Edward, Col.	An image of our reforming times: or, Jehu in his proper colours; displayed in some exercitations on 2 Kings 9 and 10 chapters: setting forth the opportunity was given him to do his work in. cause he had committed to him to manage. Also, his policie, zeal, profession, hypocrisie: with his sins, and their aggravations. reason for all this. In all which he is proved to be a particular character of our times: by which, as in a glass, we may see the state and condition we have brought our selves into, by our deviations. Concluding with a word to Jehu, Jehonadah his counsellor, and the despised persecuted people of God. By Col. Edw. Lane of Ham-pinnulo.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654
L. D., member of the late Parliament.	An exact relation of the proceedings & transactions of the late Parliament: their beginning and ending. With a brief account of their expence of the time of their session, and the acts that were made by them, who were dissolved December 12. 1653. As likewise of foure great votes, viz. 1 For abolishing the Court of Chancery. 2 For a new modell of the law. 3 For taking away the power of patrons to make presentations. 4 That innocent negative vote of not agreeing with the report of the Committee for Tithes. And an account of some reasons of those votes: with a brief apology in way of vindication of those gentlemen that appeared for the votes, from the great out-cry made against them. By L.D. a Member of the late Parliament.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654

L. D., member of the late Parliament.	An exact relation of the proceedings and transactions of the late Parliament: their beginning and ending. With a briefe account of their expece of the time of their session, and of the acts that were made by them, who were dissolved the 12. Decemb. 1653. As likewise of foure great votes, viz. I. For abolishing the Court of Chancery. II. For a new modell of the law. III. For taking away the power of patrons to make presentations. IV. That innocent negative vote of not agreeing with the report of the committee for tithes. And an account of some reasons of those votes: with a briefe apology in way of vindication of those gentlemen that appeared for the votes from the great out-cry made against them. By L.D. a Member of the late Parliament.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654
Petto, Samuel	The voice of the Spirit. Or, An essay towards a discoverie of the witnessings of the spirit by opening and answering these following weighty queries. Q. 1. What is the witnessing worke of the Spirit? 2 How doth the Spirit witnesse to a soule its adoption? 3. Who are capable of attaining the witnessings of the Spirit? 4. How may a soul know its injoyment of them? 5. By what meanes may a soule attaine them? To which is added. Roses from Sharon or sweet experiences reached out by Christ to some of his beloved ones in this wildernes. By Samuel Petto preacher of the Gospell at Sandcroft in Suffolke.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654
Spittlehouse, John	An answer to one part of the Lord Protector's speech: or, A vindication of the fifth monarchy-men, in reference to an accusation of evil charged upon them in his speech to the Parliament in the Painted Chamber, the 4 of September, 1654. Published by John Spittlehouse, to th end all men may see the strong endeavours that have been used to obstruct the kingly interest of Jehovah the Lord Christ in the world, by blowing the bellows of a persecution against those that desire he should reign over all nations of the earth, by his holy, just and perfect laws and ordinances recorded in the sacred Scriptures to that very end and purpose.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654
Spittlehouse, John	An answer to one part of the Lord Protector's speech: or, A vindication of the fifth monarchy-men, in reference to an accusation of evil charged upon them in his speech to the Parliament in the Painted Chamber, the 4 of September, 1654. Published by John Spittlehouse, to the end all men may see the strong endeavours that have been used to obstruct the kingly interest of Jehovah the Lord Christ in the world, by blowing the bellows of a persecution against those that desire he should reign over all the nations of the earth, by his holy, just, and perfect laws and ordinances recorded in the sacred Scriptures to that very end and purpose.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654

Spittlehouse, John	Certaine queries propounded to the most serious consideration of those persons novv in povver. Or any others whom they doe, or may concerne. By John Spittlehouse, (late of the Army) whom the Lord hath stirred up (in the absence of Mr. Feake, Mr. Rogers, &c. now prisoners of the Lord Jesus) to mind our present rulers and Army, of their persecutions and apostacies; and what is likely to follow them for so doing, if they repent not.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654
Tillinghast, John	Generation-work. Or A briefe and seasonable word, offered to the view and consideration of the saints and people of God in this generation, relating to the work of the present age, or generation wee live in. Wherein is shewed, 1. What generation work is, and how it differs from other works. 2. That saints in the several generations they have lived in, have had the proper and peculiar works of their generations. 3. That it is a thing of very great concernment for a saint to attend to, and be industrious in the worke of his generation. 4. Wherein doth the work of the present generation lye. 5. How each one in particular may find out that part or parcell of it, that is properly his worke in his generation. 6. How generation work may be so carried on, as that God may be served in the generation. The first part. By John Tillinghast, an unworthy minister of the Gospel at Trunch in Norfolk.	M. Simmons	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654
Tillinghast, John	Generation-vvork: the second part. VVherein is shewed, what the designs of God abroad in the world, may in all likelihood be, at this present day, and in the dayes approaching. Being an exposition of the seven vials, Rev. 16. And other apocalyptical mysteries. By J. Tillinghast the meanest and unworthiest of Christs labourers.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654
Tillinghast, John	Generation-worke. Or, An exposition of the prophecies of the two witnesses. From the 11, 12, and 14 chapters of the Revelations. Shewing yet farther, what the designs of God abroad in the world, may in all likelihood be at this present day and in the dayes neer approaching To which is added, A key to unlock the mystical numbers of Daniel and the Revelations; tending to resolve this great question, how long shall it be to the end of wonders. The third and last part. By John Tillinghast. Minister of the Gospel.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654
Tillinghast, John	Generation-worke. Or An expostion of the prophecies of the two witnesses. From the 11, 12, and 14 chapters of the Revelations. Shiwing yet farther, what the designs of God abroad in the world, may in all likelihood be at this peresent day and in the dayes neer approaching. To which is added, a key to unlock the mysticall numbers of Daniel and the Revelations; tending to resolve this great question, how long shall it be to the end of wonders.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654

Tillinghast, John	Knowledge of the times, or, The resolution of the question, how long it shall be unto the end of wonders. By John Tillinghast, a servant of Jesus Christ.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654
True friend to the publique interest, and to all peaceable men.	The copy of a letter sent out of Wiltshire, to a gentleman in London; wherein is laid open the dangerous designs of the clergy, in reference to the approaching Parliament. By a true friend to the publique interest, and to all peaceable men.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654
Anônimo	A declaration of several of the Churches of Christ, and godly people in and about the citie of London; concerning the kingly interest of Christ, and the present sufferings of his cause and saints in England.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1654
Aspinwall, William	Thunder from heaven against the back-sliders and apostates of the times. In some meditations on the 24 chapter of Isaiah. By W.A.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1655
Aspinwall, William	The work of the age: or, the sealed prophecies of Daniel opened and applied. VVherein is plainly proved that all the governments in the world, except the government of Christ, are but images, or parts of Nebuchadnezzars image, and shall be suddenly broken in pieces by th little stone cut out of the mountain without hand: together with the means how Christ will effect all this. Shewing also that image-government, and image-worship have always been companions. Explaining likewise Daniels mystical numbers, and discovering some misprisions about the little horn, both in the translation and application of the same. Amending sundry places in our common translation, and clearing some chronological points from the common errors. By William Aspinwall.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1655
Bennet, John	Of the eternity of Gods election the certainty of saints perseverance together with the peculiarity of Christ's redemption : in answer to Henry Haggar's Order of causes of Gods fore-knowledge, election, and predestination &c. / by John Bennett.	John Clowes	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1655
Cotton, John	An exposition upon the thirteenth chapter of the Revelation. By that reverend and eminent servant of the Lord, Mr. John Cotton, teacher to the church at Boston in New-England. Taken from his mouth in short-writing, and some part of it corrected by himselfe soon after the preaching thereof, and all of it since viewed over by a friend to him, and to the truth; wherein some mistakes were amended, but nothing of the sence altered.	Mary Simmons	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1655

Cotton, John	An abstract of laws and government. Wherein as in a mirrour may be seen the wisdome & perfection of the government of Christs kingdome. Accomodable to any state or form of government in the world, that is not antichristian or tyrannicall. Collected and digested into the ensuing method, by that godly, grave, and judicious divine, Mr. John Cotton, of Boston in New-England, in his life-time, and presented to the generall court of the Massachusets. And now published after his death by, William Aspinall.	Mary Simmons	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1655
Heaman, Roger	An additional brief narrative of a late bloody design against the Protestants in Ann Arundel county, and Severn, in Maryland in the country of Virginia. As also of the extraordinary deliverance of those poor oppressed people. Set forth by Roger Heaman commander of the Ship Golden Lyon, an eye witness there.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1655
Llanvaedonon, William, of P.H.C.	A brief exposition upon the second Psalme. Wherein wee have that time modestly pointed at, (by the favourable direction of that significant then in the 5th v.) in which the father will in wrath to the (professing, refined) rulers of the world set his Sonne on Sion. And a description of the work the Son then performeth, both by his spirit, and his mysticall body. With usefull observations thereupon. Tending to clear up the scope of the whole Psalme. With application to our times. By William Llanvædonon of P.H.C.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1655
Moore, Thomas, Junior	An antidote against the spreading infections of the spirit of Antichrist, abounding in these last days under many vizors: being a discovery of a lying and antichristian spirit in some of those called Quakers; and therein some opening, clearing, and vindicating of the great things of Gods law, or doctrin, namly stuck at by them, as concerning the person of Christ, and the works done in that person for us; the infinite and abiding vertue of them, and of them only for the taking away our sin, and concerning his second appearingt, and the glory then to be revealed likewise concerning the scriptures. In relation of what passed in writing between them, and Thomas Moore Junior, after and upon occasion of a meeting at Glentworth, with the sum of what was discoursed at that meeting also; as like wise, of divers queries from some of them about Cambridge, with the answers to them. By Tho. Moore Junior.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1655
Nichols, Charles	The seamans summons: an embassie from the King of Kings, a peace-offering. Or, a short treatise of reconciliation. Being the substance of a sermon preached on board of the soveraigne, when she rode in the downes. By (The most worthless of the Lords messengers, whose hear runs over in longings and labourings for the good of souls at sea, and on the shore) Charles Nichols.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1655

Overton, Robert	Two letters from Major General Overton, (directed to a friend) The one from Aberdeen, dated the 26. Decemb. 1654. The other from the Tower of London (the place of his confinement) dated Janu. 17. 1654. Tending to his vindication from many unjust aspersions cast upon him by the pamphleteers, and others; and for more generall and requisite information.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1655
Postlethwaite, Walter	A voice from heaven: or, A testimony against the remainders of Antichrist yet in England: and in particular, the court of tryers for approbation of ministers. Born by Gualter Postlethwait, pastor to a Church of Christ in Lewes in Sussex.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1655
Raworth, Francis	Jacobs ladder, or The protectorship of Sion, laid on the shoulders of the Almighty; in a description of the sufficiency of providence, suitable in these times of tentation. With Jacobs wrestling. By Francis Raworth of Shoreditch.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1655
Spittlehouse, John	The royall advocate: or, An introduction to the magnificent and honourable laws of Jehovah the Lord Christ, now contaminated and despised by the present army-men of this nation. Asserting and controverting the holinesse, righteousness, perfectnesse, and universality thereof, of divine right: in opposition to the heathenish, and antichristian laws, traditions, and vaine imaginations of the past and present, pretended Christian magistrates of this nation, which they yet so much dote upon, and endeavour to support, against the alone law giver, Lord of heaven and earth, God of Gods, king of kings, and Lord of Lords. Published by John Spittle-house, now a prisoner for his testimony against the idolatry and tyranny of the present army men ...	?	For the author	Livewell Chapman	1655
Tillinghast, John	Generation-work: The second part. Wherein is shewed, what the designs of God abroad in the world, may in all likelyhood be, at this present day, and in the days approaching. Being an exposition of the seven vials, Rev. 16. and other apocalyptical mysteries. By John Tillinghast, the meanest and unworthiest of Christs laborers.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1655

Tillinghast, John	Generation-work: or A brief and seasonable word, offered to the view and consideration of the saints and people of God in this generation, relating to the work of the present age, or generation we live in. Wherein is shewed, I. What generation-work is, and how it differs from other works. II. That saints in the several generations they have lived in, have had the proper and peculiar works of their generations. III. That it is a thing of very great concernment for a saint to attend to, and be industrious in, the work of his generation. IV. Wherein doth the work of the present generation lye. V. How each one in particular may find out that part or parcel of it, that is properly his work in his generation. VI. How generation-work may be so carried on, as that God may be served in the generation. The first part. By John Tillinghast, an unworthy minister of the gospel, at Trunch in Norfolk.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1655
Tillinghast, John	Mr. Tillinghast's eight last sermons. I the fifth kingdom, or kingdom of Christ, founded on the new covenant; one sermon on Jer.33.20,21. II Signs of the times; two sermons on Matth.16.3. To which is added six signs, as they were in his notes. III Christ the only foundation; one sermon on I Cor.3.II. With the prosecution of the point, as it was in his notes. IV The promise of the Father; two sermons on Act.1.4. V [sic] The evil of the times; one sermon on Mal.3.16,17. VI Look to your aims and ends; one sermon on Matth.11.7. To which is added, the idols abolished; being his notes on Is.2.18.	Mary Simmons	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1655
Tillinghast, John	Generation-work: or, An exposition of the prophecies of t he [sic] two witnesses, from the 11, 12, and 14 chapters of the revelations. Shewing yet farther, what the designs of God abroad in the world, may in all likelihood be at this present day, and in the dayes near approaching. To which is added, A key to unlock the mystical numbers of Daniel and the Revelations; tending to resolve this great question, How long shall it be to the end of wonders? The third and last part. By John Tillinghast, minister of the gospel.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1655
Anônimo	An exposition upon the second Psalme	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1655
Aspinwall, William	The legislative povver is Christ's peculiar prerogative. Proved from the 9th of Isaiah, vers. 6.7. By W.A.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1656
Canne, John	Truth vvith time: or, Certain reasons proving, that none of the seven last plagues, or vials, are yet poured out: neither will the time of their pouring out begin, till after the rising of the two witnesses, and the fourty two months of the beast's reign be expired. Likewise, an answer to the said reasons; with a reply. Further, the author hath here set down (in a brief exposition) his opinion of the first vial. By John Canne, minister of the gospel.	John Clowes	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1656

Greenhill, William	Sermons of Christ his last discovery of himself, of The spirit and bride. The waters of life. And, His free invitation of sinners to come and drink of them. From Revel. 22. 16, 17. By William Greenhill, an unworthy servant of the Lords.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1656
Harrington, James	The common-wealth of Oceana.	John Streater	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1656
Jessey, Henry	A narrative of the late proceeds at White-Hall, concerning the Jevvs: who had desired by R. Manasses an agent for them, that they might return into England, and worship the God of their fathers here in their synagogues, &c. Published for satisfaction to many in several parts of England, that are desirous, and inquisitive to hear the truth thereof.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1656
Knollys, Hanserd	An exposition of the first chapter of the Song of Solomon. Wherein the text is analysed, the allegories are explained, and the hidden mysteries are unveiled, according to the proportion of faith. With spiritual meditations upon every verse. By Hanserd Knollys.	William Godbid	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1656
Moore, Thomas, Junior	A defence against the poyson of Satans designe, cast out of his mouth by James Nayler, in his pretended answer to An antidote against the spreading infections of the spirit of Antichrist, lately published by Thomas Moor. Shewing how manifestly the said J. N. hath altered the sayings of T. M. in that book, and grossely belyed him, and the truth attested by him, so as every reader may see, in most of the things spoken to, and by that may judge of the rest of his accusations, that might require some farther witness than J. N. or T. M. to prove, or disprove them. Wit some discovery of the emptiness and unsoundness of his pretended answers, with his altering the sayings, and corrupting the sense of the scriptures therein. Likewise of the wolf appearing under the sheepskin, in the beginning, and close of his book. By Thomas Moor, Junior.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1656
Moore, Thomas, Senior	An explicate declaration of the testimony of Christ according to the plain sayings of the Gospel: and therein, of the purposes, promises, and covenants of God, as by Gospel declared. With, a consideration of a question stated about faith. By Thomas Moore, Senior.	John Clowes	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1656
Pendarves, John	Arrovves against Babylon. Or Certaine quæries serving to a cleere discovery of the mystery of iniquity. Whereunto are added endeavours for reformation in saints apparrell. With some quæries for the people called Quakers. By John Pendarves a wellwisher to Sion.	Mary Simmons	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1656
Pendarves, John	Arrows against Babylon. Or, Certain quæres serving to a cleer discovery of the mystery of iniquity. Whereunto are added, endeavours for reformation in saints apparel. With some quæres for the people called Quakers. By John Pendarves a well-wisher to Sion.	John Clowes	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1656

Tillinghast, John	Mr. Tillinghast's eight last sermons. I The fifth kingdom, or kingdom of Christ, founded on the New Covenant; one sermon, on Jer.33.20,21. II Signs of the times; two sermons on Mat.16.3. to which is added, six signs, as they were in his notes. III Christ the onely foundation; one sermon on 1 Cor.3.11. with the prosecution of the point, as it was in his notes. IV The promise of the father; two sermons on Act.1.4. V The evil of the times; one sermon on Mal.3.16,17. VI Look to your aims and ends; one sermon on Matth.11.7. To which is added, The idols abolished being his notes on Isa.2.18.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1656
Troughton, William	The mystery of the marriage song, and mutuall spirituall embraces between Christ & his spouse, opened, in an exposition with practicall notes & observations on the whole forty-fifth Psalme. By W. Troughton, minister of the Gospel.	Mary Simmons	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1656
Wel-wisher to the kingdome of our Lord Jesus.	The prophets Malachy and Isaiah prophesying to the saints and professors of this generation of the great things the Lord will doe in this their day and time. Shewing (amongst other things) the nature and quality of the apostachy. The judgement of the Lord upon the leader of the apostacy. How the Lord will deale with, and carry himself towards, others guilty of the apostacy. The certainty of deliverance at hand for the true seed. By a wel-wisher to the kingdome of our Lord Jesus. To which is prefixed two very useful epistles, by Christopher Feak, and John Pendarves ministers of the Gospel.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1656
Anônimo	A true relation of strange and wonderful sights seen in the air, at the time the moon was in the eclipse, January 1, 1655/6. In two letters. The first, being the relation of what was seen this of this strange sight, by divers credible and honest persons at Wistoe 2 miles from Selby in York-shire. Also, of a rain-bow that was seen at Hull the same night (the former sights were seen) and spectators being many, and honest men. The other a relation [sic] of what was seen by divers persons at Cawood, in the west parts of York-shire, at the same time.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1656
Anônimo	Newv-Haven's settling in New-England. And some lawes for government: published for the use of that colony. Though some of the orders intended for present convenience, may probably be hereafter altered, and as need requireth other lawes added.	Mary Simmons	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1656
Anônimo	The complaining testimony of some (though weak, and of the least) of Sions children in this day of their sore calamity; occasioned at their meeting to seek the Lord at Abingdon in Barkeshire, the second day of the eighth month, 1656. Being a short narrative of the inhumane dealings of some officers and souldiers, who said, they had order from their lord for so doing.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1656

Anônimo	Sighs for Sion: or, faith and love constraining some grievings in her sorrow, and groanings for her deliverance: by a few of her weak and unworthy children. Humbly, and in all faithfulness, presented to those assemblies of hers, where grace hath set them as watchmen; and unto any others, that in every place call upon the name of Jesus Christ our Lord, both theirs and ours. In way of essay, to blow the trumpet in Sion, and sound an alarm in Gods holy mountain, to the awakening them that are at ease, and pressing and encouraging all the upright in heart, to be in pain with her, in this day of her sore travel, and great expectation.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1656
Aspinwall, William	The abrogation of the Jevvish Sabbath, or, Sabbath of the 7th day of the week. Together, with some brief observations upon two small treatises: 1. The unchangeable morality of the 7th day Sabbath. Written by J.S. 2. The morality of the fourth commandment. In prosecution whereof, sundry Scriptures are opened and cleered. By William Aspinwall.	John Clowes	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1657
Canne, John	The time of the end: shewing, first, until the three years and an half are come (which are the last of the 1260 dayes) the prophecies of the Scripture will not be understood, concerning the duration and period of the fourth monarchy and kingdom of the beast. Then secondly, when that time shall come, before the expiration, the knowledge of the end (or that there shall be time no longer) will be revealed, by the rise of a little horn, the last apostacy, and the beast slaying the witnesses; contemporizing the characters of which little horn, the last apostacy and beast (as th the Scriptures shew them) are here faithfully opened; and the application left to the wise. By John Canne.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1657
E. H.	A true copy of a petition signed by very many peaceable and well-affected people, inhabiting in and about the City of London, and intended to have been delivered to the late Parliament. Now presented to the publick view and consideration of all men: with a brief apology in the behalf of the petitioners. By a friend to the Common-Wealth, and a cordiall well wisher to the righteous things prayed for in the petiton, by E.H.	?	For the author	Livewell Chapman	1657
Moore, Thomas, Junior	A lamentation over the dead in Christ, not as those without hope; with instruction, admonition, and encouragement to the survivors. As it should have been delivered to the people (had not Satan hindered) at the funeral of Mr. Henry Rix of Cambridge, Jan. 19. 1656--7. in pursuance of his earnest request on his deathbed. Now published for the benefit of those that will hear. By Thomas Moore junior.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1657

Moore, Thomas, Senior	A treatise of the person of Christ: and therein, a discourse about the knowledge of God, who and what a one He is. Of the Son of God, who and what a one He is. Of the first promise of Christ, & first publication of the mystery of Him. Of the times and years of the first fathers, &c. Of the account of years, from the creation to the flood, and from both to the first coming of Christ, and probably to His second coming. Of the evidences demonstrating that Jesus is the Christ. Of the mystery of Christ, as revealed since His first coming. Of election. By Thomas Moore, Senior.	John Clowes	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1657
Pendarves, John	The fear of God: vvhat it is, and exhorted to as one of the great lessons God calls upon men to learn by his great dispensations in the last days. In a sermon preached unto the Church of Christ meeting in Petty France London, the tenth day of the sixth month. Anno 1656. By the faithful servant of Christ John Pendarves a little before his death.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1657
Tilam, Thomas	The seventh-day Sabbath sought out and celebrated. Or, The saints last design upon the man of sin, with their advance of Gods first institution to its primitive perfection, being a clear discovery of that black character in the head of the little horn, Dan. 7.25 The change of times & laws. With the Christians glorious conquest over that mark of the beast, and recovery of the long-slighted seventh day, to its antient glory, wherein Mr. Aspinwal may receive full answer to his late piece against the Sabbath. By Tho. Tillam, minister of the gospel.	?	For the author	Livewell Chapman	1657
Tillinghast, John	Six severall treatises. 1 The promises made and fulfilled in Christ. 2 Absolute promises made to sinners, as sinners. 3 The life of faith; and in particular, in justification. Sanctification, and expectation. 4 The saints anchor rightly cast. 5 Christs new command. 6 Of offences. By the late worthy and faithful servant of Jesus Christ John Tillinghast. Published by his own notes.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1657
Anônimo	An invitation to a solemn day of humiliation (viz. the third day of the seventh moneth, 57.) to the Lords people in the three nations who are sensible of the great dishonour of God; and desire to approve themselves faithfull to God and his work in this day of division and apostacy.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1657
Anônimo	English liberty and property asserted in pursuance of the statute laws of this common-wealth. Discovering Israels sin in chusing a king, by several questions humbly propounded to the grave senators at Westminster. And to all others, who have the power of this nation in their hands.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1657
Anônimo	A glimpse of glory or, grace and truth, in some streams of light and love, for refreshing unto the weary and faint, in this refining time. From prison.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1657

Anônimo	A monstrous birth: or, A true relation of three strange and prodigious things like young cats, all speckled, which came from a woman dwelling at Wetwan in Yorkshire: and how the Devil kept her company. The relation of the thing is taken out of a letter which a gentleman dwelling neer the place lately wrote to a friend of his in London.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1657
Anônimo	Sighs for Sion, or, Faith and love containing some grievings in her sorrow, and groanings for her deliverance: by a few of her weak and unworthy children. Humbly, and in all faithfulness, presented to those assemblies of hers, where grace hath set them as watchmen; and unt any others, that in every place call upon the name of Jesus Christ our Lord, both theirs and ours. In way of essay, to blow the trumpet in Sion, and sound an alarm in Gods holy mountain, to the awakening them that are at ease, and pressing and encouraging all the upright in heart, to be in pain with her, in this day of her sore travel, and great expectation.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1657
Allen, William	The captive taken from the strong: or, A true relation of the gracious release of Mistrisse Deborah Huish (by the arm of the Almighty) from under the power of the Tempter, by whose firy conflicts she had been sorely vexed for about fourteen years; as it was faithfully written from her own mouth, by William Allen. late Adjutant-General in Ireland.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1658
Canne, John	The time of finding: shewing, when the Lord will be found, and by whom; and when there will be no time of finding: also the persons are describ'd, who shall not finde the Lord, though they seek him with tears. Likewise, some reasons why the Lord hath suffered his work, and good old cause to be stopt, and how it shall certainly be reviv'd again. Also, something is here shewed, about the manner how it shall be reviv'd, and the time when. By John Canne.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1658
Cocceianus, Cassius Dio	An oration of Agrippa to Octavius Cæsar Augustus, against monarchy. Taken out of the LII. book of Dion the philosopher, Cælius, S.C. being the interpreter. Printed at Basil after the end of Nichol. Machiavels Prince, anno M.D.XXC. And now put into English by A.R.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1658
Greenhill, William	An exposition continued upon the XX, XXI, XXII, XXIII, XXIV, XXV, XXVI, XXVII, XXVIII, AND XXIX, chapters of the prophet Ezekiel, vvith many useful observations thereupon. Delivered at several lectures in London, by William Greenhill.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1658
Greenhill, William	An exposition continued upon the XX, XXI, XXII, XXIII, XXIV, XXV, XXVI, XXVII, XXVIII, and XXIX, chapters of the prophet Ezekiel, vvith many useful observations thereupon. Delivered at several lectures in London, by William Greenhill.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1658

Hanson, John	A short treatise shewing the Sabbatharians confuted by the new covenant, 1. That the ten commandments are not the morall law, but with their ordinances, statutes and judgements, the old covenant. 2. That the old covenant was as signes and shadows of things that were then to come. 3. Shewing the substance of the signe of the Sabbath. 4. Severall objections of the Sabbatharians answered. 5. That the new, which some do call the Covenant of Grace, is not really in the old Testament. 6. What the new covenant is. 7. Of pure church-ordinances, which some doe call the discipline of the church. 8. Of singing of psalmes. 9. A proscript. By John Hanson of the borrough of Abingdon, in the county of Berks.	Roger Daniel	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1658
Hanson, John	A short treatise shewing the Sabbatharians confuted by the new Covenant, 1. That the ten commandments are not the morall law, but with their ordinances, statutes and judgements, the old Covenant. 2. That the old Covenant was as signes and shadows of things that were then to come. 3. Shewing the substance of the signe of the Sabbath. 4. Severall objections of the Sabbatharians answered. 5. That the new, which some do call the Covenant of Grace, is not really in the old Testament. 6. What the new Covenant is. 7. Of pure church-ordinances, which some doe call the discipline of the Church. 8. Of singing of Psalmes. 9. A proscript. By Iohn Hanson of the burrough of Abingdon, in the county of Berks.	Roger Daniel	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1658
Martin, John	The preacher sent: or, A vindication of the liberty of publick preaching, by some men not ordained. In answer to two books: 1. Jus divinum ministerii euangelici. By the Provincial Assembly of London. 2. Vindiciæ ministerii euangelici. By Mr. John Collings of Norwich. Published by Iohn Martin, minister of the Gospel at Edgfield in Norfolk. Sam. Petto, minister of the Gospel at Sand-croft in Suffolk. Frederick Woodal, minister of the Gospel at Woodbridge in Suffolk.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1658

Tillinghast, John	Elijah's mantle: or, The remaines of that late worthy and faithful servant of Jesus Christ, Mr. John Tillinghast. Viz. I. The conformity of a saint to the will of God. On Act. 21.14. II. The will of God and Christ concerning sinners. On Gal. 1.4. III. No condemnation to them that are in Christ Jesus. On Rom. 8.1. IV. Christs love to his owne. On Joh. 13.1. V. True gospel humiliation. On Zach. 12.10. VI. The most effectual means to kill and subdue sin. On 1 Joh. 2.2 VII. The advocateship of Jesus Christ, a great ground of saints comfort and support under sins and infirmities. On 1 Joh. 2.2. VIII. The only way for saints to be delivered from the errors and evils of the times. On 1 Tim. 6.11. IX. Of the Old Covenant, from Gal. 4.30. being so farre as the author had proceeded, in a treatise of the two covenants, before his death. Published by his owne notes.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1658
Wither, George	Salt upon salt: made out of certain ingenious verses upon the late storm and the death of His Highness ensuing. By which contemplative object, occasion is taken, to offer to consideration the probable neer approaching of greater storms, and more sad consequences. By Geo. Wither, Esquire.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1658
Anônimo	Some grave and weighty considerations, humbly proposed to the people, to direct them in the choice of their representatives vvich are to sit in the approaching Parliament.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1658
Allen, William	A faithful memorial of that remarkable meeting of many officers of the Army in England, at Windsor Castle, in the year 1648. As also, a discovery of the great goodness of God, in his gracious meeting of them, hearing and answering their suit or supplications, while they were yet speaking to him. All which is humbly presented, as a precious patern and president unto the officers and souldiers of the said Army (or elsewhere) who are or shall be found in the like path, of following the Lord in this evil day; searching and trying their waies, in order to a through return and reformation. By William Allen, late Adjutant-General of the Army in Ireland.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Alured, Matthew	The case of Colonel Matthew Alured; or, A short account of his sufferings, by long imprisonment, and the loss of his regiments and garisons; for his faithfulness to the Parliaments cause, and his country. Humbly offered, and submitted, to the consideration of the Parliament and Army.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659

Byfield, Nathanael	Diakonia thv katalaghv [sic], or the ministry of reconciliation. Holding forth the lost estate of man, and his restauration by Jesus christ, according to the Covenant of God with Christ, as it was exhibited before christs coming in the flesh, and since his coming. Wherein may bee seen, as by a sure guiding thred and chain of scripture, the way of Christs ordering his church and service front Adam till Abraham, and from Abraham till Christs coming in the flesh, as also since his coming. By Nathanael Byfield, minister of the gospel, and sometime Master of Arts in Magdalen-Hall in Oxford.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Canne, John	A two-fold shaking of the earth: or, an exposition on Heb. 12.26, 27. Wherein is shewed, the first shaking of the earth, seems to be meant the putting down of the late King and bishops: the later shaking, a change of the present government. And reasons given for both. Also how, and in what manner this later earth-shaking may be according to scripture-prophecie: namely, by that earth-quake, Rev. 11.13 which is likewise opened. Lastly, here are many reasons given, why it may be hoped that this present parliament will prove to be that earth-quake (or at least begi the work) whereby the good old cause will be revived, the just rights of the people restored, and the nation settled upon a lasting and durable foundation of truth and righteousness. By John Canne.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Canne, John	A seasonable word to the Parliament-men, to take with them when they go into the House: wherein is shewed, the first part of their present work, and what is expected from them, to satisfie their true and real friends. Likewise a vvatchword, how they prefer not again such persons to places of trust who have lately betrayed the priviledges of Parliaments, and the just rights of the people, into the hands of a single person. By John Canne.	John Clowes	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Eliot, John	The Christian commonvwealth: or, The civil policy of the rising kingdom of Jesus Christ. Written before the interruption of the government, by Mr. John Eliot, teacher of the Church of Christ at Roxbury in New-England. And now published (after his consent given) by a server of the season.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Feake, Christopher	A beam of light, shining in the midst of much darkness and confusion: being (with the benefit of retrospection) an essay toward the stating (and fixing upon its true and proper basis) the best cause under heaven: viz. the cause of God, of Christ, of his people, of the whole creation, that groans and waits for the manifestation of the sons of God. By Chr. Feake, preacher of the gospel of the Kingdom of Jesus Christ.	John Clowes	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659

Grosvenour, Samuel	Hosonna [sic] to the son of David: or, A testimony to the Lord's Christ. Shewing his rule and reign over the people of the Jews upon earth a thousand years, together with his second personal appearance proved from the Scripture of truth. With a general word of use from the point to saints and sinners. By Samuel Grosvenour.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
H. N.	An observation and comparison between the idolatrous Israelites, and judges of England. A word to the Army. A memorandum, with twelve propositions, tendered to the Parliament; and an encouragement to all faithfull hearts in Parliament, Army, and Common-wealth. Lastly, a call to all those that will follow the lambe: publisht for the satisfaction of all well-minded people. By H.N. a well-wisher to Englands freedome and prosperity.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
J. R.	The sad suffering case of Major General Rob. Overton, prisoner in the Isle of Jersey, stated, and presented to the serious consideration of those who are either of a pious or publick spirit. By J.R.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
J. B.	Calumny condemned: or, A true, exact, and sober account of the Scotch plot: for which many worthy officers were dismissed their commands, and cashiered the army. By J.B. one of the then cashiered officers, who yet remains an arrant enemy to tyranny, whether in one or many; and a dearly loving friend to English liberty.	John Clowes	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Jordan, Timothy	A heavenly child, born and brought up with difficulty: or, Satan defeated by a safe-guarding Majesty. Displaying Jehovah's wonders, in making the creature nothing, that Christ may bee all. Being the experience of one, who desires to bee known to the Lord, not to men, in whom the love of Christ hath constrain'd a subjection to this discovery. Drawn up by T. J. a servant to the weakest of Christs lambs.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Knollys, Hanserd	An exposition of the first chapter of the Song of Solomon. VVherein the text is analysed, the allegories are explained, and the hidden mysteries are unveiled, according to the proportion of faith. With spiritual meditations upon every verse. By Hanserd Knollys.	William Godbid	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Milton, John	Considerations touching the likeliest means to remove hirelings out of the church. Wherein is also discourc'd of tithes, church-fees, church-revenues; and whether any maintenance of ministers can be settl'd by law. The author J.M.	Thomas Newcomb	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
One who hates both treason and traitors	A publick plea, opposed to a private proposal, or, Eight necessary queries presented to the Parliament and Armies consideration, in this morning of freedom, after a short, but a sharp night of tyranny and oppression. By one who hates both treason and traitors.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659

Osborne, John	An indictment against tythes: or, Tythes no wages for Gospel-ministers: wherein is declared, I. The time when tythes were first given in England. II. By whom, and by whose authority and power tythes were first by a law established in England. III. To whom, and to what en and purpose tythes were first given, and after continued in England. IV. Ministers pretending a threefold right to tythes, 1. By donation. 2. By the laws of the nation. And 3. By the Law of God; examined and confuted. By John Osborne, a lover of the truth as it is in Jesus. To which are added, certain reasons taken out of Doctor Burgess his Case, concerning the buying of bishops lands, which are as full and directly against tythes, as to what he applied them. Likewise a query to William Prynne. By John Canne.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Overton, Robert	The humble and healing advice of Collonel Robert Overton Governour of Hull. To Charles Lord Fleetwood, and General Monck, and all other inferiour officers of both armies in England and Scotland.	T. M.	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Palmer, Thomas	A little vievv of this old vworld, in tvo books. I. A map of monarchy, wherein the state of the world is represented under kings, with their entrance, reign, and ends, from King Saul, to King Charls. II. An epitomy of papacy, vwherein is discovered the rise of Anti-christ, with the entrance, reign, and ends of the popes of Rome for 740 years, till the Pope was fully declared to be the Anti-christ. A work fitted for the press five years ago, and now published, by Tho. Palmer, pastor of a church of Christ in Nottingham.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Pell, Daniel	Pelagos. Nec inter vivos, nec inter mortuos, neither amongst the living, nor amongst the dead. Or, An improvement of the sea, upon the nine nautical verses in the 107. Psalm; wherein is handled I. The several, great, and many hazzards, that mariners do meet withall, in stormy and tempestuous seas. II. Their many, several, miraculous, and stupendious deliverances out of all their helpless, and shiftless distresses. III. A very full, and delightful description of all those many various, and multitudinous objects, which they behold in their travels (through the Lords creation) both on sea, in sea, and on land. viz. All sorts and kinds of fish, fowl, and beasts, whether wilde, or tame; all sorts of trees, and fruits; all sorts of people, cities, towns, and countries; with many profitable, and useful rules, and instructions for them that use the seas. By Daniel Pell, preacher of the Word.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659

Pell, Daniel	Pelagos. Nec inter vivos, nec inter mortuos, neither amongst the living, nor amongst the dead. Or, An improvement of the sea, upon the nine nautical verses in the 107. Psalm; wherein is handled I. The several, great, and many hazards, that mariners do meet withall, in stormy and tempestuous seas. II. Their many, several, miraculous, and stupendious deliverances out of all their helpless, and shiftless distresses [sic]. III. A very full, and delightful description of all those many various, and multitudinous objects, which they behold in their travels (through the Lords Creation) both on sea, in sea, and on land. viz. all sorts and kinds of fish, fowl, and beasts, whether wilde, or tame; all sorts of trees, and fruits; all sorts of people, cities, towns, and countries; with many profitable, and useful rules, and instructions for them that use the seas. By Daniel Pell, preacher of the Word.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Rogers, John	Diapoliteia. A Christian concertation with Mr. Prin, Mr. Baxter, Mr. Harrington, for the true cause of the Commonvealth. Or, An answer to Mr. Prin's (perditory) anatomy of the Republick, and his true and perfect narrative, &c. To Mr. Baxter's (purgatory) pills for the Army: and his wounding answer to the healing question. With some soft reflections upon his Catholick (or rather Cathulactick) key; and an examen of the late petition of the sixth of July to this Parliament. In all which we have a most necessary vindication of the cause; of the honourable persons now in Parliament and Council, from the venome and vilification of their pens. By Joh. Rogers, through grace kept (under many sufferings) a faithful servant to Jesus Christ, his cause and the Commonwealth.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Rogers, John	Mr. Pryn's good old cause stated and stunted 10. years ago. Or, A most dangerous designe, in mistating the good, by mistaking the bad old cause; clearly extricated and offered to the Parliament, the General Council of Officers, the good people's and army's immediate consideration.	John Clowes	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
S. R.	A call to the officers of the Army, and all good hearts, to stand upon their watch; and in all meeknesse and sobriety to plead for the interest of the people of God, and for the just liberties of these nations. From diverse of their antient friends and comrades, that are lovers of peace and righteousness. S.R. H.W. R.P.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Stubbe, Henry	A vindication of that prudent and honourable knight, Sir Henry Vane, from the lyes and calumnies of Mr. Richard Baxter, minister of Kidderminster. In a monitory letter to the said Mr. Baxter. By a true friend and servant of the Commonwealth of England, &c.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659

Tillinghast, John	Mr. Tillinghast's eight last sermons I The fifth kingdom, or kingdom of Christ, founded on the New Covenant; one sermon on Jer. 33. 20, 21. II Signes of the times; two sermons on Mat. 16.3. To which is added, Six signes, as they were in his notes. III Christ the onely foundation; one sermon on I Cor. 3. 11. With the prosecution of the point as it was in his notes. IV The promise of the Father; two sermons on Acts. I. 4. V The evil of the times; one sermon on Mal. 3. 16, 17. VI Look to your aims and ends; one sermon on Matth. 11. 7. VII The idols abolished; bein his notes on Isa. 2. 18.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Well-wisher to England's peace, and the Gospels prosperity.	A few proposals offered in humility and in the spirit of meekness, to the supreme authority, the Parliament of the Commonwealth of England. Holding forth a medium or essay for the removing of tythes, and establishing a maintenance for a godly ministry in the nation: such as may be satisfying to the consciences of all sober-minded men, and injurious to no mans just propriety or interest. Which were some time since presented to the Parliament, by several well-affected people in the county of Suffolk; and now published by a well-wisher to England's peace, and the Gospel's prosperity.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Well-wisher to the true security of both Christian and civil liberty.	A common-vvealth or nothing: or, Monarchy and oligarchy prov'd parallel in tyranny. In XII. queries, worthy the consideration of all publique spirits in this juncture. By a well-wisher to the true security of both Christian and civil liberty.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Well-willer to the publique weale.	Chaos: or, A discourse wherein is presented to the view of the magistrate, and all others who shall peruse the same, a frame of government by way of a republique, wherein is little or no danger of miscarriage, if prudently attempted, and thoroughly prosecuted by authority. Wherein is no difficulty in the practice, nor obscurity in the method; but all things plain and easie to the meanest capacity. Here's no hard or strange names, nor unknown titles (to amaze the hearers) used, and yet here's a full and absolute power derivative insensibly from the whole, and yet practically conveyed to the best men: wherein if any shall endeavour a breach, he shall break himself: and it must be so, that cats shall provide supper, here they shall do it suitable to the best palats, and easie to digest. By a well-willer to the publique weale.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659

Woodall, Frederick	A vindication of The preacher sent, or A varrant for publick preaching without ordination. Wherein is further discovered. 1. That some gifted men unordained, are Gospel preachers. 2. That officers sustain not a relation (as officers) to the universal Church; and other weighty questions concerning election and ordination, are opened and cleared. In answer to two books. 1. Vindiciæ ministrij evangelici revindicatæ or the Preacher (pretendly) sent, sent back again. By Dr. Colling of Norwich. 2. Quo warranto, or a moderate enquiry into the warrantableness of the preaching of gifted and unordained persons. By Mr. Pool, at the desire and appointment of the Provincial Assembly of London. With a reply to the exceptions of Mr. Hudson and Dr. Collings against the epistle to the preacher sent. Published by Frederick Woodal, minister of the Gospel at Woodbridge i Suffolk. Samuel Petto minister of the Gospel [sic] at Sandcraft in Suffolk.	John Twyn	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	A perambulatory word to court, camp, city and country: or, An arrow shot at randome, to teach some, and to reach others, but to ruine none, save such as are resolved to ruine all to set up one.	John Clowes	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	Five proposals presented to the General Council of the officers of the Armies of England, Scotland and Ireland.	John Clowes	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	A seasonable word; or, certain reasons against a single person; humbly tender'd to the consideration of the Lord Fleetwood, and the officers and souldiers of the army. Plainly proving the sinfulness, uselesnesse, and impracticableness of that accursed thing.	John Clowes	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	Vox Dei: The voice of God to the officers of the army. Wherein is shewed directly and positively, what is the undubitable way in which they ought now to walk: wherein if they do walk, it will assuredly go well with them, and the Lord of Hosts will be in the midst of them, and the God of Jacob will be their refuge. Being some precepts which the Lord set upon the heart of a poor creature to shew unto them; the which if they obey not, will be one witness for God against them, that he left them not without remembrancers; he having many other such witnesses in this nation, and in this city.	John Clowes	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	Panarmonia. Or, The agreement of the people, revived, and recommended to the great patrons of the Commonwealth, and to the sober-minded people of the land in general: humbly presented, with an apology for Christian liberty, to the Honourable Council of the Army.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	The humble petition of many inhabitants in and about the city of London. Presented to the Parliament by Mr. Sam. Moyer and others, May 12. 1659. Together with the answer of the Parliament thereunto.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659

Anônimo	The poor man's mite, unto the more large contributions of the liberal, at this day freely added, in testimony of that respect which is born unto the faithful and their interest, as it's laid up and hid in Jesus. Briefly discovering, 1. The vanity of that rejoycing, which seems to glory in any thing save the Lord. 2. What is required of all that expect to have the form of the Lords house revealed unto them. 3. That however the chief corner-stone may be rejected, none other foundation can no man lay. 4. That as Christ shall appear, so with him shall the interest of the second of new creation, appear with him in glory. 5. A postscript, or additional word to the reader, occasioned by the late revived noise of uniformity, or national conformity to the principles of some men.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	The humble petition of many thousand citizens and inhabitants in and about the City of London. To the Parliament of the Common-Wealth of England. Together with the Parliaments answer thereunto.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	To the supreme authority the Parliament of the Commonwealth of England, assembled at Westminster. The hearty congratulations and humble petition of thousands of well-affected gentlemen, freeholders, and inhabitants of the county of Kent, and city of Canterbury.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	The declaration of Colonel Rich's regiment. With the engagement they have entered into. Also Major Braman's letter to Lieutenant Colonel Lagoe, upon their going into Portsmouth. To which is added another letter sent from Major Braman to a friend of his in London.	T. M.	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	Lilburns ghost, with a whip in one hand, to scourge tyrants out of authority; and balme in the other, to heal the sores of our (as yet) corrupt state; or, Some of the late dying principles of freedom, revived, and unvaild, for the lovers of freedom and liberty, peace & righteousness to behold. By one who desires no longer to live then to serve his country.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	The plain case of the Common-weal neer the desperate gulf of the common-woe. Stated and exhibited, to the people and high court of Parliament. With the lively hopes, and loud desires of thousands to the Parliament and the Army, to help them ere they perish. Also, the oat to the Parliament extricated, and the case resolved to common sense.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	The testimony of some Christians, in and about Lewes in the county of Sussex, held forth to the nations, and seriously proposing unto them, the neerest and surest way of settlement, after so long and sore shakings; and the best means of reconciling the civil differences amongst our selves, in this commonwealth, is as follows.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659

Anônimo	The humble petition of many well-affected persons of Somerset, Wilts, and some part of Devon, Dorset and Hampshire, to the Parliament of the Common-wealth of England, against tythes. Together with the Parliaments answer thereunto, and resolves thereupon.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	A great & wonderfull victory obtained by the Danes against the Svveades, in the island of Fewnen at Newborgh the 26. of November last 1659. Being the coppies of two letters, one from Lubeck, the other from Hamborough: translated by J.D. the 8 of this present December.	T. M.	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	A serious proposal of some things, tending to establish the just rights and interests of all, upon a sure foundation. Signed in the name of the Church of Christ in Ipswich, by B. Stonham pastor, Ja. Caley, Nicholas Cook. To which is added, the serious proposal promoted, by the chearful concurrence of Chr. Feake, and the congregation with him.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	The fifth monarchy, or kingdom of Christ, in opposition to the beasts, asserted, by the Solemn League and Covenant, several learned divines, the late General and Army, (viz.) in their declaration at Muslebrough, August 1650. wherein the old cause is stated, appeals made, the Scottish blood spilt, and the banners yet in Westminster-Hall witnessing the great decision then given on Christs side. Also, by a letter from the officers of the Army in England, to their brethren in Ireland, the 11 of May, 1653. justifying on Christs accompt, the dissolution of the Parliament; and consonant thereunto, the Generals speech to those that succeeded in the government, the fourth of July following. With a short application, and some brief proposals grounded on scripture, in order to a lasting settlement in this hour of distraction, the foundations being out of course.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	England's standard: to which all the lovers of a just and speedy settlement, by a safe parliamentary authority, in city, country and army, are desired to repair. Or, A remonstrance of the lovers of the commonwealth, inhabitants of Hampshire. Delivered to the council of the officers of the army, November 21. 1659.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	Declaration of several of the people called Anabaptists, in and about the city of London.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	The unbiassed statesman, laying the government in an equal balance: being a seasonable word for the commonwealth, in a seasonable time, from a well seasoned friend, viz. A real lover of his country. Published for the begetting a right understanding between the people, their representatives, and the army.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	Twelve plain proposals offered to the honest and faithful officers and souldiers of our English Army.	John Clowes	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659

Anônimo	Articles of high crimes and grand misdemeanors exhibited against Lt. Col. Tho. Kelsey, Governour of Dover Castle, lately Major General of Kent and Surrey. The which will be proved and made good against him by sufficient witnesses.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	To the supreme authority, the Parliament of the Commonvvealth of England, &c. The humble petition of divers well-affected inhabitants of the county of Wilts.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	To the supreme authority, the Parliament of the Commonvvealth of England, &c. The humble petition of divers well-affected inhabitants of the county of Wilts.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	To his Excellencie the Lord Charls Fleetwood, and the rest of the officers of the Army.	John Clowes	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	To the supreme authority of the nation, the Parliament of the Commonvvealth of England: the humble representation and petition of many, who through grace have been kept sensible of, and mourned for, and under the late apostacy from the good old cause, inhabitants of the town of Kingston upon Hull.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	Chaos.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	A faithful remembrance and advice to the General Council of Officers of the armies of England, Scotland, & Ireland, from divers in Cornwall and Devon, in behalf of themselves and sundry hundreds, cordial friends to the blessed cause of righteousness which God hath stated and pleaded with a stretched out arm, in these (and in the sight of all the) nations.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	The honest design: or, The true Commonwealths-man; offering a word in this juncture of time, in order to a settlement: Not unworthy the perusal of the General Council of the officers of the Army.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659
Anônimo	A true copie of a paper delivered to Lt. G. Fleetwood, in the presence of divers officers of the army: to be communicated to the General Council of Officers: from a people who though grace have been hitherto kept from the great apostacie of this day. Wherein the good old cause is stated, according to the armies own declarations and former ingagements. And likewise here is declared, that if the army (by the Lords good hand assisting them) shall now begin where they left the work of the Lord, & faithfully carry on that good old cause, there are a willing people, and their number not a few, who vvill stand by them with their lives and estates, for that good old cause, against all the enemies thereof. This was delivered the 26 day of the second moneth, called April, 1659.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1659

Allen, William	A vvord to the army, touching their sin and dutie: if it may bee, to convince them of the greatness of the one, and their defectiveness in the other; with a word of advice in the conclusion, humbly tendred to them, in order to their recovery to that path of unfeigned repentance. By William Allen late Adjutant General to the Army in Ireland, an unfeigned seeker of their souls welfare, being under great fears and thoughts of heart for them.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1660
Carpi, Berengario da	Mikrokosmographia: or, A description of the little world or body of man. Being a brief and practical anatomy of the body of man; not only shewing a methodical description of the parts, but also the manner of anatomizing from part to part; the like of which hath not been se forth in the English tongue; adorned with many plain demonstrative figures. Which was long since composed in Latine, by that famous Jacobus Berengarius of Carpus, Doctor of Arts and Physick, and reader of chirurgery in the University of Bononia; and now done into English, and published for publick use, by Henry Jackson chirurgeon. By whom is also added a fit etymon to the names of the parts in their proper place.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1660
Conyers, Tobias	A pattern of mercy. Opened in a sermon at St. Pauls, before the Right Honorable, the Lord Mayor, and the Lord General Monck: February 12. 1659. By Tobias Conyers, minister at St. Ethelberts, London.	M. I.	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1660
Jessey, Henry	The Lords loud call to England: being a true relation of some late, various, and wonderful judgments, or handy-works of God, by earthquake, lightening, whirlwind, great multitudes of toads and flyes; and also the striking of divers persons with sudden death, in several places; for what causes let the man of wisdom judge, upon his serious perusal of the book it self. Also of the strange changes, and late alterations made in these three nations. As also of the odious sin of drinking healths, with a brief of Mr. Pryns solid arguments against it, and his epistle to the late King Charls, to redress it. Published by H.J. a servant of Jesus the Christ, and lover of peace and holiness.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1660

Lewgar, John	Erastus Junior. Or, A fatal blow to the clergies pretensions to divine right. In a solid demonstration, by principles, forms of ordination, canon-laws, acts and ordinances of Parliament, and other publique acts, instruments, records, and proceedings, owned by themselves, that no bishop, nor minister, (prelatical, or Presbyterian) nor presbytery (classical, or national) hath any right or authority to preach, ... in this nation, from Christ, but onely from the Parliament. In two parts: the one demonstrating it to an episcopal, the other to a Presbyterian minister. By Josiah Web, Gent. a serious detester of the dregs of the Antichristian hierarchy yet remaining among us.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1660
Matthews, Richard	The unlearned alchymist his antidote, or, A more full and ample explanation of the use, virtue and benefit of my pill, entituled, An effectual diaphoretick, diuretick, purgeth by sweating, urin. Whereunto is added sundry cures and experiences, with particular direction unto particular diseases and distempers; with a catalogue of peoples names, with their dwellings which have used and known the use of the same: also sundry plain and easie receits which the ingenious may prepare for their own health. By Richard Matthew, and are to be had at his house by the Lyons Den at the Tower, next Gate to the By-Ward.	?	Joseph Leigh	Livewell Chapman	1660
Milton, John	The readie & easie way to establish a free Commonwealth, and the excellence therof compar'd with the inconveniences and dangers of readmitting kingship in this nation. The author J.M.	Thomas Newcomb	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1660
Powell, Vavasor	Common-prayer-book no divine service. A small curb to the bishops careere: or, imposed liturgies tryed, the Common prayer-book anatomized, and diocesan-bishops questioned. By Vavasor Powell.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1660
Anônimo	A VVord in season being an humble tender unto all that fear the Lord, in the three nations of England, Scotland, and Ireland, inviting them to a solemn and universal afflicting of their souls before the Lord at one time : wherein is desired that every person (man and woman) doe apart, and by themselves alone, sigh and mourn, and cry mightily unto God, under the sence of their owns sins, and the great abominations, and horrible blasphemies, daily and every where committed : likewayes reasons and grounds why all the Lords people are invited to this work, and wha evils and sins in a special manner are to be mourned for, and what blessings and good things are to be begged at the hands of God.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1660

Anônimo	The apprehensions of some poor observers of present dispensations, and providential actings, imparted to the Lords remnant in the nations, for the provoking of them in this day of Jacobs trouble, to look unto their maker, and that their eyes may respect the Holy One of Israel.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1660
Anônimo	XXV queries: modestly and humbly, and yet sadly and seriously propounded, to the Commons of England, and their representatives: and likewise to the Army in this juncture of affairs.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1660
Anônimo	XXV queries: modestly and humbly, and yet sadly and seriously propounded, to the people of England, and their representatives: and likewise to the Army in this juncture of affairs.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1660
Anônimo	Plain English to His Excellencie the Lord General Monck, and the officers of his army: or, A word in season not, onely to them, but to all impartial Englishmen. To vvhich is added, A declaration of Parliament in the year 1647. setting forth the grounds and reasons, why they resolved to make no further address or application to the King.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1660
Archer, John	Comfort for beleevvers about their sin and troubles. In a treatise shewing that true beleevvers, how weak soever in faith, should not be opprest or perplex in heart, by any thing whatever befalls them in this life. Together with divers other comfortable observations, gathered out of that counsel, given by Christ to his Apostles and in them to all beleevvers in John 14. 1, 2, 3, 4. By Mr. John Archer, sometime preach [sic] at All-Hallows Lombard-street, London.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1661
Archer, John	The personal reign of Christ upon earth. In a treatise wherein is fully and largely laid open and proved, that Jesus Christ, together with the saints, shall visibly possess a monarchical state and kingdom in this world. Which sheweth, 1. That there shall be such a kind(dom. 2. The manner of it. 3. The duration of it. 4. The time when it is to be(gin. By John Archer, sometimes preacher of All-hallows Lumbard-street.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1661
Archer, John	The personal reign of Christ upon earth. In a treatise wherein is fully and largely laid open and proved, that Jesus Christ, together with the saints, shall visibly possess a monarchical state and kingdome in this world. Which sheweth, 1. That there shall be such a kingd(dom. 2. The manner of it. 3. The duration of it. 4. The time when it is to be(gin. By John Archer, sometimes preacher of All-hallows Lumbard-street.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1661

Powell, Vavator	Common-prayer-book no divine service: or, XXVII. reasons against forming and imposing any humane liturgies or common-prayer-books; and the main objections to the contrary, answered. Also, the English Common-prayer-book anatomized, likewise twelve arguments against diocesan and lord-bishops; with the main objections, answered. And the great disparity between Timothy and Titus, and these; shewed both affirmatively and negativel[y]. By me, Vavator Powell.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1661
Powell, Vavator	Common-prayer-book no divine service: or, XXVIII reasons against forming and imposing any humane liturgies or Common-prayer-books; and the main objections to the contrary, answered; also, the English Common-prayer-book anatomized. Likewise twelve arguments against diocesan and lord-bishops; with the main objections answered. And the great disparity between them, and Timothy and Titus, shewed. By Vavator Powell.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1661
Powell, Vavator	Common-prayer-book no divine service: or, XXVII reasons against forming and imposing any humane liturgies or common-prayer-books: the main objections to the contrary, answered. And the English common-prayer-book anatomized. Likewise twelve arguments against diocesan and Lord-Bishops; with the main reasons for them answered. And the great disparity between the English prelates, and Timothy and Titus, shewed. By Vavator Powell.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1661
Tillinghast, John	Six several treatises. 1. The promises made and fulfilled in Christ. 2. Absolute promises made to sinners as sinners. 3. The life of faith; and in particular, in justification, sanctification, and expectation. 4. The saints anchor rightly cast. 5. Christs new command. 6. O offences. By the late worthy and faithful servant of Jesus Christ John Tillinghast. Published by his own notes.	Robert Ibbitson	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1663
Carpi, Berengario da	Mikrokosmographia, or, A description of the body of man being a practical anatomy, shewing the manner of anatomizing from part to part, the like hath not been set forth in the English tongue : adorned with many demonstrative figures / long since composed in Latine by that famous J. Berengarius of Carpus, Dr. of A. & P., reader of chirurgery in the University of Bononia ; done into English by H. Jackson, chirurgeon, by whom is also added a fit Etymon to the names of the parts in their proper place.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1664

Ives, Jeremiah	Rome is no rule: or, An answer to an epistle published by a Roman Catholick who stiles himself, Cap. Robert Everard. And may serve for an answer to two Popish treatises, the one entituled, The question of questions; and the other, Fiat lux: out of which books the arguments urged in the said epistle against the authority of the Scriptures, and the pretended infallibility of the Roman Church are collected. In which answer, the authority of the Scriptures is vindicated, and the arguments for the Romish infallibility refuted. By J.I.	T. M.	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1664
Gadbury, John	De cometis: or, a discourse of the natures and effects of comets, as they are philosophically historically & astrologically considered. With a brief (yet full) account of the III late comets, or blazing stars, visible to all Europe. And what (in a natural way of judicature they portend. Together with some obsevation on the nativity of the Grand Seignior. By John Gadbury, philomathematichoz.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1665
Jessey, Henry	Miscellanea sacra: or, Diverse necessary truths, now as seasonably published, as they were plainly and compendiously proved by Henry Jessey, late minister of the Gospel in London.	T. M.	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1665
Thomson, George	Loimologia. A consolatory advice, and some brief observations concerning the present pest. By Geo. Thomson, Dr of physick.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1665
Anônimo	Two letters: the first, being a relation of a sad accident that fell out at Erpingham neer Norwich, July 2. shewing how a fire-ball fell from the heavens into the parish church there, broke down part of the steeple and several places in the church-wall, kill'd one man and wounded diverse, &c. The second, being a relation of a strange sight in the heavens, seen by three justices of the peace their sons. Dated, Hungerford in Wiltshire, June 19. 1665.	?	Livewell Chapman	Livewell Chapman	1665